

O ROMANCE MAIS COMOVENTE E VICIANTE DO TIKTOK

BINDING 13



CHLOE
WALSH

Singular

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O ROMANCE MAIS COMOVENTE E VICIANTE DO TIKTOK

BINDING 13



CHLOE
WALSH

Singular



CHLOE WALSH nasceu em Cork, na Irlanda, onde vive com a sua família. Há uma década que escreve e publica romances, mas foi com esta série que a sua popularidade explodiu, nomeadamente no TikTok, Goodreads e Amazon. Amante de animais, viciada em música e em televisão, Chloe adora passar tempo com a família e é uma acérrima defensora da sensibilização para as questões relacionadas com a saúde mental.

Binding 13

Chloe Walsh

Publicado em Portugal por

Singular®

Divisão Editorial Literária – Lisboa

Email: info@singulareditora.pt

Título original:

Binding 13

© 2018, 2023 by Chloe Walsh

Tradução: Maria João Vieira e Sofia Barrocas

Design da capa: Ben Prior - LBBG

1.^a edição em papel: junho de 2024

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-989-789-061-1

Quero dedicar *Binding 13* a todas as pessoas que tiveram
um sonho e que ousaram persegui-lo com uma motivação
e uma fome insaciáveis.
Esta história é para vós.

Aviso da autora

Binding 13 é o primeiro livro da série *Boys of Tommen*, e o primeiro sobre Johnny e Shannon.

Algumas cenas deste livro podem ser perturbadoras, e por isso, inadequadas para alguns leitores.

Este livro não é aconselhável a menores de 16 anos, por apresentar conteúdos sexuais, de violência, temas para adultos, temas passíveis de causar reações e linguagem grosseira.

A história situa-se no sul da Irlanda, no ano de 2005, e utiliza diálogos e calão irlandeses.

No início do livro, encontra-se um glossário pormenorizado.

Muito obrigada por se juntarem a mim nesta aventura.

Com todo o amor,

Chloe xxx

Pronúncias dos nomes

Aoif: (como *reef* sem o *r*)

Aoife: E-fa

Caoimhe: Kee-va

Eoghan: Owen

Gardaí: Gar-dee

Neasa: Nasa

Sean: Shawn

Sinead: Shin-aid

Tadgh: Tie-g (como *tiger*, mas sem o *r* no final)

Glossário

Camogie: versão feminina do *hurling* (jogo nacional irlandês de origem celta, semelhante ao hóquei).

Culchie: alguém do campo ou de um condado fora de Dublin. Usa-se como insulto simpático.

Dub: pessoa de Dublin.

Eejit: louco/idiota.

Fair City: novela televisiva irlandesa muito popular.

Frigit: alguém que nunca foi beijado.

GAA: Gaelic Athletic Association.

Garda: agente da polícia.

Gardaí Síochána (ou apenas Gardaí): força policial irlandesa.

Hurling: desporto irlandês amador imensamente popular, que se joga com *hurleys* e *sliotars* (bastões de madeira e bolas duras maiores do que bolas de ténis).

Jackeen: pessoa de Dublin. Termo por vezes usado por pessoas de outros condados da Irlanda para se referirem a alguém de Dublin.

Junior cert: diploma que os alunos obtêm quando concluem com sucesso o Ciclo Júnior, a seguir ao Primeiro Ciclo. O Ciclo Júnior é o programa nacional para os jovens entre os 12 e os 15 anos, no final do qual se realizam exames para obter o certificado.

Sagrado Coração: nome da escola mista do ensino básico frequentada por Shannon, Joey, Darren, Claire, Caoimhe, Lizzie, Tadhg, Ollie, Podge e Alec.

Scoil Eoin: nome da escola do ensino básico só para rapazes frequentada por Johnny, Gibsie, Feely, Hughie e Kevin.

St. Bernardette: nome da escola do ensino básico só para raparigas frequentada por Aoife, Casey e Katie.

Dia de Santo Estêvão: Feriado/26 de dezembro.

Grandes esperanças

SHANNON

Era dia 10 de janeiro de 2005.

Um novo ano inteirinho e o primeiro dia do regresso à escola, depois das férias de Natal.

E eu estava nervosa. De facto, estava tão nervosa que nessa manhã tinha vomitado nada menos do que três vezes.

O meu pulso batia a um ritmo preocupante. A minha ansiedade era a culpada pelo bater acelerado do meu coração, já para não falar no facto de o meu reflexo de vômito me ter abandonado.

Alisando o meu novo uniforme escolar, olhei para o reflexo no espelho da casa de banho e dificilmente me reconheci. Camisola azul-marinho com o emblema do Tommen College no peito, com uma camisa branca e uma gravata encarnada. Saia cinzenta que parava nos joelhos, revelando duas pernas magricelas e pouco desenvolvidas, a terminar com *collants* cor de pele e meias azul-marinho, e sapatos com saltos de cinco centímetros.

Eu parecia um implante.

Sentia-me um, também.

O meu único consolo eram os sapatos que a mãe comprara e que me elevavam até à marca de 1,50m. Eu era ridiculamente pequena para a minha idade, em todos os aspetos.

Era magra ao extremo, com um peito subdesenvolvido – parecia ter ovos estrelados em vez de seios –, nitidamente intocada pela explosão de puberdade que tinha atingido todas as outras raparigas da minha idade.

Usava o cabelo castanho comprido solto e a fluir até ao meio das costas, afastado da cara com uma bandolete encarnada, lisa. A minha cara não tinha maquilhagem, fazendo-me parecer tão jovem e pequena como era. Os olhos eram demasiado grandes para a minha cara, com um chocante lampejo de azul para ajudar.

Tentei manter os olhos semicerrados, para ver se isso os fazia parecerem mais humanos, e fiz um esforço considerável para estreitar os lábios inchados, apertando-os para dentro da boca.

Nope.

O semicerrar de olhos apenas me fazia parecer estar com prisão de ventre.

Exalando um suspiro de frustração, toquei nas bochechas com a ponta dos dedos e respirei asperamente.

Gostava de pensar que o que me faltava no departamento da altura e do peito, me sobrava em maturidade. Era sensata e uma alma antiga.

A *Nanny* Murphy dizia sempre que eu tinha nascido com uma cabeça antiga sobre os meus ombros.

Era verdade, até certo ponto.

Nunca tinha sido uma pessoa de me interessar por rapazes ou por modismos.

Isso, simplesmente, não fazia parte de mim.

Uma vez, li num sítio qualquer que amadurecemos com o que nos faz mal, não com a idade. Se é esse o caso, então sou uma velha reformada no que diz respeito a questões emocionais.

Durante muito tempo, preocupei-me por não ser como as outras raparigas. Não tinha as mesmas necessidades ou interesses no que se refere ao sexo oposto. Não tinha interesse em nada: rapazes, raparigas, atores famosos, modelos *sexy*, palhaços, animais de estimação... Bem, OK, na verdade interessava-me por cachorrinhos e grandes cães fofinhos, mas tudo o resto, podia dar ou trocar.

Não tinha nenhum interesse em beijar, tocar, ou em carícias de qualquer espécie. Nem sequer suportava pensar nisso. Suponho que ver a tempestade de merda que era a relação dos meus pais a desfazer-se, acabou com as expectativas de me juntar para a vida com outro ser humano. Se a relação dos meus pais era uma representação do amor, então eu não queria fazer parte disso.

Antes ficar sozinha.

Abanando a cabeça para afastar os meus pensamentos tempestuosos antes que escurecessem até ao ponto de não retorno, olhei para o meu reflexo no espelho e obriguei-me a praticar uma coisa que raramente fazia por estes dias: sorrir.

Respira fundo, disse a mim própria, este é o teu novo começo.

Voltei-me para o lavatório, lavei as mãos e salpiquei alguma água na cara, desesperada por arrefecer a ansiedade que me incendiava o corpo por dentro e me fazia sentir cada vez mais calor, a perspectiva do meu primeiro dia numa nova escola a tornar-se uma ideia assustadora.

Qualquer escola tem de ser melhor do que aquela que deixei para trás. O pensamento invadiu-me a cabeça e encolhi-me de vergonha. *Escolas,* pensei, abatida. *Plural.*

Tinha sofrido um *bullying* implacável tanto no pré-escolar como no ensino básico, até ao nono ano.

Por alguma razão cruel e desconhecida, tinha sido o alvo das frustrações de todas as crianças desde a tenra idade de quatro anos.

A maior parte das raparigas da minha turma no pré-escolar tinha decidido, desde o primeiro dia, que não gostava de mim e que não iam deixar-me andar com elas. E os rapazes, embora não tão sádicos nos seus ataques, não eram muito melhores.

Não fazia sentido, porque dava-me perfeitamente bem com as outras crianças da nossa rua e nunca tinha altercações com ninguém do sítio onde vivíamos.

Mas a escola?

A escola foi como o sétimo círculo do inferno para mim. Todos os nove anos (em vez dos oito regulares) dos primeiro, segundo e terceiro ciclos tinham sido uma tortura.

O jardim infantil foi tão angustiante para mim, que tanto a minha mãe como a minha professora decidiram que seria melhor reter-me um ano para poder repetir o pré-escolar com uma nova turma. Apesar de ter sido igualmente infeliz com a nova turma, fiz um par de amigas chegadas, a Claire e a Lizzie, cuja amizade fez com que a escola se tornasse suportável.

Quando chegou a altura de escolher uma escola para ingressar no sétimo ano de escolaridade, percebi que era muito diferente das minhas amigas.

A Claire e a Lizzie iam frequentar o Tommen College, a partir de setembro seguinte. Uma escola privada luxuosa, de elite, com um enorme financiamento e instalações topo de gama (que vinham dos envelopes castanhos de pais ricos decididos a garantir que os filhos

recebiam a melhor educação que o dinheiro podia comprar).

Entretanto, eu tinha sido matriculada na sobrelotada escola pública local, no centro da cidade.

Ainda me lembro da horrível sensação de ser separada das minhas amigas.

Estava tão desesperada por me afastar dos *bullies*, que até supliquei à minha mãe que me enviasse para Beara, para viver com a irmã dela, a tia Alice, e a sua família, para poder terminar os estudos.

Não há palavras para descrever a sensação devastadora que me invadiu quando o meu pai fez finca-pé em que eu não fosse viver com a tia Alice.

A minha mãe amava-me, mas estava fraca e cansada e não ia sustentar uma briga quando o meu pai insistiu que eu iria frequentar a Ballylaggin Community School.

A partir daí, tudo se tornou pior.

Mais cruel.

Mais violento.

Mais físico.

Durante o primeiro mês do primeiro ano, fui perseguida por vários grupos de rapazes a exigirem-me coisas que eu não tinha vontade de lhes dar.

Depois disso, fui rotulada como «frígida», porque não saía com esses mesmos rapazes que tinham feito da minha vida um verdadeiro inferno, durante anos.

Os piores de entre eles rotularam-me com estigmas cruéis, a sugerir que a razão pela qual eu era frígida era porque tinha partes de rapaz debaixo da minha saia.

Não importa quão cruéis eram os rapazes, as raparigas eram, de longe, muito mais imaginativas.

E tão piores.

Espalharam rumores perversos sobre mim, sugerindo que eu era anorética e vomitava todos os dias o almoço, na sanita, depois da refeição.

Eu *não era* anorética. Ou bulímica, já agora.

O vomitar (e era um acontecimento frequente) era uma resposta direta ao peso insuportável do stresse a que estava sujeita. Também

era pequena para a minha idade (baixa, pouco desenvolvida e magricela), o que não ajudava a minha causa no que se refere a repelir os rumores.

Quando fiz quinze anos, e ainda não tinha tido o primeiro período, a minha mãe marcou uma consulta com o nosso médico local de Clínica Geral. Várias análises ao sangue e exames depois, o nosso médico de família assegurou, tanto à minha mãe como a mim, que eu era saudável, e que era comum para algumas raparigas desenvolverem-se mais tarde do que as outras.

Quase um ano se tinha passado desde então e, além de um ciclo irregular, no verão, que durara menos de meio dia, eu ainda estava para ter um período como deve ser.

Para ser franca, tinha desistido do meu corpo a funcionar como o de uma rapariga normal, quando ele, claramente, não o queria.

O médico também incentivou a minha mãe a avaliar a minha situação escolar, sugerindo que o stresse a que estava sujeita na escola poderia ser um fator que contribuía como um óbvio travão ao desenvolvimento.

Depois de uma discussão acalorada entre os meus pais, em que a minha mãe advogou o meu caso, fui enviada de regresso à escola, onde fui sujeita a um tormento implacável.

A crueldade deles variava entre chamarem-me nomes e espalharem boatos até colarem-me pensos higiénicos nas costas e depois agredirem-me fisicamente.

Uma vez, numa aula de economia doméstica, algumas das raparigas sentadas atrás de mim cortaram um pedaço do meu rabo de cavalo com tesouras de cozinha e depois exibiram-no pela sala como se fosse um troféu.

Toda a gente se riu e acho que, nesse momento, odiei mais os que estavam a rir-se da minha dor do que aqueles que a tinham causado.

Outra vez, durante a educação física, as mesmas raparigas tiraram-me uma fotografia em roupa interior com a câmara de um dos seus telefones e reencaminharam-na para toda a gente do nosso ano. O diretor caiu em cima do acontecimento e suspendeu a proprietária do telefone, mas não antes de metade da escola ter dado uma boa gargalhada à minha custa.

Lembro-me de, nesse dia, ter chorado imenso, não à frente deles, claro, mas na casa de banho. Aferrolhei-me dentro de um dos cubículos e ponderei acabar com tudo. Bastava tomar uma mão-cheia de comprimidos e acabava de vez com toda aquela porcaria.

A vida, para mim, era uma amarga desilusão e, nessa altura, não queria continuar a fazer parte dela.

Não o fiz porque era demasiado cobarde.

Tinha demasiado medo de que *não* resultasse e de acordar e ter de enfrentar as consequências.

Eu era um desastre de merda.

O meu irmão Joey disse que elas me escolhiam como alvo porque eu tinha bom aspeto e chamou às minhas atormentadoras *cabras invejosas*. Disse-me para ser encantadora e para me erguer acima disso.

O que era mais fácil de dizer do que de fazer. E eu também não estava assim tão confiante naquela afirmação sobre ser encantadora.

Muitas das raparigas que me tinham tomado como alvo eram as mesmas que me faziam *bullying* desde o pré-escolar.

Tenho dúvidas de que a aparência tivesse alguma coisa a ver com o assunto, na altura.

Eu apenas era *não gostável*.

Além disso, por mais que tentasse apoiar-me sempre e defender a minha honra, o Joey não percebia como era a vida na escola, para mim.

O meu irmão mais velho era o polo oposto de mim, em todos os sentidos da palavra.

Onde eu era baixa, ele era alto. Eu tinha olhos azuis, os dele eram verdes. Eu tinha o cabelo escuro. O dele era loiro. A sua pele era dourada, como se beijada pelo sol. Eu era pálida. Ele era extrovertido e ruidoso, enquanto eu era sossegada e metida comigo.

O maior contraste entre nós era que o meu irmão era *adorado* por toda a gente na Ballylaggin Community School, também conhecida como BCS, a escola pública que ambos frequentávamos.

É claro que conseguir um lugar na equipa júnior de *hurling* de Cork tinha ajudado ao estatuto de popularidade do Joey, mas mesmo sem o desporto, ele era um tipo incrível.

E sendo o tipo incrível que era, o Joey tentou proteger-me de tudo

isto, mas era uma tarefa impossível para uma só pessoa.

Eu e o Joey tínhamos um irmão mais velho, o Darren, e três irmãos mais novos: o Tadhg, o Ollie e o Sean, mas nenhum de nós falava com o Darren desde que ele se tinha ido embora de casa, cinco anos antes, na sequência de mais uma discussão abominável com o nosso pai. O Tadhg e o Ollie, que tinham onze e nove anos, estavam ainda no ensino básico, e o Sean, que tinha três anos, ainda mal tinha largado as fraldas, por isso, eu não estava propriamente rodeada de protetores que pudesse chamar.

Era em dias assim que sentia a falta do meu irmão mais velho.

Com vinte e três anos, o Darren era sete anos mais velho do que eu. Grande e destemido, era o irmão supremo para qualquer rapariguinha a crescer.

Desde pequena que adorava o chão que ele pisava, andando atrás dele e dos amigos, acompanhando-o para onde quer que fosse. Ele sempre me tinha protegido, ficando com as culpas quando eu fazia alguma coisa errada.

Não tinha sido fácil para ele e, sendo tão mais nova, eu não tinha entendido a verdadeira dimensão da sua luta. A mãe e o pai só estavam a namorar há um par de meses quando ela ficou grávida do Darren, com quinze anos.

Rotulado como bebé bastardo porque tinha nascido fora do casamento, na Irlanda católica da década de 1980, a vida tinha sido sempre um desafio para o meu irmão. Depois de fazer onze anos, tudo se tornou muito pior.

Tal como o Joey, o Darren era um *hurler* fenomenal e, tal como acontecia *comigo*, o meu pai desprezava-o. Estava sempre a achar alguma coisa mal no Darren, fosse o seu cabelo ou a sua caligrafia, o seu desempenho em campo ou a sua escolha de parceiro.

O Darren era homossexual e o nosso pai não conseguia lidar com isso.

Ele culpava um incidente do passado pela orientação sexual do meu irmão e nada que alguém dissesse convenceria o meu pai que ser homossexual não era uma *escolha*.

O Darren nascera homossexual, da mesma forma que o Joey nascera hétero e eu nascera vazia.

Ele era quem era e partia-me o coração que não fosse aceite na sua própria casa.

Viver com um homófobo era uma tortura para o meu irmão.

Odiava o meu pai por isso, mais do que o odiava por todas as coisas terríveis que tinha feito ao longo dos anos.

O comportamento descaradamente intolerante e discriminatório do meu pai em relação ao seu próprio *filho* era, de longe, a mais vil das suas traições.

Quando o Darren deixou o *hurling*, durante um ano, para se concentrar na obtenção do seu diploma final, o nosso pai perdeu as estribeiras. Meses de discussões acaloradas e de alterações físicas tiveram como resultado uma enorme explosão depois da qual o Darren fez as malas, saiu porta fora, e nunca mais voltou.

Cinco anos tinham passado desde essa noite e, além do cartão de Natal anual, no correio, nenhum de nós o viu ou ouviu falar dele.

Nem sequer tínhamos um número de telefone ou um endereço dele.

Era como se se tivesse desvanecido.

Depois disso, toda a pressão que o nosso pai punha no Darren mudou para os rapazes mais novos. Que eram, aos olhos do nosso pai, os seus filhos *normais*.

Quando não estava no *pub* ou na casa de apostas, o nosso pai estava a arrastar os rapazes para os treinos ou para jogos.

Concentrou toda a sua atenção neles.

Eu não tinha qualquer utilidade para ele, já que era rapariga e isso tudo.

Não era boa em desportos e não me destacava na escola nem em nenhuma atividade clubística.

Aos olhos do meu pai, eu era apenas uma boca a alimentar até aos dezoito anos.

E não é que isto fosse uma coisa que eu tivesse inventado. O pai disse-me isto em inúmeras ocasiões.

Depois da quinta ou sexta vez, comecei a ficar imune ao que me dizia.

Há muito que me tinha cansado de suplicar por amor a um homem que, nas suas próprias palavras, nunca me quis.

No entanto, preocupava-me a pressão que punha no Joey, e esta era a razão pela qual me sentia tão culpada de todas as vezes que ele tinha de vir em meu auxílio.

Ele estava no décimo segundo, o ano final da escola secundária, e tinha os seus próprios problemas para resolver, com a GAA, o trabalho em *part-time* no posto de gasolina, o diploma que tinha de conseguir e a sua namorada, a Aoife.

Eu sabia que quando me doía, também doía ao Joey. Não queria ser um fardo às suas costas, alguém de quem ele tivesse de estar a tomar conta constantemente, mas era assim desde que me conseguia lembrar.

Para ser franca, não conseguia suportar ver a desilusão nos olhos do meu irmão nem mais um minuto naquela escola. Passar por ele nos corredores, sabendo que quando me olhava, a sua expressão se ensombrava.

Para ser justa, os professores da BCS tinham tentando proteger-me do linchamento da multidão e a professora da orientação da BCS, Mrs. Falvy, até organizou sessões quinzenais com uma psicóloga da escola, ao longo do segundo ano, até os fundos serem cortados.

A mãe tinha conseguido juntar algum dinheiro para que eu consultasse uma psicóloga privada, pedindo-me que censurasse os meus pensamentos, mas, a oito euros por sessão, só a vi cinco vezes e, depois, menti à minha mãe e disse que já me sentia melhor.

Não me *sentia* melhor.

Eu nunca me senti *melhor*.

Só não conseguia suportar ver a minha mãe sofrer.

Odiava ser um fardo financeiro para ela, por isso resignei-me, pus um sorriso na cara, e continuei a caminhar para o inferno, todos os dias.

Mas o *bullying* nunca parou.

Nada parou.

Até que um dia, parou.

Na semana antes das férias de Natal, no mês anterior, apenas três semanas depois de um incidente semelhante, com o mesmo grupo de raparigas, cheguei a casa lavada em lágrimas, com a minha *sweater* da escola rasgada à frente e o nariz atascado de lenços de papel para

estancar o sangramento da sova que tinha levado às mãos de um grupo de miúdas do quinto ano, que tinham sugerido veementemente que eu tinha tentado atirar-me a um dos seus namorados.

Era uma mentira descarada, considerando que eu nunca tinha posto os olhos no rapaz que me acusavam de ter tentado seduzir, e outra na longa fila de desculpas patéticas para me baterem.

Foi esse o dia em que *eu* parei.

Parei de mentir.

Parei de fingir.

Apenas *parei*.

Esse dia não foi apenas o *meu* ponto de rutura. Foi também o do Joey. Ele seguiu-me para casa com uma semana de suspensão às costas por ter dado uma tarefa descomunal no irmão da Ciara Maloney, a minha principal atormentadora.

A nossa mãe olhou apenas uma vez para mim e tirou-me da escola.

Indo contra a vontade do meu pai, que achava que eu precisava de enrijecer, a mãe foi ao banco de crédito local e fez um empréstimo para pagar as taxas de admissão ao Tommen College, a escola privada na qual se pagavam propinas, a cerca de vinte e cinco quilómetros de Ballylaggin.

Apesar de me preocupar com a minha mãe, sabia que se tivesse de transpor, mais uma vez, as portas daquela escola pública, não voltaria a passá-las para sair.

Tinha chegado ao meu limite.

A perspetiva de uma vida melhor, uma vida mais feliz, balançava à minha frente e agarrei-a com ambas as mãos.

E, apesar de reear a retaliação dos miúdos do meu bairro social por frequentar uma escola privada, sabia que nada poderia ser pior do que a porcaria que tinha aguentado na escola que estava a deixar para trás.

Além disso, a Claire Biggs e a Lizzie Young, as duas raparigas de quem tinha sido amiga na escola do ensino básico, estariam na minha turma do Tommen College. O diretor, o Mr. Twomey, tinha-me garantido isso quando eu e a minha mãe nos encontrámos com ele, durante as férias de Natal, para me matricular.

Tanto a mãe como o Joey me encorajaram com o seu apoio

constante, com a mãe a fazer turnos de limpeza extra no hospital para pagar os meus livros e o meu novo uniforme, que incluía um *blazer*.

Antes do Tommen College, os únicos *blazers* que tinha visto eram aqueles que os homens usavam na missa ao domingo, *nunca* em adolescentes, e agora faria parte do meu guarda-roupa diário.

Deixar a escola local a meio do ano em que devia tirar o diploma do Ciclo Júnior, um ano de exames importante, causou um conflito enorme na minha família, com o meu pai furioso por gastar milhares de euros numa educação que era gratuita na escola pública, mesmo ao fundo da rua.

Quando tentei explicar ao meu pai que a escola não era tão fácil para mim como era para o seu precioso filho estrela da GAA, ele mandou-me calar, recusou-se a ouvir-me, e fez-me saber de forma muito clara que não me apoiaria na frequência de uma escola preparatória glorificada pelo *râguebi*, com uma data de palhaços privilegiados e arrogantes.

Ainda recordo as palavras «*desce das alturas desse cavalo, rapariga*», e «*foste educada longe do râguebi e das escolas preparatórias*», já para não mencionar a minha favorita «*nunca te vais encaixar nesses cabrões*» a sair da boca do meu pai.

Queria gritar-lhe «*Não és tu que vais pagar!*», já que o pai não trabalhou um único dia desde que eu tinha sete anos (prover à família tinha ficado a cargo da minha mãe), mas prezava demasiado a minha capacidade de andar.

O meu pai não percebia, mas, mais uma vez, tinha a sensação de que o homem nunca tinha sido sujeito a *bullying* um único dia em toda a sua vida. Se houvesse *bullying* para fazer, Teddy Lynch seria aquele que o iria fazer.

Deus sabia que ele fazia suficiente *bullying* à minha mãe.

Por causa da indignação do meu pai com a minha educação, passei a maior parte das férias de inverno no meu quarto a tentar ficar fora do seu caminho.

Sendo a única rapariga numa família de cinco irmãos, tinha o meu próprio quarto. O Joey tinha o seu próprio quarto, também, embora o dele fosse muito maior do que o meu, que tinha partilhado com o Darren até ele se ir embora. O Tadhg e o Ollie partilhavam outro

quarto grande, com o Sean e os meus pais a dormirem no maior dos quartos.

Embora fosse apenas um quartinho de arrumos, na frente da casa, com tão pouco espaço que não cabia nem mais um alfinete, eu apreciava a privacidade que me dava a porta do meu quarto, com uma fechadura.

Contrariamente aos quatro quartos de dormir no andar de cima, a nossa casa era *minúscula*, com uma sala de estar, cozinha e uma casa de banho para toda a família. Era uma casa geminada e situava-se no extremo de Elk's Terrace, o maior bairro social de Ballylaggin.

A zona era violenta e cheia de crime e eu evitava tudo isso escondendo-me no quarto.

O meu quarto minúsculo era o meu santuário numa casa, e numa rua, cheia de alvoroço e de loucura, mas eu sabia que não ia durar para sempre.

A minha privacidade estava com tempo contado porque a mãe estava outra vez grávida.

Se tivesse uma rapariga, perderia o meu santuário.

– Shan! – Um martelar irrompeu do outro lado da porta da casa de banho, arrancando-me dos meus pensamentos impermeáveis. – Despacha-te! Estou aflito para mijar.

– Dois minutos, Joey – retorqui, e continuei a avaliação do meu aspeto. *Tu consegues fazer isto, Shannon*, sussurrei para mim própria. *Tu consegues, absolutamente, fazer isto.*

O martelar voltou, por isso, sequei apressadamente as mãos na toalha pendurada no cabide e destranquei a porta, pousando os olhos no meu irmão, que estava ali de pé, com nada mais do que um par de boxers pretos, a coçar o peito.

Os seus olhos arregalaram-se quando tomou consciência do meu aspeto, a expressão ensonada da sua cara a ficar alerta e surpreendida. Ostentava um olho negro do jogo de hurling que tinha disputado no fim de semana, mas isso não parecia preocupar nem um cabelo da sua bonita cabeça.

– Tu estás... – a voz do meu irmão baixou gradualmente enquanto fazia aquela avaliação fraternal. Preparei-me para as piadas que ele iria fazer, inevitavelmente, à minha custa. – Adorável – disse ele, em

vez disso, os olhos verde-pálido calorosos e plenos de uma preocupação não expressa. – O uniforme fica-te bem, Shan.

– Achas que vai correr bem? – mantive a minha voz baixa para não acordar o resto da nossa família.

A mãe tinha feito um turno duplo na véspera e tanto ela como o pai estavam a dormir. Podia ouvir o ressonar sonoro do meu pai por detrás da porta fechada do quarto deles e os rapazes mais novos teriam de ser arrastados para fora da cama, já atrasados para a escola.

Como de costume, éramos apenas eu e o Joey.

Os dois «amigos».

– Achas que me vou encaixar, Joey? – perguntei, pondo as minhas preocupações em voz alta. Podia fazê-lo com o Joey. Era a única pessoa da família com quem sentia que podia falar e confiar. Percorri o meu uniforme com o olhar e encolhi os ombros, impotentemente.

Os seus olhos arderam com emoções não expressas enquanto me fitava e eu soube que ele estava a pé tão cedo, não porque estivesse desesperado para usar a casa de banho, mas porque queria despedir-se de mim no meu primeiro dia.

Eram 6h15 da manhã.

Tal como o Tommen College, a BCS não começava até às 9h05, mas eu tinha de apanhar um autocarro e o único que passava pela zona era às 6h45.

Era o primeiro autocarro do dia a sair de Ballylaggin, mas era o único que passava pela escola a horas. A mãe trabalhava quase todas as manhãs e o pai continuava a recusar-se a levar-me.

Quando na véspera à noite perguntara ao meu pai se podia levar-me, ele respondera que se eu descesse das alturas onde me tinha posto e voltasse para a Ballylaggin Community School, como o Joey e todos os outros miúdos da nossa rua, não precisaria de boleia para a escola.

– Estou orgulhoso de ti como a porra, Shan – disse o Joey, numa voz que a emoção tornava mais intensa. – Não tens noção de como és corajosa. – Pigarreando um par de vezes, o Joey acrescentou: – Espera, tenho uma coisa para ti – ao dizer isto, atravessou a estreita passagem até desaparecer no seu quarto, e voltou menos de um minuto depois. – Toma – murmurou ele, enfiando um par de notas de cinco euros na minha mão.

– Joey, não! – Rejeitei imediatamente a ideia de ficar com o seu dinheiro tão arduamente ganho. Ele não recebia muito no posto de gasolina e dinheiro era uma coisa difícil de entrar na nossa família, por isso, aceitar dez euros do meu irmão, era inimaginável. – Não posso...

– Fica com o dinheiro, Shannon. São apenas dez euros – disse ele, com ar prático. – Sei que a *Nanny* te deu dinheiro para o autocarro, mas é bom teres qualquer coisa no bolso. Não sei como é que as coisas funcionam nesse sítio, mas não quero que vás para lá sem nada.

Engoli o nó de emoção que tentava subir pela minha garganta, e consegui dizer:

– Tens a certeza?

O Joey acenou com a cabeça, depois puxou-me para um abraço.

– Vais ser magnífica – sussurrou ao meu ouvido, abraçando-me com tanta força que não tive a certeza se estava a tentar convencer-me ou a consolar-me. – Se alguém te fizer a mais pequena merda, manda-me mensagem e eu vou lá e arraso a porra dessa escola e todos os betinhos armados em bons que lá andam.

Era um pensamento preocupante.

– Vai correr tudo bem – disse eu, desta vez a pôr alguma energia na voz, a precisar de acreditar no que estava a dizer. – Mas vou chegar atrasada se não for andando e isso é tudo o que não preciso no meu primeiro dia.

Dando ao meu irmão um último abraço, enfiei o meu casaco e apanhei a minha mochila da escola, e pu-la ao ombro antes de me dirigir às escadas.

– Manda-me mensagem – pediu o Joey, quando eu já estava a meio das escadas. – Estou a falar a sério. À mais pequena porcaria e eu vou lá resolver o problema por ti.

– Eu consigo fazer isto, Joey – sussurrei, lançando um olhar rápido para o sítio onde ele estava inclinado sobre o corrimão, fitando-me com preocupação. – Eu *consigo*.

Isto era difícil para o meu irmão, percebi, enquanto o via acenar-me a ver-me sair para a escola como um pai ansioso faria com o seu primeiro filho. Ele estava sempre a travar as minhas batalhas, sempre a saltar para me defender e me pôr em segurança.

Queria que ele se orgulhasse de mim, que me visse como mais do que uma rapariguinha que precisava da sua proteção constante.

Precisava disso para mim.

Com uma determinação renovada, lancei-lhe um sorriso luminoso e depois apressei-me para fora de casa para apanhar o meu autocarro.

Tudo mudou

SHANNON

Quando desci do autocarro, fiquei aliviada ao perceber que as portas do Tommen College estavam abertas para os estudantes a partir das sete da manhã, obviamente para acomodar os diferentes horários dos internos e dos externos.

Apressei-me para dentro do edifício para fugir da intempérie.

Estava a chover torrencialmente lá fora e em qualquer outra circunstância teria considerado isso um mau presságio, mas estávamos na Irlanda onde, por ano, chove uma média de 150 dias em 225.

Também estávamos em janeiro, a estação típica das chuvas.

Descobri que não era o único pássaro madrugador a chegar antes do início do horário escolar e reparei que já havia vários alunos a vaguear pelos corredores e a descansar no refeitório e nas áreas comuns.

Sim, áreas comuns.

O Tommen College tinha aquilo que só posso descrever como salas espaçosas para cada um dos anos.

Para minha imensa surpresa, percebi que não era o alvo imediato dos *bullies* como tinha acontecido em todas as outras escolas que tinha frequentado.

Os alunos passavam rapidamente por mim, desinteressados da minha presença, obviamente metidos nas suas próprias vidas.

Esperei, com o coração na boca, pelo inevitável empurrão ou comentário cruel.

Não aconteceu. Transferida a meio do ano da vizinha escola pública, estava à espera de uma diatribe de insultos frescos e novos inimigos. Mas não aconteceu *nada*. Além de um par de olhadelas curiosa, ninguém me abordou. Os alunos do Tommen ou não sabiam quem eu era... ou não se importavam. De qualquer forma, eu estava claramente fora do radar, nesta escola, e *adorei*.

Confortada com o súbito manto de invisibilidade que me rodeava e sentindo-me mais positiva do que me tinha sentido em meses, aproveitei para observar a área comum do nono ano.

Era uma sala grande e luminosa, com janelas do chão ao teto num dos lados, que davam para um pátio de edifícios. Condecorações e fotografias de antigos alunos adornavam as paredes cor de limão. Sofás de felpa e cadeirões confortáveis preenchiam o enorme espaço, juntamente com algumas mesas redondas e cadeiras de carvalho a condizer. Havia uma área no canto com uma pequena *kitchenette*, com chaleira, torradeira e micro-ondas.

C'um caraças. Então, era assim que vivia o outro lado. Era como se Tommen College fosse um mundo diferente.

Podia trazer umas fatias de pão e tomar chá e torradas na escola.

Ao estudar o meu horário, memorizei onde era cada um dos edifícios e alas onde teria aulas.

Estava a sentir-me bastante confiante na altura em que a campainha tocou, às 8h50, assinalando os quinze minutos antes do início do dia escolar, e quando fui saudada por uma voz familiar, quase cheguei às lágrimas, de puro alívio.

– Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! – guinchou uma loira alta e curvilínea, com um sorriso do tamanho de um campo de futebol, chamando para mim a atenção de toda a gente à medida que empurrava rapidamente vários grupos de alunos, na tentativa de me alcançar.

Eu não estava nem de longe preparada para o abraço monstruoso em que fui envolvida quando ela chegou ao pé de mim, embora não devesse ter esperado menos do que isso da Claire Briggs.

Ser saudada por um verdadeiro sorriso e rostos amigáveis, em vez daquilo a que estava habituada, foi arrebatador.

– Shannon Lynch – A Claire apertou-me estreitamente, meio a rir, meio a sufocar-me. – Estás mesmo aqui!

– Estou aqui. – Assenti, com uma pequena gargalhada, dando-lhe palmadinhas nas costas enquanto tentava sem sucesso libertar-me do abraço que me esmigalhava os pulmões. – Mas não estarei muito mais tempo se não afrouxares o abraço.

– Oh, merda. Desculpa. – A Claire riu, dando imediatamente um

passo atrás e libertando-me do seu aperto mortal. – Esqueci-me que não crescias desde o quarto ano. – Deu outro passo para trás e percorreu-me com o olhar. – Diz antes, desde o terceiro ano. – Deu uma risadinha, os olhos a dançarem com malandrice.

Isto não era uma asserção. Era uma observação e um facto.

Eu era exceccionalmente pequena para a minha idade, parecendo ainda mais anã quando emoldurada pela minha amiga de um metro e oitenta.

Ela era alta, com um corpo atlético e exceccionalmente bonita. E também não era uma forma de beleza recatada. Não, eclodia do seu rosto como raios de sol.

A Claire era simplesmente deslumbrante, com olhos castanhos grandes como os de um cachorrinho e cachos de caracóis loiros e brilhantes. Tinha uma disposição radiosa e um sorriso que podia aquecer o mais gelado dos corações.

Mesmo aos quatro anos, eu sabia que esta rapariga era diferente.

Podia sentir a amabilidade a irradiar dela. Parecia-me que ela tinha estado ao meu lado durante oito longos anos, a defender-me em detrimento de si própria.

Sabia a diferença entre o certo e o errado e estava preparada para avançar em defesa de alguém mais fraco do que ela.

Ela era uma guardiã.

Tínhamos estado afastadas desde que tínhamos ido para escolas diferentes, mas bastou um olhar para saber que ela continuava a ser a mesma velha Claire.

– Nem todos podemos ser postes – repliquei, bem-humorada, sabendo que não tinha intenção de me magoar com as suas palavras.

– Meu Deus, estou tão contente por estares aqui – abanou a cabeça e sorriu-me. Fez uma pequena e amorosa dança da felicidade e depois voltou a atirar os braços à minha volta. – Nem consigo acreditar que os teus pais fizeram, finalmente, a coisa certa por ti.

– Sim – respondi, outra vez pouco confortável. – Vamos ver.

– Shan, não vai ser assim aqui – o tom de voz da Claire agora era sério, pleno de emoções contidas. – Toda aquela porcaria por que passaste? Ficou no passado – suspirou de novo e percebi que estava a segurar a língua, refreando-se de dizer tudo o que lhe apetecia.

A Claire sabia. Testemunhara como tinha sido para mim a escola durante o ensino básico. Por alguma razão desconhecida, eu estava contente por ela não saber como as coisas tinham ficado ainda piores.

Era uma humilhação que não queria voltar a sentir.

– Estou aqui para o que for preciso – continuou ela a dizer – e a Lizzie também... se ela alguma vez decidir arrastar o rabo da cama e vir, de facto, à escola.

Com um sorriso brilhante, bani os meus demónios para o fundo da minha mente, e disse:

– Um brinde a um novo começo.

– Isso mesmo, miúda! – exclamou a Claire, com grande entusiasmo, dando-me um soco. – A um novo começo com o lado brilhante do sol.



A primeira metade do dia correu melhor do que alguma vez esperaria. A Claire apresentou-me aos amigos e, apesar de não conseguir lembrar-me dos nomes da maioria das pessoas que conheci, estava incrivelmente grata por ser incluída e, ousou dizer, *aceite*.

Inclusão não era uma coisa a que estivesse habituada e dei por mim a esforçar-me imenso para me manter a par do fluxo constante de conversas e de perguntas que me eram dirigidas.

Passar tanto tempo como eu passava na minha própria companhia, fez com que fosse difícil integrar-me numa sociedade adolescente normal. Ter outras pessoas além do Joey e dos amigos a quererem sentar-se ao pé de mim, falar comigo e acompanhar-me pela escola, foi uma experiência alucinante.

Quando a minha outra amiga do ensino básico, a Lizzie Young, acabou por aparecer, a meio da terceira aula da manhã, culpando uma consulta no dentista pela sua ausência, regressámos imediatamente à amizade familiar que sempre tínhamos tido.

A Lizzie apareceu na escola com calças do uniforme de rapaz e sapatilhas, sem se preocupar com o que quer que fosse que tivessem a dizer sobre a sua aparência. Ela não parecia importar-se, sinceramente, com o que as pessoas pensavam. Vestia-se de acordo com a sua disposição e projetava *vibes* da mesma forma. Poderia

aparecer no dia seguinte com uma saia e a cara totalmente maquilhada. Fazia o que queria fazer quando queria fazer, sem querer saber e sem se importar com as opiniões dos outros.

Deixava perpassar uma espécie de autoconfiança preguiçosa, com o seu longo cabelo loiro-escuro a balançar num rabo de cavalo e a cara sem maquilhagem, a destacar aqueles seus grandes olhos azuis.

Também reparei, ao longo das nossas aulas, que a Lizzie recebia muita atenção masculina, apesar das calças largueironas e do cabelo desarranjado que ostentava, a prova de que não é preciso uma pessoa despir-se e pintar a cara para atrair o sexo oposto.

Um sorriso genuíno e uma personalidade simpática vão muito longe.

A Lizzie era muito parecida com a Claire em muitas coisas, mas gritantemente diferente noutras. Tal como a Claire, a Lizzie era loira e de pernas longas. Eram as duas altas, para a idade, e ambas doentiamente bonitas.

Mas, enquanto a Claire era extrovertida e, por vezes, um bocadinho excitada de mais, a Lizzie era sossegada e ligeiramente introvertida.

A Claire era quase sempre sem filtro e a Lizzie levava o seu tempo para tomar uma decisão sobre qualquer coisa.

A Claire estava sempre imaculada, o rosto totalmente maquilhado e uma roupa perfeitamente coordenada para qualquer ocasião, enquanto o estilo de Lizzie era imprevisível.

Entretanto, eu era a morena minúscula que emparceirava com as raparigas mais bem-parecidas da turma.

Suspiro...

– Estás bem, Shan? – perguntou a Lizzie, depois do intervalo grande.

Estávamos a andar em direção à aula seguinte, inglês, na ala sul, quando parei abruptamente, causando um engarrafamento de alunos.

– Oh, raios – resmunguei, apercebendo-me subitamente da minha asneira. – Deixei o telefone na casa de banho.

A Claire, que estava à minha esquerda, voltou-se e franziu o sobrolho.

– Vai lá e trá-lo. Nós esperamos por ti.

– A casa de banho é no edifício de Ciências – respondi, com um

gemido. Tommen era ridiculamente grande, com várias aulas a terem lugar em edifícios diferentes na vasta propriedade. – Tenho de o ir buscar – acrescentei, sentindo-me ansiosa com a ideia de alguém encontrar o meu telefone e invadir a minha privacidade. O telefone, em si, não valia nada. Era um dos pré-pagos mais baratos do mercado, e nem sequer tinha câmara, mas era meu. Estava cheio de mensagens privadas e precisava de o ter de volta. – Maldição.

– Nada de pânico – interpôs a Lizzie. – Nós acompanhamos-te.

– Não. – Levantei uma mão e abanei a cabeça. – Não quero fazer com que também cheguem as duas atrasadas à aula. Eu vou lá buscá-lo. – Eu era nova. Era o meu primeiro dia. Duvido que o professor me ralhasse por me atrasar para a aula. A Claire e a Lizzie, por outro lado, não eram novas e não tinham nenhuma desculpa para não estarem sentadas a horas, nos seus lugares.

Eu conseguia fazer isto. Não precisava, ou pelo menos, não deveria precisar, de uma *baby-sitter* para me acompanhar pela escola.

A Claire franziu a testa, a evidenciar a sua hesitação.

– Tens a certeza?

– Sim – assenti. – Lembro-me do caminho.

– Não sei, Shan – A Lizzie mordeu o lábio inferior. – Talvez uma de nós devesse ir contigo. – Encolheu os ombros e acrescentou: – Sabes, apenas para o caso de...

O segundo toque da campainha soou alto, assinalando o início da aula.

– Vão. – Apressei-as, acenando para as afastar. – Eu fico ótima.

Girei nos meus saltos altos e apressei-me pelo corredor, até à entrada, e depois desatei a correr, quando cheguei ao pátio. Levou-me uns sólidos dez minutos a correr a toda a velocidade, debaixo de chuva forte, até a um caminho que circundava vários campos desportivos e alcançar o edifício de Ciências. Não foi um pequeno feito, de saltos altos.

Quando cheguei à casa de banho das raparigas, estava sem fôlego e a suar.

Felizmente, o meu telefone estava exatamente onde o deixara: no lavatório, ao pé do dispensador de sabonete.

Suspirando de alívio, apanhei-o do lavatório, verifiquei

rapidamente o ecrã, suspirei outra vez quando o vi bloqueado e inviolado e, depois, enfiei-o em segurança no bolso da frente da minha mochila.

Se isto tivesse acontecido na minha antiga escola, um telefone abandonado na casa de banho não teria sobrevivido quinze segundos, quanto mais quinze minutos.

Estás a andar ombro a ombro com os ricos, agora, Shannon, pensei para comigo. Eles não querem o teu telefone rasca.

Salpiquei alguma água na cara, pus a mochila às costas, usando as duas alças como a totó que era. Ainda não tinha ido até ao meu cacifo e estava a carregar o que pareciam ser quatro toneladas lá dentro. As duas alças eram absolutamente necessárias nesta situação.

Quando saí do edifício de Ciências e olhei para o comprido e pouco apelativo trajeto de regresso ao edifício principal, contive um gemido.

Não ia correr outra vez. Não me era fisicamente possível. Toda a minha energia se tinha apagado.

Sentindo-me desamparada, o meu olhar hesitou entre o pouco apelativo caminho colina acima e os campos de treino. Neste lado da escola, havia um total de três campos de treino. Dois mais pequenos, cuidadosamente limpos, que estavam vazios, e um campo de treino maior, que estava de momento ocupado por uns trinta rapazes e um professor que lhes gritava ordens.

Dividida, pesei as minhas opções.

Se cortasse pelos campos de treino, isso poupar-me-ia vários minutos de caminhada.

Eles nem iam reparar em mim.

Eu era pequena e rápida.

E também estava cansada e ansiosa.

Cortar pelos campos era a coisa lógica a fazer.

Certo, havia uma ribanceira íngreme e relvada, no extremo do campo, que separava os campos do pátio, mas podia passá-la sem qualquer problema.

Olhei para o meu relógio e uma pontada de desalento cresceu dentro de mim quando vi que já tinha perdido quinze minutos de uma aula de quarenta.

Decisão tomada, passei por cima da cerca baixa de madeira que

separava os campos de treino do caminho e andei rapidamente, em direção ao meu destino.

Com a cabeça baixa e o coração a martelar violentamente contra a minha caixa torácica, apressei-me pelos campos vazios, hesitando apenas quando cheguei ao maior dos campos de treino. Aquele que estava cheio de rapazes.

Rapazes enormes.

Rapazes que pareciam zangados.

Que olhavam fixamente para mim.

Oh, raios.

– O que é que estás a fazer?!

– Sai do maldito campo de treino!

– Jesus Cristo!

– Porra de raparigas.

– Mexe-te, está bem?

Em pânico, ignorei os gritos e a zombaria e apressei-me para passar por eles, obviamente a perturbar o seu treino. A mortificação subiu pelo meu corpo à medida que apressava o meu passo, irrompendo numa corrida desajeitada.

O chão estava molhado e lamacento, da chuva, por isso, não pude mexer-me tão depressa como eu, ou aqueles rapazes, gostaria.

Quando alcancei o extremo do campo, achei que ia chorar de alívio assim que coxeei até à ribanceira íngreme. No entanto, o meu alívio foi apenas momentâneo, uma sensação fugaz que foi rapidamente substituída por uma dor intensa quando alguma coisa muito dura e muito pesada embateu contra a parte de trás da minha cabeça, tirando-me o ar dos pulmões e fazendo o chão fugir debaixo de mim.

Instantes mais tarde, estava a cair desamparada de costas, tombando na ribanceira lamacenta, a dor que fazia ricochete na minha cabeça a tornar-me impossível pensar com clareza ou impedir a minha própria queda.

O meu último pensamento coerente, antes de bater no chão, com um baque, e uma espessa nuvem negra a toldar-me, foi: *nada muda*.

No entanto, estava errada.

Tudo mudou, a partir daquele dia.

Tudo.

Bolas voadoras

Rapaz Maravilha cativa a equipa de treinadores da **Academia** – O jovem Johnny Kavanagh, 17 anos, natural de Blackrock, Dublin, atualmente a residir em Ballylaggin, Condado de Cork, passou a avaliação médica de forma a garantir o seu lugar na prestigiada Academia de Râguebi, em Cork. A lidar com uma lesão crónica na virilha, desde o início da última época, o jovem teve luz verde da equipa clínica. O aluno do ensino secundário, no Tommen College, está prestes a conseguir a sua décima quinta convocação pela Academia, este fim de semana, tendo sido nomeado titular com o número 13 pela tão estimada equipa jovem.

O centro do lado aberto tem vindo a chamar a atenção de treinadores de nível internacional, incluindo de clubes do Reino Unido e do hemisfério sul. Quando lhe pediram para comentar a subida acelerada do estudante nos rankings, o treinador principal da equipa irlandesa de sub-20, Liam Delaney, disse o seguinte: «Estamos entusiasmados com o nível e o calibre dos jogadores-promessa em todo o país. O futuro apresenta-se radioso para o râguebi irlandês.»

Quando lhe perguntaram especificamente sobre o estudante de Cork, Delaney disse: «Temos consciência do trabalho de Kavanagh desde os seus dias de jogador em Dublin, e temos estado em conversações com os seus treinadores e instrutores nos últimos dezoito meses. Os treinadores dos sub-18 estão impressionados com o nível de inteligência e maturidade que ele exhibe naturalmente no campo. É certamente alguém a ter em conta quando chegar à idade.»

JOHNNY

Eu estava exausto.

Sinceramente, estava tão cansado que estava a custar-me imenso

manter os olhos abertos e focar-me no objetivo. O meu dia infernal estava a transformar-se numa semana infernal e isto era um feito especial se tivermos em consideração que ainda era segunda-feira.

Voltar à escola, já para não falar dos treinos e do ginásio, seis noites por semana, faz isso a um tipo.

Para ser franco, tenho andado a dar as últimas, desde o verão, tendo regressado de um torneio internacional com os sub-18, na qual joguei com os melhores da Europa, diretamente para um campo de preparação intensa, de seis semanas, em Dublin.

Depois disso, tive uma pausa de dez dias antes de regressar à escola e retomar os meus compromissos com o meu clube e a Academia.

Também estava com fome, o que não augurava nada de bom à minha disposição.

Não me dou bem com grandes intervalos entre as refeições.

O meu estilo de vida e o regime intenso de treinos exigem que coma regularmente, em janelas de tempo repartidas. A cada duas horas é o ideal para o meu corpo quando estou a fazer uma dieta de 4500 calorias por dia. Deixo o meu estômago esperar mais de quatro horas e torno-me uma cabra irritada e temperamental. Não que me apetecesse particularmente a montanha de peixe e vegetais ao vapor que me esperavam na marmita do almoço, mas eu estava num regime, maldição. Fazer porcaria com o meu regime era uma forma infalível de acordar a besta zangada dentro de mim.

Estávamos no campo há menos de meia hora e já tinha posto fora de jogo três dos meus companheiros de equipa e, pelo caminho, levado uma bronca do treinador.

Em minha defesa, todos os ataques que lhes tinha feito eram perfeitamente lícitos, apesar de um bocadinho impiedosos.

Mas esse era o meu objetivo, caramba.

Estava demasiado exasperado para ir com calma com rapazinhos que estavam longe do meu nível de jogo.

Rapazinhos é a palavra adequada neste caso.

Eles eram *rapazinhos*.

Eu jogara com homens.

Perguntava-me muitas vezes de que serviria jogar na equipa da

escola.

Não iria servir-me de porcaria nenhuma.

O nível do clube já era básico o suficiente, mas o rãguebi escolar era a porra de uma perda do meu tempo.

Sobretudo nesta escola.

Hoje era o primeiro dia a seguir às férias do Natal, mas a equipa da escola estava a treinar desde setembro.

Quatro meses.

A porra de quatro meses e parecíamos mais desorganizados do que nunca.

Pela milionésima vez, nos últimos seis anos, dei por mim a ressentir-me da mudança feita pelos meus pais. Se tivéssemos ficado em Dublin, estaria a jogar numa equipa de qualidade, com jogadores de qualidade e a fazer algum maldito verdadeiro progresso.

Mas não, em vez disso, estava aqui, no meio do cu de Judas, a agarrar as pontas de um treinador pouco qualificado e a rebentar os meus tomates para tentarmos a nossa sorte nas eliminatórias.

Ganháramos a taça da liga, no ano anterior, porque tínhamos uma equipa sólida, com capacidade para jogar verdadeiramente a porra de um rãguebi decente.

Com a ausência de vários jogadores da equipa do ano anterior, que iam agora para a universidade, a minha inquietação e preocupação com as nossas possibilidades, este ano, aumentavam a cada minuto.

Mas não era o único a sentir-me assim.

Ainda restavam seis ou sete jogadores excecionais na escola, que eram suficientemente bons para a divisão em que estávamos a jogar, e o problema era *esse*.

Precisávamos de um grupo de vinte e três jogadores decentes para singrarmos nesta liga.

Não de meia dúzia.

O meu melhor amigo, por exemplo, Gerard Gibson, ou Gibsie, se quisermos chamá-lo pelo diminutivo, era um perfeito exemplo de excecional.

Ele era, sem sombra de dúvida, um dos melhores asas com quem jogara, ou contra quem jogara, neste nível de rãguebi, e poderia facilmente subir nos *rankings* com um pouco de empenho ou de

esforço.

Ao contrário de mim, no entanto, o rãguebi não era a vida do Gibsie.

Prescindir de festas e de namoradas durante alguns anos era um pequeno preço a pagar por uma carreira profissional no desporto. Se ele deixasse a bebida e os cigarros, seria fenomenal.

Mas o Gibsie não estava convencido disso, e escolhia com grande prazer passar o que poderia ser tempo de qualidade de treino a furar o seu caminho pela população feminina de Ballylaggin, e a beber até o seu fígado e o seu pâncreas gritarem em protesto.

Eu achava que era um terrível desperdício.

Uma ultrapassagem que me derrubou, vinda do Patrick Feely, o nosso novo número 12 e meu parceiro nos três quartos, fez-me perder a santa paciência, ali mesmo, no meio do relvado.

Arrancando o meu protetor de dentes, arremessei-lho, batendo-lhe diretamente no queixo.

– Viste?! – rugi. – Chama-se atingir o maldito alvo.

– Desculpa, Cap – balbuciou o centro, faces coradas, dirigindo-se-me pelo diminutivo de campo que ganhara desde que me tornara capitão da equipa escolar, no décimo ano, e tinha conseguido o meu primeiro *cap* internacional no mesmo ano. – Vou ser melhor.

Arrependi-me imediatamente da minha atitude.

Patrick era um rapaz decente e um bom amigo.

Além do Gibsie, o Hughie Biggs e o Patrick eram os meus amigos mais chegados. Gibs, Feely e Hughie já tinham formado comigo um círculo apertado na Scoil Eoin, uma escola do ensino básico só para rapazes, quando eu tinha sido injetado na turma deles, no final do primeiro ano.

Ligados pelo nosso amor comum pelo rãguebi, mantivemo-nos bons amigos ao longo dos anos de escola, apesar de nos termos emparelhado, no verdadeiro sentido de melhores amigos: com o Hughie a alinhar com o Patrick, e eu com o próprio do cretino.

O Patrick era um rapaz sossegado. Não merecia a minha ira, e o pobre não merecia, decididamente, ter o meu protetor de dentes, todo cuspidos, atirado à cabeça.

Baixando a cabeça, corri para ele e bati-lhe no ombro,

murmurando as minhas desculpas.

Estão a ver, é exatamente por isto que preciso de ser alimentado.

E talvez oferecerem-me uma banda de gelo para a minha virilha.

Preencham-me com carne e legumes suficientes e eu serei uma pessoa diferente.

Uma pessoa tolerante.

Até educada.

Mas o meu único objetivo era *não* desmaiar de fome e de dor. Portanto, não tinha tempo para subtilezas.

Tínhamos um jogo de qualificação para a taça nessa semana e, ao contrário de mim, estes rapazes tinham passado o seu tempo livre a ser... bem, adolescentes.

As férias de Natal eram um excelente exemplo.

Eu passara o meu tempo a trabalhar que nem um doido para voltar ao campo, tendo estado afastado por lesão, enquanto estes tipos tinham passado as suas férias a comer e a beber o melhor da vida. Não tinha nenhum problema em perder um jogo se fôssemos mesmo a parte mais fraca. O que não podia aceitar era que o perdêssemos devido a falta de preparação e a pouca disciplina. Fosse a liga escolar ou não. Isso não era suficientemente bom para o meu manual.

Estava perturbado para lá de qualquer racionalidade quando uma rapariga apareceu a deambular através do campo. Uma porra de um passeio, mesmo pelos relvados de treino.

Irritado, olhei-a fixamente, sentindo uma fúria dentro de mim que raiava a loucura.

Isto era o quão má era esta porra desta equipa.

Os outros alunos nem sequer se ralavam se estávamos a treinar.

Alguns dos rapazes gritaram-lhe, mas aquilo só pareceu aumentar a minha fúria.

Não percebia porque é que estavam a gritar com ela.

Isto era culpa *deles*.

Os idiotas que protestavam com ela eram aqueles que precisavam de ou melhorar o seu jogo, ou de abandonar os seus sonhos de rãguebi.

Em vez de se concentrarem no jogo, estavam a focar-se na rapariga.

Malditos *eejits*.

– Grande exibição de liderança, Kavanagh. – O Ronan McGarry, outro dos nossos últimos quatro recrutamentos, e uma desculpa triste para um médio de formação, insultou-me, enquanto corria para trás de mim. – Exagerámos o teu valor? – provocou-me o rapazinho.

– Continua a porra da corrida – avisei-o, enquanto ponderava em que sarilhos me meteria se lhe partisse as pernas. Não gostava mesmo daquele tipo.

– Talvez devas seguir o teu próprio conselho – zombou o Ronan. – Escumalha de Dublin.

Decidindo que não me importava com punições, apanhei a bola e atirei-a à cabeça dele. Rigorosa e precisa, a bola bateu na região desejada: o seu nariz.

– Acalma-te, espertalhão! – gritou o treinador, a correr para ver o que se passava com o Ronan, que tinha as mãos em concha à volta da cara.

Resfoleguei com a visão.

Bati-lhe com uma bola, não com o meu punho.

Mariquinhas.

– Isto é uma equipa de desporto – enfureceu-se o treinador, olhando para mim. – Não é o *show* do Johnny.

– Oh, é mesmo? – repliquei, incapaz de me impedir de morder o isco. O Mr. Mulcahy, o treinador sénior de râguebi da escola, não gostava lá muito de mim, e o sentimento era totalmente mútuo.

– É! – berrou o treinador. – Podes ter a maldita certeza de que é!

Correndo para onde a bola tinha caído, agarrei-a e olhei para ele e para o McGarry, sem vontade de largar o assunto.

– Então talvez queira lembrar isso a estes paspalhos – disse, com rispidez, fazendo um gesto a abarcar os meus companheiros de equipa. – Porque parece que eu fui o único *eejit* que veio hoje ao treino!

– Estás a andar sobre gelo fino, rapaz – disse ele, irado. – Não abuses.

Incapaz de parar de abusar, sibilei:

– Esta equipa é uma maldita anedota.

– Vai para o balneário, Kavanagh – ordenou o treinador, o seu rosto a ficar uma perigosa sombra púrpura, enquanto ele enterrava um

dedo na minha testa. – Estás fora!

– Estou fora? – repliquei, provocando-o. – Fora de quê, exatamente?

Estava fora, uma porra.

O treinador não podia dispensar-me.

Podia banir-me dos treinos. Podia suspender-me. Podia reter-me, depois das aulas.

Não faria a mais pequena diferença porque, ao chegar o dia do jogo, eu estaria naquele campo.

– Não vai fazer nada – disse, sarcástico, deixando que o meu temperamento levasse a melhor.

– Não me provoques, Johnny – avisou o treinador. – Um telefonema para os teus treinadores chiques da Academia e vais estar enterrado em mais merda do que aquela que consegues cavar para de lá sair.

O Ronan, que estava atrás do treinador, sorriu sombriamente, claramente deliciado com a perspectiva de me ver ficar metido em sarilhos.

Furioso com a ameaça, mas sabendo que tinha sido derrotado, soltei a bola das minhas mãos, chutando-a com uma fúria de descontentamento que pulsava pelas minhas veias e não queria saber qual a direção.

No minuto em que a bola saiu a voar dos meus pés, a fúria dentro de mim dissipou-se de imediato, ejetando-se do meu corpo derrotado.

Maldição.

Eu estava a ser difícil.

Eu podia fazer melhor.

O treinador ameaçar-me com a Academia era um golpe baixo, mas eu merecera-o.

Eu estava a perder as estribeiras no *seu* campo, com a *sua* equipa, demasiado emocional e sobrecarregado para me recompor.

Nunca, num milhão de anos, iria sentir alguma coisa como um vestígio de remorso por ter batido com a bola no McGarry (aquela besta merecia muito pior), mas o Feely e o resto dos rapazes eram uma questão diferente.

Era suposto ser o seu capitão de equipa e estava a agir como um

tolo.

Eu não era suficientemente bom, e estava desiludido comigo, pela minha explosão.

Eu sabia o que estava errado comigo.

Eu tinha-me esticado, nos últimos meses, e tinha regressado demasiado cedo, depois da lesão.

Eu tinha sido autorizado pelos meus médicos a regressar aos treinos, esta semana, mas até um cego podia ver que estava longe do meu jogo e isso estava a chatear-me como tudo.

A perspetiva de fazer malabarismos com a escola, treinos, compromissos do clube e a Academia, enquanto recuperava de uma lesão, provocava-me grande tensão, tanto no corpo como na mente, e estava a sofrer para encontrar a disciplina prístina que geralmente exibia.

De qualquer forma, não era uma desculpa.

Iria pedir desculpas ao Patrick, depois de comer, e também ao resto dos rapazes.

O treinador, reparando na mudança do meu temperamento, assentiu rigidamente com a cabeça.

– Bom – disse ele, num tom mais calmo do que anteriormente. – Agora, vai lavar-te, e, por amor da santa, descansa durante um maldito dia. És apenas uma criança, Kavanagh, e estás com um aspeto de merda.

O homem não gostava muito de mim e chocávamos, quase todos os dias, como um par de velhos casados há muitos anos, mas nunca duvidei das suas intenções.

Preocupava-se com os seus jogadores e não apenas com a nossa capacidade para jogar rãguebi. Encorajava-nos a ser bem-sucedidos em todos os aspetos da vida escolar e estava sempre a perorar sobre a importância dos anos de exames.

E tinha, provavelmente, razão, sobre o meu aspeto horrível. Sem dúvida que me sentia assim.

– Este é um ano importante para ti – recordou-me. – O décimo primeiro ano é mais crucial para a obtenção do teu diploma do que o décimo-segundo ano, e precisas de subir as tuas notas... oh, merda!

– O que foi? – perguntei, alarmado.

Ao seguir o olhar horrorizado do treinador, virei-me e pousei os olhos na bola amassada na extremidade do campo.

– Oh, merda – murmurei, quando aquilo que estava a ver fez sentido, dentro da minha cabeça.

A rapariga.

A maldita miúda que andava a cabriolar pelo campo estava deitada, de costas, no relvado. Uma bola repousava na relva ao seu lado.

Não uma bola qualquer.

A minha maldita bola!

Aterrorizado, os meus pés a mexeram-se antes de o meu cérebro perceber o que se estava a passar. Corri na direção dela, o coração a martelar contra a minha caixa torácica, em cada passo que dava.

– Ei... estás bem? – chamei, diminuído a distância entre nós.

Um suave gemido feminino saiu-lhe dos lábios, enquanto fazia uma tentativa para se pôr de pé. Estava a tentar levantar-se e a falhar miseravelmente, nitidamente assustada.

Inseguro quanto ao que fazer, alcancei-a para a ajudar a pôr-se de pé, mas ela afastou rapidamente as minhas mãos.

– Não me toques – choramingou, a voz um pouco arrastada, e o esforço fê-la cair de joelhos.

– OK! – Dei automaticamente um passo atrás, com as mãos levantadas. – Peço muita desculpa.

Dolorosamente devagar, ela levantou-se, cambaleando de um lado para o outro, a confusão gravada no seu rosto, os olhos desfocados.

Agarrando o lado da saia lamacenta com uma mão e balançando a bola de rãguebi na outra, com os olhos arregalados.

A sua atenção focou-se na bola que estava nas suas mãos e depois mudou para a minha cara.

Uma espécie de fúria vidrada brilhou-lhe nos olhos, enquanto, meio a cambalear, meio a perseguir-me, caminhava na minha direção.

O cabelo dela estava uma confusão absoluta, tombando livremente pelos seus pequenos ombros, com pedaços de lama e relva a formar madeixas endurecidas.

Quando chegou ao pé de mim, atirou-me a bola ao peito e sibilou:

– Esta bola é tua?

Estava tão impressionado com a visão desta miúda minúscula, coberta de lama, que me limitei a assentir como um maldito *eejit*.

Jesus Cristo, quem *era* esta rapariga?!

Aclarei a garganta, tirei-lhe a bola, e disse:

– Ah... sim. É a minha bola.

Ela era minúscula, verdadeiramente um pequeno ser, a sua altura mal chegando ao meu peito.

– Deves-me uma saia – rosnou, ainda a agarrar o tecido pela anca.

– E um par de meias – acrescentou, olhando para baixo, para o enorme rasgão nas suas meias cor de pele.

Percorreu o seu corpo com o olhar e depois voltou-o para a minha cara, os olhos a estreitarem-se.

– OK – respondi, com um aceno de cabeça, porque, com toda a sinceridade, o que raio era suposto responder?

– E um pedido de desculpas – acrescentou a rapariga, antes de colapsar no chão.

Aterrou pesadamente sobre o rabo e soltou um pequeno lamento, quando fez contacto com o chão.

– Oh, merda – disse eu. Atirei a bola para um lado, e mexi-me para a ajudar. – Não era minha intenção...

– Para! – Mais uma vez, afastou-me as mãos. – Au! – gemeu, encolhendo-se ao falar. Levantou as mãos e pô-las em concha sobre o rosto. – A minha cabeça.

– Estás bem? – perguntei, inseguro sobre o que raio devia fazer.

Devia levantá-la contra o seu desejo?

Não me parecia uma boa ideia.

Mas não podia propriamente deixá-la ali.

– Johnny! – berrou o treinador. – Ela está bem? Magoaste-a?

– Está ótima – respondi, estremecendo quando um soluço saiu do peito dela. – Estás ótima, não estás?

A rapariga ia meter-me em sarilhos. Eu já estava metido em sarilhos suficientes. Quase decapitar a rapariga não ia ser bom para mim.

– Porque é que fizeste aquilo? – sussurrou ela, escondendo a sua pequena cara nas suas ainda mais pequenas mãos. – Magoaste-me.

– Peço desculpa – repeti. Sentia-me estranhamente desamparado e

não era uma sensação de que gostasse. – Não foi de propósito.

Então, ela fungou, os olhos azuis marejados de lágrimas, e qualquer coisa se quebrou dentro de mim.

Ah, raios.

Horrorizado, levantei as mãos no ar e exclamei:

– Lamento muito! – Antes de me acocorar no chão e a levantar do relvado. – Cristo – balbuciei, impotente, enquanto a punha de pé. – Não *chores*.

– É o meu primeiro dia – fungou ela, cambaleando. – O meu começar de novo e estou coberta de lama.

Estava coberta de lama.

– O meu pai vai matar-me – continuou, sufocada, apertando a saia rasgada. – O meu uniforme está arruinado.

Um som dolorosamente sibilado saiu-lhe então da garganta, e a mão que estava a usar para segurar a saia foi até à testa, fazendo com que o fragmento de tecido lhe caísse do corpo.

Os meus olhos arregalaram-se por vontade própria, uma reação infeliz ao verem roupa interior feminina.

Uivos de lobo e vivas irromperam dos rapazes.

– Oh, Deus – gritou ela, lutando desajeitadamente para recuperar a saia.

– Continua, linda!

– Dá uma volta para nós vermos!

– Vão-se lixar, idiotas! – rugi para os meus colegas de equipa, pondo-me em frente à rapariga para lhes bloquear a vista.

Podia ouvir os rapazes às gargalhadas, atrás de mim, a rir e a dizerem disparates, mas não consegui concentrar-me numa única palavra do que eles estavam a dizer, porque o som do coração a martelar-me no peito estava a ensurdecer-me.

– Toma – agarrando a bainha da minha camisola, puxei-a pela cabeça e disse-lhe: – Veste-a.

– Está imunda – soluçou ela, mas não me impediu quando lha enfiei pela sua cabeça.

Deslizou as mãos pelas mangas e senti um alívio monumental quando a bainha lhe chegou aos joelhos, cobrindo-a completamente.

Cristo, ela era realmente uma coisinha minúscula.

Teria sequer idade para frequentar esta escola?

Não parecia.

Neste momento, parecia muito, muito nova e... triste?

– Kavanagh, a rapariga está bem? – perguntou o treinador.

– Está ótima! – repeti, as minhas palavras a saírem num bramido áspero.

– Leva-a para o gabinete – ordenou ele. – Certifica-te que a Majella cuida dela.

Majella era a primeiros-socorros da escola. Trabalhava na zona da cantina e era a ela que um aluno se dirigia quando sofria uma lesão.

– Certo, senhor – respondi, perturbado, baixando-me rapidamente para apanhar a sua saia e a sua mochila.

Aproximei-me e ela encolheu-se.

– Só estou a tentar ajudar-te – disse-lhe, no tom mais gentil que consegui encontrar, levantando as minhas mãos, como se quisesse mostrar que não tinha intenção de fazer-lhe mal. – Eu levo-te ao gabinete.

Ela parecia um pouco atordoada e preocupava-me que a pudesse ter feito sofrer uma concussão.

Conhecendo a minha sorte, seria exatamente o que teria acontecido.

Raio de sorte, a minha!

Atirando a mochila por cima do ombro, enfiei a saia no cós dos meus calções, pus uma mão nas costas dela, e tentei persuadi-la a subir a ribanceira íngreme que separava o campo dos terrenos da escola.

Ela cambaleou como um potro bebé e tive de resistir à súbita necessidade que senti de envolver os seus ombros com o meu braço.

Alguns minutos depois, foi exatamente o que tive de fazer, porque ela continuava a tropeçar.

O pânico invadiu-me.

Eu tinha partido o raio da miúda.

Ia levar com uma suspensão por ter perdido as estribeiras e ia ser emitido um mandato para a minha prisão.

Eu era uma besta.

– Desculpa – continuei a dizer-lhe, lançando olhares afiados como

punhais a qualquer bastardo barulhento que decidisse parar e ficar boquiaberto enquanto andávamos a passo de caracol.

Ela usava a minha camisola, que nela parecia um vestido.

Eu estava gelado até à medula, atrás dela, sem nada vestido a não ser um par de calções de treino, meias e ténis de futebol com *pitons*. Oh, e a maldita mochila cor-de-rosa pendurada nas minhas costas.

Podiam olhar tudo o que quisessem. A minha única preocupação era que a cabeça da rapariga fosse examinada.

– Lamento mesmo, porra.

– Para de pedir desculpa – gemeu ela, agarrando a cabeça.

– Certo, desculpa – disse eu, sentindo-a apoiar o seu peso em mim.

– Mas lamento mesmo. Pelo menos, tens a consciência limpa.

– Nada está limpo – resmungou ela, endireitando-se contra mim. – O chão está a girar.

– Ah, Cristo, não digas isso – pedi-lhe, numa voz tensa, apertando o meu braço em redor da sua estrutura rígida. – Por favor, não digas uma coisa dessas.

– Porque é que fizeste uma coisa daquelas? – choramingou ela, tão frágil e pequena e coberta de merda.

– Sou um cretino – informei-a, movendo a sua mochila cor-de-rosa para as minhas costas enquanto a aproximava mais de mim. – Faço imensa porcaria.

– Fizeste de propósito?

– O quê?! – As suas palavras atingiram-me com força suficiente para me fazerem parar. – Não! – Torci o meu corpo para poder olhar para a cara dela, franzi o sobrolho, e disse: – Nunca te faria uma coisa daquelas.

– Juras?

– Sim – disse eu, puxando-a para mim com o braço e fundindo o seu corpo com um dos lados do meu corpo. – Juro.

Estávamos em janeiro.

Estava húmido.

Estava frio.

E por alguma razão estranha e desconcertante, eu estava a arder como os diabos por dentro.

As minhas palavras, não sei porquê, pareceram aliviar a tensão

dentro daquela miúda, porque ela deu um enorme suspiro, deixou de estar tão rígida, e permitiu-me aguentar totalmente o seu peso.

Aterrar com a cara

JOHNNY

Com muito esforço e uma surpreendente demonstração do que, de outra forma, seria ausência de autocontrole, consegui respeitar os seus desejos e acompanhá-la ao gabinete, quando tudo o que queria era aconchegá-la nos meus braços e correr a pedir ajuda.

Estava em pânico e preocupado, e quanto mais ela gemia e descaía contra mim, mais a minha ansiedade crescia.

No entanto, depois de ter passado os últimos dez minutos do lado de fora do gabinete do diretor, a ouvir o Mr. Twomey barafustar, estava completamente sem nenhuma daquela preciosa paciência.

Porque é que ele não a levava?

Por que raio estava eu ainda de pé, do lado de fora do seu gabinete, a agarrar uma rapariga meio comatosa?

Ele é que era o adulto ali.

– A mãe dela vem a caminho – anunciou o Mr. Twomey, com um suspiro exasperado, deslizando o telefone para dentro do bolso. – Como é que isto pôde acontecer, Johnny?

– Já lhe disse. Foi um *acidente* – sibilei, enquanto continuava a sustentar a rapariga, aguentando a sua pequena estrutura aninhada num dos lados do meu corpo. – Precisa de chamar a Majella para ela ser examinada – repeti, pela maldita décima quinta vez. – Acho que ela tem uma concussão.

– A Majella está fora, em licença de maternidade, até sexta-feira – rosnou o Mr. Twomey. – O que é que é suposto eu fazer com ela? Não tenho formação em primeiros-socorros.

– Então, talvez seja melhor chamar um médico – retorqui, acaloradamente, ainda a segurar a rapariga –, porque eu parti-lhe a maldita cabeça.

– Atenção à linguagem, Kavanagh – a voz do Mr. Twomey parecia um estalo.

Deixei sair a resposta-padrão:

– Sim, senhor. – Sem me ralar nada com isso e também sem me sentir particularmente culpado com o assunto.

O meu papel na academia de rãguebi significava que me era dada imensa margem de manobra nesta escola, um tratamento preferencial que os outros alunos não tinham, mas eu não ia puxar dos galões, logo no primeiro dia do meu regresso.

Sobretudo quando tinha gasto a minha quota ao magoar esta miúda nova.

– Como é que se sente, Miss Lynch? – perguntou o Mr. Twomey, tratando-a como se fosse um peru malcozinhado com o qual ele não queria apanhar salmonelas.

– Dói – gemeu ela, fraquejando, encostada a mim.

– Bem sei – tentei acalmá-la, puxando-a mais para mim. – Lamento muito, muito.

– Jesus, Johnnny, era mesmo disso que eu precisava – sibilou o Mr. Twomey, passando uma mão pelo seu cabelo sal e pimenta. – É o seu primeiro dia. Os pais dela a virem aqui acusar a escola é a última coisa de que preciso.

– Foi um acidente – repeti, agora zangado. Ela gemeu e fez um esforço consciente para baixar a voz, quando disse: – Não tinha a menor intenção de magoar a rapariga.

– Sim, bem, diz isso à mãe dela, quando chegar – bufou o Mr. Twomey. – Ela já foi retirada da Ballylaggin Community School por ser atacada verbal e fisicamente. E o que é que acontece no seu primeiro dia em Tommen? *Isto!*

– Eu não a *ataquei!* – cuspi. – Eu fiz um mau pontapé.

Movendo-a debaixo do meu braço, olhei para a assim chamada figura da autoridade.

– Espere aí – disse, tomando consciência das suas palavras anteriores. – O que é que quer dizer com ela foi *atacada?*!

Olhei para a minúscula rapariga debaixo do meu braço.

Quem é que a atacaria?

Ela era tão pequena.

E frágil.

– O que é que lhe aconteceu? – ouvi-me a mim próprio a

perguntar, a atenção devolvida ao diretor.

– Acho que vou cair – gemeu ela, distraíndo-me dos meus pensamentos. Envolheu o meu antebraço com a sua pequena mão, e suspirou. – Está tudo a andar à volta.

– Eu não te deixo cair – respondi-lhe automaticamente, num tom de voz calmante. – Está tudo bem. – Senti-a escorregar e puxei-a para cima, segurando aquela pequena coisa com todas as minhas ganas. – Já te agarrei – garanti-lhe, apertando o meu braço à sua volta. – Estás segura.

– Olha, senta-te com ela – ordenou o Mr. Twomey, apontando para o banco alinhado contra a parede, à porta do seu gabinete. – Vou ver se arranjo umas compressas, ou qualquer coisa parecida.

– Vai *deixar-me* com ela?! – perguntei, sem conseguir fechar a boca. – Sozinho?!

O diretor não me respondeu.

Claro que não me respondeu, o maldito covarde, porque já estava a milhas, ao fundo do corredor, desesperado para se ver longe do tipo de responsabilidade que era pago para assumir.

– *Eejit* cobardolas – resmunguei, quase inaudivelmente.

Frustrado, levei-nos para o banco de madeira.

Deixando cair a sua mochila no chão, baixei cuidadosamente os nossos corpos no banco, até estarmos sentados lado a lado. Mantive o meu braço à volta dos seus pequenos ombros ossudos, não ousando sair do seu lado com medo de que caísse.

– Isto é fantástico – resmunguei, de mau humor. – A porra de uma maravilha.

– És tão quente – sussurrou ela, e senti a sua bochecha a acariciar o meu peito despido. – Como um saco de água quente.

– OK, precisas *mesmo* de manter os olhos abertos – disse-lhe, em pânico. Com os joelhos a balançar nervosamente, virei-a nos meus braços e pus a sua cara entre as minhas mãos.

– Ei – tentei convencê-la, dando um ligeiro abanão à sua cara. – Ei... miúda? – acrescentei, de forma pouco convincente, porque nem sequer sabia como se chamava. Quase tinha matado a rapariga e nem sequer sabia o seu nome. – Abre os olhos.

Ela não abriu.

– Ei, ei! – disse eu, agora em voz mais alta. – Olha para mim – abanei-lhe a cabeça. – Olha para a minha cara.

Desta vez, ela olhou.

Abriu os olhos, e maldito seja eu, que fiquei tão inesperadamente sem fôlego.

Jesus, esta miúda era *linda*.

Já tinha reparado nisso antes, claro. Ela tinha um olhar marcante. Mas agora, ao vê-la assim tão perto e ser capaz de contar as sardas da sua cara (onze, já agora), acertou-me em cheio o quão impressionante ela era.

Os olhos azuis eram grandes e arredondados e bonitos como o caraças, com pequenos matizes de amarelo a pontilhá-los e guarnecidos por pestanas longas e grossas.

Não estava certo de alguma vez ter visto aquela tonalidade de azul. Não me fez soar nenhuma campainha no banco da memória.

Com as mãos para baixo, pude ver que ela possuía o par de olhos mais encantador que alguma vez vira na minha vida.

Tinha cabelo castanho-escuro comprido, pela altura dos cotovelos, grosso, e encaracolado nas pontas.

E, escondido debaixo da montanha de cabelo, estava um pequeno rosto em forma de coração, suave, pele clara, com uma minúscula covinha no queixo.

Umas sobranceiras escuras e de formas perfeitas arqueavam-se por cima daqueles olhos assassinos. Um nariz minúsculo em forma de botão, maçãs do rosto altas, e aqueles lábios cheios e delineados.

Lábios que eram de um encarnado-rosa natural e que pareciam, tipo, como se ela tivesse acabado de chupar um sorvete ou algo assim (o que eu sabia que não tinha acontecido porque tinha passado a última meia hora a tentar mantê-la acordada).

– Olá – o cumprimento saiu numa expiração.

Dei um suspiro de alívio.

– Olá.

– Esta é mesmo a tua cara? – perguntou ela, os olhos baixos, enquanto me estudava com uma expressão vazia. – É tão bonita.

– Hã... Obrigado? – respondi, pouco confortável, ainda a envolver as suas bochechas com as minhas mãos. – É a única que tenho.

– Gosto dela – sussurrou. – É uma boa cara – acrescentou, mesmo antes de voltar a fechar os olhos e de se inclinar para a frente.

– Não, não, não – tentei persuadi-la, sacudindo-a com rudeza. – Fica comigo!

Gemendo, ela pestanejou de novo.

– Bom trabalho – elogiei-a com uma respiração pesada. – Agora, fica *acordada*.

– Quem és tu? – resmoneou, dependendo totalmente das minhas mãos para manter a cabeça direita.

– Sou o Johnny – respondi-lhe, mordendo um sorriso. – Quem és tu?

– Shannon – sussurrou. As suas pálpebras descaíram um pouco, mas depressa as abriu quando lhe belisquei as bochechas. – Como o rio – acrescentou, com um ligeiro suspiro.

Ri com a sua resposta.

– Bem, Shannon *como o rio* – disse eu, animadamente, desesperado para a manter focada e a falar. – Os teus pais estão a caminho. Provavelmente, vão levar-te ao hospital para um *check up*.

– Johnny – gemeu ela e depois estremeceu. – Johnny. Johnny. Johnny. Isto é mau...

– O quê? – perguntei. – O que é que é mau?

– O meu pai – murmurou.

Franzi a testa.

– O teu pai?

– Podes salvar-me?

Franzi a testa.

– *Precisas* que eu te salve?

– Hmm, hmm – balbuciou, sonolenta. – Esfrega-me o cabelo.

Hesitei na minha resposta.

– Queres que esfregue o *teu* cabelo?

Ela assentiu e inclinou-se para a frente.

– Dói.

Movendo-me para mais perto, ajustei o seu corpo de modo que a sua cabeça descansasse no meu ombro. Era uma posição estranha, mas lá me consegui arranjar.

Jesus, que raio estava eu a fazer?

Abanei a cabeça para mim próprio, sentindo-me um *eejit*, mas de qualquer modo, continuei a fazer o que ela me tinha pedido.

Estava a correr bem. Até ao momento em que a cara dela aterrou no meu colo.

Estremecendo devido ao insano contacto íntimo, já para não falar do súbito solavanco de consciência do meu pénis e da dor ardente na minha virilha, tentei mover a sua cara da minha genitália, mas ela gemeu alto em resistência.

E depois, pôs as pernas em cima do banco e instalou-se para uma bela soneca no meu colo.

Merda para a minha vida.

Levantando as minhas mãos no ar e para longe do seu corpo, porque precisava tanto de uma acusação de assédio sexual como de um buraco na minha cabeça, olhei à minha volta, à procura de alguém que me ajudasse, mas não havia ninguém.

Os corredores estavam convenientemente vazios de adultos.

Merda para esta escola.

Pensei em ir a correr à procura de alguém, mas dificilmente conseguiria tirá-la de cima de mim.

Sim, porque partir-lhe a cabeça não tinha sido suficientemente mau.

Por isso, fiquei ali sentado com a cabeça dela no meu colo e a sua bochecha a acariciar o meu pénis e a rezar a Deus que me desse forças para ignorar as sensações que cresciam dentro de mim e *não* ter uma ereção.

Para além da razão óbvia que era o péssimo *timing*, o meu pénis estava avariado.

Bem, não era tanto o meu pau que estava avariado, mas a zona que o rodeava, e ficar com tesão podia ter como resultado eu desmaiar ao lado dela.

Mas então, ela choramingou, e o som trouxe-me de volta a aflição e a preocupação, evitando o desastre.

Como se tivesse vontade própria, a minha mão moveu-se para a sua cara.

– Tu estás bem – tentei convencê-la, lutando contra a minha ansiedade e a necessidade de cuidar desta rapariga, as duas coisas a

serem uma sensação nova e igualmente aterrorizadora para mim. – Shhh, tu estás bem.

Alisando o cabelo junto à sua bochecha, escondi as madeixas castanho-escuras por detrás da orelha, e comecei a afagar a sua cabeça dorida.

Estava a formar-se um alto impressionante na cabeça dela, no sítio onde a bola tinha feito contacto, por isso, acariciei a zona com as pontas dos dedos, usando um toque leve como uma pena.

– Assim está bem?

– Mmmm – suspirou ela. – É... bom.

– Ótimo – murmurei, aliviado, e continuei com as carícias.

Uma cicatriz desmaiada chamou a minha atenção no sítio onde a sua têmpora se encontrava com a linha do cabelo.

Sem pensar no que estava a fazer, passei um dedo pelo entalhe irregular na pele com mais ou menos 2,5 cm e perguntei:

– O que aconteceu aqui?

– Hmm?

– Aqui. – Passei o meu dedo pela marca antiga. – Isto foi o quê?

– O meu pai – respondeu, com um suspiro pesado.

O meu dedo parou enquanto o meu cérebro registava a resposta marada.

– Diz outra vez?

Quando ela não respondeu, usei a minha outra mão para lhe abanar gentilmente o ombro.

– Shannon?

– Hmm?

Bati com o meu dedo na cicatriz antiga, e perguntei:

– Estás a dizer-me que o teu pai te fez isto? – tentei manter um tom de voz calmo, o que era um desafio com a necessidade súbita de estropiar e matar que borbulhava dentro de mim.

– Não, não, não – sussurrou ela.

– Então, o teu pai *não* fez isto? – pedi a confirmação. – Decididamente, não fez?

– Claro que não – respondeu.

Porra, graças por isso.

Soltei a respiração que não tinha tido consciência de estava a

suspender.

– Jimmy?

– É Johnny.

– Oh. Johnny?

– Sim?

– Estás zangado comigo? – a pergunta, feita de forma tão tranquila, atingiu-me em cheio, e olhei para baixo, para ela, sentindo uma pontada de protecionismo no meu íntimo.

– Não. Não estou zangado contigo – disse-lhe, fazendo uma longa silêncio, os dedos parados, antes de perguntar: – Estás zangada comigo?

– Acho que sim – respondeu ela, retomando o acariciar.

Revirei os olhos e abafei um gemido.

Ah, merda.

– Não podes fazer isso – resmoneei, aquietando-lhe a cabeça.

– Fazer o quê? – suspirou, satisfeita, e depois a sua bochecha acariciou a minha coxa. – Estar zangada?

– Não – disse eu, com um som estrangulado, aquietando-lhe de novo a cabeça. – Fica zangada à vontade, para só de rebolar a tua cabeça no meu colo.

– Gosto do teu colo – suspirou, com os olhos fechados. – Parece uma almofada.

– Sim, hã, bem, isso é simpático e assim – fiz uma pausa para mais uma vez lhe aquietar a cara com as minhas mãos –, mas estou dorido, por isso, preciso que *não* faças isso.

– Fazer o quê?

– Esfregar – resmunguei. – *Ali.*

– Porque é que estás dorido? – suspirou pesadamente e perguntou: – Também estás magoado?

– Provavelmente – admiti, movendo a sua cara para a minha coxa boa. Bem, sendo que boa era a que doía menos. – Fica aí, OK? – era mais uma súplica do que uma ordem. – Não te mexas.

Ela obedeceu, e não voltou a mexer a cabeça.

Usei a minha mão livre para pressionar a tensão que estava a formar-se nas minhas têmporas, e pensei na chatice toda em que ia estar metido.

Estava a faltar às aulas.

Estava com fome.

Tinha treino do clube esta noite.

Tinha uma sessão no ginásio logo a seguir à escola, com o Gibsie.

Fisioterapia com a Janice amanhã depois da escola.

Tinha um jogo da escola na sexta-feira.

Tinha outra sessão de treino com os júniores no fim de semana.

Tinha a porra de um horário ocupado e não precisava deste drama.

Passaram-se vários minutos num silêncio doloroso antes de ela voltar a mexer-se, e nesse período, pensei em todas as formas em que o Mr. Twomey era um diretor incompetente.

Tinha uma lista tão longa como o meu braço quando ela tentou sentar-se outra vez.

– Tem cuidado – avisei, pairando sobre ela como uma mãe-galinha.

Ajudei-a a endireitar-se e, ao fazê-lo, consegui escorregar do banco.

Todos os músculos a sul do meu umbigo gritaram em protesto, mas não me afastei.

Em vez disso, continuei acorocado em frente dela, mantendo as minhas mãos nos dois lados do seu peito, à espera para a apanhar.

– Estás bem, Shannon?

O seu cabelo castanho comprido caiu para a frente, ocultando a sua face como um cobertor.

Ela assentiu, devagar, as sobrancelhas profundamente sulcadas.

– A-acho que sim.

Descontraí, com um alívio palpável.

– Boa.

Ela inclinou-se então para a frente, descansando os cotovelos nas coxas, os olhos abertos a olharem para os meus, e de repente, ela estava demasiado afastada para a confortar. O que era dizer muito, considerando que há menos de dois minutos a sua cara estava no meu colo.

Nós estávamos demasiado *próximos*.

De repente, senti-me muito exposto.

As minhas mãos moveram-se do seu peito para as suas coxas, uma reação automática a ter uma rapariga a inclinar o seu rosto na direção do meu. Mudei rapidamente de posição, pondo em vez disso as

minhas mãos a repousar em cima do banco.

Pigarreei, e obriguei-me a um pequeno sorriso.

– Estás viva.

– Por muito pouco – sussurrou, com um estremecimento, os olhos azuis a olharem fixamente para os meus, examinando-me agora com mais nitidez. – Tens uma pontaria horrível.

Ri com o que ela disse.

Estava tão longe da verdade que não o consegui evitar.

– Bem, foi uma primeira vez – brinquei. – Não estou habituado a ser criticado pela minha capacidade para atirar uma bola.

Eu não era um dez natural, mas tinha uma pontaria decente, e a capacidade de dar pontapés a longa distância quando era necessário.

– Pois sim – resmungou. – Bem, a tua habilidade para dar um pontapé numa bola quase me matou.

– Tens razão – reconheci, envergonhado.

Sem pensar duas vezes no que estava a fazer, aproximei-me e pus-lhe o cabelo atrás das orelhas. Senti-a estremecer com o contacto, e repreendi-me rapidamente pela atitude.

Não lhe toques, cretino.

Mantém as mãos longe.

– A tua voz é esquisita – anunciou então ela, os olhos azuis fixos nos meus.

Franzi a testa.

– A minha voz?

Ela assentiu lentamente, e depois gemeu e pôs as mãos na cara mais uma vez.

– O teu sotaque – esclareceu, a respirar com dificuldade. – Não é um sotaque de Cork. – Ainda estava a agarrar a cabeça, mas parecia agora mais alerta.

– Isso é porque não sou de Cork – repliquei, incapaz de evitar aproximar-me e alisar-lhe uma madeixa de cabelo. – Sou nado e criado em Dublin – ouvi-me a mim próprio a explicar, enfiando uma madeixa travessa atrás da sua orelha. – Mudei-me para Cork com os meus pais quando tinha onze anos.

– Então, és um *dub* – declarou, claramente divertida com a informação. – Um *jackeen*.

Escarneci do termo e atirei-lhe com um da minha lavra:

– E tu és uma *culchie*.

– Os meus primos moram em Dublin – disse-me.

– Ah, sim? Onde?

– Clondalkin, acho – respondeu. – E tu?

– Blackrock.

– A zona sul? – O seu sorriso alargou-se, os olhos agora mais alerta.

– És um rapaz chique.

Levantei uma sobrancelha.

– Pareço-te chique?

Ela encolheu os ombros.

– Não te conheço o suficiente para dizer.

Não, não conhecia.

– Bem, não sou – informei, pouco confortável com a ideia de que ela fizesse de mim um julgamento antecipado.

Não me devia importar.

Caramba, normalmente nunca me importaria.

Então, porque é que estava agora a fazer cara feia a isso?

– Acredito em ti – a sua voz baixa atravessou os meus pensamentos. – Nunca poderias ser chique.

– E isso porque...?

– Porque praguejas como um marinheiro.

Ri-me do seu raciocínio.

– Sim, provavelmente tens razão em relação a isso.

Ela riu-se comigo, mas parou rapidamente e gemeu, apertando as têmporas.

Os remorsos invadiram-me.

– Lamento – disse-lhe, num tom agora mais áspero e espesso.

– Pelo quê? – perguntou ela, parecendo inclinar para mais perto enquanto mordida o lábio inferior.

– Por te magoar – respondi, com sinceridade. Cristo, a minha voz nem sequer soava como se me pertencesse. A minha voz estava tensa... crua. Pigarreei e acrescentei: – Não voltará a acontecer.

– Juras?

Lá vinha ela com as juras outra vez.

– Sim – disse eu, com a voz mais grossa agora. – Juro.

– Deus – gemeu ela, fazendo uma careta. – Toda a gente se vai rir de mim.

Aquelas palavras, aquela pequena frase tramada, trouxeram à luz do dia algumas estranhas emoções que ainda não tinha sentido.

– Estou tão envergonhada – continuou a sussurrar, os olhos virados para baixo. – Vou ser o falatório da escola.

– Olha para mim.

Ela não olhou.

– Ei – fiz uma pausa e levantei-lhe o queixo com o meu polegar e o meu indicador. Quando me dei por satisfeito por ter de novo a sua atenção, continuei. – Ninguém vai dizer uma palavra sobre ti.

– Mas todos me viram...

– Ninguém vai abrir a boca sobre o assunto. – Apercebendo-me de que o meu tom raiava a fúria, baixei-o um pouco e tentei de novo. – Nem a equipa, nem o treinador, nem ninguém. Não os vou deixar.

Ela pestanejou, confusa.

– Não os vais deixar?

– Isso mesmo – confirmei com um aceno. – Não os vou deixar.

– Prometes? – perguntou, um sorriso minúsculo a aflorar aos seus lábios cheios.

– Sim – repliquei, rispidamente, com a sensação de que faria todas as malditas promessas do mundo só para fazer com que esta miúda se sentisse melhor. – Eu protejo as tuas costas.

– Seria melhor se protegesses a minha cabeça – resmungou. Olhou para o seu corpo, e suspirou. – Na verdade, acho que me arruinaste toda.

Foda-se, tu estás a arruinar-me todo neste momento, pensei comigo mesmo.

Jesus, de onde raio veio isto?

Pestanejando para afastar o pensamento, instalei-me em algo mais seguro:

– Terei a minha gente a chamar a tua gente para resolver o problema.

Aquilo fez surgir-lhe um sorriso, um sorriso a sério, não um sorriso tímido ou um pequeno sorriso.

Era um enorme sorriso genuíno.

Ela era só bonita como tudo.

Odiava aquela palavra. *Bonita* era uma palavra mariquinhas usada pelas mulheres e pelos idosos, mas era o que ela era.

Porra, tinha a sensação de que a sua cara bonita ficaria gravada a fogo na minha cabeça durante muito tempo.

Mas eram aqueles olhos impressionantes que me matavam, e tinha esta necessidade maluca de procurar no Google tabelas de cores dos olhos só para perceber que raio de cor azul era aquela.

Faria isso mais tarde, decidi.

Arrepiante ou não, precisava de saber.

– Então – abusei da minha sorte ao perguntar – é o teu primeiro dia?

Ela assentiu de novo, um pequeno sorriso hesitante.

– Como é que te está a correr?

Um pequeno sorriso curvou-lhe os lábios para cima.

– *Estava* a correr bem.

– Certo – encolhi-me. – Desculpa, mais uma vez.

– Está tudo bem – disse ela, analisando a minha cara com aqueles olhos enormes. – E podes deixar de pedir *desculpa* agora. Acredito em ti.

– Acreditas em mim?

– Sim – assentiu, e depois deu um grande suspiro. – Acredito em ti quando dizes que foi um acidente – disse. – Não me parece que fosses magoar alguém intencionalmente.

– Bem, isso é bom – não fazia ideia porque é que ela pensaria bem de mim, mas não era por isso que o iria pôr em questão. Não quando quase a tinha mutilado. – Porque não o faria.

Ela voltou a ficar quieta, afastando-se do meu corpo, e dei por mim a torturar o meu cérebro à procura de alguma coisa para dizer.

Não tinha nenhuma explicação para o facto de querer que ela continuasse a falar comigo. Poderia estar a regressar à altura em que precisava de a manter consciente.

Mas, lá no fundo, sabia que não havia nenhuma razão.

Revirando o meu cérebro para encontrar alguma coisa para dizer, deixei sair:

– Tens frio?

Olhou para mim com uma expressão sonolenta.

– Hã?

– Frio – repeti, resistindo à vontade de passar as minhas mãos para cima e para baixo nos seus braços. – Estás suficientemente quente? Devo ir procurar uma manta ou qualquer coisa parecida?

– Estou... – fez um silêncio e olhou para os joelhos. Deu um pequeno suspiro, voltou a olhar para a minha cara e disse: – Na verdade, tenho calor.

– Uma avaliação exata como o raio.

A resposta altamente inapropriada estava fora da minha boca antes de ter a oportunidade de me pôr o filtro.

Para confirmar, toquei-lhe na testa, a minha tentativa patética de ver se tinha temperatura, e depois assenti solenemente:

– Estás, decididamente, quente.

– Eu disse-te – os enormes olhos azuis estavam arregalados e focados nos meus. – Estou mesmo, mesmo, com calor.

Deus.

Merda.

– Então – falei casualmente, tentando distrair-me dos meus pensamentos desobedientes. – Em que ano estás?

Por favor, diz décimo primeiro ano.

Por favor.

Por favor.

Por favor, Deus, fá-la dizer décimo primeiro ano.

– Nono ano.

Sim, e acabou tudo.

Ela estava no nono ano.

E sem mais nem menos, vi o meu sonho de cinco minutos voar pela janela.

Merda. Para. A. Minha. Vida.

– E tu? – perguntou então ela, a voz suave e doce.

– Estou no décimo primeiro – respondi-lhe, perturbado pela súbita e notável pontada de desapontamento que se desenvolveu dentro de mim. – Tenho dezassete anos... e dois terços.

– E dois terços – ela riu. – Os terços são importantes para ti, ou isso?

– Agora são – respondi, de forma quase inaudível. Suspirando resignadamente, olhei para ela e expliquei: – Devia estar no décimo segundo, mas tive de repetir o sexto ano quando me mudei para Cork. Farei dezoito em maio.

– Também repeti um ano no ensino básico.

– Sim? – endireitei-me, um raio de esperança a crescer dentro de mim. – Então, isso quer dizer que tens quantos anos?

Por favor, tem dezassete anos.

Por favor, atira-me um maldito osso e diz-me que tens dezassete anos.

– Tenho quinze.

Porra para a minha sorte.

– Não consigo pensar quais são as frações que tenho por fazer dezasseis em março – ela franziu a testa por um momento, e acrescentou: – Sou má a matemática, e dói-me a cabeça.

– Dez décimos – desbobinei, taciturno.

Ugh.

Apenas a porra de um ugh.

Eu faria dezoito anos em maio e ela continuaria a ter dezasseis por mais dez meses.

Nope. Nunca na vida. Não ia acontecer.

Mau plano, Johnny.

– Tens namorado?

Esta agora, por tudo quanto é sagrado, porque é que teria de lhe perguntar isto?!

És quase dois anos mais velho do que esta miúda, cretino!

Ela é demasiado nova para ti.

Conheces as regras.

Não vás mais longe, porra.

– Não – respondeu vagarosamente, as faces a ficarem rosadas. – E tu?

– Não, Shannon – fiz um sorriso irónico. – Não tenho namorado.

– Não queria dizer... – com uma pausa, suspirou e mordeu o lábio inferior, nitidamente confusa. – Eu queria dizer...

– Sei o que querias dizer – acabei a frase por ela, incapaz de impedir o meu sorriso de se alargar, enquanto punha aquele caracol rebelde outra vez atrás da sua orelha. – Estava só a gozar contigo.

– Oh.

– Sim – provoqueei-a. – Oh.

– Bem...? – insistiu ela, a voz baixa. Olhou para o seu colo antes de voltar a atenção para a minha cara. – Tens...?

– Shannon! – chamou uma voz de mulher, em pânico, distraíndo-nos aos dois. – Shannon!

Voltei o olhar para a mulher alta e de cabelo escuro que se apressava pelo corredor, na nossa direção, ostentando uma barriguinha de quem está de bebé.

– Shannon! – chamou ela, aproximando-se de nós. – O que aconteceu?

– Mãe – disse Shannon em voz rouca, voltando a sua atenção para a mulher. – Eu estou bem.

Altamente desconfortável com a visão da barriga protuberante da sua mãe, entendi isto como a minha maldita deixa para me pôr a milhas da sua filha minúscula.

As mulheres grávidas deixavam-me nervoso, mas não tanto quanto a Shannon *como o rio* me deixava.

Levantei-me e fiz menção de me ir embora, apenas para ser encurralada pelo que só podia ser descrito como uma mãe ursa enfurecida.

– O que fizeste à minha filha? – exigiu saber, empurrando-me com um dedo no ombro. – Então? Achas que isso foi divertido? Porquê, em nome de Deus, são as crianças tão estupidamente cruéis?

– O quê...?! Não! – repliquei, as mãos levantadas em defesa. – Foi um acidente. Não tinha *intenção* de a magoar.

– Mrs. Lynch – cacarejou o diretor, pondo-se entre mim e a mulher. – Tenho a certeza de que se nos sentarmos todos e falarmos sobre isto...

– Não! – vociferou a Mrs. Lynch, a voz rouca com a emoção. – Garantiu-me que coisas destas não aconteceriam nesta escola, e veja o que aconteceu no primeiro dia dela! – Voltou o olhar para a Shannon e a sua expressão cedeu ao pânico. – Shannon, não sei o que mais possa fazer contigo – soluçou a mulher. – Não sei mesmo, querida. Achei que este sítio iria ser diferente para ti.

– Mãe, ele não me queria magoar – declarou Shannon,

argumentando a meu favor. Os seus olhos esvoaçaram na minha direção pelo mais breve dos instantes antes de regressarem à sua mãe.
– Foi mesmo um acidente.

– E quantas vezes me disseste essas mesmas palavras? – respondeu a mãe dela, fatigada. – Não precisas de o proteger, Shannon. Se este rapaz te fez passar um mau bocado, então di-lo.

– Não fiz – protestei eu.

Ao mesmo tempo que a Shannon gritava:

– Não fez!

– Tu, cala-te – sibilou a mãe dela, empurrando-me o peito com força. – A minha filha pode falar por si própria.

Rangendo os dentes, calei-me mesmo. Não ia vencer nenhuma disputa verbal com a mãe dela.

– Foi absolutamente um acidente – repetiu Shannon, espetando o queixo de forma desafiadora, ainda a agarrar a cabeça com a sua pequena mão. – Achas que ele estaria aqui a ajudar-me se o tivesse feito de propósito?

Aquilo obrigou a mulher a uma pausa para organizar as ideias.

– Não – admitiu, finalmente. – Não, suponho que não estaria... O que é que, em nome de Deus, tens tu *vestido*?

Shannon olhou para si própria e corou repentinamente.

– Rasguei a saia quando caí pela ribanceira abaixo – disse ela, engolindo audivelmente. – O Johnny... hmm, deu-me a camisola dele para que não estivesse toda a gente a ver as minhas... as minhas... bem, as minhas cuecas.

– Hmm, sim, bem – balbuciei enquanto tirava o pedaço de tecido cinzento do cóis dos meus calções e o entregava à mãe dela. – Eu, hmm, estraguei isto, também.

A mãe dela arrancou a saia das minhas mãos, e dei um passo de segurança para trás.

– Deixa-me ver se percebi bem – disse a mãe dela, o olhar a oscilar entre mim e Shannon. O reconhecimento relampejou nos seus olhos azul-pálido embora eu não tivesse a menor ideia de quê, porque neste exato momento não tinha pistas de nada. – Ele bateu-te, rasgou-te as roupas, e depois vestiu-te a camisola dele?

Resmunguei uma torrente de pragas e passei uma mão pelo cabelo.

Pareceu tão mau quando ela o disse daquela maneira.

– Eu não...

– Ele *ajudou-me*, mãe – insistiu Shannon.

Ela fez menção de se levantar, e como o cretino que sou, movi-me para a ir ajudar, levando com um estreitamento do olhar da mãe dela.

Fui ajudá-la, de qualquer maneira.

Vão todos para o Inferno.

Tinha visto esta rapariga semi-inconsciente há uma hora. Não ia abusar da sorte com ela.

– Mãe – suspirou Shannon. – Ele estava a treinar futebol, e a bola bateu-me...

– Râguebi – interrompeu orgulhosamente o Mr. Twomey. – O nosso Johnny é o melhor jogador de râguebi que o Tommen College teve em cinquenta anos.

Revirei os olhos.

Esta não era a altura de me elogiar. Ou à escola.

– Foi um erro sem intenção – acrescentei, com um encolher de ombros impotente. – E vou pagar o uniforme.

– E que o que quer dizer com isso? – perguntou a mãe dela.

Franzi a testa.

– Quer dizer que vou pagar o uniforme dela – repeti lentamente. – A saia...

– E as meias – interrompeu Shannon.

– E as meias. – Fiz um sorriso indulgente, depois moderei rapidamente a minha atitude quando a mãe dela me lançou um olhar mortal. – Vou substituir tudo.

– Porque nós não temos dinheiro? – vociferou a Mrs. Lynch. – Porque eu não posso pagar para vestir a minha própria filha?

– *Não* – disse eu, lentamente, confuso como a merda com a incubadora humana que estava a declarar-me guerra. – Porque a culpa é minha por se terem estragado.

– Bem, não, obrigada, Johnny – irritou-se ela. – A minha filha não é um caso de caridade.

Cristo.

Esta mulher era cá uma coisa.

Tentei outra vez:

– Nunca disse que era, Mrs. Lynch...

– Para, mãe – gemeu a Shannon. – Ele só está a tentar ser simpático.

– A coisa *simpática* a fazer era não te ter atacado no teu primeiro dia – bufou a Mrs. Lynch.

Abafei um gemido.

Não ia ganhar nenhum concurso de popularidade com esta mulher, isso era garantido.

– Lamento – voltei a dizer, pela enésima maldita vez.

– Johnny – disse o Mr. Twomey, pigarreando. – Porque é que não vais mudar-te e vestir o teu uniforme e vais para a tua próxima aula?

Descontraí de alívio, encantado com a perspetiva de me afastar desta maldita mulher louca.

Dei alguns passos em direção à entrada, depois fiz uma pausa, hesitante.

Deveria deixá-la?

Deveria ficar?

Ir-me embora não parecia a coisa certa a fazer.

Inseguro, fiz menção de me voltar, mas fui parado por uma ordem vociferada.

– Continua a andar, Johnny – ordenou a mãe dela, apontando um dedo para mim.

E eu assim fiz.

Estabelecer regras e quebrá-las

JOHNNY

Na altura em que regressei aos balneários, depois de um desvio pelo refeitório para falar com a subdiretora, a Mrs. Lane, a equipa tinha acabado o treino e a maioria dos rapazes já tinha tomado duche.

Ignorando os comentários abafados e as olhadelas quando entrei, fui direto ao Patrick Feely, pedindo desculpa por ter sido um cretino com ele, surpreendendo-o, e depois esgueirei-me para o banco.

Afundi-me ao lado do meu saco de equipamento, estiquei as pernas, e descansei a cabeça contra os azulejos frios da parede atrás de mim, deixando sair um suspiro pesado enquanto o meu cérebro entrava em sobrecarga, obcecado com todos os pormenores dos acontecimentos do dia.

Que dia de merda.

Bullying.

Eu não era um *bully*. Nunca tinha posto os olhos na rapariga antes disto.

Aparentemente, aquele pedacinho precioso de informação tinha-se perdido na nossa subdiretora, que tinha sido chamada pelo Mr. Twomey para ajudar a afastar o drama.

Depois de uma bronca de dez minutos da braço-direito do Twomey, foram-me dadas ordens estritas para me manter afastado da rapariga Lynch. A mãe achava que eu estava a fazer-lhe um maldito *bullying*, e não me queria próximo da filha de maneira nenhuma. Se me aproximasse dela, enfrentaria uma suspensão imediata.

Estava na mais completa e absoluta merda, e esperava que a Shannon tivesse a decência de ser sincera, e me defendesse.

Merda.

Tanto fazia.

Ia manter um perfil neutro. Não precisava daquele incómodo. As raparigas eram uma maldita complicação de que não precisava,

mesmo quando eram minúsculas com grandes olhos azuis.

Raios, agora estava outra vez a pensar nos olhos dela.

Ela ainda tem a tua camisola, anotei mentalmente, o que me pôs triste por uma razão completamente diferente. Era nova, e ainda só a tinha usado nesta maldita vez.

Ficava melhor nela, reconheci a contragosto.

Podia ficar com ela.

Só esperava que não a deitasse fora. Teria de pagar oitenta paus para substituir a maldita coisa.

– Estás bem, Johnny? – perguntou Gibsie, interrompendo os meus pensamentos enquanto se deixava cair ao meu lado no banco. Tinha acabado de tomar duche e estava vestido com um par de boxers. – Como é que estás a miúda? – perguntou, curvando-se para remexer no seu saco de equipamento.

Abanei a cabeça, e olhei para ele.

– Hã?

– A miúda, a novinha – explicou, retirando um frasco de desodorizante.

– Shannon – resmunguei. – Ela é nova. Nono ano. Hoje é o seu primeiro dia.

– Ela está bem? – perguntou, pulverizando as axilas com *Lynx* antes de voltar a atirar o frasco para o seu saco e pegar nas calças cinzentas da escola. – Parecia estar mesmo mal.

– Macacos me mordam se sei, pá. Achei mesmo que lhe tinha lixado o cérebro – resmoneei, com um encolher de ombros impotente. – A mãe vai levá-la ao hospital para ser examinada.

Gibsie fez uma pausa, a franzir o sobrolho:

– Merda.

– Sim – concordei, sombriamente. – Merda.

– Jesus, deve ter sido mortificante para ela. – Enfiando os pés nas calças, levantou-se e puxou-as pelas ancas. – Teres o teu rabo à mostra para a equipa de rãguebi ver, no teu primeiro dia?

– Sim – respondi, porque o que é que podia ter dito mais?

Fora humilhante para ela, e o responsável fora eu.

Larguei um suspiro frustrado.

– Disseram alguma coisa sobre ela? – olhei à volta, para os nossos

companheiros de equipa, e depois de novo para o meu melhor amigo com uma única coisa na minha cabeça. *Controlo de danos*. – O que é que estavam a dizer dela?

Gibbie arqueou as sobrancelhas à minha pergunta.

Na verdade, acho que as sobrancelhas arqueadas e a expressão surpreendida tinham mais a ver com o meu tom de voz.

– Bem – começou ele, vagarosamente. – Ela tinha a passarinha e o rabo à mostra, Cap... um rabo muito bonito, que condiz com todo o resto *muito bonito* dela... por isso, sim, rapaz. Houve falatório.

– Que tipo de falatório? – rosnei, sentindo uma onda irracional de raiva dentro de mim. Não tinha a mais pequena ideia de onde vinha essa maldita inquietação, mas estava lá, era forte, e estava a fazer com que me sentisse meio enlouquecido.

– Interesse, pá – explicou Gibbie tranquilamente. – MUITÍSSIMO interesse. – Enfiou as mãos no saco, retirou a camisa branca da escola e pô-la pelos ombros. – No caso de ter escapado à tua atenção, e avaliando pela reação, sei que não escapou, aquela rapariga é um assombro.

Abotoou a camisa com mãos firmes.

Entretanto, eu estava a tremer com uma energia que precisava de sair do meu corpo, e rapidamente.

– Ela é linda, é nova, e os rapazes estavam... curiosos – acrescentou, escolhendo cuidadosamente as palavras. – O novo é sempre atraente – fez um silêncio, remoendo, e acrescentou: – Linda é ainda melhor.

– Isso tem de parar – rosnei, inquieto com a ideia de os meus companheiros de equipa falarem dela.

Vi aquele olhar nela. Ouvi aquilo na voz dela.

A vulnerabilidade.

Ela não era como as outras. Esta rapariga era diferente.

Mal a conhecia, mas podia apostar que era merecedora de atenção.

Alguma coisa tinha acontecido a Shannon Lynch, alguma coisa suficientemente má que a tinha levado a mudar de escola.

Aquilo não me tinha caído bem.

– Sim – riu-se ele, enquanto acabava de abotoar a camisa e punha a gravata encarnada. – Boa sorte com isso, pá.

– Ela tem *quinze anos* – avisei, tenso. Dezasseis em março, mas mesmo assim. Nos dois meses seguintes, ela ainda teria *quinze*. – Ela é demasiado nova.

O Gibsie resfolegou.

– Diz o *eejit* que enfia o pau em qualquer coisa que mexa, desde o sétimo ano.

Gibsie acertou em cheio com aquela declaração.

Por amor de Cristo, perdi a minha virgindade com a Loretta Crowley, que era três anos mais velha do que eu (e que tinha uma vida de experiência a mais) atrás dos barracões da escola depois das aulas.

Pois, isso tinha sido um desastre monumental.

Eu era só nervos e movimentos desajeitados, absolutamente consciente de que era demasiado novo para enfiar o meu pau em qualquer coisa que não fosse a minha mão, mas devo ter feito qualquer coisa bem, porque a Loretta juntou-se a mim de boa vontade atrás dos barracões depois das aulas durante vários meses, antes de eu ficar demasiado ocupado com os treinos e cancelar os nossos encontros.

Se tivesse de dizer qual era o tipo de mulher que me interessava, não diria loiras ou morenas, curvilíneas ou delgadas.

O meu tipo era *mais velha*. Todas as raparigas com quem alguma vez estive eram pelo menos um par de anos mais velhas. Às vezes, muito *mais* anos.

Não era um fetiche, ou uma coisa assim.

Apenas apreciava a aura livre de drama que as raparigas mais velhas traziam para a coisa. Apreciava-as quando estava com elas, e depois apreciava-as ainda mais quando não estava. Isso não queria dizer que não apreciava a porra da rapariga com quem estava quando estava com ela.

Apreciava.

E também era leal. Não andava a foder por aí.

Se uma rapariga queria exclusividade, sem amarras, então eu ficava mais do que feliz por lhe agradar. Se uma rapariga estava à espera de que eu a traísse, então estava com o tipo errado. Não estava em posição de ser um namorado a sério, agora. Não é que não

quisesse ter uma namorada. Apenas não tinha tempo. Não tinha tempo para encontros regulares ou qualquer uma dessas exigências.

Estava demasiado ocupado.

Essa era outra razão pela qual preferia raparigas mais velhas. Não esperavam milagres de mim.

Neste momento, por exemplo, andava com a Bella Wilkinson do décimo segundo ano, e estávamos assim desde abril do ano passado.

No início, gostava da Bella porque ela não me massacrava o juízo. Aos dezanove, tinha mais um par de anos do que eu, e não me obrigava a seguir padrões invisíveis que eu não queria, ou não podia, cumprir, e mais tarde, eu podia afastar-me e concentrar-me no rãguebi enquanto ela me deixava entregue aos meus próprios afazeres.

Mas após uns meses, percebi rapidamente que não era *em mim* que a Bella estava interessada. Era na porcária toda que advinha de estar comigo.

Para a Bella, tinha tudo que ver com estatuto, e na altura em que o percebi, estava demasiado confortável e demasiado preguiçoso para fazer alguma coisa em relação a isso. Ela queria o meu pénis. Era tudo.

Bem, o meu pénis e o meu estatuto.

Por isso, fiquei porque era uma coisa com a qual estava familiarizado, e era preguiçoso. A Bella tinha uma única expectativa em relação a mim, um requisito que, até há poucos meses, era mais do que capaz de lhe providenciar.

Não tinha feito grande coisa com a Bella desde a minha cirurgia. Não tocava com um dedo na rapariga desde o início de novembro, quando a coisa se tornou demasiado dolorosa para sequer pensar nisso. Mas o que quero dizer é que, antes de isso acontecer, para mim, era apenas sexo.

Uma libertação permanente.

Algures no fundo da minha mente, sabia que aquilo era uma atitude pouco saudável no que diz respeito à vida e às relações com o sexo oposto, e que provavelmente estava a ser profundamente cínico, mas era difícil manter-me um rapaz quando estava a viver num mundo de homens.

Também não ajudava o facto de estar a jogar rãguebi num nível

onde estava rodeado de homens muito mais velhos do que eu.

Conversas que eram indicadas para pessoas muito mais velhas do que eu. Mulheres que eram indicadas para homens muito mais velhos do que eu.

Não raparigas, mas *mulheres*.

Jesus, se a minha mãe conhecesse metade das mulheres que se me ofereciam (mulheres adultas), arrancava-me o traseiro da Academia e trancava-me no quarto até eu fazer vinte e um anos.

De certa forma, a infância foi-me roubada por causa da minha habilidade para jogar rãguebi.

Cresci muito depressa, assumindo um papel de homem quando era pouco mais do que um rapaz, treinado e empurrado, pressionado e patrocinado. Não tinha vida social, e não tive infância.

Em vez disso, tinha expectativas e uma carreira.

O sexo era a recompensa que me permitia a mim próprio por ser... bem, *bom*. Por controlar tudo o resto na minha vida. Por equilibrar a escola e o desporto com um controlo imaculado e uma vontade de ferro.

Não era o único assim.

Sem contar com um par de rapazes que tinham namoradas de há muito tempo, o resto da rapaziada da Academia estava tão mal quanto eu.

Na verdade, estavam pior.

Eu era discreto. Eles *não eram*.

– Não estamos a falar de mim – disse o Gibsie, trazendo a minha atenção de regresso ao presente, a minha raiva a aumentar a cada segundo.

– Ela é a porra de uma criança, demasiado nova para as vossas pontadas de tesão, e todos os cretinos nesta sala precisam de respeitar isso.

– Quinze é uma *criança*?! – admirou-se Gibsie, parecendo confuso.

– Que merda é que estás a dizer, Johnny?

– Quinze é muito nova – grunhi, frustrado. – E é ilegal.

– Oh – Gibsie fez um ar sabedor e sarcástico. – Estou a ver.

– Não vês uma merda, Gibs – repliquei.

– Desde quanto é que começaste a importar-te com as cenas que

cada um de nós faz?

– Não me importo. Façam a porra do que quiserem e com quem quiserem – rebati, acaloradamente. – Apenas não com *ela*.

O Gibsie abriu um largo sorriso, nitidamente a provocar-me, e brincou:

– Continua a falar assim, e vou começar a pensar que estás a atirar-te a essa rapariga.

– Não estou a brincar com isto, merda – repliquei, mordendo o isco.

– Descontraí, Johnny – suspirou Gibsie. – Não tenho a menor intenção de me aproximar da miúda.

– Ainda bem – deixei sair a respiração que não me tinha apercebido que estava a suster.

– Não posso responsabilizar-me pelos outros, no entanto – acrescentou, apontando com o polegar para trás dele.

Assentindo rigidamente com a cabeça, virei a minha atenção para o balneário fervilhante e levantei-me, arrepiado de inquietação.

– Oiçam – brami, virando todas as atenções para mim. – Aquela rapariga, no campo, há bocado?

Esperei até ter a atenção dos meus companheiros de equipa, e depois esperei para ver a compreensão atravessar os seus rostos, antes de explodir num desabafo.

– O que lhe aconteceu hoje, ali fora? Seria embaraçoso como os diabos para qualquer pessoa, e *sobretudo* para uma rapariga. Por isso, não quero ouvir uma palavra sobre o assunto a percorrer a escola ou a cidade – a minha voz tomou uma tonalidade ameaçadora quando disse: – Se me chegar aos ouvidos que andaram a falar sobre ela... bem, não tenho de explicar o que acontecerá.

Alguém se riu, e voltei o meu olhar para o culpado.

– Tens duas irmãs, Pierce – bradei, olhando para a face vermelha do talonador. – Como é que te sentirias se isto tivesse acontecido à Marybeth ou à Cadence? Gostavas que os rapazes falassem assim delas?

– Não, não gostava. – O Pierce ficou ainda mais vermelho. – Desculpa, Cap – balbuciou. – Não ouvirás uma palavra de mim.

– Bom homem – repliquei, assentindo com a cabeça antes de

enfrentar a equipa. – Vocês não vão falar a ninguém do que aconteceu com a roupa dela. Nem aos bonecos de peluche com que dormem, nem aos vossos amigos. É passado. Apagado. Uma porra que nunca aconteceu... e já que estamos a falar do assunto, não falem com *ela* – acrescentei, aproveitando a maré, e desta vez as minhas ordens eram por razões inteiramente egoístas nas quais não me atrevia a pensar muito. – Não fiquem com ideias sobre ela. De facto, nem sequer olhem para ela.

Para ser justo com eles, a maioria dos jogadores mais velhos da equipa apenas assentiu com a cabeça, voltando para o que quer que fosse que estavam a fazer antes da minha explosão, fazendo-me ver que estava a ser irracional com isto.

Mas depois, havia a besta do Ronan McGarry e a sua grande boca para estragar isto.

Não gostava daquele gajo. Não o suportava, para ser honesto.

Era um fala-barato do nono ano, que se pavoneava pela escola como se fosse o rei do mundo.

A sua atitude pretensiosa só aumentara a nossa irritação este ano ao trazerem-no para a equipa sénior da escola quando uma lesão do joelho no ligamento cruzado anterior tinha acabado precocemente com a época do Bobby Reilly.

No máximo, o McGarry era um jogador de râguebi medíocre, a jogar como médio de formação pela escola esta época, e uma maldita chatice a quem eu tinha de dar cobertura no campo de jogo. Em primeiro lugar, ele só estava na equipa porque a mãe era irmã do treinador. Não era, certamente, pelo seu talento.

Dar-me-ia um grande prazer derrubá-lo com uma placagem ou uma passagem se tivesse oportunidade.

– Porquê? – troçou ele da segurança do lado oposto do balneário. – Estás a reivindicá-la? – O cabrãozinho loiro, encorajado por um par dos seus amiguinhos aquecedores de banco, continuou: – Ela é tua ou assim, Kavanagh?

– Bem, tua não é, certamente, cara de cu – repliquei, sem hesitar. – Não que estivesse a incluir-te nessa declaração – farejando-o, olhei-o lentamente de cima a baixo, com um descontentamento fingido, e acrescentei: – Pois, tu não és um problema para mim.

Vários rapazes irromperam em uivos de gargalhadas às custas de McGarry.

– Vai-te lixar – cuspiu ele.

– Au – fingi mágoa, depois arreganhei-lhe os dentes. – Essa doeu muito.

– Ela está na minha turma – declarou.

– Que bom para ti – bati palmas, não gostando nem um bocadinho desta nova informação, mas abafando a minha irritação com uma manta de sarcasmo. – Queres uma medalha ou um troféu por isso? – Voltando a minha atenção para a equipa, acrescentei: – Ela é novinha, rapazes, demasiado novinha para qualquer um de vocês. Por isso, fiquem longe dela, porra.

– Não para mim – cacarejou o pequeno cara de cu. – Ela tem a mesma idade do que eu.

– Não. Não é uma questão de idade – rebati calmamente. – Ela é apenas demasiado boa para ti.

Mais gargalhadas às suas custas.

– Uma pessoa até pode pensar que tu és algum tipo de deus nesta escola – rosnou ele –, mas ela está no mercado, tanto quanto sei. – Inchando o peito como um gorila com cio, sorriu-me afetadamente: – Se eu a quiser, vou tê-la.

– No mercado? – Dei uma gargalhada. – Se tu a quiseres, *vais tê-la?! Cristo, criança, em que mundo é que vives?*

As faces do Ronan ficaram vermelhas.

– Vivo no mundo real – replicou. – Naquele em que as pessoas têm de *trabalhar* para ter as coisas, e onde não lhes foram oferecidas de mão beijada porque estão *na Academia*.

– Achas que sim? – arqueei uma sobrancelha, inclinando a cabeça para um lado para lhe tirar as medidas. – Aparentemente, não vives, se estás suficientemente iludido para achar que todas as coisas na vida me foram oferecidas de *mão beijada*. E, sobretudo, se te referes às raparigas como *estando no mercado* – abanando a cabeça, acrescentei: – Elas são raparigas, McGarry, não são cartas de Pokémon.

– Deus, tu achas mesmo que és o maior, não achas? – cuspiu ele, o queixo cerrado. – Achas que és tão estupidamente fantástico! Bem, não és.

Cada vez mais farto dos disparates dele, abanei a cabeça e despachei-o:

– Põe-te na alheta, miúdo. Não vou jogar este jogo contigo hoje.

– Porque é que não nos fazes um favor a todos e te pões a ti na alheta, Johnny! Quem me dera que terminasses com a liga júnior e acabasses com isto – rugiu ele, a cara a ficar uma horrível massa encarnada. – É para isso que estás na Academia, certo? – quis saber, num tom irado. – Para chamares a atenção? Para subires nos *rankings* e conseguires um contrato? – a bufar, rosnou: – Então, *vai-te embora*, porra. Sai de Tommen. Volta para Dublin. Arranja os teus contratos e baza para bem longe!

– A educação é muito importante, Ronan – sorri-lhe ironicamente, saboreando o seu ódio por mim. – A *Academia* ensina-nos isso.

– Aposto que os manda-chuvas da seleção irlandesa nem sequer te querem – lançou ele, iradamente. – Toda aquela conversa de entrares para os sub-20 no verão foi uma peta que tu próprio inventaste.

– Miúdo, é melhor ires-te embora agora – o Hughie Biggs, o nosso número 10, e um grande amigo meu, interrompeu-o com um suspiro. – Pareces a porcaria de um palhaço.

– *Eu?! –* bramiu o Ronan, olhando através da sala para o Hughie. – Ele é que é o cretino que anda por esta cidade como se ela lhe pertencesse, a ter tratamento especial dos professores, e a dar ordens a tudo e a todos. E vocês obedecem-lhe!

– E tu estás a empestar esta sala com a tua inveja – disse o Hughie numa voz preguiçosa e arrastada. – Arruma as tuas coisas, miúdo – acrescentou, passando uma mão pelo seu cabelo loiro, quando se pôs ao meu lado e do Gibs. – Estás a fazer de ti um verdadeiro *eejit*.

– Para de me chamar miúdo! – rugiu o Ronan, a voz a quebrar, enquanto carregava na nossa direção. – Não sou um maldito miúdo!

Nem eu, o Gibsie ou o Hughie nos movemos um centímetro, todos altamente entretidos com a birra dele.

O Ronan era um problema para a equipa desde setembro, desafiando ordens, fazendo-nos diminuir pontuações, com acrobacias estúpidas em campo que quase nos custaram vários jogos.

Esta pequena explosão dele não era a primeira. Era apenas mais uma numa longa lista de acessos de mau humor.

Ele era ridículo e precisava de ser controlado. Se o tio não estava preparado para o fazer, então eu estava.

– Ele é o teu capitão – intrometeu-se o Patrick Feeley, para minha grande surpresa, enquanto ele e vários outros membros da equipa se punham à minha frente, bloqueando a tentativa patética de poder triunfante do McGarry, e mostrando-me o seu apoio. – Mostra um pouco de respeito, McGarry.

Bem, merda.

Sentia-me pessimamente, agora.

Olhei para o Feeley, com os olhos plenos de remorsos pela minha rudeza anterior no campo. O olhar que me lançou assegurou-me que para ele, isso já estava esquecido há muito.

Isso não me fez sentir melhor comigo mesmo.

O McGarry tinha razão numa coisa: eu tinha tratamento preferencial na cidade. Trabalhava que nem um doido no campo de jogo, e era fabulosamente recompensado por isso. Usaria esse estatuto para oferecer uma cerveja ao Feeley, no Biddies, este fim de semana. E ao Gibs e ao Hughie, também.

– Vai para casa, para a mãezinha, Ronan – ordenou o Gibsie, impelindo-o na direção da saída do balneário. – Talvez ela te deixe brincar com os teus *Legos*. – Abrindo a porta com uma mão, o Gibsie empurrou-o para fora com a outra. – Ainda não estás pronto para jogar com os rapazes crescidos.

– Aposto que a Shannon não vai dizer isso – rosnou o Ronan, voltando a entrar na sala. – Ou melhor, ela não vai ser capaz de dizer isso – provocou ele, sarcástico e amargo, os olhos fixos na minha cara – quando a minha pila estiver enterrada na garganta dela.

– Continua a dizer essas coisas dela – disse eu, a ferver, os punhos a formarem bolas cerradas ao longo do meu corpo. – Adoraria uma justificação para te arrancar essa maldita cabeça.

– Sentei-me atrás dela esta manhã, na aula de francês, sabes – picou-me ele, agora com um sorriso arreganhado. – Soubesse eu o que ela escondia debaixo daquela saia, e teria sido muito mais *amigável*. – A pestanejar, acrescentou: – Há sempre o dia de amanhã.

– E é assim, pessoal, que uma pessoa assina a sua própria sentença de morte – disse o Hughie, levantando as mãos, resignado. – Monte de

merda pequeno e estúpido.

Nem uma única pessoa tentou travar-me quando carreguei na direção do Ronan. Ninguém se atreveria. Já tinha tido a minha quota de tretas do dia, e os rapazes sabiam-no.

– Agora, ouve-me bem, meu grande sacana – sibilei, a mão à volta da sua garganta enquanto o arrastava para dentro da sala, fechando a porta a testemunhas com a minha mão livre. – E ouve-me mesmo bem, porque só vou dizer-te isto mais uma vez. – Empurrei o Ronan de encontro à parede de cimento, fiquei parado em frente dele, elevando-me sobre a sua cabeça uns bons quinze centímetros. – Tu não gostas de mim. Percebo isso. Também não gosto particularmente de ti – apertei-lhe a garganta o suficiente para lhe tornar a respiração difícil, mas não o suficiente para lhe cortar a circulação e o matar. Estava a marcar uma posição, não a cometer um crime. – Não tens de gostar de mim, mas como teu capitão, é certo como o inferno que vais respeitar a minha autoridade no campo de jogo.

Com um metro e setenta e oito e dezasseis anos, o Ronan não era de forma alguma pequeno, mas aos dezassete, um metro e noventa e dois, e a crescer, eu era um sacana enorme.

Fora do campo de jogo, raramente usava o meu tamanho para intimidar alguém, mas agora ia fazê-lo.

Estava farto até ao tutano deste miúdo e da sua boca. Ele não tinha ponta de respeito, e caraças, talvez pudesse ter lidado com a sua atitude de merda e a sua agressividade em relação a mim.

Mas não em relação *a ela*.

Não gostava, não conseguia lidar, e não ia tolerar que ele falasse assim *dela*.

Aquele atormentado olhar de vulnerabilidade que vi nela fez-me prosseguir, fazendo-me perder qualquer vestígio de controlo sobre a minha ira.

– Quando digo alguma coisa à minha equipa – acrescentei, já a rugir, a memória dos olhos azuis dela a enevoar-me o juízo –, quando te dou a porra de um aviso para deixares em paz uma rapariga vulnerável, espero que acates o meu maldito aviso. Espero a tua submissão. O que não espero é conversa suja e provocação – um som fraco e asfíxiado saiu da garganta do Ronan, e aliviei o meu aperto,

mas mantive lá a mão. – Estamos entendidos?

– Vai-te foder – disse o Ronan num tom sufocado, arranhado e arquejante. – Não me podes dizer o que fazer – disse, num tom áspero, sem fôlego. – Não és meu pai!

Este merdas.

Estava determinado a desafiar-me, mesmo quando não me podia ganhar.

– Sou teu pai no campo de jogo, cabrão – sorri tenebrosamente e apertei, cortando-lhe o fornecimento de ar. – Não o percebes porque és um pequeno cretino narcisista e convencido. – Apertei com mais força. – Mas eles percebem. – Acenei com uma mão para trás de mim, apontando para a equipa, estavam agora todos de pé, e nenhum interveio. – Cada um deles. Todos o percebem. Todos sabem que me *pertences* – acrescentei, com toda a calma. – Continua a provocar-me, e não importa quem são os teus parentes. Estarás fora desta equipa. Mas aproxima-te daquela rapariga, e nem o próprio Deus terá capacidade para te salvar.

Decidindo que tinha aterrorizado o pequenote o suficiente para marcar a minha posição, libertei-lhe a garganta e recuei um passo.

– Agora... – Cruzei os braços no peito, olhei-o de cima e perguntei: – Estamos entendidos desta vez?

– Sim – cacarejou o Ronan, ainda a encarar-me.

Não me importei.

Podia encarar-me quanto quisesse.

Podia espetar agulhas numa versão minha de vudu e odiar-me para o resto da vida, que não me importaria.

Tudo o que queria dele era a sua submissão.

– Estamos entendidos – cuspiu ele.

– Lindo menino – dei-lhe umas palmadinhas na cara com as minhas mãos, e sorri ironicamente. – Agora, desaparece.

O Ronan continuou a balbuciar as suas desconfianças, mas como estava a fazê-lo de forma inaudível, virei-lhe as costas e dirigi-me aos chuveiros, agora vazios, optando por escaldar a temperatura do meu corpo com água.

– Johnny, posso dar-te uma palavrinha? – pediu o Cormac Ryan, o nosso asa e número 11, seguindo-me para a zona dos chuveiros.

Voltei-me e olhei para ele, os meus dedos a afastarem-se do cóis dos meus calções.

– Não pode esperar? – perguntei, num tom tenso, o maxilar cerrado, o meu olhar a percorrê-lo.

A irritação explodiu dentro de mim ao vê-lo, e sabia demasiado bem sobre o que é que ele queria falar-me. Ou deveria dizer, sobre *quem* ele queria falar-me.

Bella.

A altura de falar tinha sido há meses.

Agora, com a disposição com que estava, as probabilidades de apenas falar, eram escassas.

O Cormac pareceu entendê-lo, porque assentiu e retrocedeu pela porta.

– Claro, não tem problema – respondeu, engolindo com força enquanto recuava. – Eu vou... hmm... ponho a conversa em dia contigo noutra altura.

– Sim – disse eu, inexpressivamente, observando-o a afastar-se. – Faz isso.

A abanar a cabeça, despi-me e saltei para a base do duche.

Rodando a torneira cromada, pus-me debaixo da corrente de água gelada e esperei que aquecesse.

Encostei uma mão contra a parede de azulejos, deixei cair a cabeça e deixei sair um suspiro de frustração.

Não precisava de outra luta no meu currículo.

Manter as mãos limpas nesta época era fundamental, mesmo na liga ranhosa da escola. Seria péssima publicidade andar a bater nos meus próprios colegas de equipa. Mesmo quando os meus dedos se retorciam com a necessidade de fazer isso mesmo.

Os rapazes já tinham há muito regressado às suas aulas quando acabei o duche, deixando-me sozinho no balneário.

Não me incomodei a correr paras aulas, dando prioridade a ir buscar o meu almoço e a tomar um batido de proteína.

Só quando acabei de comer é que reparei na embalagem azul de gelo no cimo do meu saco de equipamento. Havia uma pequena nota encarrapitada no cimo do saco, na qual se lia: *«Arrefece os tomates, Cap.»*

Gibbie do caraças.

Com um abanão de cabeça, afundei-me no banco e peguei na embalagem de gelo. Embrulhando uma *t-shirt* à volta dela, livreimei-me da toalha, e segui exatamente a instrução daquela nota.

Enquanto estava a pôr gelo, levei o meu tempo a avaliar algumas das minhas lesões de longo prazo, sendo a mais preocupante a cicatriz com mau aspeto na minha virilha.

A pele estava quente, com prurido, inchada, e era desagradável como tudo olhar para ela.

Brincar às escondidas com uma lesão era um padecimento comum para um tipo na minha situação, mas depois de dezoito meses de sofrimento devido a lesão crónica na virilha, atirei a toalha ao chão e concordei com a cirurgia em dezembro.

Passar quatro dias no hospital deitado de costas contorcendo-me em agonia e ter apanhado uma infeção tinha sido suficientemente mau, mas as últimas três semanas de reabilitação pós-cirúrgica tinham sido tortura pura.

De acordo com o meu médico, o meu corpo estava a curar-se bem, e ele tinha assinado a autorização para me deixar jogar (sobretudo porque eu tinha mentido com os dentes todos), mas os hematomas e a descoloração nas minhas coxas e à volta da minha *zona* eram dignos de ser observados.

Também estava dorido como tudo ali em baixo. Pila, tomates, virilhas, coxas. Cada bocadinho de mim doía. O maldito tempo todo.

Além dos meus pais e dos meus treinadores, o Gibbie era o único que conhecia os pormenores da minha cirurgia, e daí a embalagem de gelo. Ele tinha sido o meu maior amigo desde que me mudara para Cork. Apesar de ser um *eejit* gigante loiro, com uma propensão para a maldita gestão escolar, e a capacidade de dar comigo em doido com a sua atitude *blasé*, sabia que podia contar com ele para me proteger.

Saber que conseguia guardar as coisas para ele tinha sido a única razão pela qual lhe tinha contado.

Geralmente, guardava este tipo de coisas para mim. Partilhar pormenores de uma lesão era uma jogada perigosa e uma forma infalível de ter essa lesão como alvo das equipas adversárias.

Além disso, era *embaraçoso*.

Eu era uma pessoa confiante por natureza, mas andar por aí com um pénis fora de serviço (sem nenhuma possibilidade de cruzar a meta à vista) significava que a minha autoestima tinha levado uma tarefa. Tinha tido mais gente a tocar-me e a mexer-me na genitália no último mês do que gostava de me lembrar. E não de forma agradável. Levantá-lo depois da operação não foi um problema para mim. Era com a dor excruciante que vinha com a ereção que tinha problemas. Esta pequena informação em particular, tinha-a obtido depois de uma maratona de filmes pornográficos num sábado, que resultou numa viagem embaraçosa às urgências.

Era a noite de St. Stephen, dez dias depois da cirurgia, e tinha estado a chafurdar em autopiedade todo o dia depois de receber inúmeras mensagens dos rapazes a perguntar-me se ia ter com eles ao *pub*, por isso, quando me fui deitar nessa noite, gastei umas massas para me animar.

No minuto em que as mamas da atriz se puseram de fora, a minha pila disparou a pedir atenção. Sentindo um ligeiro desconforto que foi ofuscado pela assunção de que ainda tinha uma pila funcional, acariciei-me a mim próprio, com o cuidado de evitar os pontos na minha virilha.

O problema surgiu quando estava quase a vir-me. A dor abrasadora que disparou pelo meu corpo era tão grande que gritei em agonia antes de vomitar sem cerimónia os meus lençóis todos. Foi uma dor como nunca tinha sentido antes.

A única forma de conseguir descrevê-la é dizer que era como estar a ser pontapeado nos testículos repetidamente, enquanto alguém picava o meu pénis com um ferro em brasa como os que se utilizam para marcar o gado.

Caindo no chão, gatinhei sobre as mãos e sobre os joelhos até ao televisor, com a intenção de enfiar o meu punho no ecrã.

Foi nesse exato momento que a minha mãe irrompeu pelo meu quarto.

Acabou por ter de me ajudar a vestir, furioso e duro como tudo, e depois levou-me a correr para o hospital, onde fui repreendido pela médica de serviço, por interferir comigo próprio.

Não estou a contar tretas, ela usou estas palavras exatas antes de

aprofundar o assunto com um discurso em tom declamatório sobre os perigos da masturbação tão rapidamente a seguir a uma cirurgia como a que eu tinha feito, e as consequências de longo prazo que isso podia ter para o meu pênis... com a *minha mãe* sentada ao meu lado.

Sete horas, uma ronda de análises ao sangue, uma injeção de morfina e um exame testicular mais tarde, fui enviado para casa com uma receita para mais antibióticos e instruções estritas para deixar o meu pênis em paz.

Isso tinha sido há duas semanas, e ainda não tinha voltando a tocar-lhe.

Estava traumatizado.

Sabia que devia estar grato por não ter nenhum nervo permanentemente lesionado na zona, e estarei, quando tudo estiver curado e *funcional* outra vez, mas por agora, era um tipo de-quase-dezoito-anos com um pênis avariado e um ego murcho.

Porra para a ideia do Ronan McGarry de que tudo me era dado de bandeja. Se ele soubesse os sacrifícios que fiz, e os limites a que levei o meu corpo, duvido que se sentisse da mesma forma.

Mas por outro lado, talvez sentisse.

Ele tem uma tal coisa contra mim, que acho que nada o poderá fazer hesitar na sua campanha odeio-o-Johnny.

Não que isso me interesse a ponta de um corno.

Restam-me menos de dois anos nesta escola, e possivelmente mais um ano com a Academia. Depois disso, deixarei Ballylaggin e todos os Ronan McGarrys invejosos para trás.

Esticando as pernas, esfreguei suavemente a área com o gel anti-inflamatório prescrito, mordendo o lábio inferior para me impedir de gritar de dor.

Cerrei os olhos, e obriguei as minhas mãos a moverem-se por cima das minhas coxas, para o exercício que a minha fisioterapeuta me tinha ensinado a fazer depois de cada sessão de treinos.

Depois de ter isto concluído, e confiante de que não ia passar-me com a dor, trabalhei nos meus ombros, cotovelos, e tornozelos, mapeando e acariciando cada dor antiga e cada lesão como o aprendiz obediente que era.

Acreditem ou não, o meu corpo estava em grande forma.

As lesões que sofri por jogar rãguebi nos últimos onze anos, incluindo uma rutura do apêndice e um milhão de ossos partidos, eram minúsculas em comparação com algumas das lesões que alguns dos rapazes da Academia enfrentavam.

O que era bom sinal para mim, tendo em consideração que estava na cúspide de um contrato lucrativo e de uma carreira no rãguebi profissional.

Para o conseguir, tinha de estar quase próximo da perfeição em todos os aspetos da minha vida.

Isso queria dizer um bom desempenho no campo de jogo, manter uma saúde excelente tanto física quanto mentalmente, e manter as minhas mãos (e o meu pénis) limpos.

Proteção era uma coisa impossível de esquecer com a Academia a respirar nos nossos pescoços, a dar-nos sermões sobre como este era um tempo fulcral nas nossas carreiras, e como não podíamos deixar, sob nenhuma circunstância, que uma rapariga nos desse a volta à cabeça, ou nos sobrecarregasse com um bebé.

Tal como ter sexo.

Mais depressa cortaria o meu pénis de funcionamento miserável do que me deixaria cair nessa armadilha. Preservativos e formas de evitar engravidar eram uma necessidade absoluta. Eu andava *sempre* com um, eu usava *sempre* um, e se a rapariga com quem eu estivesse não tomasse a pílula ou tivesse um DIU, ou se não acreditasse que ela estava a ser sincera comigo, saltava *sempre* fora.

Não corria riscos. Não havia exceções.

Não que isso importasse agora, pensei comigo mesmo, ao olhar para baixo para os hematomas.

Além de me manter sem filhos e livre de doenças sexualmente transmissíveis, tinha de manter as minhas marcas.

Para os olheiros e para os potenciais clubes, tinha tudo a ver com a perceção, e eles queriam que essa perceção fosse a perfeição. Queriam os melhores jogadores das melhores escolas e das universidades *top* do país.

Queriam os méritos e as medalhas, tanto no campo de jogos como academicamente.

Era um trabalho cansativo, mas fazia o melhor que podia.

Felizmente, era bom nos estudos. Não adorava, mas era bom. As minhas disciplinas eram todas de matérias *honors*, e tinha tido sempre uma média de A+ ou A- em todas elas, com a exceção de ciências, onde era um relutante aluno de C.

Odiava a porcaria daquela disciplina.

Meu, dava-me calafrios pensar em tabelas periódicas.

Não foi nenhuma surpresa para os meus pais, que quando chegou a altura de escolher as minhas disciplinas para o diploma final este período, eu tenha evitado as três disciplinas de ciências como se fossem a peste.

Não, podiam ficar com as suas biológicas, químicas e físicas para os génios sabichões.

Eu ficaria com a gestão e a contabilidade.

Uma paixão improvável para uma cabeça mergulhada no rânguebi, mas era mesmo a minha praia.

Ia conseguir um diploma universitário em gestão, jogar até bem para lá dos trinta anos, retirar-me do rânguebi antes que o meu corpo desistisse completamente de mim, e depois ia fazer o meu mestrado.

Estão a ver, tenho tudo planeado.

Sem espaço para mudanças. Sem espaço para namoradas.

E sem um maldito espaço para lesões.

As minhas escolhas e a minha rotina apertada chateiam a minha mãe em proporções épicas.

Sei que a minha mãe não gosta do meu estilo de vida, e está sempre a melgar-me. Diz que eu estou *limitado*. Que estou a perder muita coisa na vida.

Implora-me que seja criança.

O problema é que não sou criança desde que tinha dez anos.

Quando o rânguebi tomou conta de mim, deixei tudo para trás, os meus sonhos de infância de jogar rânguebi a transformarem-se numa obsessão orientada, ávida e focada. Passei os últimos sete anos em modo besta 24 horas por dia, sete dias por semana, e tenho uma forma e um tamanho de corpo a prová-lo.

O meu pai facilitou-me mais as coisas.

Apaziguou a minha mãe e persuadiu-a a parar de se preocupar tanto, dizendo-lhe que podia ser pior. Eu podia andar a sair depois da

escola e ficar pedrado, ou ir ao *pub* com os meus amigos e ficar bêbedo.

Em vez de fazer qualquer uma dessas coisas, treino. Passo os dias a estudar, as tardes no campo de jogo, os serões no ginásio, e os fins de semana a rodar entre estas três atividades.

Jesus, não consigo lembrar-me de uma noite em que tenha trocado o ginásio por uma saída à noite com os rapazes, ou para ir saborear um cone de gelado sem me preocupar com o desperdício de calorias ou com o equilíbrio de macronutrientes.

Alimento-me de forma saudável, treino duramente, e sigo todas as ordens, sugestões e pedidos que me sejam feitos pelos meus treinadores e preparadores físicos. Não é um estilo de vida fácil de aguentar, mas é o que escolhi para mim. Confio no meu instinto e persigo os meus sonhos com uma motivação inflexível, consolando-me com o facto de estar quase lá. Até o conseguir, e *vou* conseguir, continuarei a fazer sacrifícios e a manter-me focado, dedicado, e sem me deixar distrair por merdas como dramas adolescentes.

Essa era a razão pela qual me sentia tão irritável.

Uma rapariga, a porra de uma miúda que não conhecia há mais de duas horas, conseguira fazer o que nunca ninguém tinha conseguido: deitar abaixo o meu controlo.

A Shannon *como o rio* estava na minha cabeça, e eu não gostava disso.

Não gostava que ela estivesse a ocupar um tempo valioso na minha cabeça. Tempo que eu não tinha para gastar ou para dar ao que quer que fosse, ou a quem quer que fosse, além do rãguebi.

«*Ela já foi retirada da Ballylaggin Community School por ser atacada verbal e fisicamente. E o que é que acontece no seu primeiro dia em Tommen? Isto!*»

«*Garantiu-me que coisas destas não aconteceriam nesta escola, e veja o que aconteceu no primeiro dia dela!*»

«*Shannon, não sei o que mais possa fazer contigo. Não sei mesmo, querida. Achei que este sítio iria ser diferente para ti.*»

O que raio é que estava a passar-se?! O que é que lhe tinha acontecido?

E porque raios estava assim obcecado com ela?

Mal conhecia a rapariga. Não devia ter importância para mim.

Jesus, precisava de arranjar uma vida.

Passar algum tempo a ver um *reality show* desastroso na televisão, qualquer coisa que me bloqueasse os acontecimentos de hoje e aqueles olhos azuis solitários.

Para me obrigar a *bloqueá-la*, concentrei-me em cuidar das minhas lesões, enquanto pensava em potenciais estratégias e táticas para o jogo na sexta-feira.

Quando estava todo remendado e vestido com o uniforme da escola, verifiquei as horas no meu telefone, e reparei que se me despachasse ainda conseguia ir à minha última aula.

Passei ao de leve por algumas mensagens da Bella, a perguntar-me se estava *melhor*, e a dizer que queria que nos encontrássemos. Enviei-lhe uma resposta rápida a dizer «Ainda fora de ação», e esperei pela resposta.

Chegou quase imediatamente, seguida de mais algumas mensagens.

«Estou a ficar farta desta merda, Johnny.»

«Não gosto de ser ignorada.»

«Toda a gente está a falar de ti, sabes.»

«A dizer que o teu desempenho em campo está a ser uma merda.»

«Andas nos jornais.»

«Dizem que estás a perder o teu toque.»

«Eu também acho.»

«Estás a ser um cretino inútil e costumavas ser um cretino útil.»

«Sei que não há nada de errado contigo.»

«Estás apenas a tentar safar-te de me lebares à gala dos prémios no final do mês.»

«Porque é que nunca me levas a essas coisas?»

«Eu nunca te peço NADA.»

«Se não me comesas a dar valor, sei de uma data de rapazes que darão...»

Expirei profundamente, e li rapidamente cada uma das mensagens. Pois, isto estava a ficar fora de controlo.

Conseguia sentir o nó a apertar-se à volta da garganta.

Digitei uma resposta rápida a dizer «Faz o que quiseres, não sou o teu guarda-costas», antes de desligar o telefone e me dirigir à escola, com uma paragem no gabinete.

– Johnny! – arrulhou Dee, a secretária da escola, quando passei pela porta. – Já de volta? – perguntou, fazendo uma apreciação vagarosa do meu corpo. – O Mr. Twomey não mandou chamar-te, querido.

A nossa secretária escolar era uma mulher baixa, no final da casa dos vinte, com cabelo loiro-peróxido, uma propensão para rapazes novos e uma grande tentação para jogadores de rãguebi.

Os seus olhos azuis estavam delineados com lápis demasiado carregado e uma máscara espessa que combinava com os montes de base que endureciam a sua face e os lábios vermelho-sangue.

Não que não fosse uma mulher atraente. Tinha uma figura simpática e um rabo fantástico. Mas era um exemplo de carneiro velho vestido como um cordeirinho.

Apesar das suas investidas de pantera e de ser flagrantemente inapropriada, eu gostava estranhamente dela. Já me tinha ajudado em mais de uma ocasião ao longo dos anos, inscrevendo-me nas aulas, cobrindo o meu absentismo, enterrando os meus delitos e todo o tipo de porcarias incriminatórias que se refletiriam mal em mim.

No terceiro ano, quando regressei do campo de treino, trouxe uma camisola da seleção irlandesa com as assinaturas da maioria dos membros da equipa, e ofereci-lha.

Foi uma demonstração de última hora do meu apreço, sabendo que ela iria ter imenso trabalho a levar o Conselho de Administração Escolar a dispensar-me de fazer uma oral para a obtenção do diploma júnior a que tinha faltado enquanto estive fora.

Tinha a camisola no meu saco de equipamento, e dei-lha, sentindo que precisava de compensar a mulher pelos seus esforços. Depois disso, passou a ser a minha maior defensora, fazendo-me inúmeros favores, muitas vezes moralmente questionáveis. E eu, em troca, «gamava» bilhetes para os jogos para lhe dar sempre que podia.

Tínhamos um bom arranjinho.

– Estou aqui para te ver, Dee – repliquei, com uma piscadela de olho namoriscadeira. Combatendo a necessidade de me pôr a milhas para fugir da pantera da escola, aproximei-me do balcão que separava o seu gabinete do resto da receção e sorri. – Estava com esperança de que me pudesses ajudar com uma coisa.

– Estou sempre com vontade de ajudar a minha estrela favorita – ronronou. – Com qualquer coisa.

– Muito agradecido – respondi, reprimindo um estremecimento quando ela se inclinou por cima do balcão e passou as suas longuíssimas unhas vermelho-flamejante pelos nós dos meus dedos. – Tens um envelope?

– Um envelope? – as suas sobrancelhas desenhadas levantaram-se com a surpresa. – Oh – balbuciou, parecendo um pouco desamparada.

Atrás da secretária, remexeu por ali, até pôr um envelope castanho liso em cima do balcão.

Tirei a minha carteira, saquei de duas notas de cinquenta euros, e pu-las lá dentro.

– Tens uma esferográfica? – perguntei.

Fazendo um pequeno som, entregou-me uma.

– És uma salva-vidas – disse enquanto rabiscava uma nota no envelope, pondo depois a esferográfica no balcão.

– É tudo?

– Na verdade, não, não é.

Pousei os cotovelos no balcão, segurei o envelope com os dedos, e sorri-lhe.

Aqui vai...

– Estou à procura de informações sobre uma aluna.

Dee franziu o sobrolho.

– Informações sobre uma aluna?

– Pois – assenti, abrindo mais o meu sorriso. – Shannon Lynch.

Quem é que queria enganar com o distrair-me com um *reality show* na televisão?

Eu era um bastardo obsessivo por natureza, com apenas uma ideia na cabeça, que estava atualmente, e só, programada para *ela*.

Eu *tinha* de saber mais. Eu *precisava* de saber mais.

Não era assim tão tapado que achasse que isto não tinha importância. Ou que a minha reação ao McGarry nos balneários não tinha importância.

Tinha importância que ela fosse capaz de me fazer isto. *Tinha importância* que, horas depois, eu ainda estivesse a pensar nela, a interrogar-me sobre ela e, inevitavelmente, a preocupar-me com ela.

Tinha importância que ela tivesse *importância* quando antes disto ninguém tinha tido *importância* para mim.

Raios, agora estava confuso com todas estas *importâncias*.

– Oh, Johnny – A Dee comprimiu os lábios em desaprovação, a testa franzida, e trouxe-me de volta ao presente. – Não sei... O Mr. Twomey deixou bem claro que tu não podias ter qualquer contacto com a Lynch... – a sua voz falhou quando pegou no seu bloco de notas. – Estás a ver? – Bateu com o dedo no bloco rabiscado. – Está aqui escrito, e tudo. A mãe dela estava a exigir que fosses suspenso devido ao incidente de hoje no campo de jogos. Chamou-lhe assédio. Foi precisa muita persuasão da parte do Twomey para que ela não telefonasse à Gardaí...

– Vá lá, Dee – ronronei. Inclinando-me para mais perto dela, cobri-lhe a mão com a minha e sussurrei: – Vá, tudo o que preciso é que me digas o que sabes sobre ela... Ou, melhor ainda, deixa-me ver o ficheiro dela.

– Nem pensar, Johnny. – Mordeu o lábio inferior. – Se alguém descobrisse, o meu emprego estaria em risco...

– Achas que te metia em sarilhos, Dee? – Aliciei-a com um pequeno abanar da minha cabeça. – Pode ser o nosso segredinho. – Deus, eu estava a ser um sacana completo, a brincar com as emoções desta pobre mulher.

Mas queria aquele ficheiro, maldição. Tinha uma curiosidade ardente de saber mais sobre a Shannon. Mais especificamente, o que lhe acontecera na antiga escola.

O que o Mr. Twomey dissera tinha plantado uma semente na minha cabeça, e estava morto por descobrir.

– Lamento, querido, mas desta vez não te posso ajudar – respondeu a Dee, os lábios torcidos. – Preciso deste emprego.

Frustrado, abanei a cabeça e lutei para manter a minha ira sob controlo antes de tentar outra vez:

– Podes, pelo menos, dar-me o número do cacifo dela?

Os olhos da Dee estreitaram-se:

– Para que é que precisas disso?

– Porque preciso – repliquei, o tom um pouco mais duro, agora.

Estava chateado.

Não estava habituado a que me dissessem não.

Quando pedia alguma coisa, geralmente, obtinha-a.

Era uma forma merdosa de ser, mas era assim que a vida me tinha corrido.

– Já te disse – retrucou ela. – O Mr. Twomey disse que tu não te podias aproximar dela...

– É o número do cacifo dela, Dee, não a maldita morada de casa – atirei, com uma irritação crescente. – Quase parece que achas que eu sou um maldito assassino ou coisa parecida... pela forma como estás a agir.

Com um grande suspiro, a Dee assentiu, abatida, e foi até ao armário de arquivos.

– Muito bem.

– Obrigado – repliquei, com um tom pleno de sarcasmo.

– Mas não soubeste isto por mim – resmoneou, remexendo em cada uma das gavetas até encontrar o ficheiro desejado.

– Certo.

– Estou a falar a sério, Johnny. Não preciso deste problema.

– Nem eu.

Folheando o ficheiro aberto, olhou rapidamente para a primeira página antes de o fechar com força.

– Cacifo 461. É na ala do nono ano.

– Fantástico, obrigado por isto – agarrei na esferográfica e rabisquei o número nas costas da minha mão antes de ir em direção à porta. Parei, e voltei-me para perguntar: – Podes, ao menos, dizer-me como é que ela está?

A Dee suspirou.

– A última coisa que ouvi, foi que a mãe a ia levar às urgências para uma TAC.

– Uma TAC? – Franzi a testa, a ansiedade a roer-me as entranhas. – Mas ela está bem, não está? Quando saiu? Estava a andar e isso? Quero dizer, ela vai ficar ótima, certo?

– Sim, Johnny, tenho a certeza de que ela está bem. – Apanhou a esferográfica do balcão e pôs-lhe a tampa. – É apenas uma medida de precaução.

– Verdade?

– Hmm, hmm.

Inseguro, deixei escapar:

– Achas que devia ir... ao hospital, quero dizer? – Encolhi os ombros, e disse: – Devo ir visitá-la? É por minha culpa que está no hospital. Sou responsável.

– Decididamente, não! – exclamou a Dee, o seu tom de voz com um vestígio de autoridade. – Se sabes o que é bom para ti, Johnny Kavanagh, vais manter-te bem afastado da rapariga. – Deu um ronco sonoro e acrescentou, num tom de voz muito mais calmo: – Aqui para nós, a mãe dela quer que se faça sangue contigo. Farias bem em evitar todos os contactos com ela. E, para ser sincera, a rapariga não me parece... – Fez uma pausa, mordendo o lábio inferior por um instante e concluiu: – bem, *estável*.

Franzi as sobrancelhas.

– O que é que queres dizer com ela não ser *estável*?

A Dee roeu a esferográfica, parecendo pouco confortável.

– Dee? – pressionei. – O que é que queres dizer com isso?

– Talvez *estável* não seja a palavra correta – admitiu, em voz baixa.

– Mas há alguma coisa... estranha nela.

– Estranha?

– Perturbante – esclareceu a Dee, e depois corrigiu-se a si mesma. – Perturbada. Ela parece perturbada.

Bem, merda. Podem contar comigo para ir dar direto aos malucos.

– Certo – murmurei, voltando outra vez para a porta. – Obrigado pela atenção.

– Mantém a distância, Johnny – gritou, depois de eu sair. – E fica *longe* do hospital.

Mergulhado em pensamentos, saí da secretaria com o envelope nas mãos.

Deambulei pela ala esquerda do edifício principal, e parei numa fila de cacifos azuis pintados de fresco do lado de fora da zona comum do nono ano. Procurei o cacifo número 461.

Quando encontrei o cacifo de que estava à procura, enfiei o envelope pela pequena ranhura no cimo da porta de metal. Não queria saber se a mãe dela não queria o dinheiro, ela até o podia queimar, tanto se me dava, mas tinha de lhes dar o dinheiro. De lho dar *a ela*.

Reajustei a mochila no ombro, deslizei a minha mão para o bolso e retirei as chaves do meu carro, tomando a decisão de faltar ao resto do dia e esperar no carro pelo Gibbsie.

Além disso, não valia a pena ir agora para a aula.

Não poderia concentrar-me em argumentos de gestão, mesmo que tentasse.

A minha cabeça estava demasiado nublada com palavras de aviso e imagens de uns olhos azuis tristes.

No parque de estacionamento dos alunos, destranquei o carro e despejei as minhas tralhas no assento de trás antes de colapsar lá dentro.

Exausto e dorido, empurrei o assento para trás e ajustei a inclinação para poder esticar as pernas. A ideia de conduzir com a dor a arder pelas minhas coxas acima não era muito apetecível, mas agora não era a minha maior preocupação.

Tínhamos muitos alunos internos em Tommen, que vinham de todo o país e de algumas partes da Europa para estudar.

Eu vivia a meia hora da escola, por isso era um dos alunos externos.

A maioria dos meus amigos também o eram.

Sabia que a Shannon também era de Ballylaggin, mas nunca tinha posto os olhos nela até hoje. Não era uma grande área, mas era suficientemente grande para que os nossos caminhos nunca se tivessem cruzado. Ou talvez tivessem, e eu apenas não me lembrasse dela.

Não era grande coisa com caras. Não olhava para ninguém o tempo suficiente para as gravar na memória. Não que isso me importasse. Já tinha nomes e caras suficientes dos quais precisava de me lembrar. Acrescentar a essa lista nomes desnecessários de estranhos parecia inútil.

Até agora.

Perturbada. Era o que a Dee lhe tinha chamado.

Mas não eram todos os adolescentes quase sempre um bocado lixados e perturbados?

Estava tão consumido pelos meus próprios pensamentos, que não reparei no toque da campainha a anunciar o final das aulas quarenta e

cinco minutos mais tarde, ou na maré de alunos a entrar para os carros que me rodeavam. Foi só quando a porta do lado do passageiro do meu carro se abriu que regresssei ao presente.

– Ei – cumprimentou o Gibsie, afundando-se no banco do passageiro ao meu lado. – Vejo que continuas empenhado em manter no teu carro aquele ambiente de meio sem-abrigo – acrescentou, afastando com um pontapé um monte de porcarias aos seus pés. Olhando à volta, atirou o saco para o banco de trás. – Cheira mal como tudo aqui, pá.

– Podes ter todo o ar fresco que quiseres se fores a pé – resmunguei, esfregando o sono dos meus olhos. Pois, eu estava assim tão cansado.

– Relaxa – replicou Gibsie, e depois abafou um riso quando acrescentou: – Não precisas de ficar tão *testicular*.

– Tens muita piada, idiota – disse eu, impassível. – Agora podes mesmo sair e ir a pé.

– Toma – fez uma pausa para pôr no meu colo uma capa cor de baunilha. – Não podes fazer-me ir a pé depois de te trazer isto.

Olhei para a capa.

– O que é isto?

– Um presente – respondeu o Gibsie, ajustando o espelho retrovisor.

– Trabalhos de casa? – perguntei, inexpressivamente. – Uau. Muito obrigadinho.

– É o «teu» ficheiro da Shannon – corrigiu ele, enrolando as mangas da camisola. – Tenho a certeza de que o teu cu obsessivo andava à procura dele.

Bem, merda.

Uma onda perturbadora de excitação subiu por mim acima, enquanto fixava a capa nas minhas mãos.

O meu melhor amigo conhecia-me demasiado bem.

– Quando não voltaste para a aula depois do treino, percebi que estavas cá fora amuado por causa dela... ou a passares-te dos carretos – Encolheu os ombros e acrescentou: – Ou o que quer que chames ao que estavas a fazer há bocado, no balneário.

– Eu não amuo.

Ele resfolegou.

– Eu não amuo, idiota – repliquei. – Nem me passo dos carretos. Não estava a fazer nenhuma dessas merdas, cretino. Estava apenas...

– A perder a cabeça? – o Gibsie completou a frase com um sorriso lupino. – Não te preocupes. Acontece aos melhores.

– Porque haveria de perder a cabeça? – perguntei, e depois acrescentei rapidamente: – Eu não estava a perder coisa nenhuma.

– Erro meu – O Gibsie levantou as mãos, mas o seu tom de voz garantiu-me que estava longe de estar arrependido. – Devo ter percebido mal. Dá-me o ficheiro dela e devolvo-o.

Tentou pegar na capa e afastei-lhe as mãos.

– O quê... Não!

O Gibsie riu-se, mas não disse mais nada.

O sorriso conhecedor que me fez era resposta suficiente.

– Como é que conseguiste convencer a Dee a entregar-to? – perguntei, mudando de assunto.

– Como é que achas?

Reprimi um estremecimento.

– Jesus.

– Nem tudo é mau. – O Gibsie fez um sorriso sarcástico. – A excitação de poder ser apanhado faz sempre com que tudo seja mais divertido.

Levantei uma mão.

– Não precisava de saber isso.

Ele bufou.

– Tu já sabes isso.

– Pois – suspirei com força. – Bem, não preciso de ser recordado.

– Jesus – resmungou, puxando o colarinho da sua camisa da escola para poder ter uma boa visão do pescoço no pequeno espelho retangular. – Sempre o pescoço.

Pouco satisfeito com aquela visão, torceu o espelho retrovisor para se ver melhor, e gemeu.

Voltando o olhar para mim, o Gibsie disse:

– Vês os sacrifícios que faço por ti?

Os meus olhos aterraram no hematoma púrpura que se formava no seu pescoço.

– É melhor que haja aí alguma coisa que valha a pena ler – resmoneou.

Voltei a minha atenção para a capa, abri a primeira página e fiquei tenso, olhando para ele.

– Leste-o?

– Nope.

– Porque não?

– Porque – replicou, remexendo no seu bolso –, não é nada comigo. – Tirou um maço de cigarros e um isqueiro. – Estou ansioso por um cigarro. – Empurrou a porta e saiu, parando para se inclinar e anunciar: – Os orgasmos fazem-me ter vontade de nicotina. – Fechou a porta e acendeu o cigarro.

A abanar a cabeça, voltei a minha atenção para a capa nas minhas mãos, fascinado com cada pormenor de informação que o ficheiro confidencial da Shannon Lynch revelava. Páginas atrás de páginas de incidentes e relatórios, todos claramente datilografados em papel branco, detalhando cada horrível provação que a rapariga tinha sofrido na escola anterior. E havia *imensos*.

Catorze páginas de incidentes.

Frente e verso.

Algumas páginas à frente, vi que a Shannon tinha escorregado de uma sólida aluna de C no início do sétimo ano, para uns rasantes D's e E's no final do oitavo ano. Anexado aos seus menos-do-que-exemplares resultados dos exames estavam anotações dos seus antigos professores, elogiando a sua natureza gentil e diligente, e a sua ética de trabalho conscienciosa.

Não precisei de uma anotação que explicasse o persistente declínio das suas notas. Percebi-o na primeira página.

Ela era vítima de *bullying*.

Tinham-lhe cortado o rabo de cavalo quando estava no sétimo ano. Quando ela tinha *treze anos*. O castigo por lhe terem feito isso tinha sido uma semana de suspensão. A sério. Uma semana fora da escola por *cortarem* o maldito cabelo de uma rapariga.

Raparigas.

Elas eram tão diabolicamente doentias e retorcidas.

Como é que alguém podia esperar que uma rapariga se

concentrasse numa aula com um ambiente tão volátil, estava para além da minha compreensão.

A sério, o que é que se passava com as pessoas? O que é que se passava com aquela escola e com aqueles professores? E que raio pensavam os pais dela, deixando-a lá durante dois anos?

Quanto mais lia, mais nauseado me sentia...

Incidente em educação física que resultou num nariz a sangrar.

Incidente de vômito na casa de banho.

Incidente em carpintaria com uma pistola de cola.

Questão depois da escola com raparigas do sétimo ano.

Outro incidente de vômito na casa de banho.

Recusa em participar num retiro de camaradagem com dormida fora.

Estavam a gozar?

Muitos, muitos mais incidentes de vômito.

Encaminhada para psicólogo educacional.

Irmão mais velho apresenta quarta queixa sobre bullying. O irmão mais velho devia ter encontrado algumas amigas mais velhas e mandá-las dar um pontapé no rabo daquelas miúdas cruéis.

Graffiti nas paredes da casa de banho.

Violência no pátio da escola, irmão mais velho suspenso. O irmão mais velho devia ter resolvido o assunto com as próprias mãos.

Isolamento relatado por vários professores.

Ataque físico grave por três alunos mais velhos, Gardaí chamada. Não me digas, Sherlock.

Irmão mais velho suspenso de novo por intervir.

Retirada da escola a pedido da mãe. Já era mais do que em tempo de o fazerem.

Registos escolares requisitados pelo diretor do Tommen College.

Horrorizado não chegava para descrever o que sentia quando acabei de ler.

Puto da vida também não servia.

Desgostoso, perturbado e completamente enraivecido parecia uma avaliação mais exata dos meus sentimentos.

Jesus, era como ler um maldito relatório policial sobre uma vítima de violência doméstica.

Não admira que a mãe da Shannon se tivesse passado dos carros

comigo hoje.

Se estivesse no lugar dela, teria feito muito pior.

Cristo, agora estava ainda mais chateado comigo por a ter magoado do que estava antes.

Quem raio é que fazia uma coisa destas?

A sério, que tipo de criaturas é que estavam a criar naquela escola?

– Então? – A voz de Gibsie interrompeu os meus pensamentos quando voltou a entrar no carro, a cheirar como um cinzeiro. – Descobriste o que precisavas?

– Sim – murmurei, entregando-lhe o ficheiro antes de ligar o carro. – Descobri.

Olhou para mim, expetante.

– E..?

Voltei a minha atenção para a estrada.

– E o quê?

– Pareces chateado.

– Estou *ótimo*. – Precisava de fazer alguma coisa, dar um murro na mesa, mergulhar na sala de musculação, qualquer coisa para expelir a tensão que crescia dentro do meu corpo.

– Tens a certeza, pá?

– Sim. – Arranquei do meu lugar de estacionamento, meti a segunda, depois a terceira, ignorando o aviso «Atenção, Travessia de Crianças» numa tentativa de chegar à estrada principal.

Às vezes, fazíamos exercício na minha garagem de casa convertida, mas neste momento, achei que a viagem de trinta minutos até ao ginásio na cidade me poderia fazer algum bem.

Sabia que tinha cruzado uma linha grave ao invadir a privacidade dela desta maneira, mas não estava arrependido.

Maldição, sabia que ela *era* vulnerável.

Aquela sensação que tinha tido antes?

A dor que tinha tido tanta certeza de ver nos seus olhos.

Era verdadeira, estava lá, reconheci-a, e agora podia fazer alguma coisa em relação a isso.

Podia evitar que qualquer coisa deste género voltasse a acontecer.

Não voltaria a acontecer.

Não sob a minha maldita vigilância.

Hormonas em ebulição

SHANNON

Tinha uma concussão moderada que resultou na estadia de uma noite no hospital para observação, seguida do resto da semana fora da escola. Para ser franca, teria preferido ficar todo o tempo no hospital ou voltar imediatamente para a escola, porque a ideia de passar a semana em casa com o meu pai em cima de mim era uma forma especial de tortura que ninguém merecia.

Miraculosamente, consegui sobreviver a essa semana escondendo-me todos os dias durante todo o dia no meu quarto, e evitando de forma geral o meu pai e as suas tumultuosas mudanças de humor, como se fosse a peste.

Quando voltei à escola na semana seguinte, estava à espera de ficar sujeita a uma torrente de troça e de insultos.

A vergonha era uma sensação problemática para mim, e por vezes, fazia com que fosse difícil funcionar.

Passei todo o dia em estado de alto alerta, a transpirar num atordoamento de pânico, à espera de que alguma coisa má acontecesse. Alguma coisa que *nunca* chegou.

Além de alguns olhares curiosos e sorrisos conhecedores da equipa de rãguebi (assim como assim, eles sabiam como eu era em roupa interior), passei geralmente incólume. Não conseguia perceber como é que um acontecimento humilhante como aquele não era falado.

Para mim, não fazia sentido.

Ninguém trouxe o incidente à colação nesse dia. Era como se nunca tivesse acontecido. Sinceramente, se não fosse a dor de cabeça persistente, até duvidaria que alguma vez tivesse acontecido.

Os dias tornaram-se semanas, e o silêncio permaneceu.

Nada me foi alguma vez dito. Nunca voltou a ser falado. Eu não era um alvo.

E eu tinha paz.

Tinha-se passado quase um mês desde o incidente no campo de jogo, e dei por mim a deixar-me instalar numa rotina estável, com a Claire e a Lizzie ao meu lado.

Dei por mim a ansiar ir para a escola. Era a reviravolta mais estranha de sempre. Tendo em consideração o que tinha sido quase toda a minha vida, abominava a escola, mas Tommen tinha-se tornado quase um sítio seguro para estar.

Em vez da habitual sensação de pânico quando descia do autocarro, tudo o que sentia era um alívio imenso.

Alívio por me afastar da minha casa.

Alívio por desligar o radar *bully*.

Alívio por estar afastada do meu pai.

Alívio por poder *respirar* durante sete horas por dia.

Estava habituada a lidar com as coisas sozinha, a estar sozinha, a sentar-me sozinha, a comer sozinha... estão a entender-me. Eu estava sozinha para sempre, por isso, esta última situação em que me vi, ou, se calhar, devia dizer, o último desenvolvimento no meu estatuto social, foi inesperada.

Dizem que há solidariedade em números, e eu acreditava firmemente nisso.

Sentia-me *melhor* quando estava com as minhas amigas.

Talvez fosse uma insegurança adolescente, ou talvez fosse uma consequência do meu passado, mas gostava de não ter de continuar a ir sozinha para a aula, e de ter sempre alguém com quem me sentar, ou a dizer-me que tinha alguma coisa nos dentes.

A amizade delas significava mais para mim do que alguma vez iriam saber, dando-me uma estrutura de apoio de que precisava desesperadamente, e funcionando como amortecedor em tempos de pânico e incerteza.

Na minha antiga escola, eu andava tão stressada e ansiosa durante as aulas, que me deixei ficar muito para trás, e tinha de trabalhar quase sempre pela noite fora para conseguir acompanhar. Sem a ameaça constante de ataque por parte dos meus colegas, estava a acompanhar as aulas sem grande problema, inalando as minhas lições como se fossem *crack*.

Até consegui passar à maioria dos meus exames pré-diploma

júnior, com a exceção de matemática e estudos de gestão. Nenhuma quantidade de estudo parecia ajudar com estas disciplinas. Mas tinha conseguido o meu primeiro A desde o sétimo ano, em ciências, o que me deu algum conforto.

Durante o almoço, sentava-me com as raparigas. Não um «sentar-me» de pena com o meu irmão e os seus amigos, mas um *verdadeiro* grupo de pessoas.

Nunca tinha tido este nível de normalidade antes. Nunca me tinha sentido *segura*.

Mas estava a começar a sentir.

E tinha a sensação de que *ele* tinha alguma coisa que ver com isso.

Johnny Kavanagh.

Quer dizer, tinha de ter, certo? Eu não tinha esse tipo de poder, portanto, sobrava ele.

Não era uma coincidência que todo o acontecimento tivesse sido apagado da cabeça de toda a gente.

Tinha-o visto várias vezes desde esse dia, passado por ele inúmeras vezes nos corredores nos intervalos das aulas e durante a hora de almoço, e apesar de nunca se ter aproximado de mim, sorria-me sempre quando passava.

Para ser franca, estava surpreendida que ele me sorrisse de todo, tendo em conta a reação da minha mãe naquele dia, quando estávamos à porta do gabinete do diretor. Não sabia se me devia desculpar pelo seu comportamento ou não.

A minha mãe tinha exagerado ao ponto de parecer louca a ameaçá-lo, mas a verdade é que o ato do Johnny tinha tido como consequência eu passar uma noite no hospital e uma semana em casa com o meu pai, por isso, decidi-me contra as desculpas. Além disso, tinha deixado passar demasiado tempo.

Aproximar-me dele agora, depois de terem passado quase quatro semanas, seria apenas esquisito.

Através das minhas amigas, e de todos os silêncios murmurados e rumores das raparigas na casa de banho, tinha sabido todo o tipo de pormenores e informações sobre o Johnny Kavanagh.

Ele estava no décimo primeiro ano, uma coisa que eu já sabia. Era originário de Dublin, e mais uma vez, nenhuma surpresa aí. Era

incrivelmente popular... OK, não sabia isso, mas não era preciso ser um génio para o perceber, com ele sempre rodeado de alunos. Era um êxito estrondoso entre o corpo feminino de estudantes... mais uma vez, um cego poderia perceber isso. E contrariamente à sua terrível imprecisão com a bola e a forma flagrante como me tinha magoado, era suposto ser muito bom no rãguebi.

Era o capitão da equipa de rãguebi da escola, e com esse estatuto vinha a popularidade, raparigas, e alguma atração intensa.

Não tinha a menor pista sobre os prós e os contras do rãguebi, já que a nossa família girava à volta da GAA, e queria ainda menos saber dos *rankings* de popularidade na escola, tendo em conta que habitualmente era chutada para o fundo, mas a forma como as raparigas retratavam o Johnny Kavanagh não se parecia *em nada* com a pessoa que eu tinha conhecido naquele dia.

De acordo com as raparigas, ele era agressivo, intenso, e um completo *snob*, com um corpo de morrer e uma atitude horrível. Faziam-no um arrogante, seguidor da cultura do rãguebi obcecado pelo desporto, que jogava com força em campo. A sua praia eram as raparigas muito mais velhas.

OK, era muito possível que ele fosse, de facto, todas estas coisas, mas era difícil encaixar esta informação com a pessoa que eu tinha conhecido. As minhas memórias desse dia ainda estavam nubladas, os acontecimentos que tinham levado ao meu acidente ainda vagos, e os que se lhe seguiram uma trapalhada confusa, mas lembrava-me *dele*.

Lembrava-me da forma como tinha cuidado de mim.

Como tinha ficado comigo até a minha mãe chegar. Da forma como me tinha tocado com as suas grandes mãos sujas e *gentis*. Como me tinha falado como se *quisesse* ouvir o que eu tinha para dizer. E como tinha ouvido as minhas divagações como se fossem *importantes* para ele.

Lembrava-me também das partes embaraçosas. Das partes que me mantinham acordada pela noite com as faces a arder e a mente cheia de imagens desconcertantes e de frases desastrosas.

As partes que eu não queria admitir.

Porém, guardei o envelope que encontrei no meu cacifo na semana em que voltei à escola, com os rabiscos apressados «*Das minhas pessoas*

para as tuas pessoas» na parte da frente.

Tinha dado as duas notas de cinquenta euros à mãe quando voltei da escola, mas tinha escondido o envelope na fronha da minha almofada por segurança.

Não tenho nenhuma explicação para não o ter deitado fora, da mesma forma que não sei explicar porque é que o meu corpo irrompe num suor frio, as minhas mãos ficam pegajosas, o meu coração estremece com rapidez, e o meu estômago se torce em nós, sempre que ponho os olhos em cima dele.

Bem, isto não é tecnicamente verdade.

Há uma razão óbvia e perfeitamente lógica para eu lhe reagir assim.

Ele é *lindo*.

De cada vez que o localizava nos corredores, era como se cada necessidade adiada, sensação e hormonas que tinham estado adormecidas no meu corpo nos últimos quinze anos, tivessem irrompido para a vida.

Estava dolorosamente consciente dele. O meu corpo entrava em modo de alerta total sempre que os nossos braços se roçavam no corredor entre as aulas.

Mas não era o seu aspeto ou a sua enorme estrutura muscular que tinham feito as minhas hormonas teimosas sair da hibernação. Era a maneira como ele *tinha sido* naquele dia.

Na semana passada, durante o intervalo pequeno, quando a Lizzie me apanhou em flagrante a olhar para o Johnny Kavanagh, decidi partilhar toda a informação que tinha.

De acordo com a Lizzie, o Johnny Kavanagh nunca se tinha ligado a nenhuma rapariga em particular, nem assumido como namorado de alguém, embora houvesse a Bella Wilkinson para o contestar. O casal já andava a sair há algum tempo.

A Bella era um par de anos mais velha do que ele, mais experiente, e pelo que a Lizzie me informou, que lhe tinha sido contado pelos rapazes, chupava pilas como um *Dyson*.

Por isso, sim, era uma aposta segura dizer que o Johnny tinha estado na extremidade recetora de um saudável número de broches, e Deus sabe o que mais, por parte dela.

Estava apenas grata por termos um aspirador *Henry* em casa e *não* um *Dyson* extravagante, para não me engasgar com aquela imagem em particular de todas as vezes que aspirava o meu quarto.

Nada disso me surpreendeu, no entanto, o Johnny tinha quase dezoito anos. Eu tinha dois irmãos mais velhos, por isso, estava perfeitamente consciente do que os rapazes daquela faixa etária faziam por detrás das portas fechadas dos seus quartos.

A informação era deprimente, mas era a dose fria de realidade de que precisava para fortalecer a minha decisão e afogar as minhas esperanças.

Era uma terrível infelicidade desenvolver a minha primeira paixoneta por uma pessoa como ele, tendo em conta que apenas tínhamos falado daquela única vez, e que ele estava envolvido com uma boca sugadora do décimo segundo ano.

Não que ele alguma vez estivesse remotamente interessado em mim.

Eu gostava de segurança. No meu mundo, invisibilidade equivalia a segurança. Eu ficava contente de parecer apenas papel de parede e de me confundirem com ele. E o Johnny Kavanagh era o mais oposto de invisível em que conseguia pensar.

Antes dele, nunca tinha estado interessada no sexo oposto. Nunca tinha estado interessada em ninguém. Mas ele?

Dava por mim à procura dele na escola apenas para o poder olhar. Era sinistro e também era perseguição da minha parte, mas, sinceramente, não conseguia evitar.

Confortava-me a mim própria com a certeza de que não tinha intenção de fazer alguma coisa em relação aos meus sentimentos, ou de ficar com a minha primeira e única paixão.

De qualquer modo, estava perfeitamente satisfeita por poder observá-lo das linhas laterais, lançando-lhe espreitadelas e olhares sorrateiros sempre que podia.

Justificava o meu comportamento persecutório recordando-me a mim própria que não era a única rapariga na escola a cobiçar o aprazível Johnny Kavanagh. Não, era apenas uma numa longa lista de muitas, *muitas* raparigas.

Mas ele era tão interessante de observar.

Ele não agia como o resto dos rapazes da escola. Parecia *acima* deles de uma forma estranha. Como se fosse mais velho do que a idade que tinha? Ou aborrecido pela forma mundana da vida na escola?

Era difícil de descrever.

Parecia marcar o seu próprio ritmo. Exsudava confiança e tinha uma atitude «não-me-venham com tretas» que era ridiculamente viciante. Forjara o seu próprio caminho na escola, e como a maioria dos que são naturalmente líderes, todas as outras pessoas se limitavam a segui-lo.

Acho que essa era a chave para a popularidade. É preciso não a *querer*, ou não dar importância ao facto de a ter.

O facto de ser lindo, com um corpo arrancado à perfeição, também não fazia mal à sua causa.

Fazia-me um pouco de inveja, para ser franca.

Não me importava de não ser popular. Era o facto de ser tão fácil para algumas pessoas, enquanto outras, eu incluída neste último grupo, sofriam horrivelmente.

Ele tinha esta vibração *«Sou o melhor. Estão a lidar aqui com o melhor. Não vão encontrar ninguém melhor do que eu. Azar o vosso»* e andava constantemente com aquela expressão «desaparece» na cara.

Era um comportamento de murros no peito típico de alfa masculino, que presumi tivesse muito a ver com as razões que levavam todas as raparigas num raio de quinze quilómetros a gravitar à volta dele.

A verdade é que, sempre que os olhos dele se fixavam nos meus, nunca via nenhum daquele machismo fabricado, ou do seu notório olhar enfurecido.

Era difícil descrever o olhar que recebia, porque geralmente, quando os nossos olhares se prendiam, era porque o Johnny me tinha apanhado a fixá-lo, fosse no refeitório ou fora das salas de aula, e eu baixava rapidamente o olhar, mortificada.

No entanto, nas raras ocasiões em que consegui encher-me de coragem e sustentar o seu olhar, fui recompensada com uma curiosa inclinação de cabeça e um pequeno sorriso retorcido. Não sabia bem o que fazer com aquilo, ou como me sentir.

De uma forma esquisita, sentia-me, tipo, como um daqueles patinhos que se vinculam e deixam marcar pela primeira pessoa que veem logo a seguir a nascerem. Tinha visto um filme sobre isso quando era criança.

Talvez fosse o que estava a acontecer aqui? Talvez eu me tivesse vinculado ao Johnny porque ele era não só a primeira pessoa que eu vira quando me expusera, mas também a primeira pessoa que me tinha mostrado uma amabilidade genuína.

Interrogava-me se isso seria na verdade uma coisa que poderia acontecer com os humanos depois de sofrerem uma concussão moderada, mas depressa afastei essa ideia louca.

Ideias como essa *não* eram normais, e não traziam nenhum benefício.

Além disso, eu não lhe estava vinculada.

Apenas apreciava admirá-lo. De uma distância segura. Quando ele não estava a olhar.

Pois, isso não era saudável e tal.



– Queres vir hoje connosco depois da escola? – perguntou a Claire quarta-feira durante o intervalo grande.

Estávamos sentadas na extremidade de uma das enormíssimas mesas do refeitório luxuoso, com o qual eu ainda estava a aprender a lidar.

Na BCS, tínhamos uma pequena cantina onde as pessoas faziam turnos para se sentarem em pequenas mesas redondas. Aqui na Tommen, era um salão de banquetes, com mesas de sete metros e meio, refeições quentes, e espaço suficiente para sentar a escola inteira.

O refeitório estava a rebentar pelas costuras com os alunos a gritarem e a falarem tão alto que tive de me inclinar por cima da mesa para perguntar:

– Para tua casa?

A Claire assentiu.

– Podemos passar algum tempo juntas, ver uns filmes, ou qualquer

coisa assim?

– Não ias à cidade com a Lizzie ver o Pierce? – inquiri.

Pelo menos, era o que pensava que elas iam fazer hoje depois da escola. A Lizzie só tinha falado disso a manhã inteira.

Aparentemente, ela encontrava-se com um rapaz do décimo primeiro ano chamado Pierce, e eles andavam a acabar e a recomeçar há meses. Pelo que percebi, de momento estavam juntos.

Para ser justa, a Lizzie tinha-me convidado para ir com ela depois das aulas, mas recusara porque a cidade era o último sítio onde queria estar.

A minha antiga escola estava escarrapachada no meio da cidade, e eu tendia a evitar todas as áreas circundantes como se fugisse da peste. Havia demasiadas caras indesejáveis por ali.

– Nãa... A Lizzie está de mau humor – explicou a Claire, perfurando o copo do seu iogurte com uma colher. – Se tivesse de adivinhar, diria que tinham tido outra briga hoje.

Isso explicava a notória ausência da Lizzie ao almoço. Ela era daquelas muito difíceis de entender. Guardava tudo para si, e nunca sabia verdadeiramente o que é que ela estava a pensar ou a sentir, ao contrário da Claire, que era um livro aberto.

Suponho que era por isso que tinha sido sempre mais chegada à Claire enquanto crescíamos.

Eu adorava a Lizzie, claro, e considerava-a uma boa amiga, mas se tivesse de ter uma melhor amiga, então seria a Claire.

– Além disso, não está a apetecer-me ser o pau de cabeloira daqueles dois – acrescentou a Claire, guardando a colher na sua lancheira. – Então, o que é que dizes? A minha mãe apanha-nos e deixa-te em casa quando quiseses ir embora. – Inclinou-se para trás na cadeira e ofuscou-me com um sorriso de *megawatts*. – Ou até podias lá dormir?

O meu estômago deu uma reviravolta.

– Tens a certeza de que a tua mãe não se importa?

– Shannon, claro que não se importa – replicou a Claire, olhando-me de forma estranha. A sorrir, acrescentou: – A mãe está sempre em cima de mim a perguntar-me quando é que lá vais outra vez.

Inundou-me uma sensação de calor.

A Mrs. Biggs era enfermeira na unidade de cuidados intensivos do hospital da cidade de Cork, e era uma das senhoras mais simpáticas que alguma vez conheci.

A Claire era muito parecida com a mãe, com uma natureza doce e um coração amável.

Quando éramos pequenas, e a Claire ou a Lizzie tinham uma festa de aniversário ou uma tarde de brincadeira, a Mrs. Biggs fazia sempre questão de me ir buscar.

Eu até era convidada para as festas de aniversário do irmão mais velho da Claire, e apesar de nunca ter ido a nenhuma, ficava grata pelo convite.

Foram os únicos convites que tive enquanto crescia.

– Adoraria, mas tenho de perguntar aos meus pais – disse-lhe, e depois peguei no telefone e enviei uma mensagem ao meu irmão a pedir-lhe para avaliar o ambiente lá em casa.

– Seria fantástico – encorajou-me a Claire, animadamente. – Há um balde de *Ben & Jerry's* no congelador, e tenho o novo filme dos *Piratas das Caraíbas* em DVD. – Levantando e descendo as sobrelhas, acrescentou: – Johnny e Orlando, que rapariga pode dizer não a uma coisa dessas?

– Não tu – ri-me. A Claire era obcecada pelo Johnny Depp.

Ele era a fotografia no seu telefone, e a sua cara estava plasmada por todas as paredes do seu quarto.

– Amo-o – anunciou, com um suspiro sonhador. – Amo mesmo. É um amor verdadeiro, intenso, e um dia ele há de vir à Irlanda, ver-me, e retribuir instantaneamente os meus sentimentos. E depois fugimos os dois juntos e criamos uns adoráveis bebés piratas híbridos.

– Isso parece um plano. – Abafei o riso. – Mas sabes que ele não é um pirata verdadeiro, não sabes?

– Shhh. – Riu-se a Claire. – Não me tires isso. Deixa-me desfrutar da visão.

O telefone vibrou-me na mão com uma mensagem do Joey.

«*Má ideia, Shan. Ele está em modo de guerra.*»

Abatida, enfiei o telefone de volta no bolso e suspirei pesadamente.

– Não posso ir.

– O teu pai? – perguntou ela, tristemente.

Assenti.

A Claire pareceu tão desapontada como eu, mas não pressionou.

Lá no fundo, acho que ela *sabia*. Eu nunca verbalizei, e ela nunca pressionou. Era por isso que a adorava.

– Fica para outra altura, então. – A Claire fez-me um enorme sorriso, que quase disfarçou a preocupação nos seus olhos castanhos.

Quase.

– Planeamos as coisas melhor da próxima vez, digo-te quando – prosseguiu rapidamente, pondo o seu cabelo loiro atrás das orelhas. – Mas a nossa sessão do Johnny e do Orlando vai mesmo acontecer.

– Como é que isso vai, Ursinha Claire? – perguntou uma voz masculina profunda, sobressaltando-nos às duas.

– Oh, olá, Gerard – cumprimentou a Claire num tom desprendido, ao mesmo tempo que olhava para o rapaz loiro enormíssimo que estava de pé na extremidade da nossa mesa. – Como é que estás?

– Melhor, agora que estou a falar contigo – ronronou ele, aproximando-se e apoiando o rabo na mesa, virando-me as costas larguíssimas com a atenção fixa na minha amiga. – Estás tão bonita como sempre.

O olhar da Claire saltou da cara dele para a minha, e lançou-me um olhar esbugalhado de «mas que merda é esta?», recuperando rapidamente a compostura das suas feições, e dizendo:

– Não te ouvi a dizer essa mesma frase à Megan Crean na sexta-feira?

Engoli uma gargalhada enquanto observava a minha amiga a jogar a cartada da indiferença como uma profissional, embora estivesse nitidamente apanhada por este rapaz.

Ele era alto e bronzeado, com um cabelo loiro-sujo desgrenhado, e obviamente a esconder alguns músculos bem definidos debaixo do seu uniforme escolar.

Não a podia criticar por se sentir afetada por um rapaz com aquela aparência. Aconteceria com a maioria das raparigas.

Apenas não com *esta* rapariga.

– Estás com ciúmes? – provocou o Gerard, num tom altamente namoriscadeiro. – Sabes que és a minha número um.

– Poupa-me. – Imitou um engasganço.

– Ouvi dizer que vais a Donegal com a equipa – disse ele. – A tua turma recebeu luz verde, não foi?

– Sim, a nossa turma foi escolhida para ir – respondeu a Claire alegremente. – Mas a minha mãe não assinou a autorização para eu ir. Nem a minha.

O Tommen College tinha um jogo fora contra uma escola secundária com rãguebi em Donegal no mês seguinte, a seguir às férias da Páscoa. Era um jogo importante para a equipa, a final da taça de uma liga ou qualquer coisa assim, e a minha turma, juntamente com outra turma do décimo segundo ano, tinha sido selecionada por sorteio para ir ao jogo.

Como o jogo ia ter lugar na primeira sexta-feira depois do regresso às aulas a seguir às férias da Páscoa, o autocarro da escola partia de Tommen às 22h45 da noite de quinta-feira, para evitar o trânsito e fazer algumas paragens, já que Donegal, a norte, ficava a uma viagem de pelo menos oito horas de autocarro de Cork.

De acordo com a Lizzie, a Associação de Pais de Tommen era uma cambada de forretas, e só tinha disponibilizado fundos para alojamentos durante uma noite nessa viagem. Dormiríamos no autocarro na noite de quinta-feira, ficaríamos no hotel na sexta-feira à noite, e regressaríamos a Cork no sábado.

A Lizzie estava absolutamente desgostosa com a ideia de ter de dormir no autocarro porque os responsáveis da escola estavam a ser sovinas, e não tinham disponibilizado fundos para mais uma noite no hotel. Pessoalmente, não percebia qual era o problema.

Era uma viagem com tudo pago, financiada pela escola, e um dia em que estávamos autorizados a estar fora da escola.

Para além do facto de se ter de fazer uma viagem de autocarro em que a maioria dos passageiros seriam rapazes adolescentes atestados de testosterona, só havia vantagens.

Claro, essa parte aterrorizava-me até ao âmago, mas estava a aprender a gerir a minha ansiedade, recusando permitir que as minhas experiências passadas arruinassem a oportunidade de fazer uma muito necessária *pausa*. Estava mesmo a esforçar-me para pôr as coisas em perspetiva, parar um instante, e ler as situações e os cenários com clareza e pensamento racional em vez da paranoia induzida pelo

terror que parecia controlar-me.

Independentemente do meu entusiasmo pela perspectiva de me afastar de Ballylaggin por um par de noites, não tinha muita esperança de poder ir. Como era uma viagem com uma noite fora, a escola requeria autorizações assinadas pelos nossos pais.

Tinha dado na semana passada à minha mãe os formulários que precisavam de ser assinados para poder ir. Até hoje de manhã, permaneciam por assinar em cima do cesto do pão lá em casa.

– Ah, a tua mamã vai deixar-te ir – provocou o deus loiro, despenteando o cabelo da Claire. – De certeza que o irmão mais velho estará lá para te manter debaixo de olho. E a mim, claro. – Ele inclinou-se mais e pôs um fio de cabelo atrás da orelha dela. – Jogo sempre melhor quando tu estás a ver.

Agora, dei mesmo uma gargalhada com o ridículo total daquela sedução foleira. Sabia alguma coisa de desporto, e ainda estava para conhecer um tipo que jogasse melhor por causa de uma rapariga. No entanto, quando tentei reprimir a minha gargalhada, acabou por sair como um ronco.

Tapando a boca com a mão, olhei para a expressão horrorizada da Claire, e soprei «*desculpa*» por entre os meus dedos.

Como se só agora reparasse que eu estava presente, o tipo loiro virou-se, provavelmente para descobrir o culpado do ronco. O seu olhar pousou na minha cara, e nos seus surpreendentes olhos cinzentoprateados tremeluziu um reconhecimento imediato.

– Ei! Pequena Shannon! – exclamou, sorrindo calorosamente. – Como é que vai isso?

– Hã... Bem – respondi, com a voz abafada, enquanto olhava para ele e me interrogava como raio é que ele sabia o meu nome. Olhei para a Claire, que encolheu os ombros e me lançou um olhar que me disse que estava tão confusa como eu.

– Não sabia que eras amiga da Shannon – disse ele, voltando a sua atenção de novo para a Claire. – Essa informação teria sido útil.

– Hã... Não sabia que *tu* eras amigo da Shannon – replicou ela, inexpressivamente. – É útil para quê?

– Não sou – ele abanou a cabeça. – E não tem importância.

Voltou-se para mim, e sorriu de novo.

– Sou o Gerard Gibson – apresentou-se. – Mas toda a gente me chama Gibsie.

– Eu não – informou a Claire animadamente.

O Gibsie riu-se.

– OK, toda a gente menos ela me chama Gibsie. – Apontou um polegar para a minha amiga, oferecendo-lhe um sorriso indulgente antes de a sua atenção regressar a mim. – Ela gosta de ser esquisita.

– Não, Gerard, gosto de me dirigir às pessoas pelo seu nome próprio – corrigiu a Claire, com um ar de desaprovação. Voltou-se para mim e começou a explicar. – Aqui o Gerard é amigo do meu irmão, Hugh. Lembras-te do Hughie, não lembras, Shan?

Assenti, lembrando-me nitidamente do lindíssimo irmão mais velho da Claire.

Com cabelo loiro-claro e olhos castanhos, o Hugh Biggs era o equivalente masculino da irmã, exceto nos abdominais, feições másculas e as partes óbvias de um rapaz. O Hugh não tinha frequentado a mesma escola do ensino básico do que nós, mas tinha sido sempre amigável comigo quando ia a casa deles. Era um dos poucos rapazes, além de Joey, com quem não me sentia nervosa. O Hughie sempre me deixou em paz, e estava-lhe grata por isso.

– Bem, eles estiveram sempre na mesma turma desde o jardim de infância, e este monstro aqui – fez uma pausa para dar um ligeiro empurrão ao Gibsie e continuar: – tem sido um acessório permanente na minha cozinha durante quase toda a minha vida. Ele mora do outro lado da rua – acrescentou. – Infelizmente.

– Vá lá, Ursinha Claire – provocou ele. – Isso é maneira de falar com o tipo que te deu o teu primeiro beijo?

– Isso foi em consequência de um infeliz jogo de girar a garrafa – replicou ela, as faces a ficarem rosadas enquanto olhava para ele. – E já te disse um milhão de vezes para deixares de me chamar isso.

– É tudo espetáculo – informou-me o Gibsie com um enorme sorriso. – Ela gosta de mim de verdade.

– Na verdade, não gosto – retrucou a Claire, agora nervosa. – Tolero-o, porque leva bolachas lá para casa. – Virou-se para mim, e explicou: – A mãe do Gerard tem uma padaria na cidade. Os bolos dela são deliciosos, para lá da loucura.

– Gibs! Anda lá, rapaz. A equipa está à tua espera – chamou alguém do outro lado do refeitório, fazendo com que nos voltássemos os três.

O meu coração parou por um breve instante antes de dar um salto mortal no meu peito quando os meus olhos aterraram no Johnny Kavanagh, de pé na arcada da porta do refeitório, a gesticular selvaticamente com a mão no ar e uma expressão ameaçadora gravada no rosto.

– Cinco minutos – pediu o Gibsie.

– O treinador quer-nos agora – disse o Johnny num tom pouco amistoso, com aquele sotaque de Dublin que eu aprendera a identificar. – Não daqui a cinco malditos minutos – acrescentou, sem se importar nada com quem poderia estar a ouvi-lo.

Era bastante claro que não se importava se as pessoas estavam a olhar para ele, ou não.

Ignorando-o, o Gibsie levantou dois dedos no ar e virou a sua atenção de novo para a Claire.

Começou a falar com ela num tom bastante baixo e sussurrado, mas não apanhei nada do que diziam.

Toda a minha atenção estava no par de olhos azuis fixos em mim.

Geralmente, quando ele me apanhava a olhá-lo, eu afastava o olhar ou fazia biquinho de pato, mas desta vez não pude.

Sentia-me apanhada.

Total e completamente apanhada pelo seu olhar.

Johnny inclinou a cabeça para um lado, olhando-me com uma expressão curiosa, a irritação que anteriormente estava nos seus olhos substituída por qualquer coisa que não consegui bem decifrar.

O coração martelou-me violentamente no peito.

E então, ele abanou a cabeça e afastou o olhar, a sua atenção a passar para o relógio que tinha no pulso esquerdo, quebrando o estranho transe.

Suspirei profundamente, afastei o olhar dele, virei-me para a frente e deixei o meu cabelo cair de forma a ocultar as minhas faces ardentes.

– Espero ver pompons e a frase «I love Gibsie» em letras néon no teu peito na próxima semana na final da School Boy Schield. – Foi

tudo o que consegui ouvir do que o Gibsie estava a dizer, antes de nos acenar e se afastar a correr.

– Peço desculpa por ele – disse a Claire, o olhar a alternar entre a minha cara e o que estava atrás de mim. As suas faces estavam coradas, os olhos a pestanejar. Tirou um borboto imaginário da camisola do uniforme e acrescentou: – Ele é um bocado estranho.

– Ele gosta imenso de ti – constatei, agradecida por poder distrair-me dos meus pensamentos.

– O Gerard gosta de toda a gente – replicou, com um grande suspiro. – Bem, de toda a gente com uma vagina.

– Não sei, Claire. Ele parecia gostar mesmo de ti – comecei a dizer, mas ela depressa me interrompeu.

– Bem, não sei, Shan – disse, as faces ainda coradas. – Ele é um jogador. Total e completamente um jogador. Monta qualquer coisa com uma saia – acrescentou. – Todos eles o fazem.

– Todos?

– Os rapazes da equipa de rãguebi – explicou. – Com a exceção do Hugh. E talvez do Patrick.

Esfreguei o nariz.

– Oh.

– Pois, OK – replicou a Claire, com uma careta. – E a única razão pela qual o Gerard se comporta assim comigo é porque sou a irmãzinha do Hughie e sabe que não me pode ter – acrescentou. – Para ele, é um jogo de namorisco que não levará a nada.

– E para ti? – perguntei, num tom gentil. – Também é assim para ti?

A Claire mordeu o lábio inferior por vários segundos e sussurrou:

– Tortura.

Era toda a clarificação de que precisava para confirmar as minhas suspeitas.

A Claire gostava do Gerard, ou Gibsie, ou fosse lá o nome que fosse.

Naquele momento, dado o recente aparecimento de hormonas a pôr em polvorosa o meu sistema reprodutivo, devido à injeção do Johnny Kavanagh na minha vida, podia identificar-me com a minha amiga da forma mais primordial.

– Rapazes com olhos bonitos e grandes músculos põem a vida das raparigas de pernas para o ar – resmungou a Claire.

– Sim – concordei debilmente. – Não há dúvida que põem.

– E olha para nós – riu-se a Claire, sem reservas. – As duas a gostar da pior coisa para nós.

– *Eu?! –* Abanei a cabeça, e entrei em modo negação. – Não gosto de ninguém.

– Pois, certo – zombou a Claire. – Nem sequer tentes fingir, Miss Corada. Vi a forma como o olhavas.

– Claire – abanei a cabeça, e suspirei. – Estás a imaginar coisas.

– Oh, olha – arquejou, a apontar para trás de mim. – O Johnny está a vir para aqui.

– O-o q-quê? – Alarmada, voltei-me, para descobrir que ela estava a mentir.

– Ah! – A Claire deu uma risadinha. – Eu sabia.

– Não tem graça – balbuciei, batendo ao de leve nas minhas faces a arder.

– Não te preocupes, Shan – respondeu, com um sorriso sabedor. – O teu segredo está a salvo comigo.

Azul noite

JOHNNY

A Shannon Lynch tinha uns olhos cor do azul da noite que não me saíam da cabeça. Pelo menos, foi a comparação que consegui encontrar nas inúmeras pesquisas que tinha feito na internet.

As pesquisas de tabelas de cores na internet eram confusas, mas não eram de longe tão desconcertantes como as que o meu cérebro marado fazia, como um disco riscado, parecendo estar preso no botão da repetição.

Faixa de música escolhida pelo meu cérebro: Shannon *como o rio*, com uns olhos azuis encantadores, rosto de anjo, e um passado conturbado.

Depois de ler o ficheiro, levei vários dias a digerir o conteúdo, e ainda mais uns quantos até encontrar a contenção de que precisava para *não* ir até à BCS e bater nos *bullies*.

Durante toda aquela semana a seguir às férias de Natal, preocupei-me com a rapariga, esperando ver se amanhã seria o dia em que ela regressava à escola. Os meus níveis de ansiedade dispararam pelo telhado quando chegou a sexta-feira e ela não tinha voltado.

Incomodava-me tanto que fui ao gabinete do Mr. Twomey para saber o que se passava. Foi lá que fiquei a saber que, de facto, lhe tinha causado uma concussão que não merecera, e que ela ficaria em casa, de cama, durante o resto da semana.

Quando a Shannon regressou à escola na segunda-feira seguinte, fui imediatamente chamado ao gabinete, onde fui recebido pelo Mr. Towmey, pela Mrs. Nyhan, a responsável pelos nonos anos, e pelo Mr. Crowley, o diretor do meu ano, e pela incubadora humana que era a Mrs. Lynch.

Lá, foi-me explicado que, apesar de saberem que o meu ato no campo de jogo fora accidental, seria melhor manter a distância da Shannon para evitar incidentes futuros.

Também me foi entregue pela mãe dela um saco de plástico com a minha camisola lá dentro, juntamente com uma desculpa balbuciada por me ter empurrado no corredor, naquele dia (obviamente, a tentar safar o seu traseiro por ter posto as mãos num aluno) e outro aviso sério para me manter ao largo da filha.

Furioso por ter sido encurralado numa intervenção lixada e desnecessária (já para não falar de ter sido tratado como um vilão apesar de tudo não ter passado de um erro), respondi com um afiado:

– Não há nenhum problema. – Antes de pegar na minha camisola e voltar para as aulas com toda a intenção de fazer exatamente aquilo.

Não precisava daquele tipo de problema na minha vida.

Não precisava da ameaça de uma suspensão a pairar sobre a minha cabeça. Atrapalhava os meus planos, e nenhuma rapariga valia o facto de pôr o meu futuro em risco.

Ao seguir as regras, mais para meu próprio bem do que do dela, ficava afastado de problemas.

Não falei com ela, e não me aproximei quando a vi entre as mudanças de sala de aula ou no refeitório no intervalo do almoço.

Mantive o meu rabo bem afastado daquela rapariga e das complicações que pareciam persegui-la.

Mas chateado como estava, ainda assim mantive um olho nela nos corredores.

Chamem a isto ser demasiado protetor de uma miúda vulnerável, ou chamem-lhe outra coisa qualquer, mas mantive os ouvidos atentos no que se referia à Shannon Lynch e afastei qualquer porcaria que pudesse vir a ser um problema, certificando-me de que ela teria uma transição suave em Tommen.

No entanto, passados alguns dias, ficou rapidamente claro que ela não precisava de qualquer proteção.

Gostavam da Shannon, em Tommen. Os professores gostavam dela. Os alunos gostavam dela. E *eu*, merda, gostava dela.

Esse era o problema.

Além disso, ela tinha os seus próprios guarda-costas sob a forma de duas loiras que pareciam estar sempre a flanqueá-la para onde quer que ela fosse.

Reconheci a mais protetora das duas raparigas como a irmã do

Hughie Biggs, o médio de abertura da nossa equipa, e um dos meus amigos mais chegados. A outra loira era a namorada acaba-e-recomeça do Pierce O'Neill, outro dos meus colegas de equipa.

Não conseguia lembrar-me do nome da namorada do Pierce, só me lembrava como podia ser perversa com a língua, e que qualquer rapaz no seu perfeito juízo devia mantê-la a uma boa distância.

Mergulhei na minha rotina, e tentei ignorar e esquecer a Shannon, optando por me concentrar no jogo e evitar as distrações à minha volta (sendo as passarinhas o tipo mais perigoso de distração).

Eu tentei mesmo como a porra.

Mas então um dos rapazes trazia-a à conversa, ou ela passava por mim num corredor da escola, e eu voltava à estaca zero. Não conseguia perceber porquê, e tentava não pensar demasiado nisso. Mas isso não impedia que viesse à baila em todas as conversas em que participei desde que ela chegara a Tommen.

Os rapazes eram pilas, e a idade não significava nada para a maioria deles.

Demasiados *eejits* malditos do meu ano andavam a falar dela, a pensar nela, e a maquinar sobre ela, e isso punha-me doido como o carações.

Na semana anterior, por exemplo, tinha mesmo dado voz às minhas frustrações, dizendo a uma mesa chocada de colegas para terem juízo. Ela só tinha quinze anos. Não se ralavam com o facto de só estar no nono ano, e irritava-me que isso tivesse importância para mim, quando, na verdade, não devia ter. Muita gente do nono ano namorava com gente do décimo, décimo primeiro e, caramba, até com alguns do décimo segundo ano.

Não eu.

Nunca eu.

Ao contrário do resto dos rapazes que não tinham nenhum problema em andar por aí a foder raparigas mais novas, eu tinha plena consciência das implicações que daí poderiam advir. Tinha mais do que a minha quota-parte de sermões de treinadores e ex-profissionais sobre as repercussões catastróficas de se foder com a rapariga errada.

E apesar de não estar particularmente orgulhoso do meu

comportamento em relação às raparigas ao longo dos anos, traçara uma linha de fronteira: nenhuma mais nova do que eu.

Sei que isso fazia de mim um hipócrita, tendo em consideração que estava mais do que disposto a ir com raparigas mais velhas, mas tinha de me manter seguro, raios. Tinha um sonho e uma visão clara do que precisava de fazer para o cumprir. Confusões com raparigas mais novas eram perigosas.

E era por isso que esta miúda em particular estava a chatear-me tanto.

No instante em que lhe pus os olhos em cima, alguma coisa me atingiu com força no peito. Alguma coisa desconcertante e que não me era familiar.

Tinha passado mais de um mês e ainda estava perturbado.

Estávamos em fevereiro, e *ainda* estava silenciosamente obcecado com a Shannon *como o rio*.

Não gostava disso, e gostava ainda menos dela por ser a única causa da minha incerteza. Não fazia sentido.

Ela era um minúsculo esboço de rapariga, toda membros e ossos. Não tinha curvas, e duvidava de que ela usasse sequer um sutiã, para ser franco.

Veem?

Demasiado nova.

Demasiado *nova* como a porra.

Mas isso não me impedia de a procurar na multidão. E não me impedia de a olhar quando a encontrava.

Quanto mais tentava bloqueá-la, mais a procurava. Até a procurava entre a porcaria de todas as mudanças de sala de aula.

Às vezes, descobria-a a retribuir o olhar.

Ela lançava-me sempre aquele olhar «ofuscado pelos holofotes», antes de fazer biquinho de pato.

Eu não sabia o que pensar acerca disto. Mas assumia totalmente que estava a ter uma reação irracional à rapariga. Não era *normal*.

O problema era que parecia não conseguir ter mão em mim. Não era capaz de desligar o meu cérebro.

A Bella era outro problema. Estava farta daquilo a que chamou «fazer figura de parva», e enviara-me uma mensagem há algumas

semanas a terminar com a nossa *não-relação*.

Sei que deveria ter sentido alguma coisa em relação a isso (tinha dormido com a rapariga durante quase oito meses), mas sentia-me como se estivesse vazio. Não havia nenhuma ligação ali, e estava cansado de me sentir usado.

Não era como se nos encontrássemos para conversar, ou para ir ao cinema, ou alguma coisa parecida.

Ela não queria isso de mim.

Nem mesmo quando eu oferecia.

Claro, não havia sentimentos envolvidos, e nunca estive interessado em ter uma relação com ela, mas depois de ter passado seis ou oito meses com a minha pila dentro dela, não me opunha a oferecer-lhe um jantar ou a levá-la a ver um maldito filme.

Tinha-me oferecido em muitas ocasiões, e ela declinara todas.

Porque nada disso era suficientemente *público*. Porque a Bella só me queria quando eu estava à vista de toda a gente, no *pub* ou na escola, onde podia exibir-me a todas as suas amigas como se eu fosse a porra de um touro premiado.

A Bella tinha-me informado via mensagem que se mudara para o Cormac Ryan, do décimo segundo ano. Eu já suspeitava que se passava alguma entre os dois há algum tempo porque ele andava taciturno como tudo ao pé de mim.

O Cormac fora chamado pela Academia durante o verão. Tinha estado nalgumas sessões com os juvenis, e tinha competido em várias fases de testes. Até agora, não fora bem-sucedido em assegurar um contrato para uma posição permanente, e não era um tipo que me tirasse o fôlego.

Isto não era eu a ser um idiota rancoroso.

Era eu a constatar factos.

Ele era um asa razoável, mas precisava mesmo de tirar um coelho da cartola se queria passar a ser um trunfo do clube.

Se conseguisse, que bom para ele.

Se não conseguisse, isso não me importava uma porra.

O Cormac estava no ano acima do meu, por isso nunca tínhamos sido amigos, *per se*, mas tendo jogado na mesma equipa nos últimos cinco anos, esperava um bocadinho mais de lealdade.

E se a Bella estava a tentar provocar-me fodendo o meu colega de equipa, ia ficar amargamente desiludida porque nunca lhe daria essa satisfação.

Magoou?

Sim.

Senti-me traído?

Claro.

Queria isso dizer que a queria de volta?

Foda-se, claro que não.

Porque eu não conseguia suportar mentirosos, e isso é o que ela era.

Também não lido bem com joguinhos mentais, o que era exatamente o que estava a tentar fazer comigo.

Acabar comigo, sair com o meu companheiro de equipa, e depois voltar atrás e inundar a minha caixa de mensagens dizendo-me que me queria de volta, era um excelente exemplo dos jogos que as raparigas gostavam de fazer comigo.

O que ela não conseguiu perceber, foi que não importava quantos jogos tentava ela jogar, ou quantas vezes prometia levar-me ao céu.

Não havia volta.

Não para mim.

Talvez estivesse morto por dentro, como a Bella tinha sugerido nas milhentas mensagens que me tinha enviado depois de eu ter recusado as suas ofertas para resolvermos as coisas.

Mas não me parecia.

Eu *tinha* sentimentos. Eu preocupava-me com as coisas.

Só não me preocupava com mentirosas.



– Tenho uma confissão a fazer – anunciou o Gibsie durante o treino de quarta-feira.

Estávamos na nossa vigésima nona das trinta voltas obrigatórias ao campo de jogo, e ele estava a começar a perder o ritmo.

Na verdade, *eu* estava na minha vigésima nona volta. O resto da equipa estava na décima quarta.

O *Gibbie* estava na sua oitava volta, e começara a murchar na quarta. Agora parecia um rapaz a sair de um clube noturno às três da manhã com uma barriga cheia de *Jaggerbombs*. Ele, tal como o resto da equipa, precisava de se pôr em forma porque tínhamos a School Boy Shield para disputar na semana seguinte, e não tinha a menor intenção de me arruinar se o resto da equipa não estivesse empenhada na causa.

Estes merdas tinham dez dias para se pôr em forma.

– Estás a ouvir? – resfolegou o *Gibbie* sem fôlego, agarrando o meu ombro na esperança de que eu puxasse o seu rabo preguiçoso. – Porque é sério.

– Estou a ouvir – respondi-lhe, inspirando uma golfada de ar e expelindo-a lentamente. – Confessa lá.

– Tenho uma vontade doida de te dar um pontapé nos tomates. – O *Gibbie* deixou sair uma respiração áspera e concluiu com: – E acabar com o que restou aí em baixo.

– Que merda...? – sacudindo a sua mão do meu ombro pela enésima vez, trocámos de posição, passando eu para trás, de forma a poder olhar para o sacana. – *Porquê?*

– Porque és uma abominação da natureza, Kav – arquejou, arrastando-se ao meu lado. – Não há a porra de uma forma de alguém na tua posição – apontou para mim com um dedo e descaiu para a frente, pressionando os dedos na nuca –, com uma pila avariada, conseguir correr tanto tempo sem cair morto. – Gemendo, acrescentou: – A minha está em perfeita ordem e está a gritar do esforço como o caraças, Johnny! *A gritar!* E os meus tomates hibernaram de regresso à sua posição pré-puberdade.

– A minha pila não está avariada, idiota – rosnei, olhando à volta para ver se alguém tinha ouvido.

Felizmente, o resto da equipa estava do outro lado do campo.

– Quero uma fotografia da tua – arquejou ele. – Para poder mostrar ao treinador e fingir que é a minha. Ele nunca mais me obrigará a correr.

– Continua com essa conversa e não precisarás de uma fotografia para mostrar ao treinador – repliquei. – Corto-ta e, em vez disso, podes entregar-lha.

Gibbie fez uma careta.

– Ainda é demasiado cedo para fazer piadas?

Acenei rigidamente com a cabeça, e depois girei em torno de mim próprio, retomando o ritmo anterior, à medida que me aproximava da última linha.

– Desculpa, pá – arquejou, descaindo para uma corrida claudicante ao meu lado. – É só que não é natural correres com essa velocidade quando estás lesionado.

– Achas, sinceramente, que é fácil para mim? – perguntei, irritado.

Se achava, então era a porra de um idiota. Eu tinha «velocidade» porque passara a maior parte da minha infância e todos os meus anos da adolescência a trabalhar o meu corpo. Enquanto o Gibbie e os rapazes andavam a brincar ao toca-às-campainhas-e-foge e a girar o raio da garrafa, eu estava num campo de jogo. Enquanto eles perseguiam raparigas, eu perseguia ganhos.

O rãguebi era a minha vida.

Era *tudo* o que eu tinha.

Mas o ritmo laborioso que conseguia manter hoje estava tão longe dos meus padrões habituais, que era patético. Estava lento, e a única razão pela qual não se reparava nisso, era porque estávamos num nível escolar. Se me arrastasse assim pela Academia, onde tinha jogado com os melhores jogadores do país, seria automaticamente desconvocado.

O meu corpo estava a arder, e só me movimentava por pura força de vontade.

Tudo me doía ao ponto de ter de respirar pelo nariz para me impedir de vomitar. Pagaria este esforço com uma noite sem dormir a contorcer-me em agonia, meia dúzia de analgésicos, e um banho escaldante com sais de Epsom.

Mas não podia parar.

Recusava-me absolutamente a desistir.

Se desse ao treinador Mulcahy o mais pequeno indício de que não estava à altura, ele telefonaria aos diretores da Academia. E se ele telefonasse à Academia, eu estava lixado.

Abrandei o meu ritmo quando cheguei à zona da final, a andar, mantendo os músculos soltos, e a movimentar-me. Se parasse

abruptamente, ia deixar de funcionar, e tencionava só fazer isso na privacidade do meu carro.

Sacando uma garrafa de água do chão, pus-me a andar como um louco na linha lateral, tentando desesperadamente afastar a dor. Não me atrevia a fazer alongamentos pós-corrida.

Não era *assim* tão masoquista.

Quando o ritmo do meu coração voltou a normal, esperei que o treinador me fizesse o aceno para ser dispensado mais cedo e depois regresssei aos balneários, tendo completado o meu trabalho do dia.

Não me tinha apercebido de que o Gibsie me tinha seguido pelo caminho, até o ouvir largar um assobio de lobo ensurdecedor.

– Estás ótima, Ursinha Claire!

Curioso, segui a sua linha de visão apenas para encontrar duas figuras loiras familiares, abrigadas debaixo do toldo exterior do edifício de Ciências. Uma das ditas raparigas olhava-nos carrancuda, com o dedo do meio apontado ao meu melhor amigo.

– A veres-me treinar outra vez? – gritou ele, do outro lado do pátio. – Sabes que adoro quando fazes isso.

Levei alguns minutos a reconhecer a loira pernalta como a irmãzinha do Hughie Biggs.

– O que é que disseste? – gritou a Claire, pondo a mão atrás da orelha. – Não te consigo ouvir.

– Sai comigo!

– Vai-te encher de moscas, Gerard!

– Tu sabes que queres. – O Gibsie deu uma gargalhada, girando os dedos na direção dela como forma de saudação. – Minha rapariguinha de olhos castanhos.

– Não faças isso, Gerard! – O rosto da Claire ficou vermelho. – Não te atrevas a cantar essa...

O Gibsie interrompeu-a com um verso de Van Morrison.

– Odeio-te, Gerard Gibson! – sibilou a Claire, quando ele acabou de lhe fazer a serenata como um corvo demente.

– E eu também te adoro – disse ele, voltando a sua atenção para mim com um gemido abafado. – Jesus Cristo – gemeu de forma que só eu o pudesse ouvir. – Juro por Deus, pá, aquela miúda leva-me à loucura.

– Tu já és louco – lembrei-lhe. – Não precisas que ninguém te ajude com isso.

– *Olha* para ela, Johnny – resmoneou, ignorando a minha alfinetada. – Olha como aquela rapariga é bonita. Cristo, pode ser daquele cabelo da cor do Sol, mas juro que ela *brilha*.

– Nem sequer te atrevas a pensar nisso – foram as palavras que saíram da minha boca.

– Não me atrevo... por agora – replicou o Gibbs, os olhos iluminados com malandrice. – Mas tenho um pressentimento de que me vou casar com ela.

O seu comentário fez-me parar.

– *O quê?!*

Era demasiado esquisito.

Até para ele.

– Contanto que consigamos ultrapassar a nossa juventude sem nenhum bebé accidental – acrescentou ele, cuidadosamente. – E que o irmão dela não me corte primeiro a pila, claro.

– A Claire está no nono ano – disse eu, impassível. – E é *a irmã* mais nova do teu companheiro de equipa. Que raios se passa contigo, Gibbs?

– Disse que ia casar com ela hoje? – contrapôs o Gibbsie. – Não, cretino, não disse, por isso limpa os teus ouvidos. Quero dizer quando estiver velho como o caraças, e tiver acabado o meu período de libertinagem.

– Velho como o caraças?! – repeti, boquiaberto. – Acabado o teu período de *libertinagem?!*

– Pois. – Encolheu os ombros. – Estás a ver, lá para os trinta ou assim.

Revirei os olhos.

– Pois, bem, um conselho de amigo, Gibbs: guarda bem a tua libertinagem enquanto a estiveres a viver. E mantém-na bem longe de raparigas como aquela.

– Ei, não me lances esses olhares críticos – escarneceu o Gibbs. – Eu guardo sempre as minhas merdas. E não há nada de errado em gostar dela. *Tu és* o único com fobia de raparigas da tua idade, pá, não eu.

Ciente de que estávamos a ter esta conversa completamente

marada no meio do pátio, olhei em volta para ver se alguém estava a ouvir, por acaso. Gibsie não era o melhor rapaz do mundo, mas iria sentir-me desolado como tudo se o Hughie estivesse a ouvi-lo a falar assim da sua irmãzinha mais nova e o matasse.

Nesse preciso momento, os meus olhos aterraram na minúscula morena, carregada com uma braçada de livros, a descer os degraus do edifício de Ciências e a caminhar rapidamente na direção das loiras. Uma súbita onda de qualquer coisa encheu o meu peito quando reconheci a morena e vi que era a Shannon.

Raios, porque é que ela tinha de ter *aquele* aspeto? Porque é que cada coisinha sobre aquela maldita rapariga minúscula tinha de mexer assim comigo?

Não era justo.

Na verdade, nada a ver com justo. Era absolutamente *cruel*.

Não fazia sentido para mim achá-la atraente. Não era nada como as raparigas com quem habitualmente tinha sexo. Eu gostava de curvas. Adorava mamas. E era louco por um rabo grande.

Ela não tinha nada do descrito acima.

Mas tinha pernas. E cabelo. E um sorriso. E aqueles malditos olhos azul-noite. Que não me parecia uma expressão suficientemente boa para descrever a cor. Deviam chamar-se *azul-alma*, porque eram profundos como o caraças, e sugavam uma pessoa diretamente para...

E então, ela deu um passo e deixou cair os livros.

Espalharam-se pelo chão, e a Shannon curvou-se para os apanhar, fazendo com que a sua saia subisse *demasiado*. Duas coxas macias e pálidas encheram o meu campo de visão, fazendo um surto de bandeiras vermelhas invadir o meu cérebro e uma onda de calor subir pelo meu corpo.

– Ah, merda – murmurei quase inaudivelmente, apanhado de surpresa tanto pela visão dela quanto pela reação explosiva do meu corpo à *visão dela*.

Baixei o olhar, e fiz algumas inspirações seguidas, a tentar desesperadamente voltar a ganhar o controlo.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou o Gibsie, olhando à volta à procura da fonte do meu desconforto óbvio.

– Nada – balbuciei, passando uma mão irritada pelo cabelo. –

Vamos embora.

O Gibsie, reparando no meu *assunto* óbvio, atirou a cabeça para trás e desatou às gargalhadas.

– Tu estás com uma... caramba, *estás!* – Engasgou-se com um ataque de riso. – E estás a corar! – Bateu-me no ombro e resfolegou sonoramente: – Ah, pá, adoro!

– Não tenho culpa – disse rispidamente, pondo-me a caminho dos balneários, a andar como se fosse um maldito *cowboy* falso. – Não consigo controlá-la, atualmente.

Irrompendo pelos balneários, despi a minha roupa e fui diretamente para os chuveiros, com a intenção de tirar a dor e o desconforto do meu sistema.

Não funcionou.

O meu corpo continuava com dores excruciantes e *ela* continuava ainda a uns sólidos três quartos.

Baixei a cabeça, olhei para as partes baixas do meu corpo, e pesei as opções.

Mas não o podia fazer. Não podia tocar.

Estava a ficar passado.

Memórias vívidas da horrível viagem até às urgências e dos terríveis avisos que os médicos me tinham feito no Natal tinham mexido oficialmente com a minha cabeça.

Jesus, eu estava uma maldita trapalhada.

Apoiei a testa na parede de azulejos, e permiti que a água escaldante me limpasse enquanto esperava o que me pareceu uma eternidade para que o meu problema se resolvesse por si, mordendo os nós dos dedos para sufocar os gemidos de dor.

Bem, se não estivesse já claro que precisava de manter as distâncias, ficaria com certeza agora. Eu *tinha* de ficar longe daquela rapariga.

Cristo...

– Sentes-te melhor? – perguntou o Gibsie com uma risadinha dissimulada quando finalmente entrei no vestiário com uma toalha à volta da cintura.

Continuávamos ali sozinhos, graças a Deus, já que o resto da equipa continuava a fazer as voltas.

Ignorei o sarcasmo, virei-lhe as costas e deixei cair a toalha.

Antes da cirurgia, não teria pensado duas vezes em andar por ali nu em frente a qualquer um. Agora, não era bem assim. Porque, além da necessidade de manter o meu problema fora de vistas, eu estava mais *autoconsciente*. O que era outra sensação nova e nada bem-vinda.

Sempre tinha tido orgulho no meu corpo. Tinha sido abençoado com massa muscular natural e força física, e tinha pago cada abdominal da minha barriga com um regime de treinos extenuante. Esforçava-me como o caraças para me manter no pico da minha condição física, mas os testículos arroxeados, o escroto inchado, e a cicatriz a exsudar não eram coisas que queria que alguém visse.

Nem mesmo eu.

Razão pela qual não olhei para baixo quando enfiei um par de calções de atletismo lavados.

No meu atual estado de pânico frenético, a negação era a *única* possibilidade, e se continuasse nesse caminho, as coisas iam melhorar, porque a alternativa *não era* uma opção.

Desistir *não era* uma opção. Mais tempo afastado *não era* uma opção. Perder a época de verão com os sub-20 *não era* uma opção. Perder o meu lugar na equipa inicial devido à minha fraqueza *não era* uma maldita opção.

Entrar a matar era a minha *única* opção, porque me recusava a falhar completamente aos dezassete anos.

– Estás bem, Johnny? – perguntou o Gibsie, quebrando o silêncio forçado.

Por uma vez, o seu tom era sério, razão pela qual lhe respondi com um curto aceno de cabeça.

– Já estás pronto para falar disso?

– Falar de quê?

– De qualquer que seja a porra que te anda a pôr louco desde que voltámos das férias de Natal.

– Não há nada que me ande a chatear – respondi, puxando as calças do uniforme pelas pernas acima. Fechei o cinto e agarrei a camisa.

– Tretas – contrapôs ele.

– Estou ótimo – garanti, apertando rapidamente os botões.

– Tens andado a parecer um urso com uma dor de cabeça desde que voltámos para a escola depois do Natal – resmungou. – E não me digas que é por causa da tua cirurgia, porque sei que há mais do que isso...

O meu telefone começou a tocar, distraíndo-nos a ambos.

Enfiei a mão no saco, tirei-o, olhei para o ecrã, e depois resisti à vontade de o atirar contra a parede.

– A Bella que se vá foder – resmoneei, cancelando a chamada e atirando o meu telefone de volta para o saco.

O Gibsie fez uma careta.

– O que se passa por esse lado?

– Nada – repliquei. – Está acabado.

– E a Bella sabe isso?

– Devia – respondi com veemência. – Foi ela quem acabou.

– Foi?

– Sim. – Agarrei a ponta do nariz e expirei calmamente antes de acrescentar: – Agora anda a foder por aí com o Cormac Ryan.

– E estás OK com isso?

– Não me interessa nada, para ser sincero, pá – disse, com indiferença. – Estou mais aliviado do que outra coisa.

O Gibsie abanou a cabeça.

– Tens a certeza? Já andavas com ela há bastante tempo.

– Já estava farto há muito tempo, Gibs – admiti. – Confia em mim, pá, tudo o que quero é que ela me deixe em paz.

– Bem, se isso é verdade, então são as melhores notícias que ouvi no ano inteiro – declarou Gibsie. – Porque, com toda a honestidade, não tenho estômago para aquela rapariga. É a porra de uma mulher perigosa. Estava meio receoso de que acabasses por a engravidar e ficasses atrelado a ela para o resto da vida.

– Não havia qualquer possibilidade de isso acontecer – garanti-lhe, ao mesmo tempo que reprimia um estremecimento. – Embrulhei sempre a minha coisa.

– Ela é do tipo preservativo furado, pá – replicou Gibsie. – E tu és como um farol iluminado para esse tipo de raparigas... com um enorme símbolo do euro a brilhar em néon por cima da tua cabeça.

– Eu ponho – disse. – Sempre.

– Todas as vezes?

– Porque é que estás a fazer-me perguntas sobre a minha saúde sexual? – quis eu saber, com voz indiferente.

O Gibsie fez uma careta.

– Porque ela é *porca*.

– Gibs, não digas merdas dessas sobre uma rapariga – avisei. – Não é apropriado.

– Não digo merdas dessas sobre qualquer rapariga. – Encolheu os ombros e acrescentou: – Estou a dizer isso sobre *aquela* rapariga.

– Bem, eu estou ótimo – disse eu, com rispidez. – Fiz análises o mês passado, e estou todo limpinho.

– Graças a Deus – suspirou, parecendo aliviado. – Porque ela...

– Podemos não falar mais dela? – interrompi, já enjoado só de pensar. – Estou completamente farto de falar dela, Gibs.

– OK, mas deixa-me fazer-te só mais uma pergunta – pediu. – Só mais uma e abandono o assunto.

Suspirei, fatigado, e esperei que ele falasse, sabendo que não importava se eu concordasse ou não.

Pigarreando, ele perguntou:

– Estás aliviado por a Bella ter acabado o que quer que fosse que vocês os dois andavam a fazer porque estás farto da *Bella*? – Examinou o meu rosto durante alguns instantes, e acrescentou: – Ou porque estás a fim da miúda?

A pergunta dele fez com que parasse de abotoar um botão a meio:

– Da miúda?

– Pois, a rapariga.

– Que rapariga? – perguntei, fingindo ignorância.

– A porra da rapariga, Johnny – o Gibsie quase rugiu, atirando as mãos ao ar. – Aquela que fizeste desmaiar. Aquela por causa da qual tive de levar com a Dee para conseguir o seu ficheiro. Aquela com a qual passas os dias a trocar olhares delicodoces na escola.

– Olhares delicodoces? – apertei a camisola à volta da cintura, e enfiei os sapatos. – O que raio são *olhares delicodoces*?!

– Olhares suspirantes – atirou o Gibsie, agora exasperado. – Olhares ardentes. Olhares de fode-me. Sinais de quero-comer-a-tua-passarinha – abanou a cabeça e tirou o desodorizante do seu saco. – O

que quer que lhes queiras chamar.

– Tu não estás bem, Gibs – anunciei, decidindo-me por desviar o assunto. – A sério, pá, às vezes preocupo-me mesmo com o que vai na tua cabeça.

– Não se passa nada de errado com a minha cabeça, Kavs. És tu quem faz olhares retorcidos de quem está lixado quando a rapariga aparece. – Atirou o desodorizante na minha direção e apanhei-o no ar. – Não penses que não topei o que se passa.

– Não faço ideia do que estás a falar, pá. – Levantei a camisa e apliquei-o nas axilas. – Os meus olhos estão a funcionar perfeitamente.

– A tua pila também está a funcionar perfeitamente – replicou. Enfiou a camisola da escola pela cabeça e continuou: – Sempre que a rapariga está por perto.

Levei o meu tempo a responder-lhe por duas razões.

A primeira, porque não queria reagir instintivamente e dar espetáculo.

A segunda, porque não tinha a menor ideia do que dizer.

Permaneci em silêncio, e concentrei-me em apertar os atacadores dos meus sapatos.

– Não me vais responder? – perguntou o Gibsie a sorrir.

– Não tenho nada a dizer – disse, com aspereza, esforçando-me demasiado para dar o nó perfeito. – Não vou falar sobre ela.

– Porque não? – pressionou ele.

– Porque não quero, porra, Gibs.

– Porque gostas dela – declarou o Gibs.

– Porque ela não é assunto de debate – respondi.

Atirei-lhe um olhar sombrio e voltei à contemplação dos meus sapatos.

– Quem me dera apenas que o admitisses – resmungou o Gibsie.

– E quem me dera que te metesses na porra da tua vida – repliquei, sarcasticamente. – Chama-se assentar, pá. Não me ouves a dizer merdas sobre a tua vida amorosa.

Arrependi-me do que disse no minuto em que as palavras saíram da minha boca e vi os seus olhos iluminarem-se.

– Ah, então *estás* a pensar assentar com ela? – perguntou o Gibsie, excitado, os olhos a dançar de puro deleite. – Eu sabia, porra.

– Não – corrijo-o. – Não estou a pensar tal coisa.

– Porque não?

– Porque.

– *Porque?* – insistiu ele.

– Porque não estou, porra – grunhi. – Agora, muda de assunto.

– És ridículo – afirmou o Gibsie, atirando as tralhas todas para dentro do saco de equipamento. – Pensas de mais sobre tudo, pá. Falas da minha cabeça confusa, mas a tua deve ser a porra de um sítio horrível para se estar... com todo esse excesso de análise que fazes.

– Larga o assunto, Gibs.

– Só não percebo qual é o problema – argumentou ele. – Já vi a forma como olhas para ela. É óbvio que gostas da Sharon.

– O nome dela não é *Sharon*. – Lancei-lhe um olhar sombrio e depois regressei à arrumação do meu saco. – É *Shannon*, e não gosto dela.

– Este era um teste com rasteira. – Ele sorriu ironicamente. – E tu passaste com distinção.

Grunhi a minha resposta.

O sorriso dele alargou-se ainda mais quando disse:

– Ah, sim, gostas.

– Não, porra, não gosto.

– Bem, acho que devias convidar esta miúda *Shannon* para sair – acrescentou o Gibsie, pendurando o saco ao ombro. – O que era o pior que podia acontecer?

– Podia ser preso – respondi-lhe sarcasticamente. – Ela tem quinze anos.

– Não, não podias ser preso – troçou ele, revirando os olhos. – Tens dezassete anos, idiota, não setenta!

– Mais três meses. – Enfiei a minha camisola e levantei-me. – E, além disso, esta conversa é irrelevante. – Agarrei o meu saco, atirei-o para cima do ombro e acrescentei: – Não convido raparigas para sair. – Caminhei pelo balneário e empurrei a porta. – Não tenho tempo para essa merda.

– A namorada do Hughie, a Katie, está no ano abaixo dele – informou o Gibsie, andando pelo balneário. – E o Pierce O'Neill está no nosso ano e há séculos que anda às voltas com a amiga irritadiça

da Claire. Que, a propósito, está no nono ano.

– O Hughie não tem a Academia a respirar-lhe em cima do pescoço – repliquei inexpressivamente enquanto seguia para fora da sala. – E o Pierce O'Neill pode brincar com quem lhe apetecer.

– Relaxa. – O Gibsie levantou a mãos. – Só estou a dizer que não era nada de mais se gostasses dela.

– Não vás por aí.

– É natural sentirmo-nos atraídos por uma rapariga linda...

– Para.

– Ninguém se importaria se a convidasses para sair.

– A sério. Dá-me um descanso.

– Ela olha para ti nas tuas costas, sabes.

– Cala-te, Gibsie.

– Já a vi a fazê-lo.

– *Cala-te*, Gibsie.

– Nos corredores e...

– Cala a merda da boca, Gibsie!

– Pronto – resfolegou ele, carrancudo. – Não falo mais.

Contei mentalmente, perguntando-me quanto tempo é que o Gibsie conseguia manter a boca calada, mas ainda estava no *sete* quando ele recomeçou com a sua verborreia.

– Como é que estás a lidar com a ejaculação?

Virei bruscamente a cabeça para ele.

– *Desculpa...*?

– Ejaculação – esclareceu o Gibsie, com uma cara séria. – Pareces cheio de frustração reprimida. Só me pergunto se estás relacionada com a pila. Andas a masturbar-te, certo? Sei que ficaste fora de ação por um tempo quando serraram o teu escroto, mas já és capaz outra vez, não és?

– Mas que merda...?! – Olhei para ele boquiaberto. – Isso está mesmo a sair da tua boca?

Ele fitou-me com uma expressão expectante.

Minha nossa, ele estava a falar a *sério*.

E estava à espera que eu lhe *respondesse*.

Quando o Gibsie percebeu que *não* lhe ia responder, continuou a divagar.

– Oh, pá, foi antes da tua cirurgia, não foi? – Lançou-me um olhar de compaixão. – Não te vens há meses. Não admira que andes sempre tão chateado – disse o Gibsie, com a testa franzida de preocupação. – Foi por isso que ficaste duro quando a Shannon se curvou e te deu a perspectiva de um rabo. A tua pobre pila deve ter pensado que era Natal. – Estremecendo, acrescentou: – Meu pobre, pobre sacana.

– Não vou falar sobre isto contigo – disse-lhe ao entrar no edifício principal. – Há algumas coisas na vida que nós *não* partilhamos, Gibs.

– Pois, processa-me por estar preocupado com o meu melhor amigo – replicou, tropeçando no degrau ao meu lado. – Vá lá, Johnny, já vi isso. – Sendo que *isso* eram as minhas partes reprodutivas. – Podes falar comigo.

– Não quero falar contigo – quase gritei. – E *nunca* sobre isto.

– Sabes como pode ser prejudicial para os teus tomates não te aliviarem?! – exclamou o Gibsie, decidindo torturar-me um bocadinho mais. – É mesmo mau, Johnny. Vi um vídeo sobre isso na internet. É para além de perturbador. Os tomates do gajo incharam até ao ponto de explo....

– Para! – disse eu, numa voz tensa. – Por favor, *para!*

Estaquei no corredor à frente da entrada. Eu ia mas é para casa. Para me afastar do total caso mental que era o meu melhor amigo. E para me examinar.

– É melhor pôr as coisas cá para fora do que reprimi-las, pá! – gritou o Gibsie. – A prática leva à perfeição. Vai-me dizendo como é que as coisas correm.

Diarreia explosiva

SHANNON

O sábado era o meu dia preferido da semana, por uma data de razões.

Primeira: era o primeiro dia do fim de semana, e o que ficava mais longe de segunda-feira.

Segunda: não havia escola.

Terceira, e mais importante: era dia de GAA.

O Joey, o Ollie e o Tadhg estavam sempre fora de casa durante a maior parte do dia de sábado, com treinos ou jogos. E, graças a Deus, isso significava que o meu pai também estava fora, a participar em atividades que não tinham que ver com o consumo de álcool.

O que fez deste sábado em particular melhor do que a maioria foi o facto de o meu pai não só ficar fora de casa o dia inteiro com os rapazes, mas também ir depois a uma festa de despedida de solteiro de um dos seus amigos, em Waterford, à noite. Foi por saber isto, e com a autorização da minha mãe, que concordei em ir a casa da Claire no sábado à tarde para estar com ela e com a Lizzie.

Às três da tarde tinha acabado todas as minhas tarefas domésticas, que consistiam em limpar a casa de cima a baixo, fazer meia dúzia de máquinas de roupa e deixar o jantar pronto. E apesar de quase ter tido um ataque cardíaco quando o irmão dela, o Hughie, apareceu à porta da minha casa com a namorada para me apanhar, consegui compor-me o suficiente para entrar no carro e aceitar a boleia. Durante toda a tarde, atafulhámo-nos com *junk food*, vimos reposições da série *One Tree Hill*, e tagarelámos sobre os mais completos disparates.

Foi o melhor sábado que tive em muitos anos.

Às sete da tarde, estava empanturrada e esparramada em cima da cama da Claire, a sofrer de picos de açúcar, e a ouvir a Lizzie a falar em tom monótono do quanto desprezava o Pierce.

– Não sei o que é que alguma vez vi nele – resmoneou pela

enésima vez. – Mas o que quer que fosse, não valeu a pena ter-lhe dado a minha virgindade.

– Fecha a porta! – guinchou a Claire, saltando do seu poleiro nas minhas pernas para fixar o olhar na Lizzie. – Fizeste sexo com o Pierce?!

– Não és virgem, Lizzie?! – perguntei, estupefacta. – Mas só tens dezasseis anos.

– Não olhem para mim assim – pediu ela. – Só porque vocês nunca viram uma pila.

– Eu nunca vi – confessou a Claire, levantando uma mão. – Nem sequer uma pontinha.

– Eu também não – admiti sem reservas, a abanar a cabeça. – Nem sequer beijei um rapaz.

– Isso é só triste, Shan – retorquiu a Lizzie.

Fiquei escarlate.

– Não sejas cabra – brincou a Claire. – Conta-nos tudo.

A Lizzie encolheu os ombros.

– O que é que há para contar?

– Quando é que aconteceu? – perguntei.

– Quinta-feira.

– E não te lembraste de nos contar? – guinchou a Claire. – Oh, meu Deus, Liz, estivemos na escola contigo durante todo o dia de sexta-feira e nem uma vez mencionaste o que quer que fosse.

A Lizzie encolheu os ombros, mas não respondeu.

Eu e a Claire trocámos olhares antes de a Claire perguntar:

– Onde é que aconteceu?

– No carro dele.

– Ugh! – gememos ambas, com compaixão.

– Onde?

– Nos terrenos da GAA.

– Ugh! – fizemos nós em coro outra vez.

– Pois – disse a Lizzie, impassível. – E um conselho de amiga, miúdas, não cedam. – Instalando-se numa almofada, Lizzie descansou as costas contra a cabeceira da cama, agarrou na sua revista e disse: – Dói, é uma desilusão, há sangue, e o rapaz fica um verdadeiro *spanner* a seguir.

– Ele acabou contigo? – arqueejei.
– Vou dar-lhe um pontapé no rabo – sibilou a Claire.
– Não – respondeu a Lizzie. – Mas tem estado muito pouco comunicativo desde então.

– Mas que besta – disse a Claire.
– Pois – concordou a Lizzie.
– Doeui assim tanto? – perguntei, curiosa.
– Como um atizador a arder a ser enfiado por ti a dentro – replicou.

A Claire e eu estremecemos com empatia.

– E estás bem? – perguntei, sentido uma onda de compaixão pela minha amiga. A Lizzie era dura como aço e raramente mostrava um vestígio de emoção, mas isto era um assunto demasiado importante para qualquer rapariga.

– Estou sempre bem, Shan – foi a resposta cortante.
– Vês, é exatamente por isso que nada vai entrar na minha zona – declarou a Claire, com um encolher de ombros, caindo para trás e repousando a cabeça nas minhas pernas. – Acho que morria, se visse um pénis a vir na minha direção.

– Claire – ri-me. – Para.
– Ela está a falar a sério – disse a Lizzie. – Ela tem medo da P.
– Verdade – declarou a Claire, sem uma ponta de embaraço. – Só beijei um rapaz, o Jamie Kelleher. Já andávamos a sair há seis semanas, no oitavo ano, e quando ele tentou pôr a minha mão em baixo, na parte da frente das suas calças de ganga, na discoteca da escola, eu gritei.

– Não... – quase me engasguei.
– Oh, sim – reforçou a Lizzie. – Com toda a força dos seus pulmões. Provocou uma grande cena na discoteca.

– Entrei em pânico – defendeu-se a Claire, sorrindo com ar encabulado. – Não queria tocar no pénis dele.

– E o que aconteceu?
– Ele chamou-me cabra *frigit* e acabou comigo ali mesmo na pista de dança, em frente à escola inteira – contou ela.

– Que pulha – cuspi.
– Está tudo bem – interveio a Lizzie. – A Claire teve a sua vingança

sobre ele, não foi?

– Não intencionalmente – garantiu.

– Oh, para com isso! – a Lizzie revirou os olhos. – Sabias exatamente o que é que ele ia fazer quando foste ter com ele a chorar.

– Quem? – perguntei. – O que é que fizeste?

A Lizzie fez um sorriso de escárnio.

– Foi a correr para a sombra dele.

Arqueei uma sobancelha.

– Quem?

– O Gibsie – informou a Lizzie.

– Oh, meu Deus. – Os meus olhos arregalaram-se. – O que é que ele fez?

– O que é que achas que ele fez? – replicou a Lizzie. – Saltou em defesa da honra dela.

– Não pode ser!

– Pode, sim – chilreou a Claire alegremente.

– Partiu o nariz ao Jamie – acrescentou a Lizzie.

A Claire suspirou com satisfação.

– Foi épico.

– Devias ter vindo ter comigo – disse a Lizzie. – Eu teria ficado muito contente por dar àquele *eejit* uma joelhada nos tomates em teu nome...

A porta do quarto da Claire abriu-se de rompante, assustando-nos às três.

– Oh, meu Deus! – gritou a Claire, atirando uma almofada ao rapaz alto e loiro que tinha invadido a nossa privacidade.

– Tenho um problema! – anunciou o Gibsie, apanhando a almofada no ar.

– Gerard! – sibilou a Claire, olhando-o de forma evidente. – Alguma vez ouviste falar em bater à porta?

– Não há tempo – respondeu ele. – Preciso da tua ajuda, queridinha.

– Não sou a tua queridinha – resmoneou a Claire, e atirou-lhe outra almofada. – E se eu estivesse nua aqui dentro?

– Então morreria um homem feliz – retorquiu ele, enquanto a segunda almofada batia de encontro ao seu peito. – É o gato.

Ela franziu a testa.

– O *Brian*?

– Deste o nome de *Brian* ao teu gato? – ri-me.

– Não é o meu gato – replicou o Gibsie. – Nem sequer gosto de gatos.

Franzi a testa.

– Então, de quem é?

– Da minha mãe – explicou o Gibsie. – É o seu orgulho e alegria. – Voltou-se para a Claire e disse: – Ele teve um episódio.

– Outro? – descendo rapidamente da cama, a Claire ajustou os calções do pijama e caminhou na direção dele. – Onde?

– Hã... – Encolhendo os ombros, atrapalhado, o Gibsie apontou na direção da porta.

– Ele está em minha casa? – guinchou a Claire.

– Porque é que o teu gato está em casa dela? – Lizzie fez a pergunta que estava na cabeça de toda a gente.

– Ele não se estava a sentir bem – explicou o Gibsie. – Levei-o a dar um passeio.

– Levaste o teu gato a dar um passeio?! – a Lizzie abanou a cabeça. – Este rapaz precisa de ser institucionalizado.

– Não é assim tão estranho – ofendeu-se ele, na defensiva. – Moro do outro lado da rua.

– Puseste-lhe uma trela?

– *Obviamente*. – O Gibsie olhou-a como se fosse a coisa mais parva que alguma vez tivesse ouvido. – De que outra forma é que o teria conseguido trazer até cá?

A Lizzie abanou a cabeça.

– Então, mantenho a minha afirmação anterior.

– Ena, és um barril de gargalhadas, não és? – replicou o Gibsie, sarcasticamente. – O Pierce é um gajo com sorte.

Ela respondeu mostrando-lhe o dedo do meio.

– Concentrem-se – disse a Claire, batendo com os dedos na cara do Gibsie. – Onde é que ele está agora?

– Está na tua casa de banho – fez uma careta, e acrescentou: – Teve um acidente.

– Que *tipo* de acidente?! – quase gritou a Claire.

Ele encolheu os ombros, embaraçado.

– Do tipo diarreia explosiva?

– Gerard! – gritou a Claire, batendo com força no seu enorme bíceps. – Disse-te para não o trazeres para aqui depois da última vez.

– Estava preocupado. – Desculpou-se ele, esfregando o braço. – Desculpa. Mas tens de me ajudar.

– Pede ao Hughie que te ajude – ordenou a Claire, furiosa.

– Não posso – respondeu ele. – Vai levar a Katie a casa e apanhar os rapazes antes de irmos sair.

– Então porque é que ainda estás aqui? – ironizou a Lizzie a folhear uma revista.

– Ei – admoestei-a, dando-lhe um toque nas costelas. – Não sejas má.

– Ugh! – resmungou a Claire, enquanto saía do quarto com o Gibsie colado aos seus calcanhares.

– Aquele rapaz é um idiota – comentou a Lizzie, sem levantar o olhar. – A nossa amiga está apaixonada por um idiota de classe A.

– Não é assim tão mau – pus água na fervura, e depois voltei rapidamente atrás. – Espera aí... achas que a Claire está *apaixonada* pelo Gibsie?

Agora a Lizzie olhou para mim.

– Não é óbvio? – perguntou. – Que rapariga no seu perfeito juízo aguenta anos de namoro e tortura se não tiver um sentimento sério por ele?

– Gerard! – gritou a Claire com toda a força dos seus pulmões, distraíndo-nos às duas. – O teu gato está a cagar na minha banheira!

– *Bem sei* – o Gibsie gemeu sonoramente. – Cheira tão mal, e ele não *para*.

– Tenho de ver isto – abafei o riso e desci da cama. – Vens?

Lizzie abanou a cabeça.

– Nope. Já vi palhaçadas deles mais do que suficientes para uma vida inteira, muito obrigada.

A abanar a cabeça, apressei-me para fora do quarto e através do patamar, para chegar à casa de banho e ver um enorme, e quero dizer mesmo enorme, gato persa branco como a neve a equilibrar-se na borda da banheira da família Biggs.

Parada no vão da porta, observei a estranha interação com a mão a tapar a boca, em parte por causa do cheiro, mas sobretudo porque era muito divertido.

– *Brian!* – O Gibsie já rugia. – Que raio é que se passa contigo? – Ligou a água e agarrou no chuveiro. – Deus, esta é a porra da coisa mais malcheirosa que alguma vez senti.

– Pois, *bem sei*, Gerard – sibilou a Claire, cobrindo o nariz e a boca com uma mão e usando a outra para deitar lixívia na banheira. – Também consigo cheirar, sabes.

– Ele fez isto de propósito – disse-lhe ele, em tom acusatório. – É porque o pus fora do meu quarto ontem à noite. Está a castigar-me.

– Está a olhar para ti – disse-lhe ela.

– Bem sei – afirmou o Gibsie, estremecendo. – Limita-te a apanhá-lo e a pô-lo na despensa.

– Está a olhar *para mim*, agora – guinchou a Claire, afastando-se depressa do gato.

– Está a tentar intimidar-te, queridinha – explicou ele. – Não o olhes nos olhos.

– Cristo, ele é mais assustador do que o Mr. Mulcahy – gemeu a Claire, encolhendo-se atrás do enorme volume do Gibsie.

– Vai por trás e agarra-o – instruiu ele, enquanto agarrava o chuveiro na frente como se fosse uma arma. – Mantém aquelas garras longe de ti. Segura-o contra o teu corpo e corre.

– Eu não o vou apanhar, Gerard – disse a Claire, os olhos arregalados. – Ele parece que está a dois segundos de me assassinar.

– Eu protejo-te – garantiu ele, corajosamente.

– Tu tens *medo* dele!

– Está bem, agarra isto – grunhiu ele, passando a mangueira do chuveiro à minha amiga. – Vou tirá-lo dali.

– Não achas que devíamos dar-lhe uma chuveirada? – perguntou a Claire. – Tem cocó em todo o pelo.

– Cruzes, não! – exclamou o Gibsie. – Da última vez que o tentei limpar, ele estropiou-me.

Dei uma gargalhada bem alto.

– Não tem piada nenhuma, Shannon – resmoneou o Gibsie, surpreendendo-me por se lembrar do meu nome. – Tive de levar uma

vacina contra o tétano por causa dele.

– Desculpa – disse, abafando o riso com uma mão à frente da boca.
– Juro que não me estou a rir *de ti*. – Ri-me mais um pouco. – É mais da situação. – Observei o felino peludo e acrescentei: – Ele parece o gato do *Inspetor Gadget*.

– Pois, não há dúvida de que é suficientemente mau – replicou o Gibsie. – Algumas noites acordo, e ele está na minha cama, em cima de mim, a olhar-me com aqueles pequenos olhos diabólicos. – Abanou a cabeça. – Nunca o deviam ter castrado. Tem estado em modo homicida desde então. Teríamos uma vida mais fácil se tivessem deixado o pobre sacana ficar com os tomates.

– Vamos lá, Gerard – disse a Claire, chamando-o do outro lado da banheira. – Tu consegues fazer isto. Tenho toda a fé em ti.

– Ah, merda, OK! OK! – Com os braços esticados, o Gibsie caminhou na direção do gato. – Aqui, bichano, bichano – chamou, chegando-se à banheira para o apanhar. – Lindo gatinho... É assim mesmo... Adoro gatinhos... Eu vou... Não te vou magoar.... Aiii!!!

O *Brian* bufou e golpeou o Gibsie, que gritou como uma rapariga e se escondeu atrás da Claire.

– Porra de gatinho mau – insultou num tom estrangulado, arrastando a Claire para longe do gato agitado, que estava a silvar e a cuspir para cima dos dois. – Ele apanhou-me? – perguntou o Gibsie, passando uma mão pela cara. – Acho que sim.

– Não sei – guinchou a Claire, levando-os aos dois para o canto da casa de banho. – Mas odeio mesmo o teu gato – disse, aconchegando-se debaixo do braço dele.

– Deixa-me fazer eu – ofereci-me, entrando na zona de perigo.

Abafando a minha gargalhada, arranquei uma toalha do toalheiro e aproximei-me com cautela.

– Não o faças, Shannon – avisou o Gibsie, enquanto ele e a Claire se agarravam um ao outro, tentando esconder-se do gato. – Ele é um sacana com tendências violentas.

– Isso não é verdade – disse eu, agachando-me à frente da banheira, de olhos fixos no gato espantoso, apesar de letal. – Não és nenhum sacana, pois não, *Brian*? – perguntei, enquanto me aproximava e agarrava a sua cabeça com a toalha.

Surpreendentemente, ele deixou-me apanhá-lo sem protestar.

– Miau – fez ele, as garras retraídas.

– Está tudo bem – acalmei-o, afagando-o num movimento suave. – Tu estás bem.

– Jesus Cristo – arquejou o Gibsie. – Aqui a menina acalmou-o com um sussurro de gatinho.

– Shannon – disse a Claire, num tom agudo. – Por favor, tem cuidado. Ele é perverso. Pode voltar-se contra ti num instante.

– Pois, Shannon – concordou o Gibsie. – Vê se tens cuidado, porra. Ele só deixa a minha mãe e o Kav pegarem-lhe. Ele é verdadeiramente perigoso.

– Chiu, meninos, não gritem – avisei, quando o *Brian* pôs outra vez as garras de fora. – Vocês os dois estão a deixá-lo nervoso – expliquei. – Ele pode sentir a vossa ansiedade e isso põe-no em modo de ataque.

Sentei-me durante uns minutos, acariciando-o e fazendo-lhe festas no focinho e orelhas, até conseguir agarrá-lo e aconchegá-lo.

– Lindo menino – arrulhei amorosamente, segurando-o contra o peito.

Graças a Deus, fui recompensada com um profundo ronronar.

Levantei os olhos para o Gibsie e perguntei:

– A tua casa é muito longe?

– Mesmo do outro lado da rua – respondeu o Gibsie.

– OK – continuei a afagar o *Brian*. – Queres que o leve até tua casa? Ele assentiu, agradecido.

Inclinei a cabeça na direção da porta, e disse:

– Indica o caminho.

Gibsie arrastou os pés nervosamente, mantendo uma boa distância de mim.

Cuidadosamente, para não perturbar o gato nos meus braços, segui-o para fora da elegante casa dos Briggs, e atravessei a rua até outra propriedade de três andares com um ar impressionante.

– És uma salva-vidas, pequena Shannon – declarou o Gibsie quando o *Brian* já estava dentro da sua casa em segurança. – Obrigado. A sério.

– Não tens de quê – respondi-lhe, sentindo-me tímida agora que a minha missão tinha terminado e estava sozinha com um completo

estranho. – Não foi nada de mais.

– Para mim, foi – o Gibsie riu-se enquanto trancava a porta da frente e deslizava a chave para dentro do bolso dos seus *jeans*. – Vou sair esta noite para beber uns copos de aniversário, e tu acabaste de me salvar o couro e evitar que aparecesse coberto de arranhões.

– É o teu aniversário? – perguntei, caminhando a seu lado enquanto atravessávamos a tranquila rua sem saída de regresso à casa da Claire. – Hoje?

– É, sim, senhora. – O Gibsie fez uma careta. – O grande um e sete.

– Oh, feliz décimo sétimo aniversário – disse. – Espero que tenhas uma grande noite.

– Ah, vou sair só para uns copos tranquilos com os rapazes – explicou, enquanto passávamos pelo caminho do jardim. – As grandes celebrações só acontecerão em maio.

– O que é que se passa em maio?

– Os dezoito anos do meu melhor amigo – explicou-me. Com um sorriso conhecedor, acrescentou: – Conhece-lo, certo? O Johnny Kavanagh?

– Oh – a minha cara ficou escarlate com a menção do nome do Johnny. – Sim, já nos encontrámos.

– Ele já terá a convocatória nessa altura – acrescentou o Gibsie orgulhosamente. – Será uma dupla celebração e uma saída e meia nessa noite.

A convocatória?

Que convocatória?

Queria fazer-lhe perguntas sobre isso, mas fechei a boca, sabendo que isso não me iria fazer bem nenhum. Não precisava de acrescentar mais pensamentos obsessivos sobre o Johnny à minha cabeça já tão preenchida por ele.

– Ele vem connosco hoje à noite – o Gibsie continuou a falar, ignorando o facto de eu corar. – O que é um milagre, se tivermos em consideração que ele já não costuma sair connosco. – Abriu a porta da frente da casa dos Biggs, e fez um gesto para eu entrar primeiro. – Na verdade, o Hughie vai apanhar o Kav e o Feeley depois de deixar a Katie em casa. – Olhando para o relógio pendurado na cozinha, acrescentou: – Estarão aqui daqui a pouco. Devias esperar por aqui e

dizer-lhe um olá. – Piscando o olho, disse: – Aposto que ele adoraria ver-te.

Ele estava a provocar-me?

Não me parecia. Mas tinha, decididamente, uma intenção. Só não tinha a certeza se era para meu bem, ou não.

De qualquer forma, eu não ia ficar ali em baixo para dizer *olá* a quem quer que fosse.

– Não, deixa estar – balbuciei. – As raparigas estão à minha espera.

– Como queiras, pequena Shannon – disse o Gibsie, a rir-se.

– Feliz aniversário – acenei-lhe debilmente, e voltei-me para subir as escadas. – Tem uma noite divertida.

– Terei – disse ele, nas minhas costas.

Não precisei de me voltar para perceber que ele estava a sorrir. Podia ouvi-lo na sua voz.

Brigas de aniversário e copos partidos

JOHNNY

Pubs e bares eram uma tentação da qual tentava manter-me afastado o mais possível. Com o meu horário de treino, não podia dar-me ao luxo de me comportar como faziam os meus amigos. O álcool não fazia parte da minha dieta, e ficava sempre lerdo durante dias depois de uma saída.

No entanto, hoje era o décimo sétimo aniversário do Gibsie, por isso, depois de telefonemas e mensagens contínuos, cedi e concordei em sair para ir celebrar com ele e alguns dos da equipa, ao Biddies.

O Biddies era o nosso cantinho local, e ao contrário do que indicava o nome, era bastante moderno, com um mínimo de *culchies* a povoar o bar. Durante o dia, o Biddies servia a melhor comida da cidade, e à noite, transformava-se no ponto de reunião central da geração mais jovem.

Comi lá imensas vezes quando os meus pais não estavam em casa. O coproprietário e *chef* principal, Liam, era um tipo verdadeiramente decente, que não tinha nenhum problema em satisfazer as minhas necessidades dietéticas. Era o único sítio da cidade ao qual sabia que podia ir onde tinha a garantia de conseguir comida orgânica.

No que diz respeito a saídas à noite, eu não bebia com frequência (o Gibsie é que era mais disso), mas quando o fazia, era garantido que ambos apanhávamos uma bebedeira.

Era uma má ideia, considerando que ambos tínhamos um jogo do clube na manhã seguinte, mas o Gibsie justificou a nossa irresponsabilidade repetindo que um tipo só faz dezassete anos uma vez.

Era verdade.

O problema é que para mim não era assim tão simples.

Os rapazes podiam perder o controlo numa saída à noite e passar-

se, se quisessem. Ninguém, além das suas mães, os julgaria na manhã seguinte.

Eu, por outro lado, se fizesse porcaria, teria o meu nome arrastado pela lama, os responsáveis do rãguebi estariam em cima de mim, e a minha posição na Academia em perigo.

O que tornava esta noite pior por várias razões.

A primeira era porque tinha dezassete anos, e tinha cedido às pressões implacáveis do Gibsie para beber até a um estado semicomatoso juntamente com ele. E a segunda, a Bella estava lá.

Eram ambas coisas muito más com um final potencialmente desastroso.

Poucos minutos depois da minha chegada ao Biddies Bar, tornou-se muito claro que o Cormac não era a principal prioridade da Bella. Mal me sentei na mesa com os rapazes, ela fez um atalho para o meu colo e ainda não tinha saído de lá.

Passei a maior parte da noite a tentar evitar o contacto com a saia curta que ela estava a usar, e com a visão daquele pedaço de renda preta entre as coxas sempre que ela se dobrava sobre a mesa para sussurrar qualquer coisa ao ouvido de uma das amigas.

Fazia-me doer fisicamente.

Não porque estivesse a ter qualquer tipo de reação emocional intensa em relação a ela ou qualquer coisa do género, mas tinha dores.

Não que a Bella não fosse uma miúda atraente. Tenho de lhe dar crédito, ela era provavelmente a rapariga com o ar mais apetecível no bar. Com o cabelo curto cortado num *bob*, um corpo alto e curvilíneo, e um imenso par de mamas, era um caso sério.

A questão é que eu tinha acabado. Já o tinha ultrapassado, ao que quer que tivesse havido entre nós, e já o tinha feito há muito tempo. E não estava interessado em recuar e entrar no ringue para mais uma volta.

Isso parecia não fazer a mais pequena diferença para a rapariga, porque ela era como um cão com um osso.

Sendo eu o osso.

Perdi a conta ao número de vezes que fui até ao balcão pedir mais uma rodada, só para poder reposicionar-me num banco longe dela.

Não resultou.

O rabo dela encontrava sempre o caminho de regresso para o meu colo, e eu acabei por me embebedar mais depressa. Nenhuma quantidade de «*não*», ou «*não esta noite*», ou «*nunca mais*», parecia fazer a mais pequena diferença. Ela não me deixava em paz.

Não queria envergonhar ou magoar a rapariga, na verdade. Não era um sacana completo. Razão pela qual estava a tolerar aquela merda.

Cerca da uma e meia, a minha cabeça flutuava, o álcool nas minhas veias misturado com a medicação fortíssima que ainda estava a tomar, tornou-me tosco e desajeitado.

Numa nota positiva, já não estava com dores. Não conseguia sentir a porra de coisa nenhuma.

Estupendo.

– Queres ir para outro sítio qualquer? – ronronou a Bella, inclinando-se para o meu ouvido. Deslizando a mão pela abertura da minha camisa, os seus dedos percorreram a minha clavícula. – Outro sítio um pouco mais privado?

– Não. – Abanei a cabeça e afastei a mão dela (a que estava a cartografar o meu braço) da minha camisa, e agarrei na vodca e no *Red Bull* que tinha trocado por oito canecas de cerveja. Os meus movimentos eram desajeitados, fazendo com que a minha bebida respingasse pelo rebordo do copo e caísse no joelho dos meus *jeans*.

Ela tinha passado a porra da noite toda a tentar beijar-me e acariciar-me, e eu passei toda a noite a virar a cabeça e a fugir das suas mãos vadias.

Não era um tipo que gostasse de exhibir os meus afetos em público, e ela sabia-o.

Deixá-la sentar-se no meu colo desta forma não era uma coisa que tolerasse numa noite normal quando nos dávamos bem, e a única razão pela qual ainda não a tinha ejetado do meu colo por esta altura, era porque estava bêbedo como a merda e não queria deixá-la cair acidentalmente no chão e magoá-la.

Mas não estava a gostar, no entanto. Bêbedo ou não, não apreciava a merda desta demonstração aberta de afeto.

– Vá lá, *sexy* – imperturbável com as minhas ações, a Bella agarrou outra vez no colarinho da minha camisa. – Podemos sair e ir para o

carro? – sugeriu, abrindo outro botão.

Já devia ir no quarto botão.

– Não, Bella – resmunguei, a minha voz a sair arrastada. – Para com isso – agarrei-lhe a mão, retirei-a da minha camisa e pu-la de novo no seu colo. – Não estou com vontade.

– Eu consigo pôr-te com vontade – provocou ela, a mão a movimentar-se para a fivela do meu cinto.

– Para! – prendi-lhe a mão, e pu-la firmemente no seu colo. *Mais uma vez.* – Ainda estou em recuperação. E nós acabámos.

– Oh, a sério? – ela deslizou a mão para dentro da minha camisa, ignorando a parte do *nós acabámos*. – Também posso mudar isso.

– Não. – Afastei-lhe a mão da minha virilha, grunhindo de dor quando ela espalmou rudemente a mão no meu pénis. – Bella, para... – interrompi-me para lhe tirar a mão que se enrolava à volta da minha nuca. – Por favor, para!

Jesus Cristo, se eu tivesse continuado alguma vez a tocar-lhe depois de ela me ter dito para parar, teria havido uma guerra.

Merda de critérios duplos.

– Parar? – espantou-se a Bella, fixando os olhos nos meus.

– Sim. – Voltando a pôr a mão dela na sua coxa, saí de debaixo dela. – Estou cansado.

– Estás sempre cansado, Johnny! – chateou-se ela. – E já nunca tens vontade.

Pergunto-me porquê, porra, pensei para mim próprio, mas não fiz nenhuma tentativa para lhe responder. Era cuidadoso com o que dizia às raparigas. Elas podiam (e faziam-no) interpretar erradamente as coisas em seu benefício.

Bêbedo como estava, lembrei-me com exatidão do que me tinham ensinado na Academia, e esta rapariga não ia conseguir provocar-me.

Não esta noite, Satanás.

Encolhendo os ombros, lancei um olhar turvo à volta da nossa mesa.

Os nossos amigos estavam a observar. Nenhuma supresa por esse lado.

Os meus olhos aterraram no Gibsie, e dei-lhe o meu olhar «*és um sacana de merda.*»

A careta que recebi em troca era apologética.

– Não me ignores quando estou a falar contigo – exigiu a Bella, num tom de voz alto e agudo, deixando-me perceber, mesmo no meu estado alcoolizado, que ela estava em piores condições.

– Não te estou a ignorar – repliquei, tentando manter a calma através da névoa.

– Sim – sibilou ela. – Estás!

– Não, Bella – suspirei, cansado. – Não estou.

– Muito bem. – Envolvendo o meu rosto com as duas mãos, a Bella puxou a minha cara para a dela, pressionando a sua boca contra a minha. – Então, prova-o – rosnou, antes de esmagar os seus lábios nos meus.

Devido ao álcool que corria nas minhas veias, levei alguns segundos a mais a registar o que estava a acontecer. A sensação da sua língua contra os meus lábios era como a da água a apagar o fogo.

Atirei a cabeça para trás, mas ela tinha o meu cabelo firmemente agarrado, mantendo os seus lábios nos meus.

O meu mau humor aumentou e levantei-me abruptamente, batendo na mesa durante o movimento, e conseguindo, felizmente, libertar-me do seu abraço.

As bebidas esmagaram-se no chão, os copos a estilhaçarem-se à nossa volta, chamando a atenção de todos na sala para a nossa mesa.

– Mas que porra, Johnny – guinchou a Bella, olhando-me do seu banco. – Qual é o teu *problema*?

– Quanto te digo não – rugi, limpando a boca enquanto olhava de cima, para ela –, quero mesmo dizer a porra de um *não*!

– Só queria que me beijasses – gritou ela. – É pedir demasiado?

– Mas eu *não te quero* beijar, porra! – bradei, perdendo o controlo do meu temperamento. – *Não quero* a tua boca na minha. *Não quero* as tuas mãos no meu corpo. Porque *não quero* foder contigo!

Lamentei imediatamente o que tinha acabado de dizer. Mas era tarde de mais.

A Bella irrompeu em lágrimas, e, claro, eu era o sacana que a tinha feito chorar.

Meia dúzia de raparigas na mesa dirigiram-me olhares de reprovação e eu estava acabado para aquela noite.

Dei um rosnado alto, passei a mão pelo cabelo e saí do caminho da empregada do bar que se aproximava com uma vassoura e uma pá.

No exterior, tirei o telemóvel do bolso dos *jeans* e chamei um táxi, aliviado como o caraças quando a voz do outro lado me disse:

– Cinco minutos.

Precisava de sair dali e de me afastar das minhas más decisões. A pior das quais tinha sido aquela rapariga perigosa com quem me tinha envolvido.

Naquele momento, estava contente por ter o meu corpo avariado. Estava contente por não ter sido capaz de ter sexo desde o Halloween.

Talvez fosse o destino?

Sem a minha pila a ofuscar a minha capacidade de fazer boas escolhas, tinha podido ver através da fachada da Bella. E não era bonito.

Saber que mais depressa arrancava a pele do que lhe tocava outra vez, deu-me uma sensação de conforto.

Nunca mais, Johnny.

A porra-de-um-nunca-mais, rapaz.

Apoiei-me na parede do *pub*, e permiti aos meus pensamentos que vagueassem até aqueles olhos solitários.

Queria ver aqueles olhos. E a rapariga a quem pertenciam.

O álcool que corria nas minhas veias providenciou-me um bloqueio de consciência, fazendo com que me fosse mais fácil estar obcecado pela Shannon Lynch sem me sentir um pedaço de merda.

No dia seguinte, quando acordasse com a cabeça limpa, iria, sem dúvida, perceber cada pitada das implicações dos meus pensamentos rebeldes, mas por agora, enquanto estava vazio de critérios morais, imaginava todas aquelas terríveis fantasias com grandes detalhes coloridos.

Era bom.

Ela era boa para se pensar nela. Ela era bonita como o caraças.

A voz dela. O cabelo dela. O cheiro dela.

Cada bocadinho dela.

Estava mergulhado em pensamentos, a meditar em como teria sido diferente se tivesse sido a Shannon a pôr a sua boca em mim, quando o som do táxi a buzinar me interrompeu.

– Johnny, meu rapaz – chamou o motorista do táxi, de cujo nome nunca parecia capaz de me lembrar, num tom alegre. – Como é que isso vai? – Para ser franco, nas raras ocasiões em que os nossos caminhos se tinham cruzado, eu estava bêbedo que nem um cacho. – Onde é que está o teu amigalhaço esta noite?

Por amigalhaço, ele queria dizer o Gibsie. Porque o Gibsie estava geralmente por trás de terríveis decisões como esta que eu tinha tomado esta noite.

– Ainda está lá dentro – expliquei, usando todos os meus pedacinhos de concentração para não cambalear quando me afastei da parede. – Obrigado por vires tão depressa, pá.

– Como se eu fosse deixar-te aqui, rapazola – riu-se. – Lembra-te sempre do teu velho amigo Paddy quando estiveres na cidade grande com os homens feitos.

Não me conseguia lembrar do meu velho amigo Paddy *agora*, mas não ia dizer-lhe isso.

– Johnny... espera aí, pá! – chamou o Hughie Biggs saindo do bar aos tropeções na minha direção. Agarrou-me o braço e obrigou-me a parar. – Tens de levar-nos contigo.

– ... *nos*... quem? – perguntei vagarosamente. – Se estás a falar da porra daquela rapariga louca, então, esquece, Hughie. Ela não é responsabilidade minha, e mais depressa cortava a minha pila do que ia lá dentro lidar com ela.

– Quem... a Bella? – O Hughie franziu a testa e abanou a cabeça. – Não, pá. Ela que se foda. Já voltou para o Cormac. Ele esteve escondido no *lounge*, a noite toda no saguão. Não saiu até tu te ires embora, o cobarde. – Arrastou-me até à janela, e apontou lá para dentro. – Não podes *deixá-los* lá.

O meu olhar saltitou do Hughie para o Gibsie, que estava de momento de braços sobre a mesa a roncar com toda a força, para o Patrick Feeley, que estava a ser importunado por uma das amigas da Bella, e para a Bella, que imitava movimentos sexuais em cima do Cormac Ryan, e depois de novo para o Hughie.

– Porque é que sou eu que não os posso deixar...? – grunhi.

– Porque somos os teus bebés – anunciou o Hughie, apoiando o seu peso em mim.

– Os meus bebés...? – perguntei, com a voz arrastada. – Como é que vocês os três são a porra dos bebés de alguém?

– És o nosso capitão – disse o Hughie, também com a voz arrastada. – Somos assim, tipo, da tua responsabilidade.

– No campo de jogo, sim, seu monte de merda.

– Vá lá, Cap, tu és o que tem a casa vazia. Sabes que a mãe do Feeley lhe dá cabo do couro se ele voltar para casa nestas condições, e a minha mãe nem nos passar da porta. E o Gibs... – apontou com o polegar para a janela. – Ele é como teu irmão, pá.

Tudo verdades infelizes.

– Vocês são um monte de malditos *eejits*, é o que vocês são – resmunguei, e cedi. – Muito bem – passei uma mão pelo cabelo, e suspirei. – Trá-los. Vou-me embora agora.

– És uma lenda absoluta, Kavanagh – glorificou-me o Hughie, cambaleando para dentro do *pub* para ir buscar os rapazes.

Em qualquer outra ocasião, oferecer-me-ia para o ajudar. O Gibs era trabalho pesado depois de beber, mas mais facilmente andaria sobre carvão em brasa do que iria lá dentro e enfrentar a Bella.

– Desculpa lá isto, Paddy – balbuciei, interrogando-me sobre se poderia apoiar-me no táxi enquanto esperava que os três malditos palhaços saíssem do bar. – Pensava que era só eu.

– Não há problema, rapaz – replicou o homenzinho gordalhufo. – Qualquer amigo do Johnny Kavanagh é meu amigo também.

– A sério? Bem, os meus amigos são uns cretinos – admiti, com um encolher de ombros.

E pouco esquisitos em relação a vomitar. Em táxis...

– Paddy – coçando a minha nuca, virei-me para o olhar, a minha mente já posta no controlo de danos potenciais. – Lembra-me de te deixar um par de bilhetes para um dos nossos jogos em casa, se estiveres interessado.

– Jesus, Johnny, estás a falar a sério? – Os olhos do taxista arregalaram-se. – Ficaria encantado, rapaz. Emocionado até ao tutano. Vejo todos os teus jogos. Até ponho a minha filha a ver as transmissões diretas dos que não passam na televisão. Estou sempre a dizer à minha mulher que o jovem Kavanagh é o melhor que alguma vez vi a usar o 13 verde.

Encolhi-me com as suas palavras, sabendo que aos dezassete anos deveria ficar emocionado por ouvir um homem que tinha mais do triplo da minha idade a fazer-me um elogio tão grande, mas já tinha ouvido tantas vezes aquelas frases exatas, que o cumprimento deslizou sobre mim como se nem tivesse sido feito.

– Aprecio o apoio, pá – repliquei. – Tens o meu número na tua lista de chamadas. Manda-me uma mensagem, porque neste momento estou bêbedo como a merda e de manhã não me vou lembrar de uma única palavra desta conversa.

– Vou fazê-lo – garantiu o Paddy. – E desculpa-me se estou a pisar a linha, mas fizeste bem em livrar-te daquela rapariga.

Franzi-lhe a testa, vasculhando na minha mente por um tempo em que era suficientemente parvo para a levar para casa comigo. Era a única forma de o taxista saber.

Na névoa da minha cabeça, lembrei-me vagamente de uma noite a seguir ao feriado de Halloween no ano anterior, quando a Bella tinha feito uma cena monumental no exterior do *pub* porque me tinha recusado a levá-la no táxi para minha casa.

Tinha sido uma das últimas vezes em que tinha estado com ela.

– Aquela de quem o teu amigo estava a falar – explicou o taxista. – Ela só traz sarilhos a um rapaz como tu. – Dando umas pancadinhas na testa, acrescentou: – Vai pelo velho Paddy, rapaz. Raparigas assim são umas interesseiras.

Ele tinha razão.

Putá que pariu.

O Hughie e o Feeley cambalearam para fora do bar a carregar o Gibsie, que cantava a plenos pulmões a sua própria versão do *Doctor Jones*, dos Aqua.

Abanei a cabeça com aquela visão.

– Ninguém – disse eu, com a voz arrastada enquanto me aproximava dos rapazes para os ajudar. – E quero mesmo dizer *ninguém*, alguma vez acreditaria que és um doutor, Gibs.

– A tua futura mulher salvou-me hoje da porra de um gatinho – disse ele, a falar de forma desarticulada. – Compra um anel, pá. – Atirando um braço para cima do meu ombro, acrescentou: – A sussurradora de gatinhos é uma guarda-costas.

A franzir a testa, olhei para o Hughie, que olhava pasmado mesmo atrás de mim.

– Quanto é que bebeste, rapaz? – perguntei ao Gibsie, enquanto lutava para o manter quieto no mesmo sítio.

Ele tinha o hábito de fugir quando estava bêbedo.

– O suficiente – o Gibsie arrastou as palavras antes de explodir no refrão da canção, batendo com os pés no caminho para dar mais ênfase.

– Sim, sim – assenti, enquanto ajudava a carregá-lo para dentro do táxi. – És um doutor.

– Sem regras – declarou ele levantando um dedo, antes de cair no assento traseiro do carro.

– Nunca pensei que tivesses – concordei, juntando-me ao *eejit* para lhe pôr o cinto de segurança.

– C'mo vá's, Paddy? – O Gibsie fez uma pausa na canção para cumprimentar o taxista. – Para a mansão Kavanagh – acrescentou, antes de voltar a mergulhar na canção.

Maldito Gibsie.



– Qual é a história contigo e com a Bella? – perguntou o Hughie.

Estávamos sentados no alpendre da frente da casa, a acabar a noite com uma garrafa de *Jameson*. O *whisky* era uma forma terrível de acabar a noite, mas muito necessária, dado que tínhamos passado as últimas três horas a fazer turnos a tomar conta do Gibsie e do seu reflexo de vômito.

O desgraçado tinha projetado vômito por todo o quarto de dormir, e estava de momento albergado na banheira do andar de baixo com uma meia dúzia de toalhas atiradas para cima dele. Felizmente, o seu estômago tinha finalmente ficado vazio e ele ressonava de forma sonora.

O Hughie e eu éramos os únicos ainda acordados, já que o Patrick tinha desabado no sofá da sala de estar no exato minuto em que entrámos em casa.

– Não há nenhuma história, pá – disse eu, a rolar o copo meio

vazio entre as mãos.

– Presumo que ouviste o rumor? – perguntou, num tom cauteloso e ligeiramente arrastado.

Expirei pesadamente.

– Qual deles?

– Sobre ela e o Cormac?

– Não preciso de ouvir nenhum rumor para saber o que está a acontecer ali, pá – grunhi. – Vi-o com os meus próprios olhos, esta noite.

– Não – disse o Hughie lentamente. – Aquele em que se conta que ela foi para casa com o Cormac na noite de Santo Estêvão. – Fazendo uma careta, acrescentou: – E todos os fins de semana desde então.

– Não – disse eu, impassível. – Não sabia.

– Eu ter-te-ia dito alguma coisa, mas tu tinhas acabado de sair do hospital. – Suspirou pesadamente. – Não a queria a interferir com a tua recuperação.

– Não te preocupes com isso, pá. – Fazendo o *whisky* girar dentro do copo, fiquei a olhar para o líquido âmbar, e admiti a verdade. – Já tinha as minhas suspeitas muito antes disso.

– Sim? – ele arqueou uma sobrancelha. – Porque é que não disseste nada?

– Porque queria uma vida sossegada? – indiquei, com voz fraca. – Sou a porra de um *eejit*, pá.

– O Ryan é que é o *eejit* – corrigiu o Hughie. – A lixar um companheiro de equipa por uma rapariga.

Demasiado bêbedo para fingir que estava imperturbável ou para disfarçar as minhas emoções, deixei cair a cabeça e suspirei pesadamente.

– Cometi um erro com aquela rapariga, Hugh. – Levei o copo aos lábios e sorvi o resto do líquido âmbar e acrescentei: – Um erro com a duração de oito meses.

– Pelo menos, saíste incólume, Cap. – Procurando no espaço entre nós, agarrou na garrafa de *whisky* meio vazia, e voltou a encher o copo. – Podia ter sido um erro de nove meses – acrescentou, entregando-me a garrafa. – Com uma etiqueta de preço de dezoito anos a uma vida inteira.

– Bem podes dizê-lo – resmunguei em concordância, agarrando na garrafa. – Consegues imaginar o que é que o Dennehy e o O’Brien teriam feito se aparecesse nos treinos com um bebé?

– Que se lixem os teus treinadores da Academia – rebateu o Hughie. – Imagina o que a tua *mãe* te teria feito.

– Merda, pá, nem sequer me atrevo a pensar nisso. – Enchi o meu copo, pousei a garrafa e abanei a cabeça. – Ugh.

– Rapaz, consegues imaginar o que diria a *minha* mãe se entrasse pela porta com a Katie e lhe dissesse que a tinha engravidado? – perguntou o Hughie com a voz a arrastar. – Iria cortar-me os tomates naquele preciso momento.

– Para, pá! – Estremeci violentamente. – Nem sequer fales nisso.

Ambos batemos na madeira do alpendre para esconjurar o mau agouro.

Passaram-se vários minutos num silêncio confortável até o Hughie voltar a falar.

– Alguma vez voltaste a falar com a Shannon Lynch depois daquele dia no campo de jogo?

Voltei o meu olhar turvado para ele, demasiado bêbedo para disfarçar a minha curiosidade.

– A minha Shannon?

O Hughie riu-se.

– Ela agora é *a tua* Shannon?

Encolhi os ombros, demasiado alcoolizado para me defender ou para o negar.

– Tenho de dizer, fiquei aliviado quando reuniste a equipa para falar do incidente no campo de jogo e cortaste o mal pela raiz – disse o Hughie com um grande suspiro. – Se tu não o tivesses feito, teria eu. A pobre rapariga merece um pouco de paz.

Franzi o sobrolho.

– Conhece-la?

– É amiga da minha irmã desde que eram pequenas.

– Claire – fez-se-me luz, ao vasculhar o meu cérebro à procura da informação de que precisava. – A loira que está no nono ano.

– Sim, pá. – O Hughie sorveu outro gole do seu copo e disse: – Ela esteve hoje lá em casa, na verdade.

– O quê? – olhei para ele. – Não disseste nada.

Ele encolheu os ombros.

– E porque haveria de o fazer?

Boa observação.

– Uma rapariga adorável – disse ele, pensativamente. – Uma família horrível.

– O que é que queres dizer?

O Hughie abanou a cabeça, mas não respondeu.

Aquilo incomodava-me por uma data de razões diferentes. Não gostava de que ele soubesse coisas sobre ela que eu não sabia.

– Vou ver como está a Preciosa na banheira – informou ele, quando acabou o seu copo. – E depois vou deitar a minha cabeça na almofada.

– Escolhe o quarto que quiseres – resmoneei, mergulhado em pensamentos.

O Hughie pôs uma mão no meu ombro.

– Continua a olhar por ela, Cap. – disse ele, apertando-me o ombro.

– Deus sabe que, se há alguém que precisa, é ela.

E então, tinha-se ido embora.

Os rapazes brilharam

SHANNON

Na última sexta-feira de fevereiro, o Tommen College ia disputar a School Boy Shiled com a escola rival, a Kilbeg Prep, nos terrenos da nossa escola. Como era um dos poucos jogos da época que ainda restava para ser jogado em casa, e uma taça prestigiada a ganhar, todas as turmas estavam convidadas a assistir e a apoiar a sua equipa.

De acordo com a Claire, a School Boy Shield que hoje se jogava não era nem de longe tão importante nem tão lucrativa como a taça da liga que a equipa iria disputar no mês seguinte em Donegal, mas ainda assim era uma bonita taça de prata, e o Tommen *adorava* prata.

Não precisei de passar muito tempo em Tommen para perceber que o que meu pai tinha dito sobre esta escola ser uma secundária onde o râguebi era glorificado era verdade. Era fácil de ver que tudo girava à volta deste desporto.

Pessoalmente, conseguia pensar num milhão de sítios onde preferia estar do que a ver os enormes rapazes do Tommen a abrir caminho como *bulldozers* através dos enormes rapazes de Kilberg, mas a vida tem formas estranhas de brincar com uma pessoa.

Embrulhada no meu casaco de inverno e com um gorro de lã, sentei-me entre a Lizzie e a Claire (envolta nas cores da nossa escola), agradecida por ter conseguido um lugar nas bancadas.

Centenas de outros estudantes tiveram de ficar de pé ao longo das laterais do campo de jogo. Não que alguém parecesse importar-se de ficar debaixo da chuva torrencial. Estavam demasiado ocupados a gritar e a torcer pela equipa sénior de râguebi da nossa escola.

Ao fim de dez minutos de jogo, testemunhei em primeira mão porque é que havia todo aquele estardalhaço à volta do Johnny Kavanagh.

Podia, literalmente, sentir a eletricidade a crepitar no ar quando a bola estava nas suas mãos, e pelo som dos gritos, toda a gente sentia o

mesmo.

Ele parecia completamente em casa no campo de jogo, e quando lhe punham a bola nas mãos?

A magia acontecia. Coisas maravilhosas ocorriam.

Ele era tão alto que parecia impossível que fosse tão ligeiro de pés. Era largo e forte, compacto e musculado. Mas também era leve e veloz. Era quase como se dançasse à volta dos oponentes com um trabalho de pernas elegante e movimentos corporais ágeis. Tinha um ritmo louco, e a forma como arrancava a correr era *insana*.

Era incrível de observar.

Podiam ver-se as rodas do seu cérebro a mexer quando alcançava cada jogador, passava a bola e atacava com a precisão de um especialista.

Era um jogador inteligente, com bom olho para entender o jogo e uma autodisciplina que rivalizava com a de um santo. Parecia não importar quantas vezes lhe batiam ou quantos vezes era o alvo dos rivais (e era, *claramente*, um alvo), ele conseguia manter a calma. Sofria pancadas, ataques físicos, e limitava-se a levantar-se e a continuar.

Eu estava em modo veneração.

A forma como ele se movimentava no campo de jogo era extraordinária, e dei por mim fascinada com isso.

Não admira que toda a gente fale dele, pensei para comigo.

Estava, nitidamente, *léguas à frente* dos rapazes com quem jogava, e pensei que merecia estar num campo de jogo mais prestigiado. Se podia jogar assim aos dezassete anos, imagine-se o que uns poucos de anos podiam fazer pelo seu jogo.

– Boa, Hughie! – animou Claire, distraíndo-me dos meus pensamentos quando o irmão, o número 10 do Tommen, pontapeou a bola por cima da linha lateral. A bola disparou por cima dos dedos dos oponentes antes de ficar fora de jogo. – Viva! – gritou a Claire, levantando um punho no ar. – Bom trabalho, rapazes!

– O que é que está a acontecer agora? – perguntei, insegura quanto à razão pela qual ela estava a dar vivas, quando o irmão tinha, obviamente, pontapeado demasiado a bola. – Isto é bom para o Tommen?

Era nítido que ela estava tão embrenhada no jogo como eu, já que tinha passado os últimos cinquenta minutos a alternar entre explicar-me as regras e gritar obscenidades a plenos pulmões.

As suas explicações entraram-me por um ouvido e saíram-me pelo outro, os meus nervos demasiado em franja para apreender qualquer coisa mais do que o básico dos básicos que já conhecia de ver a Seis Nações todos os anos, mas fingi perceber, para lhe agradar.

– Isto não é futebol, Shan – disse ela, a rir. – Foi uma excelente jogada. O alinhamento é nosso.

– Alinhamento?

– Observa – encorajou-me, e então começou a gritar que nem uma possessa quando o número 2 do Tommen atirou a bola, e o Gibsie, que estava a usar o número 7, foi impulsionado para o ar pelos seus companheiros de equipa e apanhou a bola a meio caminho.

– Sim!!! – gritou a Claire, batendo palmas que nem uma louca. – Vamos embora, Gerard!

Soava estranho ouvir a Claire a chamar-lhe Gerard quando toda a gente à nossa volta gritava pelo nome de Gibsie. Literalmente, *ninguém* lhe chamava Gerard a não ser a Claire.

A bola veio então a zunir pelo campo de jogo para as mãos do Johnny, e o meu coração saltou. A minha pulsação acelerou instantaneamente ao vê-lo na jogada.

– Oh, meu Deus! – gritei, o coração a bater-me erráticamente no peito, quando quatro dos avançados do Kilbeg placaram o Johnny atirando-o ao chão, enterrando-o numa montanha de músculos e pesos mortos. – Eles podem fazer aquilo?!

Membros voavam e chuteiras de futebol furavam a pilha amassada de jogadores por entre o *ruck*. Eu olhava para aquele desenrolar grotesco no campo de jogo.

– Eles estão a tentar matá-lo – guinchei, incapaz de acreditar no que estava a ver. – C’um caraças! – agarrando os braços das minhas duas amigas, apertei-os com força. – Aquilo não é ilegal?!

– Não me perguntes – respondeu a Lizzie, com um encolher de ombros. Desenganchando o seu braço da minha mão, voltou ao folhear da sua revista. – Consigo imaginar um milhão de coisas melhores para fazer com o meu tempo do que sentar-me aqui a fingir

que apoio um desporto com o qual não me podia importar menos.

Pelo menos, era honesta.

Tinha pensado que sentiria o mesmo. No entanto, *ele* estava a jogar, e eu estava relutantemente hipnotizada.

– Eles estão claramente a visá-lo – afirmei, vendo como o árbitro soprava no seu apito e corria para o amontoado de jogadores.

– *Claro* que estão a visá-lo – explicou a Claire, apertando a minha mão. – O Johnny é o melhor jogador do Tommen. Deitem-no abaixo e o jogo terá outro desenrolar – continuou ela a dizer. – Seriam tolos se não tentassem.

Queria gritar «*Deixem-no em paz!*» com toda a força dos meus pulmões, mas em vez disso fiquei-me por um «Aquilo é horrível», enquanto uma preocupação avassaladora apertava o meu peito.

– É o rãguebi – declarou a Claire.

– Odeio o rãguebi – disse a Lizzie.

– Ninguém quer saber o que odeias, menininha pessimista – replicou a Claire. – Volta para os teus horóscopos.

A Claire e a Lizzie ficaram nisto durante alguns minutos, antes de a Lizzie irromper num bocejo exasperado, dizendo qualquer coisa sobre a necessidade de poupar as suas células cerebrais, mas eu não estava, na verdade, a ouvir nenhuma delas.

Estava absorvida com o que se passava no campo, onde a equipa médica estava ocupada à volta do Johnny, dando-lhe pancadinhas e preenchendo-lhe o rosto com gazes e ligaduras.

A sua camisola às riscas pretas e brancas com o número 13 nas costas estava colada à pele. Os calções brancos estavam manchados de relva e salpicados de sangue. Os dois joelhos estavam cobertos de lama. O cabelo estava desgrenhado e escorregadio do suor. Um dos seus olhos estava a ficar púrpura e a inchar a um ritmo rápido, e tinha um fio de sangue consistente a escorrer da sobrelanceira, mas isso não parecia incomodá-lo nem um bocadinho.

A atenção do Johnny não estava centrada na equipa médica ou nas ordens que o árbitro gritava ao seu ouvido. Ele estava demasiado ocupado a olhar para *mim*.

O meu coração ribombou contra o meu peito enquanto ele olhava descarada e desavergonhadamente para *mim*. Os olhos a arderem, uma

expressão palpavelmente intensa.

A respirar com dificuldade, levantou a bainha da sua camisola para limpar o sangue da sobancelha, acabando com a tentativa da pobre mulher de lhe fazer um curativo e revelando uns abdominais duros.

O movimento foi tão primitivo, tão decididamente másculo, que me atingiu diretamente no peito. A cara começou a arder-me, e senti os ombros a vergarem enquanto me curvava sob o peso do seu olhar intenso.

– *Que diabo é aquilo?!* – sibilou a Claire, excitadíssima, apertando-me a mão. – O Johnny Kavanagh está a olhar para ti, Shan. Mesmo a sério, miúda, aquele rapaz está *a olhar* para ti!

– Merda. – Insegura quanto ao que fazer, mas sabendo que precisava de fazer alguma coisa, voltei a minha cara para o pescoço da Claire e soprei: – Esconde-me.

– O quê?! – guinchou ela.

– Diz-me apenas quando ele se for embora, OK? – supliquei, concentrando-me numa sarda do seu pescoço. – Finge que estás a falar comigo, ou uma coisa assim.

Menos de um minuto depois, a Claire disse:

– OK, ele foi-se embora.

Soltei a respiração, e voltei-me a tempo de ver o Johnny a correr de regresso à sua posição enquanto o árbitro ordenava uma formação ordenada do Tommen.

– O que é que se passa entre vocês os dois? – quis ela saber. – Pensei que tinhas dito que não falavam desde aquele dia no gabinete.

– Não se passa nada entre nós – repliquei, com as faces a arder. – *E não falei.*

A Claire lançou-me um olhar de descrença.

– Bem, o olhar que ele te lançou não me pareceu *nada*.

– *Não foi nada* – garanti-lhe (e a mim própria). – A sério, Claire, nem sequer conheço o tipo...

Apupos e uma vaia monumental irromperam à nossa volta, e voltámo-nos ambas para ver que o número 15 de Kilbeg tinha conseguido um ensaio. O número 10 deles converteu-o com facilidade, aumentando a pontuação da equipa.

– Oh, merda! – exclamei, sentindo-me muito mais ansiosa do que

deveria. – Quanto tempo é que falta?

– Cerca de um minuto e meio, e não penses que não vamos falar disto mais tarde – disse a Claire, antes de voltar de novo a sua atenção para o jogo e gritar: – Vá lá, Tommen! Buuu! Kilbeg... vocês são uma merda completa!

O Kilbeg ganhou o pontapé para recomeçar, ficando com a posse da bola e avançando vários metros.

Ambas as equipas pareciam completamente exaustas, com a exceção do Speedy Gonzalez, a.k.a. Johnny Kavanagh, que parecia ter um depósito ilimitado de energia.

As minhas mãos começaram a suar profusamente quando o número 10 do Kilbeg se moveu para entre os postes, ficando ao alcance para um pontapé na baliza.

Estavam na décima nona fase e o resultado estava empatado com vinte pontos para cada um. Pelo menos, foi o que a Claire disse.

– É agora! – A Claire continuava a guinchar. – É agora. É agora. Oh, Deus! Não consigo olhar.

Sustive a respiração, incapaz de lidar com a antecipação.

Finalmente, o número 9 do Kilbeg posicionou-se no *ruck* (a palavra que me tinham ensinado para aquele grande amontoado na relva). Com a bola nas mãos, fez um passe atrás para o seu número 10.

O meu coração parou.

Os apoiantes nas bancadas à minha volta ficaram todos em silêncio.

Falha.

Falha.

Lixa-o.

Desconcentra-te.

Todas as minhas preces foram atendidas quando a bola deixou a sua bota e foi bloqueada pelo Johnny, enviando-a a voar na direção da sua linha de baliza.

O relógio marcou o fim do tempo, entrando no vermelho.

– Sim! – gritou a Claire, saltando a pés juntos, em conjunto com todos os outros apoiantes nas laterais do campo. – Embora lá, Johnny! Vamos lá, Kavv!

Incapaz de respirar, vi como três defesas do Kilbeg corriam atrás

dele. No entanto, não foram suficientemente rápidos.

Como um relâmpago, o Johnny evitou ser intercetado, correndo mais depressa do que qualquer rapaz do seu tamanho deveria ser capaz. Vivas, gritos e rugidos de encorajamento irromperam das bancadas, quando o Johnny pontapeou a bola para a frente, empurrando-a para mais perto da linha de ensaio, enquanto corria atrás dela a uma velocidade louca.

– Vamos! – rugiu a Claire, excitadíssima. – ‘Bora! Estás quase lá! Continua! Mexe-me essas pernas *sexy*!

A bola rolou por cima da linha.

Milésimos de segundo depois, o Johnny rebateu, ultrapassando os defesas que estavam mesmo nos seus calcanhares. Uma distorção de movimento resultou no Johnny a tocar na bola no chão.

Toda a gente à nossa volta ficou *louca*.

O número 10 do Tommen moveu-se para a posição em frente aos postes e rapidamente deu o pontapé da conversão, assegurando os dois pontos.

E já estava. Tinha acabado.

O Tommen tinha vencido. E eu estava cambaleante.

– Tens algumas explicações para dar, menina – reclamou a Claire, enquanto saltava a celebrar. – Uuh-uuhh! ‘Bora, Tommen, ‘bora!

– Explicações? – perguntei. – Sobre o quê?

– Sobre a razão pela qual aquele rapaz ali está a olhar para ti como se te quisesse comer – respondeu, e então apontou ostensivamente com um dedo na direção de Johnny. Que estava precisamente a olhar para mim.

– Não sei – disse eu, em voz abafada. – Não faço ideia do que está a acontecer aqui.

Todos os seus companheiros de equipa andavam a correr à volta do campo, pulando e saltando a celebrar a vitória, e Johnny parecia distraído.

Ele tinha sido, quase literalmente, submerso por pessoas, desde professores a alunos, a jornalistas locais e operadores de câmara que lhe empurravam os microfones para a cara.

O que sobressaía era a sua compostura imaculada. Nada disto o perturbava. Nem um bocadinho. Parecia o epítome da serenidade,

calmo e contido enquanto respondia aos repórteres e agradecia aos apoiantes que lhe davam pancadinhas nos ombros, mas a cada instante o seu olhar esvoaçava de volta para mim.

Eu não estava a perceber aquilo.

Pior, ter a sua atenção *emocionava-me*.

– Porque é que estão todos em cima dele? – perguntei, sentindo-me mal pelos outros tipos da equipa.

A Claire revirou os olhos.

– Ah, porque ele é o *Johnny Kavanagh*.

– E então?

Eu não estava a perceber.

– Vamos! – guinchou ela, e depois agarrou a minha mão, praticamente a arrastar-me pelas bancadas, e depois para o campo de jogo.

Talvez não parecêsemos fora do nosso elemento, com pelo menos metade da escola dentro do campo, mas não há dúvida que me senti assim enquanto me arrastava desajeitadamente atrás dela.

– Hughie! – gritou a Clara, correndo para lançar os braços à volta do irmão mais velho. – Foste espetacular!

– Viva, maninha – disse ele, dando-lhe palmadinhas nas costas enquanto procurava alguma coisa por entre a multidão.

Localizando obviamente o que procurava na forma de uma pequena ruiva, o Hughie pôs a irmã de lado e correu na direção dela.

– Eu quero aquilo – suspirou a Claire ao ver o irmão agarrar a namorada e a girar com ela à volta. – Obviamente, não com o meu irmão – disse, com uma careta. – Mas o que eles têm. – Suspirou outra vez. – Um dia, quero ter aquilo.

– Ursinha Claire! – chamou uma voz familiar.

A Claire voltou-se, e juro que toda a sua cara se iluminou quando viu o Gibsie a correr na nossa direção.

– Conseguiram! – gritou ela, e depois voou até ele.

Ele parecia tão entusiasmado como ela e apanhou-a.

Observei-os durante alguns minutos, os dois a girarem à volta um do outro, completamente imersos na sua própria bolha, enquanto falavam animadamente sobre diversos aspetos do jogo. Ou a Claire não fazia a menor ideia, ou o Gibsie não fazia a menor ideia, ou

ambos eram completamente cegos, porque eu podia sentir, ver e cheirar a química que flutuava à volta deles.

Sentindo-me constrangida e deslocada do ambiente, enfiei as mãos nos bolsos do casaco e virei-me rapidamente, deslizando através de uma massa de apoiantes do Tommen.

Estava familiarizada com um dia de jogo. Tinha ido a jogos suficientes do Joey. Mas isto era diferente. Sentia-me como uma intrusa.

– Ei! – ouvi uma voz dolorosamente familiar a chamar, interrompendo-me os pensamentos. – Espera!

Um instinto humano básico fez-me virar para ver quem estava a chamar, e se era dirigido à minha pessoa. Quando os meus olhos pousaram no Johnny a correr para mim, o coração trovejou-me no peito, martelando violentamente.

Oh, meu Deus. O que é que ele estava a fazer? Porque é que estava a vir ter comigo? O que raio estava a acontecer?

– Como é que isso vai? – perguntou o Johnny, fechando a distância entre nós, a voz compreensivelmente sem fôlego do esforço no campo.

– Ah, vai... ah, vai bem – tropecei nas minhas próprias palavras, sentindo-me completamente fora dos eixos por estar assim tão perto do Johnny outra vez. – Está tudo bem contigo? – acrescentei sem convicção, e depois corei imediatamente de embaraço. – Deves sentirt-te bem. – Suspirando, reprimi a vontade de gemer e concluí a balbuciar: – Quero dizer, como é que isso vai *contigo*...?

– Vai bem – respondeu o Johnny, com um sorriso que intensificou as duas covinhas nas suas faces.

Era a primeira vez que via aquelas covinhas e a minha memória absorveu-as como uma *esponja*.

– Ainda bem – arquejei, esforçando-me para me concentrar.

Ao contrário da última vez em que tinha estado perto dele (quando eu estava a ver estrelas), ou nos corredores quando ele era apenas um borrão de movimento, ou estava demasiado longe para conseguir vê-lo bem, agora tinha uma visão clara da sua cara, desobstruída e sem ser enevoada por uma concussão.

E, caramba, se essa visão não era de tirar o fôlego!

Tipo, ele era mesmo incrivelmente, dolorosamente,

perturbadoramente atraente.

Tinha uma estrutura óssea notável, com as maçãs do rosto altas e um queixo forte, lábios cheios, e uma massa desgrenhada de cabelo castanho-escuro que tinha sido cortada com estilo nos lados, com um pouco mais de comprimento no cimo.

O seu rosto carregava as marcas de um rapaz que já tinha estado em mais do que uma luta. Sobre a sobrancelha esquerda havia uma cicatriz ainda fresca a coagular, o nariz tinha sido nitidamente partido uma vez ou duas, e a sua bochecha direita estava a ficar púrpura a um ritmo rápido.

– Lembras-te de quem eu sou, certo? – perguntou, ainda a sorrir, embora parecesse agora um bocadinho nervoso, provavelmente porque eu estava a olhar para ele como uma demente. – Shannon *como o rio*.

Oh, Deus.

– Sim – disse eu, com a voz abafada, sentindo que cada mililitro de sangue no meu corpo estava a subir para a minha cara enquanto punha uma madeixa de cabelo solta atrás da orelha. – Lembro-me de ti. – Insegura quanto ao que deveria dizer ou fazer mais, levantei estupidamente uma mão, e acenei: – Olá, Johnny.

O que é que se passava comigo? A sério? Tinha acabado de *lhe acenar*? Enquanto falava com ele?

Deus...

O sorriso que ele trazia aumentou para um mais aberto, com os dentes brancos como pérolas todos à mostra:

– Olá, Shannon.

Oh, caraças...

– Bem, eu estou bem – respondi, num tom de voz um pouco tenso. – E tu estás bem. Por isso, está tudo... bem.

– Isso é bom – afirmou ele, torcendo os lábios.

– Pois, está tudo bem – disse eu, encolhendo-me por estar a ser tão desajeitada.

O Johnny sorriu-me.

– *Que bom.*

Mortificada, olhei para a sua cara e rapidamente jurei a mim própria nunca mais usar as palavras «*bom*» e «*bem*» outra vez.

– Vi o teu jogo – saiu-me. – Parabéns.

Oh, claro, Shannon, porque isto é muito melhor. Devias ter-te ficado pelo bom e pelo bem, idiota!

– Eu sei – replicou o Johnny com um pequeno sorriso. – Eu vi-te.

Abri a boca para dizer alguma coisa, qualquer coisa que me salvasse, mas tive uma branca e em vez disso encolhi os ombros, impotente.

– Recebeste o meu bilhete? – perguntou o Johnny, salvando-me assim de tentar formar uma frase coerente.

– Sim, e queria agradecer-te pelo dinheiro – disse-lhe, com um tom de voz delicado. – Só não sabia se devia...

– Não te preocupes com isso – interrompeu-me, com um sorriso. – Não estava à espera de um agradecimento.

– É demasiado, a propósito – acrescentei rapidamente, pondo o cabelo atrás da orelha. – A minha mãe conseguiu uma saia nova por trinta euros.

– Espero que te tenha comprado aquelas meias que querias – contrapôs ele, com um sorriso.

Oh, santo Deus.

O sorriso daquele rapaz era qualquer coisa...

– Bem, sim – corei intensamente. – Essas eram apenas cinco euros. Deslizei as mãos para dentro dos bolsos do casaco, olhei para os meus sapatos, inspirei profundamente, e depois enfrentei-o de novo. – Posso devolver-te o resto...

– Nem pensar – o Johnny afastou rapidamente essa ideia, limpando um bocado de lama da sua bochecha. – Guarda-o.

– *Guardo-o?* – disse eu, inexpressivamente. – Não queres que te devolva sessenta e cinco euros?

– Magoei-te – replicou, com os seus intensos olhos azuis fixos nos meus. – Fiz merda. Não tens de me devolver nada.

Oh, graças a Deus, porque os meus pais nunca me iriam dar o dinheiro para devolver.

– Tens a certeza? – perguntei.

O Johnny assentiu, e disse:

– Sim, claro – e prossegui: – Como está a cabeça?

Sorri-lhe.

– Muito melhor.

– De certeza? – perguntou, com um sorriso embaraçado. – Não há sequelas que possam meter-me em sarilhos? Não preciso de chamar os advogados, pois não?

– O-o q-quê? – gaguejei. – Não, não. Estou ótima. Eu nunca te processaria...

– Estou a brincar contigo, Shannon – riu-se o Johnny. Abanando a cabeça, acrescentou: – Estou mesmo contente por estares bem.

– Oh, OK – corei. – Obrigada.

– Johnny! – chamou uma voz masculina tonitruante, interrompendo-nos.

Voltei a cabeça para ver um homem corpulento a encaminhar-se na nossa direção, com uma máquina fotográfica de aspeto impressionante pendurada ao pescoço.

– Dás-nos uma fotografia para o jornal, não dás, filho?

Tive quase a certeza de ouvir o Johnny murmurar de forma praticamente inaudível «vão à merda», mas ele virou-se para o fotógrafo e assentiu educadamente com a cabeça:

– Sem problema.

– Bom rapaz – elogiou o fotógrafo, e apontou a máquina fotográfica para o Johnny, mas suspendeu o gesto e virou-se para mim. – Sai da frente, sim, querida?

– Oh, claro, desculpe – disse eu, afastando-me desajeitadamente do ângulo da lente.

– Nós estávamos a falar – irritou-se o Johnny. Lançou um olhar contundente ao fotógrafo e aproximou-se de mim.

– Sorri – ordenou-me calmamente, enquanto me puxava para o seu lado e enganchava a sua enorme mão lamacenta na minha anca.

Abismada, olhei para ele.

– Hã...?

– Sorri – repetiu tranquilamente, pondo-me debaixo do seu braço.

Com os nervos em franja, voltei a cara para o fotógrafo e fiz exatamente o que o Johnny me tinha dito para fazer.

Fiz um sorriso radioso.

O fotógrafo arqueou uma sobrancelha e lançou-me um olhar curioso, e começou rapidamente a disparar o que parecia uma rajada

de metralhadora. Os *flashes* que saíam da sua máquina cegavam-nos, e quando a eles se juntaram muitos mais *flashes* de outros fotógrafos, comecei a tremer de ansiedade.

Que diabo estava a acontecer?

– Muito bem, já chega – declarou o Johnny, levantando uma mão e libertando a minha anca. – Obrigado por terem vindo hoje. Agradeço o vosso apoio.

– Johnny, Johnny? – chamou uma das mulheres que estava na multidão que nos rodeava. – Que tipo de relação é que têm?

– Privada – atirou o Johnny, friamente.

– Como te chamas, querida? – perguntou o primeiro fotógrafo, enquanto tirava uma esferográfica do bolso do casaco.

A tremer, fiquei ali de pé, sentindo-me uma farsa, e sentindo um milhão de olhos curiosos em cima da minha cara.

– Shannon Lynch – informou o Johnny, com um aceno de cabeça curto, e depois, ignorando a meia dúzia de fotógrafos que estavam a olhar para nós, voltou de novo a sua atenção para mim. – Vens à festa, depois da escola?

– O que é que eles estão a fazer? – perguntei, insegura, incapaz de me concentrar no que ele acabara de dizer porque estava demasiado ocupada a ver o fotógrafo a escrever qualquer coisa nas costas da mão, e vários outros repórteres a andar por ali próximo.

– Ignora-os – disse o Johnny, abanando a cabeça. – Já vão todos embora.

– Eles estão a observar-te – sussurrei. – E parece que estão a observar-me a *mim*?

Com um suspiro de frustração, o Johnny voltou-se.

– Estou *na escola* – declarou num tom cortante. – Nos terrenos da escola. Com uma menor.

Felizmente, o truque pareceu resultar, porque eles começaram a dispersar lentamente.

– Aquilo foi tão estranho – disse eu, quando o Johnny se voltou de novo para mim.

Ele olhou de forma curiosa.

– Não gostas daquele tipo de coisas?

– Aquilo foi horrível – disse numa voz tensa. – Toda aquela atenção

por causa da palermice de um jogo.

O Johnny lançou-me outro olhar curioso.

Fixei o meu olhar nele, sentindo-me absolutamente confusa.

– Então, vens? – perguntou.

Quando continuei a olhar para ele com um ar perplexo, ele esclareceu:

– À festa. A mãe do Hughie vai oferecer uma festa à equipa em casa deles.

– Eu?

– Sim, tu – reforçou ele, lançando-me um olhar peculiar.

O ritmo do meu coração aumentou para um nível perigoso enquanto ficava a olhar pasmada para este rapaz lindo que estava a convidar-me para uma festa. Espera, ele estava a perguntar-me ou a convidar-me?

Oh, Deus, não fazia ideia.

Franzindo a testa, o Johnny acrescentou:

– És amiga da irmã dele, da Claire, não és?

– Oh. – Abanei a cabeça vigorosamente. – Oh, ah, não, não... Quero dizer, sim, *sou* amiga da Claire, mas não vou à festa.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Porque não?

– Porque não estou autorizada a ir a lá... – interrompi-me abruptamente e com toda a rapidez direcionei o que estava a dizer numa direção mais segura. – Tenho de ajudar a minha mãe à noite.

– Ela está grávida – afirmou ele, num tom sensibilizado.

– Sim – assenti, e depois, porque era especialista em tornar as situações desconfortáveis, acrescentei: – Vai nascer em agosto.

– Parabéns...? – disse Johnny, mexendo-se com o desconforto.

Bom trabalho, Shannon, murmurei mentalmente.

– Obrigada – agradei, contorcendo-me.

– Tens a certeza de que não queres mesmo vir? – perguntou então.
– Não vou beber, por isso, posso dar-te uma boleia para casa quando quiseres ir emb...

– Cap – chamou um dos seus companheiros de equipa nesta altura.

– Mexe o teu rabo daí, pá, e vem levantar a porra da taça.

– Estou aqui a ter uma conversa, Pierce – chateou-se o Johnny,

voltando-se para olhar para quem quer que fosse que estivesse a chamá-lo. – Dá-me um maldito minuto.

– Os teus amigos estão a chamar-te – apressei-me a dizer, sabendo que precisava de me afastar deste rapaz antes que fizesse alguma coisa incrivelmente estúpida, como aceitar o seu convite.

Porque queria. Queria muito, *muito*. E se ficasse aqui e continuasse a olhar para ele, sabia que aceitaria.

– É melhor ir – acrescentei, fazendo outro aceno idiota ao Johnny.
– Diverte-te.

Não esperei para ouvir a resposta. Em vez disso, dei meia-volta e apressei-me a afastar-me com o coração a martelar-me no peito.

– Tens a certeza de que não queres ir só por uma hora? – ouvi o Johnny dizer atrás de mim.

– Tenho – respondi, por cima do ombro enquanto me apressava a afastar-me. – Adeus, Johnny.

– Pois, hã, adeus, Shannon.

O som de rapazes a rir e a falar atrás de mim encheu-me os ouvidos, mas não me atrevi a olhar para trás. Em vez disso, fiz o mais sensato, e removi-me da tentação com as palavras da Claire a troarem nos meus ouvidos.

«Rapazes com olhos bonitos e grandes músculos põem a vida das raparigas de pernas para o ar.»

E como ela tinha razão.



Passava um bocadinho das oito quando finalmente cheguei a casa nessa noite.

Quase cinco quilómetros depois de Tommen, o autocarro tinha avariado.

Durante duas horas, fomos obrigados a ficar no autocarro, enquanto outro era enviado da cidade de Cork para nos transportar para casa. Era ridículo. Passei cada minuto dessas duas horas a pontapear-me mentalmente por não ter aceitado a oferta do Johnny.

O que é que se passava comigo?

Gostava dele. Gostava *mesmo* dele.

Perguntara-me se eu ia a uma festa, ofereceu-se para me levar a casa depois e dei meia-volta e praticamente fugi dele. Não, corrigir para: Eu *fugi* dele.

Em minha defesa, tinha sido completamente apanhada de surpresa por ele.

Nem uma única vez, depois das semanas que tinham decorrido após o meu acidente, algum de nós se tinha aproximado do outro.

Ele quebrou a regra imaginária que tínhamos estabelecido. Ele tinha-me desorientado ao falar comigo, e eu continuava muito desorientada neste momento.

A minha cabeça continuou toda a noite a andar às voltas com o nosso encontro, até ficar exausta de pensar no assunto e completamente desgostosa comigo mesma.

Devia ter ido à festa. Se tivesse ido, não teria passado duas horas a congelar num autocarro com uma temperatura ártica. Pelo menos, se tivesse ido à festa, teria valido a pena chegar atrasada. Porque o olhar que o meu pai me deitou quando entrei em casa assegurou-me que as duas horas que passara sentada sozinha num autocarro avariado não tinham certamente valido a pena.

– Onde é que estiveste? – quis saber o meu pai, olhando-me como um falcão do seu poleiro na mesa da cozinha quando passei pela soleira da porta.

Invadiu-me a familiar onda de pânico.

O meu pai era um homem com um ar portentoso, media mais de 1,80m, tinha um cabelo castanho-escuro e uma constituição atlética que lhe tinha ficado dos seus dias no *hurling*. Ele também tinha jogado por Cork, mas ao contrário dos meus irmãos, os méritos e os feitos do meu pai não eram coisas de que falasse abertamente. Porque *não* me orgulhava do homem que estava a olhar fixamente para mim.

Nem sequer tinha a certeza se ainda gostava dele. Ou se alguma vez tinha gostado.

Não quando ele me aterrorizava mais do que qualquer bully da escola alguma vez o tinha feito...

– Então? – insistiu ele, num tom tenso. Estava a substituir o punho de borracha do que parecia ser o *stick* de *hurling* do Ollie, e a visão dele a segurar o bastão de madeira causou-me um tremor de pânico

pela espinha abaixo. – Estás atrasada!

Fiquei subitamente muito agradecida por ter fugido do Johnny Kavanagh quando ele me convidou para a festa depois da escola. Um estremecimento percorreu-me o corpo com o pensamento do que o meu pai poderia fazer se eu tivesse aceitado o convite.

– O autocarro avariou-se – disse, enquanto encostava cautelosamente a minha mochila contra a parede. – Tivemos de esperar duas horas até que outro autocarro nos fosse buscar.

O meu pai lançou-me um olhar duro.

Permaneci no exato lugar onde estava, nem me atrevendo a respirar.

Finalmente, ele assentiu.

– Porra de autocarros – resmungou o meu pai, devolvendo a atenção à sua tarefa.

O ar que tinha estado a suster saiu dos meus pulmões numa expiração sonora.

Está tudo bem, Shannon, disse a mim própria. *Ele não está com a fala arrastada. Não há cheiro de whisky, e nenhum sinal de mobília partida.*

Mas não era suficientemente louca para abusar da minha sorte no que dizia respeito ao meu pai, e aproximei-me do cesto do pão com a intenção de fazer uma sanduíche de queijo para levar.

Sair desta cozinha e subir para o meu quarto sem qualquer confronto, era o meu objetivo para os próximos minutos, enquanto fazia rapidamente uma sanduíche torta e enchia um copo com água da torneira.

– Boa noite, pai – sussurrei quando já tinha a minha sanduíche e o meu copo de água.

– Não voltes a chegar atrasada – foi tudo o que ele respondeu, sem levantar os olhos do *stick* de *hurling* nas suas mãos. – ‘Tás a ouvir-me, rapariga?

– Sim, senhor – respondi, e depois trepei pelas escadas acima para o santuário do meu quarto.

Uma vez lá dentro, dei a volta à chave e encostei-me à porta, a tentar desesperadamente controlar o ritmo do meu coração.

Hoje era sexta-feira.

Sexta-feira era um dia seguro.

Um punho na cara: preferível a uma tarte

JOHNNY

A minha cabeça estava um farrapo. O meu corpo estava desfeito. Não conseguia apreciar o vinho ou celebrar verdadeiramente com a equipa, porque estava chateado.

Chateado com qualquer coisa que não conseguia perceber.

Recusando as inúmeras garrafas de cerveja que me punham à frente, aninhei-me no sofá da sala de estar do Hughie, com o troféu do Homem do Jogo apoiado numa almofada ao meu lado, a minha medalha de vencedor à volta do pescoço, a fazer tempo até poder esgueirar-me, guiar até casa, e afundar-me num banho de gelo.

Era meu dever estar com os meus companheiros de equipa depois de uma grande vitória como esta. Sendo o capitão, era suposto estar a liderar as celebrações.

Da aparelhagem estereofónica ao canto explodia música de dança, «I'll Fly with You», de Gigi D'Agostino, e eu sabia que aquele estúpido refrão tipo buzina de nevoeiro *da da do de da da* ficaria dentro da minha cabeça toda a noite. A casa estava uma bagunça com a equipa e as pessoas da escola, todos a beberem, comerem e a dançarem.

Em vez de me juntar à brincadeira, estava a pôr gelo na minha coxa, porque pôr gelo nos tomates não seria socialmente aceitável, e a empurrar um bife que a Sinead, a mãe do Hughie, me tinha cozinhado e posto no prato, e a pensar numa rapariga que parecia não conseguir afastar-se de mim com rapidez suficiente.

O que mostrava como as coisas eram exatamente.

Todos os outros estavam a beber e a divertir-se, enquanto eu me recarregava de proteína e me deixava levar à loucura por causa de uma rapariga.

Era com isto que a rejeição se parecia?

Se era, desgraçada de merda!

O que me tinha dado para ir ter com a Shannon, nunca saberia, mas toda a gente estava a gritar à minha volta, a multidão junto de mim, precisava de um alívio, e via-a ali, de pé, toda olhos grandes e solitários, e qualquer coisa se agitou.

Naquele momento, tinha feito sentido ir ter com ela e falar-lhe. Porque não queria que estivesse sozinha. Porque me foi muito difícil concentrar-me no jogo sabendo que ela me estava a ver. Porque quando ela se voltou para se ir embora, as minhas pernas moveram-se por vontade própria, desesperadas para a interceptar.

Posso dar-te uma boleia para casa quando quiseres ir embora?

Mas que grande merda...? Bem podia ter gritado «*Gosta de mim, gosta de mim, porra*» à rapariga.

Sentia-me como um maldito *eejit*. Em que é que estava a pensar, a convidá-la para a festa? Pior, o que é que estava a pensar, que ela dissesse que sim? Eu era um tremendo estranho para ela.

Valha-me Deus!

Estava tão desiludido comigo.

Nos últimos dois meses tinha conseguido ser tão bem-sucedido, tão estupidamente bem-sucedido nas minhas tentativas de me manter longe dela. Não conseguia tirá-la da minha cabeça, mas maldição, estava a manter a distância. Uma injeção de adrenalina da vitória, e estraguei tudo.

Pior do que estragar tudo, arrastei-a para uma fotografia comigo.

E ela parecia *aterrorizada*...

– Estás bem, pá? – perguntou o Feeley, afundando-se ao meu lado no sofá.

Grunhindo uma resposta, tirei a almofada de trás das costas e pu-la no meu colo, cobrindo a cor púrpura que se espalhava pela minha coxa direita.

Ainda estava com o equipamento, tal como a maior parte da equipa. Ainda tinham as camisolas vestidas, porque queriam exhibir-se. E com todo o direito. Cinco vitórias seguidas na School Boy Shield era um novo recorde para o Tommen, e o primeiro gostinho a prata para os rapazes mais novos.

Eu ainda estava com o meu equipamento porque não tinha tido energia para me despir depois do jogo. Se não fosse tão apelativo para

os olheiros, teria atirado a toalha ao chão na equipa da escola e poupado o meu couro para os jogos da Academia ou do clube.

– Sabes, a Sinead teria dado uma olhadela nisso, se lhe pedisses – o Feely interrompeu-me os pensamentos ao dizer: – Ela é enfermeira, pá. Voltei o meu olhar para ele.

– O quê?

Fez um gesto para a minha perna:

– Está a dar-te chatices outra vez?

Esforcei-me para conter a minha irritação, abanei a cabeça e disse:

– Não, estou ótimo. Levei um pontapé no *ruck*, foi tudo, pá.

O olhar que o Patrick me lançou era de apreensão, mas não insistiu.

Gostava disso nele.

Não pressionava as coisas.

Se não era da conta dele, ele não perguntava.

– Não bebes esta noite? – perguntei-lhe, afastando o tópico dos meus problemas. – Grande vitória para a escola, pá. Devias estar a celebrar.

– *Eu* devia estar a celebrar – o Patrick fez um sorriso irónico. – E o próprio do Mr. HOJE? Se alguém devia estar a descontrair, eras tu.

Sorri com o termo Mr. HOJE (que significava Homem do Jogo), e disse: – Tenho treino da Academia aos sábados. Qual é a tua desculpa?

– Não me apetece – foi tudo o que respondeu.

Tal como antes ele não tinha pressionado para lhe dar informações, retribuí o favor.

– Na verdade, estava a pensar pôr-me a andar – acrescentou, levantando-se. – Estava a perguntar-me se me podias dar boleia para casa?

Como um cão esfomeado a quem oferecem um osso sumarento, agarrei a oferta.

Pousei o meu prato e o gelo na mesinha de centro à minha frente, levantei-me e fiz várias respirações firmes pelo nariz antes de pôr peso sobre a minha perna.

– Quando queiras.

O Patrick sorriu ironicamente, mas não disse nada sobre o meu entusiasmo exagerado. Apanhou o meu troféu do sofá e entregou-mo.

Ainda bem, porque se tivesse de me acocorar outra vez, não teria sido capaz de me voltar a levantar.

– Ôa, ôa, ôa – chamou o Gibsie por cima da música, ao reparar na minha tentativa de me ir embora. – Senta o teu real rabo ali, Cap – ordenou, passando pela multidão na minha direção. – Ainda não vais a lado nenhum.

Abri a boca para lhe dizer que se lixasse, mas dois dos rapazes da equipa, o Luke Casey e o Robbie Mac, vieram barrar-me, arrastando-me de novo para o sofá antes de cada de um deles se plantar ao meu lado.

Olhei para o Patrick, que encolheu os ombros, resignado.

Ambos percebemos que não iríamos a lado nenhum em breve, já que o Gibsie desligou a música, e anunciou:

– Quero fazer um discurso.

– Desculpa, Cap – riu-se o Robbie. – Mas tens de ouvir isto.

Resisti à vontade de rugir devido à dor abrasadora na parte inferior do meu lado esquerdo, abanei a cabeça e agarrei no gelo.

– Por amor de Deus, Gibs.

Com a sua medalha vencedora ainda pendurada no pescoço, o Gibsie arrastou a mesa de centro para ao pé da aparelhagem e subiu lá para cima. Com a sua camisola enrolada à volta da cabeça como a porra de uma bandana, agarrou no comando da aparelhagem que estava atrás dele, e pô-lo à frente da boca como se fosse o seu microfone pessoal.

Os rapazes da equipa atiraram as cabeças para trás, e riram às gargalhadas e uivaram quando ele deu umas pancadinhas no comando e fingiu estar a fazer um teste de som.

Maldito eejit...

Com um sorriso de merda estampado na cara, o Gibsie deu pancadinhas no seu «mic» e disse:

– Como é que estão esta noite? – Olhou para a medalha que lhe repousava no peito e gracejou: – Podíamos habituar-nos a isto, não era, rapazes?

Ouviu-se na sala uma explosão ensurdecadora de vivas e rugidos de concordância.

– Muito bem, rapazes. Credo, não precisam de me rugir –

protestou. – Por amor da santa, estou na mesma sala que vocês!

A sua tirada divertida provocou uma resposta ainda mais alta da equipa e dos nossos amigos.

– De qualquer modo – riu –, voltando ao que interessa, tenho uma cançãozinha que gostava de dedicar a uma pessoa especial na minha vida.

Ooohhs e *aaahhhs* vieram de um grupo de raparigas na soleira da porta.

Revirei os olhos pela forma fácil como o asa bonitinho conseguia fazer-lhes charme.

O Gibsie pigarreou para conseguir mais efeito, e depois disse:

– Sem a porra destas mãos especiais, e de alguma forma, mágicas, não estaria aqui agora com esta maravilhosa medalha de prata. – Abanou a cabeça e pressionou a mão de encontro ao coração: – Obrigado, amor!

Pelos olhares que os rapazes estavam a lançar-me, e das risotas que vinham do Robbie e do Luke, percebi que este espetaculozinho do Gibsie ia ser às *minhas* custas.

– Não faças nada estúpido! – avisei o Gibsie, quando ele se virou e carregou num botão da aparelhagem.

Os meus ombros ficaram imediatamente tensos quando o som familiar dos Dire Straits e do seu «Walk of Life» começou a sair das colunas.

Já adivinhava o que vinha a seguir.

Aquele cabrão...

– Johnny, querido – chamou o estupor do meu melhor amigo com uma paixão fingida na voz, apontando os seus dedos envoltos em ligaduras na minha direção. – Esta é para ti – riu-se antes de desatar a cantar, acompanhando a letra que se tinha tornado a maldição da minha vida desde que tinha pisado um campo de jogo com estes parvalhões no sexto ano.

Os rapazes juntaram-se ao Gibsie a cantar o refrão de forma sonora. As cadeiras foram afastadas enquanto todos os rapazes celebravam a nossa vitória. O Robbie e o Luke arrastaram-me do sofá, enquanto os meus companheiros de equipa me empurravam para cima e me seguravam no ar. O Feely, o vira-casacas, ria às minhas custas

como se não houvesse amanhã.

Oh, sim, podiam rir o que quisessem agora, mas eu ia enterrar aqueles sacanas no treino de segunda-feira.

Tempo de confissão

SHANNON

Domingo já tarde estava a acabar o último dos meus trabalhos de casa quando uma pancada na porta do quarto me interrompeu a concentração. Fechei o caderno, enfiei-o dentro do livro de matemática e disse:

– Entra.

A porta do quarto abriu-se com força e a cabeça do meu irmão assomou.

– O que é que se passa, Joey? – perguntei, enfiando os livros na mochila da escola.

– Vou à loja – anunciou, dando uma vista de olhos rápida pelo meu quarto antes de os seus olhos regressarem ao meu rosto. – Queres alguma coisa?

– Onde é que está a Aoife?

– No meu quarto.

– Vai cá passar a noite?

– Sim.

A Aoife tinha ido para a BCS e andava no décimo segundo ano com o Joey, por isso, não era invulgar para eles ficarem em casa um do outro nos dias da semana e depois irem juntos para a escola. Estavam na idade em que dormir fora era autorizado. Ou, pelo menos, ninguém disse uma única palavra ao Joey quando trouxe uma rapariga para casa.

Havia um caso bicudo de critérios duplos nesta casa. Uma casa que tinha estado excecionalmente tranquila este fim de semana.

O meu pai estava numa rara boa forma. Comportava-se como um ser humano. Na noite anterior, até tinha trazido comida chinesa para todos e tinha-me passado o comando da televisão em vez de mo atirar, como habitualmente fazia.

Não era suficientemente ingénua para acreditar que a decisão do

meu pai de não estragar o ambiente em casa este fim de semana era porque tinha decidido virar para uma nova página. Não, eu já estava nesta família há tempo suficiente para reconhecer este período sossegado como o da calmaria que antecede a tempestade.

Podia explodir a qualquer momento. Era o que acontecia sempre.

Só podia esperar não estar no olho do furacão quando acontecesse.

– Queres alguma coisa da loja, ou não? – perguntou o Joey, já a soar impaciente. – Está quase a fechar.

Relanceei o ecrã do meu telefone para ver as horas. 10h45 da noite.

– Porque é que vais à loja tão tarde? – perguntei. – O que é que precisas de tão importante?

O Joey sorriu ironicamente.

– Queres que responda a isso com a verdade?

– Não – guinchei, fingindo engasgar-me quando a verdade me atingiu. – Vai-te embora.

– B’noite, Shan – riu-se ele, fechando a minha porta.

– Tem cuidado! – gritei-lhe. – Sou demasiado nova para ser tia!

O meu telefone vibrou contra a minha coxa, alertando-me para uma chamada da Claire a chegar.

– Estou? – disse, encostando-o ao ouvido.

– Ei, pintainha – saudou, animadamente. – O que é que fazes no próximo fim de semana?

Descendo da cama, apressei-me a chegar à porta do quarto e a trancar a fechadura.

– Nada – respondi. *Como sempre.* – Porquê?

– Porque, minha querida amiga, o Gerard Gibson passou no exame de código na sexta-feira de manhã, e algum idiota louco no gabinete da administração fiscal resolveu dar-lhe uma carta de condução provisória.

– A sério? – Ri-me, a pensar no Gibsie atrás do volante de um automóvel.

– Ah, pois foi – suspirou a Claire. – Acabei de passar a última hora e meia a tentar expulsá-lo do meu quarto.

– O que fazia ele no teu quarto?

– Vangloriava-se – explicou. – A abanar a sua pequena carta verde

como se fosse o rei da montanha.

– O que é que o Gibsie ter conseguido a carta de condução tem que ver com o próximo fim de semana?

– Os pais ofereceram-lhe um carro pelo aniversário, na semana passada – explicou. – Ele quer que vamos todos dar uma volta com ele.

As minhas sobrancelhas levantaram-se.

– Quem são todos?

– O grupo habitual – informou a Claire, alegremente. – Eu, o Gerard, o Hughie, a Katie, o Pierce, a Lizzie, o Patrick, o Johnny, e tu, claro.

O meu coração saltou à menção do nome do Johnny. E depois disparou ainda com mais força com a perspetiva de passar verdadeiramente tempo com ele.

– Porquê eu? – consegui perguntar.

– Ora, porque és nossa amiga – replicou.

Abanei a cabeça.

– Não, Claire. Eu sou *tua* amiga. Tua e da Lizzie.

– Bem, o Gerard disse-me para te convidar também.

– Porquê? – perguntei, num tom estrangulado. – Ele não me conhece.

– Ajudaste-o com o *Brian*.

Abanei a cabeça.

– Isso não faz de nós amigos.

– Bem, ele sabe que és a minha melhor amiga – explicou. – O que significa que qualquer convite que eu receba se estende automaticamente a ti.

– Bem, ele não consegue enfiar todas essas pessoas num único carro.

– Então, talvez possas ir no carro do Johnny – replicou a Claire, num tom provocador. – Já agora, vi-te com ele no campo de jogo, na sexta-feira, no vosso pequeno *flirt*.

– Eu não estava num *flirt* com ele – disse eu, praticamente a balbuciar. – Ele veio ter comigo.

– Melhor ainda – deu uma gargalhada. – Era ele que estava.

– Ninguém estava a *flirtar* – quase me engasguei a responder. – Só

estávamos a...

– Só estavam a...? – provocou a Claire.

– A falar – completei, com um encolher de ombros impotente.

– Sobre quê?

– Não sei – murmurei. – Coisas várias, acho.

– E a tirarem fotografias juntos – acrescentou ela com uma gargalhada. – Também vi isso.

– Oh, Deus – gemi, vencida, e caí para trás na minha almofada. – Fui apanhada tão desprevenida – disse. – Devias ter-me ouvido a tentar falar com ele – acrescentei, mordendo o meu lábio inferior. – Fiquei sem fala e minei, literalmente, o meu caminho durante toda a nossa conversa, Claire. Foi absolutamente humilhante.

– Ficaste sem fala porque gostas dele – insistiu ela.

Não me dei ao trabalho de o negar, apenas suspirei para o telefone.

– Oh, meu Deus – arquejou num tom excitado. – Estás finalmente a admitir que gostas dele?

Assenti com a cabeça, e depois apercebi-me de que ela não me podia ver.

– Acho que não adianta negá-lo – sussurrei, sentindo as minhas faces a arder com a ideia. – Gosto dele, Claire. Acho que gosto *mesmo* dele.

– Oh, uau, Shan – disse a Claire, gentilmente. – Isto é uma grande coisa para ti.

Ela tinha razão.

Era enorme. E assustadora.

Absolutamente aterrorizadora.

– É ridículo – disse eu, tristemente. – Nem sequer o conheço.

– Sim, conheces – rebateu a Claire.

– Não muito bem – suspirei.

– Bem – refletiu ela –, nunca conheci o Johnny Depp em carne e osso, e isso não me impediu de me apaixonar loucamente por ele.

Revirei os olhos com a resposta.

– Pois, porque é a mesma coisa.

– Tenho o número de telefone dele, sabes – informou então a Claire. – Posso dar-to e tu podes enviar-lhe uma mensagem.

Arregalei os olhos.

– *De modo algum.*

– Tens a certeza?

– Positivo – reafirmei. – Não há maneira nenhuma à superfície da Terra de eu ser o tipo de rapariga que faz uma coisa dessas. – Mordendo o lábio, perguntei rapidamente: – Como é que tens o número dele?

– O Gerard está sempre a pedir-me o telefone emprestado – explicou. – E liga sempre ao Johnny quando usa o meu telefone. O Johnny é, praticamente, o seu irmão gémeo. Por isso, guardei o número dele com o nome *Telefonema para Sexo*. – A rir, acrescentou: – Foi tão divertido. O Gerard ficou mesmo furioso comigo... a querer saber com quem é que eu andava, e porque é que não era ele que estava guardado na lista com esse nome.

– Claire, não podes dizer a ninguém que gosto dele – supliquei, com pânico de ter revelado o que não queria. – Por favor, nem mesmo à Lizzie e, sobretudo, não digas nada ao Gibsie.

– Não digo, prometo – garantiu. – Mas se lhe enviasses uma mensagem, ficarias agradavelmente surpreendida – acrescentou. – Sei que a Lizzie te contou uma data de coisas sobre ele, mas sinceramente, a maioria dessas coisas são mexericos fabricados. O Johnny não é o tipo que as raparigas da escola pintam.

– Pois – disse eu. – Já percebi isso.

Ele era melhor.

Mas tão melhor.

– Então, vens connosco no próximo fim de semana? – perguntou.

– Não terei autorização para ir.

– Vá lá, Shan, não podes dizer que não – choramingou a Claire. – Não sem perguntar, pelo menos.

– Não preciso de perguntar, Claire – disse eu. – Já sei a resposta.

– Então não peças autorização ao teu pai – disse ela rapidamente. – Inventa apenas uma desculpa ou qualquer coisa assim, e vem ter a minha casa. Nem sequer temos de ir com os rapazes.

Suspirei pesadamente.

– Claire...

– Podes jantar em minha casa – apressou-se ela a dizer. – E, estás a ver, se por acaso o Johnny passar por minha casa por causa de uma

falsa mensagem enviada do meu telefone, então talvez vocês os dois possam subir para o meu quarto e...

– Para! – avisei-a, arrepiada com a ideia.

A Claire riu-se do outro lado da linha.

– Estou a brincar.

– É melhor que estejas – resmunguei. – Porque eu morreria.

– Então, queres fazer isso? – perguntou, abafando uma gargalhada.

– Vir a minha casa, encomendarmos comida e ver um filme? Ou podíamos ir ao cinema. Ou sair para jantar fora num restaurante. O que mais te apetecer. Escolhes tu, e fica por minha conta.

– Adoro-te por me convidares – disse-lhe, mordendo o lábio para o impedir de tremer. – Mas sabes que ele nunca vai autorizar.

Claire suspirou com força.

– Shan...

– Não – pedi tranquilamente. – Por favor, não digas nada.

Houve um longo silêncio antes de ela sussurrar.

– Não digo.

Descontraí, aliviada.

– Obrigada.

– Estou aqui para o que precisares – foi tudo o que a Claire respondeu, num tom de voz triste. – Para sempre.

Um tarado e um homem de mão

JOHNNY

Desde que tinha entrado em Tommen que todos os dias me sentava exatamente na mesma mesa do refeitório durante o intervalo para almoço. Era perto da porta, e era comprida, com um pouco mais de nove metros, preenchida com os meus companheiros de equipa e algumas das suas namoradas. Sentava-me sempre no fim da mesa, com as costas viradas para a parede, para poder olhar em redor, onde tinha uma visão nítida do resto da sala, e de tudo o que se passava à minha volta. Gostava daquele lugar, porque tinha espaço para respirar e não havia raparigas a tentarem apalpar-me e tocar a porra das minhas costas a cada quinze segundos. Como sempre, o Gibs e o Feely sentavam-se nos lugares em frente ao meu, e o Hughie sentava-se à minha direita.

Hoje, a diferença residia no facto de tanto o Hughie como o Feely estarem de castigo, e o Gibsie estar carrancudo comigo.

– Podes deixar de olhar para ela a cada cinco minutos e fingir que me ouves, raios? – irritou-se o Gibsie. – A sério, pá. – Atirou a sanduíche para cima da mesa, e levantou as mãos num gesto de frustração. – Estás a ficar um tarado e estás a implicar com a minha alimentação.

– Não estou a fazer nada – resmunguei, enquanto me inclinava para trás na cadeira e fazia rolar a minha garrafa de água entre as mãos, com ar distraído.

A Shannon estava sentada no lado oposto do refeitório, com as suas duas amigas, a sorrir e a rir de qualquer coisa que a irmã mais nova do Hughie estava a dizer.

O cabelo dela estava apanhado em duas tranças longas que repousavam nos seus ombros pequeninos, e de cada vez que ela enrolava uma dessas tranças à volta do dedo, eu tinha de abafar um gemido.

A sério, estava sentado ali há vinte minutos, sem ouvir uma única palavra do que o Gibsie estava a dizer, porque estava ocupado a observar uma rapariga que claramente não queria nada comigo.

A Shannon tinha estado no fundo da minha cabeça todo o fim de semana... OK, também tinha estado à superfície.

Tinha passado dias a cismar na reação que ela tinha tido à minha pessoa no campo de jogo na sexta-feira, e em como se tinha apressado a afastar-se de mim.

Quando ela passara por mim esta manhã no corredor, a seguir ao primeiro tempo, sentira-me excitado como tudo quando a vira. Claro, sorriu timidamente antes de baixar a cabeça e de se apressar a passar por mim, mas ela estava ali. Estava no meu espaço. O que significava que tanto a minha atenção quanto os meus pensamentos estavam unicamente fixos nela.

E *odiei* isso como o caraças.

Eu queria-a, apercebi-me, o que era absolutamente inapropriado e horrível da minha parte, mas era o que era. Eu *queria* a Shannon Lynch. E pior do que querê-la, eu *gostava* mesmo dela.

Havia qualquer coisa de doce nela, e gostava da forma como me sentia quando estava por perto.

Gostava do seu aspeto, da forma como falava, a forma como se apresentava. Gostava de uma montanha de coisas nela, e o que era bastante estranho, a maneira como gostava dela não tinha nada a ver com o que estava debaixo das suas roupas.

Bem, isso não era totalmente verdade.

Pensava *imenso* no que encontraria debaixo das suas roupas, e gostava *imenso* dessas visões. Tudo o que se referia a ela era sempre *mais*.

Mas não estava em posição de perder tempo com uma rapariga, e passar tempo com aquela em particular podia meter-me num mundo de sarilhos.

Sabia como as coisas funcionavam: passava-se demasiado tempo com uma rapariga e os sentimentos surgiam, e onde os sentimentos surgiam, as quecas também surgiam.

Era um precipício perigoso para nos equilibrarmos. E para o qual eu *não tinha* vontade de saltar.

– Não, não estás a fazer nada – disse o Gibsie pausada e sarcasticamente, mexendo-se na cadeira de forma a bloquear a visão perfeita que tinha dela. – Apenas estás a despi-la mentalmente na tua cabeça.

– Não estou – rosnei, olhando-o através da mesa.

Estava. Era claro que estava a fazê-lo.

Cruzes, eu era assim tão óbvio?

– Sim, és assim tão óbvio – declarou o Gibsie, a ler claramente os meus pensamentos. – E digo-te o que mais é óbvio – acrescentou, fazendo um gesto com o polegar para a nossa direita. – Aquela cabra maldosa.

Não precisei de olhar para saber que estava a falar da Bella. Ela estava empoleirada na ponta oposta da nossa mesa, com alguns dos rapazes da equipa que andavam no décimo segundo ano, onde tinha passado a maior parte do almoço a tentar atrair a minha atenção.

Não iria funcionar. Eu não ia morder o isco.

– Ignora-a. – Desenrosquei a rolha da minha garrafa, e dei um longo gole de água. – Ela não vale a pena o incómodo.

– Pá, sei que estou a repetir-me, mas garanto-te pela minha alma que não sei como é que alguma vez conseguiste tocar-lhe – disse ele.

– Nem eu – admiti, enquanto voltava a enroscar a tampa na garrafa e retomava os meus olhares para a Shannon.

Ele inclinou-se na cadeira e arqueou uma sobrancelha:

– Devias ir lá e falar com ela.

– Com a Bella?! – a pergunta saiu-me em tom sombrio. – Nem pensar, obrigado.

– Não é com esse demónio. *A Shannon*.

Abanei a cabeça.

– Não.

– Ela é uma *frigit*, sabes – informou o Gibsie em tom despreocupado. – Ou, pelo menos, era. – Lançou-me um olhar afiado. – Não estiveste a enfiar a tua língua pela garganta dela abaixo, pois não?

– Não – sibilei.

– Muito bem, então – disse ele. – Continua a ser uma *frigit*.

Franzi-lhe o sobrolho.

– Como diabo sabes uma coisa dessas?

– Oiço atentamente – riu-se ele, dando umas palmadinhas na testa.

– O quê?

– Ouvi por acaso as raparigas a falarem no quarto da Claire, há uns tempos – admitiu. – Aquela víbora que o Pierce anda a cobrir estava a contar como ele era uma montada terrível, e veio à conversa que a Shannon nunca tinha beijado um tipo. – Franziu a testa e acrescentou: – A víbora não gosta mesmo de mim.

– Deus me valha! – resmunguei. – Agora andas à escuta atrás das portas dos quartos das miúdas?

Quando ele não o negou, abanei a cabeça.

– Tu tens um problema, Gibbs. Um grande problema.

– Só é um problema se o admitires – replicou, com um grande sorriso conhecedor. – Não é assim que funciona, Johnny?

– Vai-te lixar – rosnei-lhe, sabendo exatamente onde é que aquilo ia dar.

– Vá lá, Johnny. Vai lá e fala com ela – encorajou-me. – Tu consegues.

– Não, Gibbs – recusei. – Esquece isso.

– Porque é que não vais? – perguntou ele num tom exasperado.

– Porque não quero – respondi.

– Mentiroso.

– Sabes que mais? Para um tipo que se diz meu melhor amigo, estás a fazer um trabalho de merda – grunhi. – Disse-te que não ia ali falar com aquela rapariga. Disse-te que ela é demasiado nova para mim, caramba.

– Tu é que não consegues deixar de olhar para ela – replicou.

– Bem, diz-me para parar – atirei-lhe. – Não me digas para ir lá.

– Eu *disse-te* para parares – afirmou, exasperado. – Tipo, há dois minutos. Disse-te para deixares de olhar para ela como um tarado, e, no entanto, aí estás tu, ainda a galá-la, e ainda a pareceres alguém a quem cuspiram na taça dos cereais. – Atirou as mãos ao ar. – O que é suposto eu fazer contigo?

– É suposto lembrares-te de que eu sou o *eejit* que quase morreu hoje de manhã a fazer de ama-seca ao teu maldito rabo aprendiz de condutor – resmunguei. – Por isso, em vez de me encorajares a tomar

más decisões, porque é que não mudas de atitude e me apoias, pelo menos uma vez?

– Eu sou um bom condutor!

Revirei os olhos.

– És um perigo.

– E se há coisa que *faço por ti*, é apoiar-te – resfolegou com dramatismo. – Sou o teu apoiante número um, Johnny Kavanagh. – Inclinando-se na cadeira, cruzou os braços sobre o peito e lançou-me um olhar cortante. – Acabaste mesmo de me magoar.

– Magoei-te? – Levantei o sobrolho. – Quem é a cabra com uma vagina, agora?

– Pede desculpa – ordenou ele.

– Desaparece para outro sítio, maldito *eejit* – disse eu, dando uma gargalhada.

Ele retribuiu-me o olhar.

– Pede desculpa.

– Pelo *quê*?

– Por me magoares – fungou. – Agora, pede desculpa.

– Desculpa, Gibs – apaziguei-o, decidindo que era mais simples do que dar àquele grande *eejit* o que ele queria.

– Podias dizê-lo com convicção – disse ele.

– Podias aprender a não abusar da sorte – avisei-o.

Fixámos o olhar um no outro durante quinze segundos até ele fazer uma careta e dizer:

– Aceito as tuas desculpas.

– Ainda bem – murmurei. – Fico encantado por ti.

– E já que pareces precisar de tanto *apoio* por estes dias... – impelindo a cadeira, o Gibsie levantou-se e piscou-me o olho –, vou lá falar com ela por ti.

– Tu não te atrevas, porra... – parei, para o agarrar, mas ele desembaraçou-se do meu aperto e afastou-se. – Gibs!

– Relaxa, Kav. Eu trato disto – disse-me, enquanto fazia um grande espetáculo a ajustar a gravata da escola. Subindo e descendo as sobancelhas, acrescentou: – Observa como se faz.

E depois foi até à mesa das raparigas e sentou-se.

Por amor da santa...

Os meus pés começaram a mexer-se antes de o meu bom senso ter oportunidade de me falar sobre o precipício para o qual estava prestes a saltar.

Cartas de condução provisórias

SHANNON

Na segunda-feira, podia sentir os olhos do Johnny na minha cara desde a outra ponta do do refeitório. Como a *stalker* que era, sabia exatamente onde é que ele se sentava para almoçar todos os dias: o último lugar no final da gloriosa mesa do râguebi, na parte de dentro, próximo da saída em arco.

Ao longo de todo o almoço, ignorei zelosamente a sensação ardente nas minhas faces, o mesmo ardor que podia sentir a descer até aos dedos dos pés, e concentrei-me na Claire e na Lizzie. Porque *sabia* o que aconteceria se lhe retribuísse o olhar. Iria denunciar-me, e ele não precisava de saber como me afetava tanto.

Ele confundira-me na última sexta-feira e estava outra vez a confundir-me.

Porque é que me estava a observar? Porque é que me tinha convidado para aquela festa? Porque é que fazia o meu coração bater tão violentamente?

Não percebia o que é que estava a passar-se, e na tempestade das minhas emoções turbulentas, precisava de agarrar-me a qualquer coisa que se assemelhasse a controlo. Não era fácil, no entanto, e esse controlo foi-me arrebatado do meu equilíbrio oscilante no momento em que o Gibsie se dirigiu diretamente à nossa mesa, todo cabelo loiro e grandes sorrisos.

– Senhoras – cumprimentou, naquele tom namoriscadeiro que me tinha habituado a que ele usasse, enquanto deslizava para o assento ao lado do da Claire. – Como é que estão hoje?

– O que é que queres, Gerard? – suspirou a Claire, escorregando para fora do seu assento quando ele pôs o braço à volta do ombro dela. – Estamos a tentar almoçar.

– Tenho uma coisa para te mostrar – disse-lhe.

– Não vou olhar para o teu pénis – sibilou a Claire. – Por isso, para

de mo tentares mostrar.

– Não é isso – resfolegou o Gibsie, e depois tirou um conjunto de chaves do bolso e abanou-os em frente à cara da Claire. – É isto.

– Oh, meu Deus! – arquejou a Claire, arrebatando-lhe as chaves da mão. – Os teus pais deram-te o carro mais cedo? Pensava que não ias ter as chaves até ao próximo fim de semana.

– Mudaram de ideias – disse ele, com uma careta. – O que quer dizer...

– ... que um maluco foi deixado à solta nas estradas irlandesas? – interrompeu a Lizzie.

– Deus – resmungou o Gibsie. – És mesmo de morrer a rir.

A Lizzie limitou-se a apontar-lhe o dedo do meio e retomou o seu almoço.

A abanar a cabeça, o Gibsie voltou a atenção para a Claire.

– E há mais – anunciou ele, concentrando-se só nela. – Eles vão para Tenerife. – Arqueou as sobrancelhas. – Até segunda-feira.

– Deixaram-te sozinho com os teus próprios equipamentos? – perguntou a Claire. – *A ti?*

– E sabes o que isso significa, não sabes? – piscou-lhe o olho. – Festas do pijama.

– Os teus pais deixaram-te encarregue da casa deles?! – repetiu ela, parecendo chocada.

Ele fez uma careta, e roubou-lhe a maçã da mão.

– Deixaram.

– Durante uma semana inteira? – A Claire abanou a cabeça, boquiaberta. – Sozinho? Sem supervisão?

O sorriso dele aumentou, enquanto atirava a maçã ao ar.

– Pareces surpreendida – disse ele, apanhando a maçã sem nenhum esforço.

Intrigada com aquela interação deles, apoiei-me na mesa e observei com interesse.

– Isso é porque *estou* – balbuciou ela, olhando para ele. – Será que eles te conhecem *de todo*?

– Obviamente que não – resfolegou ele. – Agora vai para casa e prepara a tua mala. – Ele levantou as sobrancelhas antes de dar uma dentada na maçã da Claire. – Porque vais dar entrada no Hotel Gibson

durante uma semana – acrescentou, enquanto mastigava. – Tempos divertidos.

– Oh, a sério? – A Claire inclinou-se para trás na cadeira e sorriu ironicamente. – E o *Hotel Gibson* vem com boas críticas?

– Vem com pénis, Ursinha Claire – anunciou o Gibsie... e não em voz baixa. – Um fornecimento ilimitado de pénis cinco estrelas.

– Diz isso mais alto – sibilou a Claire, dando-lhe uma palmada no ombro. – Acho que ninguém te ouviu.

– Vem com pénis, Claire! – provocou, aceitando o desafio dela sem um pinga de vergonha. – O meu pénis.

– O teu pénis que se vá foder – disse a Claire, parecendo mortificada.

– Claro, podes usá-lo – assentiu ele, com uma careta. – Mas agora não é o lugar.

– Nem sei porque é que sou tua amiga – murmurou a Claire, as faces a arder. – És tão impróprio.

– És minha amiga porque me amas – ronronou ele. – Porque sou o único que te faz corar. – Fez uma pausa, e afagou-lhe uma bochecha com um dedo. – E de mais de uma maneira.

– Quando eu tinha onze anos, Gerard – replicou ela. – E foi apenas um maldito beijo!

– Estou pronto para repetir o desempenho – disse-lhe ele. – Diz a palavra, Ursinha Claire, diz-me que estás pronta para nós, e sou todo teu...

– Podes parar de fazer isso! – interrompeu a Lizzie quase a gritar, olhando para o Gibsie.

– De fazer o quê?

– De gozar com os sentimentos dela – rosnou a Lizzie. – Não é um jogo!

– Lizzie, está tudo bem – começou a Claire a dizer, mas a Lizzie interrompeu-a.

– Não está nada bem – atirou a Lizzie. – Ele anda a fazer isto desde que temos quatro anos. Está mal!

– Não estou a gozar com os sentimentos dela – disse o Gibsie, parecendo confuso. – Ela sabe que a amo.

A Claire ficou cor de beterraba, o que fez a Lizzie quase rugir.

– Pois, cretino – sibilou a Lizzie. – Tu ama-la imenso, não amas? É por isso que andas por aí enrolado com meia escola, não é?

– Qual é o teu *problema*? – perguntou o Gibsie, agora a gritar.

– Tu! – gritou a Lizzie. – Tu e os cretinos dos teus amigos a pensarem que são os reis do galinheiro. A andarem por aí a engatar raparigas como se não passasse tudo de um grande jogo. Vocês são todos nojentos. Cada um de vocês, seus maníacos do rãguebi.

O Gibsie olhou para ela, embasbacado, com ar de quem estava ofendido.

– O que é que o Johnny te fez que tivesse a ver com isto?

– Pois – disse uma voz familiar. – O que é que eu fiz?

O meu coração disparou no peito ao ouvir aquele sotaque de Dublin dolorosamente familiar.

Ele destacava-se entre nós, tal como *se destacava* entre todas as pessoas à sua volta.

– Tu és tão mau como todos os outros – sibilou a Lizzie quase de imediato, voltando a sua fúria intensa para o Johnny que, para meu grande constrangimento, estava a puxar a cadeira ao pé de mim. – Pior. Tudo és o líder deles.

– Bem, isso é novidade para mim – replicou o Johnny com toda a calma.

Sentou-se então ao meu lado, e senti que o pedaço de pão que estava a mastigar se alojava no meu céu da boca.

Engolindo-o, olhei para ele, confusa e com os olhos arregalados.

Ele sorriu-me.

– Olá, Shannon.

– Olá, Johnny – sussurrei, olhando-o e sentindo que o coração estava a dois segundos de me explodir no peito.

– Como é que estás? – perguntou ele, com a sua voz profunda e os olhos azuis a incendiarem os meus.

– Estou bem – exalei. – E tu, como estás?

Ele sorriu.

– Estou *bem*.

Maldição, lá estava aquela palavra outra vez...

– Tiveste um bom fim de semana?

– Hmm... foi OK. – Senti-me corar. – E o teu?

– Passei a maior parte do tempo a treinar. – Sorrii. – O mesmo de sempre.

Assenti, sem perceber bem que raio é que estava a acontecer.

– Como é que foi a festa?

– Não fiquei muito tempo. – O Johnny apoiou o cotovelo na mesa, virou o corpo para o meu lado e dedicou-me toda a sua atenção. – Só lá fui para marcar presença, na verdade.

– Porquê? – perguntei enquanto expirava, a arder por estar tão perto dele.

– Compromissos de treino – explicou, tamborilando com os seus dedos compridos na mesa, os olhos fixos nos meus. – Tento evitar festas durante a temporada...

– Porra, tu também, não! – exclamou a Lizzie. – Já é suficientemente mau que ali o Thor esteja a atirar-se à Claire sem que estejas tu também a meter-te com a Shannon.

O Johnny virou o seu olhar azul para a Lizzie.

– Desculpa...?

– Ouviste o que eu disse – respondeu ela.

– Não estou autorizado a falar com ela? – perguntou, arqueando uma sobrancelha. – Não gostas de partilhar as tuas amigas?

– Tu sabes o que estás a fazer – rebateu a Lizzie em tom de desafio.

– Tens razão, Gibs – disse o Johnny, abanando ligeiramente a cabeça. Inclinou-se na cadeira, e acrescentou: – O Pierce tem mesmo a paciência de um santo.

– Respeito total – sublinhou o Gibsie, poisando o braço na cadeira da Claire.

– Argh! – desdenhou a Lizzie, lançando um olhar de nojo tanto ao Johnny como ao Gibsie. – Odeio-vos a todos.

– Quando dizes *todos*, isso aplica-se apenas a nós – o Gibsie apontou para si e para o Johnny –, ou a todos os homens?

– A ti mais do que a todos os outros, seu grande *eejit* loiro, com a tua cabeça em forma de bola de rãguebi – cuspiu a Lizzie. Atirou a cadeira para trás, levantou-se e lançou um olhar ao Johnny. – E tu estás num segundo lugar muito próximo, Capitão Fantástico, por não conseguires controlá-lo melhor.

Dito isto, a Lizzie deu meia-volta e marchou para fora do refeitório.

– Uau! – O Gibsie expirou quando ela se foi. – Aquela rapariga odeia-me mesmo.

– Ela odeia toda a gente – disse a Claire, dando umas palmadinhas suaves no braço dele. – Não leves a coisa muito peito.

– É verdade – decidi entrar na conversa. – Ela só gosta, tipo, de duas pessoas.

– Exatamente – concordou a Claire. – Não é mesmo nada de pessoal. A Lizzie é só muito protetora em relação a nós.

– Pois, certo, eu não tenho uma cabeça em forma de bola de rãguebi – resmungou o Gibsie. Olhou para o Johnny. – Tenho?

– Não, Gibs. – O Johnny suspirou. – A tua cabeça não tem a forma de uma bola de rãguebi.

– Não tem mesmo? – Ele apalpou cuidadosamente a cabeça. – Porque eu pesava, tipo, mais de cinco quilos quando nasci, e a minha mãe está sempre a queixar-se às amigas como a arruinei com a minha grande cabeça.

– É uma cabeça perfeitamente normal, Gibs – convenceu-o Johnny. – Muito redonda.

– Não é demasiado grande?

– Cresceste em relação a ela – garantiu-lhe o Johnny. – Agora é perfeitamente adequada.

Incapaz de o evitar, abafei o riso com a visão do Johnny a consolar o Gibsie.

– Estás outra vez a rir da minha infelicidade, pequena Shannon? – perguntou o Gibsie com um sorriso lupino. – Não te constranjas e ri o que te apetecer.

Encolhi os ombros, impotente, ainda a fazer uma careta.

Ele era tão insólito e divertido.

– Agora, de volta ao que interessa – continuou o Gibsie, inclinando a cadeira. – O que é que querem ir ver esta noite?

A Claire franziu a testa.

– Esta noite?

– Nós vamos ao cinema – declarou ele, com uma careta diabólica.

– Quem é *nós*? – inquiriu o Johnny, tenso, ao meu lado.

O Gibsie girou o dedo apontando para nós os quatro.

Fiquei de boca aberta.

– Hã...?

– A loba pode vir também – disse ele à Claire. – Se prometeres que lhe pões um açaimo.

– *Gibs* – disse o Johnny num tom de aviso, a abanar a cabeça.

– Vá lá, pá – insistiu o *Gibbie*. – Podes falhar um treino por uma noite. Preciso de um condutor ama-seca para guiar até me sentir confortável a conduzir sozinho. – Voltou a cabeça para mim, e perguntou: – O que dizes, pequena Shannon?

Olhei para a Claire, que me fitava tão confusa como eu, e depois para o Johnny, que parecia estar com algum tipo de dor física, antes de me fixar no *Gibbie*.

Diz que sim, Shannon. Vai com eles.

Tu queres. Tu queres muito, muito.

Mas ele vai matar-te. Serás uma rapariga morta se ele te encontrar.

Abanei a cabeça e disse:

– Não posso.

– Não podes? – O *Gibbie* franziu a testa. – Porque não?

– Porque não-o posso... É... – Abanei a cabeça e deixei sair uma respiração áspera. – Eu não estou...

– Ela não pode ir, *Gibs* – felizmente, o Johnny interrompeu-o. – Deixa estar.

– Mas...

– Deixa estar!

A campainha tocou nessa altura, assinalando o fim do intervalo do almoço, e o Johnny levantou-se.

– Anda, idiota – grunhiu, fixando o *Gibbie*. – Temos coisas para fazer.

– Passo por tua casa por volta das sete? – perguntou o *Gibbie* à Claire. – Está bem para ti?

A Claire assentiu alegremente.

Ele fez-lhe um enorme sorriso antes de se levantar e lhe despetear os caracóis.

– Vejo-te logo, Ursinha Claire.

O meu olhar voltou a encontrar o do Johnny, que estava de pé junto da mesa, com uma expressão sombria gravada na face.

– Adeus, Johnny – disse-lhe numa voz sumida.

As suas feições suavizaram-se instantaneamente quando olhou para mim e sorriu:

– Adeus, Shannon.

– Bem, esta foi a coisa mais estranha que aconteceu nos últimos tempos – declarou a Claire quando os rapazes já tinham desaparecido.

– Sim – concordei. – Muito estranha.

Intervalos para a casa de banho e propostas indecentes

SHANNON

Quando as pessoas dizem que alguma coisa é demasiado boa para ser verdade, é porque geralmente é.

Foi *exatamente* o que senti quando estava a sair da casa de banho na terça-feira à tarde depois das aulas, e colidi com um peito musculado. Surpreendida por estar alguém do lado de fora da casa de banho quando o toque final já tinha soado há muito, dei um pequeno guincho.

– Como é que isso vai, Shannon? – perguntou o rapaz loiro e vagamente familiar, a sorrir-me.

Os corredores estavam relativamente vazios, com apenas alguns alunos a deambular pelos corredores, o que me fez acreditar que ele tinha estado ali fora à minha espera. Afinal de contas, a casa de banho das raparigas era um sítio insólito para um rapaz andar a passear nas suas imediações, sobretudo um rapaz equipado com camisola, calções, e chuteiras de futebol.

Pânico misturado com uma boa quantidade de cautela ganhou vida dentro de mim.

– Hmm... bem – respondi, enrolando e voltando a enrolar o cabelo atrás da orelha, um tique nervoso. – Como estás?

– Melhor, agora que estou a falar contigo – informou ele, confirmando o meu pior pesadelo, enquanto se aproximava, os *pitons* das chuteiras a tinir contra o soalho.

– Estavas aqui à minha espera? – obriguei-me a perguntar, precisando de uma confirmação de viva-voz. Não me perguntem porquê, mas precisava de esclarecer aquela loucura. – No teu... – aponte para o seu traje – equipamento de educação física?

– Estava a treinar e esqueci-me do protetor dos dentes no cacifo – explicou, nada embaraçado por nenhuma destas coisas. – Vi-te a ir

para a casa de banho, quando ia para o cacifo, por isso, resolvi esperar para falar contigo. – Encolhendo os ombros como se a sua explicação tola fosse perfeitamente aceitável, acrescentou: – Sou o Ronan, a propósito. Ronan McGarry. Temos francês juntos.

O seu tom era amigável, mas eu sabia bem como isto podia ser enganador.

Amigável podia tornar-se intimidação num nanossegundo.

– Pois. Eu sei. – Dei um passo atrás para ganhar de novo o meu espaço, e acrescentei: – Bem, foi simpático da tua parte vires cumprimentar-me, mas tenho de apanhar o meu autocarro. Sai daqui a pouco, e o motorista não espera...

– Vi-te no campo de jogo naquele dia, Shannon – ronronou ele, em voz baixa, os olhos a brilhar com a excitação. – Era disso que queria falar contigo. – Deu outro passo na minha direção, invadindo outra vez o meu espaço. – As tuas cuecas? Essas pernas que me matam... *Vi tudo* de ti.

O meu coração afundou-se. Todos os músculos do meu corpo se fecharam com o pânico.

Era isto. Era isto de que tinha estado à espera. Da provocação inevitável.

Tinha uma vaga ideia do Ronan McGarry, tinha-me sentado à frente dele na aula de francês nas últimas semanas, mas não me tinha apercebido de que ele estava na equipa de rãguebi. Não tinha reparado nele no campo de jogo na semana passada, mas, em boa verdade, não tinha reparado em ninguém mais além do Johnny nesse dia. Fazia sentido, no entanto, com aquele equipamento enlameado que ele estava a usar nesse momento e um hematoma na face. Mas não tinha nada para lhe dizer, por isso, mantive a boca calada e esperei que ele falasse.

Ele falaria.

Falavam sempre.

– Tenho de ser sincero, Shannon. – Estendeu o braço e agarrou na minha trança com a mão suja de lama, não com rudeza (era mais com um ar brincalhão), mas não gostei da intrusão. – Não consigo deixar de pensar em ti desde essa altura.

Finge indiferença, Shannon. Faz de conta que não queres saber.

Dei uns passos para o lado para libertar o meu cabelo da sua mão, recebi o que me disse com um pequeno encolher de ombros, e reajuste a minha mochila nas costas.

Ele olhou para mim durante muito tempo, os olhos a dançarem de excitação, e disse:

– És uma coisinha tímida, não és?

– Não – repliquei, a voz sumida, e era a verdade.

Não era tímida. Podia ser tão franca e prolixa como qualquer outra pessoa quando estava com gente em quem confiava. Mas era *cautelosa*. Tinha boas razões para o ser. E não confiava nele.

– Bem, tímida ou não, és a porra de uma maravilha debaixo dessas roupas – declarou suavemente, mordendo o lábio inferior enquanto os seus olhos percorriam desavergonhadamente o meu corpo. – Gostava mesmo de ter o teu número de telefone.

Fiquei boquiaberta. Ele estava a falar a sério?

Olhei embasbacada para a cara dele tentando avaliá-lo.

Ele parecia estar a falar completamente a sério.

– Eu... ah... Eu não... – Abanei a cabeça e evitei por pouco a sua mão quando ele tentou agarrar outra vez a minha trança. – Desculpa, Ronan, mas não dou o meu número a estranhos.

A última coisa que queria era dar o meu número de telefone a quem quer que fosse, além da Claire e da Lizzie. Divulgar informações sobre mim significava que os *bullies* teriam uma linha direta para a minha psique 24/7. E apesar de ter cometido esse erro uma vez na minha antiga escola, um novo número de telefone e os resquícios que ainda queimavam de uma sabedoria arduamente adquirida implicavam que nunca o voltaria a fazer.

O Ronan escarneceu:

– Não sou propriamente um estranho.

– Para mim, és – repliquei, obrigando-me a manter-me firme.

– Vá lá, Shannon, eu não mordo. – Continuava a sorrir-me, mas com mais dificuldade, os olhos agora um pouco mais frios. – Dá-me lá o teu número.

– Não. – Abanei a cabeça. – Lamento, mas não te conheço suficientemente bem para te dar o meu número.

– Podes sempre ficar a conhecer-me melhor – ronronou ele, pondo

uma mão firme no meu ombro.

Apesar de não poder sentir o seu toque através do meu espesso casaco de inverno, recuei imediatamente com o contacto, mas ele não tirou a mão.

– Tenho um autocarro para apanhar – insisti com a voz tensa, repetindo o que dissera anteriormente. Os meus ombros estavam mais duros do que cimento quando acrescentei: – Tenho de me ir embora agora, ou vou perdê-lo. – Era uma tentativa desesperada para me safar, só queria afastar-me deste rapaz. – A sério, o motorista não vai esperar por mim.

– Haverá outro autocarro – respondeu ele. – Não haverá outro eu.

Santo Deus, esperava bem que não.

– Ouve – insistiu o Ronan, a voz com uma cadência sedutora. – Era suposto estar agora numa sessão pós-treino com a equipa no campo de jogo. O treinador gosta de nos juntar a todos para falar de estratégia a seguir aos nossos treinos.

Dizia-me isto como se tivesse alguma importância para mim.

Não tinha. Só me importava que ele se afastasse.

– Mas não tenho de ir. – A sua mão viajou do meu ombro para o meu cotovelo. Posso baldar-me por ti. – A mão movia-se mais devagar, fazendo o caminho até à bainha da minha camisa. – O qu'ê que achas? – perguntou, inclinando-se para o meu ouvido. – Não desejas voltar para aquela casa de banho e conhecer-me um bocadinho melhor?

– Não – guinchei, sacudindo-me para longe do seu toque. – Não estou interessada.

– Vá lá, Shannon – insistiu ele, agora num tom acalorado, os olhos a mostrarem a frustração. – Olha à tua volta. – Voltou a fincar a mão no meu ombro, e desta vez sem delicadeza. – Ninguém nos vai ver...

O Ronan não teve oportunidade para acabar aquela frase por ter sido retirado do lugar onde estava. Foi, literalmente, arrastado pela parte de trás do pescoço por um rapaz muito maior, e muito mais velho.

– És um cabrão de um suicidazinho, não és? – perguntou o rapaz num tom estranhamente ligeiro, enquanto andava pelo corredor com a sua mão enorme a agarrar a parte de trás do pescoço do Ronan, obrigando-o a dobrar-se e a bambolear-se para conseguir acompanhar

as enormes passadas. Estava vestido com o mesmo equipamento: camisola às riscas pretas e brancas, calções brancos, chuteiras que clicavam contra o soalho enquanto ele andava, e torrões de esterco e relva se soltavam dos *pitons*. A única diferença era o número 9 nas costas da camisola do Ronan, e o número 7 nas do rapaz grande.

Bateu-me o reconhecimento imediato.

Número 7. Gerard «Gibsie» Gibson. A paixoneta da Claire. O modelo de *passerelle*. Aquele que era estranho.

Graças a Deus!

Os alunos que ainda vagueavam pelo corredor pararam todos para assistir ao espetáculo, mas ninguém se aproximou. Nem uma única pessoa interveio em defesa do Ronan enquanto o gigante homem-rapaz de cabelo feérico o arrastava.

– Larga-me, Gibsie, foda-se – guinchava o Ronan, tentando sem sucesso libertar-se do aperto monstruoso da mão do outro. – Só estava a passar por aqui.

– Sabes que ele vai matar-te, não sabes? – perguntou o Gibsie, num tom temperado de divertimento enquanto levava o Ronan para a entrada da frente e o atirava cerimoniosamente pelas portas de vidro duplas.

– Gibsie! – gritava o Ronan, a cara vermelha, enquanto lutava com a maçaneta da porta. – Para de fazer merda. Só estava a ser simpático com ela.

– Aquilo não me pareceu simpático, miúdo – disse o Gibsie. – Pareceu-me desesperado... e um pouco tentativa de violação.

Naquele momento, ambos os rapazes estavam a empurrar. Com o Ronan a tentar furiosamente manter a porta aberta, e o Gibsie a empurrar para a fechar com uma razoável facilidade.

– Deixa-me entrar, porra, Gibsie! – rugia o Ronan, sacudindo a maçaneta como um louco. – Preciso do meu inalador.

– Nope, não me venhas com merdas, McGarry – disse o Gibsie, com uma gargalhada, mantendo a porta fechada enquanto o Ronan tentava abrir a maçaneta. – Conheces as regras... e tu não tens asma.

– E então? – perguntou o Ronan, parecendo indignado. – Vais deixar-me trancado fora da escola só porque o Johnny disse que não?

O quê?!

– Sem dúvida.

De que raio é que eles estavam a falar?

– Ele *não é* meu capitão! – rosnou o Ronan, pressionando a testa contra o vidro.

Eu estava tão confusa.

– Oh, mas *é* – replicou o Gibsie, ainda a rir, e eu tinha a certeza de que ele estava a achar a situação altamente divertida. – E os cabrões que não se sabem comportar com os novos amigos do Cap ficam do lado de fora.

– Vais pagar por isto, Gibs – sibilou o Ronan. – Juro por Deus, se não me deixas entrar, vou contar isto ao meu tio.

– A sério?

– Serás expulso da equipa por causa disto.

– Por causa dessa ameaça, vou foder a tua mãe, McGarry – respondeu o Gibsie. – E depois vou gozar nas mamas dela, e ela vai adorar cada minuto. – Com outra gargalhada, disse: – Vai e diz ao tiozinho-treinador tudo o que planeei para a irmã dele.

– Vou matar-te! – gritou o Ronan, martelando com os punhos contra o vidro.

– Chupa-me os tomates...

– O que é que se passa aqui? – uma voz masculina familiar ribombou pelo ar.

Identifiquei-a imediatamente.

Eu *conhecia* aquele sotaque.

Sem que fosse uma decisão consciente, os meus olhos procuraram freneticamente o dono daquela voz, e quando o encontrei, a andar firmemente pelo corredor do refeitório, a segurar um pacote de gelo contra a coxa direita, o coração martelou-me loucamente contra o peito.

Estando a seis ou sete metros de distância, eu estava em desvantagem para o ver, mas estava suficientemente perto para apreciar cada centímetro da parte de cima do corpo do Johnny esticado no confinamento da sua camisola, desde os ombros largos aos enormes bíceps e ao torso longo e enxuto.

As pernas eram compridas, as coxas largas e musculadas, tudo isto embrulhado em relva e lama. Reparei no pequeno rasgão na manga da

camisola onde o bíceps era mais protuberante.

Deus, ele estava literalmente a *rebentar* o tecido.

Estava vestido de forma idêntica aos outros rapazes, com a mesma camisola e os mesmos calções, mas era incomparavelmente diferente devido ao tamanho do seu corpo. Ele quase demasiado grande. Demasiado musculado. Demasiado assustador. Demasiado bonito. Muito demasiado.

Abanei a cabeça para sacudir os meus pensamentos vagabundos, e concentrei-me na discussão acalorada que ocorria na extremidade do corredor.

– O que é que o cabrãozinho fez agora? – perguntou o Johnny quando venceu a distância entre ele e o Gibsie.

Anotei mentalmente que ele andava com o mesmo coxear ligeiro que observara em inúmeras ocasiões. Quase não se reparava, mas se estivéssemos a olhar suficientemente perto, como parecia que era o que eu estava constantemente a fazer, era óbvio que ele tentava retirar peso da perna direita.

O meu olhar relanceou entre eles os três, passando do Ronan, que já não estava a puxar a maçaneta (na verdade, tinha-se afastado alguns passos da porta), para o Gibsie, que se ria como um gato de Cheshire, antes de parar no Johnny e aí ficar.

A sério, alto como o Gibsie era, e o Johnny elevava-se sobre ele.

Havia uma tira de lama seca na sua face, que ele tentou sacudir com as costas da mão livre.

O cabelo castanho-escuro espetava-se em quarenta direções diferentes.

Provavelmente, devido ao suor, anotei mentalmente, ou de jogar à chuva.

A posição em que estava permitia-me ver o seu perfil e a forma como o franzir do sobrolho se acentuava à medida que o Gibsie falava em voz baixa ao seu ouvido.

Não podia imaginar do que estavam eles a falar, e não tinha vontade de deixar o santuário do meu canto à porta da casa de banho, sabendo que podia sempre entrar lá para dentro, trancar-me num cubículo e telefonar ao Joey se as coisas se tornassem feias.

Segundos depois, o corpo do Johnny estava visivelmente tenso.

– O quê?

Atirando o pacote de gelo para o chão, enrolou as mãos em punhos ao lado do corpo enquanto se voltava para olhar pelo vidro, revelando o número 13 nas costas. Deu um passo em frente, parando apenas a um centímetro da porta quando o Gibsie fincou uma mão no seu ombro.

– Estás a gozar comigo, foda-se! – rugiu o Johnny, em reação ao que quer que fosse que o amigo lhe sussurrou ao ouvido.

A cabeça do Johnny virou-se para o Ronan antes de o fazer em direção a mim. Os seus olhos pousaram na minha cara, e caramba, ele parecia lívido. Foi apenas um olhar fugaz, e rapidamente voltou a sua atenção para o Ronan. Desta vez, consegui ouvir nitidamente o que estava a dizer.

– Vou dar-te uma vantagem de cinco segundos, cara de cu – rugiu, através do painel de vidro. – E depois vou cortar-te a pila e obrigar-te a engoli-la.

– Vai-te foder, Kavanagh – replicou o Ronan, mas a sua cara estava muito mais pálida do que anteriormente. – Não me podes tocar.

– Um... – gritou o Johnny. – Dois... três... quatro...

– Do que é que estás à espera? – gritou o Gibsie, acenando com as mãos no ar encorajadoramente. – Põe-te a andar, Forrest.

Eles iam mesmo andar à luta? *Por minha causa?*

Isto era mesmo por minha causa?

Não podia ser. Nem sequer me conheciam.

Não era possível.

Eu não gostava de confrontos, não conseguia lidar com isso, e parecia mesmo que isto ia tornar-se uma bola de neve.

Decidindo retirar-me da situação, dei meia-volta e entrei na casa de banho, sem parar até estar escondida em segurança num dos cubículos com a porta trancada atrás de mim. Com as mãos a tremer, tirei a minha mochila dos ombros, deixando-a cair com estrondo no chão de tijolo. Sentei-me na tampa da sanita, inclinei-me para a frente, pousei os cotovelos nos joelhos e enterrei as mãos no cabelo, cambaleante.

Que raio tinha acabado de acontecer? O que *era* aquilo? O que teria eu feito se o Gerard, ou Gibsie, ou fosse qual fosse o seu nome,

não tivesse chegado? Onde é que eu estaria agora?

Com os meus níveis anteriores de adrenalina a descerem, as lágrimas correram pelas minhas faces, mas não era por estar triste. OK, sim, eu *estava* triste, mas as minhas lágrimas eram de raiva.

Eu estava furiosa, na verdade.

Quem raio pensava o Ronan McGarry que era? Mais, quem é que ele pensava que *eu* era?

A convidar-me para a casa de banho com ele.

Deus, olhou-me como se estivesse à espera que fosse mesmo dizer que *sim*.

Piscando os olhos através das lágrimas, abri e fechei os punhos, os joelhos a baterem à medida que a raiva e a humilhação cresciam em mim.

Odiava humanos. Eram uma desilusão tão grande. E pensar que Deus trocou os dinossauros pelo homem.

Ele deve estar furioso.

Passei uma mão pela cara, limpei rapidamente a minha face húmida e bati-me por controlar as minhas emoções. Estava aborrecida comigo por ser o tipo de pessoa que chorava quando estava zangada. Queria ser alguém que gritava. Alguém que gritava era muito melhor do que alguém que chorava. Também estava desapontada comigo por ter paralisado.

Ele não tinha o direito de pôr as mãos em mim, e eu não tinha feito nada para o parar.

As palavras não pareciam ter efeito naquele rapaz, e em vez de lhe dar um pontapé no material ou dar-lhe uma palmada para lhe afastar a mão, tinha amochado como sempre fizera. Por esta altura, já devia ter aprendido que ser uma fracalhota não me trazia nenhuma vantagens, e que não ripostar não era uma opção.

Em situações com aquela que tinha acabado de ocorrer, eu *tinha* de ripostar.

Tinha de parar com isto de deixar o medo tomar conta de mim. Tinha o direito de endireitar os ombros por mim mesma. Não era levantar ondas defender-me a mim própria. Eu sabia isto, mas o problema era que, de todas as vezes que era confrontada com um conflito ou uma crise, o meu corpo, e a minha cabeça, reagiam sempre

com o mesmo instinto marado: paralisar.

As pessoas falavam do instinto lutar-ou-fugir. Eu não tinha nenhum deles. Em vez de lutar ou de fugir, paralisava.

De todas as malditas vezes.

Para estabilizar a respiração, expirei longa e lentamente, esforçando-me por acalmar os nervos e o meu batimento cardíaco errático. Precisei de três tentativas a abanar a minha mão antes de conseguir a coordenação necessária para desabotoar com sucesso o casaco e retirar o telemóvel do bolso da camisa por baixo da camisola. A tremer, desbloqueei o ecrã, apenas para um novo acesso de pânico invadir a minha corrente sanguínea quando os meus olhos pousaram no relógio digital no cimo do ecrã.

Eram cinco e quarenta e sete.

O meu autocarro saía do ponto de recolha às cinco e meia. Tinha-o perdido. Não haveria outro a fazer o percurso de que eu precisava até às 9h45m da noite.

– Merda – sussurrei-choraminguei, procurando rapidamente na lista de contactos até encontrar o nome do meu irmão.

Carreguei no botão «Ligar», pus o telefone junto ao ouvido, mas em vez do típico som de *triim triim* que anunciava o estabelecimento da ligação, fui saudada pela voz robótica pré-gravada a fazer-me saber que não tinha crédito suficiente para fazer esta chamada. Maldição!

A gemer, teclei rapidamente o código que me permitia enviar uma mensagem de texto grátis «Liga-me» ao Joey. Quando não recebi resposta imediata, enviei outra, e depois enviei mais três como medida de precaução. A mãe estava no trabalho e não teria o telefone com ela, e preferia dormir naquele cubículo com sanita a telefonar ao meu pai para me vir buscar. Não que ele alguma vez viesse, se eu lhe pedisse.

Trinta minutos depois já tinha enviado pelo menos mais vinte mensagens grátis «Liga-me» ao meu irmão, mas sem nenhuma resposta. Era óbvio que ou não tinha o telefone consigo, ou então estava no silêncio. A minha aposta era que estava em modo silêncio, já que o Joey raramente saía de casa sem ele. Provavelmente, tinha-se esquecido de o tirar do desse modo quando saíra da escola.

Não sabia o que mais fazer, a não ser esperar na escola até que o autocarro seguinte viesse. Sabia que a escola permanecia aberta até

tarde para as atividades pós horário escolar e para as explicações. Tecnicamente, nunca fechava, considerando que também era um internato, mas a zona principal estaria aberta pelo menos até às nove da noite.

O meu estômago roncou de forma sonora, cortando o silêncio.

Ao verificar outra vez as horas, vi que eram agora 18h18m.

Tinha aquelas fatias de pão enfiadas na minha marmita do almoço. Podia sair dali e ir fazer algumas torradas na zona comum enquanto esperava.

Estaria em grandes sarilhos quando chegasse a casa, mas não havia nenhuma hipótese de esta filha de Deus fazer a pé os quase vinte e cinco quilómetros até casa. A caminhada, eu tinha a certeza que conseguia fazer. Era quem poderia encontrar pelo caminho que me preocupava.

Pus-me de pé, enfiei o telefone de regresso ao bolso da camisa, voltei a fechar os botões do casaco, apanhei a minha mochila, e saí do cubículo, parando para lavar as mãos antes de sair do santuário da casa de banho.

Encostei o ouvido à porta e escutei durante um longo momento. Quando não vieram sons de violência nem gritos do outro lado, abri a porta e saí. Como num *horrível déjà-vu* saí da casa de banho diretamente ao encontro de um peito duro e musculado.

Tira as mãos de cima

JOHNNY

A minha virilha estava a arder e o meu corpo a ferver com uma fúria mal contida. Levar com uma chuteira na virilha quando estava no fundo de um *ruck* durante o treino não era a minha ideia de uma sessão produtiva. Levei uns bons cinco minutos a respirar pelo nariz, deitado debaixo do amontoado de corpos no campo de jogo antes de ter a certeza de que o conteúdo da porra do meu estômago ia lá ficar, e levantar-me. Resisti à vontade natural de estropiar e matar o culpado, que por acaso era um encabulado Hughie, e saltei os últimos cinco minutos do treino para ir procurar um pacote de gelo.

Tínhamos a final da Liga a aproximar-se, e os cretinos dos meus companheiros de equipa iam dar cabo de mim antes mesmo de lá chegarmos. É verdade que no último fim de semana tudo tinha corrido mais do que bem, e que a Shield tinha sido uma vitoriazinha simpática, mas os meus olhos estavam postos na Taça e os deles também precisavam de estar. O que não me parecia que estivesse a acontecer, se a preguiçosa sessão de treino de ontem e o desempenho desleixado desta noite fossem indicadores.

Estava a sair do refeitório com um pacote de gelo colado ao meu material e outro encostado à minha coxa, quando a voz do Gibsie trovejou pelo ar, seguida pela voz irritante do Ronan McGarry.

– O que é que o cabrãozinho fez agora? – perguntei, quando eles ficaram na minha linha de visão, cada um num dos lados da porta de vidro.

– Não percas a cabeça – disse o Gibsie em voz baixa. – Tenho isto controlado.

– O quê? – perguntei.

O Gibsie suspirou.

– Ele estava a fazer merda com a Shannon, à porta da casa de banho. – Esfregou a cara com a mão: – A tentar que ela fosse para

dentro da casa de banho com ele.

Todo o meu corpo ficou tenso enquanto uma névoa vermelha me toldava a visão. Estava chateado como o caraças com o Gibsie pela cena que tinha feito ao almoço no dia anterior, mas neste momento, estava agradecido pela sua interferência.

Atirei o pacote de gelo ao chão, olhei pela janela e rosnei:

– Estás a gozar comigo, foda-se!

– Nope. Ele também foi um bocado merdoso com ela – acrescentou o Gibsie, olhando para o McGarry através do vidro. – Ao que parece, o McGarry tem um problema de ouvido porque a rapariga lhe disse claramente que *não*.

As minhas pernas começaram a mexer-se antes de o meu cérebro ter a oportunidade de se aperceber.

Avisara-o. Eu avisara aquele merdinhas para a deixar em paz.

Eu ia matar aquele cabrãozinho.

– Não o faças – avisou-me o Gibsie, agarrando-me o ombro e puxando-me para trás. – Ela está mesmo ali, pá.

Virei-me e vi uma Shannon de olhos arregalados a fitar-me.

Parecia *aterrorizada*.

– Por amor de Deus – gemi, virando-me rapidamente para não ter de ver o medo naqueles grandes olhos azuis.

Tinha andado todo o dia a dar o meu melhor para manter as distâncias, mas o maldito do McGarry tinha acabado de estragar tudo.

Odiava-o.

Era uma palavra forte, mas bastante exata para qualificar os meus sentimentos em relação àquele fedelho.

Avisara-o para ficar longe dela, e aproximou-se e fez o que não devia. Talvez depois de ter usado os meus punhos em vez de palavras, ele me levasse a sério. Se assim não for, vamos ter um problema ainda maior.

Voltando-me para o Ronan, silvei:

– Vou dar-te uma vantagem de cinco segundos, cara de cu. E depois vou cortar-te a pila e obrigar-te a engoli-la.

– Vai-te foder, Kavanagh – cuspiu o Ronan. – Não podes tocar-me.

– Um... – gritei, entrando em contacto com a maçaneta da porta. – Dois... três... quatro...

– Do que é que estás à espera? – gritou o Gibsie, fazendo acenos com as mãos no ar. – Põe-te a andar, Forrest.

– Cinco – gritei, e depois empurrei a porta para a abrir.

McGarry bazou como um cão escaldado, correndo a toda a velocidade. Ele podia correr tão depressa quanto as suas pernas conseguissem, mas nem assim conseguiria escapar-me.

Lesionado ou não, eu era uma maldita bala.

– Desculpa! – gritou ele por cima do ombro enquanto corria pelo pátio. – Para...! Desculpa! Não volto a aproximar-me dela!

– Um bocadinho tarde de mais, idiota – respondi, aproximando-me dele. Quando o alcancei, agarrei-lhe a parte de trás da camisola, obrigando-o a uma paragem abrupta.

– Sai de cima de mim! – gritou ele, tentando resistir à forma como o agarrava.

– Vem cá, meu merdinhas – silvei, enquanto o arrastava para os degraus do edifício da Educação Física.

– Para-o! – guinchou o Ronnan para o Gibsie, que correra atrás de nós. – Gibs, vá lá, pá.

– É pouco provável que isso aconteça, miúdo – respondeu o Gibsie. – Ao contrário do teu estúpido cu, *eu não sou* suicida e não tenho a menor intenção de me pôr na linha de fogo.

Entrei pelo átrio, marchei pelo corredor e bati com a mão na porta do balneário, obrigando-a a abrir-se.

A equipa estava toda dentro da sala e olhou-nos.

– Oh, por amor de Deus – gemeu o Hughie, observando-nos a entrar com um ar resignado na sua cara. – O que é que ele fez agora?

– Quebrou as regras – contou o Gibsie. – O rapaz vai para a igreja.

– E nós que estávamos a portar-nos tão bem – suspirou o Feeley.

– Ah, Johnny – fez o Cormac Ryan, coçando o restolho no seu queixo. – Será que devias estar a fazer isso ao sobrinho do treinador...

– Dá-te por contente por não seres tu, cara de cu – disse eu, rispidamente, mantendo um aperto mortal no McGarry enquanto o arrastava para os duches.

– Parem-no! – pediu o Ronan. – Rapazes... Ajudem-me!

Ninguém se mexeu.

Boa. Estes rapazes sabiam o que era a lealdade.

– Achas que podes pôr as mãos em cima dela?! – sibilei, quando estávamos na zona dos duchês e afastados da equipa. Libertando-lhe o pescoço, encostei-o contra a parede. – Então?

– Só estava a brincar com ela – defendeu-se, empurrando a parede. – Era uma piada. Meu, relaxa.

– Pareço-te descontraído? – dei um passo na direção dele. – Estou a rir-me, cretino?

– Recua – avisou-me o McGarry, levantando os punhos à sua frente. – Estou a falar a sério, Kavanagh. Recua, porra.

– Belas palavras – grunhi, aproximando-me dele. – É pena que não saibas o que significam.

Ele deu um balanço na minha direção e conseguiu apanhar o lado do meu maxilar.

Jogada perigosa.

– Seu cabraãozinho atrevido – venci a distância que nos separava, agarrei-lhe a cabeça, e dei-lhe com a testa no arco do nariz. Um som extremamente satisfatório de osso a partir encheu-me os ouvidos. A corrente de sangue que lhe saiu do nariz fez pouco para aplacar a fúria que ardia dentro de mim.

– Aahhhh, Merda! – gritou o Ronan, colapsando no chão, agarrado ao nariz. – Acho que me partiste o nariz, Johnny.

– O teu nariz vai curar-se depois de algum tempo – agarrei-lhe a camisola, arrastei-o para um cubículo de duche, espalmei a mão contra o bocal circular cromado que saía da parede e observei-o enquanto a água gelada se derramava sobre ele. – Mas a tua coluna não. – Acocorei-me diante dele, e segurei-lhe a cara debaixo de água. – E é exatamente o que te vou partir se te atreveres a voltar a olhar para ela.

– Só estava a falar com ela – disse ele numa voz tensa. – Deus!

– Bem, *não* fales com ela! – cuspi, fixando a sua maldita cara de cretino. – Não olhes para ela, e não lhe toques, foda-se. Ela *não é* para ti. – Com grande esforço, obriguei-me a libertá-lo e a levantar-me. – Ficámos esclarecidos, desta vez?

– Completamente – murmurou o McGarry, quase inaudivelmente.

– É melhor que leves isto a sério desta vez, miúdo – repeti em tom de aviso. – Porque se insistires nisto, mato-te.

– Está acabado – resmungou ele. – Que grande merda.

Lancei ao Ronan um último olhar mortal antes de voltar para o balneário.

Sem surpresa, o Gibsie estava empoleirado no banco com uma careta de comedor de merda estampada na cara.

– Está vivo?

– Por agora – disse eu, com aspereza.

Pontapeei as minhas chuteiras, tirei umas calças de fato de treino do meu saco e enfiei-as por cima dos calções. Podia tomar duche quando chegasse a casa. Neste exato momento, precisava de sair da porra deste lugar antes que ficasse completamente fora de controlo. Havia demasiados cretinos nas minhas proximidades, o McGarry e o Ryan, para ser exato, e não confiava em mim.

Ironicamente, a letra da canção «Stuck in the Middle» veio-me à cabeça. Sacudindo o pensamento para longe, concentrei-me em arrumar o meu saco.

Quando já tinha tudo enfiado no saco de equipamento, deixei o balneário sem uma palavra para os meus companheiros de equipa. Felizmente, o Gibsie não me seguiu.

Tinha o saco arrumado na parte de trás do carro e estava a dar a volta até ao lugar do condutor, quando uma súbita pontada de incerteza me atingiu com toda a força.

Será que ela estava bem? *Devia voltar e ver como ela estava?*

Não, provavelmente, ela tinha ido para casa. *Eu devia ir para casa.*

Mas, e se ela não tivesse ido?

Não tens tempo para isto, idiota, avisou o meu cérebro. Tens uma sessão com o PT daqui a uma hora.

A abanar a cabeça, abri a porta do carro, apenas para a fechar rapidamente e com força, e voltar para a escola.

Só vais ver como ela está, certificares-te que ela está bem, e depois voltas para aqui, foda-se, disse a mim próprio enquanto caminhava de volta na direção da casa de banho das raparigas. *Não há nada de mal nisso.*

Mas havia.

Havia qualquer coisa muito mal neste cenário. Para começar, estava de pé à porta da casa de banho das raparigas, à espera de que

saísse uma rapariga que podia nem sequer lá estar. Eu era tão mau como o McGarry. Enojado comigo mesmo, virei-me para me ir embora.

Ainda não tinha andado mais de um metro quando refiz os meus passos de volta para a porcaria da casa de banho.

Que merda é que se passava comigo?

Estava mergulhado em pensamentos, a travar uma batalha interna com a minha consciência, quando a porta da casa de banho se abriu e uma figurinha minúscula saiu a toda a pressa e embateu diretamente no meu peito. No momento em que os meus olhos pousaram nela, soube que estava em sarilhos.

Devias ter ido para casa enquanto podias, eejit, criticou a minha mente. *Agora, não há como ires embora.*

E não é que era verdade?

Tens um carro rápido

SHANNON

O meu corpo chocou contra um duro peito de músculos, fazendo com que a minha mochila caísse ao chão com o impacto. Instintivamente, as minhas mãos taparam a minha cara, com a ativação do modo de sobrevivência.

Se não estivesse tão assustada, teria orgulho no grito que rompeu do meu peito.

Era um progresso.

Duas grandes mãos saíram disparadas, agarrando os meus membros agitados e estabilizando-me.

– Ei!... Ei! Relaxa.

Reconheci imediatamente aquela sugestão de sotaque de Dublin.

– Shh, relaxa. Sou só eu.

Descontraí com o alívio, e olhei para cara dele, registando a familiaridade.

– Oh, Deus – as palavras saíram-me num arquejo áspero, enquanto olhava para ele, a respirar depressa e com dificuldade. – Quase me provocaste um ataque de coração.

– Merda, peço desculpa – O Johnny libertou-me e deu um passo atrás, mantendo as mãos à sua frente. – Ficaste tanto tempo na casa de banho que pensei que ia precisar de chamar uma equipa de resgate ou coisa parecida.

Deu outro passo para trás, depois envolveu o pescoço com a mão, parecendo um pouco desconfortável. Ainda estava a usar a mesma camisola com as mangas ligeiramente rasgadas nos bíceps, mas tinha trocado os calções por umas calças de fato de treino, e as chuteiras por um par de sapatilhas.

– Só queria verificar se estavas bem. – Encolheu os ombros, deixou os braços penderem dos lados do seu corpo, e perguntou: – Estás?

Estava?

– Acho que sim...? – O coração batia-me a duzentos quilómetros por hora, e sentia que estava a dois segundos de desmaiar devido à adrenalina que me retumbava nas veias. Pus uma mão no peito, e fiz algumas inspirações profundas para acalmar os nervos esfarrapados antes de conseguir falar.

Ele era tão mais alto do que eu, que tive de inclinar a cabeça para trás para o poder olhar na cara quando perguntei:

– Estavas aqui fora à minha espera?

– Aaahh, sim. – Enfiou as grandes mãos nos bolsos das calças de fato de treino, e assentiu: – Queria ter a certeza de que estavas bem. O Gibsie contou-me o que ele te disse.

– Contou?

– Sim – o Johnny assentiu com ar sombrio. – Aquele cabrão não volta a incomodar-te.

– O Ronan?

Ele assentiu, confirmando com um movimento do maxilar.

– Ouve, tens de acreditar quando te digo que aquela cenazita com o McGarry teve mais a ver comigo do que contigo. – Mudou de posição como se não estivesse confortável, e passou uma mão pelo cabelo desgrenhado. – Ele gosta de testar os limites. Os meus, mais do que os da maioria.

Testar os limites?

Tinha mais a ver com ele?

– Oh – Não tinha a certeza do que devia dizer daquilo. Estava tão confusa. – Obrigada – acrescentei, porque agradecer parecia-me a coisa certa a fazer.

– Tudo bem.

– Hmmm... tu... apanhaste-o? – perguntei, e arrependi-me imediatamente de ter feito a pergunta. Porque é que estava a fazer conversa com ele? Esta era a minha deixa para me ir embora. Porque é que não me ia embora?

E porque é que o meu coração batia como se quisesse saltar-me do peito?

Iria isto acontecer todas as vezes que chocasse com ele? Se sim, precisava de arranjar uma receita médica.

– Ao Ronan – esclareci, cavando um buraco ainda mais fundo para

mim própria. – Estavas a contar até cinco.

– Como disse – respondeu o Johnny, o queixo numa linha estreita –, ele não volta a incomodar-te.

Os meus olhos arregalaram-se.

– Não o mataste, pois não?

Ele soltou uma gargalhada.

– Não, Shannon, não o matei.

– Oh, OK – Dei um suspiro profundo. – Isso é bom.

Ele inclinou a cabeça para um lado, com uma expressão curiosa e uma voz suave:

– É?

– Bem, eu... eu... Sim – afirmei. – Acho que é sempre bom evitar uma acusação de homicídio.

– Acho que isso é verdade – replicou, com um sorriso.

– Bem, eu estou, ah, bem – disse num tom um pouco constrangido.

– Obrigada por verificares.

Ele franziu o sobrolho.

– Tens a certeza?

– Sim.

– Bom.

– Bom.

Ele não fez qualquer movimento para se afastar, e de forma bastante estranha, eu também não.

Ficámos ambos ali de pé, separados por alguns centímetros, com ele a olhar para baixo, para mim, e eu a olhar para cima, para ele. Era difícil explicar o que estava a acontecer, mas parecia quase que ele estava a tentar memorizar o meu aspeto.

Pelo menos, era o que *eu* estava a fazer.

Os seus olhos azul-escuros estavam pousados na minha cara, descendo dos meus olhos para a minha boca, e voltavam de novo para cima. Ele estava a assimilar-me abertamente, e não fazia nenhuma tentativa para parecer discreto em relação a isso. Era desconcertante e excitante ao mesmo tempo.

O meu telefone vibrou contra o peito, surpreendendo-me, e dando-me felizmente um alívio muito necessário da estranha tensão que nos envolvia. Desapertei o casaco, retirei o telefone do bolso, vi o nome do

Joey a brilhar no ecrã, e carreguei apressadamente em «Aceitar».

– Shannon! O que é que se passa? – perguntou o meu irmão do outro lado da linha. – Estás bem? Aconteceu alguma coisa... – a sua voz falhou e ele rosnou do outro lado da linha. – Se algum desses sacanas te fez alguma coisa, vou perder a...

– Estou bem – disse, interrompendo-lhe o discurso a meio. – Estou bem. Tem calma.

Os meus olhos esvoaçaram para o Johnny, que estava a olhar-me com ar pensativo.

– Perdi o autocarro – continuei, voltando-lhe as costas para reaver alguma compostura de que bem precisava. – E o próximo é só às nove e quarenta e cinco da noite – expliquei rapidamente, mantendo a voz baixa e calma. – Já está escuro, e não queria ir a pé, não vá dar-se o caso de... – interrompi-me antes de acabar aquela frase, e depois apressei-me a perguntar: – Estás com a Aoife? Vocês podem vir buscar-me?

O Joey já tinha carta de condução, mas não tinha carro. A namorada, que ainda só tinha a carta provisória, tinha um *Opel Corsa* com catorze anos. Era velho e vagaroso, mas funcionava. O Joey era o condutor registado no seu seguro automóvel e o condutor ama-seca na maior parte dos dias, e eu sabia que ela lho emprestaria sempre que ele quisesse.

– Estou mesmo encurralada, Joey – disse eu, numa voz sumida. – Não pediria, se não estivesse desesperada.

– Ah, caracas, Shan. Estou a trabalhar até às nove – lamentou-se. – Fui chamado para cobrir um dos rapazes, e a Aoife trabalha até às dez às quintas-feiras, por isso, é ela que tem o carro. Já tentaste a mãe?

– Está a trabalhar no turno da noite – murmurei. – E não vou ligar ao pai.

– Não! Jesus! Não lhe lighes – replicou o Joey, num tom duro. Suspirou pesadamente do outro lado da linha, e disse: – Olha, desliga e dá-me uns minutos. Vou fazer uns telefonemas para alguns dos rapazes... e ver se algum te pode apanhar. Já te ligo de volta.

– Não, não faças isso – fui rápida a dizê-lo. A ideia de entrar num carro com um dos amigos dele, por mais que me tolerassem, não era apelativa. – A escola está aberta até tarde. Posso esperar aqui até o

meu autocarro chegar.

Uma pancadinha gentil no meu ombro afastou a minha atenção do telefonema. Voltando-me, olhei para cima e pousei os olhos no Johnny.

– Eu posso levar-te a casa – disse ele, o olhar azul fixo no meu.

– Hã...? – abri a boca, mas nada saiu a não ser um balbuciar.

– O meu carro está estacionado lá fora – inclinou a cabeça na direção da entrada. – Posso levar-te a casa.

– Eu... hã... eu... – abanei a cabeça, inspirei profundamente, e tentei de novo. – Não, não, está tudo bem. Não tens de fazer isso.

– Sei que não tenho de o fazer – replicou ele vagarosamente. – Estou a oferecer-me.

– Fazer o quê? – perguntou o Joey do outro lado da linha. – Shan? O que é que se passa? Com quem é que estás a falar?

– Oh, ah, é apenas um tipo da escola – expliquei, as faces a arder.

O Johnny arqueou o sobrolho..

Corei com um cor-de-rosa brilhante.

A minha reação trouxe um sorriso total aos lábios do Johnny.

– Tipo? – perguntou o meu irmão, chamando-me de novo a atenção para o nosso telefonema. – Que *tipo*?

– Apenas um tipo que conheço – disse eu, num tom agudo. Mordi o lábio inferior, olhei para o Johnny, e disse: – Sinceramente, está tudo bem. Não tens de me levar a casa.

– Espera aí... quem é que vai levar-te a casa, Shannon? – o Joey quase gritou do outro lado da linha, distraíndo-me mais uma vez. – Porque é que estás a falar com tipos com idade suficiente para te *levarem de carro* a casa? Tens quinze anos!

– Sei quantos anos tenho, Joey – repliquei, os nervos em frangalhos. – Ouve, relaxa. – Encostei a mão à testa, e disse: – Vou esperar aqui até o autocarro chegar.

– Põe-no ao telefone – ordenou o Joey.

– O quê? – disse eu, boquiaberta. – Quem?

– O rapaz que é *apenas um tipo que tu conheces com carro* – disse o Joey, devolvendo-me as minhas palavras.

Recusei.

– Porquê?

– Porque quero falar com ele – respondeu o Joey, com impaciência. Espiei o Johnny, que estava a olhar para mim, expectante.

Baixando o olhar, sussurrei:

– Porque é que queres falar com ele?

– Porque quero falar com o sacana que se está a oferecer para levar a minha irmãzinha a casa de carro, é por isso.

O Johnny suspirou de impaciência, pigarreou, e estendeu a mão.

Fiquei a olhar para a mão dele, e pisquei os olhos, confusa.

– Dá-me o teu telefone – disse ele, calmamente.

– O meu telefone?

– Sim – o Johnny assentiu com a cabeça. – O teu telefone.

Quando não fiz nenhum movimento para lho entregar, o Johnny tirou-o da minha mão e encostou-o ao ouvido.

– Ei, aqui fala o Johnny – disse ele, agarrando a porcaria do meu telefone junto ao ouvido. – Sim, conheço a tua irmã... – fez uma pausa, antes de dizer: – Kavanagh... Sim, sou eu. – Seguiu-se outra pausa, antes de ele assentir. – Obrigado. Foi uma forte *performance* de nós todos.

Mortificada, tentei agarrar o telefone, mas ele era demasiado alto.

Pondo uma mão entre nós para me manter à distância, o Johnny continuou a falar... com o *meu irmão*.

– Provavelmente – disse ele para o telefone. – Sim, é uma jogada arriscada. Não, os bilhetes para a digressão de verão não vão estar à venda antes de maio... Sim, vou ver o que posso fazer. Mas só para jogos em casa... Fixe.

O quê? A sério, o quê?

Confusa nem sequer começava a descrever como me sentia naquele momento.

– Estou perfeitamente consciente disso – afirmou o Johnny num tom seco, a responder obviamente a qualquer coisa que o Joey estava a dizer. – Não, eu não... Nós somos, hã, amigos... obviamente... Carta de condução completa... sim... – O seu olhar voou para a minha cara. – Dezassete... Eu sei disso... Sim, entendo... Percebo a diferença... Não o farei – disse o Johnny, antes de carregar no botão «Desligar» e me entregar o meu telefone.

– O que é que acabou de acontecer? – perguntei, olhando incrédula

para o ecrã negro do meu telefone. – O que é que ele te disse?

O Johnny encolheu os ombros, mas não respondeu à minha pergunta. Em vez disso, baixou-se e apanhou a minha mochila.

– Vamos embora – atirou a minha mochila por cima do ombro, encostou uma mão às minhas costas e empurrou-me para a frente. – O teu irmão mais velho autorizou-me a levar-te a casa.

– E a tua mochila? – perguntei, ao reparar que ele só levava a minha.

– Está no carro – respondeu, continuando a orientar-me em direção à porta. – Vamos.

Como um carneiro para o matadouro, fui com ele, sabendo que isto era uma péssima ideia, mas incapaz de impedir os meus pés de se mexerem. Só havia meia dúzia de alunos nos corredores, mas posso jurar que senti cada um dos seus olhares enquanto caminhava em direção à porta da frente com o Johnny.

O Johnny empurrou a porta de vidro e esperou que eu passasse antes de me seguir.

Não tinha a menor ideia do que fazer. Ou, já agora, do que dizer. Estava tão longe da minha zona de conforto, que mal podia funcionar. Para ser franca, sentia-me um pouco zozza.

Caminhámos lado a lado em silêncio, através do pátio e depois pela avenida abaixo em direção ao parque de estacionamento dos alunos. Embora hoje fosse dia 1 de março, e o segundo mês de primavera na Irlanda, estava escuro lá fora, já para não falar de um frio de rachar. Eu não era grande fã de andar lá por fora no escuro, e dei por mim a tentar ficar perto dele. Consequência ou não da concussão, uma parte do meu cérebro dizia-me que estava segura com este rapaz.

O que era, provavelmente, resultado da concussão.

– Ele não te magoou, pois não? – perguntou o Johnny, quebrando o silêncio quando entrámos na zona do estacionamento.

– O quê? – voltei a cara para o fitar. – Não, não, estou bem.

– Estás mesmo? – ele estava a olhar em frente, por isso, fiz o mesmo, sentindo-me demasiado exposta perto dele. – Ele não te pôs as mãos em cima?

– Estou mesmo. – Deslizei as mãos para dentro dos bolsos do

casaco, e manteve o olhar na linha de carros à minha frente. – Estou bem.

O Johnny ficou tenso e o movimento fez com que o seu braço roçasse no meu.

– Sabes que podes dizer-me se ele te tiver tocado. – Enfiou uma mão no bolso e retirou um molho de chaves. – Não tens de ter medo.

– Ele não me tocou.

– OK, ainda bem – disse ele, carregando num botão numa chave de automóvel preta e lustrosa. Acenderam-se as luzes de um carro próximo de nós, e ele orientou-nos nessa direção.

– Este é o meu.

– Uau! – espantei-me quando me aproximei o suficiente para tomar consciência do ar impressionante do carro. – Tens um *Audi*?

– Tenho – confirmou, puxando umas das portas de trás já abertas.

– É teu?

– Porque outra razão o conduziria?

Encolhi-me.

– Pensei que talvez pertencesse aos teus pais ou uma coisa assim.

– Não, é meu – respondeu. – Os meus pais têm os seus próprios meios de transporte.

– Oh – arquejei, com a boca aberta de espanto.

Devido à escuridão, não consegui entender se o carro era preto ou azul, mas Deus Todo-Poderoso, escuro ou não, pude perceber facilmente como era elegante. E novo. E rápido. E *caro*.

Não admira que ele não quisesse que lhe devolvesse os sessenta e cinco euros.

– É um A3? – perguntei, impressionada.

– Sim – respondeu o Johnny, atirando a minha mochila para o assento de trás, onde se juntou a outra e a mais uns quantos sacos de equipamento desportivo, todos com emblemas de clubes diferentes.

Eu podia topar um saco de desporto a quilómetros de distância, já que tinha passado a maior parte da minha vida a tropeçar neles. Também estava dolorosamente consciente do fedor a *rapaz adolescente* que vinha de um desses sacos. Era semelhante ao fedor que emanava do quarto do Joey, um odor distinto constituído por uma combinação de suor, sexo e homem.

Espreitei por cima do ombro dele, ignorei o fedor arapaz e maravilhei-me com o interior em pele.

– És fã de carros ou uma coisa assim do género? – perguntou ele, voltando a cabeça mesmo a tempo de me ver a espiolhar por cima do seu ombro.

– Nem por isso. – Recuei um passo e encolhi os ombros, sentindo que o sangue afluía às minhas faces, e sentindo carradas de alívio por ter sido apanhada a espiar-lhe o carro e *não* o rabo naquelas calças.

Porque é claro que eu também tinha examinado isso. Era difícil não o fazer. Era redondo e firme, e...

– Mas o meu irmão Joey é, por isso conheço uma data de marcas por o ouvir a falar nelas – apressei-me a explicar e a mudar a direcção dos meus pensamentos perigosos. – É um carro veloz.

– Sim, é bastante decente, por agora.

– Por agora.

Acenando com a cabeça, o Johnny fechou a porta de trás e lançou-me um sorriso rápido antes de abrir a porta do passageiro da frente.

– Ah, merda – resmungou ele, a olhar desalentado. – Desculpa isto. Não estava a planear levar alguém aqui.

Os meus olhos caíram no morticínio absoluto que era o seu banco da frente.

Caramba!

Era uma confusão total.

– Posso sentar-me na parte de trás, se for melhor para ti – ofereci-me, não querendo abusar mais dele do que já estava a abusar.

– O quê... Não – disse o Johnny, coçando o queixo. – Dá-me só um segundo.

Mergulhou no carro, apanhou uma braçada de garrafas vazias, meias, sacos de plástico, embalagens de pastilhas elásticas, desodorizantes e toalhas, e atirou-os para o banco de trás. Teve de repetir este ciclo mais três vezes, tirando o lixo do assento da frente e despejando-o no de trás, até o espaço estar desimpedido... interrompendo-se a meio para apanhar uma carteira preta, informando-me de que *andava à procura disto*.

Finalmente, quando concluiu a limpeza improvisada, saiu da parte de trás do carro e sorriu envergonhadamente:

– Acho que está bem, agora.

Sorri-lhe.

– Obrigada, mais uma vez, por te ofereceres para me levar a casa.

– Sem problema – respondeu. – Sinto que ainda estou em dívida contigo pela cabeça partida, hã?

– Não a partiste – fui rápida a esclarecer. – Só agitaste um bocadinho o meu cérebro.

O Johnny fez uma careta.

– Agitei, não agitei?

– Bem... – refleti. – São quase vinte e cinco quilómetros até minha casa. Por isso, entre o dinheiro, a ameaça de cortar o pénis ao Ronan, e a boleia para casa, acho que podemos dizer que estamos quites.

– Ele não está na tua turma, pois não? – O Johnny suspirou frustrado. – Porque isso também se arranja.

– Só temos aulas juntos duas vezes por semana – expliquei.

O rácio de homens e mulheres no nono ano estava claramente desequilibrado, com oito rapazes e apenas cinco raparigas. Todas as cinco raparigas tinham sido colocadas na mesma turma, a 9A. Felizmente para mim, o Ronan McGarry estava na 9D, por isso, com a exceção de algumas aulas conjuntas durante a semana, não teria de olhar para ele.

– Ele nunca me dirigiu uma palavra até hoje à tarde – acrescentei.

– Bem, se ele te der o mais pequeno sopro, diz-me – rosnou o Johnny. – E eu trato disso.

– Tu tratas disso? – perguntei. – Fazes com que pareça que és da Máfia, ou qualquer coisa do género.

O Johnny deu uma gargalhada, e segurou a porta aberta, fazendo um gesto com a mão. – Vamos lá, Shannon *como o rio*. Entra no carro.

Ele era tão inesperado, e eu estava tão fascinada com ele, que nem senti nenhuma hesitação. Limitei-me a entrar e a apertar o meu cinto de segurança, observando enquanto ele fechava a minha porta e dava a volta pela frente do carro até ao seu lugar.

Foi só quando já estava sentado no lugar do condutor ao meu lado, com as portas fechadas, que senti o bater do meu coração acelerar e a minha habitual onda de ansiedade a surgir.

– Deus, está um griso – declarou o Johnny, esfregando as mãos

antes de ligar o carro.

Ele tinha razão. Estava gelado, dentro do carro.

– É tarde para apanhar um autocarro – acrescentou ele, carregando na luz por cima da cabeça dele. – A escola acaba às quatro.

– Sim, bem sei. – Juntei as mãos e apertei-as, todo o meu corpo estava um feixe de nervos. – Mas o autocarro das cinco e meia é o único que passa na minha rua.

– Isso é uma chatice.

– Não é assim tão mau – respondi, ajustando o meu cinto de segurança. – Geralmente, consigo despachar a maior parte dos trabalhos de casa antes de sair da escola, ao fim da tarde.

Percorreu-me um pequeno arrepio, a que o Johnny reagiu imediatamente:

– Tens frio?

Mexeu no aquecimento, e pô-lo no máximo, e depois voltou a esfregar as mãos uma na outra.

– Não deve demorar muito tempo a derreter – disse, apontando para a fina camada de gelo no para-brisas.

– Eu estou bem, mas tu, provavelmente, devias vestir um casaco – afirmei, olhando para os seus braços nus. – Ou, pelo menos, uma camisola. Estão tipo dois graus lá fora. Vais acabar por ficar doente.

– Nah... estou habituado – respondeu. – Passo a maior parte dos invernos num campo de jogo, debaixo de chuva torrencial.

– A jogar rãguebi – concluí, pensativamente.

– Sim – pondo as mãos em concha à frente da boca, soprou lá para dentro e continuou a esfregá-las uma na outra. – Praticas algum desporto?

– Não – abanei a cabeça e brinquei com um botão do meu casaco. – Mas gosto de ver.

Inclinando a cabeça para um lado, examinou a minha cara.

– Vês muito rãguebi?

Consegui sentir o peso do seu olhar nas minhas faces.

Que estavam a arder.

– Ah... não – respondi. – Quero dizer, assisti àquele jogo na semana passada, e vejo a Irlanda no Seis Nações todos os anos, e por vezes sigo o futebol. Mas vejo sobretudo GAA. Futebol celta e *hurling*.

– Olhei para ele. – O meu irmão Joey... o tipo ao telefone? Ele joga por Cork.

– A sério? – as sobrançelas do Johnny ergueram-se. – Na categoria sénior?

– Não, ele só tem dezoito anos, por isso, por agora é nos mais novos – expliquei. – Mas diz-se que ele poderá ser chamado para a equipa sénior na próxima época.

– Sabes, agora que penso nisso, o nome Joey Lynch soa-me familiar – disse o Johnny, pensativo. Torceu-se no banco para me encarar, com uma expressão altamente interessada. – Ele está a acabar a BCS, certo? Como jogador de *hurling*?

– Sim – assenti. – Ele jogou nas duas equipas durante anos, como a maioria das pessoas, mas quando foi convocado para jogar a nível do condado, deixou o futebol.

– Boa – Johnny expirou. Parecia impressionado quando se encostou contra a sua porta e disse: – Não é fácil conseguir uma convocatória a nível do condado em lado nenhum, e especialmente em Cork, onde a competição é tão feroz.

– Realmente, não é. – Mantive o meu corpo virado para a frente, mas voltei a cabeça para o olhar. – As pessoas não entendem como é incrivelmente difícil jogar àquele nível e *manter-se* lá. Aham que é fácil para os atletas, e que eles são mimados e convencidos, mas não sabem dos enormes sacrifícios que estes tipos fazem diariamente nos bastidores.

– Acho que pode resumir-se assim – disse o Johnny, acenando com a cabeça em concordância.

Apoiando um pé no seu assento, o Johnny enganchou um braço à volta do joelho, deixou o outro braço no volante, e deu-me toda a sua atenção.

– O teu irmão está a agarrar esta oportunidade com as duas mãos?

– Acho que sim – respondi, a pensar no meu irmão e na sua atitude perante a vida.

Isto era estranho.

Habitualmente, eu não era muito faladora. Não na presença de estranhos, pelo menos. Mas não me sentia assim ao pé dele.

Pelo menos, não esta noite.

Sentia-me estranhamente próxima dele, e o interesse do Johnny no que eu estava a dizer encorajou-me a continuar a falar. Além disso, o meu irmão era um tópico seguro. Toda a gente adorava o Joey, eu incluída, e sentia-me ferozmente orgulhosa dos seus feitos.

– Mas ele ainda está na escola, está a preparar-se para conseguir o diploma final este ano, e há muita coisa a distraí-lo. O nosso pai quer que ele se concentre no *hurling* vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, mas o Joey é um tipo sociável. É-lhe difícil dizer «não» aos amigos. – Continuei a divagar e o Johnny continuou a ouvir atentamente o que eu estava a dizer. – Sinceramente, o Joey tem talento e capacidades para jogar em qualquer categoria – declarei, com toda a honestidade, apreciando cada aceno de concordância que o Johnny fazia com a cabeça à medida que eu falava. – É manter-se focado que é o seu maior problema, e as distrações estão por todo o lado. Toda a gente quer um bocadinho de ti quando estás sob escrutínio público, e para o Joey é difícil manter os pés na terra. – Fiz um aceno depreciativo com a mão, enquanto falava. – Acho que é difícil manteres os pés na terra quando és um adolescente a competir num mundo de homens e colhes as recompensas por isso... – Fiz uma pausa, expirando com força e acrescentei: – Sabes como é, com as festas, as raparigas, o tratamento diferenciado, e tudo isso.

– Sim – respondeu o Johnny, esfregando o queixo distraidamente. Tinha uma expressão estranha gravada na face quando olhou para mim, que eu não conseguia descrever. – Sei muito bem.

– Foi o mesmo com o Darren – acrescentei, pensativamente, refletindo em como as vidas dos meus irmãos eram parecidas, aos dezoito anos.

As sobrancelhas do Johnny juntaram-se.

– O Darren...?

Corei.

– Oh, é o meu irmão mais velho. Jogou durante um ano na categoria sénior, antes de desistir.

– A sério? – As sobrancelhas do Johnny levantaram-se. – Porque é que desistiu?

– A pressão...? – sugeri, debilmente, sem vontade de aprofundar os assuntos da minha família. – Acho que se desiludiu com o jogo.

Depois disto, houve um silêncio longo e denso, durante o qual nenhum de nós falou. Era perturbador e fez regressar as minhas anteriores ansiedades.

– Desculpa – murmurei, pondo o cabelo atrás da orelha. – Provavelmente, aborreci-te até à morte com tudo isto. – Mexendo nervosamente na minha trança, olhei do para-brisas agora descongelado para ele antes de dizer: – Diria que já podemos ir.

O Johnny não fez nenhum movimento para nos irmos embora. Em vez disso, surpreendeu-me ao perguntar:

– E tu?

– O que é que há comigo? – disse, sentindo-me um pouco enervada.

– És uma jogadora *camogie* dotada? – Fez-me uma careta. – Já que, claramente, corre nas vossas veias.

– Ah, não – respondi, ficando escarlate. – Decididamente, não. Nunca fui boa nisso. Mas adoro ver. Adoro a fisicalidade do jogo.

O Johnny assentiu com a cabeça, absorvendo tudo o que estava a dizer-lhe com a mais perfeita educação, mas surpreendeu-me como o caraças quando disse:

– Acho que gostarias do *râguebi*.

Espantei-me com a estranha declaração.

– Acho que queres dizer que eu poderia *morrer* a jogar *râguebi* – corrigi-o, apontando para o meu corpo. – Caso não tenhas reparado, estou, tipo, no lado dos pequenotes.

Um sorriso enorme espalhou-se-lhe pelo rosto, fazendo aparecer as covinhas.

– Sim, eu reparei – disse ele, a rir. – Quero dizer que acho que gostarias de *ver* *râguebi*. Se gostas tanto de GAA, irias adorar a fisicalidade do *râguebi*.

– Eu costumo ver e gosto – recordei-lhe. – Quando a Irlanda está a jogar. – *Não que tenha a porra da mais pequena pista do que lá acontece*, resolvi não acrescentar esta parte.

– E no que se refere às equipas locais? *Râguebi* escolar? Competições distritais? Alguma vez foste a jogos antes do da semana passada?

Ele estava a disparar perguntas mais depressa do que eu conseguia

responder.

Tentei responder-lhe o melhor que podia.

– Não. Não sigo nenhuma equipa, além da seleção, e nunca tinha ido a nenhum outro jogo.

O Johnny voltou a assentir, assimilando tudo o que eu estava a dizer como se fosse importante.

– Eu jogo – disse ele finalmente.

– Pelo Tommen. Sim, eu sei – graciei. – Eu vi-te, e ainda tenho um galo na minha nuca a prová-lo.

O Johnny fez uma careta.

– Não – insistiu ele, num tom estranhamente sério. – Quero dizer que *jogo*.

Olhei para ele sem compreender.

– E isso é... bom?

Ele deu uma gargalhada impaciente.

– Não fazes a mínima ideia do que estou a falar, pois não?

– Nope – abanei a cabeça. – Com toda a franqueza, não faço.

Ele meditou nisto por um longo momento, e assentiu.

– Gosto disso.

– Gostas de quê?

– Que não saibas do que estou a falar – respondeu sem hesitação. – É um bocadinho insultuoso e muitíssimo refrescante.

– Hã... bem... de nada? – hesitei, sem saber o que dizer àquilo. – Então, o rãguebi é a tua cena, hã?

O Johnny sorriu com ironia.

– Pode dizer-se que sim.

Senti que estava a falhar alguma coisa ali.

– E és bom?

Achei que ele era bom.

Achei que ele era o melhor na sexta-feira passada, mas não tinha nenhuma ideia sobre a modalidade.

O seu sorriso aumentou, os olhos a enrugarem-se ligeiramente, enquanto ele repetia o que tinha dito anteriormente.

– Pode dizer-se que sim.

OK, eu estava decididamente a falhar alguma coisa.

– Vou ficar envergonhada por causa disto? – perguntei,

vasculhando o meu cérebro à procura de informações que pudessem ajudar-me.

Não tinha nenhuma.

Claro, sabia que ele era o capitão da equipa da escola, e aqueles fotógrafos e jornalistas andavam a morder-lhe os calcanhares, mas achei que tinha que ver com o facto de ser capitão e o melhor jogador em campo naquele dia.

No entanto, não conseguia afastar a sensação de que me estava a falhar alguma coisa.

– Se fizer uma pesquisa na internet sobre ti, vou descobrir que és uma espécie de deus do râguebi?

O Johnny atirou a cabeça para trás e riu à gargalhada:

– Não – disse – não sou nenhum deus.

– Então? – insisti.

Com um sorriso pesaroso, o Johnny desviou a conversa de novo para mim ao dizer:

– Então, a GAA é a tua cena, hã?

– Bem, não é como se tivesse muita escolha nesse assunto – respondi, alinhando no seu divertimento. – Tenho cinco irmãos e um pai fanático pela GAA, por isso... – deixei as minhas palavras a flutuar com um encolher de ombros.

– Nenhuma irmã?

– Nope – respondi. – Sou só eu e os rapazes.

– E como é que te sentes com isso?

A pergunta dele tocou-me e levei alguns instantes a formar uma resposta:

– Bem, acho. Nunca ninguém me tinha perguntado isso antes. Nem sequer os meus pais. – É uma vida doméstica atarefada – acrescentei, sentindo necessidade de elaborar. – Às vezes, fica um pouco louca.

– Aposto que sim.

Mudando a mão que tinha no volante para a perna que estava apoiada no chão do carro, o Johnny começou a alisar com a sua mão enorme a parte da frente das suas calças de fato de treino, parando para massajar a coxa com os nós dos dedos.

Teria ficado super assustada com este movimento se não fosse o facto de parecer que ele o estava a fazer subconscientemente, como se

estivesse a suavizar uma dor.

– São próximos? – perguntou, distraíndo-me do que estava a ver.

– Próximos? – pestanejei rapidamente. – Quem? Eu e os meus irmãos?

Ele assentiu.

Pensei no assunto um momento antes de responder.

– Sou próxima do Joey. Aquele que estava há bocado ao telefone. Fez dezoito anos no Natal, por isso, é o mais próximo de mim, em idade. O Darren não vive em Cork, e os três mais novos só têm onze, nove e três anos, por isso, não somos muito próximos.

– Ele trata-te bem?

– Quem...? O Joey?

Ele assentiu.

– Sim – sorri. – É um irmão fantástico.

– Protetor?

Encolhi os ombros.

– Às vezes.

O Johnny assentiu pensativamente, e perguntou:

– Então, és a filha do meio?

– Sim, sou a terceira.

– Isso é uma data de filhos.

– E tu? – virei o jogo para ele. – Alguns irmãos ou irmãs?

– Nope – respondeu, a encolher os ombros. – Sou filho único.

Uau.

– E como é que é?

– Sossegado – gracejou, voltando outra vez os holofotes para mim.

– Viveste aqui toda a tua vida?

– Sim. Nascida e criada em Ballylaggin – confirmei. – E tu és de Dublin, certo? Mudaste-te para cá quando tinhas onze anos?

Os olhos brilharam-lhe.

– Lembras-te de eu te ter contado isso?

Assenti.

– Credo, estavas tão fora nesse dia, não pensei que te lembrasses de alguma coisa – disse ele pensativamente, coçando o queixo.

– Mesmo que não me lembrasse, o teu sotaque é um forte indício.

– É?

Acenando com a cabeça, fiz o meu sotaque do sul mais beto e disse:

– Sou de Blackrock, fofa.

O Johnny riu da minha tentativa.

– Nem perto.

– Deixa-me adivinhar. Costumas mergulhar os dedos dos pés na praia de Sandycove antes de ir almoçar a um sítio chique da D4? – brinquei, com uma risadinha e outro sotaque forçado.

Tinha as faces a arder.

Deus, eu era tão desajeitada.

– Não há nada de beto em mim, Shannon – afirmou o Johnny, com o sorriso a desvanecer-se. – Posso vir de uma zona decente, mas os meus pais trabalham no duro para terem tudo o que têm. Vieram do nada e construíram uma vida boa.

– Tens razão.

Ele não soava nada como um beto.

A minha tentativa de o impressionar fora um falhanço épico.

Que idiota...

Envergonhada pela minha única e muito malsucedida tentativa de fazer uma piada, mexi na trança e murmurei:

– Desculpa.

– Não peças desculpa – disse ele com ar depreciativo. – Agora, a ‘*nha mãe*, por outro lado, tem um sotaque verdadeiro e carregado do norte de Dublin.

Os meus olhos iluminaram-se.

– Como na *Fair City*?

O Johnny apertou o nariz.

– Vês novelas?

– Adoro – admiti, com um sorriso. – A *Fair City* é a minha preferida.

– Bem, se ouvisses a ‘*nha mãe*, estarias no teu elemento – riu-se, esquecido dos seus estranhos movimentos mão-na-coxa. – O meu pai é nascido e criado em Ballylaggin. Por isso, é um nativo de Cork como tu. – Encolheu os ombros, e acrescentou: – Suponho que eu pareça uma mistura maluca dos dois.

Não parecia. Não tinha o menor vestígio do sotaque de Cork na sua

fala. Era cem por cento Dub, mas decidi saltar essa parte e em vez disso perguntar:

– Porque é que a tua família se mudou para cá?

– A mãe da minha mãe estava doente – explicou. – Ela queria voltar para casa para... ah, sabes... por isso, mudámo-nos para tomar conta dela. – Juntando as mãos, brincou com os polegares. – Era suposto ser uma coisa temporária. Fui matriculado no Royce College para setembro seguinte. Devíamos ter ido para casa depois do funeral.

– Mas não voltaram para Dublin?

Ele abanou a cabeça.

– Nã, os meus pais decidiram que gostavam da vida tranquila daqui, puseram a casa de Dublin à venda, e fizeram da mudança uma coisa permanente.

– Como foi... mudares nessa idade?

Não fazia a menor ideia porque é que estava a fazer estas perguntas. Não me lembrava de alguma vez ter falado com qualquer pessoa durante tanto tempo.

Mas isto era simpático e o Johnny era interessante. Ele era *diferente*.

Estava espantada como era, de facto, fácil falar com ele.

– Deve ter sido difícil.

– Foi uma grande merda – sussurrou o Johnny, a regressar claramente a essas memórias. – Vir para uma escola nova a meio do ano letivo. Mudar de clube e encontrar-me numa equipa nova. Ficar com o lugar de outras pessoas na equipa e depois lidar com as consequências disso. – Abanou a cabeça e passou uma mão pelo cabelo. – Tive de repetir o sexto ano por causa da mudança... uma treta qualquer sobre política ou isso.

– Onde?

– Scoil Eoin – informou, com uma careta. – A escola primária católica só para rapazes.

Espantei-me.

– A mesma do Hughie Biggs?

Ele assentiu, sorrindo.

– Sim, foi lá que conheci o Hughie, o Gibs e o Feely.

– Esses tipos são teus amigos?

Ele assentiu, agora a sorrir abertamente.

– Infelizmente.

– Importaste-te? – perguntei. – De ter de repetir o sexto ano na Scoil Eoin?

– Estava furioso, Shannon.

– Estavas? – perguntei, ignorando a forma como me arrepiei interiormente quando ele disse o meu nome.

De facto, estava a tentar desesperadamente ignorar a corrente elétrica de calor que subia pelas minhas veias.

– Sim, estava mesmo na expectativa de ir para o Royce com os meus colegas e os rapazes do clube – explicou. – Eu estava a espumar com os meus pais quando anularam a minha inscrição e me matricularam no Tommen. – Deu uma pequena gargalhada, e depois disse: – Seis anos depois, ainda estou chateado com isso.

– Bem, parece que as coisas te correram bem aqui – afirmei, insegura quanto ao que dizer. – Tens imensos amigos, e continuas a jogar rãguebi e essas coisas.

– E essas coisas. – O Johnny deu uma gargalhada, altamente divertido com o que eu dissera. Examinou a minha cara durante um longo momento antes de perguntar: – Danças?

– Não, porque é que haverias de perguntar uma coisa dessas?

– Não sei. – O Johnny encolheu os ombros. – Algumas raparigas dançam em vez de praticar desportos. – Os seus olhos percorreram-me durante uns breves instantes antes de regressarem à minha cara. – Pareceu-me que podias ser uma dessas... – Acenou com a mão, obviamente à procura da palavra certa, e concluiu: – Sabes, uma dessas dançarinas de tutu.

Os meus olhos arregalaram-se.

– Achas que eu pareço uma *bailarina*?!

Ele assentiu, e uma gargalhada irrompeu dos meus lábios.

– Porque não? – Ele sorriu, embaraçado. – És pequena. – Mimetizou o tamanho do meu corpo com a mão, e acrescentou: – Não é preciso um grande exercício de imaginação.

– Bem, não sou uma bailarina. – Dei uma gargalhada. – Ou qualquer outro tipo de dançarina, já agora. – Sou apenas raquítica.

O Johnny sobressaltou-se, espantado.

– Raquítica?!

– Já olhaste bem para mim? – aponte para mim própria. – Tenho quinze anos, mal tenho um metro e meio, e peso, tipo, 38,55 kg.

– Pesas 38,550 gramas? – arquejou, com os olhos arregalados de descrença.

Entretanto, os meus olhos arregalaram-se pelo facto de ele converter tão rapidamente os quilos em gramas.

Uau!

– Meu, eu levanto duas vezes o teu peso no ginásio! – O Johnny olhou-me e perguntou: – A sério que só tens metro e meio?

– Se me puser muito direita, sim.

– Cristo, eu tenho um metro e noventa – abanou a cabeça. – És mesmo pequena.

– Exato. – Fiz uma careta. – Raquítica.

– Porra, não admira que tenhas tombado como uma cadeira de jardim quando a bola te atingiu – disse o Johnny, coçando outra vez o queixo enquanto os seus olhos me percorriam. – Podia ter-te partido ao meio.

– É uma forma de o dizer – repliquei, esfregando o nariz com a analogia.

– A tua mãe ainda está furiosa comigo?

– A minha mãe?

– Sim – assentiu. – Ela parecia que estava a dois segundos de me cortar a cabeça nesse dia.

– A minha mãe apenas se assustou – disse. – Viu que estava ferida e saltou para a primeira conclusão.

– E a primeira conclusão era que eu te tinha batido?

Encolhi os ombros, desconfortável, mas não revelei nada.

– Acontece.

– Não comigo, não acontece – garantiu, numa voz agora um pouco mais grossa, os olhos fixos nos meus. – Nunca comigo.

– Ei, então, não sejas tão rápido a negá-lo – disse eu, com humor. – Acabei de testemunhar como ameaçaste cortar o pénis ao Ronan.

– Esse pequeno *eejit* não conta – grunhiu, em resposta. – Não suporto esse maldito miúdo, mas o tio dele é o treinador da escola, por isso, não tenho escolha a não ser tolerá-lo. Está sempre a abusar

da sorte comigo, e a dar espetáculo no campo de jogo, com acrobacias desnecessárias e a causar problemas evitáveis. É como ter de fazer de *babysitter* à porra de uma criancinha durante os jogos. Juro, é um teste diário ao meu autocontrolo não estrangular aquele merdinhas.

Sorri.

– Vocês não são amigos, então?

O Johnny fingiu engasgar-se com a ideia.

– Decididamente, não somos amigos.

– Bem, ele ainda é novinho – disse eu, com otimismo. – Por isso, talvez amadureça com o tempo.

– Como tu?

– Hã?

– Quero dizer, estás no mesmo ano que ele – apressou-se a explicar.

– Mas não ages como se tivesses quinze anos.

– Não?

Abanou a cabeça.

– Pareces muito mais velha.

– Isso é porque sou uma mulher de noventa anos disfarçada de adolescente – gracejei.

– Isso é – o Johnny esfregou o nariz – um conceito perturbador.

– Sim – murmurei, envergonhada com a minha brincadeira de merda. – Pois é.

– Então, e o que é que fazes? – surpreendeu-me com a pergunta.

– O que é que faço? – Tinha estado meio à espera de que ele acabasse a conversa por ali.

– Sim – assentiu, animando-me. – No teu tempo livre.

Fiz uma pausa e pensei sobre o assunto.

– Na verdade, não faço nada – disse, finalmente. – Acho que no meu tempo livre vejo televisão e oiço música... e, oh, leio imenso. – Encolhi os ombros, e acrescentei: – Como podes ver, não sou muito interessante.

O Johnny inclinou a cabeça para um lado, examinando-me com os seus olhos azuis intensos.

– Que tipo de livros?

– Autobiografias. Ficção. Crime. *Thrillers*. Romance. – Suspirei, a pensar na pilha de livros no meu quarto. – Não sou esquisita quanto

aos géneros. Só tenho de gostar da sinopse. Se a contracapa do livro me conseguir atrair, então, estou comprada.

O Johnny fitava-me enquanto eu falava, com um olhar intenso e curioso.

– És uma leitora – disse ele, finalmente. Não era uma pergunta. Parecia mais que ele estava a armazenar aquele pedaço de informação na sua cabeça. – Isso é muito bom.

– Tu lêes? – perguntei-lhe.

Fez uma careta.

– Não tanto como devia.

– Então, não lêes de todo? – provoqueei.

– Sinceramente, não – admitiu, com um sorriso de esguelha. Aproximando-se mais, disse: – O último livro que li que não tivesse sido ordenado pela escola foi o *Chicken Little* e o céu a cair sobre todos aqueles animaizinhos falantes. Sabes qual é?

– Sim – respondi, imaginando o Johnny a ler contos de fadas para crianças. – Já o li algumas vezes ao Sean.

– Sean?

– O meu irmão mais novo – expliquei. – O de três anos.

– Não devias – avisou o Johnny, contendo um estremecimento. – Aquele livro assustou-me com’ó caraças. Desde essa altura que não leio pelo gozo de ler.

Fiquei boquiaberta.

– Estás a falar a sério neste momento?

– A sério com’ó caraças. Não podia estar a falar mais a sério. – O Johnny recuou, como se tivesse sido comicamente ferido. – Eu era muito pequeno. Era um daqueles livros para as crianças lerem sozinhas, com ilustrações em vez de palavras e essa treta toda. Deviam tê-lo classificado como um livro interdito a crianças porque, juro por Deus, acreditei sinceramente que a porcaria do céu inteiro ia desabar em cima de mim. – Abanou a cabeça com a recordação. – Dormi debaixo da cama (em vez de em cima) durante a porra de três longas semanas até o meu pai finalmente ceder e me mudar para um dos quartos do andar de baixo.

– Porquê? – dei uma gargalhada sonora. – Que diferença faria estares no andar de baixo se o céu estava a cair?

O Johnny riu-se a as covinhas das suas faces ficaram mais fundas.

– Ah, sabes... – deu uma gargalhada, batendo na testa com o indicador. – Na minha mente ingénua de seis anos de idade, acreditava que, se o céu caísse, talvez partisse o telhado, mas não poderia partir também o teto do andar de baixo. Teria maior possibilidade de sobreviver no rés do chão.

– Eras um rapazito esperto, não eras?

– Não estava mal, não, senhora – replicou o Johnny juntando as suas gargalhadas às minhas. – Uma porra de um *eejit*.

– Uau! – consegui dizer, entre ataques de riso. – É a sobrevivência no seu melhor.

Ele fez-me um sorriso lupino.

– Um verdadeiro escuteiro, às suas ordens.

– Andaste nos escuteiros?

– O caraças é que andei – replicou o Johnny, rindo agora com mais intensidade. – Eu armava muita confusão. – Os olhos dançaram-lhe, divertidos. – Porquê? Tu estiveste na Guias?

– Ah, nem pensar – abanei a cabeça, abafando um sorriso. – As minhas capacidades de sobrevivência são terríveis.

A voz do Johnny estava um pouco mais profunda quando disse:

– Sobre isso, não posso dizer nada.

Nessa altura, a sua expressão mudou, tornando-se mais intensa.

Incapaz de aguentar o calor, virei a cara para outro sítio e olhei para o relógio no painel de instrumentos. Marcava 20h25m. Deus, há quanto tempo é que estávamos ali sentados a falar?

– Diz-me uma coisa – pediu o Johnny distraído-me dos pensamentos. Continuava a sorrir, os seus olhos eram calorosos e o tom de voz suave quando perguntou: – Porque é que te transferiste para o Tommen?

A pergunta apanhou-me desprevenida.

– Eu... hã... – juntei as mãos, estalei os dedos e suspirei pesadamente. – Precisava de uma mudança.

– Uma mudança? – Ergueu uma sobrancelha cética. – A meio do ano em que tens de tirar o diploma júnior?

– É complicado, e é, tipo, privado... – a voz vacilou-me, e virei a cara para olhar pela janela, embora tudo o que conseguisse ver fosse a

escuridão lá fora.

Não estava confortável com o rumo que a conversa estava a tomar. De todas as vezes que pensava na minha antiga escola, invadia-me uma nova onda de terror. As minhas razões para estar aqui não eram uma coisa sobre a qual tivesse vontade de conversar com quem quer que fosse.

– Ei – senti os seus dedos a passarem pelas costas da minha mão, a voz agora mais próxima de mim, gentil e inquisidora. – Para onde foste?

Assustei-me com o contacto. Ergui a cabeça rigidamente, o meu olhar a esvoaçar da sua cara para o sítio onde o seu polegar ainda roçava a minha mão, fazendo pequenos círculos delicados à volta dos nós dos meus dedos. Era apenas um toque inofensivo destinado a chamar a minha atenção, mas o que mais me surpreendeu foi que não me afastei imediatamente. A consciência de que estava a *gostar* do seu toque era perturbadora, mas nem de longe tão perturbadora como a necessidade que sentia de virar a minha mão e entrelaçar os dedos com os seus.

– Merda – afastando a mão, o Johnny mudou de posição, fazendo uma careta com o que parecia desconforto com o movimento.

A sua mão voou de novo automaticamente para a coxa.

– Desculpa – gemeu, e era um som marcadamente de dor. Pigarreou, e acrescentou: – Não devia ter feito isso.

– Está tudo bem – sussurrei, mordendo nervosamente o meu lábio inferior. – Não faz mal.

Ele exalou com força, e depois passou a mão livre pelo cabelo.

– Não, não está tudo *bem* – o seu olhar pousou na minha boca e voltou a dar um suspiro forte. – Não está *bem* a porra de coisa nenhuma.

– *Está* tudo bem – tentei consolá-lo, dizendo: – Não fiques chateado por causa disso.

– Não estou chateado – disse o Johnny, cerrando o queixo. – Estou apenas... Merda!

Ele *estava* tão chateado!

O meu olhar voou para a sua perna direita, e depois para o sítio onde os nós dos seus dedos estavam a ficar brancos da força que

estava a fazer para massajar a sua coxa.

Perturbada com a visão, saiu-me:

– O que é que se passa contigo?

O Johnny franziu o sobrolho, confuso.

– O que é que queres dizer?

– Tinhas gelo na tua perna há bocado na escola – afirmei, apontando com a mão para o sítio onde ele ainda estava a pressionar o punho de encontro à coxa. – Estás magoado?

O seu olhar seguiu o meu até à sua coxa, e levantou rapidamente a mão.

– Credo! – gemeu, parecendo chocado. – Não me apercebi de que estava a fazer isto.

– Tens estado a tocar-te desde que entrámos no carro – anunciei.

– Que merda! – sibilou o Johnny, olhando-me horrorizado.

Lamentei imediatamente a minha escolha de palavras e comecei a tentar recuar:

– Quero dizer, não *a tocares-te*. Obviamente, não estavas a *tocar-te*, tocar-te.

– Por favor, para de falar – suplicou o Johnny, levantando uma mão.

Fechei a boca e assenti.

Movendo o corpo com cuidado, afundou-se no assento, hesitando sempre muito ligeiramente com o movimento.

Observei em silêncio, enquanto ele apertava o cinto de segurança e inspirava profundamente, deixando depois o ar sair devagar.

– Só para esclarecer – disse ele, depois de um longo silêncio. – Não estava mesmo a tocar-me *daquela maneira*. Eu estou só...

– Dorido? – sugeri, lembrando-me das suas palavras naquele dia.

O seu olhar fixou-se no meu, agora cauteloso.

– Sim – admitiu, com um suspiro de dor.

Assenti, compreensivamente.

– Tens uma lesão?

O Johnny olhou da minha cara para a sua perna, com uma expressão de frustração a atravessar-lhe as feições.

– Tenho uma coisa, sim – murmurou, quase em surdina, e depois suspirou outra vez agitadamente, antes de dizer em torrente: – Lixei o

meu músculo adutor quando tinha dezasseis anos. Foi brutal. Nada ajudava, e estava a comprometer o meu jogo. Estava sempre com dor constante, Shannon. *Constante*. A fisioterapia não estava a resultar, e já não conseguia lidar mais com a dor, por isso, desisti e fiz a cirurgia no Natal.

Ele parecia zangado consigo mesmo, o que me levou a insistir:

– E estás chateado porque...?

O Johnny abanou a cabeça e depois passou uma mão pelo cabelo. Ficou calado durante tanto tempo que pensei que não me fosse responder, mas depois murmurou:

– Não está a sarar.

– A tua perna? – perguntei, com uma bolha de preocupação a crescer dentro de mim. – Ou os teus pontos?

– Ambos? – sugeri, com um abanar de cabeça resignado, e depois sussurrou: – Tudo.

Era uma confissão estranha entre duas pessoas que eram relativamente desconhecidas, e tive a notória sensação de que o Johnny não partilhava com frequência o que sentia.

Parecia aborrecido consigo próprio, e não tinha a certeza se era porque estava lesionado ou porque me tinha contado isso.

De qualquer modo, senti uma imensa necessidade de o confortar.

– Bem... – fiz uma pausa, virei-me no assento para o fitar e reuni os meus pensamentos antes de dizer: – Geralmente, é preciso muito mais do que umas semanas para recuperar completamente de uma cirurgia. Não és uma máquina, Johnny. O processo de cura leva tempo. Um companheiro de equipa do Joey foi operado o ano passado ao tendão da coxa. Levou cinco meses até poder voltar a jogar.

– Já passaram *dez* semanas – replicou, num tom duro, com os olhos a espelhar a sua frustração. – O meu cirurgião disse-me que estava a caminho da recuperação total, e o meu médico de clínica geral autorizou-me a jogar passadas três semanas, Era suposto ser um procedimento menor, mas parece a porra de um horr... – o Johnny interrompeu-se abruptamente e abanou a cabeça, soltando um suspiro de frustração. – *Não devia* estar a levar tanto tempo – insistiu, olhando para a sua coxa como se fosse o inimigo. – É a porra de uma grande merda.

– Foste considerado apto para jogar ao fim *de três semanas*? – Franzi a testa. – Não parece um intervalo de tempo suficiente para o teu corpo se curar – ouvi-me a responder, num tom gentil.

– Bem, sim, mas a verdade é que fui – suspirou.

– Johnny – disse eu, com toda a calma. – Provavelmente, só agora devias ter voltado aos treinos.

Ele abanou a cabeça, e disse:

– Tu não percebes.

Não, decididamente não percebia, mas isso não me impediu de dizer:

– Disseste que os teus pontos não cicatrizaram? – Ele lançou-me um olhar cauteloso, mas não respondeu. – Podes mostrar-me? – pedi. – Sou boa com pontos.

Já tinha tido a minha dose deles.

– Shannon, fui operado ao meu *adutor* – disse ele, num tom exasperado, a voz áspera e um olhar confuso.

– Bem sei – repliquei. – Mas já vi um milhão de lesões desportivas em pernas e joelhos, por isso talvez te possa dizer qual é o problema – encolhendo os ombros, acrescentei: – Talvez esteja a demorar mais tempo a sarar porque estás todo o tempo em cima dos pés.

– O meu problema não é a perna, Shannon.

– Oh, desculpa, assumi que era porque te vi coxear – respondi. – É a tua coxa?

– Não – respondeu, inexpressivamente.

As minhas faces passaram de medianamente quentes para ardentes que nem uma fornalha no tempo que me levou a registar que a lesão do Johnny estava num sítio muito mais alto do que tinha pensado no início.

A minha boca formou um «O» enquanto imagens vívidas de membros masculinos decepados invadiam a minha mente.

– Pois – disse o Johnny em tom de escárnio, parecendo ao mesmo tempo frustrado e desconfortável.

– Bem... E-e-u... – lentamente, abanei a cabeça e fiz nova tentativa. – Não sei como te ajudar com isso.

– Relaxa, não te ia deixar examiná-lo – garantiu ele, na defensiva.

– Desculpa – sussurrei, completamente mortificada. – Eu não...

hã... percebi onde era.

– E já agora – acrescentou, os olhos a estreitarem-se. – Foi à virilha que fui operado, e não ao pénis, e agradecia que percebesse bem os factos antes de ires a correr contar a toda a gente.

O quê?!

– Contar a toda a gente?! – Os meus olhos viajaram do seu rosto para a sua virilha, uma reação inevitável ao ouvir a palavra *pénis* sair da sua boca. – Eu não...

– Sei como é que as raparigas são com os mexericos – irritou-se ele, fazendo um movimento com o maxilar. – Porra, o que é que estou a fazer?

Olhei-o, boquiaberta.

– Mexericos?

Ele estava a falar a sério?

– Ouve, esquece só que te disse alguma destas coisas – disse ele. – Está a fazer-se tarde.

Pôs uma mão enorme entre nós, fechou-a sobre a alavanca das mudanças, e pô-la em modo de arranque.

– Onde é que te levo?

Expirei.

– Não faço ideia.

Ele virou-se para olhar para mim.

– O quê?

Encolhi-me no assento.

– O quê?

– A tua morada, Shannon. – Bateu com os dedos no volante, impaciente. – Tens de me dizer onde moras para poder levar-te a casa.

– Oh! – *Deus*. – Desculpa. Hã... Elk's Terrace, em Ballylaggin.

Assentiu brevemente com a cabeça, fez marcha atrás para sair do seu lugar de estacionamento e meteu a primeira antes de apanhar a estrada da escola. Ligando os piscas, abrandou para fazer uma paragem breve quando chegámos à entrada, inclinou-se para a frente e verificou os dois sentidos antes de entrar na estrada principal a uma velocidade ligeira.

Recostei-me no assento, agarrei-me à pega por cima da janela, e concentrei-me na contagem dos carros que passavam por nós numa

tentativa de me distrair da minha obsessão com o velocímetro no painel de instrumentos. Podia sentir a tensão que emanava dele, a sua afabilidade anterior substituída por um silêncio sepulcral. A nossa conversa tinha, obviamente, sido um catalisador na sua mudança de espírito. O silêncio que nos envolvia neste momento era espesso e desconfortável, e eu estava irracionalmente desiludida com isto. Estava mais do que desiludida.

Estava a rebobinar.

Pela primeira vez numa eternidade, tinha estado a *divertir-me*. Tinha-me soltado, a gracejar com outra pessoa, sem medo de, bem, represálias.

E depois ele puxou-me o tapete mesmo debaixo de mim. Não me tinha apercebido do que ia acontecer, e estava arrependida de alguma vez ter saído daquele cubículo da casa de banho.

Quando o Johnny se debruçou sobre a consola e começou a passar os CD's na luxuosa aparelhagem do carro, tive de me sentar sobre as mãos para me impedir de agarrar o volante.

Alguns momentos depois, ele assentou numa canção, faixa número cinco, e o carro encheu-se com uma introdução de guitarra familiar, oferecendo-me uma distração temporária dos meus pensamentos conturbados.

O Johnny aumentou o volume, e «The Middle», dos Jimmy Eat World, explodiu nas colunas de som do carro tão alto que conseguia sentir a vibração do baixo nos meus ossos.

Eu adorava aquela canção e considerava-a o meu hino. Mesmo a sério, afogava-me diariamente naquela letra. Se a música cura os corações partidos, então a letra desta canção acalmava a minha alma. Estava num CD de várias músicas que a namorada do Joey lhe tinha feito para o Natal. Ele não estava obviamente entusiasmado com o CD que a Aoife lhe tinha produzido, porque eu o tinha surripiado do seu quarto no mês anterior durante uma festa aleatória de bisbilhotice/verificação própria de uma irmã, e o Joey ainda não tinha dado pela falta. Estava atualmente no meu *Discman*, onde o ouvia em modo repetição todas as noites antes de me deitar.

Ao concentrar-me na letra da canção que já conhecia de cor, consegui controlar os meus nervos, mas a batida *punk rock* apenas

pareceu encorajar o meu motorista designado, porque no momento exato em que chegámos à estrada principal, o Johnny carregou no pedal e meteu prego a fundo.

Quando o velocímetro marcou mais de 120 quilómetros por hora, fechei os olhos e parei de respirar. Tapei a cara com as mãos, e espreeitei por entre os dedos, gemendo quando os *flashes* dos faróis dos carros que vinham em sentido contrário nos atingiam.

– O que é que se passa? – Estendendo o braço, diminuiu o volume de som na aparelhagem. – Shannon? – A sua atenção dividia-se entre a estrada e a minha cara. – Estás bem?

– Vais demasiado depressa – disse eu, com a voz estrangulada.

– Relaxa, estamos dentro dos limites – respondeu, mas abrandou a velocidade. – E eu sou um bom condutor. Estás segura comigo.

– OK – murmurei, ainda a sentir que íamos a uma velocidade muito superior a cem quilómetros por hora. – Mas sentia-me melhor se fosses mais devagar.

Suspirando pesadamente, o Johnny abrandou ainda mais.

– Satisfeita, agora? – perguntou, tamborilando no painel de instrumentos.

Inclinei-me, e verifiquei o velocímetro.

Oitenta quilómetros.

– Sim – expirei, com os músculos tensos a descontraírem lentamente. – Obrigada.

Afundando-me no assento, permiti-me olhar para ele. Estava concentrado na estrada à sua frente, uma mão a repousar na alavanca das mudanças, o outro cotovelo encostado à porta.

Sorri debilmente.

Ele olhou-me, acalorado, sem sorrir.

O meu sorriso desvaneceu-se.

Com um gemido baixo e frustrado, voltou de novo a atenção para a estrada. Abanando a cabeça, murmurou qualquer coisa ininteligível e praticamente inaudível, a mão apertada no volante. Sentindo-me rejeitada, apertei as mãos sobre o meu colo e fixei o para-brisas, sem me atrever a olhá-lo outra vez. Não falámos durante o resto da viagem, com o silêncio pesado a ser quebrado apenas pelas canções que saíam da aparelhagem.

– Ouve – disse o Johnny, quebrando o silêncio quando as luzes de Ballylaggin apareceram. – O que eu te contei há bocado? Sobre a minha operação? – O seu tom de voz estava nivelado, educado até, enquanto continuava a olhar em frente, manobrando pelas vielas e ruas estreitas. – Agradecia a tua discrição.

Agradecia a minha discrição?!

Ele estava envergonhado por ter uma virilha lesionada? Devia tentar ter um pai inútil cujos únicos talentos eram jogar a dinheiro e engravidar a mulher, enquanto andava à descarada com as pegas suficientemente estúpidas para irem com ele.

Frustrada, voltei-me para ele, e perguntei:

- O que é que eu te disse, Johnny?
- As tuas amigas – indicou ele. – Os meus amigos.
- Bem, não vou contar a ninguém – garanti, aborrecida e insultada.
- Não sou nenhuma língua de trapos.

Ele apertou a mão no volante, mas não respondeu.

Irritada com a súbita formalidade na sua voz, já para não falar do facto de ter passado os últimos quinze minutos a ignorar-me, olhei para o seu perfil e resmoneei:

- De qualquer modo, porque haveria de me dar ao trabalho de contar a alguém?
- Porque sim – disse ele, mantendo a atenção na estrada. – Sei como é a maioria das raparigas.

A maioria das raparigas?! Se ele achava que eu era como a maioria das raparigas, então porque é que passara aquele tempo todo a falar comigo? Porquê fazer-me todas aquelas perguntas e fazer-me sentir suficientemente à vontade para lhe responder se achava que eu era como a maioria das raparigas? Porquê importar-se comigo de todo?

- Estás a ser ridículo – declarei.
- Estou a ser *cauteloso* – corrigiu o Johnny calmamente. – Não devia ter-te dito nada. Foi incrivelmente descuidado da minha parte, e agora estou a pedir-te para me fazeres um favor e que o guardes só para ti. Tenho muitas coisas a acontecer, Shannon, e se isto se sabe pode mesmo estragar-me tudo. Mais do que imaginas.

Cruzei os braços no peito.

- Está bem.

– Está bem? – repetiu, desconfiado.

– Sim – respondi, com indiferença. – Está bem.

– Ótimo – Deu um grande suspiro e disse: – Obrigado. – Seguido, alguns segundos mais tarde, de um: – Fico-te muito grato.

Seguiu-se um silêncio: espesso, pesado e insuportável.

Eu estava preocupada com a reviravolta dos acontecimentos.

Estaria ele a gozar comigo? Teria isto sido um grande jogo para ele? Brincar com as minhas emoções com toda aquela conversa vamos-conhecer-nos-melhor lá na escola? Acenar-me em frente à cara com a perspetiva de uma amizade com toda aquela amabilidade e conversa da treta, e depois arrebatá-me tudo?

Não seria a primeira vez que isto acontecia.

Devia ter-me apercebido do que estava a acontecer, e estava desiludida comigo por ter baixado a guarda com ele tão facilmente.

Maldição!

– Estás bem? – perguntou, quebrando o silêncio.

Não respondi, porque não consegui. Estava demasiado concentrada a tentar *não* chorar.

– Shannon, eu não queria... – começou o Johnny, mas interrompeu-se abruptamente. Esfregou o queixo e depois deixou cair a mão no volante. – Eu não queria... – Parou outra vez, desta vez a abanar a cabeça. – Esquece.

Não insisti nem pressionei para ele acabar o que quer que fosse que estava a tentar dizer. Não queria ouvi-lo.

Afastando os meus pensamentos da fonte atual da minha confusão e da minha frustração (que era o meu motorista designado), concentrei todos os meus esforços em ignorá-lo e em manter as emoções controladas.

Se pudesse saltar do carro naquele momento, fá-lo-ia, mas ele era um condutor veloz e não queria imaginar quais seriam as minhas probabilidades de sobreviver ao impacto pós-salto.

– Em que é que estás a pensar? – perguntou finalmente o Johnny, virando à esquerda para o meu bairro.

Era uma subida íngreme para a minha casa, com várias centenas de casas geminadas de cada um dos lados da estrada, sendo que a minha estava no cimo de todas.

Muitas das casas estavam entaipadas, outras estavam delapidadas, com jardins sem assistência (a minha incluída), mas neste momento, estava demasiado perturbada para me importar com o que ele pudesse pensar.

Voltei o olhar para ele.

– Queres saber o que é que estou *a pensar*?

O Johnny relanceou-me de lado, os olhos cheios de ardor e frustração contida, e fez-me um aceno seco com a cabeça antes de voltar a atenção de novo para a estrada.

– Muito bem – atirei-lhe, contendo a familiar torrente de lágrimas enquanto me preparava para lhe dizer exatamente o que estava *a pensar*: – Penso que estás paranoico com a possibilidade de as pessoas perceberem que estás lesionado porque *sabes* que não devias estar a jogar. – As palavras saíram-me da boca antes de ter a possibilidade de pensar duas vezes. Mas em vez de me desculpar ou tentar retirá-las, segui em frente, surpreendendo-me a mim própria com a emoção na minha voz. – Acho que estás em negação com o teu processo de cura, e *sei* que te dói. Coxeias na escola. E sabes que mais? Coxeias durante o tempo todo. Os outros podem não reparar, mas eu reparo. Vejo-o, e vejo-te a fazê-lo *todo* o tempo. Por isso, acho que estás a jogar um jogo perigoso com o teu corpo, Johnny. E penso que se os teus médicos soubessem a dor que *verdadeiramente* sentes, não teriam, de maneira nenhuma, assinado a autorização para jogares. – Não fazia a menor ideia de onde é que isto tinha vindo, mas as palavras irrompiam da minha boca, por isso, deixei-as sair. – Acho que foi um erro terrível. Nunca devia ter aceitado uma boleia tua. Acho que esta noite tiveste uma reação exagerada. Acho que não te conseguiste controlar. E acho que seria melhor se eu e tu nunca mais falássemos.

Deixei sair uma enorme expiração, com o esforço para manter o meu tom de voz alto. As minhas faces ardiam, mas estava orgulhosa por tirar aquele peso dos ombros. Não era característico de mim ter uma explosão desta magnitude com alguma pessoa fora da minha família, mas estava contente. Acho que queria dizer muito o facto de me sentir irritada e, de uma forma estranha, suficientemente confortável ao pé deste rapaz para perder a cabeça, mas estava demasiado agitada para investigar os meandros deste dilema em

particular. Por agora, ficaria a remoer na minha preocupação e desilusão.

– Ouve, aprecio a tua preocupação... – disse ele, finalmente, fazendo uma pausa antes de continuar: – Pelo menos, acho que é o que isso quer dizer. Mas não é necessária. Tenho isto sob controlo...

– Obviamente que não tens – atirei, interrompendo-o.

– Não tens a porra da mais pequena ideia do que estás a dizer! – irritou-se. – Acho que és bem-intencionada, mas eu é que sei das minhas merdas. Eu conheço o meu próprio *corpo*.

– É claro, eu não sei nada – murmurei, virando a cara para olhar pela janela do passageiro. – Como *a maioria* das raparigas.

– *Não sabes* – continuou ele a argumentar. – Tu não me conheces, Shannon.

Com as baterias completamente descarregadas, suspirei desanimadamente.

– Tens razão, Johnny – sussurrei em concordância. – Eu não te conheço.

– Para de fazer isso! – atirou ele, passando uma mão impaciente pelo cabelo. – Cristo.

– Fazer o quê?

– Distorcer as minhas palavras – respondeu, zangado. – Não me dares uma oportunidade para explicar. É uma jogada de rapariga palerma e eu não posso... Foda-se! – rugiu, carregando no travão para evitar uma bicicleta velha esparramada no meio da estrada. – Por amor de Deus! O que é que se passa com as pessoas? Será que a estrada parece a porra de um bom lugar para estacionar uma bicicleta?

– Podes deixar-me aqui – disse eu, categoricamente, tirando o meu cinto de segurança. – Eu vou a pé o resto do caminho.

Abri a porta do carro e já estava fora antes de ele conseguir responder.

Bati com a porta do meu lugar, abri a de trás e procurei a minha mochila entre as pilhas de lixo e roupa suja.

– Shannon, espera, não vás...

– Adeus, Johnny – despedi-me, antes de fechar a porta e começar a andar pelo passeio.

Não me voltei para trás quando ele abriu a janela e chamou o meu nome três vezes.

E não me voltei quando ele parou no passeio, optando por, em vez disso, continuar pela viela, com a cabeça baixa e um arrependimento amargo a pesar-me nos ombros.

Reações exageradas e sonhos a desvanecerem-se

JOHNNY

Fiz o caminho de regresso a casa furioso, concentrando-me na estrada com dificuldade devido ao meu temperamento.

Ela virou-me as costas.

Chamei-a e ela virou-me a porra das costas.

Não estava habituado a ser rejeitado ou ignorado e isto não era eu a ser um pavão arrogante. Era a verdade. Tocá-la tinha sido um erro. Fazê-lo de novo era um erro que não me podia dar ao luxo de cometer. Ela tinha quinze anos.

O que raio se passava comigo?

Já era suficientemente mau quando tudo o que tinha acontecido tinham sido meia dúzia de conversas, mas agora que tinha passado duas horas inteirinhas no carro com ela, estava a rebobinar. Quando me fez perguntas, eram mais profundas do que as merdas habituais que me perguntavam. Isso confundiu-me. Não a conseguia ler. Não conseguia perceber o que é que estava a pensar.

Ela vivia num dos bairros sociais da cidade, o maior, que estava amaldiçoado por rusgas antidroga e onde havia perseguições da Gardaí, e isso era uma ideia perturbadora. Como raio é que uma pessoa como *ela* vinha de um sítio como *aquela*?

Quando estacionei no lugar habitual, nas traseiras da minha casa, estava com uma disposição sombria e o temperamento fora de controlo. Desliguei o carro, e fiquei lá sentando durante uns minutos, a olhar para o para-brisas, esforçando-me por lidar com a horrível sensação de desespero que se agitava dentro de mim. Deixei cair a cabeça nas mãos, agarrei em madeixas do meu cabelo, e puxei-as.

No entanto, nessa noite tinha aprendido uma lição valiosa, que era nunca perguntar a uma rapariga o que é que ela está a pensar se não se estiver preparado para levar a porra de um grande soco no ego.

Acho que estás em negação com o teu processo de cura... E sei que te dói... Acho que estás a jogar um jogo perigoso com o teu corpo... E penso que se os teus médicos soubessem a dor que verdadeiramente sentes, não teriam, de maneira nenhuma, assinado a autorização para jogares.

As palavras dela assombravam-me. Provavelmente, porque tinha acertado no alvo. Odiava como a porra que ela tivesse razão no que se refere ao meu corpo. Eu era muito teimoso, razão pela qual tinha ficado tão na defensiva quando ela me chamou a atenção para as minhas tretas.

No entanto, a verdade era que a Shannon não me conhecia. Não tinha a menor ideia da pressão a que estava sujeito. Ninguém entendia. E certamente, *ela* muito menos.

E de certeza que eu não andava com um maldito *coxear*.

Maldição!

Irritado comigo próprio por dar à miúda mais tempo de antena nos meus pensamentos, afastei-a e concentrei-me muito esforçadamente em pensar em absolutamente nada.

Quando me tinha acalmado o suficiente, saí do carro e bati com a porta, do que me arrependi logo mal irromperam os latidos. O sensor de luz automático do pátio estava ligado, tornando mais fácil ver as duas *golden retrievers* a saltarem pela relva na minha direção, seguidas por uma labrador muito mais vagarosa e muito mais velha.

– Desculpem, meninas – cumprimentei-as, o mau génio a dissipar-se quando as vi. – Não queria acordar-vos.

Empurrando as chaves para o bolso, cocei as cabeças da *Bonnie* e da *Cupcake*, as cadelas da minha mãe, antes de fazer um atalho até à velha *Lab*.

A *Sookie* tinha quase quinze anos, e o pelo à volta dos seus olhos, nariz e queixo tinha ficado branco. Andava mais rígida e a *coxear* nesta fase do campeonato, mas para mim ainda era uma cachorrinha, e seria para sempre o melhor presente de aniversário que um rapazinho de três anos podia receber. Balançou-se para os meus braços e depois caiu aos meus pés, abanando a cauda com tanta força que toda a sua parte traseira estremecia.

– Olá, linda – ajoelhei-me e pus os braços à volta da minha cadela.
– Como é que vai a minha miúda preferida?

Ela recompensou-me com beijos molhados na cara e uma tentativa artrítica de me dar a pata. Envolvi-lhe o focinho com as mãos, cocei-lhe as orelhas e encostei o meu nariz ao dela.

– Tive saudades tuas... pois tive.

Deus, adorava esta cadela. Era o meu bebé. Não me importava o que os rapazes diziam ou o quanto me gozavam por causa do nome dela. A *Sookie* era a minha miúda, leal até ao extremo, a eu adorava-a completamente. Era uma boa coisa que ela não pudesse falar, porque a velha miúda sabia mais das minhas merdas do que qualquer outro ser neste planeta. Aqueles olhos castanhos grandes deitavam-me abaixo, e a pequena barbicha branca à volta da boca tocava-me sempre o coração.

Não entendo como é que as pessoas podem magoar animais, especialmente cães. Eles são demasiado bons para nós. Os humanos não merecem o amor e a lealdade que os cães lhes dedicam.

Eu sou um amante de cães. Confio neles. Há qualquer coisa na forma como um cão nos olha. Não querem saber se somos um jogador de rãguebi famoso ou um sem-abrigo nas ruas. Só se importam como a forma como os tratamos, e assim que nos escolhiam como o seu humano, tínhamos um amigo fiel para o resto das nossas vidas. Não me parecia que os humanos fossem capazes deste tipo de compaixão e compromisso.

A *Bonnie* a *Cupcake*, a sentirem-se postas de lado com a falta de atenção da minha parte, latiam alto e saltavam e arranhavam-me as costas.

Se não estivesse tanto frio ali fora, e se não estivesse tão dorido como a merda, iria dar uma voltas no relvado a correr com elas para as cansar, mas manter-me direito estava a consumir-me toda a energia que ainda me restava, por isso, decidi não o fazer. Levei algum tempo a dar às três uma massagem na barriga, parando para fazer umas festinhas extra nas orelhas da *Sookie* antes de me levantar e ir para dentro.

A mala de viagem mesmo atrás da porta alertou-me para o facto de a minha mãe estar em casa. Se não tivesse visto a mala, teria percebido pelo aroma inconfundível a carne estufada que flutuava no ar. Com o meu estômago a grunhir em concordância, passei pela

despensa, seguindo o cheiro delicioso até à cozinha.

A minha mãe estava de pé, ao fogão. Tinha as costas voltadas para mim, e estava vestida com um daqueles fatos calça e casaco que usava para trabalhar. O seu cabelo loiro estava afastado da cara com um travessão elegante, e ela parecia *lar*.

Ao vê-la, senti um peso a deixar-me os ombros.

A minha mãe trabalhava para uma empresa de consultadoria de moda sediada em Londres. Viajava constantemente em trabalho, e eu senti saudades dela nestas últimas três semanas em que tinha estado fora.

Não me tinha apercebido de quanto tinha sentido a falta dela até agora.

– Ei, mãe – disse, dando a conhecer a minha presença. – Como é que isso vai?

– Johnny! – girando sobre si própria com uma colher de pau na mão, a minha mãe apontou para mim. – Estás em casa. – Largou a colher na bancada, passou as mãos pelo avental e depois fez um atalho na minha direção. – Anda cá e deixa-me espremer-te.

Aproximei-me para um rápido abraço que se tornou num abraço completo de trinta segundos.

– Mãe. – Ri-me, libertando-me do seu aperto mortal. – Estou aqui. Relaxa.

– Tive tantas saudades tuas – relutantemente, libertou-me e recuou um passo, os olhos a percorrerem-me com aquele estranho ar maternal com que me olhava sempre. – Jesus, cresceste mais trinta centímetros.

Revirei os olhos.

– Em três semanas?

A minha mãe devolveu-me o sarcasmo com uma careta.

– Não te armes em espertinho.

– Sou sempre espertinho – dei-lhe um beijo na bochecha e depois afastei-a para o lado, a minha visão a fixar-se na panela de estufado. – Estou a morrer de fome.

– Tens-te alimentado?

– Claro.

– Como deve ser?

– Sempre.

– Como vai a escola?

– É a escola.

Não me fez perguntas sobre o rãguebi. Eram sempre perguntas sobre coisas como a escola, os meus amigos, os meus trabalhos de casa, o meu dia, e Deus me proteja, os meus sentimentos.

Mas nunca sobre o rãguebi.

Não era que a mãe não quisesse saber da minha paixão. Mas fazia questão que eu soubesse que se importava com o resto de *mim* e acima de tudo.

– E o Gerard? – A minha mãe usava sempre o nome próprio do Gibsie. – Como é que ele está?

– Está bem, como sempre – respondi, pondo estufado numa taça antes de passar para a ilha. – O pai já voltou de Dublin?

O meu pai era advogado, muito solicitado pelos tribunais e passava uma grande parte do tempo entre Cork e o seu quartel-general, em Dublin. Dependia tudo do cliente que estava a defender, e da gravidade do caso. Mas basicamente era isto: quanto mais grave fosse o crime, mais longa era a distância.

Os compromissos e horários de trabalho dos meus pais significavam que eu passava imenso tempo sozinho quando eles estavam a viajar e era exatamente assim que eu gostava. Até fazer catorze anos, pediam à nossa vizinha, Maura Reilly, que ficasse comigo, mas era sobretudo para me levar à escola e aos treinos. Eu tinha maturidade suficiente para ficar por minha conta, e era bastante autossuficiente. A Maura ainda passava por cá quando a minha mãe estava fora em trabalho, mas era mais para as limpezas e para deixar uma fornada de refeições. Depois de tantos anos a viver desta forma, já para não falar da liberdade interminável, não me parece que conseguisse lidar com tê-los à minha volta vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

– Estará por Dublin pelo menos até meados de março – informou a minha mãe, juntando-se a mim na ilha. – Vim de avião até Dublin, esta manhã, e almocei com ele, antes da viagem de carro até cá – explicou, sentando-se no banco oposto ao meu.

– Porque é que fizeste isso? – perguntei, entre colheradas de estufado. – Podias lá ter ficado com ele uns dias.

– Porque é que achas? – A minha mãe pousou os cotovelos na bancada e sorriu. – Porque queria ver o meu bebé.

Revirei os olhos.

– Não sou um bebé, mãe.

– És o *meu* bebé – ripostou. – E serás sempre. Não quero saber se cresces até aos dois metros. Serás sempre o meu pequeno Johnny.

O que é que se pode fazer com uma mulher assim?

Abanei a cabeça, desisti da colher e levei a taça à boca, sorvendo as últimas gotas de molho, no fundo, antes de pôr a taça de novo na bancada e suspirar de satisfação. Ninguém cozinhava como a minha mãe. Nem os *chefs* na Academia, ou nos restaurantes de *takeaway* da cidade. Tinha-me dado à luz e tinha uma linha direta para o meu estômago.

– Vejo que as tuas maneiras não melhoraram – gracejou a minha mãe, com um franzir de testa desaprovador.

– Não posso evitar, mãe – respondi, com uma piscadela de olho. – Sou um rapaz em crescimento.

Movi-me um pouco, enchi a minha taça, e fiquei de pé, junto ao fogão, a comer. Não fazia sentido sentar-me se tencionava esvaziar a panela.

– Como é que correu o teu *check-up* a semana passada? O doutor Murphy ficou satisfeito com a forma como estás a recuperar?

Não tenho como saber, porque não fui...

Grunhi uma resposta *blasé*, demasiado ocupado a engolir a minha comida.

– E quanto aos médicos da Academia? – insistiu. – Não queriam muito que voltasses tão cedo.

Mais uma vez, grunhi a minha resposta, porque entrar nesta conversa com a minha mãe era uma discussão sem a qual eu podia passar bem esta noite.

Se mentisse, ela veria através de mim. Se lhe contasse a verdade, entraria em pânico.

Fosse qual fosse o caminho que esta discussão seguisse, a minha mãe insistiria em ver a minha lesão, o que significa, a minha pila e os meus tomates. E fosse qual fosse o caminho que esta discussão seguisse, eu ia perder a cabeça e dizer-lhe que não.

Nessa altura, ela ia reagir exageradamente e pôr-se ao telefone com o meu pai a chorar sobre o facto de eu não lhe mostrar as minhas «partes privadas», e a dizer-lhe que precisava de vir para casa lidar comigo, porque eu estava provavelmente a morrer de gangrena no pénis ou de qualquer outra doença horrível e super dramática.

Distrair e evitar era a chave para uma mãe livre de lágrimas e um eu livre de trauma.

– Estou tão contente por estares em casa, mãe, mas vou subir para o meu quarto e começar os meus trabalhos de casa – decidi dizer, em vez de lhe responder. – O décimo primeiro ano está a dar cabo de mim. Na verdade, estou a pensar ter algumas explicações de irlandês – acrescentei esta última parte para um efeito extra. Não precisava de explicações para nada. Nunca tinha tido menos de um B em nenhum teste ou exame, desde o nono ano.

De facto, podia ser eu a dar a porcaria das explicações. Sem dúvida que já tinha passado a porra de tempo suficiente a ajudar os rapazes nas minhas aulas de gestão e contabilidade.

Mas a minha manobra de distração funcionou, afastando as preocupações da minha mãe dos meus padecimentos e dirigindo-os para a minha educação.

– Oh, fofinho, está bem – disse ela, rapidamente, em tom de consolação. – Estou orgulhosa por teres sido suficientemente corajoso para admitires que tens um problema. De manhã, vou fazer uns telefonemas para ver o que é que está disponível.

– Sim, é uma boa ideia – concordei, assentindo solenemente. Alonguei os braços por cima da cabeça e forcei um bocejo.

– Pareces estar de rastos, querido – avaliou a minha mãe, com os olhos castanhos plenos de empatia. – Porque é que não te deitas cedo e eu escrevo-te uma nota pelos trabalhos de casa?

– Obrigado, mãe, estou um caco.

Aproximei-me e dei-lhe um beijo na bochecha, e depois saí a correr da cozinha antes que ela tivesse a oportunidade de se lembrar da pergunta anterior.

– Oh, e antes que me esqueça – chamou, fazendo-me parar. – Marquei a revisão do teu carro na oficina. A data mais próxima que consegui foi de segunda-feira a quinze dias, por isso dou-te boleia para

a escola e à tarde podemos ir buscar o teu carro.

– Ah, merda – grunhi, voltando-me para a encarar.

– O que foi?

– Tenho sessões marcadas com o PT da Academia todas as tardes do próximo mês. – Dei um suspiro de frustração e esfreguei a testa. – Preciso do meu carro, mãe. – Olhei-a com uma expressão de esperança e acrescentei: – A menos que queiras ir levar-me e buscar-me à clínica... ou emprestar-me o SUV?

– Faltar a uma sessão não te vai matar – replicou a minha mãe num tom ligeiro.

Não, provavelmente não mataria... se não tivesse faltado à sessão de hoje à noite por causa da Shannon.

– Além disso – continuou a minha mãe –, vou voltar de avião para Londres no dia a seguir a esse, e quero passar contigo tanto tempo quanto possível antes de ir embora.

Pois, já sabia que ela ia dizer aquilo. A minha mãe só queria passar tempo comigo.

Maldição.

– A final da Liga está a aproximar-se – argumentei, embora soubesse que não valia a pena. – É importante para a escola. Tenho de estar em boa forma física.

– E não estás em boa forma física agora?

– Claro que estou.

– Então, o que é que se passa com esse coxear?

Fiquei de boca aberta.

– O quê?

– A tua perna – disse ela. – Não estás a pôr todo o teu peso em cima dela.

Vieram-me à cabeça as palavras anteriores da Shannon, e vacilei.

– Não estou a coxear, que raio!

A mãe fitou-me.

– Olha a linguagem, Jonathan!

– Bem, não tenho um maldito coxear, mãe – respondi, na defensiva.

– Porque é que estás tão sensível? – perguntou calmamente. – São os teus testículos, querido? Porque podes dizer-me se se passar alguma

coisa com eles.

Abri a boca para responder, mas fechei-a rapidamente. Não valia a pena argumentar com esta mulher. Não ia ganhar. E se continuasse a insistir, ela ia fazer aquela coisa sorrateira que as mães fazem quando querem fazer-nos revelar coisas sem perguntarem.

Raios m'a partam!

– Boa noite, mãe – disse rapidamente, e voltei-me para ir-me embora.

– Só mais uma coisa... – a minha mãe voltou a chamar-me.

Inspirando para me acalmar, voltei-me para ela:

– Sim?

– Quem é esta? – perguntou, os lábios a torcerem-se enquanto dava pancadinhas com o dedo no jornal que estava aberto na bancada.

Franzi a testa.

– Quem é quem?

Com um enorme sorriso na face, apanhou o jornal e segurou-o para me mostrar.

– Esta – disse, agora com uma careta completa, enquanto batia com a unha numa enorme fotografia a cores de mim e da Shannon no jogo da School Boy Shield na semana anterior.

– Local ou nacional?

– Nacional.

Porra.

Para.

A.

Minha.

Vida.

– Dá-me isso – pedi, aproximando-me para ver melhor.

Tirei o jornal das mãos da minha mãe, e olhei para a rapariga que andava a pôr-me louco a maior parte destes últimos dois meses.

Jesus, ela parecia maravilhosa, toda olhos grandes e a sorrir enquanto eu a segurava de encontro a mim. Tinha o cabelo solto e a flutuar com a brisa. O topo da sua cabeça roçava a minha axila, de tão pequena que ela era.

E depois o coração saltou-me no peito quando li a legenda.

Johnny Kavanagh, 17 anos, fotografado com a colega de escola Shannon Lynch enquanto festejavam a vitória do Tommen College sobre Kilbeg na final da School Boy Shield na passada sexta-feira. Kavanagh capitaneou a sua escola até à quinta vitória seguida na Shield, conseguindo outra medalha para a sua carreira impressionante, e deitando por terra os rumores da existência de lesões. A bonita aluna estava radiante e luminosa quando dava os parabéns a Kavanagh por outra vitória. Quando lhe pediram um comentário sobre o estado da sua relação, Kavanagh recusou educadamente... apesar de se dizer que uma fotografia vale mais do que mil palavras...

– É um espanto de rapariga, Johnny – disse a minha mãe, distraíndo-me. – Vocês ficam absolutamente adoráveis juntos.

– Não é nada disso, mãe – resmunguei, sabendo perfeitamente o que é que ela estava a querer insinuar. – Ela é apenas uma amiga.

– Nunca te tinha visto antes nos jornais com amigas com este aspeto – gracejou a mãe. – É uma fotografia maravilhosa, querido. E o editor deve ter achado o mesmo, também, porque deu-vos a página inteira.

– Capitaneei a nossa escola até à final, na semana passada – disse incapaz de olhar para ela, porque todo o meu foco estava na fotografia. – Ganhámos. Foi um acontecimento importante. Foi por isso que me deram a página inteira.

– Estou encantada por ti, querido – chilreou a minha mãe, toda feliz. – E agora, como é que ela se chama?

– Shannon.

– E...?

– E é esse o nome dela – respondi, com uma expressão impávida.

– Vou conseguir saber mais alguma coisa?

– O que é que queres saber mais? – perguntei. – Já te disse que ela é apenas uma amiga.

– *Ela é uma amiga* – riu-se a minha mãe. – Claro que é... E eu sou a Virgem Maria.

– Não me fales sobre a tua virgindade – gemi.

– Porquê? – perguntou-me. – Preferes que fale da tua?

Não.

Não.

Santo Deus, não!

– Vou deitar-me – enfiei o jornal debaixo do braço antes de marchar para fora da cozinha... e sem o sacana do coxear.

– Dá-me o meu jornal – pediu a minha mãe, a rir. – Quero emoldurar essa fotografia.

– O caraças é que vais emoldurá-la – repliquei a bufar.

Quando cheguei ao quarto, tranquei a fechadura da porta, atirei o jornal para cima da cama, e fui diretamente para a minha casa de banho.

Tirei a roupa aos pontapés, dirigi-me ao duche e entrei lá para dentro.

Baixando-me cuidadosamente até ao chão, pus os braços à volta dos joelhos e curvei a cabeça. Não tinha energia para ficar de pé.

A mãe tinha razão.

Eu não estava em boa forma física.

Sentado debaixo da corrente de água a esquentar, fechei os olhos e um arrepio percorreu-me. Usando uma mão, tirei o cabelo da cara e dei um suspiro amargo até todos os receios e preocupações sobre o meu futuro atingirem o ponto de combustão na minha cabeça.

A minha vida estava a tornar-se um inferno. O meu corpo estava a cair aos bocados. Os meus sonhos estavam a fugir-me pela janela. Tinha todo um montão de problemas com que me preocupar.

E mesmo assim, não conseguia *tirá-la* da minha cabeça.

A porra de uns olhos azul-noite e umas palavras dolorosamente exatas.

E agora ainda ia ser pior porque não só a tinha nos meus pensamentos 24/7, como ainda tinha uma maldita fotografia dela para me torturar. E *eu ia* torturar-me com aquela fotografia.

Planeava fazê-lo.

Verificações da realidade feitas a horas tardias

SHANNON

– Tiveste um bom dia? – Foi com estas palavras que fui saudada quando entrei pela porta da frente, depois da minha desastrosa viagem de carro com o Johnny.

Se outra qualquer pessoa me tivesse feito esta pergunta, eu teria tido uma resposta, mas era do meu pai que estávamos a falar. Ele estava de pé no pequeno corredor, com um jornal enrolado na mão, a perguntar-me sobre o meu dia, e isso era uma ideia aterradora.

– És surda, porra? – gritou ele enquanto me fitava, com o branco dos olhos completamente injetado de sangue. – Fiz-te uma pergunta, menina.

O fedor a *whisky* do seu hálito invadiu os meus sentidos, e a minha ansiedade disparou enquanto tentava perceber mentalmente o que se passava.

O subsídio da Segurança Social era-lhe pago às quintas-feiras. Esses eram os dias maus. Não as terças-feiras.

Depois pensei que dia era hoje e esbofetei-me mentalmente por me deixar apanhar desprevenida. Hoje era dia 1 de março. E era a primeira terça-feira do mês.

O dia do pagamento do abono familiar.

O dia em que o governo irlandês fazia o pagamento mensal aos pais por cada filho que tinham. O que significava centenas de euros desperdiçados em apostas e nos *pubs*. O que queria dizer que a nossa família incorreria em semanas de dificuldades e a tentar esticar o pouco que havia devido à incapacidade do meu pai de se controlar.

O meu coração afundou-se.

Murmurando uma resposta rápida, retirei a minha chave de casa da fechadura, enfiei-a no meu casaco, e passei ao lado da sua figura enorme com a intenção de rapinar um pacote de bolachas do armário

da cozinha e depois fugir para o santuário do meu quarto. Fazendo uso da minha inteligência e com o meu cérebro em alerta total, consegui chegar à cozinha, mas tal como um mau cheiro, tanto figurativa como literalmente, o meu pai seguiu-me.

O pai estava apoiado na ombreira da porta, apertando o jornal na mão e bloqueando-me a saída.

– Como é que foi a escola?

Mantive as costas viradas para ele, ocupando-me a procurar qualquer coisa entre pacotes de sopa e latas de feijão, e respondi:

– OK.

– OK? – disse ele, em tom zombeteiro. – Pagamos milhares de euros por ano para um *OK*?

Ali estava. Ali estava *ele*.

– Correu tudo bem, pai – acrescentei rapidamente. – Tive um dia produtivo.

– *Um dia produtivo?! –* imitou-me, num tom de voz debochado e cruel. – Não te armes na porra de uma espertinha comigo, *menina*.

– Não estava a fazê-lo.

– E já é tarde – gritou ele, as palavras arrastadas num tom de insulto alcoolizado. – Porque porra é que chegas tarde *outra vez*?

– Perdi o autocarro – guinchei, em pânico.

– Porra de autocarros – rosnou. – Porra de escola privada. És a merda de um problema, menina!

Não havia nada a responder a isto, por isso, fiquei calada.

A forma como ele me chamava sempre *menina*, como se fosse uma espécie de insulto por ser fêmea, nem sequer me irritou esta noite. Eu estava em modo de autopreservação, sabendo o que tinha de fazer para sair dali incólume: ouvir os disparates, manter a boca calada, e rezar para que ele me deixasse em paz.

– Sabes onde está a tua mãe, menina? – rosnou.

Mais uma vez, não respondi. Não era mesmo uma pergunta. Estava a atirar-me informações antes do ataque.

– A dar cabo do couro por tua causa! – rugiu o meu pai. – A trabalhar até cair, porque tu és uma coninha mimada que pensa que é melhor do que toda a gente.

– Eu não penso que seja melhor do que toda a gente – balbuciei, e

arrependi-me imediatamente de atirar gasolina verbal para o seu mau génio já incendiado.

– Olha bem para ti – troçou o meu pai, acenando com uma mão na minha direção. – Na porra do teu uniforme elegante de escola privada. A chegar tarde a casa. A pensar que és a porra de uma dádiva de Deus. Andaste por aí a fazer de puta? – insultou-me, dando alguns passos cambaleantes na minha direção. – Foi por isso que chegaste tarde outra vez? Arranjaste um *namoradinho*?!

Recuei imediatamente, mas não me atrevi a abrir a boca para me defender. Ele não ia acreditar de qualquer forma. Nove vezes em dez, só tornava as coisas piores.

E, dez vezes em dez, responder-lhe resultava numa face a arder.

– É isso, não é? Andas por aí a deitar-te com um desses caralhetes chiques do rãguebi, com o *dinheiro do papá* no teu precioso *Tommen*! – rugiu. – A abrir as pernas como a putinha nojenta que és!

– Não tenho namorado, pai – afirmei, com a voz asfíxiada.

Balançou o braço e golpeou-me com o jornal enrolado na cara.

– Porra, não me mintas, rapariga!

– Não estou a mentir – soluzei, tapando a minha face a arder.

Ser esbofeteada na cara com um jornal enrolado pode não parecer uma coisa dolorosa, mas quando o homem que empunhava a arma tinha três vezes o meu peso, *doía*.

– Explica isto, então – exigiu o meu pai. Abriu o jornal, e passou rudemente pelas páginas até parar na secção de *Desporto*. – Explica-o!

A pestanejar por entre as lágrimas, olhei para a página que o meu pai estava a apontar, e senti imediatamente o meu corpo a congelar. Ali estava eu, em technicolor integral, a sorrir para o estúpido fotógrafo, com o braço do Johnny à volta da minha cintura, todo sorrisos e faces coradas.

Não consegui pensar sobre a fotografia ou interrogar-me sobre a razão pela qual estava impressa no maior jornal da Irlanda, porque estava *aterrorizada*.

Estava tão assustada que até sentia o sabor do medo.

Vais morrer, Shannon. É esta noite que ele te vai matar...

– É o capitão da equipa de rãguebi – apressei-me a explicar, a tentar pensar numa mentira que me pudesse fazer escapar da tarefa

que sabia muito bem que estava prestes a levar. – Eles ganharam um jogo importante – devaneei, tentando desesperadamente salvar o meu couro. – O Mr. Twomey, o diretor, quis que tirássemos todos uma fotografia com ele... nem sequer o conheço, pai, juro!

Sei que devia ter antecipado o movimento seguinte do meu pai (ele tinha-o refinado até à perfeição ao longo dos anos), mas quando ele me apertou a garganta e me atirou contra o frigorífico, fui mais uma vez apanhada desprevenida.

Apertando com força, silvou:

– Estás a mentir-me...

– Não... estou – disse eu, asfiziada, agarrando as mãos dele. – Pai... por favor... não consigo... respirar...

O som da porta da frente a abrir-se e depois a fechar-se rapidamente preencheu o ar. O pai libertou-me a garganta e eu fiquei mole, fisicamente aliviada. Arquejando por ar, afastei-me dele.

Segundos depois, o Joey apareceu na ombreira da porta, parecendo um presente de Deus, com a face manchada de graxa e o macacão cheio de óleo. O Joey deu uma palmadinha no ombro do pai, e depois afastou-o para o lado com facilidade antes de entrar na cozinha, balançando um conjunto de chaves à volta dos dedos.

– Como é que isso vai, família?

Parecia relaxado e soava animado, mas os seus olhos semicerrados mostraram-me que estava tudo menos isso. Agir como se não tivesse uma única preocupação no mundo era o mecanismo do Joey para lidar com as coisas.

O meu era ficar calada.

– Joey – cumprimentou o pai, parecendo um bocadinho mais alerta agora, na presença do alfa mais dominante da família.

O nosso pai podia ser grande e implacável, mas o Joey era *maior*, e mais rápido.

– Os rapazes já estão na cama? – perguntou o Joey, tirando uma lata de *Coca-Cola* do frigorífico.

O pai assentiu, mas não tirou os olhos de mim.

– Onde está a mãe? – perguntou o Joey, obviamente a tentar aliviar a tensão. Abriu a lata, deu um grande gole, e depois limpou a boca com as costas da mão. – Ainda a trabalhar?

– A tua mãe está no trabalho e esta aqui chegou outra vez tarde a casa – rosnou o nosso pai. Apontou um dedo para mim e disse, com a fala arrastada: – Perdeu a porra do autocarro, aparentemente.

– Eu sei – replicou o Joey, alegremente, antes de voltar a atenção para mim. – O que fazes aí, Shan?

– Ei, Joey – balbucieei, abrindo e fechando os punhos para evitar que as minhas mãos fossem para a minha garganta enquanto tentava desesperadamente pôr o meu batimento cardíaco sob controlo. – Nada. Estou com fome, apenas. Vim buscar um *snack*.

O Joey veio até onde eu permanecia de pé, os pés pregados ao chão, e deu-me um pequeno toque na bochecha com os nós dos dedos. Foi uma demonstração terna de afeto e uma forma de mostrar solidariedade.

– A Aoife ficou por cá algum tempo depois de te trazer a casa?

Abri muito os olhos, confusa.

O olhar que o meu irmão me lançou, dizia «*Alinha*».

A percepção iluminou-me. O meu irmão estava a dar-me uma saída.

– Hmm... não – disse eu, numa voz sufocada, os olhos fixos no Joey. – Deixou-me e foi direta para casa.

O Joey piscou-me o olho em aprovação e depois contornou-me, enfiando a mão na parte de trás do armário, o único onde eu conseguia chegar sem a ajuda de uma cadeira. – Toma. – Pegou no pacote de bolachas de chocolate e entregou-mo. – É, sem dúvida, destes que andas à procura...?

– Isto não é a sopa dos pobres – disse o pai, com voz arrastada.

– Esta comida é minha, velhote – disse o Joey com frieza, virando a cara para o nosso pai. – Comprada com o *meu* dinheiro. Do *meu* trabalho.

– Esta casa é minha!

– Uma casa que te foi dada pelo governo – rebateu o Joey, calmamente. – Por *nossa* causa.

– Não te armes em espertinho comigo, rapaz – replicou o pai, mas o seu tom tinha perdido o ímpeto habitual.

Bêbedo como estava, o nosso pai sabia muito bem que a merda que tinha feito comigo não ia resultar com o meu irmão.

Eles tinham tido vários confrontos com o cinto, ao longo dos anos,

mas a briga que continuava viva na minha memória era a que ocorrera no último mês de novembro. A briga tinha sido sobre o costume: infidelidade. O pai fora apanhado com outra mulher, o que não era nenhuma surpresa, e tinha decidido deixar-nos por essa outra mulher. Mais uma vez, isto não era nenhuma surpresa.

A mãe descobrira que estava grávida no dia em que ele saíra e tinha recolhido à cama. O Joey e eu passámos quase duas semanas a cuidar dos rapazes mais novos e a limpar a porcaria toda que os meus pais tinham feito.

Quando o nosso pai finalmente voltou a passar pela porta, dez dias mais tarde, a feder a *whisky* e a atirar merdas à mãe, o meu irmão perdeu a cabeça. Ele e o pai acabaram a lutar na sala de estar, partindo a mobília e os ornamentos à medida que se atiravam um ao outro.

Não foi, no entanto, por isso, que ficou na minha memória.

Ficou na minha memória porque a luta acabou com o meu pai enrolado no chão da sala de estar em posição fetal enquanto o meu irmão lhe dava soco atrás de soco na cara. Tinha sido uma carnificina absoluta, e apesar de o meu pai ter conseguido partir o nariz do Joey, foi o meu irmão que acabou por cima. O pai ficou em mau estado depois da sova que levava, e de uma forma lixada, isso tinha funcionado a seu favor, porque a mãe sentiu pena dele e aceitou-o de volta.

Apesar de esse dia ter sido deprimente para nós, como filhos de pais tóxicos, também significou uma mudança no poder. Os acontecimentos desse dia mostraram ao nosso pai que ele já não era o macho alfa. Havia um novo macho na cidade. Um que tinha levado muitas tarefas dele e estava preparado para o abater a qualquer momento.

– Shannon – disse o Joey, num tom ligeiro, os olhos fixos no nosso pai. – Está a fazer-se tarde. Porque é que não sobes e te vais deitar?

O Joey não precisava de me dizer duas vezes.

Agarrando a escapatória oferecida como uma vítima de afogamento se agarraria a um colete salva-vidas, atalhei até às escadas, parando a minha trajetória quando o pai bloqueou a saída pela porta.

– Ainda não acabei de falar com ela – disse, em voz arrastada.

– Bem, mas ela já acabou de falar contigo – disse o Joey, impassível, pondo-se atrás de mim. – Por isso, sai do caminho, velhote. *Agora*.

Houve uma troca de olhares entre os dois que demorou uns sólidos trinta segundos até o pai finalmente dar um passo para o lado.

Saindo da cozinha com a velocidade de um raio, corri pelas escadas até ao cimo tão depressa quanto consegui, sem parar até estar em segurança enfiada no meu quarto com a porta fechada e a fechadura trancada.

Quase sem ter tempo de recuperar o fôlego, atirei as bolachas para a minha mesinha de cabeceira, despi o uniforme tão depressa quanto era humanamente possível, e pus o pijama antes de mergulhar na cama. Tapei-me com os lençóis, peguei no *Discman* que estava debaixo da almofada, e puxei os cobertores até ao queixo. Já tinha um dos auscultadores postos, quando a gritaria começou. Segundos depois, o som de mobília a partir-se encheu os meus ouvidos.

O meu estômago enrolou-se, pus rapidamente o outro auscultador e liguei o velho e descolorido *Discman*. Atrapalhei-me com os botões, carreguei no *play* e pus o volume no nível máximo, rezando para que as pilhas tivessem carga suficiente para bloquear o inferno que era a minha casa. Cliquei na faixa mais barulhenta de *rock* metálico pesado que havia no CD, pus a minha almofada por cima da cabeça e permaneci totalmente quieta, o corpo rígido e encolhido com a tensão.

Quatro canções e o meu ritmo cardíaco regressou ao normal. Mais três canções e a capacidade de formar pensamentos coerentes regressou.

Nem sempre tinha sido assim.

As noites da semana eram geralmente OK, com a exceção das quintas-feiras, quando o pai recebia o seu subsídio social nos correios. Os fins de semana podiam ser perigosos, mas eu era fantástica a evitar confrontos com o meu pai. Se ele estivesse a beber a um dia da semana, eu conseguia sempre arranjar forma de estar em casa depois da escola, jantada e na minha cama às seis da tarde. Se ele estivesse a beber aos fins de semana, eu não saía de todo do meu quarto.

No entanto, os acontecimentos de hoje tinham-me deitado abaixo e

eu tinha cometido um erro fatal. *O Johnny* tinha-me deitado abaixo. Eu baixara a minha guarda.

Tinha-me esquecido.

O álbum tocou até ao fim e eu pu-lo de novo no princípio, numa espiral de repetição. Foi só quando ouvi o som da porta do quarto ao lado do meu a bater, sobrepondo-se à música, que descontraí os meus músculos encolhidos.

Ele estava bem.

Suspirei arrepiada, baixei o volume e escutei atentamente.

Silêncio.

Tirei os auscultadores, atirei os cobertores para trás e saí da cama. Fui em bicos de pés até à porta do meu quarto, destranquei a porta e arrastei-me pelo patamar vazio. Apalpei o caminho no escuro até à porta do quarto do Joey, agarrei na maçaneta e entrei.

– Joey – sussurrei, quando os meus olhos pousaram nele. Estava sentado na beira da cama, de boxers e a segurar um pedaço de papel higiénico contra a boca. – Estás bem?

– Estou ótimo, Shan – disse ele, num tom agudo, enquanto pressionava o papel contra o lábio inferior. – Devias ir para a cama.

– Estás a sangrar – observei, com a voz tensa, os olhos fixos no papel manchado de sangue.

– É só um lábio rachado – respondeu, parecendo um bocado irritado. – Volta lá para o teu quarto.

Não voltei.

Não podia.

Devo ter ficado imóvel à sua porta durante muito tempo, porque quando o Joey olhou para mim, foi com uma expressão de resignação. Suspirando pesadamente, passou uma mão pelo cabelo e depois deu umas pancadinhas no colchão, ao lado dele.

– Anda cá.

Apressei-me a ir, caí na cama e enrolei os braços à volta do pescoço do meu irmão, agarrando-me a ele como se fosse a única coisa que mantinha o meu mundo de pé.

Às vezes pensava que isso até era verdade.

– Está tudo bem, Shan – sussurrou ele, confortando-me.

– Desculpa – pedi, abraçando-o com mais força. Correram-me

lágrimas pelas bochechas. – Lamento tanto, Joey.

– Não é culpa tua, Shan.

– Mas eu fi-lo zangar-se...

– *Não* é culpa tua...

– Não quero ficar aqui mais tempo, Joe.

– Nem eu.

– Estou cansada de estar sempre com medo.

– Eu sei. – Deu-me umas pancadinhas nas costas e depois levantou-se. – Um dia destes, tudo ficará melhor. Prometo.

Dirigindo-se ao guarda-roupa, abriu as portas e tirou o familiar saco-cama e almofadas extra. Não tive de lhe perguntar o que estava a fazer, não quando eu já o sabia, e isso fez o meu coração apertar-se.

Quando o Joey acabou de fazer a sua cama improvisada no chão, deitou-se nela. Pôs os braços atrás da cabeça, e deu um grande suspiro.

– Desliga a luz, sim, Shan?

Obedecendo, inclinei-me sobre a cama e desliguei o candeeiro antes de me deitar na sua cama vazia.

– Obrigada, Joey – funguei, limpando o nariz com as costas da mão enquanto me instalava debaixo dos cobertores.

– Não há problema.

Virei-me, e olhei para ele deitado no chão do seu quarto.

Os cortinados estavam fechados, mas os candeeiros da rua no passeio ao lado da casa envolviam o quarto numa tonalidade baça e esmaecida, iluminando as sombras na cara do meu irmão.

– Ei, Joe?

– Sim?

– Podes fazer-me um favor?

Ele levantou a ponta do queixo, deixando-me saber que estava a ouvir.

– Por favor, não me faças o que o Darren nos fez. – Dobrei as mãos debaixo da cara e sussurrei: – Não me deixes.

– Não o farei – garantiu o meu irmão, num tom de voz áspero e sincero. – Eu *nunca* te vou deixar aqui com ele.

Dei um suspiro trémulo:

– A mãe nunca o vai deixar...

– A mãe pode fazer a porra que quiser. – O Joey interrompeu-se, o seu tom de voz a endurecer. – Ela fez a cama para se deitar quando o aceitou de volta, da última vez. No que a mim me diz respeito, pode continuar a produzir a sua descendência e a aturar as suas merdas para o resto da maldita vida. Mas tu e eu? Nós vamos ficar juntos. – Voltou a cara para mim e disse: – Quando sair deste buraco de merda, e vou sair, levo-te comigo.

Mordi o lábio, e perguntei:

– E os rapazes?

O Joey suspirou pesadamente, mas não respondeu.

A *Nanny* Murphy, a nossa bisavó materna, ia buscar os rapazes à escola todos os dias, e deixava-os em casa alimentados, de banho tomado, e vestidos para dormir, cerca das oito da noite. A *Nanny* tinha feito o mesmo pelo Darren, pelo Joey e por mim, até nos mudarmos para a escola secundária.

Era uma combinação estranha, tendo em conta que ela e os meus pais mal se falavam, e uma vez tinha questionado a *Nanny* sobre isso. Queria saber porque é que, com a idade de oitenta e um anos, continuava a ajudar os meus pais quando eles, obviamente, não gostavam dela.

Ela tinha criado a minha mãe e a irmã, Alice, quando os seus pais tinham morrido, eram elas crianças, mas poderia jurar que a *Nanny* era uma estranha pela forma como a nossa mãe a tratava.

A *Nanny* respondeu-me que não o fazia por eles. Fazia-o por nós. Porque nos amava. E nós não tínhamos de sofrer pelas más decisões dos nossos pais. Ela tinha-nos treinado a todos a deixar o bacio e ir à casa de banho quando a nossa mãe estava a trabalhar todas as horas que Deus lhe tinha dado e o nosso pai não estava interessado.

A *Nanny* Murphy tinha entrado nas nossas vidas quando a nossa mãe e o nosso pai tinham saído. A *Nanny* deixou claro que iria amar e alimentar cada criança nascida da sua união marada porque éramos os seus bisnetos.

O Tadgh, o Ollie e o Sean estavam relativamente protegidos do tornado que era o nosso pai porque éramos suficientemente afortunados por ter uma bisavó que nos amava.

O problema era que a *Nanny* já ia avançada na vida, e não poderia

fazer isto para sempre. Ela não podia continuar a aparecer e a salvar o dia. A sua saúde estava a fraquejar, a idade avançada estava a instalar-se, e o dinheiro era tão curto para ela como era para nós. A *Nanny* não tinha dinheiro para nos alimentar a nós quando já estava a fazê-lo com os nossos três irmãos mais novos, e de todas as vezes que corríamos para ela com outro problema, aparecia-lhe uma nova ruga na cara e juntava-se mais uma consulta do médico.

Era por estas e por muitas mais razões que o Joey e eu tínhamos reduzido as nossas visitas.

– Eles são nossos irmãos – sussurrei, arrastando-me para fora dos meus pensamentos.

– Não sou pai deles – disse o Joey. – E, quem sabe, a mãe talvez volte a cair em si antes de os lixarem completamente como fizeram connosco e com o Darren. De qualquer modo, não há nada que eu possa fazer quanto a isso. Não posso tomar conta deles, Shannon. Não ganho para isso e não tenho tempo. Vou tirar-nos daqui. É o melhor que posso fazer.

– Prometes?

Ele assentiu.

– Assim que acabar a escola e me instalar na universidade, no próximo ano, vou arranjar um apartamento. Talvez leve algum tempo a conseguir juntar o dinheiro para poder manter-me sozinho, mas vou sair daqui. Vou *tirar-te* daqui, Shannon. Posso fazer-te a porra dessa promessa.

– Acredito em ti – disse-lhe.

E acreditava.

Ele andava a falar-me neste plano desde que o Darren tinha saído porta fora há cinco anos, e nos deixou a lidar sozinhos com a fúria alcoólica do nosso pai.

Acreditava que o meu irmão era sincero em cada palavra que dizia, em cada promessa que estava a fazer.

O problema era que podia ver os sacrifícios inimagináveis que teriam de ser feitos pelo meu irmão para conseguir que isto funcionasse para nós, e bem no fundo do meu coração, sabia que a probabilidade de alguma vez acontecer era escassa.

De qualquer modo, a criança dentro de mim agarrou-se à promessa

por tudo o que ela valia.

E promessas como aquela, para raparigas como eu, valiam *tudo*.

– De qualquer modo, já chega de conversa sobre as merdas parentais – disse o Joey, olhando para a minha cara. – Diz-me como é que conheces o Johnny Kavanagh.

– *O quê?! –* disse eu, boquiaberta, assustada com a súbita mudança da conversa.

Não era invulgar para nós mudarmos de assunto depois de uma noite como esta e falarmos de coisas ridículas. A outros, poderia parecer estranho que fôssemos capazes de mudar de uma conversa séria e relevante para uma simples tagarelice, mas para nós, era a norma.

Tínhamos lidado com as merdas do nosso pai as nossas vidas inteiras.

Mudar de assuntos era natural para nós. Era um mecanismo para lidar com a situação que tínhamos aperfeiçoado ao longo dos anos: desviar e distrair. Mas perguntar-me pelo Johnny? Isso *acabou* comigo.

– Kavanagh – confirmou o Joey, com os olhos astutos e inquisidores. – Como é que conheces o tipo?

– Ele anda no Tommen – expliquei, grata pela semiescuridão para que o meu irmão não pudesse ver como a minha cara tinha ficado vermelha. – Ele está... hmm... no décimo primeiro ano, acho. – *Eu sabia.* – E tenho-o visto algumas vezes na escola. Foi ele que me bateu no primeiro dia.

A cabeça do Joey levantou-se subitamente na minha direção:

– Foi o *Kavanagh* que te bateu?

– Foi um acidente. – Rebobinei rapidamente as frases que andava a dizer uma e outra vez, no último mês. – Ele fez um mau passe, ou deu um pontapé na bola de forma errada, ou qualquer coisa assim. De qualquer forma, desculpou-se, tipo, um milhão de vezes, por isso, está tudo bem... – concluí com um grande suspiro, sem vontade de fornecer mais informações sobre o assunto.

– Bem, merda – refletiu o Joey, coçando o queixo. – Seria de pensar que um tipo na posição dele não faria erros de Rato Mickey como esse.

– Um tipo na posição dele?! – espantei-me. – Tenho quase a certeza

de que ele não é a única pessoa no mundo que deu um pontapé da forma errada.

– Não... – O Joey encolheu os ombros. – Mesmo assim, não pensava que eles cometessem esse tipo de erros infantis na Academia.

– Academia?! – resfoleguei. – Chama-se Tommen College. Não a Academia.

– Não estou a falar da tua escola, Shan – explicou o Joey. – Estou a falar da Academia... sabes, o *Instituto de Progressão Avançada*. Academia é só uma alcunha.

– O que raio é o Instituto de Progressão Avançada? E como é que sabes quem ele é?

– É exatamente o que parece: um instituto *para progressão avançada* – replicou, sarcasticamente. – E toda a gente sabe quem é o Johnny Kavanagh.

Eu não sabia. Estava perplexa.

– Então, porque é que lhe deram a alcunha de Academia?

– Porque a Academia soa melhor do que o Instituto – disse o Joey, com uma gargalhada suave. – Tu não tens realmente a menor ideia de quem ele é, pois não?

Quando não respondi, o Joey voltou a rir.

– És impagável – disse ele, claramente divertido. – Andaste no carro dele esta noite e nem sequer sabes.

– Saber o quê? – perguntei, sentindo-me nervosa e irritada pela minha falta de entendimento.

O que o Johnny me tinha dito flutuava na minha cabeça.

«Eu jogo... quero dizer, eu jogo...»

Maldição, eu sabia que estava a fazer figura de parva.

– O quê? – perguntei. – Ele é um figurão do rãguebi ou uma coisa assim?

O Joey resfolegou de forma sonora.

– Não posso acreditar que não sabes.

– Conta-me!

– Devias ter tirado uma fotografia – acrescentou ele, pensativamente. – Oh, espera... tiraste. Qual é a história de estares nos jornais com ele? O velhote praticamente esfregou-mo na cara.

– Não faço a menor ideia, Joey. – Abanei a cabeça e suspirei

pesadamente. – Eles ganharam uma taça ou assim na última sexta-feira, e eu fui posta numa fotografia com ele. – Encolhi os ombros, impotente. – Não fazia ideia que acabaria nos jornais.

– Acabou nos jornais, porque ele é o *Johnny Kavanagh*! – declarou o meu irmão, enunciando o seu nome como se ele devesse significar alguma coisa para mim. – Vá lá, Shan.

Quando viu a minha expressão vazia, o Joey suspirou, impaciente.

– Ele é a porra de uma pessoa importante no circuito do rãguebi. Jesus, só tens de ligar um computador ou abrir os jornais para leres tudo sobre ele – continuou a explicar. – Foi recrutado para a Academia de Rãguebi quando tinha, tipo, catorze anos ou uma idade jovem igualmente doida.

– Isso é o tal instituto? – perguntei, inclinando-me para a beira da cama para ver se estava a falar a sério. – Isso é uma coisa importante ou assim?

– É a porra de uma coisa importantíssima, Shan – confirmou o Joey. – Tens de ser escolhido pelos recrutadores de topo do rãguebi irlandês para conseguires um ensaio. O dinheiro e os contactos não valem nada. A seleção é baseada unicamente no talento e no potencial. Ensinam-lhes tudo o que precisam de saber para uma carreira profissional no rãguebi, e têm os melhores treinadores, fisioterapeutas, nutricionistas e instrutores do país a tomar conta deles. Fazem aqueles campos e programas de condicionamento loucos para os seus jogadores, e são os melhores sítios para conhecer potenciais recrutadores. É como uma escola de excelência para futuros jogadores profissionais de rãguebi... só que não é uma escola. São as instalações desportivas mais topo de gama na cidade. Na verdade, é mais como uma quinta de cachorrinhos, onde produzem jogadores de rãguebi puro-sangue de alto calibre em vez de cães.

– Argh! – Esfreguei o nariz. – Que analogia desagradável, Joe.

– Mas é assim que é. – O Joey riu-se. – Só os mais prometedores adolescentes do país é que têm a oportunidade de trabalhar com a Academia, e mesmo para esses, é brutal. Tens de ser feito de um material especial como a merda para conseguir passar os treinos e conseguir uma época com eles, sem te importares se serás selecionado uma segunda vez. Pessoalmente, respeito como o caraças quem quer

que seja com este tipo de autodisciplina. Tem de ter uma tremenda ética de trabalho para estar nesse nível no desporto.

– Então, ele é bom?

– Ele é melhor do que bom, Shan – corrigiu-me o meu irmão. – Vi uns quantos jogos do Kavanagh com a equipa dos sub-18 na televisão durante o verão, e deixa-me dizer-te: ele é como uma arma carregada no campo de jogo. Dá-lhe a mais pequena nesga de oportunidade, e ele expõe a defesa e atinge o maldito objetivo todas as vezes. Caramba, o tipo só tem dezassete anos e esta é a sua segunda época com a seleção irlandesa de sub-18. E ele irá direto para os sub-20 assim que fizer dezoito anos. Depois disso, será a seleção irlandesa.

Então, o Johnny não estava a brincar quando disse que *jogava*.

– Não sabia nada disso – murmurei, sentindo-me uma idiota.

Porque é que ninguém me falou disto? Tudo o que as raparigas da escola dizem é que ele é espantoso no râguebi, e que é capitão da equipa da escola. Nunca ouvi falar desta coisa da Academia.

– Estás a corar – afirmou o Joey, a soar divertido.

Era uma asserção absolutamente exata, mas que eu neguei de forma furtiva.

– Não estou nada.

Ele riu.

– Estás, estás, isso é que estás.

– Está demasiado escuro para veres, por isso, como é que sabes que estou a corar?

O Joey riu suavemente.

– Então, admites?

– Não admito nada – abafei uma imprecação. – E não estou nada.

Ele zombou.

– Não me venhas com essas tretas.

– Que tretas?

– Deixaste-o trazer-te a casa.

Fiquei pasmada.

– Sim. E então?

– Nem sequer entras no carro com o Podge, e ele é o meu melhor amigo desde que andavas de fraldas – disse o Joey em tom de desafio.

– E nunca te vi, nem ouvi dizer, que tivesses amigos rapazes.

– Isso é porque eu não tenho amigos – resmunguei. – Ou, pelo menos, não tinha.

– Então, és amiga dele?

– Não, não sou amiga dele – rebati. – Perdi o meu autocarro. Ele ouviu-me a falar contigo ao telefone e ofereceu-se para me dar uma boleia para casa. *Sabes* isto.

– Pois, bem, conselho de amigo – disse ele alegremente. – Não depositas as tuas esperanças nele.

– Depositar as minhas esperanças?!

– Pois. – O Joey bocejou preguiçosamente. – Não vai acabar bem.

– O que é que estás... po-porque depositaria as minhas esperanças nele? – perguntei, meia aborrecida. – E esperanças *em quê?*

– No que quer que seja que as raparigas adolescentes depositam esperanças – respondeu o Joey, a bocejar outra vez. – Correndo o risco de parecer um irmão superprotetor, ele é demasiado velho e é *demasiado* experiente para ti.

– Eu não estou a depositar esperanças em ninguém – neguei acaloradamente, e acrescentei, muito depressa: – Porque é que estás sequer a dizer-me tudo isso?

– Não sou burro, Shan – respondeu o Joey. – Tenho perfeita consciência da forma como as raparigas novas ficam todas caidinhas e entusiasmadas por tipos na posição dele. – Mexeu-se na sua cama improvisada, espreguiçando-se. – O que estou a dizer é, não faças nenhuma leitura pelo facto de ele tirar uma fotografia contigo ou de te dar uma boleia para casa esta noite. O mais provável é que faça isso com imensas raparigas.

– Não estava a fazer leitura nenhuma! – atirei-lhe. – Nem sequer sabia da sua *posição* até tu me contares. – E prossegui: – E tenho perfeita consciência de que oferecer-me boleia foi uma tentativa de se redimir pela concussão.

– Tens a certeza?

– Claro.

– Tens a certeza de que *sabes* que isso é tudo?

Respondi com indignação.

– *Sim*, Joey.

– Bom, ainda bem – suspirou. – Porque, pelo que tenho lido nos

jornais, ele estará fora daqui depois de conseguir o diploma final, por isso, apaixonares-te por ele seria má ideia. Os clubes já andam atrás dele... até no hemisfério sul. É só uma questão de tempo até ele ser contratado por quem der mais.

– E então? – o meu tom era defensivo. – Porque é que isso me havia de importar? Eu nem sequer gosto de rãguebi!

– Acalma a passarinha, Shannon – resmungou o Joey. – Só estou a tentar dar-te alguns conselhos fraternais.

– Bem, dispenso – resmoneei, as faces a arder. – E para tua informação, ele não é assim tão fantástico – decidi dizer num tom desdenhoso.

A altercação anterior com o Johnny ainda estava fresca na minha cabeça, e sentia uma vontade louca de o deitar abaixo com uma estocada ou duas... mesmo que fosse só em conversa com o meu irmão.

– Ele é mesmo temperamental, e guia como um louco... e o carro dele é uma desgraça, completamente imundo.

– Que carro é que ele tem?

– Um *Audi A3*. – Fiz uma careta e admiti com relutância: – É tão giro.

– É claro que é o que ele guia. Eles atiram praticamente os carros topo de gama para cima dos seus jogadores. – O Joey suspirou e quase parecia uma daquelas miúdas entusiasmadas quando disse: – Sacana com sorte.

O silêncio caiu então à nossa volta, enquanto eu voltava tranquilamente aos meus pensamentos.

Em retrospectiva, tentava digerir a informação que o Joey me tinha dado. Tentei relacioná-la com o Johnny que eu conhecia, mas não conseguia. A mim, ele não me parecia uma superestrela do rãguebi.

OK, claro, fisicamente ele cabia em cada centímetro da descrição, mas ele não era... ele não fizera...

Abanei a cabeça, os pensamentos a derivarem confusos.

Agora que eu sabia *exatamente* como ele estava empenhado no rãguebi, podia perceber a sua reação irracional desta noite. Ele não queria que ninguém soubesse das suas lesões, porque estava com medo.

Ele não o tinha admitido, mas agora que eu sabia o que estava em jogo para ele, fazia todo o sentido. Se a minha futura carreira, em que tinha investido tanto tempo e energia estivesse prestes a ir ao ar por causa de uma lesão, eu faria o que fosse preciso para voltar a pô-la nos eixos.

Mas mentir sobre a sua recuperação? Parecia-me uma jogada arriscada.

Uma jogada perigosa.

Ele próprio o tinha dito: não estava a sarar bem.

Então, porquê arriscar assim o corpo?

– O que é que acontece a um rapaz quando rasga o músculo adutor?

A pergunta tinha-me saído da boca antes de ter a oportunidade de pensar no que dizia.

– O quê... tipo na virilha?

– Sim. – Assenti. – O que é que acontece?

– Depende da gravidade da rutura – disse o Joey, sem hesitação. – Mas vai ter dores como o caraças durante um tempo. Se for má, provavelmente necessitará de fisioterapia e reabilitação.

– E se for *mesmo* má? – Roí uma unha e perguntei: – Se for tão má que seja preciso operar ali em baixo?

– Shannon, para! – O Joey estremeceu visivelmente e protegeu o material com a mão. – Não quero pensar numa coisa dessas.

– Seria assim tão horrível? – continuei a insistir. – Para um rapaz, quero dizer? Iria doer?

– Vamos pôr as coisas desta maneira – respondeu o Joey, ainda a estremecer. – Eu preferia partir as duas pernas do que sofrer esse tipo de trauma aqui no meu pacote.

– Iria doer a andar e coisas assim? – perguntei. – E no que diz respeito a praticar desportos?

– Shannon, iria doer a mijar – disse o Joey inexpressivamente – Quanto mais entrar num campo de jogos.

Oh, Deus.

Não admira que o Johnny estivesse dorido.

– Porquê? – quis ele então saber.

– Oh, estava só a perguntar-me porque a Lizzie contou que o

namorado, o Pierce, tinha feito uma cirurgia para tratar o músculo adutor em dezembro – encolhi os ombros e continuei a mentir com todos os dentes. Não sabia o apelido do namorado da Lizzie, quanto mais o estado dos seus músculos adutores. – A Lizzie disse que ele ia voltar a jogar rãgue... hmmm, futebol outra vez, mas que ainda tinha imensas dores. Perguntou-me se sabia alguma coisa sobre o assunto, já que tu jogas *hurling*. Disse-lhe que ia perguntar-te.

– Bem, podes dizer-lhe que eu disse que o pobre sacana merece um fornecimento ilimitado de morfina – respondeu o Joey. – E uma cama. E um fornecimento interminável de gelo para os tomates.

– Para os tomates? – Engoli com força, e arregalei os olhos. – Porque é que precisarias de gelo para isso?

– Porque quando os cirurgiões cortam, para esse tipo de procedimento, fazem uma incisão mesmo debaixo dos teus... ugh! Não consigo... – A abanar a cabeça, o Joey disse: – Não consigo sequer pensar nisso sem me desfazer em compaixão pelo pobre sacana.

– Mas, e se...

– Não!

– Mas eu só queria...

– Boa noite, Shannon. – Deitando-se de lado com as costas voltadas para mim, o Joey resmungou: – Obrigado por me dares pesadelos.

Deitei-me de costas, envolvi o cimo da cabeça com as mãos e fiz uma respiração lenta e firme, na esperança de acalmar os meus pensamentos trémulos e esvaziar a minha mente.

Quando o som dos roncos a anunciar que o Joey estava a dormir profundamente encheram os meus ouvidos, algumas horas mais tarde, ainda estava completamente acordada.

Estava cansada.

Perseguia o sono, querendo imenso que ele viesse, mas por mais que tentasse, não conseguia desligar o cérebro. A olhar para o teto, visitei mentalmente o meu catálogo pessoal de mágoas. Era uma forma doentia de autoflagelação, porque pensar nisso não me fazia bem nenhum, mas ainda assim revivi cada argumento, cada comentário cruel e memória dolorosa que tinha suportado, variando das troças no recreio desde os quatro anos de idade aos comentários feitos esta noite pelo meu pai.

Era a derradeira forma de masoquismo, e um ritual que seguia sempre depois de um dia mau.

Fechar os olhos também não ajudou nada. De todas as vezes que autorizava os meus olhos a fecharem-se, imagens mentais do Johnny Kavanagh dançavam-me sob as pálpebras. Não tinha a certeza se o preferia quando era apenas um estranho que me tinha batido e me sorria nos corredores, ou este idiota temperamental, de reações exageradas, que esta noite tinha passado de quente a frio.

Sabia, sem dúvida, que lamentava ter sabido quem ele era.

Descobrir que o Johnny era uma prometedora estrela do rãguebi, com uma carreira futura brilhante no desporto, era deprimente por várias razões, mas uma em particular não me saía da cabeça.

Eu própria tinha um irmão superestrela, um não-se-pode-toçar no bonito rapaz que era louvado pelo seu desempenho no campo de jogo e recompensado com a possibilidade de andar com rédea solta. O Joey, bom como era para mim, também era um mulherengo completo, que deixara um rasto de corações partidos entre Ballylaggin e a cidade de Cork. Saía com a namorada, a Aoife, em exclusivo, há cerca de oito meses, e parecia ser-lhe completamente devoto, mas o júri ainda tinha de deliberar se ele se tinha reformado totalmente da sua antiga forma de ser, ou não.

A experiência dizia-me que os rapazes eram umas bestas.

E os pais. Os pais eram uns sacanas e os homens não eram de confiança.

Nem todos os homens, tinha de admitir a contragosto, mas a maioria não era.

Sobretudo os homens atletas.

Sendo irmã de um, tinha um conhecimento privilegiado do interior das cabeças destes atletas adolescentes, e sabia que era seguro se fôssemos parentes deles ou amigos platónicos, caso contrário, era evitá-los como à peste. Tinham egos grandes, atitudes próprias de quem recebe muita atenção, e vidas sexuais altamente movimentadas. São leais às suas famílias, à sua equipa, e não a muito mais coisas.

Confiem nas minhas hormonas teimosas de adolescente para enlouquecer quando vejo um.

Reconhecendo isto como a opção mais segura, decidi que seguiria

em frente depois dos acontecimentos desta noite bloqueando tudo o que tinha sabido sobre o Johnny Kavanagh, e evitando-o.

Eu era jovem, mas não era estúpida, e sabia que nutrir qualquer tipo de sentimento, paixoneta inofensiva ou não, por um rapaz como o Johnny Kavanagh, não me traria nenhuma vantagem a longo prazo. Porque, com toda a sinceridade, desde o dia em que ele me tinha batido, eu andava a albergar *uma data* de emoções conflituosas em relação a ele. Mas a forma horrível como o Johnny lidara com o seu desconforto, esta noite, juntamente com a conversa com o Joey, foi a fria dose de realidade de que eu precisava para me obrigar a voltar a entrar nos eixos.

Precisava de me esquecer dele.

E iria esquecer-me.

Esperava.

A mãe é que sabe – mas só nos filmes

SHANNON

Quando acordei para ir para a escola, na quarta-feira de manhã, a mãe estava à minha espera. Na pressa para sair de casa (e de me afastar do meu pai) quase não a via. Só quando parei no *hall* para retirar o casaco é que reparei nela, sentada à mesa da cozinha, agarrando uma caneca de café entre as mãos.

– Mãe? – franzi a testa quando a vi.

Parecia exausta, com círculos escuros debaixo dos olhos, a complexão pálida e esquelética. Estava envolta no seu velho e desgastado roupão de banho às bolinhas, o último presente de Natal que o Darren lhe oferecera antes de se ir embora.

Abandonei o casaco no balaústre, e entrei na cozinha.

– O que é que estás a fazer levantada?

– Shannon – cumprimentou, obrigando-se a um sorriso débil. – Vem cá e senta-te aqui por um bocadinho.

Fi-lo, porque era tão fora do habitual vê-la a esta hora da manhã, que sabia que alguma coisa devia estar mal.

Olhei para o meu relógio, assegurando-me de que não tinha adormecido acidentalmente ou coisa parecida. Cinco e quarenta e cinco. Nope, eu estava adiantada e alguma coisa estava decididamente errada.

Puxei uma cadeira, sentei-me no lado oposto ao dela e perguntei:

– O que é que se passa, mãe?

– Não posso acordar para te ver sair para a escola?

Não. Não mesmo.

Não, de todo.

O meu silêncio deve ter falado altíssimo porque a mãe pousou a caneca e pegou na minha mão.

– Shannon – finalmente começou a dizer o que tinha em mente: – Sei que sentes que nós não... Que às vezes o teu pai não é muito... Só

quero que saibas que gosto dos meus filhos todos da mesma maneira, mas que tu és a minha filha especial.

Aquilo era mentira. Eu não era especial para ela coisa nenhuma.

O Darren era o seu preferido, e depois de ele se ir embora, a mãe nunca mais foi a mesma.

Em abono da verdade, entre os turnos do trabalho e tratar das crianças mais novas, ela mal reparava em mim.

Eu amava a minha mãe, amava mesmo, mas isso não queria dizer que não me ressentisse da sua fraqueza, ressentia-me mesmo.

Muito.

Desconfortável, deslizei a minha mão de debaixo das dela e perguntei:

– Assinaste a minha autorização para a viagem da escola a Donegal?

Sabia que não tinha assinado. Ainda estava em cima da caixa do pão... por assinar.

– Não me sinto confortável em ir para tão longe de casa, Shannon – explicou, mordendo o lábio inferior. – Donegal é muito, muito longe.

Precisamente.

– Quero ir, mãe – disse eu. – A Claire e a Lizzie vão, e eu *quero* mesmo ir. Preciso de entregar a autorização assinada antes de sexta-feira. De outra forma, não me deixam ir.

OK, isto era uma mentira, tinha até às férias para entregar a autorização, mas pressioná-la era a única forma de conseguir que ela assinasse o formulário.

– E se te acontece alguma coisa enquanto lá estás? – perguntou. – E se alguém te ataca?

– Há mais possibilidades de isso me acontecer nesta casa – murmurei, de forma quase inaudível.

A mãe estremeceu.

– Shannon...

– *Ele* disse-te o que aconteceu a noite passada? – perguntei com aspereza, sabendo que era daquilo que ela queria falar comigo. O que ela queria era certificar-se de que *eu não ia* falar daquilo.

Endireitando os ombros, olhei para o outro lado da mesa, para a

minha mãe.

– *Ele* disse-te o que *ele* fez ao Joey?

– *Ele* tem um nome – repreendeu-me a mãe em voz firme.

– *Ele* contou-te? – foi tudo o que eu disse.

– Sim, o vosso pai contou-me o que aconteceu – replicou ela, finalmente.

– E é tudo? – inclinei-me para trás na cadeira e examinei-lhe o rosto. – É tudo o que tens a dizer sobre o assunto?

– Shannon, é complicado – A mãe suspirou pesadamente e deixou cair a cabeça. – Estamos sob muita pressão neste momento, com o bebé a chegar no verão e o teu pai sem trabalho. O dinheiro é curto, Shannon, e isso afeta o teu pai. Ele tem muito em que pensar...

– Ele rachou o lábio do Joey, mãe! – Consegui engolir o nó na minha garganta. – Por causa de um pacote de bolachas. E se está preocupado com o dinheiro, então talvez devesse deixar de jogar e de beber com o dinheiro dos abonos de família dos filhos!

A minha mãe estremeceu ao ouvir as minhas palavras, mas fiquei satisfeita por as ter proferido. Precisavam de ser ditas. Só desejava que ela começasse *a ouvir*.

– O teu pai contou-me que chegaste tarde da escola – continuou ela a dizer. – Ele estava muito preocupado com uma fotografia tua no jornal...

– Era uma fotografia da escola!

– Com um rapaz?

– Oh, meu Deus! – gritei. – Tu também, não.

– Não. – Ela abanou a cabeça. – Claro que não. Entendo essas coisas, mas o teu pai ficou muito aborrecido com isso. Sabes como ele fica...

– Então, é culpa *minha* que ele bata no meu irmão e tente estrangular-me? – Engasguei-me com o soluço de raiva que ameaçava explodir de dentro de mim. – Por chegar a casa tarde, por ter tirado uma fotografia escolar, ou por me ter mudado para o Tommen? Qual delas, mãe? Ou tudo o que eu faço está errado? Sou eu a culpada por tudo o que está mal nesta família?

– Não, claro que não é culpa tua, Shannon. – Tentou retratar-se rapidamente. – Não és culpada de nada, e o teu pai ama-te muitíssimo.

Mas sabes que ele tem receio de que acabes como eu. E ele e o Joey têm uma relação complicada – disse ela, tentando esquivar-se às suas responsabilidades com mentiras. – O Joey sabe melhor do que ninguém como irritá-lo de forma que...

Abanei a cabeça para a interromper.

– Para de o defender – sibilei, mantendo a minha voz baixa para não acordar o homem que arruinava com sucesso a minha vida desde o dia 13 de março de 1989, o dia em que entrei neste mundo e na porra desta família tóxica. – Para, só, mãe! Nada do que possas alguma vez dizer pode ajudar. Continua a acontecer, e repetidas vezes. Por isso, para de te desculpar e de tentar explicar o comportamento dele. Estamos cansados de o ouvir.

– Estou a fazer o melhor que posso, Shannon – sussurrou a minha mãe.

– Para quem, mãe?

Um lampejo de raiva passou nos seus olhos quando me fixou e disse:

– Para *a minha família*.

– Para ele – murmurei, quase inaudivelmente.

A minha mãe estremeceu, mas não negou o que eu tinha dito.

Era a verdade.

– Não podes falar assim comigo – zangou-se ela. – Não fazes ideia de como é difícil voltar para casa todas as noites, para a terceira guerra mundial.

Não respondi.

Não tinha nada a dizer.

Se ela acreditava mesmo que eu não sabia o que era viver numa zona de guerra, era uma mãe tão iludida como negligente.

– Estou cansada disto, Shannon – disse ela. – Estou exausta de viver assim. E estou farta de ser julgada pelos meus próprios filhos.

– Bem, junta-te ao clube, mãe – repliquei. – Todos estamos fartos de viver assim.

– Não brinques comigo – avisou. – Não vou tolerar isso, Shannon. Estou a avisar-te de que vou contar...

– Ao meu pai? – completei em vez dela, num tom alto e agudo. – Era o que ias dizer, não era, mãe? Tu vais *contar-lhe* sobre mim?

– Precisas de me respeitar, Shannon – disse ela. – Mato-me a trabalhar para te ter naquela escola, e podes ter a certeza de que não aprecio que me fales como se eu fosse a merda no teu sapato!

– Bem, e eu não aprecio que me chamem puta de todas as vezes que entro por aquela porta – rebati, as minhas emoções a extravasarem.

Dentro de mim, agitava-se a culpa por perturbar a minha mãe misturada com uma vida de ressentimento, medo e raiva.

– Porque é que o ele me chama, mãe – disse eu, em voz rouca e asfíxiada. – De acordo com *o meu pai*, não sou mais nada do que uma puta nojenta.

– Ele estava preocupado contigo – replicou ela. – Não sabia como é que tinhas vindo para casa a noite passada.

– Ele estava preocupado comigo e por isso chamou-me *puta?! – Abanei a cabeça, chocada. – Faz todo o sentido.*

– Porque estavas naquela fotografia...

– Viste a fotografia?

– Não.

– Bem, se tivesses visto, saberias que não fiz nada de errado! – Afastando uma lágrima traidora, funguei e disse: – Nunca estive com um rapaz, mãe, e sabes isso. Mas ele continua a chamar-me puta e tu não fazes nada.

– Fiz – defendeu-se. – Falei com o teu pai sobre isso e ele prometeu não voltar a fazê-lo.

– Esquece isso – empurrei a minha cadeira, levantei-me rapidamente e pus-me a caminho da porta, sem vontade de a ouvir explicar as atitudes do meu pai. – *Esquece isso*, apenas, mãe.

Já tinha ouvido suficientes explicações daquelas ao longo dos anos.

– Preciso de ir – disse em voz rouca. – Não quero perder o autocarro outra vez e causar ainda mais problemas.

– Para – avisou ela, seguindo-me. – Ainda não acabei.

– Pois, bem, eu já acabei – declarei, encolhendo-me sob a mão que ela pusera no meu ombro. Era um toque leve, mas doeu mais do que qualquer estalada que me pudesse ter dado.

Ignorando os protestos da minha mãe, saí da cozinha.

– Como é que chegaste a casa ontem à noite?

Parei na porta da frente, e virei a minha cara para ela:

– O quê?

– O teu pai acha que foi a Aoife que te trouxe da escola para casa ontem à noite – disse ela, os olhos plenos de preocupação. – Mas sei que não é verdade. Ela trabalha às terças à noite. Por isso, *como* é que vieste para casa?

– Que importância é que isso tem?

– Tem importância porque são vinte e cinco quilómetros do Tommen até nossa casa, Shannon Lynch, e quero saber como é que fizeste essa viagem! – Exigiu. – Estás a ter problemas outra vez? Perdeste o autocarro de propósito para evitar mais *bullies*?

– Não, mãe, não estou a ter problemas na escola – respondi.

– Não seria a primeira vez que evitavas o autocarro, Shannon – rebateu ela, os olhos azuis fixos nos meus. – Se estás com problemas, podes dizer-me. Posso ajudar-te.

– Adoro o Tommen, mãe. Sou *feliz*, lá! – Fiquei espantada com as palavras que saíram da minha boca, porque eram verdade.

Surpreendentemente, percebi que, de facto, adorava a minha nova escola.

– Então como é que vieste para casa? – perguntou, pela terceira vez. – Diz-me!

– O Johnny Kavanagh trouxe-me a casa – disse, a lutar contra a vontade de gritar. – OK? Estás satisfeita agora? E é ele o rapaz com quem estou no jornal. Tiraram-me uma fotografia com ele a semana passada, e depois ele deu-me boleia no carro dele a noite passada, por isso, suponho que podes ir a correr pelas escadas acima contar ao pai que ele tinha toda a razão e eu sou a porra de uma puta.

A cara da minha mãe tornou-se mortalmente pálida.

– Vou telefonar para a escola.

– O quê? – arregalei os olhos. – Porquê?

– Não é suposto esse rapaz aproximar-se de ti – disse ela com rispidez.

– Porque não?

– Porque ele *magouou-te*, Shannon!

– Foi um *acidente*.

– Vou telefonar ao Mr. Twomey.

A mãe virou-se para entrar na cozinha e agarrar o seu telefone, e dei por mim a segui-la:

– Não o faças... Mãe, não o faças!

– Dá-me o meu telefone, Shannon – ordenou a minha mãe quando lho arranquei das mãos. – Já!

– Nem sequer sabes porquê! – exclamei, apertando o telefone contra o peito.

– Não quero saber – replicou a mãe, e tirou-me o telefone das mãos. – Ele conhece as regras. Foram-lhe explicadas muito claramente. Ele não deve falar contigo. Foi avisado, Shannon. Sem margem para dúvidas. Ele devia ter sido suspenso pelo que fez. Quando eu tiver acabado de fazer isto, será.

– O Johnny *não é* o problema aqui – disse eu, em voz tensa. O coração martelava-me no peito. A ideia de meter outra vez o Johnny em sarilhos estava a pôr-me tonta. – Ele pediu desculpa pelo sucedido. Ele substituiu o meu uniforme. Defendeu-me na escola quando um rapaz me estava a dar problemas. Não tem sido nada senão *bom* para mim, mãe.

A minha mãe não era uma mulher grande, mas com um metro e sessenta, e grávida de quatro meses e meio, fez-me sentir muito pequena naquele momento. Quando os seus dedos clicaram no teclado do telefone, atingi o meu ponto de rutura.

– Perdi o meu autocarro! – gritei, em pânico, quando ela começou a marcar o número de telefone. – Estava com medo de chegar tarde. Estava com medo de chegar tarde a casa por causa *dele*. Apanhei a boleia porque estava desesperada! Porque sabia o que ele me faria se esperasse pelo autocarro seguinte.

– Shannon – disse a minha mãe, fazendo uma pausa na marcação do número. – Não tens de ter medo de voltar para casa.

– Não tenho? – afastei o cabelo da cara e aponte para a cicatriz na minha têmpora.

Aquela que o meu pai lá tinha posto quando quase me estropiara com uma garrafa de *whisky* quando eu tinha onze anos. Havia muitas mais de onde aquela tinha vindo, mas isso já ela sabia.

– Estás tão preocupada em combater os *bullies* na escola, mãe. – Solucei, as lágrimas a correrem-me pelas faces. – Quando o maior

bully de todos vive debaixo deste teto.

A minha mãe estremeceu como se eu a tivesse esbofeteado fisicamente. Não tinha. O que ela estava a sentir agora era uma fria dose da realidade a bater-lhe na cara.

– Tens de deixar o Johnny *em paz!* – gritei com toda a força dos meus pulmões, num tom estridente e furioso. – Ele não fez nada de mal! Absolutamente nada.

Já não queria saber.

Se acordasse o meu pai, então tinha-o acordado. Se ele me batesse, então curar-me-ia.

Estava para lá de todo o autocontrolo, e toda a minha preocupação estava dirigida para o rapaz que não tinha feito nada para merecer ser arrastado para o meio da loucura da minha vida.

– Estou a falar a sério, mãe – avisei, com a voz num trinado. – Telefona para a escola a arranjar problemas ao Johnny, e eu vou contar-lhes *tudo* o que tu não queres que eles saibam!

A mãe abraçou o peito e abanou a cabeça.

– Shannon.

– Tudo – repeti.

Desta vez, quando me virei, já não voltei para trás.

– Shannon, espera – foram as últimas palavras que ouvi antes de fechar a porta aos meus problemas.

Inclinei a cabeça para o céu tempestuoso, fechei os olhos e absorvi a sensação das gotas da chuva a baterem na minha pele. Fiquei ali de pé, no meio dos aguaceiros torrenciais de março, e rezei pela intervenção divina, ou, pelo menos, por uma pequena trégua do inferno que era a família em que tinha nascido.

Queria nunca mais ter de regressar àquela casa.

Saber que não tinha escolha e que teria de voltar, era uma forma especial de inferno. Pela primeira vez na vida, queria um sítio seguro para o qual pudesse correr em vez de ter de fugir de um.

Sentia que estava a morrer lentamente naquela casa.

Na *minha casa*. Onde era suposto descansar a cabeça. Onde era suposto sentir-me *segura*.

A porta abriu-se atrás de mim, e todos os músculos do meu corpo enrijeceram com a temida antecipação.

Ele estava levantado e eu estava feita.

– Shannon – foi a voz da minha mãe que me chegou aos ouvidos, conseguindo dissipar algum do medo que ameaçava paralisar-me. – Esqueceste-te de levar o teu casaco.

Direita como um atiçador, voltei-me e vi a minha mãe na soleira da porta com o meu casaco nas mãos.

– Precisas do teu casaco – explicou num tom de voz espesso, apontando para o céu. – Estão a prever outra tempestade.

– Nunca ficas cansada disto, mãe? – perguntei, com a voz a quebrar. Pestanejando por entre as lágrimas, insisti: – Não estás mortalmente cansada de fingir?

A sua expressão cedeu.

– Shannon...

Deu um passo na minha direção e eu recuei três.

Não conseguia continuar a fazer isto. Não conseguia continuar a viver assim. Tinha exposto o meu coração à minha mãe. E ela estava preocupada com um *casaco*.

– Que se lixe o casaco – gritei, e desatei a correr para a paragem de autocarro, desesperada para conseguir alguma da distância tão necessária entre mim e a minha família. – Que se lixe a minha vida!

Encerramento

SHANNON

Quando cheguei à escola, a raiva ainda não se tinha dissipado nem um milímetro. Estava tão furiosa que podia praticamente saboreá-la, e de uma forma uma bocado marada, acolhi de bom-grado a emoção. Era melhor do que o desespero e o medo habituais que me agitavam. A raiva tornava-me corajosa e dava-me a energia de que precisava para fazer o que tinha de ser feito. Apesar dos avisos do meu cérebro de que isto era uma má ideia, eu sabia que tinha de o fazer.

Tinha de esclarecer algumas coisas com o Johnny Kavanagh, e depois afastava-me com o coração intacto e a consciência limpa, porque não podia, em boa verdade, ignorar o que a minha mãe tinha dito.

Alimentada pela adrenalina que ainda me corria nas veias pela discussão prévia com a minha mãe e pelo desastre que tinha sido a noite anterior, inspirei profundamente e marchei pelo corredor na direção da zona dos cacifos do décimo primeiro ano.

Quando localizei o Johnny encostado aos cacifos no fim do corredor do décimo primeiro ano, a falar com uns rapazes que pareciam mais velhos, respirei asperamente. A invisibilidade era tanto uma coisa maravilhosa quanto uma ferramenta necessária para a sobrevivência que pessoas como eu procuravam. Associar-me com uma futura estrela do rãguebi irlandês era como lançar na engrenagem uma pedra com 1,92m. Apelando a cada pedacinho de coragem no meu corpo, fui direita a ele, confiando na adrenalina que bombava pelas minhas veias para conduzir os pés na sua direção.

A cabeça dele virou-se quando me aproximei, o seu olhar aguçado a cortar-me, os olhos azuis desconfiados e cautelosos, mas eu não parei.

Não podia.

– Preciso de falar contigo – anunciei, quando cheguei ao pé dele, a

tremar da cabeça aos pés com o peso do que pareciam ser uns mil pares de olhos a aterram no meu corpo.

Esperava que acontecesse uma de duas coisas neste momento: ou o Johnny me mandava dar uma volta, ou concordava em ir para algum sítio sossegado falar comigo.

Quando o Johnny levantou o queixo e disse:

– Embora – achei que estava certa em relação ao cenário número um.

A adrenalina e a coragem abandonaram-me num repente e os meus ombros descaíram.

Assentindo, virei-me para ir embora, sentindo-me completamente esvaziada, até sentir uma mão quente a envolver-me o pulso e a puxar-me para o seu lado.

– Não és tu – sussurrou o Johnny ao meu ouvido, pondo-me de frente para ele. – Eles. – O seu olhar azul dardejou para os dois rapazes mais velhos que nos observavam com expressões curiosas, e num tom que não deixava margem para discussão, disse: – Vão.

Observei, com um assombro de espanto, os dois rapazes com quem ele estava a falar, juntamente com sete alunos que deambulavam pelo corredor, darem simplesmente a volta e saírem.

– Uau! – Soltei a respiração quando ficámos sozinhos no corredor. – Tu tens mesmo uma grande influência na escola. – Voltei-me para o encarar, e mais uma vez tive de inclinar a cabeça para trás para lhe ver a cara. – Isto foi épico.

O Johnny recompensou-me com um sorriso pueril, que se transformou rapidamente num franzir de sobrolho quando olhou para a minha cara.

– O que aconteceu? – quis saber, olhando de cima para mim. – Quem foi que te fez chorar, porra?

– O quê? – arquejei, abanando a cabeça. – Não estou a chorar.

– Os teus olhos estão vermelhos e inchados – disse ele, impassível. – Estiveste a *chorar*. – Os seus olhos pousaram na minha bochecha. – Que raio aconteceu à tua cara?

– O quê?

– A tua cara – insistiu. – A tua bochecha está vermelha.

– Estou bem – respondi, numa voz sufocada, dando um passo

seguro atrás para me afastar dos seus olhos demasiadamente observadores.

Foi só nessa altura que reparei que ele ainda estava a agarrar-me o pulso.

O Johnny, obviamente, também reparou, porque largou rapidamente a minha mão e recuou ele próprio um passo, e depois passou uma mão pelo seu cabelo desgrenhado.

– O que aconteceu com a tua cara?

O meu pai bateu-me com um jornal...

– Hmm, não te preocupes com isso – disse-lhe, esfregando as minhas bochechas com as costas da mão para limpar alguns vestígios de lágrimas.

– Dá-me um nome – rosnou o Johnny, pondo as mãos nas ancas. – E eu trato disso.

– O quê... não! Estou ótima – repliquei rapidamente. – Tenho alergias.

– Eu também. A cretinos e a merdosos – respondeu, zangado. – Agora, diz-me quem te fez chorar, e eu trato disso.

Por um breve segundo, ponderei dizer o nome do meu pai, só para ver se o Johnny cumpriria a sua palavra e *trataria* dele.

Parecia ser capaz disso.

Era, certamente, suficientemente grande.

Abanando a cabeça para afastar os meus pensamentos ridículos, olhei para ele e disse: – Preciso de te dizer uma coisa.

– Pois precisas – replicou. – Um nome.

– O quê? Não, para. – Abanei a cabeça e levantei uma mão.

Com uma veia a pulsar no pescoço, ele assentiu rigidamente com a cabeça e disse: – Estou a ouvir.

Aqui vamos nós...

– Ao que parece, não podes falar comigo – comecei por dizer, mantendo o tom de voz baixo e abafado. – Pelo menos, foi o que a minha mãe disse... avisaram-te para te manteres afastado de mim? De qualquer forma, peço desculpa por isso – apressei-me a dizer. – A minha mãe? A tratarem-te daquela maneira? Não tinha a menor ideia disso.

– Acho que a escolha de palavras da tua mãe foi «fica longe» –

gracejou o Johnny, enfiando as mãos nos bolsos. – E não te preocupes com isso, Shannon. – Franzindo o sobrolho, acrescentou: – Já sou crescidinho. Sou muito bem capaz de tomar conta de mim.

– Mas fizeste-o? – quis saber, perguntando-me quão franca podia ser com este rapaz que, de todas as maneiras, era um estranho para mim. – Quero dizer, tu não ficaste longe...?

Ele abanou lentamente a cabeça, o olhar cauteloso e inseguro.

Suspirei:

– Bem, queria que soubesses que não te vai causar nenhum problema. Fui muito direta com ela no que a ti diz respeito.

– Era sobre isso que querias falar comigo? – O Johnny olhou-me, desconfiado. – Da tua mãe?

Assenti.

– Disso, e que irei deixar claro a Mr. Twomey que não há nenhum problema entre nós. – Expirei com força e obriguei-me a dizer o que se seguia: – Também queria pedir desculpa pela forma como deixei as coisas ontem à noite.

Os ombros do Johnny enrijeceram por um instante, e depois ouvi-o expirar com força

– Tinhas razão – respondeu, finalmente. – Tive uma reação exagerada, e lidei mal com isso.

– Talvez – admiti, a minha voz não era mais do que um murmúrio. – Mas naquela altura eu não sabia o que jogar rãguebi significava para ti.

– E agora, sabes? – perguntou, com a voz baixa e um tom áspero. – Agora, achas que já entendeste?

– Não, não completamente. – Mordi o lábio, e acrescentei: – Mas entendo o medo, o que me torna mais fácil entender porque é que sentes necessidade de jogar apesar da dor.

Os seus ombros voltaram a ficar rijos, e ele ficou calado durante tanto tempo que desisti de esperar por uma resposta.

– Bem, era tudo o que queria dizer – sussurrei. – Adeus, Johnny.

Como tinha prometido a mim mesma, depois disto não procurei mais o Johnny Kavanagh. Tinha esclarecido as coisas e afastei-me.

Durante todo o dia, fiquei longe dos corredores por onde sabia que ele passaria entre as aulas (aqueles que tinha mapeado nas semanas

anteriores), e evitei-o no refeitório, durante o intervalo grande.

Ele sentara-se com um enorme grupo de jogadores de rãguebi próximo da entrada, por isso, não se punha a questão de ser capaz de o ignorar ali.

Era desnecessário da minha parte tentar evitá-lo, porque, nas poucas vezes em que os nossos caminhos se cruzaram durante o dia, o Johnny ignorou-me zelosamente. Nada de sorrisos, nenhuma troca de olhares. E, em troca, fingi que não me importava.

Não devia. Eu sabia isso.

Continuava a saber, mas, no entanto...

Como a masoquista que era, cedi à curiosidade que tinha sobre ele, e fiz a minha pesquisa à tarde, durante a aula de informática. As pesquisas na internet, já para não falar do boca a boca das minhas amigas, apenas confirmaram o que o Joey me tinha dito.

O Johnny Kavanagh era uma pessoa importante.

Mergulhei nos trabalhos escolares e tentei bloquear todos os pensamentos sobre ele, mas era uma coisa difícil de conseguir... quando ele era o tópico de conversa na ponta da língua da maioria das pessoas na escola.

Parecia que não ia conseguir escapar-lhe.

Quando, ao almoço, confessei à Claire que o Johnny me tinha levado a casa, as suas pupilas dilataram-se tanto que pensei que ela estava prestes a ter um ataque cardíaco.

Foi uma confissão da qual me arrependi logo, já que não largou mais o assunto. Se não estivesse a fazer-me perguntas sobre o que é que tínhamos falado, o que, obviamente, não divulguei, estava a apontar para ele nos corredores ou a rabiscar *S.L. coração J.K.* nos nossos cadernos escolares.

Felizmente para mim, tinha sido agraciada com dons para a negação e desvio de assuntos, e depois de algumas horas sem que eu mordesse o isco, ela desistiu de me extrair mais informações. Fiquei contente, porque não queria que ninguém soubesse como estava confusa no meu íntimo. Ela sabia que eu gostava dele, e isso já era suficientemente mau.

O lado bom de toda esta provação foi o facto de o Ronan McGarry não ter lançado um único olhar na minha direção durante todo o dia.

Na aula de francês, em vez de se sentar atrás de mim, sentou-se do outro lado da sala de aula, e ignorou-me obedientemente, como se eu não existisse.

O que me servia perfeitamente.

Não queria atenção de ninguém, muito menos dele. No entanto, não pude deixar de reparar no hematoma recente debaixo do seu olho esquerdo ou no lábio rachado que ele exibia.

Um lábio rachado que no fundo do meu coração sabia que tinha sido providenciado pelo Johnny.

Depois da escola, no caminho para a paragem de autocarro, ter deixado o casaco em casa parecia ter sido uma má ideia, sobretudo tendo em conta que cada tira da minha roupa estava agora completamente encharcada.

Nope. Abanei a cabeça. Pensando melhor, preferia afogar-me.

Seria melhor do que aceitar a patética oferta de paz da minha mãe, que tinha vindo sob a forma do meu casaco.

Noutras alturas, fora chocolate, ou uma chávena de chá, ou um novo par de elásticos para o cabelo, ou qualquer outra forma de suborno, dada com a intenção de me conseguir calar.

Sabia perfeitamente que a mensagem de texto que recebera dela no intervalo pequeno a dizer «*Não vou causar problemas ao rapaz*», tinha sido enviada com a esperança de receber de mim uma mensagem de texto recíproca a dizer o mesmo.

Não respondi por duas razões.

Primeira, porque não lhe dava crédito. Segunda, porque ela não merecia sentir-se bem.

Porque mereceria quando eu tinha passado a minha vida inteira num estado de constante mal-estar?

Eu podia perturbá-la ao ameaçar contar ao diretor.

Ela não era a única incomodada com a minha reação errática. Sentira-me como um animal enjaulado, encurralada. Nunca tinha contra-atacado como agora.

Nunca me tinha sentido tão convicta sobre uma coisa.

A minha pequena atitude de desafio fora fútil, porque seria eu a pessoa que muito provavelmente acabaria doente, mas sinceramente, se tivesse aceitado o meu casaco esta manhã, teria sido o mesmo que

passar uma esponja pelo que tinha acontecido.

E eu recusava-me a isso.

Quando entrei pela porta da frente, ignorei cuidadosamente o meu pai, que estava na cozinha a comer, e fui direta para o meu quarto, sabendo que preferia morrer de fome a pôr um pé naquela cozinha e enfrentá-lo.

Estivesse ele sóbrio ou não esta noite, odiava-o com todas as fibras do meu ser.

De regresso à casa da dor, fechei a porta do meu quarto, e despi rapidamente as roupas molhadas antes de me enfiar no pijama. Pelo canto do olho, reparei num envelope em cima da cama com o emblema do Tommen College gravado na parte da frente.

Estendi a mão, arrebatei-o de cima da cama e abri-o.

Os meus olhos arregalaram-se quando fixei o formulário da autorização.

A minha mãe tinha-o assinado.

Com o formulário da autorização firmemente agarrado na mão, deixei-me cair na cama e dei um suspiro áspero.

Eu ia a Donegal.

Tempo emprestado

JOHNNY

Desde que tinha seis anos que passava todos os sábados num campo com uma bola de rãguebi nas mãos e sonhos muito vívidos a passarem-me à frente dos olhos.

À medida que fui crescendo, esses sábados evoluíram desde atirar umas bolas com o meu pai para jogos com os infantis, e para treinos e jogos com o meu clube, até aos treinos no Instituto Nacional de Rãguebi de Progressão Avançada, a Academia, quando fiz catorze anos.

A rotina foi mudando, os campos de jogos foram variando, mas o sonho permaneceu o mesmo. O objetivo foi *sempre* o mesmo. Jogar pelo meu país. E ser o melhor.

Este sábado foi diferente.

Porque eu estava em sarilhos. Porque tinha feito merda no treino da Academia.

Tinha mostrado a minha fraqueza e eles estavam em cima de mim.

Estava lento e distraído, a fazer asneiras à esquerda, à direita e ao centro durante toda a manhã, até o treinador arrastar o meu rabo para fora do campo e para dentro do seu gabinete. Exigiu saber o que havia de errado comigo.

O meu problema era simples.

Não conseguia movimentar-me como deve ser. O meu corpo estava a cair aos pedaços. E a minha cabeça estava encurralada numa rapariga.

A mentir com todos os dentes, consegui sair da zona de perigo e evitar mais radiografias e testes, mas, mesmo assim, fui dispensado do treino mais cedo e intimado a regressar na semana seguinte com a cabeça desanuviada.

O-que-era-improvável-como-a-porra.

Deprimido e desmoralizado, andei a guiar sem rumo durante horas,

a tentar lidar com o que se passava na minha cabeça.

Em relação ao meu corpo, não podia fazer nada, mas a minha cabeça?

Tinha de voltar a pôr a minha cabeça no jogo.

O problema é que a tinha deixado com a Shannon Lynch.

Todos os meus grandes planos de a esquecer voaram pela janela no minuto em que ela fez o seu pequeno rabo marchar até mim, na escola, na quarta-feira anterior, e exigiu *falar*. Fiquei tão perplexo, caraças, que não consegui fazer nada senão ficar ali, a olhar pasmado como um *eejit* para a minúscula rapariga que conseguia fazer tocar cada uma das minhas cordas.

Como se isso não fosse suficientemente mau, ela entrou por ali e fez explodir em milhões de bocadinhos a minha maldita cabeça ao pedir-me desculpa.

Não estava à espera disso, e não o merecia.

Eu não sou burro.

Sabia que tinha lidado mal com ela. Sabia que a minha reação fora exagerada.

Se ela me tivesse dado meio minuto para organizar as ideias, teria esclarecido tudo. Mas não deu. Em vez disso, afastou-se de mim, mais uma vez, e não tinha olhado na minha direção nem uma única vez desde essa altura.

Uma parte de mim achava que isto talvez fosse pelo melhor. Se ela me continuasse a evitar, tal como eu sabia que precisava de a evitar a ela, então, talvez conseguisse ultrapassar esta estranha fase e esquecê-la. Mas nessa altura, fui atingido no peito pelo ardor pungente de um arrependimento amargo quando ela passou perto de mim no corredor sem me lançar um olhar, o seu champô a cheirar a coco a invadir os meus sentidos como uma bola de demolição, e soube que isto não ia resultar para mim.

Não havia nada de olvidável sobre aquela rapariga, e dei por mim a gravitar em direção a ela, querendo descobri-la, e a ficar com uma frustração crescente porque ela não olhava para mim. Saber que ouviria o que quer que fosse que ela tivesse para dizer, quando quer que fosse que ela o quisesse dizer, independentemente da altura ou da inconveniência, era uma ideia assustadora.

Durante toda a semana, dei por mim a andar por ali atordado, sem ouvir uma única palavra dos que os meus professores tinham dito. Não conseguia concentrar-me na porra de coisa nenhuma, e era tudo culpa dela. Furioso comigo próprio por ser tão estúpido e deixar que uma estranha me lixasse assim a cabeça, empurrei-a para o fundo da minha mente, pus a aparelhagem do carro no máximo, e tentei fazer com que ela desaparecesse.

Quando cheguei a casa depois do treino, o Gibsie estava sentado no alpendre das traseiras à minha espera, e arrependi-me de imediato de lhe ter enviado, na noite anterior, aquela mensagem de texto de quatro páginas a reclamar contra miúdas que nos lixam a cabeça.

– Vamos para a ramboia – anunciou, no instante em que saí do carro.

– Não. – Afastei a mão dele quando cheguei à porta das traseiras, abri-a e pus-me de lado para o deixar passar. – Não vamos.

– Sim – insistiu ele, entrando em minha casa. – Podes ter a certeza de que vamos.

Segurando a porta aberta, assobiei e esperei que a minha miúda viesse a correr. Saindo a bambolear da garagem, a *Sookie* apressou-se a vir ter comigo.

– Linda menina – ronronei, encorajando-a a apressar-se antes que as outras duas cadelas reparassem.

Baixei-me, e ajudei-a a subir o degrau, e fechei rapidamente a porta.

– Não estou mesmo nessa, esta noite – expliquei, passando pela cozinha até ao corredor, com a *Sookie* colada aos meus calcanhares. – Vai tu. Eu fico por aqui.

– Não vais passar outra noite de sábado sozinho na mansão – argumentou o Gibsie, seguindo-me. – Vens comigo.

O Gibsie referia-se à minha casa como a mansão. Fazia-o desde que a maldita da nossa amizade tinha começado, no sexto ano do ensino básico, e eu tinha trazido o *eejit* a minha casa para jogar na PlayStation. Ele sabia que isso me irritava como o caraças, por isso, continuava a fazê-lo.

Era uma propriedade grande, no campo, com uma casa de oito divisões, relvados e jardins que se estendiam ao longo de alguns

hectares, todos eles cercados por um muro para que os cães da família pudessem vagar livres por ali, sem restrições.

Os anteriores proprietários geriam um centro equestre a partir dali, por isso estava cheia de estábulos e barracões sem utilização, e o único acesso à propriedade era através de um portão eletrónico na parte da frente.

A mãe falava muitas vezes de comprar um cavalo para os estábulos, mas, felizmente, o meu pai tinha-a conseguido afastar desse precipício em particular. Ela era incorrigível no que dizia respeito a animais. O problema era que ela viajava tanto, que não seria nem prático, nem justo.

Três cães era onde o meu pai tinha desenhado o limite.

Os meus pais tinham convertido uma das garagens num ginásio doméstico para exercício. Apoiavam o meu estilo de vida, e encorajavam os meus sonhos, mesmo que nem sempre concordassem com os meus métodos para os perseguir. Também tínhamos um outro anexo separado construído há vários anos, que continha um *jacuzzi* e uma sauna. Era uma boia de salvação depois dos jogos.

Os nossos vizinhos mais próximos estavam a pouco menos de quatro quilómetros ao fundo da estrada, por isso era bastante isolada, e a casa estava virada a sul, o que significava que estava constantemente a receber sol. Embora sentisse falta do barulho e da azáfama de Dublin, e tenha passado uns bons três anos a tentar adaptar-me ao silêncio, não podia negar que o sítio onde vivia agora era a porra de um sítio maravilhoso.

Não era uma mansão, apenas um sítio bonito para se viver.

– Vá lá, Johnny – suplicou o Gibsie. – Há semanas que estás com uma disposição horrível.

– Pergunto-me porquê – resmoneei. – Ouve, pá, sei que estás bem-intencionado. – parei para ranger os dentes quando uma dor nervosa disparou pela minha perna. – Mas não vou sair esta noite.

– Por causa da Bella? – perguntou o Gibsie, apoiando-se no corrimão. – Ou por causa da Shannon?

– Por causa de mim – repliquei, eriçado. – Porque estou morto de cansaço.

Obrigando-me a não coxear, fui até às escadas, inspirei

profundamente, e forcei as minhas pernas a obedecerem e a não me deixarem mal.

Como tinham feito horas antes.

– Estás a coxear, Johnny. – Observou o Gibsie num tom tranquilo, enquanto me seguia até ao seu quarto.

– Fala em voz baixa, porra – silvei, abrindo a porta do meu quarto.
– A minha mãe está no escritório.

– Bem, mas estás – rebateu, num tom estranhamente sério. – Sentes-te bem?

– Caí no treino – interrompi-me, para pôr a *Sookie* na minha cama.
– Nada que uma noite de sono não cure.

– Tens a certeza de que é só isso? – perguntou o Gibsie, afundando-se num dos pufes junto à televisão, o *seu* pufe. – Se não queres que a tua mãe saiba, posso levar-te ao hospital para verem isso...

– Estou *ótimo*. – Fui até ao pufe ao pé do dele, afundei-me ao seu lado e silvei quando uma dor aguda subiu pela minha pélvis. – Absolutamente ótimo.

O Gibsie abanou a cabeça e agarrou o comando, felizmente a guardar para si os seus pensamentos, por uma vez. A olhar para a televisão, surfou pelos canais.

– O que é que queres ver?

– Podes ir embora – disse-lhe, esticando as pernas à minha frente. – Não quero reter-te.

– Não – levantou-se, foi até à PS2 e ligou-a, antes de voltar a sentar-se ao meu lado. – Estava apenas a tentar tirar-te de casa.

– Obrigado – murmurei, aceitando o comando que ele estava a dar-me. – Mas esta noite não.

– Vais conseguir entrar para aquela equipa, Johnny – disse ele, enquanto instalava um jogo do *FIFA 05*. – Sabes isso, não sabes?

Exalei com força, obriguei o pânico que ameaçava engolir-me a recuar, e concentrei-me no ecrã à minha frente.

– Vais conseguir – reforçou ele, tranquilamente.

– Espero que sim – respondi-lhe, focando-me demasiado no comando, na minha mão. – Espero mesmo que sim, porra, Gibs.

De outra forma, iria enlouquecer.

– Queres embebedar-te? – sugeriu então ele. – Aqui... com o *whisky*

do teu pai e sem ninguém a perseguir-te ou a atormentar-te?

Pensei no assunto por um instante e suspirei pesadamente.

– Sim, pá – repliquei, assentindo com a cabeça. – Quero mesmo, porra.

A ex, e não, obrigado

JOHNNY

Voltei a vê-la hoje.

Passámos um pelo outro no corredor não menos do que cinco vezes e de cada uma dessas vezes, ela baixou a cabeça e passou por mim sem sequer me lançar um olhar de esguelha.

Isto não era novo, claro. A Shannon andava a tratar-me há mais de uma semana como se eu fosse invisível.

Há nove dias, para ser exato.

Ser ignorado não me assentava bem. Era território pouco familiar para mim, e estava a perceber rapidamente que não gostava nem um bocadinho. Sobretudo, quando a pessoa que me ignorava era exatamente a mesma que atormentava todos os meus pensamentos acordado. E os meus sonhos, também.

É verdade. Eu andava, na verdade, a ter a porra de uns sonhos com a rapariga agora. Quão marado era isso?

A noite passada, por exemplo, tinha sonhado que a Shannon estava a ver-me jogar. Só que, em vez de estarmos no campo de jogos da escola, estávamos no Aviva Stadium, em Dublin. E em vez de usar o branco e preto do Tommen, eu estava a usar verde e branco.

A Shannon vestia uma camisola da seleção irlandesa a condizer, com o meu nome e número nas costas, e apoiava-me aos gritos, nas bancadas.

Atiraram-me a bola, mas quando a apanhei, a Shannon começou a chorar. A sério, a sua cara estava contorcida de dor, e ela apontava para mim. Foi quando a coisa se tornou verdadeiramente perturbadora, porque quando olhei para baixo, as minhas pernas tinham desaparecido.

No seu lugar, estavam dois tocos.

Então, comecei a encolher, murchando como aquele tipo assustador nos livros do Harry Potter. A cara desesperada da Shannon

foi a última coisa que vi antes de acordar, num rompante.

Tinha sido a porra de um sonho horrendo.

Acordei numa poça de suor e passei uns bons cinco minutos a dar pancadinhas nas minhas pernas para garantir à minha mente em pânico que ainda estavam lá. Não conseguia afastar a sensação de que o sonho fora um sinal de aviso. Do quê, não tinha a menor ideia, mas tinha esta horrível sensação de pânico na boca do estômago que não se ia embora.

Essa sensação assombrou-me o dia inteiro. Não parecia conseguir afastá-la.

Não consegui *afastá-la*.

Nada disto fazia o menor sentido para mim e não tinha a mais pequena pista da razão pela qual era ela a pessoa com quem eu queria ir ter.

Não o Gibbs. Não a minha mãe. Não os meus treinadores.

Já estava a passar-me como a porra dentro da minha cabeça, preocupado de morte com a época de verão, e era numa rapariga que mal conhecia, com uns olhos azuis que deixavam ver a alma, que queria confiar. Porque alguma coisa me dizia que podia. Porque bem lá no fundo de mim, sentia que ela *me conhecia*.

Como se pudesse salvar-me?

Credo, eu estava a perder a porra da cabeça...

Depois de uma última aula desastrosa, na sexta-feira, na qual não retive nem um pinga da matéria sobre a qual o professor tinha estado a tagarelar, estava a sair do edifício principal na direção do átrio de Desporto para pôr as coisas em dia com o treinador, quando ouvi uma voz familiar a chamar-me. Por um breve instante, pensei fingir que não a tinha ouvido e sair porta fora, mas nessa altura ela agarrou-me a mão e puxou-me para trás, e as boas maneiras ganharam.

Inspirei com força, e recordei-me mentalmente da necessidade de *ser simpático* antes de me voltar para a encarar.

– Bella – cumprimentei, com um breve aceno de cabeça.

Estava tão bem arranjada como sempre, com o cabelo negro cortado e completamente maquilhada. Era alta e curvilínea, e enchia o seu uniforme da escola nos sítios certos.

Felizmente, isso não me afetava nada.

– Ei, Johnny – replicou a Bella com um sorriso imenso. Apesar do seu quase metro e oitenta, ela continuava a ter de levantar a cabeça para me olhar. – Como estás?

As palavras *como se te importasses uma porra* afloraram-me à língua, mas controlei a minha impaciência, e em vez disso perguntei:

– Como vais?

– Oh, sabes, o costume – respondeu, pondo o cabelo negro atrás das orelhas.

Na verdade, eu *não* sabia.

Não sabia nada sobre ela, e ela sabia ainda menos sobre mim.

Nós não falávamos.

Nós fodíamos.

E isso foi uma decisão dela mais do que tinha sido minha.

– Estava a sair do gabinete e vi-te aqui fora – explicou, passando um polegar pelo meu pulso. – Por isso, pensei vir dizer um olá.

Libertei a minha mão da dela, enfiei as mãos nos bolsos e balancei para trás nos calcanhares.

– Olá.

– Parece que não falamos há tanto tempo – disse ela.

Olhei-a.

– Falámos há umas semanas.

Quando estavas a tentar impor-te a mim. E não esqueçamos o milhão de malditas mensagens de texto e de voz que me deixaste.

– Falámos?

Semicerrei os olhos.

– Sim, Bella, falámos.

– Oh, Deus – Deu uma risadinha, agindo como se fosse tímida. – Eu estava completamente perdida nessa noite – acrescentou. Deu um passo para se aproximar mais. – Decididamente, não me lembro de te ver nessa noite.

Recuei um passo.

– Pois, mas viste.

Não estava a comprar a treta desta conveniente falha de memória. Ela tinha jogado essa cartada demasiadas vezes comigo.

– De qualquer modo, não era a isso que me referia. – Pôs uma madeixa de cabelo atrás da orelha e sorriu-me. – Estava a referir-me à

última vez em que nos *encontrámos*. Deve ter sido antes do Natal, certo?

Mais antes do Halloween, pensei para comigo, mas estava ansioso para sair dali, por isso, não refutei as suas datas. Em vez disso, assenti, e disse:

– Sim, deve ter sido isso. – Enquanto desejava saber a etiqueta apropriada para usar quando se lidava com raparigas vingativas com as quais se tinha sido suficientemente louco para lhes enfiar a pila.

– Então – disse ela, num tom suspirado. – Como é que tens passado?

– Já me perguntaste isso – respondi calmamente, tentando disfarçar a minha impaciência com esta tagarelice sem sentido. – Estou *ótimo*.

– Ah, pois, bem, também estou ótima – replicou a Bella, deixando sair um suspiro sonoro. – Quero dizer, acho que ando um bocado aborrecida.

Pois, bem, eu também estava aborrecido. Com esta conversa.

– Sabes como é – disse ela, pela segunda vez, e pela segunda vez fiquei a olhá-la com uma expressão vazia.

Nope. Não tinha a menor ideia de que porra é que ela estava a falar.

– Oh, meu Deus! – guinchou, agarrando mais uma vez a minha mão. – Esqueci-me completamente de perguntar. Como é que está a tua perna?

A Bella não sabia os pormenores da minha cirurgia, apenas que tinha sido operado no Natal.

Quando lhe disse que iria ficar fora de ação durante algum tempo, a sua maior preocupação tinha sido saber quão rapidamente voltaria ao campo de jogos, se ainda poderia ou não jogar na seleção irlandesa no verão, e quando é que eu queria voltar a foder.

Além de tudo isso, não confiava nela dessa forma. Ter sexo com ela era uma coisa, mas confiar nela era outra, diferente.

– Melhor – respondi, num tom monocórdico, reclamando a minha mão.

– São notícias fantásticas, querido – disse ela, com um largo sorriso. – Tenho estado mesmo preocupada contigo.

Não, é evidente que ela não tinha estado preocupada porra nenhuma. Se em algum ponto da nossa relação, a Bella tivesse estado verdadeiramente preocupada comigo, ter-me-ia perguntado outras coisas que não «Estás pronto para nos encontrarmos?» ou «Despachate, estou excitada» no trilião de mensagens de texto que me enviara. Não me teria lixado como fizera com um dos meus companheiros de equipa.

– Aposto que sim – disse eu, de forma arrastada, a ouvir o sarcasmo na minha própria voz.

Agora percebia que em nenhuma altura do período em que eu e a Bella andámos enrolados tínhamos alguma vez tido alguma coisa remotamente séria, mas ainda me sentia traído pela questão Cormac. Aos meus olhos, era desonesto como tudo, de ambas as partes, e eu nunca teria ido para a cama com uma das amigas dela. Tinha respeito suficiente por ela para ter essa decência.

Obviamente, a Bella não tinha o mesmo nível de respeito por mim.

Olhei por cima do ombro dela na direção da porta e depois para o meu relógio, e perguntei:

– Precisas de mais alguma coisa? Tenho de falar com o treinador por causa de um jogo.

– Ah, claro – suspirou. – Vocês têm o *playoff* a aproximar-se, não é? Assenti rigidamente.

Infelizmente, como tínhamos perdido um par de jogos, no início da época, e o Royce College de Dublin tinha ganho o seu jogo, na semana anterior, isso nivelou a pontuação deles com a nossa e pôs-nos a partilhar o segundo lugar na liga, atrás do Levitt. Tinha sido uma reviravolta inesperada nos acontecimentos e era uma grande chatice, porque o Royce devia ter perdido o seu último jogo, o que nos teria facilitado a vida, tendo em consideração que a final já tinha sido organizada entre o Levitt e o Tommen.

A vitória deles lançou areia na engrenagem do Tommen, porque os do Royce eram um maldito bando de gente embaraçosa que se recusava a permitir que o *playoff* fosse disputado em Cork. Nós tínhamo-nos deslocado nos últimos três jogos, por isso agora era a nossa vez de jogar em casa, mas eles não queriam. Do mesmo modo, tinham rejeitado duas outras datas propostas para o *playoff*, uma em

Cork e outra em Dublin.

Estavam a contestar tudo, desde o horário do início do jogo ao dia da semana em que o jogo devia ter lugar, passando pela cor dos equipamentos dos visitantes. Trocar dias, antecipar os jogos e mudar os locais eram tudo direitos do Royce, mas era uma coisa desprezível de fazer e poucas escolas se tinham alguma vez comportado assim.

O treinador do Royce estava a armar-se em difícil, argumentando sobre o local do jogo e criticando e pondo em causa a justiça de a equipa do Tommen ter um jogador da seleção. O Tommen era a minha escola e o treinador estava no direito dele de me querer a jogar. Mas eu teria sido o jogador da seleção no Royce se os meus pais tivessem ficado em Dublin e essa era a verdadeira questão aqui.

Por causa disto, o treinador queria falar urgentemente. Ele queria examinar o meu horário porque precisava de acordar uma data. Íamos entrar em férias da Páscoa na próxima sexta-feira, por isso isto precisava de acontecer mais cedo do que mais tarde.

Eu tinha de me concentrar na época de verão e tinha de impressionar os recrutadores, portanto não poderia em abril ou maio. O treinador do Royce também sabia disto e era por isso que estávamos num impasse.

Eu podia achar a liga escolar aborrecida e pouco desafiadora, mas odiava como a merda perdedores ressabiados. Com isso em mente, planeava enterrar o Royce College à primeira oportunidade.

– Quando é que vão jogar contra eles? – perguntou a Bella.

– Logo que possível.

– Vais estar a jogar contra os teus antigos amigos e companheiros de equipa, não vais? – quis ela saber. – Devias ter ido para o Royce, não era?

– Estou aqui agora, não estou? – repliquei, em voz arrastada.

– Preocupa-te ires jogar contra os teus antigos amigos?

Sim.

– Não.

– Então, estás pronto para o jogo?

Olhei-a com uma expressão vazia.

– Estou sempre pronto.

– Eu sei que estás – ronronou ela, com um tom namoradeiro.

Ugh.

Abanei a cabeça, e virei-me para me ir embora, mas ela voltou a falar.

– Também queria falar-te de outra coisa – acrescentou, dando um passo para se aproximar mais.

– Ah? – Recuei um passo. – Sobre o quê?

– Nós, Johnny – ronronou, pestanejando com os seus grandes olhos azuis para cima de mim.

– Não há nenhum nós, Bella – repliquei, franzindo a testa. – Nem nunca houve.

– Então que merda andámos a fazer durante o último ano, Johnny? – cuspiu ela, deixando cair a máscara de menina da escola inocente.

Aquilo tinha sido fixe. De qualquer modo, eu sabia o que estava subjacente. Ela não precisava de fazer um espetáculo à minha frente.

Eu conhecia bem as suas verdadeiras cores.

– Não sei, Bella – respondi, num tom monocórdico. – Mas o que quer que tenha sido, ficou no passado.

– Estás a gozar comigo?! – perguntou, com as mãos nas ancas. – Estou a tentar resolver as coisas entre nós.

Ela estava a gozar comigo?!

– Tu acabaste tudo – disse eu, impassível. – Andas a *foder* o meu companheiro de equipa, Bella. Tu própria me disseste. – Com grandes pormenores, numa mensagem de texto. – Foste com ele ao Biddies. Mesmo à minha frente. Sentas-te com ele ao almoço. No que me diz respeito, não há nada para resolver entre nós.

– Não é nada a sério.

– Não quero saber.

– Pensei que nós estávamos a fazer um intervalo.

– E estamos – confirmei. – Um permanente.

– Não tenho de estar com ele – disse ela, batendo-me as suas longas pestanas. – Podemos resolver as coisas?

– Não, obrigado – respondi, num tom monocórdico.

– Vá lá, Johnny – gemeu ela. – Passámos um bom tempo juntos.

– Pois passámos – concordei. – Metade do qual tu andaste a foder nas minhas costas com a porra do meu asa!

Ela ficou de boca aberta.

– Do que é que estás a falar?

– Cormac.

– Estou com ele *agora* – resfolegou ela. – Não *nessa altura*.

– Não te incomodes a mentir – disse-lhe. – Já sabia que davas umas voltas com ele quando estavas comigo.

– Isso é mentira – rebateu. – Quem te contou isso?

– Toda a gente sabe, Bella – repliquei, com um suspiro cansado. – Eu já o sabia há algum tempo.

Apenas optei por bloquear a coisa...

– E não é que tenhas sido muito discreta – decidi dizer-lhe, porque, muito francamente, queria fazê-lo.

– Bem, eu não era tua namorada, Johnny. Nunca tivemos exclusividade – disse ela, a defender o seu comportamento. – E *tu* riscaste-me completamente do mapa. Nunca querias vir ter comigo ou foder.

– Porque estava a recuperar de uma *cirurgia!* – exclamei.

– Durante meses? – perguntou, em tom acusatório. – Claro, certo, Johnny.

– Estava mesmo – insisti.

Ainda estou.

– E antes disso? – questionou. – E as outras seis longas semanas *antes* da tua cirurgia quando te recusavas a foder comigo? Quando me *ignoravas*? Qual é a tua desculpa para isso?

– Não te estava a ignorar.

– Estavas, sim!

– Não, porra, não estava. Eu só não conseguia... – fechei a boca, abanei a cabeça e obriguei-me a ter tento na língua.

Não discutas com raparigas, lembrei-me a mim próprio. Nunca ganharás. Elas vão retorcer as tuas palavras.

– Não me estavas a dar o que eu queria – continuou ela a atormentar-me com o seu discurso. – Não me estavas a dar atenção suficiente! Todas aquelas cerimónias de entregas de prémios e bailes em Dublin, e nunca, *nem uma vez*, me convidaste para ir contigo – sibilou. – Nunca me quiseste lá.

– Porque nunca foste minha namorada – rebati, devolvendo-lhe o que dissera anteriormente.

– Porque nunca me *pediste* para ser tua namorada, Johnny! – gritou.

– Pois não, Bella, porque tu nunca *me* quiseste – repliquei. – Tu só querias a parte brilhante da minha vida. A fama. Nunca estiveste interessada na parte verdadeira. No verdadeiro eu.

– Isso não é verdade! – argumentou.

– Porque é que não o dizes diretamente, Bella? – silvei, a perder o controlo. – Fodeste com o Ryan porque achaste que eu não ia voltar a ficar em forma. Viste que estava fora devido a uma lesão e pensaste que não ia conseguir a regressar a tempo da época de verão, por isso foste atrás da segunda melhor coisa, só para garantires que te safavas.

Ela corou.

Eu *sabia!*

– Pede-me agora – instigou, cobrindo a distância entre nós. – Pede-me para fazer todas essas coisas e eu farei.

– *Não quero* pedir-te – disse, desenganchando os braços dela do meu pescoço.

– Johnny, vá lá – disse ela, com uma voz tensa. – Fui com o Cormac porque queria vingar-me, magoando-te.

– Vingares-te?! – Recuei. – De quê, exatamente? De ter ficado lesionado? De estar confinado durante semanas enquanto tu andavas a rebolar com o meu amigo, nas minhas costas? De te ter feito perder as oportunidades de ires à porra das festas e dos jantares elegantes? – Abanei a cabeça e rosnei, arrependendo-me com todas as fibras do meu ser de alguma vez lhe ter tocado. – Deus, sou um sacana horrroso e sem consideração por ninguém.

– Por me ignorares – sibilou ela, com as faces a ficarem vermelhas. – Por me usares.

– *Eu, usar-te?! –* espantei-me. – Pois, foi mesmo isso que aconteceu.

– Foi o que me fizeste sentir, Johnny!

– Então, lamento muito! – atirei-lhe, esforçando-me para ter paciência enquanto estava no olho da tempestade de merda induzida por esta rapariga.

– Terias de ter sentimentos para lamentar, Johnny – retorquiu. – E tu não tens coração!

Mantém a cabeça fria. Leva isto na desportiva. E depois afasta-te dela,

porra.

Inspirei profundamente para me acalmar, e depois expirei lentamente e disse:

– Bella, lamento muito se em alguma altura te fiz sentir ignorada ou usada. Nunca tive essa intenção. Peço sinceramente desculpas pela minha falta de coração e de sentimentos, e só te desejo o melhor nos teus futuros envolvimento com o meu companheiro de equipa. Agora, se não te importas, estou cansado de andar aqui em círculos contigo, e tenho realmente coisas para resolver.

Movimentei-me em direção à porta, mas ela agarrou a minha mão outra vez, puxando-me.

– Espera... Estás com outra pessoa? – quis saber, apertando-me a mão. – É esse o teu problema? – Os seus olhos arregalaram-se. – Oh, meu Deus! – exclamou. – *Estás, não estás?*

Porra. Em que é que estava a pensar quando me envolvi com esta rapariga?

– Não, Bella, *não estou* com outra pessoa. – Libertei a minha mão, sacudi a cabeça e suspirei, frustrado. – Mas também não estou contigo. E não voltarei a estar contigo.

– Ouvi rumores, Johnny! – pressionou a Bella, ignorando o que lhe dissera. – Sobre ti e a rapariga nova do nono ano. Ouvi dizer que batestes no Ronan McGarry por causa dela. E vi a tua fotografia com ela no jornal.

– Isso não é da tua conta – retorqui, irritado, rangendo os dentes numa tentativa de controlar o meu mau génio.

– Vá lá, Johnny – desafiou. – Nunca tiraste nenhuma fotografia comigo para os meios de comunicação social e eu sou a rapariga com quem já estiveste mais tempo. Qual é a história com ela?

– Não é da tua maldita conta! – irritei-me, a perder completamente a paciência. – Caramba.

– Porque é que lutaste com o McGarry por causa dela? – perguntou. – Porque é que o Cormac me contou que avisaste toda a equipa a respeito dela?

– Não vou continuar esta conversa contigo – avisei-a, a abanar a cabeça. – Acabou-se.

– Para de fugir à pergunta, Johnny – disse ela. – Se estás com outra

rapariga, então tenho o direito de saber.

– Já te dei a porra de uma resposta – atirei-lhe, farto desta merda.

– Tu é que pareces não conseguir *ouvir*.

– Estás a mentir! Posso vê-lo nos teus olhos! – gritou ela, suficientemente alto para acordar os mortos. – Está escrito na tua cara toda, Johnny. Tens alguma coisa com essa rapariga.

– Tens de te controlar – disse-lhe, num tom carregado de desgosto.

– Isto é patético.

– Muito bem – respondeu, parecendo absolutamente enraivecida. – Se tu não me contas, vou perguntar-lhe a ela. – Com um sorrisinho sinistro, acrescentou: – Shannon... é o nome certo?

Pois, que se vá lixar.

– Vais manter-te afastada dela – sussurrei, consciente de que podíamos ser ouvidos no gabinete do diretor.

A Dee não me causaria nenhum problema, mas não queria imaginar quais seriam as minhas probabilidades se o Mr. Twomey sáísse e visse que eu estava a ter problemas com *outra* rapariga.

– O que quer que seja que se passou entre nós os dois, não tem *nada* a ver com a Shannon.

– Qual é o teu problema? – provocou-me, a carregar em cada um dos meus botões. – Com medo de que eu descubra alguma coisa que não queiras que eu saiba?

– Estou a falar a sério, Bella – rosnei, sentindo uma onda de raiva a subir por mim acima. – Não estou a brincar. Mantém-te longe dela.

– Bem – ela pareceu ponderar, os olhos a estreitarem-se. – Olhem quem está agora a mostrar emoções.

Ela estava absolutamente certa. Eu estava a mostrar emoções. Porque *me importava*. Importava-me muito mais com uma rapariga que mal conhecia do que alguma vez me importara com a Bella.

Era retorcido e confuso, e completamente lixado, mas era verdade.

Em vez de admitir este terrível novo desenvolvimento, disse:

– Deixa. A. Em. Paz.

E depois fiz o que deveria ter feito mal a vi. Afastei-me da Bella Wilkinson.

– Vou fazer com que te arrependas de te afastares de mim – ameaçou, atrás de mim.

– Acredita, já estou arrependido – repliquei. – Arrependido de alguma vez me ter sequer aproximado, em primeiro lugar.

Furioso, afastei-me com brusquidão da rapariga que parecia determinada a tornar a minha vida um inferno.

Cheio de arrependimentos amargos e de uma fúria ardente, dei a volta à esquina do edifício principal, sentindo que estava a dois segundos de partir alguma coisa. Infelizmente para mim, essa alguma coisa acabou por ser uma rapariga.

Shannon.

Vou levar-te a casa

SHANNON

Sabia sempre quando havia uma tempestade a formar-se em casa. Podia sempre senti-la. Era como uma espécie de sexto sentido, que me avisava e alertava o meu corpo para o perigo e para a dor.

Durante todo o dia de sexta-feira, na escola, tive uma desesperada sensação de pânico na boca do estômago. Não conseguia desalojá-la com respirações profundas ou exercícios para me tranquilizar, e era tão grave, tão potente e tão óbvia que estava mesmo com medo de ir para casa. As peripécias da noite de quarta-feira não ajudaram em nada.

Os meus pais passaram essa noite a gritarem tão alto um com o outro que a Gardaí tinha aparecido à porta depois de ter recebido uma chamada anónima sobre perturbações na paz.

A minha paz.

Porque fui eu que fiz a chamada. Porque estava com medo de que ele a magoasse.

Furiosa ou não com a minha mãe, não podia suportar a ideia *dele* a bater-lhe, lá em baixo, enquanto eu me escondia no meu quarto como a cobarde que era.

O Joey tinha ficado mais uma vez em casa da Aoife, e eu não era nem de longe tão grande ou tão corajosa para salvar a minha mãe.

Felizmente, o meu pai não lhe tinha tocado com um dedo, e depois de ter convencido os Gards de que a sua mulher estava a ter um chique relacionado com a gravidez, saiu para a noite. Claro, havia regressado ontem de manhã com um ramo de flores e a promessa de nunca mais fazer o que raio fosse que lhe tinha feito desta vez.

Funcionou.

Ela abraçou-o e beijou-o, e tenho quase a certeza de que se não estivesse já grávida, teria ficado agora, depois de passar a manhã trancada no quarto com ele.

Odiava-a. Às vezes, mais do que o odiava a ele.

Ontem fora uma dessas vezes.

Quando voltei à escola, na sexta-feira de manhã, estava com um pescoço dorido e uma grave falta de esperança.

Ah, pois, porque apesar de o pai e a mãe estarem todos apaixonados outra vez, eu continuava a ser o alvo preferido dele. Aparentemente, ainda não tinha esquecido aquela fotografia minha com o Johnny. Uma coisa de que fui recordada na noite anterior, quando, de forma tola, fiz um *raid* à cozinha em busca de comida, e acabei envolvida no seu acesso de raiva provocado pelo *whisky*. Ele acrescentou novas nódoas negras às antigas, e passei uma boa parte da noite a contemplar as piores ideias possíveis.

Na altura em que acabou a última aula do dia, o meu corpo estava tão rigidamente enrolado de tensão que mal conseguia fazer com os meus pés andassem em linha reta desde o edifício de Ciências até ao edifício principal, onde precisava de ir. Sabia que precisava de regressar a casa, e essa ideia incapacitava-me.

Não queria que o fim de semana chegasse, e agora aí estava ele, escancarado na minha cara.

Era uma perspetiva aterrorizante.

A dor horrível e incómoda que estivera no meu estômago durante todo o dia, estava agora a passar para o insuportável. A minha mente estava tão sobrecarregada, a percorrer lista atrás de lista de todos os potenciais problemas que podia enfrentar quando passasse pela porta de casa, que não estava a prestar atenção à chuva que me chicoteava, ou aos alunos que passavam a zunir por mim.

Não estava a prestar atenção a nada.

Porque eu *sabia*. Sabia, bem no fundo do meu coração e da minha alma, que o perigo se aproximava. Não sabia onde, ou quando, ou como é que se ia desenrolar.

Mas *sabia* que estava a aproximar-se.

No entanto, o perigo que estava a prever chegou prematuramente quando dei a volta à esquina do edifício principal e colidi com um sólido peito másculo.

Estava tão pouco preparada para o contacto, fui apanhada tão completamente desprevenida por estar mergulhada nos meus

pensamentos, que não tive tempo para me estabilizar ou evitar a minha queda. Desmoronei-me como um baralho de cartas, não era para a pessoa com quem tinha chocado, e dei com o rabo no chão frio e molhado.

– Oh, merda. Peço as maiores desculpas – disse uma voz profunda e familiar acima de mim.

Não precisei de olhar para cima para saber em quem é que tinha chocado.

Reconheceria a sua voz em qualquer sítio.

– Shannon, estás bem? – perguntou o Johnny, deixando a mochila cair no chão e baixando-se para me ajudar a levantar.

– Estou bem – murmurei, afastando a mão dele.

Não precisava que ele me tocasse.

Já estava demasiado afetada por ele.

Mantive os olhos fixos no chão de cimento, e apoiei-me nas mãos e nos joelhos para me pôr de pé.

– Desculpa-me – continuou ele a dizer.

– Está tudo bem – sussurrei, alisando a minha saia para baixo. – Estou bem.

– Estás?

Assenti, mas continuei a olhar para baixo. Não conseguia encará-lo. Não queria que ele me visse.

Não assim.

– Shannon?

– Preciso de ir – disse, e depois contornei-o e movi-me em direção ao edifício principal.

Com a cabeça para baixo, apressei-me a entrar no edifício principal, e dirigi-me à zona dos cacifos do nono ano.

Respira.

Para com o pânico.

Limita-te a respirar.

Quando cheguei à zona dos cacifos, que felizmente estava vazia, deixei a mochila cair-me dos ombros e encostei a testa ao metal frio e duro, fazendo inspirações ásperas e audíveis.

A tremer, apoiei os antebraços no cacifo e agarrei a cabeça, tentando desesperadamente controlar este terror ridículo que

ameaçava possuir-me e impedir o meu corpo de entrar em modo vomitar.

As pernas tremiam-me tanto que sabia que não chegaria a tempo à casa de banho, por isso, a minha única esperança era conseguir acalmar-me antes de vomitar. Demasiado tarde, pensei, quando as minhas pernas cederam.

Caí sobre as mãos e os joelhos, e o meu estômago esvaziou-se ali mesmo, no meio do chão da escola. Não tinha muita coisa no estômago, para que conste, geralmente não tenho, mas a água e a meia barra de chocolate que tinha comido ao almoço fizeram uma reaparição em toda a sua esplêndida glória.

Aos meus ouvidos chegou o som de passos no corredor, e gemi, sabendo que nem num milhão de anos conseguiria alguma vez superar esta vergonha.

Instantes mais tarde, senti uma mão nas minhas costas e alguém se ajoelhou ao meu lado e me afastou o cabelo da cara.

– Está tudo bem – a voz do Johnny soou aos meus ouvidos, ao mesmo tempo que ele desenhava círculos suaves nas minha coluna com a sua mão enorme. – Shh, está tudo bem.

Oh, Deus, não.

Porque é que ele estava a fazer aquilo? Porque é que me seguiu?

Era suposto ele não falar comigo.

Era esse o plano.

Estive ali a vomitar em seco por uns bons dois minutos antes de o meu estômago finalmente acalmar, e durante todo esse tempo, ele esteve ajoelhado ao meu lado, a afastar-me o cabelo do vómito e a esfregar-me as costas.

– Já estás bem? – perguntou o Johnny, ao ver que eu respirava outra vez, e deixara de ter o olhar fixo no chão.

Assenti debilmente, e depois senti que a sua mão continuava nas minhas costas. Encolhi-me por instinto.

– O que é isto? – ouvi-o perguntar pouco antes de os seus dedos passarem ao de leve pelo meu pescoço, mesmo abaixo do colarinho da minha camisa da escola. – Tens nódoas negras no pescoço.

O pânico atravessou-me o coração e senti-o afastar mais cabelo para o lado e tocar de novo o meu pescoço.

– Shannon? – repetiu o Johnny. – Como é que fizeste isto?

– É antiga – disse, ainda a tentar conseguir respirar.

– Não parece antiga – replicou, tocando no meu pescoço.

– Bem, mas é – respondi, com a voz tensa.

Felizmente, ele aceitou e afastou-se de mim.

Fraca e mortificada, permaneci exatamente onde estava, sobre as mãos e os joelhos, de olhar fixo no chão, enquanto era percorrida por uma onda de humilhação.

– Shannon? – disse ele, num tom gentil, com a mão de novo nas minhas costas. – Estás bem?

Assenti debilmente, ergui-me sobre os joelhos, com as mãos no colo, com o olhar voltado para o chão.

– Espera aqui, está bem? – ordenou o Johnny enquanto se punha de pé. – Vou buscar a auxiliar.

– Não, não – supliquei, mortificada e com a voz tensa. – Eu limpo isto.

– Não, não limpas – disse ele. – Está tudo bem. Espera por mim aqui e eu volto num instante.

Assim que ouvi os seus passos a afastarem-se, pus-me de pé desajeitadamente, agarrei na minha mochila e dirigi-me rapidamente à casa de banho mais próxima nesta ala da escola.

Apressei-me a entrar, fui direita ao lavatório, abri o fecho do bolso da frente da mochila, e retirei a escova e a pasta de dentes de viagem que trazia sempre religiosamente comigo.

Eu era uma pessoa ansiosa e a minha ansiedade causava-me má disposição. Acontecia nos sítios mais inapropriados e mais inconvenientes, geralmente na escola, como hoje, por isso, andava sempre preparada.

A tremer da cabeça aos pés, e com as lágrimas a arderem-me nos olhos, lavi rapidamente os dentes, quase vomitando quando a escova de dentes tocou na minha garganta. Quando acabei de limpar a boca, lavi a escova de dentes e enfiei-a na bolsinha, juntamente com a pasta, e depois pu-la na mochila.

Tu estás bem, disse a mim própria mentalmente, enquanto lavava as mãos e atirava água para a cara. *Vai ficar tudo bem.*

Mas eu sabia que não estava. Por mais que tentasse mentir a mim

própria, nada estava bem no que se referia à minha vida.

A fungar, fixei as alças da mochila às costas, empurrei a porta de um dos cubículos das sanitas e peguei num frasco de desinfetante guardado discretamente atrás do autoclismo.

Voltei ao lavatório, puxei uma dúzia de toalhas de papel do dispensador e regressei ao local do crime. Mas tinha desaparecido. Apagado pela auxiliar que caminhava pelo corredor com um balde e uma esfregona refazendo o caminho que ele percorrera.

– Disse-te para esperares por mim – ouvi uma voz familiar muito próxima.

Voltei-me e vi o Johnny apoiado nos cacifos.

– Tive de ir lavar os dentes – disse eu, abruptamente, fungando.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Na escola?

– Acontece muito – respondi, com a voz tensa.

Franziu o sobrolho, a observar-me com aqueles olhos azuis intensos.

– Sentes-te melhor, agora?

Assenti, mortificada.

– Estou bem.

– Ótimo. – Desencostando-se dos cacifos, o Johnny aproximou-se do sítio onde eu estava, e tirou-me das mãos o desinfetante e as toalhas de papel.

Confusa, observei-o a abrir a porta da casa de banho das raparigas e atirar lá para dentro o desinfetante e as toalhas de papel.

– Vou levar-te a casa agora – anunciou, fazendo a mochila deslizar-me das costas e pendurando-a no seu ombro.

Os meus olhos arregalaram-se.

– Não, não, não tens de...

– Vou *levar-te* a casa – repetiu, com os olhos azuis fixos nos meus. – Vamos embora.

– Porquê? – perguntei, com a voz áspera.

O Johnny franziu a testa.

– Porquê o quê?

– Porque é que estás a ajudar-me?

Olhou-me por bastante tempo antes de dar um grande suspiro.

– Porque quero.

– Queres?

Assentiu.

– Tens casaco?

– Casaco? – repeti, em voz rouca, sentindo-me impotente ao olhar para este rapaz lindo.

– Sim, está a chover a potes lá fora.

– Eu... hã... – Encostei a mão à testa, esforçando-me por reunir as ideias. – Está no cabide dos casacos – consegui, finalmente, dizer. – No edifício de Ciências.

Com os olhos arregalados, observei o Johnny a abrir o casaco que trazia vestido e a pô-lo sobre os meus ombros.

– Vamos – disse ele, num tom persuasivo, pondo um braço à volta dos meus ombros, puxando-me para o seu lado, e conduzindo-me para fora da escola. – Eu tomo conta de ti.

Problemas

JOHNNY

Magoei, sem querer, a Shannon Lynch.

Outra vez.

Atirei-a para o chão, na escola.

Outra vez.

E depois ela foi-se embora e quase me provocou um ataque de coração. Palavra de honra, nunca tinha sentido um medo igual ao que senti quando a vi caída no chão, próximo do cacifo dela.

Sabia que era má ideia segui-la de volta à escola, mas precisava de verificar se estava tudo bem com ela. Para ser franco, tinha medo de que a Bella a intercesse.

Encontrá-la no chão daquela forma foi para lá de aterrorizador.

O coração colou-se-me, literalmente, ao peito, quando a vi, e só consegui respirar de alívio quando cheguei ao pé dela e percebi que estava bem. Estava mortificada, mas estava bem.

Não me importava com vômitos. Toda a gente vomitava. Até as raparigas.

Ao que parecia, *esta* rapariga vomitava imenso.

Lembrava-me exatamente do que estava escrito no seu ficheiro.

Ela vomitava *imenso*.

Isso preocupava-me. Mais do que deveria.

O que me preocupava mais, era porque é que isto acontecia. A Shannon, claramente, vomitava devido à ansiedade. Era tal e qual como estava escrito no seu ficheiro escolar. Caramba, ela trazia uma escova de dentes para a escola.

Eu estava a arder com a minha própria forma de ansiedade, com a necessidade de saber o que é que a tinha perturbado. Mas não queria abusar da sorte, ou piorar a situação, por isso mantive a boca fechada.

Pô-la no meu carro não foi, provavelmente, a minha melhor ideia, dado o facto de ela parecer não querer voltar a falar comigo, mas não

ia deixá-la aqui para apanhar um autocarro da treta.

Ela não me disse uma única palavra durante todo o caminho para casa. Excetuando pedir desculpa a porra de um milhão de vezes por uma coisa que, obviamente, ela não conseguia controlar.

Não sabia o que dizer ou o que fazer para a pôr à vontade. Estive sempre a dizer-lhe que estava tudo bem, mas ela não me ouvia. Era como se estivesse presa na sua própria cabeça, a preocupar-se de morte com alguma coisa que eu não podia ver.

Sentia-me impotente. Queria ajudá-la, mas era uma coisa impossível de fazer quando não percebia com o que ela estava a lidar.

– Desculpa – disse-me a Shannon quando a deixei ao pé de casa, depois de ter passado uns bons cinco minutos a tentar persuadi-la a contar-me qual era o seu problema. – Estou mesmo muito...

– Não tens nada de que pedir desculpa – respondi-lhe, antes de desligar o carro e voltar a olhar para ela.

Raios, o que é que se passava? Alguém lhe andava a fazer mal na escola?

Ela parecia *aterrorizada*.

– Johnny, eu, hã... – as palavras desvaneciam-se à medida que o seu olhar se desviava rapidamente para a pequena casa geminada no fim da rua, e depois se voltava para mim. – Por favor, não contes – disse ela, finalmente, numa voz sumida, os olhos grandes e cheios de lágrimas não derramadas.

Franzi a testa, sentindo o coração acelerar.

– Contar o quê, Shannon?

Pôs o cabelo atrás das orelhas e disse, com uma respiração trémula.

– O que eu fiz na escola.

As minhas mãos tremeram no volante enquanto lutava contra a necessidade de a pôr no meu colo e a abraçar.

– Não vou contar nada a ninguém – disse eu, no tom mais gentil que consegui convocar.

– Prometes? – murmurou.

Assenti.

– Prometo.

A Shannon fez uma respiração irregular.

– Desculpa... eu só... acontece quando estou com medo.

O meu sangue gelou.

– De que é que tens medo, Shannon? – surpreendi-me a mim próprio por soar tão calmo quando estava a dois segundos de perder a cabeça ali mesmo, no carro. – Aconteceu alguma coisa?

– Aconteceu...? – sussurrou, mordendo o lábio inferior.

– Na escola? – assenti vagarosamente com a cabeça. – Alguém te anda a incomodar?

Ela fechou os olhos e mordeu o lábio ainda com mais força, com tanta força que estendi a mão e o retirei de entre os seus dentes.

– Não faças isso – pedi.

Abriu os olhos de repente.

– Hã...?

– Estás a magoar-te – disse-lhe, retirando a mão, apesar de ser a última coisa que me apetecia fazer.

– Desculpa – sussurrou.

– Não precisas de pedir desculpa – repliquei, num tom áspero.

A Shannon baixou o olhar para as suas mãos entrelaçadas, e depois de um silêncio dolorosamente longo, assentiu para si própria.

– É melhor entrar agora – disse ela, finalmente, a voz sumida. – Obrigada pela boleia.

Fiquei a observar enquanto ela desapertava o cinto de segurança e abria a porta, e o pânico inflamou-se dentro do meu estômago, o que não fazia nenhum sentido porque não sabia com que raio é que estava preocupado.

– Dizias-me, certo? – perguntei-lhe, quando já estava fora do carro. – Se alguma coisa te tivesse acontecido? – Inclinei-me sobre o banco do passageiro para olhar para ela, sabendo que estava a lidar mal com isto, mas que precisava de o dizer de qualquer modo. – Dizias-me se alguém te estivesse a causar problemas na escola?

A Shannon manteve a mão a agarrar a porta do meu carro durante algum tempo, os seus grandes olhos azuis fixos nos meus.

Finalmente, assentiu.

Senti o meu corpo relaxar de alívio.

– Adeus, Johnny – despediu-se, e depois fechou a porta.

– Adeus, Shannon – murmurei para mim enquanto ligava o carro.

Precisava de sair dali antes de fazer qualquer coisa

verdadeiramente estúpida como pô-la de volta no meu carro e levá-la para casa comigo. Porque uma falha lixada no meu cérebro me dizia para o fazer.

Deixá-la pareceu-me muito errado.

Sai daqui, Johnny. Dá a volta ao carro e vai-te embora.

Ela está bem. Ela está perfeitamente bem.

Concentra-te no jogo, Kav.

Tens treino. Não precisas de perder a cabeça por causa de uma rapariga.

Abanei a cabeça, liguei o carro e obriguei-me a um maldito autocontrolo para me limitar apenas a guiar e sair dali.

Não resultou.

Porque não conseguia *ir embora*.

Pus o carro em ponto morto, empurrei a porta e saí.

– Espera!

A Shannon virou-se e olhou-me com os olhos muito abertos.

– Hã...?

O que é que estás a fazer, Kav? Que porra é que estás a fazer?

– Vem comigo – as palavras saíram da boca antes de ter a oportunidade de as parar ou de as retirar.

– Vou contigo onde? – perguntou a Shannon, os olhos a passearem rapidamente entre mim e a casa, ao fundo da rua.

Não sei, Shannon. Não sei, porra.

Não tenho a porra da mais pequena ideia do que está a acontecer-me. Só sei que o meu instinto me está a dizer para não te deixar aqui, neste momento.

– A um sítio qualquer? – sugeri, e depois pigarreei e acrescentei: – Podemos ir dar um passeio? Ou ir comer qualquer coisa?

Deus, o que é que se passava comigo?

Vi algo a passar muito rapidamente nos olhos dela, algo que se assemelhava muito fortemente a alívio.

– Tu queres...? – perguntou a Shannon numa voz sumida. – Que vá contigo?

Assenti, sem grande certeza.

– Sim, Shannon. Quero que venhas comigo.

O rapaz é um herói

SHANNON

Estava de regresso ao carro dele.

Não tinha a menor ideia de onde estávamos a ir, ou porque é que o Johnny me pedira para ir com ele, em primeiro lugar, depois de me ter levado a casa, mas neste momento, não me importava. Não me importava que ele tivesse magoado os meus sentimentos na semana passada. E não me importava o facto de que poderia estar metida em sarilhos por ir com ele.

Quando ele abriu a porta do passageiro do seu carro e me ofereceu um escape temporário do inferno que era a minha casa, *aceitei*.

Mais do que aceitei. Praticamente, mergulhei naquele assento.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, dei por mim sentada no lado oposto ao dele, no seu bar na cidade, chamado Biddies, com uma tigela de sopa meio comida à minha frente, uma garrafa de *Coca-Cola* e um coração acelerado.

No instante em que entrámos pela porta do movimentado *pub*, todas as pessoas tinham virado a cabeça e focado a atenção no Johnny. Era incrivelmente intimidante observá-lo a tentar lidar com toda aquela atenção que recaía sobre ele.

Eu estava assoberbada, por isso não podia imaginar como seria para o Johnny. Ele só tinha dezassete anos.

Tal como naquele dia no campo de jogo, com os repórteres, o Johnny não foi nada menos do que profissional, aceitando os passou-bem e as palmadinhas nas costas enquanto esperava no bar por uma das empregadas.

Eu estava tão distraída com a atenção que ele recebia, e com a mão que mantinha no fundo das minhas costas enquanto falava, que apenas assenti quando se inclinou para o meu ouvido e me perguntou se tinha fome.

Ainda se passaram mais uns cinco minutos de conversas aleatórias

até finalmente nos sentarmos na única mesa vazia no bar.

Sentia-me absolutamente mortificada por ele me ter comprado comida e deveria ter protestado e oferecer-me para pagar, mas não tinha dinheiro nenhum. Não tinha nada para oferecer a este rapaz.

Absolutamente nada.

– Como é que te sentes agora? – perguntou o Johnny, interrompendo os meus pensamentos.

Levantei a cabeça depois de ter estado a olhar para as minhas mãos, e dei por ele a observar-me do outro lado da pequena mesa redonda.

Aquele ardor familiar dentro da minha barriga começou assim que me obriguei a encontrar o seu olhar. Tinha o seu casaco firmemente apertado à minha volta, mas isso não me impedia de me arrepiar.

– Estou... hmm, a sentir-me muito melhor, agora – respondi, corando com o peso do seu olhar. – Obrigada.

– Ótimo – o Johnny inclinou a cadeira para trás, os olhos ainda fixos em mim, e deu umas pancadinhas na mesa com uma base para copos de cerveja, distraidamente. – Fico contente.

– Obrigada pelo jantar – acrescentei, sentindo-me tímida e envergonhada. – Gostei mesmo muito.

Por alguma razão, as minhas palavras provocaram um enorme sorriso no Johnny.

– Consideras uma tigela de sopa jantar? – perguntou, sorrindo tão amplamente que as suas covinhas apareceram.

– Bem, era uma tigela enorme – respondi, encolhendo os ombros. – Por isso considero isto jantar.

– É sopa, Shannon. – Riu-se o Johnny. – É praticamente só água.

– Porquê? – Olhei para o prato e para a tigela vazia, à frente dele. – *Ainda* tens fome?

Não podia ter.

Tinha-o visto a fazer desaparecer uma tigela de sopa gigantesca, antes de a completar com uma montanha de vegetais e de frango. Era fisicamente impossível ter fome depois de ter consumido aquele volume de comida.

Ele fungou.

– Isto era um *snack*.

– Um *snack*? – Repousei os cotovelos na mesa, e perguntei: – Planeias comer outro jantar quando chegares a casa?

– Provavelmente, ainda vou comer pelo menos mais quatro vezes antes de ir para a cama – informou-me.

Fiquei boquiaberta.

– Mas são cinco da tarde.

– Bem sei. – Abanou a cabeça, sorrindo resignadamente. – Devias ver o que como todos os dias. Provavelmente, irias ficar chocada.

– Bem, não és gordo para um tipo que come tanto – saiu-me, e arrependi-me imediatamente do que dissera.

O Johnny riu-se suavemente.

– Não, não sou.

Fiquei carmesim.

– Peço muita desculpa – disse, meio engasgada. – Não te queria chamar...

– Não peças desculpa – respondeu-me, ainda a sorrir. – Eu treino. Muito. Preciso de combustível para alimentar o meu corpo.

– Por causa do rãguebi? – perguntei, pondo o cabelo molhado pela chuva atrás das orelhas.

O Johnny assentiu.

– Preciso de consumir quatro mil e quinhentas calorias diariamente, quando estou a treinar.

O meu queixo caiu.

– Como é que isso é humanamente possível?

O Johnny sorriu.

– Faço com que seja.

– Como? – perguntei, agora completamente intrigada.

– Espaçando as minhas refeições – explicou. – Comer a quantidade certa, na altura certa. – Encolheu os ombros e acrescentou: – Geralmente, como a cada duas ou três horas. O meu nutricionista diz que é o que serve melhor ao meu corpo.

– Então, tens um horário de alimentação? – Rindo silenciosamente, acrescentei: – Como um bebé.

O Johnny lançou-me um sorriso indulgente e deu um grande gole no seu sumo de laranja diluído.

Ignorando o grupo barulhento de raparigas numa mesa próxima,

concentrei-me no rapaz à minha frente.

– Então não podes comer nada agradável?

– Define *agradável*.

– Coca-cola. Chocolate. Gelado. Batatas fritas – recitei rapidamente uma curta lista dos meus petiscos preferidos. – Gomas ácidas. *Coco Pops*. *Pizza*. *Cheeseburgers*. Aperitivos. Comida chinesa. *Donuts*...

– Estou a meio da época – interrompeu o Johnny, lançando-me um olhar ofendido. – As únicas coisas que entram no meu corpo são orgânicas, não processadas e carregadas de proteína.

Olhei para ele.

– Nem mesmo um bolinho para o lanche?

O Johnny abanou a cabeça.

– Porquê... oh, meu Deus! Isso é porque senão ficas em sarilhos com aqueles tipos da academia de rãguebi? – Os meus olhos arregalaram-se com a injustiça. – O meu irmão Joey contou-me como eles criam os rapazes como se fossem cachorrinhos. – Horrorizada, perguntei: – Dão-vos uma lista de comidas proibidas e depois castigam-vos se as comerem?

– Não – o Johnny arrastou lentamente a palavra, franzindo agora a testa. – Que raio de sítio marado é que pensas que a Academia é?

– Se não vos autorizam a comer petiscos, então é um sítio horrível – respondi solenemente.

– Alimentar-me saudavelmente é opção *minha* – explicou, olhando-me com uma expressão perplexa. – Não sou obrigado a fazer nada. A minha vida decorre nos *meus* termos. E não encher o bandulho com merdas processadas e carregadas de açúcar chama-se *ser saudável* e exercer autocontrolo.

– Mas o tempo todo? – questioneei. – Tipo 24/7?

– Tenho uma atitude tudo ou nada – replicou. – Ou estou numa coisa por inteiro, ou não estou a desperdiçar o meu tempo. Não há nenhum sentido em fazer as coisas pela metade.

– Bem, fico triste por ti – disse. – Não sabes o que estás a perder.

Deslizei a mão para dentro do bolso da saia, tirei a tablete de chocolate da qual só tinha comido metade (da minha marca preferida), e tirei rapidamente um pedacinho a verificar se a empregada não estava a ver-me a trazer comida para o

estabelecimento antes de o balançar à frente da cara dele.

– O cheiro é a melhor parte – disse-lhe. – E também obténs endorfinas a partir disto.

Os seus lábios comprimiram-se.

– Treino seis horas por dia, Shannon. Não preciso de suplementos de endorfinas de uma tablete de chocolate.

Rasguei o invólucro e segurei-a à frente do nariz dele por instantes.

– Cheira – encorajei-o, sentindo-me estranhamente à vontade com ele. – Vá lá.

– Tira lá isso. – O Johnny riu-se, afastando a minha mão gentilmente.

– Tu é que perdes – disse eu, encolhendo os ombros, e depois trinquei um quadradinho de chocolate, gemendo quando a maravilha achocolatada atingiu a minha língua.

– Tu é que ganhas – troçou ele, girando uma pedra de gelo no seu copo.

– Uau! – Ri-me, deslizando de novo o chocolate para o bolso. – Se eu fosse uma rapariga mais larga, poderias ter magoado seriamente os meus sentimentos.

– O quê?! – o pânico atravessou a sua cara. – Merda, não! Era uma piada. – Inclinou-se no banco para a frente. – Não queria dizer... Não estava a chamar-te gorda... És a pessoa mais delgada que eu alguma vez... Merda, és tão pequena que eu podia...

– Descontraí. – Ri-me. – Não me ofendi.

O Johnny olhou-me durante bastante tempo, e depois suspirou profundamente.

– Porra, quase tive aqui um ataque cardíaco – esfregando o peito, fez um sorriso travesso. – Sei como a maioria das raparigas pode ser obcecada com o peso.

– Bem, eu não sou como a maioria das raparigas – repliquei com uma careta, apontando para mim própria. – Como podes ver.

– Não – concordou o Johnny tranquilamente, os olhos a seguirem o movimento das minhas mãos. – Não, não és.

Houve um silêncio longo e desconfortável durante o qual ficámos ambos a olhar um para o outro. Era desconcertante, mas não era nem de longe tão enervante como a intensidade dos seus olhos azuis.

Eram demasiado penetrantes. Demasiado «a verem tudo». Demasiado *demasiado*.

– Queres outra *Coca-Cola*? – perguntou o Johnny, quebrando a tensão.

– Hmm... – Olhei para o meu relógio, e depois outra vez para ele. – Não sei.

O Johnny franziu a testa.

– Não sabes?

Sim.

Não.

Vai para casa antes que o teu pai descubra que estás num pub e te mate.

Não, fica aqui com ele.

Deus...

Encolhi os ombros, impotente.

– Bem, tens sede? – perguntou. – Achas que gostarias de outra bebida?

– Eu... – olhei à volta nervosamente, apenas para encontrar dúzias de pares de olhos fixos na nossa mesa.

O batimento cardíaco disparou.

Não gostava disto. Nem um bocadinho.

– Shannon? – disse o Johnny, conseguindo de novo a minha atenção. Olhava para mim de forma expetante, a carteira na mão. – Vais querer outra bebida?

– Hmm... – chegando-me mais para a frente, inclinei-me sobre a mesa e fiz um gesto ao Johnny a pedir-lhe para se aproximar mais.

Franzindo a testa, ele aproximou-se.

– Johnny – disse-lhe ao ouvido. – Sinto que estamos a ser observados.

Recuei, olhei à volta outra vez e reparei que a mesa das adolescentes de alguma maneira se tinha aproximado da nossa. Os meus olhos esvoaçaram para ele e assenti vigorosamente.

– Decididamente, as pessoas estão a olhar para nós, Johnny.

O Johnny parecia incrivelmente irritado quando suspirou pesadamente e passou uma mão pelo cabelo.

– Peço desculpa por isto.

– Isto é por causa do rãguebi?

Ele assentiu com um olhar resignado.

– Desculpa. Limita-te a ignorá-los.

– Como? – murmurei, sentindo-me muito exposta neste momento.

O Johnny olhou-me durante bastante tempo, sem falar, e depois empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

– Vem – disse ele, estendendo-me a mão. – Vou buscar-te outra bebida e sentamo-nos no *lounge*.

– No *lounge*?

– É mais sossegado – Olhou à volta e disse: – Talvez tenhamos alguma paz e a porra de alguma tranquilidade.

Ele também não gostava disto.

Podia comportar-se como se não se importasse. Mas isto não era uma coisa com a qual estivesse confortável.

Foi com esta percepção que dei por mim a aceitar a sua mão estendida.

Assoberbada, segui o Johnny para o bar, onde ele nos pediu mais duas bebidas, e depois passámos por uma porta lateral e entrámos numa sala pouco iluminada. Esta sala tinha um ar mais juvenil, com mesas de *snooker* e placas de dardos nas paredes, e uma *jukebox* a tocar, ao canto.

Reparei em vários adolescentes a usar uma variedade de uniformes das escolas locais do concelho a descontraírem por ali. Tal como quando entrámos no bar principal, toda a gente se virou para o olhar, mas depois de alguns cumprimentos com a cabeça e alguns «Como é que isso vai, Kav?», voltaram a atenção para as suas companhias.

O Johnny conduziu-me para uma mesa no canto mais longínquo, mas agora, em vez de se sentar num banco do outro lado da mesa, pousou as nossas bebidas e sentou-se no banco de pele ao meu lado.

Daqui, tínhamos uma vista perfeita do resto da sala, com a vantagem de estarmos ligeiramente escondidos.

Devas ir para casa, Shannon, avisava-me o meu bom senso. *Não devias estar aqui*.

– Melhor? – perguntou, instalando-se ao meu lado.

Assenti, e agarrei na minha *Coca-Cola*, com os olhos fixos no que se passava à minha volta.

No canto mais longínquo do *lounge* podia ver vários rapazes a usar os uniformes da BCS, e isso fez-me querer gatinhar para debaixo da mesa e esconder-me. Estava tão nervosa que tive de usar as duas mãos para evitar que a garrafa tremesse.

Ao ver a Ciara Maloney, a minha maior atormentadora da minha antiga escola e a responsável pela cicatriz na minha pálpebra, sentada entre eles, todo o meu corpo se encolheu de medo. Como se sentisse que estava a olhar para ela, a Ciara voltou a cara na minha direção.

Fantástico. Mais fantástico não podia ser, merda.

No instante em que me reconheceu, um brilho de intenção malévola relampejou-lhe nos olhos durante dois segundos até o seu olhar passar para o Johnny, que estava sentado ao meu lado. Ficou visivelmente boquiaberta e começou a dar cotoveladas na rapariga sentada ao seu lado, a Hannah Daly, a sua melhor amiga e outra das minhas *bullies*.

Estávamos outra vez a ser observados. Mas agora tinha mais que ver comigo a ser odiada do que com ele a ser uma celebridade local. Em pânico, baixei o meu olhar para a garrafa de vidro firmemente agarrada entre as minhas mãos.

Respira, Shannon, respira.

– *És uma mentirosa, putinha – a Ciara rosnou enquanto me encostava ao muro atrás da escola e me olhava de alto a baixo. – Estavas a olhar para ele.*

Sabendo que era mais seguro não dizer nada, mantive a boca fechada e preparei-me mentalmente para a tarefa que sabia que ia levar.

– *Responde-me, cabra! – rugiu ela, batendo com os meus ombros no cimento, fazendo com que o ar saísse dos meus pulmões num gemido sonoro e dorido.*

Várias das raparigas à nossa volta riram-se e escarneceram quando um soluço saiu da minha garganta.

Eu já estava dorida de mais formas do que qualquer uma destas raparigas alguma vez entenderia (sendo o último acesso de raiva do meu pai provocado pelo whisky a causa dessas dores), e estavam a desfrutar do meu desconforto óbvio.

Não era nada de novo para mim.

Estava habituada a que gozassem comigo. Estava habituada a ser o

saco de pancada.

E odiava-me por aceitar isso.

Quando a Ciara me empurrou contra a parede, obriguei-me a engolir o soluço que ameaçava irromper da minha garganta, obrigando-me a dizer: «Não olhei para o teu namorado», em vez de «Ele é que olhou para mim.»

Que era a verdade.

O namorado dela tinha o hábito horrível de olhar fixamente para mim.

A minha explicação rendeu-me um estalo na cara e um punhado do meu cabelo foi arrancado com tanta força que cambaleei para a frente, sentindo-me fraca e impotente.

– Vou destruir-te, foda-se – sibilou ela ao meu ouvido, enterrando as unhas numa das minhas bochechas.

«Vai em frente», pensei.

Mas não podes destruir o que já está partido...

– Descontrai – sussurrou o Johnny ao meu ouvido, distraíndo-me das minhas memórias. – Estás segura comigo.

As suas palavras surpreenderam-me e virei a cara para o olhar.

Deus, ele era tão bonito que até doía. Todo o Johnny Kavanagh era perfeição pura. Era grande e forte, e a sua cara?

Oh, Deus, a sua cara era a mais bonita em que alguma vez tinha posto os olhos.

– Porque não haveria de estar segura? – era uma pergunta defensiva saída do desespero, porque este rapaz me tocava como nunca ninguém antes.

Eu não conseguia perceber nada disto, e o meu pobre coração estava a trabalhar em sobrecarga para lidar com estes sentimentos que me bombardeavam o corpo, devido à sua proximidade. Medo, insegurança, desejo e pânico, estava tudo a dar cabo de mim.

– Só quero que saibas que estás segura – replicou, os olhos azuis fixos nos meus. – OK?

Com uma respiração irregular, assenti e aproximei-me mais dele. Se pudesse, subia para o seu colo e enterrava a minha cara no seu peito neste momento, mas ele era, literalmente um estranho para mim, e isso não seria socialmente aceitável, por isso, contentei-me em deslizar para mais perto dele.

Sabia que ele provavelmente pensaria que era louca, mas estava a

dois segundos de ter um ataque de pânico total, e a sua presença era como um âncora para mim.

O Johnny lançou um olhar curioso antes de voltar a atenção para a mesa onde estavam os do décimo segundo ano da BCS. Vi-o então, quando uma centelha de reconhecimento iluminou os olhos do Johnny e a sua face endureceu.

– Podemos ir agora? – sussurrei, o coração a bater depressa enquanto resistia à vontade de me enfiar debaixo do braço dele. – Por favor?

– Vamos quando estivermos prontos para ir – disse ele, numa voz tão baixa que quase não se ouvia. – Levanta a cabeça, Shannon *como o rio*. – Uns instantes depois, pôs o seu braço à volta do meu ombro e puxou-me para o seu lado. – Ninguém te vai magoar.

Aliviada, aproximei-me mais, demasiado para dois estranhos ficarem assim sentados, mas não me importei.

Ele era grande e forte, e tinha a impressão de que me estava a dizer a verdade.

Acreditei quando me disse que estava segura com ele.

– Aquelas raparigas? – perguntou, baixando a cabeça para me olhar enquanto falava. – Qual é a história?

– Não há nenhuma história – respondi, em voz abafada, segurando a minha garrafa com um aperto mortal.

– Porque é que me custa acreditar nisso?

Encolhi os ombros e baixei o queixo, deixando o cabelo cair para a frente, desejando ter o manto da invisibilidade do Harry Potter a envolver o meu corpo para que pudesse escapar desta situação sem mais dor.

Eu não aguentava mais.

– Olha para mim.

Não olhei.

– Olha para mim – repetiu, num tom calmo e persuasivo.

Não consegui.

Senti-o a mover-se ao meu lado e depois os seus dedos estavam no meu queixo, a levantar o meu rosto para ele.

– Estás segura – sussurrou, segurando as minhas faces entre as suas mãos, os olhos a perfurarem diretamente a minha alma. – Prometo.

Aquela palavra.

Deus.

Aquela deu cabo de mim.

Era tudo demasiado.

A minha vida.

Aquelas raparigas.

O meu pai.

E no meio disto tudo, só o conseguia ver *a ele*.

Este rapaz.

Manter a calma

Manter a cabeça fria

JOHNNY

Nunca saberei exatamente o que é que me deu para trazer a Shannon ao Biddies, mas aqui está ela agora, e a parecer mais perturbada do que quando a encontrei a vomitar as tripas na escola, há uma hora.

Eu também estava perturbado, a tentar disfarçar a minha fúria, mas perto de matar alguém. Genuinamente. Verdadeiramente.

Abso-luta-fodida-mente.

A Shannon estava petrificada com estas raparigas. Tinha o corpo a tremer.

A tremer.

Razão pela qual estava aconchegada ao meu lado, com o meu braço estreitamente apertado à volta dos seus ombros frágeis.

Sabia que estava aqui a pisar linhas complicadas, mas recusava-me a deixá-la fugir daquelas cabras. Sabia que não devia estar a tocá-la, mas como raio é que poderia não o fazer? Como é que podia deixá-la aqui sentada, a parecer tão assustada e insegura?

Não podia.

Para ser sincero, era uma boa coisa que ela me estivesse a tocar, porque eu estava a ponto de perder a cabeça e ser mandado de volta para a caserna.

Isto não era eu.

Eu não era uma pessoa exageradamente reativa.

Pensava duas vezes antes de agir.

Mas não no que dizia respeito a esta rapariga.

A loira no uniforme da CBS, do outro lado do *lounge*, intercetou outra vez o meu olhar e sorriu. Enfrentei o sorriso dela com um olhar cortante e desfrutei de um prazer doentio quando o sorriso dela se desfez e o medo lhe invadiu os olhos.

Espero que estejas assustada como a merda, pensei para mim. Não fazes ideia com quem te meteste.

Eu podia destruir aquela gente.

Queria destruí-los.

Todas as células do meu cérebro estavam a projetar raiva e vingança, exigindo-me que lhes tirasse tudo o que tinham tirado à Shannon.

Que lhes tirasse o orgulho como lhe tinham tirado a ela. Assustá-las como a tinham assustado a ela. Infligir-lhes dor da mesma forma como a tinham torturado.

Podia saborear a minha fúria. Era potente como o caraças.

Maldição, precisava de me controlar, mas sempre que tentava, só conseguia pensar no seu ficheiro.

Eram estas cabras as que lhe tinham cortado o rabo de cavalo?

Tinha um mau pressentimento em relação à loira.

Outro assunto que me ia fazer perder a porra da cabeça era a forma como aqueles cretinos estavam a olhá-la.

Como se estivessem com desejo.

Eles precisavam de afastar os malditos olhos desta rapariga, porque eu não estava a conseguir lidar com isto.

Eles não precisavam de estar a olhar na direção dela. Nunca.

Eu tinha o meu braço à volta dela, por amor de Deus.

Percebam a porra da mensagem.

Não admira que a loira estivesse lixada, pensei. O cretino de cabelo escuro era claramente o namorado ela, e, no entanto, estava a olhar para a Shannon como se fosse o jantar.

O meu jantar, idiota, apetecia-me bramar.

– Estou pronta para ir embora agora – informou a Shannon, arrastando-me para longe dos meus pensamentos e da minha troca de olhares com o cretino de cabelo escuro, do outro lado do *lounge*.

Ela pousou a garrafa vazia na mesa e olhou-me com aqueles enormes olhos azuis.

– Se estiver bem para ti...?

Acalma-te, coração. Acalma-te, porra.

Forcei um sorriso.

– Sim, Shannon, por mim tudo bem.

Por razões óbvias, mantive o braço à volta dela enquanto passávamos pela mesa dos imbecis da sua antiga escola. Não me escapou a forma como os seus dedos se fincaram na minha camisola, ou como o seu corpo enrijeceu quando uma das raparigas fez um comentário irónico sobre as putas que perseguiam idiotas ricos.

Mantendo a cabeça fria, conduzi-a para fora do *lounge* e depois deixei-a próximo do bar.

– Podes fazer-me um favor?

A Shannon olhou para mim com os olhos muito abertos, e assentiu.

– Sim, claro.

Tirei a carteira e as chaves do bolso e entreguei-lhas.

– Podes fazer as contas com o empregado do bar e depois esperar por mim no carro?

A sua cara empalideceu.

– Porquê?

– Preciso de falar com uma das minhas amigas – menti, sorrindo-lhe. – Vou ter contigo num instantinho.

Ela olhou-me cautelosamente, durante um longo tempo, e depois suspirou:

– Claro – disse, finalmente, parecendo aliviada. – Eu faço isso.

– Obrigado – respondi.

Esperei até a Shannon ir na direção do bar antes de dar meia-volta e marchar de novo para o *lounge*, sem parar até estar de pé em frente da mesa dos cretinos.

– Agora – disse, olhando-os com o maior desprezo. – Quem quer chamar puta à minha namorada, *na minha cara*?

Atirei a palavra *namorada* para que o efeito máximo se alinhasse com os danos máximos que eu estava prestes a causar.

Várias cabeças se viraram na minha direção, mas não lhes dei a menor importância. Alguém ia pagar pelo sofrimento dela.

– Bem? – perguntei, fitando a loira. – Tu? – questionei, e depois fiz o meu olhar pousar na ruiva sentada ao lado. – Ou serás tu?

– Ouve, não sei o que é que ela te contou... – começou a loira a dizer, mas interrompi-a com um aceno de cabeça.

– Este é o teu namorado? – perguntei, inclinando a cabeça para o idiota de cabelo escuro que olhara lascivamente para a Shannon há

menos de cinco minutos, mas que agora estava convenientemente calado. – É?

A loira corou e assentiu.

– É bom saber – disse, pensativamente, e depois inclinei-me por cima da mesa, agarrei na sua camisola do uniforme, e bati-lhe com o punho na cara.

– Que merda é que estás a fazer?! – rosnou o rapaz, dobrado de dor.

– Estou a jogar de acordo com as regras, cretino! – cuspi, enquanto o arrastava por cima da mesa e lhe batia outra vez.

As duas raparigas começaram a gritar e a agitar-se.

Um dos seus amigos fez um movimento na minha direção.

– Se quiseres, desafia-me, caralho! – rosnei, enquanto continuava a bater na porra do amigo dele.

Ele deu um passo seguro atrás e levantou as mãos.

Revirei os olhos.

Cobarde de merda.

Já tinha perdido a conta ao número de brigas nas quais o Gibs se tinha metido à minha conta, ao longo dos anos, e vice-versa.

Este cretino precisava de arranjar amigos melhores.

– Para! – gritou a loira, enquanto eu continuava a aplicar o meu punho na cara do namorado. – Estás a magoá-lo!

– Oh, estás a aperceber-te disso, não estás? – cuspi. – Então és capaz de distinguir o certo do errado?

– Qual é o teu problema? – gritou ela. – Não te fizemos nada!

– Mas é certo como a merda que lhe fizeram alguma coisa a ela – rosnei. – E quando fazem merda com ela, fazem merda comigo.

A loira empalideceu e libertei o namorado.

Ele afundou-se no chão, a agarrar a cara e a gemer como uma bichaninha.

Ela foi logo ter com ele.

– Gostaste? – perguntei, olhando para o cretino cuja cara acabava de ter um novo arranjo. – Foi *bom*?

– Caramba, pá – gemeu o rapaz, agarrando o nariz para estancar o sangue. – Não te fiz nada.

– Não – respondi, a ferver de raiva. – E a minha miúda – apontei

para a porta do *lounge* – não fez nada à tua miúda, mas isso não a impediu de a aterrorizar. – Olhei para a loira. – Desde cortar-lhe o cabelo a espancá-la brutalmente.

A loira ficou escarlate.

Eu *sabia*.

– Merda, Ciara – gemeu o rapaz de cabelo escuro, sacudindo para longe a mão da loira. – O que é que lhe fizeste agora?

– Nada – argumentou a Ciara. – Não a vejo desde o Natal, querido.

– Gostas de ser aterrorizado? – perguntei ao rapaz, aproximando-me um passo. – Qual é a sensação de se ser impotente?

– Já entendi, pá – gemeu o rapaz. – Clarinho como água.

– Certifica-te de que a tua namorada entendeu – silvei, fitando-o com desdém. – Porque se ela não tiver entendido... – Fiz uma pausa e apontei para a loira e para ruiva antes de continuar: – Se ela ou qualquer uma das *putas* das suas amigas se atreverem sequer a voltar a olhar para a minha namorada, vou atrás de ti.

Fiquei ali durante um interminável minuto, lançando um olhar a cada um daqueles canalhas da BCS, à espera de uma resposta.

Quando não obtive nenhuma, como já sabia que não iria obter, virei-me e fui-me embora, até parar na porta.

Chamem-lhe infantilidade, mas não pude evitar voltar à mesa, e levantá-la de um dos lados.

Sentindo-me ridiculamente satisfeito quando todas as bebidas caíram e se estilhaçaram no chão, dei meia-volta e marchei dali para fora.

– Johnny! – Liam, o dono, chamou-me enquanto contornava o bar. – Que raio de brincadeira é esta, rapaz?

Por amor de Deus.

Inspirei calmamente, e olhei-o.

– Desculpa ter causado problemas no teu bar. Não volta a acontecer.

– Problemas? – levantou os braços. – Eu vi nas câmaras. Podias ter morto aquele miúdo.

Agitado, passei uma mão pelo cabelo.

– Aqueles imbecis fizeram a minha namorada passar um mau bocado – expliquei. – Agora, lamento ter resolvido esta questão no teu

bar, e pagarei por quaisquer copos partidos ou outros prejuízos que possa ter causado, mas esta foi a última vez que gastei dinheiro no teu bar.

O Liam vacilou.

– Credo, relaxa, Johnny. Não te estou a excluir.

– Não me associo com a escumalha, Liam – disse-lhe, num tom tenso. Aponte para a porta do *lounge*, e acrescente: – E aqueles cabrões são da pior escumalha que existe. Por isso, continua a servi-los, eu vou mudar-me e vou encontrar um novo ponto de encontro para a minha equipa.

– Johnny, pá, espera aí...

– Não me parece – silvei, afastando o braço dele ao dirigir-me à porta. – Tenho uma reputação a manter e não posso frequentar um sítio que serve aqueles canalhas.

– Esta foi a última vez que aqui estiveram – disse o Liam, atrás de mim. – Posso ter o habitual pronto para ti, amanhã?

Parei na porta e virei-me para trás.

– Voltarei quando a clientela não consistir na porra de um bando de *bullies* cruéis.

E depois virei-me e saí.

A Shannon estava sentada no banco do passageiro quando entrei no carro.

– Peço desculpa por aquilo – disse-lhe, enquanto fechava a porta e punha o meu cinto de segurança. – Fiquei retido a conversar.

– Não, não – disse a Shannon, naquela voz sumida dela. – Está tudo ótimo. Não tens de te desculpar.

Sim, tinha. Tinha-a deixado aqui fora no carro gelado, durante meia hora.

Não eram desculpas suficientes. Não para ela.

– Estás bem? – perguntei, olhando-a.

– Sim, e muito obrigada por pagares – respondeu, e observei as suas bochechas a ficarem com um brilho rosado. – Estou-te muito agradecida.

Ela estava a falar a sério? Estava mesmo a agradecer-me por uma coisa daquelas?

Deus, esta rapariga era diferente de qualquer uma das outras.

– Não há problema, Shannon – repliquei, olhando-a com uma curiosidade ardente. – Foram só duas *Coca-Colas* e uma tigela de sopa.

– Bem, significa muito para mim, obrigadíssima – sussurrou, pondo o seu maravilhoso cabelo atrás da orelha.

Os seus olhos perfuravam-me tão profundamente que tive de afastar os meus antes que me perdesse completamente naquela rapariga.

Era demasiado. *Ela* era demasiado, porra.

– Hmm, aqui estão as tuas coisas – disse, pousando gentilmente as minhas chaves e a minha carteira na minha coxa esquerda.

Na minha coxa boa, percebi.

Merda, esta rapariga era de mais.

– Podes contá-lo, se quiseres – acrescentou a Shannon. – A tua carteira, quero eu dizer. – Pôs outra madeixa de cabelo atrás da orelha. – Não vou sentir-me insultada.

Mas que porra...?

Fitei-a.

– O quê?

A Shannon corou.

– Bem... eu só... Pensei que quisesses...

– Eu *confio* em ti – disse-lhe. – Não vou contar coisa nenhuma. Isso nunca me passou pela cabeça, OK?

– Tens a certeza? – sussurrou, a matar-me com aqueles olhos azuis enormes.

Assenti, e resisti à vontade de me inclinar sobre ela e beijar a porra daqueles lábios cheios.

– Tenho a certeza absoluta.

O sorriso que lhe iluminou o rosto era tão intenso que fez o meu coração bater desenfreadamente. Fitei-a durante imenso tempo, perguntando-me como é que tinha chegado aqui e como raio é que ia sair disto.

– É melhor levar-te a casa – disse eu, finalmente, enfiando a chave na ignição e ligando o motor.

– Claro – respondeu a Shannon, ainda a sorrir-me.

Tive de olhar noutra direção. Não podia arriscar-me a olhá-la outra vez. Não esta noite.

Afasta-te imediatamente dessa miúda antes que faças alguma coisa estúpida, como perder o teu coração, além da tua cabeça, avisou-me o meu cérebro. Saí rapidamente do estacionamento, com os nervos à beira de um colapso.

Demasiado tarde, idiota, troçou o meu coração.

– Ou – ouvi-me a dizer, dada a necessidade urgente que tinha dentro de mim de manter esta miúda comigo.

A Shannon fitou-me com os olhos brilhantes.

– Ou...?

Não o faças, Johnny. Não te ponhas a ti próprio no caminho da tentação.

– Podíamos ir ver um filme? – sugeri, sabendo que estava lixado no minuto em que estas palavras saíram da minha boca.

– Um f-filme? – perguntou, as faces a corarem.

Encolhi os ombros.

– Ou ir para minha casa.

Estúpido sacana.

– Eu não posso... Eu não... Eu não tenho exatamente – interrompeu-se para pôr o cabelo atrás das orelhas, e depois disse: – autorização para ir.

– Não tens autorização para ir onde? – perguntei, sentindo uma enorme pontada de desapontamento no estômago.

– Hmm... a qualquer sítio...? – disse ela, com um encolher de ombros impotente. – Os meus pais são do tipo protetor.

Compreensivelmente. Se estivesse no lugar deles, também seria protetor com ela, dado o que tinha passado na sua escola anterior. Bem, eu era protetor agora.

– Mas eu queria... – acrescentou, sorrindo-me timidamente. – Adorava, na verdade... se tu também quiseses...

Bem, merda. Caraças.

Que raio era suposto eu fazer agora?

A minha mãe estava em casa, por isso estava fora de questão.

Obriguei-me a concentrar-me na estrada à minha frente e não na rapariga que se sentava ao meu lado, liguei o pisca e entrei na faixa de acesso à cidade.

– Cinema, seja – respondi, no tom mais descontraído que consegui,

enquanto por dentro estava a rebentar de ansiedade.

CENAS ADICIONAIS

Bancos elevatórios e corações a bater

SHANNON

O meu pobre coração bateu como um tambor durante toda a viagem até ao cinema. O bater tonitruante aumentou para proporções épicas um pouco mais tarde quando um grupo de rapazes turbulentos da nossa escola embateu connosco, na fila para os bilhetes, no *foyer* já muito cheio do cinema. O que teve como resultado o Johnny pôr a mão no fundo das minhas costas para me *estabilizar*, ao mesmo tempo que avisava os rapazes para desandarem dali.

Tentei não pensar muito nas atitudes do Johnny, ou no facto de ele manter a mão nas minhas costas até chegarmos ao balcão. Quero dizer, ele só estava a ser amável. Afinal de contas, este rapaz parecia ser o pináculo das boas maneiras. Não queria dizer nada. Não podia querer dizer. Não para ele, pelo menos. Ainda assim, tinha a sensação de que a memória da sua mão nas minhas costas me ia ficar gravada na alma para a eternidade.

O seu toque era diferente, porque não era indesejado.

Era o oposto.

– Então, dá-nos dois bilhetes para alguma coisa que ainda não esteja vendida – disse o Johnny, com ar de frustração, reconduzindo a minha atenção para a conversa que estava a ter com a rapariga atrás do balcão e que me estava a ser muito difícil conseguir ver.

Pondo-me em bicos de pés, estiquei o pescoço para ver a rapariga do outro lado do balcão. Ela era, decididamente, familiar. Já a tinha visto no Tommen, em diversas ocasiões, mas era uma das raparigas mais velhas. Uma das do décimo segundo ano.

– Tudo o que resta é para o *Boogeyman*.

– Ótimo. Ficamos com eles.

– Então, queres dois bilhetes para ver o *Boogeyman* e o *especial casal* – afirmou a rapariga, com os olhos a passarem dele para mim, e a expressão incrédula. – Com *ela*.

O calor subiu-me pelas bochechas e tive de me obrigar a não recuar.

Não é que não estivesse habituada a piadas sarcásticas cruéis às mãos de outras mulheres.

Só não queria que este rapaz, em particular, o testemunhasse.

– Sim – com uma notória falta de entusiasmo, o Johnny retirou uma nota de cinquenta euros da carteira e atirou-a para o balcão. – Com ela.

– Só nos resta uma cadeira de casal.

– Está ótimo.

– Juntos.

– Pois, eu sei o que significa.

– Na fila de trás.

– Mais uma vez, está ótimo.

– E o que é que é suposto eu dizer à minha amiga?

– Podes dizer a porra que quiseses à tua amiga.

– Ela precisa de um banquinho elevatório?

– Continua, Kelly – foi a resposta rápida e intensa do Johnny. – Atreve-te a continuar a chatear-me.

Depois de o olhar fixamente, durante cinco segundos, a rapariga rendeu-se, respirando com força e intensamente, de forma teatral, enquanto preenchia o pedido, fazendo o Johnny revirar os olhos.

Um pânico confuso corroía-me as entranhas.

– Não te rales com ela – disse ele, num tom de voz baixo, oferecendo-me um sorriso tranquilizador. – É amiga de um erro do meu passado.

– Eu... hã... – comecei a dizer, desequilibrando-me para o lado quando fui empurrada por um cotovelo inesperado nas costas.

– Cuidado com a porra dos braços – foi o aviso do Johnny para os rapazes atrás de nós. – Santa Mãe de Deus! Aqui. – Segurou a minha mão com firmeza, e posicionou-me entre ele e o balcão. – Eu protejo-te, Shannon *como o rio*.

Ele segurava a *minha mão*.

Na verdade, o Johnny Kavanagh pusera a minha mão na sua.

Não sabia o que fazer com isto. Supliquei ao meu pobre coração instável para não retirar demasiadas ilações destas atitudes. Para não

ter demasiada esperança.

A esperança era perigosa para uma pessoa como eu.

Não me podia dar a esse luxo.

Porque isto foi arriscado. Isto foi *demasiado* arriscado.

– Está...hã... isto está muito movimentado, esta noite. – Dei um suspiro trémulo, enquanto tentava acalmar os meus nervos sem revelar o quão profundamente ele me afetava. – Há imensa gente da escola, aqui, Johnny.

– Hmm, hmm – concordou, o peito a roçar a minha nuca, enquanto arrancava as nossas bebidas e as nossas pipocas à mal-humorada miúda do décimo segundo ano. Mantendo um braço à minha volta, conduziu-me para a sala onde o nosso filme era exibido. – Fica próxima de mim.

Reprimi um arrepio pelo corpo inteiro, pestanejei rapidamente e assenti.

– OK.

Sentindo-me desajeitada e descoordenada, deixei o Johnny conduzir-me para a fila de trás da sala completamente cheia, com o meu corpo a aquecer com cada passo que dava, arrastando os pés desconfortavelmente ao passar por vários casais já instalados nos seus lugares em direção à última cadeira dupla vaga, no final.

Esta viagem improvisada ao cinema tinha sido inesperada, bem-vinda e aterrorizadora, tudo ao mesmo tempo, e não tinha a certeza se devia sustentar a respiração ou inspirar golfadas de ar.

Completamente abalada pela proximidade deste rapaz, deixei-me cair no assento, na extremidade da fila de trás, e sustive a respiração enquanto o Johnny se afundava lentamente ao meu lado.

Então, *isto* era uma cadeira de casal. Sem um braço de madeira a separar os nossos corpos.

Oh, Deus.

– Peço desculpa por isto – murmurou ele, à laia de explicação, enquanto ajustava o seu grande corpo de lado, fazendo com que as suas pernas compridas transbordassem para o meu espaço. – Eu sou... ah... – encolheu os ombros, embaraçado, abanou a cabeça e fez um sorriso amplo. – Sou um bocadinho grande de mais.

Não, ele era perfeito. Deus não tinha cometido um único erro com

este rapaz em particular.

– Não faz mal – apressei-me a dizer, dobrando as pernas debaixo de mim para lhe dar mais espaço para se esticar. – É assim que me sento habitualmente – acrescentei, a minha voz num pequeno sussurro ao apontar para a minha posição ajoelhada. – O meu assento elevatório personalizado.

– Isso não pode ser confortável, Shannon.

– Estou bem.

Os seus olhos azuis fixaram-se nos meus, e abanou a cabeça.

– Dá-me as tuas pernas.

– As m-minhas o qu-quê? – gaguejei, respirando de forma errática.

– As tuas pernas – encorajou, dando pancadinhas no seu colo. – Parece-me que é justo, já que estou a ocupar todo o espaço que era para as tuas pernas.

– Queres que ponha as minhas pernas em cima de ti?

– Quero que estejas confortável.

– Mas... e as dores da tua lesão...

– Estou ótimo – replicou, fitando-me com expectativa.

– Ah? OK – soltei um suspiro tremido, e pus cautelosamente as minhas pernas no seu colo. – Está bem assim, para ti?

– Sim, Shan – ofereceu-me um pequeno sorriso, pegou na sua garrafa de água e deu um gole. – Estás bem para mim.

– Hã...?

– Está bem – corrigiu-se ele, abruptamente, e depois pigarreou com aspereza. – *Está* bem para mim

– Oh, meu Deus – afligi-me, distraída, quando uma cara familiar entrou na sala, atrás de uma loira estonteante. – Está ali o meu irmão.

– O teu *irmão*? – a voz do Johnny subiu uma oitava. – Ah, merda.

– Não percebo – abanei a cabeça debilmente, e apontei para o lado oposto da sala onde o Joey estava a sentar-se no meio da fila com a namorada, sem dar pela minha presença. – Ele trabalha sempre à sexta-feira à noite.

– Isto vai ser um problema?

A pergunta dele deixou-me um pouco desconcertada, e virei rapidamente a minha atenção para ele.

– Um problema?

– Disseste que os teus pais eram protetores. – Encolheu os ombros e acenou com a mão entre nós os dois. – E estás aqui comigo...

– Oh, não, não, não, claro que não – respondi rapidamente. – O Joe é fantástico. É o melhor. Sinceramente. Ele nunca diria nada aos nossos pais... – a minha voz vacilou quando várias outras caras familiares encheram a minha visão periférica. – Ei, Johnny, acho que os teus amigos estão aqui.

Estou praticamente certa de que ouvi o Johnny murmurar «*Oh, meu Deus, não*» de forma quase inaudível, momentos antes de vários dos seus companheiros de equipa virem disparados em direção a nós, perturbando toda a gente que estava nas cadeiras, abrindo caminho entre a multidão e instalando-se nas cadeiras à nossa frente.

– Ora vejam bem se não é o Estou Demasiado Ocupado para Ir ao Cinema – ironizou um deles, atirando uma pipoca à cabeça do Johnny. – Seu sacana mentiroso. Não estavas demasiado ocupado. Tinhas outros planos.

– Pois – resfolegou outro de entre eles. – Planos para enfiar a pila...

– Acaba essa frase e eu torço-te esse maldito pescoço, Pierce – grunhiu o Johnny, atirando-lhe uma mão-cheia de pipocas. – Agora, vira-te e desaparece.

– Ah, não sejas resmungão, Cap – riu-se outro. – Podias ter-nos dito que tinhas um *encontro* com a tua pequena namorada.

– Nós teríamos entendido.

– Não te teríamos culpado por isso.

A minha cara ardia com o calor, e tive de entrelaçar as minhas mãos para as impedir de tremer com a ideia.

Encontro. Namorada.

Ele não o negou, Shannon. Ele não está a negá-lo.

– Se vocês se metessem nos vossos malditos assuntos – atirou o Johnny. – Santo, não posso dar uma mija nesta cidade sem que isso faça manchetes.

Oh, Deus.

– Podemos ir embora, se quiseses – inclinei-me cautelosamente para lhe sussurrar ao ouvido. – *Se estiveres envergonhado por ser visto comigo.* – Não me importo.

– O quê?! Não! – Voltando a cara para mim, o Johnny abanou a cabeça. – Eu *quero* estar aqui contigo. É com estes palermas que estou a ter problemas.

Eu quero estar aqui contigo.

Uau!

Foi nesse exato segundo que as luzes se apagaram, encerrando-nos na escuridão por breves momentos antes de o ecrã se iluminar.

– OK – expirei lentamente. – Se tens a certeza.

O Johnny deu um pontapé nas costas da cadeira dos seus amigos antes de voltar a sua atenção de novo para mim.

– Tenho a certeza.



JOHNNY

Fodido. Era a única palavra do meu vocabulário que definia o que estava a sentir neste exato momento. Se tivesse de acrescentar outra palavra ao que sentia, seria *completamente*.

Pois, estava *completamente* fodido.

De certa forma, tinha cometido o erro quase fatal de lhe segurar a mão. Porquê? Só Deus sabia a resposta a este quebra-cabeças em particular.

Aparentemente, eu estava com problemas. Uma data deles. Problemas que pareciam começar com o nome próprio Shannon e acabar com o apelido Lynch.

Maldição.

Ela estava demasiado próxima para meu conforto, sentados na fila de trás do cinema, com a cara enterrada na curva do meu braço. Manter a distância não era propriamente uma opção, quando ela estava toda nervosa e assustada.

Pois, era seguro dizer que tinha feito merda com a escolha do filme. A minha minúscula companhia *não era* fã de terror.

De certa forma, até estava meio à espera de que a Shannon trepasse para o meu colo. Sem dúvida que parecia querer fazê-lo. Se o fizesse, não iria impedi-la. De facto, estava a esforçar-me com tudo o

que tinha para manter as minhas mãos quietas e *não* a pôr ao meu colo.

Não queria saber que isso me magoasse. Não queria saber, ponto. Porque eu ficava vulnerável ao pé desta rapariga.

A Shannon Lynch deixava-me *completamente* desarmado.

– Estás bem? – sussurrei-lhe durante uma cena particularmente macabra, em que a Shannon estava a fazer um trabalho fantástico a abrir um buraco na minha camisa com as suas unhas. – Shan?

– Tudo bem – disse ela, numa voz asfíxiada, os dedos enterrados na minha roupa. – Estou absolutamente ótima.

Não estava. Longe disso. Mas fui demasiado egoísta para insistir, porque não queria ir-me embora.

Não. Não *queria* que ela se fosse embora.

Deus, passava-se algo de muito errado comigo.

O Robbie, o Pierce, o Feeley e mais uns quantos tinham assentado arrais na fila à nossa frente, o que, em qualquer outra circunstância me teria chateado de morte, mas estava demasiado distraído com esta rapariga para me importar com isso. Sem ter qualquer intenção de o fazer, ou sem sequer o tentar, a Shannon absorvia todos os pedacinhos da minha atenção. Não era um sentimento saudável, mas *era* viciante.

Normalmente, mal podia esperar que o cinema acabasse, ou qualquer outra atividade que não andasse à volta do rãguebi, mas não esta noite.

Não com esta rapariga.

Estávamos a meio da sessão quando ela tirou o telefone da algibeira da saia e olhou para o ecrã. O suspiro pesado que deu reverberou através de mim, e quando sussurrou ao meu ouvido que tinha de ir para casa, juro que isso me afetou mais do que deveria. Palavra de honra, a minha desilusão era tão grande, que podia sentir-lhe o sabor.

À medida que saíamos sorrateiramente do cinema sem o irmão dela se aperceber, cheguei rapidamente à conclusão de que a Shannon *como o rio*, tinha grande habilidade para evitar confrontos não desejados.

– Muitíssimo obrigada – declarou, um pouco mais tarde, quando estacionei ao pé de casa dela. – Diverti-me imenso.

Divertiu-se?! Passou a maior parte do filme escondida nas suas mãos.

– Eu também – ouvi-me a dizer, e estranhamente, era a verdade. – Temos de voltar a fazê-lo, um destes dias.

Merda. Para. A. Minha. Vida.

– Quero dizer...

– Está tudo bem – disse a Shannon demasiado depressa, num tom de voz reconfortante, ao tirar o cinto de segurança e estender o braço para a porta. – Percebo o que queres dizer.

Duvidava seriamente. Eu andava a ter muita dificuldade em perceber os meus próprios pensamentos, ultimamente.

– Vais ficar... hã... ficas bem, certo? – perguntei-lhe, sentindo uma dor surda no peito ao observá-la a deixar o meu carro. *A deixar-me.* – Ficas segura?

– Segura? – sussurrou, pestanejando rapidamente.

– Segura – confirmei, sem vontade de cortar o contacto entre os nossos olhos ou retirar as minhas palavras.

Vi-a observar-me durante imenso tempo e garanto que a pressão no meu peito se intensificou até ao ponto da dor.

– Vou ficar segura – replicou finalmente a Shannon, mordendo o seu lábio cheio. – Prometo.

– Pois – respirei com dificuldade e assenti. – Então, OK.

– Adeus, Johnny.

– Adeus, Shannon.

Pais de substituição

SHANNON

Passei todo o dia de sábado a fazer *babysitting* ao meu irmão mais novo, o Sean, o que era a norma quando a mãe estava a trabalhar e a *Nanny* decidia ir a Beara, para visitar a tia Alice e a sua família.

A diferença em relação a este fim de semana é que o nosso pai tinha ido embora e a mãe estava desaparecida.

Eu sabia que estava a formar-se uma tempestade. O meu instinto estava *sempre* certo.

Depois de o Johnny me ter deixado em casa, na noite anterior, houve uma discussão acalorada que resultou no meu pai a dar-me uma tarefa tão grande que quase não restou nada de mim, sobretudo por causa daquele recorte de jornal que ele não largava nem por nada. A mãe arrastou-me para longe dele, conseguindo ganhar um estalo para si própria, pelos seus problemas. Ela ordenou-lhe que saísse e nunca mais voltasse.

O pai encheu o carro de família com tudo o que lhe pertencia, chamando-me tanto a mim como à mãe um par de putas, e partiu a alta velocidade, completamente bêbedo.

A mãe apressou-se a sair de casa uma hora mais tarde com uma malinha de viagem, entrou num táxi, e não tinha voltado desde essa altura.

Não era raro a nossa mãe sair abruptamente após uma discussão. No entanto, era raro não voltar.

Eu sabia que ela ia voltar. Era só uma questão de quando.

Também sabia que o meu pai regressaria. Não me deu nenhum conforto vê-lo a sair na noite anterior. Não era a primeira vez que era mandado embora. E não era a primeira vez que ele me batia até eu ficar feita em polpa. Mais tarde ou mais cedo, ele voltaria, a prometer o céu e a entregar o inferno.

Nada mudaria. Nunca mudava.

O Tadhg, o Ollie e o Sean podiam acreditar que ele se tinha ido embora para sempre, mas o Joey e eu sabíamos que não era assim.

Sem a presença dos nossos pais, cabia a mim e ao Joey proteger os nossos irmãos mais novos.

Como não havia nenhum sinal dos nossos pais, esta manhã, o Joey sacrificou a sua própria sessão de treino com a equipa de Cork para poder levar o Tadhg e o Ollie a um torneio de futebol em que participavam os dois. Eu fiquei com o Sean, que passou a maior parte do dia a gritar pela mãe.

Foi um desastre.

Inúmeros telefonemas para a nossa mãe ficaram sem resposta, por isso desisti de tentar entrar em contacto.

Comecei a trabalhar na interminável lista de tarefas que me estavam atribuídas todas as semanas. Limpei a casa de cima a baixo, lavei os rodapés e mudei os lençóis de todas as camas. Às oito horas da noite de sábado, já tinha feito quatro máquinas de roupa, cozinhado o almoço e o jantar para os meus irmãos, lavado e vestido o Sean para dormir, e tinha limpado a casa como se a minha vida dependesse disso.

Não durou muito, claro. Assim que os rapazes entraram pela porta da frente, o caos e a porcaria recomeçaram.

A equilibrar uma taça de *Coco Pops* numa mão e um copo de leite na outra, usei a minha anca para empurrar a porta da sala de estar e entrei lá dentro.

– Aqui está, Sean.

Pus a taça e o copo de leite na mesinha de centro, em frente ao meu irmão bebé, afaguei os seus caracóis louros, depois levantei-me e alonguei as costas.

– Come tudo antes de ires para a cama – disse-lhe, gemendo de alívio quando senti os músculos das costas a voltarem ao lugar.

Tinha tantas dores que me era difícil andar em linha reta.

– Quero a mamã – disse o Sean, fazendo beicinho sobre a taça dos cereais. – A mamã foi-se embora.

– A mamã está no trabalho, Sean – repeti a mesma frase que lhe tinha dito hoje cinquenta vezes. Esforçando-me para ser paciente, acrescentei: – Ela estará em casa em breve – e depois saí da sala

rapidamente antes que ele tivesse oportunidade de perguntar quando.

Não tinha uma resposta para lhe dar e odiava mentir-lhe.

A verdade é que não sabia quando é que a mãe ia voltar.

De ombros curvados, entrei na cozinha e aproximei-me da chaleira.

Precisava de chá. De muito chá.

Blusões de engate

JOHNNY

O meu dia de sábado na Academia foi um desastre. Estava fraco e isso viu-se no campo de jogo.

Fui chamado ao gabinete do treinador a meio da manhã, onde fui sujeito a uma coisa que considereei semelhante à maldita Inquisição Espanhola, por parte do treinador Dennehy. Depois disso, fui direto para a equipa médica para voltar a ser examinado, seguido de um *check up* com a Janice, a fisioterapeuta.

Tal como o meu treinador tinha previsto, falhei tanto os testes de aptidão física quanto os clínicos.

Dorido e desmoralizado, levei um sermão a sério sobre os perigos de não se dizer que se tem dores, antes de ser enviado para casa com outra maldita receita médica e uma carta formal a declarar que estava temporariamente dispensado de todos os treinos e deveres da Academia até ao meu teste de aptidão física seguinte, daí a três semanas.

Se falhar a minha próxima ronda de testes, terei de ir outra vez à faca e ficarei fora de ação durante quatro a seis semanas. Isso significa que não voltarei a ver um campo de jogos antes de meados de maio. O que significa que perderei a minha oportunidade.

Não haveria a menor possibilidade de voltar a ficar em boa forma, em duas a quatro semanas, para entrar na equipa dos sub-20.

Por isso, sim, era seguro dizer que estava completamente lixado.

O meu único consolo era que ainda poderia participar nos treinos ligeiros com a minha escola e o meu clube. Não havia a porra de uma coisa que pudessem fazer para evitar isso, mas não era muito a que me agarrar no caminho da esperança. Não quando era garantido que ambos os treinadores, quer do Ballylaggin RFC, quer do Tommen, iriam receber a mesma carta.

Havia poucas probabilidades de conseguir qualquer tempo de jogo

com o clube.

Não havia qualquer hipótese de o treinador Mulcahy me pôr no banco, não se podia dar a esse luxo, mas aquilo era apenas treta de alunos de escola.

Furioso por ter sido excluído dos jogos seguintes das juventudes, estava a ferver de raiva e de tensão na altura em que, nessa tarde, cheguei a minha casa, felizmente vazia.

A mãe tinha ido para Dublin passar o fim de semana com o meu pai, por isso, não ia ter de enfrentar o interrogatório parental durante alguns dias.

Queria chorar. Não ia chorar, mas queria mesmo, porra.

Devia ter continuado a trabalhar, apesar da dor.

Nunca devia ter feito a porra daquela cirurgia. Se não a tivesse feito, poderia ter ainda a oportunidade de entrar na equipa inicial dos sub-20 na temporada europeia, em junho.

Os sub-20 eram um grande salto para quem estava nos sub-18, e eu estava na porcaria do caminho certo para dar esse salto.

Agora já não.

Se não conseguisse resolver os meus problemas, ninguém iria querer-me. Não com um corpo cheio de problemas.

Passei o resto da tarde no meu ginásio em casa, a trabalhar o meu corpo até ao ponto da exaustão, desesperado para apagar a horrível sensação de desamparo que ameaçava tomar conta de mim.

Este último revés fora a cereja no topo do bolo de um ano infernal.

Para ser sincero, estava arrependido de ter voltado para a escola depois das férias de Natal. Devia ter ficado na porcaria da minha cama e pedido à minha mãe para me escrever três meses de justificação de faltas por doença ou uma coisa do género. Tudo se tinha transformado num inferno para mim, desde essa altura.

O meu corpo. O meu cérebro. A minha linha de raciocínio.

Eu estava uma grande confusão.

No meio do meu colapso emocional, a minha mente continuava a focar-se na única pessoa na qual eu *não* precisava de pensar.

A Shannon como o rio, com aqueles olhos azul-noite.

– Estás com um problema, Kavanagh, e vou intervir. – A voz do Gibsie perfurou os meus pensamentos, fazendo com que perdesse

momentaneamente a concentração e quase me magoasse seriamente com uma barra de halteres de 127 quilos.

– Merda! – exclamei, com uma voz estrangulada, contraindo os músculos para os manter firmes naquela posição, mesmo a tempo de me salvar de uma asfixia quase certa. – Não te aproximes de mim assim furtivamente, maldito *eejit*. – Olhei do alto do meu poleiro e vi o meu melhor amigo de pé, na entrada da garagem. – Podia ter morrido.

– Sim, pois podias. – Descruzando os braços, o Gibsie foi até onde eu estava e agarrou a barra. Pousou-a, tirou uma toalha do cabide, atirou-a para o meu peito e disse: – Não voltes a fazer isto sozinho, outra vez. Apontou para a barra de halteres carregada de pesos com uma expressão de desaprovação. – É altamente irresponsável.

Deixei-me cair para trás, pousei a cabeça no banco, respirando asperamente e com dificuldade antes de tentar falar.

– Estás a dar-me um sermão sobre responsabilidade? – Dei uma gargalhada arquejante, agarrei a toalha que estava no meu peito e enxuguei-me. – Olha, parece que o hipócrita que há em ti hoje está maduro, pá.

– Não tentes desviar-me da minha missão com as tuas conversas de merda – replicou. – Tenho planos para ti.

– Não sei do que estás a falar, Gibs. – Sentei-me e fiz mais umas quantas inspirações para estabilizar a respiração antes de me pôr de pé. – Mas seja o que for, não estou nos meus melhores dias.

– Seja o que for – disse o Gibs alegremente. – Mesmo assim, vamos sair. – Seguiu-me até ao frigorífico que havia no canto do ginásio e tirou uma lata de *Coca-Cola*. – Por isso, vai cagar, tomar um duche e barbeia-te, porque vamos encontrar-nos com os rapazes no Biddies, às oito e meia.

Tirei a tampa a uma garrafa de água, e despejei o conteúdo para a minha garganta antes de responder:

– Não – arquejei, encharcado em suor e a sentir-me mal como a merda. – Não vamos.

O Liam tinha-me telefonado ontem, nada menos do que três vezes, para tentar amansar-me, por isso, não era essa a razão pela qual não queria sair.

O problema é que estava próximo do meu ponto de rutura. Estava

a uma conversa de distância de perder a porra da cabeça.

– Podes ter a certeza de que vamos, porra – rebateu o Gibsie. – Recebi a tua mensagem sobre o teu treinador ter-te mandado hoje para casa e tenho de ser sincero contigo, pá, estou aliviado que eles tenham começado a ver para além do teu teatro de «Estou ótimo, não dói.»

– Uau. – Fiz cara de espanto. – Obrigadinho, *amigo*.

– Não me venhas com essas merdas – replicou o Gibsie. – Sabes mais do que ninguém que quero ver-te naquela equipa em junho, mas *não* correndo o risco de lesão permanente. – Abanou a cabeça. – É um preço demasiado elevado a pagar.

– Tu não percebes – resmunguei, arrependido da mensagem de desabafo que lhe enviara anteriormente.

– Não, com toda a franqueza, provavelmente não percebo – replicou o Gibs. – Nunca investi em nada da mesma forma como tu investes no rãguebi, mas vejo o que estás a fazer a ti próprio. Eu vejo isso, Johnny.

– Sim, pois – resmoneei. – A menos que possa convocar um milagre e resolver os meus problemas, foi tudo por água abaixo.

– E é exatamente por isso que vais sair comigo – argumentou. – Precisas de fazer uma pausa e tirar a cabeça do rãguebi. – Com um sorriso aberto, apontou para si próprio. – E quem melhor do que eu para te ajudar a fazer isso?

– Não sei, Gibs. – Atirei a garrafa vazia para o caixote do lixo ali próximo, passei uma mão pelo cabelo e suspirei: – Estou estoirado.

O que era verdade.

A exaustão era a norma para mim, sobretudo nos últimos tempos. Estava dorido como tudo e isso não ajudava ao meu mau humor.

– Provavelmente, vou apenas passar a noite em frente à televisão.

– És a porra de um robô, isso é que és – retrucou o Gibsie. – Bem, não esta noite.

Pôs uma mão firme no meu ombro e deu-me umas cotoveladas na direção da porta aberta da garagem.

– Não tens nenhuma sessão de treino matinal amanhã, ou alguma dessas tretas da Academia que te impeça de te divertires numa saída à noite, com os teus companheiros.

Permiti que me conduzisse até lá fora por uma razão: estava demasiado estafado para resistir.

– Esta noite, vamos curtir umas bebedeiras e – apertou-me o ombro para enfatizar e dirigir os meus passos para a minha casa – tu vais ser *humano*. Amanhã, podes regressar ao teu eu robótico e tão interessante como a água de uma máquina de lavar a loiça.

– Estou demasiado dorido – resmunguei.

– *É claro* que estás dorido – replicou. – Não estás a dar ao teu corpo tempo para se curar, nunca tens a porra de um momento de descanso e não tens uma passarinha há meses. – Piscou o olho e acrescentou: – É altura de tirares os teus tomates do gelo e vestires o teu blusão de engate.

– O meu blusão de engate? – um sorriso rompeu o meu mau humor. – O que é que nós somos, outra vez adolescentes de treze anos que vão à discoteca sem ter idade?

– Eu estou a usar a *minha T-shirt* de engate – respondeu, orgulhosamente, fletindo os bíceps para sublinhar. – Tem uma taxa de sucesso de cem por cento.

Levantei uma sobrancelha.

– Talvez porque a etiqueta nas costas diz que é para as idades de doze a treze anos.

– Cá estamos nós – o Gibsie sorriu amplamente. – Não tenhas ciúmes da minha espetacular forma física.

– É mais das tuas tretas espetaculares.

A abanar a cabeça, chegámos à porta das traseiras, dei um passo ao lado para ele passar, e depois dirigi-me à minha parte preferida da casa: o frigorífico.

– É esse o plano – afirmou o Gibsie. A vaguear pela minha cozinha como se fosse dele (e talvez até seja, se tivermos em conta a quantidade de tempo que ele passa aqui), passeou despreocupadamente pelos armários até tirar um recipiente para o pão e uma faca da gaveta, puxar um banco de dentro da ilha central, e afundar-se nele. – E não me vais dar nenhuma desculpa de merda, esta noite.

– Quem é que vai?

– O Hughie e a Katie encontram-se connosco lá em baixo. – Fez

uma pausa e disse: – E o Pierce e o Feely talvez mostrem as trombas.

– Vai alguma das raparigas da escola?

– A Katie – replicou o Gibsie num tom de voz de quem me chama *palerma*.

– Além da Katie – disse eu.

A Katie era um dado adquirido. O Hughie raramente largava a rapariga.

– Não. – O Gibsie franziu-me a testa. – Porque haveriam de ir?

Fiz-lhe uma expressão de «mas que merda...».

– Porque elas aparecem *sempre*, porra.

– Faz diferença, se aparecerem?

– Não estou com disposição para lidar com elas.

– Queres dizer que não estás com disposição para aturar a maluca – corrigiu o Gibsie com uma careta.

– Não, não estou – concordei, a remexer no frigorífico. – Não vou lidar com ela este fim de semana. – Com os braços carregados de ingredientes para fazer sanduíches, fui até à ilha e atirei-os para a bancada de mármore preto. – Preciso de um descanso, Gibs.

O Gibs abanou a cabeça e estendeu o braço para agarrar no pão.

– O que é que aconteceu? – perguntou, ao pegar na faca com brusquidão e no pacote de fiambre. – Anda a contactar-te?

– Quando é que ela *não anda* a contactar-me? – ironizei, a cortar devagar um tomate. – É uma torrente constante de mensagens e telefonemas.

A porra do tempo todo.

Tinha parado de ler as mensagens da Bella há semanas, mas ainda ficava louco sempre que o meu telefone se iluminava porque nove vezes em cada dez, era ela do outro lado da linha.

– Deves ser mesmo espantoso na cama – disse o Gibsie, pensativamente. – Se ela anda assim atrás de ti.

– Não é essa a questão, Gibs – respondi, irritado. – Não significa não, pá.

– Podes mudar o teu número – sugeriu.

– Para quê? – resmunguei, chateado. – Ela iria arranjar forma de conseguir o novo.

– Sei que estou sempre a dizer isto, mas tenho mesmo de o dizer

uma vez mais – o Gibsie barrou com manteiga duas fatias de pão, depois recheou-as com queijo e meia dúzia de fatias de carne por cima, dobrou a sanduíche ao meio e deu-lhe uma dentada, antes de dizer: – Não sei como é que alguma vez puseste a tua pila dentro daquela rapariga.

– Perdi a porra da cabeça – admiti, concentrando-me tanto quanto podia em espalhar a manteiga uniformemente na minha fatia de pão.
– Foi por isso.

– Bem que o podes dizer – desabafou o Gibsie, fazendo outra sanduíche para si próprio. – Ficaste cego com as mamas enormes – acrescentou, entre duas enormes dentadas de fiambre e queijo. – E pela passarinha elegante.

– Pois – pus a faca na bancada, distribui equitativamente as fatias de tomate pelo pão e acrescentei alguns pedacinhos de frango antes de a dobrar ao meio. – Bem, já não estou cego. – Agarrei na minha sanduíche, dei-lhe uma enorme dentada, mastigando e engolindo antes de acrescentar: – Agora vejo tudo com clareza.

– Tens de arranjar uma namorada, pá – declarou o Gibsie. – É a única forma de afastares a Bella.

– Não quero arranjar uma namorada – irritei-me. – Estou demasiado ocupado para uma namorada, porra, Gibsie. E tu sabes isso.

– Nem mesmo a pequena Shannon? – atirou ele, com um sorriso.

O coração saltou-me no peito ao ouvir o nome dela.

Maldição...

– O que é que te disse sobre ela? – disse, irritado, atirando o resto da minha sanduíche para o prato, agora sem apetite. – O que é que te tenho dito nos últimos dois meses, porra?

– Não é o que tens dito – disse ele, a rir baixinho. – É como te tens comportado.

– *Não vou por aí* – grunhi. – Já o disse a porra de umas cem vezes.

– E podes dizê-lo mais cem – replicou o Gibsie com uma gargalhada. – Que mesmo assim, não vou acreditar em ti.

Santo Deus.

– Tu gostas da miúda – continuou ele, a provocar-me. – Talvez até a aaaaaammmmmmm....

– Se concordar em ir ao Biddies contigo, deixas de falar nisso? – perguntei, desesperado para o parar antes que ele entrasse em modo completo de Gibsie e me levasse à loucura. – Deixas este assunto em paz?

O meu melhor amigo assentiu com entusiasmo.

– Absolutamente.

– Ótimo. – Suspirei, derrotado, e movi-me na direção da porta. – Vou tomar um duche.

– Lindo menino – disse o Gibsie nas minhas costas. – Vou chamar um táxi para irmos.

Voltei-me para o encarar.

– Posso levar-nos...

– Não, não podes – interrompeu-me o Gibsie, levando o telefone ao ouvido. – Vamos sair para apanhar uma bebedeira. *Nós* os dois.

De ombros descaídos, voltei-me e comecei a andar para o meu quarto.

Cabrão do Gibsie.

Vamos conseguir arranjar-nos

SHANNON

– Como é que está a cara, Shan? – perguntou o Joey quando entrei na cozinha pouco depois da meia-noite.

Ele e a Aoife estavam sentados à mesa com chávenas de café à frente deles e ambos tinham expressões de preocupação a condizer.

– Merda – murmurou ele, encolhendo-se quando me viu.

– Estou bem, Joey – forcei-me a um sorriso para o confortar. – Parece pior do que é.

Era mentira.

A minha cara estava a matar-me. Todos os centímetros do meu corpo estavam em agonia. Estava negra e azul da cabeça aos pés.

Felizmente, a única marca visível da noite anterior era um pequeno hematoma na minha bochecha.

Tinha sido o resto do meu corpo a aguentar a força da sua fúria.

A minha única salvação era que estava frio e tinha podido esconder as minhas nódoas negras com calças de fato de treino largueironas e camisolas de manga comprida.

Mas a minha mentira não confortou o meu irmão. Ficou a olhar para mim, parecendo destruído e vencido.

– Lamento tanto, porra, Shan – disse o meu irmão, deixando cair a cabeça nas mãos. – Eu devia ter estado cá.

O Joey tinha ido ao cinema com a Aoife na noite anterior e eu tinha ficado contente. Se ele tivesse estado cá, sabia, bem no meu íntimo, que alguém teria deixado esta casa num saco para cadáveres.

– Não tens culpa – disse-lhe, bruscamente. – Nada do que aconteceu a noite passada foi culpa tua. Tu tens direito a ter uma vida, Joey.

– Conseguiste pôr o Sean a dormir? – perguntou a Aoife, sorrindo-me tristemente, enquanto mudava de assunto.

– Finalmente – suspirei pesadamente. – O Tadhg e o Ollie estão

bem. Mas o Sean... Deus, ele está numa situação terrível por causa da mãe. – Pus o meu cabelo emaranhado atrás das orelhas e apoiei-me na bancada. – Esteve a chorar compulsivamente durante horas. Acabou por adormecer a chorar.

– Filhos da puta – murmurou o Joey, quase inaudivelmente.

– Joey – advertiu a Aoife. – Não digas isso.

– Dizer o quê, querida? – rebateu ele, acaloradamente. – A verdade? Porque é o que eles são. Um par de malditos filhos da puta.

– Ela continua a ser a tua mãe – respondeu a Aoife com tristeza.

– E é pior do que ele – replicou o meu irmão. – Deixar aquelas crianças aqui, por conta delas. – Passou uma mão pelo seu cabelo louro e afirmou, zangado: – Podia pegar no telefone e falar com os miúdos, mas não, como sempre, foge e enterra a cabeça na areia.

Ao contrário da Aoife, não me encolhi com o que o meu irmão tinha dito. Podiam ser palavras duras de ouvir, mas eram a mais pura das verdades.

A namorada do Joey era absolutamente espantosa, com uma figura invejável, cabelo louro comprido, e uma cara linda, mas esta noite parecia perturbada.

A Aoife estava apaixonada pelo meu irmão, e acho que isso explicava o ar horrorizado na sua cara, e a forma como ela acariciava constantemente as costas da mão dele.

– Vamos ver com o que é que podemos contar – disse o Joey com um suspiro.

Enfiou a mão no bolso dos *jeans*, puxou a carteira, atirou-a para cima da mesa, e começou à procura dos trocos perdidos que tilintavam nas suas calças.

– Só recebo na próxima quinta-feira – murmurou, mais para ele do que para nós, virando o conteúdo da carteira para cima da mesa e começando a contar. – O que nos deixa exatamente com... – fez uma pausa para empilhar algumas moedas. – Oitenta e sete euros e trinta cêntimos para os próximos seis dias.

– É bom, não é? – perguntou a Aoife, com um otimismo forçado.

O Joey assentiu cautelosamente.

– Talvez dê.

– Sabes que ajudaria se pudesse – avancei, em voz débil, sentindo-

me um peso morto à volta do pescoço do meu irmão. – Mas ele não me deixa arranjar emprego...

– Para! – ordenou o Joey. – Nem sequer penses em culpar-te por isto, Shan.

Mas culpava. Sentia-me incrivelmente culpada. Havia qualquer coisa em relação a mim que causava todo este sofrimento.

Se eu não estivesse nesta casa, tenho quase a certeza de que a minha família não teria metade dos problemas que tinha.

A mãe levou uma tarefa do meu pai por minha causa. Porque ele *me* odiava.

Eu era o problema.

O Joey suspirou pesadamente.

– Dá uma vista de olhos ao que temos no frigorífico.

Relutante, fez o que ele tinha dito. Abri a porta do frigorífico, e mantive-a assim para o Joey ver com os seus próprios olhos.

– Filhos da puta – rosnou ele, mais uma vez, ao ver as prateleiras do frigorífico quase vazias.

– Os armários estão na mesma – decidi dizer, antes que ele me pedisse para também os abrir. – A mãe, habitualmente, faz as compras ao sábado.

– Habitualmente – disse o Joey, com amargura.

– Ela não costuma sair assim, Joey – sussurrei. – Ela nunca nos deixa sem as compras.

– Bem, agora deixou – irritou-se ele. – E está tudo bem, Shan. Vamos conseguir arranjar-nos.

– OK – disse eu, debilmente.

Passando uma mão pelo cabelo, o Joey assentou os cotovelos na mesa, murmurou algumas pragas incoerentes para si próprio, e depois declarou:

– Vou dar um toque ao Mark, de manhã. Ele tem um trabalho numa estufa agendado para a cidade, na próxima semana. Vou perguntar-lhe se precisa de um trabalhador.

– Nem pensar, Joey. Não podes faltar à escola – admoestou a Aoife. – É o ano do diploma final.

– Não, querida – respondeu o Joey, fatigado. – Não posso deixar os miúdos passar fome e só Deus sabe quando é que aquela cabra volta.

– Eu posso ajudar-te com...

– Não vou aceitar o teu dinheiro, Aoife – interrompeu-a o Joey, dizendo: – Por isso, por favor, não ofereças.

– Joey, eu *quero* ajudar-te.

– E eu adoro-te por isso, mas não vou aceitar esmolas da minha namorada.

– Sabes onde é que ela está? – perguntou então a Aoife, dirigindo-me a pergunta.

Ela estava claramente desesperada para o confortar, e não sabia como.

Queria dizer-lhe que não havia como, nós estávamos demasiado danificados, mas segurei a língua e em vez disso, respondi-lhe:

– Presumo que tenha ido à procura dele.

Era uma ideia deprimente, mas mais do que provavelmente, era a verdade.

– Meninos – disse a Aoife, num tom nervoso. – Não me cortem a cabeça por causa disto, mas já pensaram em chamar as autoridades?

O Joey olhou para ela como se lhe tivessem nascido três cabeças.

O pânico irrompeu no meu peito.

A Aoife, ao reparar nas nossas reações, corou violentamente.

– Ele não pode continuar a fazer-te isto – explicou ela, rapidamente. – E vocês estão aqui os dois sozinhos, a tomar conta de três crianças pequenas... Não está certo, nem é justo para nenhum de vocês.

– Não, não está certo, nem é justo para nenhum de nós – disse o Joey com brusquidão. – Mas eu e a Shannon já percorremos esse caminho antes e não há a porra da mais pequena possibilidade de lá voltarmos.

– Joey! – quase gritei, a abanar a cabeça.

– Olha para nós, Shan – gemeu ele. – Ela já percebeu como estamos lixados.

Eu sabia, mas continuei a abanar a cabeça.

Ignorando os meus protestos silenciosos, o Joey começou um discurso a revelar o nosso maior medo, aquele que nos manteve calados durante a maior parte das nossas vidas.

– Quando éramos pequenos, antes de os rapazes terem nascido,

éramos só eu, o Darren e a Shannon, fomos os três postos no acolhimento, durante seis meses.

Os olhos da Aoife arregalaram-se e eu abafei um gemido.

– Nunca me contaste isso.

– Não é uma coisa de que ande a falar por aí, amor – disse ele, asperamente. – Além disso, eu só tinha seis anos na altura. – Inclinou a cabeça na minha direção e explicou: – A Shan só tinha três. A mãe entregou-nos voluntariamente aos Serviços Sociais. Disse que estava demasiado doente para tomar conta de nós. Deixou-nos lá e foi-se embora, porra. A Shannon e eu tivemos sorte. Fomos colocados juntos numa família de acolhimento simpática. – Suspirado pesadamente, acrescentou: – O Darren tinha onze anos nessa altura e não teve tanta sorte.

As lágrimas começaram a correr-me pela cara porque sabia o que o Joey ia contar a seguir.

– Joey, por favor, não – supliquei.

– Foi enviado para uma casa de acolhimento onde lhe aconteceram *coisas* – contou o Joey, numa voz sufocada. – Coisas que não é suposto *acontecerem* a crianças.

A Aoife pôs a mão sobre a boca.

– Não estás a dizer que...?

O Joey assentiu rigidamente.

Lágrimas assomaram-lhe aos olhos.

– Oh, querido.

– Não – sussurrou ele, abanando a cabeça. – Não me aconteceu a mim.

– Eu sei – disse a Aoife, em voz estrangulada, pegando-lhe na mão.

– É só que... É horrível.

– De qualquer forma, quando a *saúde* da mãe melhorou, ela foi a tribunal e conseguiu ter-nos de volta – apressou-se o Joey a continuar. – Em tribunal, veio tudo a público sobre o que acontecera naquela casa de acolhimento e, porque ela nos tinha entregado voluntariamente, devido aos seus «problemas de saúde», conseguiu, de alguma maneira, reaver a nossa custódia. – O Joey fitou as mãos juntas de ambos durante muito tempo, e depois continuou: – O Darren nunca mais foi o mesmo, e nem o nosso pai. – Suspirando

pesadamente, acrescentou: – Na verdade, ele não era um tipo assim tão mau, antes disso. Mas depois de se ter sabido tudo sobre o Darren, o velhote perdeu a porra da cabeça. Não conseguiu ultrapassar isso e voltou-se para a bebida. Desenvolveu na sua cabeça a porra de uma ideia ridícula de que o que tinha acontecido ao Darren, de alguma maneira, o tinha transformado a ele. – O Joey abanou a cabeça e suspirou de frustração. – Se nos tivesse dado um microssegundo de atenção, enquanto crescíamos, teria percebido melhor o que se passava.

– Não sei o que dizer – sussurrou a Aoife, o olhar alternado entre mim e o Joey.

– O que acontece nesta casa não está certo, mas é melhor do que o que acontece por aí nalgumas dessas casas de acolhimento – declarou o Joey. – Não há a porra da mais pequena possibilidade de deixar que a minha irmã e os meus irmãos vão para o sistema de acolhimento, amor. A porra da mais pequena possibilidade. Pelo menos, quando estão aqui, estão todos no mesmo sítio, e de alguma forma posso mantê-los a salvo.

– Vocês têm alguém a quem possam pedir ajuda? – perguntou a Aoife, com os olhos plenos de preocupação. – Um parente, ou um amigo da família?

– A *Nanny* tem oitenta e um anos – sussurrei, limpando as minhas lágrimas. – Está demasiado velha e frágil para...

– Eu e a Shannon temo-nos um ao outro – interrompeu o Joey, apontando para os dois. – E é tudo.

– Mas já não estão sozinhos – disse a Aoife ao meu irmão. – Têm-me a mim. – Estendeu o braço por cima da mesa, cobriu a mão dele com as dela e sorriu debilmente. – Todos vocês.

Os ombros do Joey afundaram visivelmente, e ele agarrou a mão dela e beijou-lhe os nós dos dedos.

– Deus, eu amo-te – disse-lhe, numa voz baixa e áspera.

Voltei-me, porque era demasiado difícil de ver.

Eu adorava a Aoife Molloy. Adorava-a verdadeiramente como a uma irmã.

Mas também lhe tinha algum ressentimento.

Porque eu sabia exatamente como um amor incondicional, o afeto

e a segurança eram apelativos para alguém como o Joey.

Era a mesma coisa comigo.

E porque sabia exatamente, no fundo da minha alma e do meu coração, como é que isto se ia desenrolar.

Dela, o Joey estava a receber uma forma de amor que lhe tinha sido negada toda a vida. E se esta rapariga saltasse, o Joey iria saltar com ela.

Não o podia culpar. Se eu tivesse oportunidade, também saltaria.

Mas saber que o tempo dele nesta casa estava a chegar ao fim, fazia com que me fosse difícil respirar.

Podia senti-lo a vir pelos carris como um comboio desgovernado.

O nosso pai iria voltar. Voltava sempre. E, sinceramente, não conseguia ver o meu irmão a ficar por perto depois do que ele tinha feito.

Ele tinha levado com dezoito anos de tarefas e de abusos. Não tinha a certeza se ele conseguiria aguentar muito mais.

– OK! – A Aoife juntou as mãos e levantou-se. A fungar, limpou as lágrimas das bochechas e obrigou-se a fazer um sorriso iluminado. – Estou *a morrer de fome* e sei que vocês os dois também devem estar. Por isso, vou num instantinho ao restaurante de *fast food* e é por minha conta.

O Joey abanou a cabeça.

– Aoife, já te disse...

– Por *minha conta*, amor – interrompeu ela, lançando um olhar duro ao meu irmão. – Então, vens comigo?

– Sim, vou – disse o Joey, pondo-se de pé. – Não vais andar aí sozinha a conduzir pela cidade a meio da noite.

– Ficas bem aqui sozinha, Shan? – perguntou a Aoife, a sorrir tristemente.

Assenti.

– Fico bem.

– O que é que te apetece comer?

– Nada, obrigada – repliquei, forçando um bocejo. – Vou subir e deitar-me.

– Não me digas que és tão teimosa como o teu irmão e não aceitas a porcaria de um pacote de batatas fritas? – A Aoife franziu a testa. –

Estás demasiado magra, miúda – acrescentou, com a preocupação de novo nos olhos. – Precisamos de pôr alguma carne nesses ossos.

Sorri, ao ver a sua expressão atrapalhada.

– Sinceramente, estou demasiado cansada para comer.

– Tens a certeza? – Ela não parecia convencida.

– Tenho.

– Não demoramos, Shan – disse o Joey por cima do ombro, ao conduzir a Aoife para fora da cozinha.

– Demorem o tempo que quiserem – disse, por detrás dele. – Os rapazes estão bem, e eu estarei na cama.

Ao entrar no meu quarto, nem me dei ao trabalho de acender a luz. Não estava a mentir quando dissera que estava cansada.

Gatinhei para cima da minha cama, enrolei-me debaixo do edredão e aconcheguei-me, sabendo que com os meus pais fora, iria dormir melhor esta noite do que dormia há meses.

Era assim a confusão da minha vida.

Miúdas irritantes e hálito de hambúrguer

JOHNNY

No instante em que pus o pé no Biddies, soube que tinha cometido um erro terrível.

Registem isto: no instante em que deixei o Gibsie abrir aquela garrafa de *whisky* do meu pai, soube que tinha cometido um erro terrível.

Depois do meu duche, tentei convencê-lo a tomarmos umas bebidas em casa em vez de sairmos, mas o *whisky* tornou-me obediente. Transformou-me num maldito *eejit* concordante. Que era exatamente como o Gibsie tinha conseguido convencer-me a sair do meu mau humor, a entrar naquilo a que chamava o meu «blusão de engate», e a entrar para o lugar do passageiro do seu carro.

Deveria ter percebido quando ele não bebeu comigo.

Cabrão.

Ter-me dado *Jameson* aos poucos era a razão pela qual eu estava atualmente na ombreira da porta do Biddies Bar, três bebidas além do ponto em que tinha ficado animado, e a desejar estar em qualquer lado menos neste maldito *pub*.

Lá dentro, estavam metade das raparigas do décimo segundo ano. E também estava a Bella.

No minuto em que a Bella reparou em nós, atirou-se a um Cormac de ar bastante nervoso e colou a cara à dele.

Qualquer semelhança de entusiasmo que tivesse conseguido animar-me para que esta noite fosse um bocadinho divertida, voara pela janela assim que a vira. Não tanto porque ela estivesse a tentar marcar pontos com o Cormac à minha frente, apesar de isso não ajudar, mas porque ainda estava cheio de raiva pela forma como ela se tinha comportado ontem na escola.

Tudo o que queria que ela fizesse era *que se fosse embora*. Apenas

que se fosse embora e me deixasse em paz.

E com toda a sinceridade, não me parece que isso fosse pedir de mais.

– Ignora-os – sussurrou o Gibsie ao meu ouvido.

– Um bocado difícil, tendo em consideração toda esta cena – repliquei, apontando para onde a minha ex-ou-o-que-porra-tivesse-ela-sido devorava a cara do meu asa a pouco mais de três metros de mim.

Senti imediatamente o meu cérebro a voltar à vida e a começar o processo de regresso à sobriedade, porque sabia exatamente como esta rapariga era perigosa, e maldição, eu precisava de estar na plena posse dos meus sentidos para me defender.

– Compreensível – concordou o Gibs. – Pelo menos, sabes que o espetáculo é em tua honra.

– *Não quero* que seja em minha honra. Quero que ela *se vá foder* – rosnei, reprimindo um estremecimento com a visão. – Por favor, diz-me que nunca me comportei assim com ela.

– Bem, não sei como é que te comportas atrás das portas fechadas de um carro – replicou o Gibs. – Mas nunca tiveste um comportamento destes em público.

– Graças, a Deus – murmurei.

– Vá lá, Johnny. – Pondo uma mão firme no meu ombro, o Gibsie conduziu-me na direção da mesa onde nos sentávamos habitualmente. – Senta-te. Vou buscar uma rodada de cervejas.

– *Vodka*, Gibs – corrigi-o, sabendo que iria precisar de alguma coisa muitíssimo mais forte do que cerveja à pressão para conseguir ultrapassar a noite. – Um *vodka* duplo e um *Red Bull*... e uma tonelada de *shots*.

Que se fodesse ficar sóbrio. Ia dar-lhe com tudo. O Gibsie podia tomar conta de mim uma vez na vida.

– Vou a caminho, companheiro – o Gibsie riu-se, e desapareceu na multidão.

Ignorando as raparigas da escola que se tinham posicionado convenientemente na mesa ao lado da nossa, uma mesa que incluía a Bella e o Cormac, afundei-me ao lado do Hughie e da sua namorada, a Katie Wilmot.

– Hughie – murmurei, à laia de cumprimento.

Deitei uma olhadela à garrafa de *Seven Up* com uma palhinha espetada no gargalo que a namorada do Hughie aconchegava entre as mãos, e os meus lábios torceram-se.

– Tudo bem, Cap? – retribui o Hughie, com um sorriso discreto. – Como foi o treino?

Grunhi a minha resposta, demasiado dorido e desconfortável para fazer um esforço e mentir.

Era uma merda. Tudo era uma merda.

O meu mundo estava a tornar-se uma merda. E o espetáculo desta noite era a cereja no topo de tudo.

– O Feeley vem hoje à noite?

O Hughie abanou a cabeça.

– Não, pá. Apareceu não sei o quê.

– Nenhuma surpresa por esse lado – repliquei, com ar conhecedor.

– Não me digas nada – respondeu o Hughie, com um suspiro pesado.

O Patrick era um peixe sossegado, e apesar de sermos amigos até à medula há mais de sete anos, não sabia grande coisa sobre ele, além do facto de ser evasivo, sossegado, e de ter tendência para cancelar planos à última hora.

Depois de ter posto a conversa em dia com o Hughie, inclinei a cabeça para a ruivinha bonita aninhada ao seu lado.

– Katie.

– Olá, Johnny – disse a Katie, com um sorriso tímido, escondendo-se debaixo do braço do Hughie.

Não admira que estejas a esconder-te, porra, pensei para mim próprio.

Eu também me esconderia, se fosse uma miúda tímida de dezasseis anos a ser sujeita ao horrível espetáculo de duas pessoas a comerem a boca uma da outra, na mesa ao lado.

A Katie era demasiado nova para estar num bar (éramos todos), mas parabéns ao meu amigo por não estar a enchê-la de álcool. Não que eu pensasse por um minuto que ele o faria. Por alguma razão desconhecida, o Hughie estava obcecado com a pequena ruiva debaixo do seu braço. E era assim desde que ela tinha entrado pelas portas do Tommen como caloiria do sétimo ano.

Estávamos no oitavo ano quando o Hughie jogou as suas cartas com a Katie Wilmot. Na altura, eu (juntamente com todos os outros nossos amigos e companheiros de equipa), achei que o Hughie era um lunático, e tinha dado voz aos meus pensamentos regularmente em voz alta. Mas agora que tinha a idade e a experiência do meu lado, tinha de admitir que a sua situação parecia muitíssimo mais apelativa do que a minha.

A devoção tem de ser uma sensação melhor do que a de ser usado.

– Estás com bom aspeto esta noite, Katie – disse-lhe, porque era verdade e porque ela era insegura.

Eu tinha este pedacinho de informação, porque o namorado dela fazia-me frequentemente confidências sobre a sua relação. Provavelmente, eu sabia bastante mais sobre a sua relação do que a Katie gostaria, mas ia levar esses pormenores comigo para a sepultura.

A Katie sorriu-me timidamente e aninhou-se mais para o lado do Hughie.

– Obrigada.

O Hughie lançou-me um olhar de gratidão. Ele não precisava de me agradecer por nada. A namorada *era* linda.

O Gibsie chegou à mesa uns momentos mais tarde, distraíndo-me com um tabuleiro cheio de copos.

– Bota-abaixo, Cap – anunciou, pousando o tabuleiro à minha frente.

– Saúde! – Sem me incomodar a perguntar o que é que tinham os copos esta noite, sabendo que com a disposição com que estava beberia petróleo, tirei dois copos de *shot* do tabuleiro, e despejei-os pela garganta.

E então, só para garantir, engoli outros quatro *shots* antes de me dedicar ao meu *vodka* com *Red Bull*.

Precisava disto, porque assistir ao espetáculo de palco que estava a acontecer na mesa ao lado da nossa, não era divertido. De onde estava sentado, tinha uma visão perfeita da Bella a cavalgar o Cormac. Ele tinha as mãos debaixo da saia dela, e as pernas da Bella estavam enroladas à volta do peito dele. Se estivessem nus e a ter sexo não seriam mais óbvios, porra.

O Gibs apoiou-se no banco à minha frente e, felizmente, bloqueou-

me a visão.

– Sou mais bonito de ver – anunciou, com uma piscadela de olho, e começou a engolir *shots* como se estivessem prestes a sair de moda.

Podia sempre contar com este cabrão. Granizo, chuva ou neve, o Gibsie estava sempre do meu lado.

Era uma ideia reconfortante.

– O Ryan é um palhaço – afirmou o Hughie em voz alta, lendo-me os pensamentos. – Ela está a fazer isto de propósito para te provocar, e ele está a deixar que ela o use para o fazer.

– Tiveste sorte em escapar-lhe, Johnny – disse a Katie, com um sorriso solidário.

Encolhi os ombros e tirei outro *shot*.

– Ela pode fazer o que quiser – levei o copo à boca, despejei o líquido e engoli-o rapidamente. – Ambos podem.

Estava a falar a sério. Não a queria de volta. Eu *nunca* voltaria ali. Mas isso não queria dizer que fosse fácil estar a ver. Porque não era.

Era um ataque intencional, e doía.

Sobretudo, porque o Cormac estava a compactuar com aquilo.

– Pois, mas esfregar-to na cara é nojento – replicou a Katie, franzindo a testa ao par. – Se fosse ao contrário, e tu fizesses *aquilo* com uma das amigas da Bella mesmo à frente dela, ela perderia a cabeça.

– Verdade – tanto o Gibs como o Hughie concordaram em uníssonos.

Nas horas seguintes, ignorei a Bella e o Carmac, e foquei a minha atenção nos meus amigos e na banda ao vivo que tocava, num canto do bar. Tentei relaxar e libertar-me, juntando-me à conversa, enquanto tomava uma bebida após outra, mas não estava a tornar-se mais fácil para mim.

Eu estava demasiado stressado.

Quando não estava a tentar evitar a Bella e o Cormac ativamente, a minha mente vagueava pela preocupação persistente na qual me esforçava para não remoer.

A minha saúde.

O problema era que o álcool que subia pelas minhas veias estava a tornar-me impossível bloquear os meus medos.

E se não conseguisse resolver os meus problemas? E se o meu corpo não se curasse? Que raio era suposto fazer com a minha vida?

Todos os hipotéticos «se» estavam firmemente aninhados no cesto etiquetado com «Carreira no Râguebi». Neste momento, esse cesto estava a ser derrubado, e eu não tinha poder para o impedir. Por outras palavras, estava completamente impotente e grandemente lixado.

– OK, pessoal, esta próxima canção é dos Reckless Kelly – anunciou o vocalista da banda ao microfone, distraíndo-me dos meus pensamentos alcoolizados. Dedilhou na guitarra, e depois informou: – «Wicked Twisted Road».

Inclinei-me para a frente, pus os cotovelos na mesa, e esforcei-me para ouvir a letra por cima do barulho da multidão. Uma estrofe, e estava viciado.

Bêbedo como estava, sabia que precisava de me lembrar. *Precisava* de a ouvir outra vez. As palavras trespassavam-me diretamente. Sentia-as fortes e profundas, e relacionava-me intensamente com cada linha de cada estrofe.

Sem surpresa (mas ainda assim uma confusão total), era o rosto de Shannon que esvoaçava pela minha cabeça à medida que as estrofes faziam o seu caminho no meu cérebro lento.

A Shannon dos olhos solitários.

Uma vida a lutar para ser o melhor. O medo de não ser suficientemente bom. E a nauseante sensação permanente de medo na boca do meu estômago.

Tirei o telefone do bolso dos meus *jeans*, e digitei uma mensagem rápida, com a esperança de ter escrito bem o nome da canção antes de sair das minhas mensagens, deixando o texto nos rascunhos.

Com o telefone nas mãos, ponderei no que faria se tivesse o número de telefone da Shannon.

Ainda bem que não o tinha. Nunca na minha vida tive tendência para fazer telefonemas bêbedo, mas neste momento tinha uma necessidade ardente de ligar para o seu número em falta.

Será que ela atenderia o telefone? Se atendesse, o que é que eu diria? E ela, falaria comigo?

Merda, queria ouvir a voz dela do outro lado do telefone.

Esta rapariga é diferente, entoava a porra do meu cérebro estúpido.

Queria voltar para o meu quarto, com o telefone encostado à orelha, a ouvi-la a tropeçar nas suas próprias palavras enquanto me contava os seus pensamentos. Queria voltar aqui com ela, observá-la a corar e a sorrir, e a olhar para cima, para mim, através daquelas pestanas compridas e espessas. Queria estar sentado no escuro do cinema com ela, sem prestar a mínima atenção ao filme que estava a passar, enquanto lhe lançava olhares em segredo e ficava a arder quando encontrava os seus olhos em mim.

Eu queria-a.

Podias amar esta rapariga toda a tua vida, o pensamento louco persistia, em repetição no meu cérebro, *se te permitisses amá-la*.

Um cotovelo afiado nas minhas costelas fez a minha cabeça levantar-se rapidamente.

– Mas que merda...? – virei o olhar para o Hughie, aborrecido por ter sido distraído do meu lugar feliz. – Para que foi isso?

– Temos companhia – sussurrou, inclinando a cabeça.

– Oh, Deus, lá vamos nós – murmurou a Katie, quase inaudivelmente.

Com os olhos embaciados, segui o seu movimento, e o meu olhar aterrou no Cormac que estava a dar a volta à nossa mesa, o rosto corado e batom esborratado à volta da boca.

Colada aos seus calcanhares estava uma Bella com um ar autoconfiante.

– Está tudo bem, rapazes? – cumprimentou o Cormac, enfiando as mãos nos bolsos. – Como é que vai isso?

Inclinei-me para trás na cadeira, e lancei aos dois um olhar impassível.

O Hughie acenou rigidamente ao Cormac, mas não fez nada para começar na conversa. A Katie nem sequer olhou para ele.

O Gibsie estava a fitá-lo, o seu habitual sorriso torto substituído por uma expressão assassina.

– Johnny. – O olhar cauteloso do Cormac aterrou em mim. – Posso dar-te uma palavrinha, pá?

Levei o meu tempo a olhá-lo de cima a baixo antes de me decidir por lhe dizer:

– Se é daquilo que queres falar comigo – apontei para a Bella, que estava atrás dele com um sorriso zombeteiro no rosto –, não há necessidade. O teu comportamento desta noite falou por ti de forma bem clara.

– Ouve, Johnny, não quero problemas – respondeu o Cormac, passando a mão pelo seu cabelo escuro num gesto de frustração. – Só quero esclarecer as coisas e garantir que não há ressentimentos entre nós. – Encolhendo os ombros, acrescentou: – Temos de jogar juntos e não quero hostilidades.

– A janela de tempo para me falares disto foi há meses – respondi, num tom de voz sem qualquer emoção. – E tendo em consideração que estávamos a jogar juntos quando decidiste sacanear-me, acho difícil acreditar nisso.

– Não foi assim, pá – replicou o Cormac, nervoso. – Pensava que vocês os dois tinham acabado, nessa altura.

– Sinceramente, não me importo – disse-lhe. – No que me diz respeito, ela agora é problema teu.

– Johnny, vá lá...

– Agora vão-se embora – interrompi-o, acenando-lhe em despedida. – E boa sorte com aquilo. – Lancei um olhar mordaz à Bella. – Porque vais precisar.

– *Aquilo?! – cuspiu a Bella. – De quem raio é que pensas que estás a falar, Johnny Kavanagh?!*

– Estou a falar de ti – respondi, com um sorriso de desprezo. – E estou a interrogar-me sobre que merda me possuiu para alguma vez ter posto a minha pila dentro de uma coisa tão venenosa, porra.

Um coro de risadas irrompeu da mesa ao lado da nossa.

O Gibsie ria às gargalhadas bem alto.

Assim como o Hughie e a Katie.

Ter-me-ia sentido mal por ter feito este comentário, mas o álcool que subia pelas minhas veias era uma verdadeira poção.

– Pois, bem, tu és uma merda completa – gritou-me a Bella. – *E nunca* mais te vou tocar.

– Que o maldito Deus seja louvado – repliquei sarcasticamente. – É a melhor notícia que ouvi em todo o ano.

– Ei, não sejas assim! – avisou o Cormac, tomando uma posição

protetora à frente dela. – A Bella agora é minha namorada, e não vou permitir que lhe fales assim.

Ergui o sobrolho.

– Tua namorada?

– É isso mesmo – sibilou a Bella, com um sorriso irónico. – Sou a namorada dele.

– Ah, Cristo – esfreguei a cara com uma mão e resmunguei: – Quase sinto pena de ti, Ryan, porque obviamente não tens a *menor ideia* com quem estás a lidar.

– Sei exatamente quem tu és, Kavanagh – irritou-se ele. – Sei *tudo* sobre ti.

– Não eu, idiota! – grunhi. – Ela!

O Cormac olhou-me, a corar violentamente.

– O que é que isso quer dizer?

– Quer dizer que tens de estar atento aos teus companheiros de equipa – disparei. – Porque essa aí não é feita do material que se requer para uma namorada.

Os seus olhos estreitaram-se.

– Anda lá fora e diz-me isso na cara.

– Estou a dizer-te aqui mesmo – respondi, impassível. – Na tua cara.

– Com uma mesa à tua frente e os teus amigos ao teu lado – provocou ele. – Grande homem que tu és. Anda lá fora e diz-me essas merdas sobre ela na minha cara.

– Nope – respondeu o Gibsie por mim, agarrando outro copo de *shot*. – Não vai acontecer. Por isso, podes continuar o teu caminho, vira-casacas, porque ele não vai morder o isco.

– Desaparece, Gibs. – O Cormac virou o olhar para ele. – Não estou a falar contigo.

– Talvez... – replicou o Gibs, pousando a bebida na mesa. – Mas tenho a porra da certeza de que estou a falar contigo. – Empurrou a cadeira para trás, pôs-se de pé num rompante, e tomou uma posição de desafio em frente ao Cormac. – Agora, vira o teu real cu e leva a tua namoradinha de volta para o buraco do qual vocês os dois saíram.

– Ou o quê? – grunhiu o Cormac, encostando a sua testa contra a do Gibsie.

A porra de uma má jogada por parte do Ryan.

– Não há nenhum contrato suspenso sobre a minha cabeça, idiota – disse o Gibsie a ferver, empurrando-o com a testa. – Não tenho nenhum problema em agir em nome do Kav e pontapear cada pedacinho de merda do teu cu vira-casacas.

Com mais de 1,83m, ambos os rapazes se equivaliam em altura, mas o Gibsie ultrapassava o Cormac em peso uns bons 13 quilos, porque no campo de jogos, o Cormac era um corredor talentoso, e o Gibs era como um aríete carregado de energia.

– Oh, por amor da santa – gemeu o Hughie, dando voz aos meus pensamentos. – Porque é que ele tinha de o provocar.

– Pois – concordou a Katie, desanimada. – Não há dúvida de que o fez.

O Gibsie tinha uma personalidade descontraída, mas deem-lhe algumas bebidas e uma razão para lutar, e ele apostava tudo.

– Não tenho nenhum problema contigo – grunhiu o Cormac, de queixo cerrado. – O meu problema é com o Kavanagh.

– Bem, é uma pena, porque eu tenho a porra de um enorme problema contigo – rosnou o Gibsie. – Quem raio é que pensas que és, a vir para aqui com ela, a tentar causar drama?

– Eu estava *a tentar* esclarecer as coisas – respondeu o Cormac, de queixo cerrado.

– Não, tu estavas a tentar fazer com que ele reagisse – corrigiu o Gibsie, a ferver de raiva. – Tu estavas *a tentar* lixar a época dele. – Empurrou o peito do Cormac e reivindicou o espaço quando ele recuou a cambalear. – Porque és um cretino invejoso e a Academia não te quer.

– Empurra-me mais uma vez e parto-te as pernas – rosnou o Cormac devolvendo o empurrão ao Gibsie.

Sem se deixar abalar pela ameaça, o Gibsie continuou a dar rédea solta à sua fúria.

– Tu e aquela cabra estavam a *tentar* armar-lhe uma ratoeira porque *ele* não *a* quer, e *tu* não podes fazê-lo onde isso conta. – Fazendo pressão na testa do Cormac, sibilou: – *No campo de jogo.*

– Não queremos problemas aqui hoje à noite, rapazes – gritou o empregado do bar por cima da multidão. – Parem com isso!

– Problemas? – o Gibsie riu sem nenhum humor, e depois balançou o punho e apanhou o Cormac diretamente no queixo. – Vou arrancar-lhe a maldita cabeça – rugiu, avançando com força na direção dele.

Vários gritos agudos irromperam das raparigas à nossa volta, quando os dois rapazes aterraram numa mesa próxima, fazendo as cadeiras voar e os copos estilhaçarem-se no chão.

Eu estava fora do meu lugar e perto do meu amigo numa questão de segundos.

– Gibs! – rugi, arrancando-o do Cormac, que também estava a retaliar com alguns socos.

– Afasta-te, pá – ordenei, em voz baixa, ao mesmo tempo que lhe fincava uma mão no ombro e o puxava para mim. – Esta luta não é tua.

– Uma merda é que não é – irritou-se ele, avançando tão rapidamente na direção do Cormac que tive de duplicar os meus esforços para o manter sob controlo. – És o meu melhor amigo e este idiota anda a desrespeitar-te há meses.

– Deixa-o – respondi calmamente, captando o olhar do Hughie e fazendo um gesto para trazer o seu traseiro para junto de nós *rapidamente*. – Eu não me importo e tu *também não*.

– Oh, eu importo-me – rosnou o Gibsie, os olhos fixos no Cormac.

– Levem este atrasado mental para longe de mim, ou mato-o – grunhiu o Cormac, cheio de fúria, limpando um rasto de sangue da boca. – És um cabrão lunático, Gerard Gibson.

– Tu não vais fazer nada – irritei-me, olhando para o Cormac enquanto adotava uma postura protetora à frente do Gibsie.

A Bella, que tinha estado a gritar desesperadamente para o lado, decidiu que esta era a altura perfeita para deslizar para ao pé de mim e desafiar o Gibsie frente a frente.

– Idiota! – gritou ela, dando-lhe um estalo na cara. – Não te atrevas a tocar-lhe!

– Sai daí – avisei-a, pondo o meu melhor amigo atrás de mim. – Agora!

– Ou o quê? – sibilou ela, dando-me um estalo. – Lanças o teu cão de guarda contra mim, também?

– Estás a aproveitar? – perguntei, sem sequer me sobressaltar. –

Porque é a única forma de me voltares a pôr as mãos em cima.

Ela recuou bruscamente e deu-me outro estalo.

Ri-me na cara dela.

– Continua. Vai em frente. Bate-me a porra da noite toda. Isso não vai mudar nada.

– Para! – ordenou o Cormac, puxando-a para trás dele. – Não lhe batas.

– Ele merece – gritou ela.

– Porque não te quero? – repliquei e dei uma gargalhada. – Ah, pois, porque é assim que a vida funciona.

– Não me obriguem a chamar a Gardaí! – disse a mulher idosa atrás do balcão num tom estridente. – Cambada de pequenos imbecis.

– Não é preciso, Mags – disse o Hughie, apressando-se a interceder com a mão o punho do Gibsie a tomar balanço.

– Levem-no daqui – ordenei, arrastando o Gibsie mais uma vez.

– Para tua casa? – perguntou o Hughie.

– Para qualquer sítio – passei uma mão pelo cabelo, exasperado. – Mantenham-no seguro.

O Hughie assentiu e voltou a sua atenção para o Gibsie.

– Vamos embora, Rocky Balboa – disse ele, alegremente. – Antes que nos façam passar a todos a noite na prisão.

– Ele estava a pedi-las – disse ele, com a voz arrastada.

– Eu sei, pá – disse Hughie, em tom persuasivo. – Vamos lá. – Envolvendo o corpo do Gibsie com o seu, obrigou-o a sair do bar.

– Vens, Johnny? – perguntou a Katie, a alternar nervosamente o olhar entre mim e o Cormac.

– Eu fico bem – disse-lhe, e voltei a minha atenção para o Cormac.

– Tens a certeza? – insistiu a Katie. – Devias vir connosco...

– Vai andando, Katie – ordenei-lhe, virando-me para lhe captar o olhar. – Arranjo maneira de ir para casa.

– Se tens a certeza...

– Tenho.

Esperei até que a Katie tivesse seguido o Hughie e o Gibsie para fora do bar antes de voltar outra vez a minha atenção para o Cormac.

– Querias falar comigo? – perguntei, irritado, apontando para a porta. – Então, vamos lá.

Sem esperar por uma resposta, abri caminho por entre o bar cheio de gente, na direção da saída, recebendo várias pancadinhas nos ombros e umas frases «Grande jogo, Johhny» e «Ansioso por te ver na seleção em junho», enquanto dava o meu melhor para andar em linha reta.

Duvidoso, pensei comigo mesmo. *Muito, muito duvidoso, porra.*

Quando cheguei à porta do bar e saí, fiquei aliviado por não encontrar os rapazes à minha espera.

Alguns minutos depois, a porta abriu-se e saiu o Cormac.

– Ela não – afirmei, apontando um dedo para a Bella, que seguia atrás dele. – Quero-a bem longe de mim, porra.

– Estamos num país livre – rebateu a Bella, lançando-me olhares afiados como punhais. – Posso ir onde raio me apetecer.

– Ou vai ela embora, ou vou eu – declarei, irritado, dirigindo-me ao Cormac. – A escolha é tua.

A Bella abriu a boca para dizer qualquer coisa, alguma coisa cortante, sem dúvida, mas o Cormac falou primeiro.

– Volta lá para dentro – disse-lhe. – Eu não demoro.

– Mas eu...

– Preciso de falar com ele – insistiu o Cormac. – Vai para dentro.

Com o que pareceu ser uma grande relutância, a Bella voltou para dentro, deixando-me sozinho na rua com o Cormac.

– Certo – rosnou ele, girando os ombros. – Vamos a isto, Kavanagh.

Franziu o sobrolho, divertido com a posição de combate em que o Ryan se pusera. Se ele achava que ia atirar fora a minha carreira por uma briga pela Bella, estava redondamente enganado.

Pela Shannon... absolutamente, mas a Bella? Nem pensar.

– Põe os punhos para baixo, maldito *eejit* – disse. – Não vou tocar-te.

Ele observou-me durante alguns momentos, os olhos cheios de desconfiança, claramente à espera que eu atacasse.

Era quase cómico. *Quase.*

– Acredites ou não, Johnny – disse ele, quebrando finalmente a tensão –, eu estava genuinamente a querer esclarecer as coisas entre nós.

– Quando estávamos os dois cheios de álcool?

– É justo – concedeu ele. – Mas não era minha intenção que aquilo acontecesse.

– O que é que não tinhas intenção que acontecesse, exatamente? – perguntei, apoiando o meu ombro à parede do *pub* para me equilibrar. – Não tinhas a intenção de me lixar, ou não tinhas a intenção de bater no *meu* melhor amigo e *teu* companheiro de equipa?

O ar da noite tinha-me atingido como a porra de uma bola de demolição, e sabia perfeitamente que, sem a parede para me suportar, estaria a oscilar como a torre de Pisa.

– O Gibs bateu-me primeiro – atirou o Cormac e depois levantou as mãos. – Ele estava a desafiar-me.

– Porque tu estavas a desafiar-me a mim – repliquei, tranquilamente. – Porque te disseram para te ires embora e tu não foste, e porque sou o seu capitão e isso significa alguma coisa para ele.

O Cormac fez uma careta ao ouvir-me.

Boa. O cabrão precisa de as sentir.

– E eu não tinha a intenção de te lixar – acrescentou, a corar. – Pensava que vocês os dois tinham acabado. Eu gosto mesmo da miúda, porra, Johnny. Sempre gostei.

– Então, tudo o que tinhas a fazer era pegar no telefone – disse-lhe, as palavras a arrastarem-se apesar dos meus melhores esforços. – E ouvi-lo diretamente da fonte.

– Era o que devia ter feito – acabou ele por admitir.

– Sabes o que é que é mais curioso? – disse eu, ponderadamente. – É que se me tivesses dito que gostavas dela, eu teria recuado. – Cruzei os braços no peito e olhei-o. – Teria respeitado o facto de teres sido homem suficiente para isso, e ter-me-ia afastado. A Bella e eu nunca fomos nada sério. Eu não tinha uma relação com ela. Mas tinha uma relação contigo. E tu *traíste-me*.

– Cap...

– Não. Cala-te e deixa-me dizer isto. – Suspirei pesadamente e continuei: – Não é porque ela andou com o meu companheiro de equipa nas minhas costas. É porque o meu companheiro de equipa andou com ela nas minhas costas.

O Cormac gemeu sonoramente.

– Johnny, pá, eu não tinha a intenção de...

Levantei uma mão, para evitar as suas tretas.

– Não me venhas com essa do eu-não-tinha-a-intenção-de-que-acontecesse. Eu já tive sexo, Cormac, muitas vezes, e ambos sabemos que quando pões a pila dentro de uma miúda, tens *sempre* a porra da intenção que aconteça. Não desliza apenas lá para dentro sem que tu queiras.

– Tens razão – admitiu, depois de um longo silêncio. – Merda, pá, tens razão.

– Sei que tenho – repliquei, num tom cortante.

– E vocês acabaram mesmo? – observou-me com uma expressão desconfiada. – Não a queres de volta?

Abanei a cabeça e suspirei de frustração.

– Não sei de mais quantas formas é que to posso dizer, Ryan. Não quero ter a porra de coisa nenhuma que ver com aquela rapariga. Por isso, vai em frente e faz o que raio quiseres com ela. Mantém-na apenas longe de mim, porra, mantém as vossas demonstrações públicas de afeto longe da minha vista, e estaremos no melhor dos mundos.

– Estás a dizer isso para salvar a tua face? – insistiu ele.

– Seria de pensar que já saberias por agora que sou uma pessoa direta – disse, irritado. – Quando te digo que acabei, significa isso mesmo.

– Então, é tudo?

– Sim – assenti com a cabeça. – É tudo?

– Porque é que não estás mais chateado comigo? – perguntou, lançando-me um olhar desconfiado.

– Porque tenho pena de ti – disse-lhe e, surpreendentemente, era verdade.

Eu *estava* com pena do Cormac. E também estava desiludido com ele.

Estava uma data de coisas, mas chateado não era uma delas. Pelo menos, por agora.

Ele era um peão num dos jogos da Bella, e apesar de estar bêbedo, podia vê-lo tão claramente como a luz do dia.

– Ouve-me – comecei, esforçando-me por não arrastar as palavras enquanto tentava passar-lhe algumas verdades da casa duramente

aprendidas. – Estou neste jogo há muito tempo, porra, e sei o que está a acontecer aqui. A Bella está a usar-te para chegar a mim, e tu estás a deixar que ela faça um *eejit* de ti. – Só Deus saberia porque é que eu lhe estava a dar conselhos depois de ele me ter esfaqueado pelas costas, mas continuei: – Ela já não me pode ter, e tu és a coisa mais apetecível a seguir a mim – disse, em voz arrastada. – Para aquela, é o dinheiro, Ryan. Dinheiro e *status*. – Abanei a cabeça e prossegui: – Lutares com o teu companheiro de equipa por causa da porra de uma rapariga é o princípio do fim. Continua por esse caminho, e tudo terá acabado para ti ainda antes mesmo de começar.

Apesar do meu estado alcoolizado, sabia que estava a fazer a porra de um discurso hipócrita.

Justifiquei-me a mim próprio com a noção de que a Shannon valia a pena.

A Bella *não*.

O Cormac olhou-me com o semblante carregado.

– Achas-te melhor do que eu.

Ele estava a falar a sério?

Foi *tudo* o que retirou dos meus esforços para o ajudar?

– Eu *sou* melhor do que tu – atirei-lhe, frustrado por ele não me ter ouvido. – Se queres estar ao meu nível, então, dá um passo em frente no campo de jogo. Trabalha mais esforçadamente. Sê melhor, porra. E abre os teus malditos olhos para o perigo. Porque essa tua assim chamada namorada vai espremer-te até à última gota de sangue, pá.

– Ela *é* minha namorada – irritou-se. – Por isso, não fales assim dela.

Deus, dá-me forças...

– Ótimo. – Lancei as mãos ao ar. – Mantém a tua namorada longe da minha e viveremos num mundo cor-de-rosa.

– Tu não tens namorada – disse ele vagarosamente, com uma expressão confusa.

– De mim – corrigi, perturbado com o que tinha dito. – Mantém-na longe de *mim*, e não teremos problemas.

– Então, o que é que acontece agora? – perguntou o Cormac com uma careta de desconforto. – Vamos ter problemas a jogar juntos, depois disto?

– Não.

– Não. – As suas sobrelhas levantaram-se. – Porque não?

– Porque não sou burro o suficiente para deixar que uma rapariga *como ela* mexa com a minha cabeça – expliquei. – Tu és um asa decente e a equipa precisa de ti. Eu seria um sacana egoísta se permitisse que os meus assuntos pessoais tivessem impacto na equipa.

– E a Bella? – perguntou o Cormac, depois de um longo silêncio. – Vais causar problemas com ela?

– Por tu estares com ela? Não – garanti-lhe. – Se ela se meter com a Shannon? Sem dúvida.

– A Shannon...?

– Sim, a *Shannon* – disse eu, agora num tom áspero.

O Cormac olhou-me com a expressão vazia.

– Quem é a Shannon?

– A Shannon é a razão pela qual vais acabar com um queixo partido.

– Mas que merda...?

– A Bella estava a ameaçar ir atrás dela – rosnei. – Se isso acontecer, vou lixar-te.

Ele empalideceu.

– Porquê a mim?

– Não posso bater numa rapariga, o que significa que vou atrás do que for melhor a seguir – expliquei. – Por isso, mete na cabeça que *de cada vez* que a Bella decidir fazer uma ameaça, espalhar um rumor malicioso, ou meter-se com a minha Shannon, eu retribuirei o favor na tua cara. De todas as malditas vezes.

O Cormac ficou visivelmente pálido, e a visão, apesar de ligeiramente nublada, foi extremamente satisfatória.

– Muito bem – concluí, num tom gutural, tirando o telefone do bolso para chamar um táxi. – Estou contente por nos termos entendido.

A abanar a cabeça, pisquei os olhos um par de vezes para clarear a visão, enquanto entrava na minha lista de contactos e ligava para o número identificado como Fat Paddy.

Cabrão do Gibsie.

Deveria ter sido mais avisado quando deixei o meu telefone

sozinho com ele quando fui tomar duche. Da última vez que ele tinha conseguido agarrar no meu telefone, tinha identificado a minha mãe como Sugar Tits e a Bella como Devil Pussy. Foram tudo tretas e gargalhadas até a Sugar Tits me ter enviado uma mensagem a meio da noite, porque estava lá fora e queria entrar. Sem saber quem é que me estava a enviar mensagens, eu tinha respondido com mais palavrões do que gosto de recordar antes de ameaçar chamar a Gardaí... para a minha própria mãe, porra.

Falem-me de grandes confusões ou mal-entendidos.

– Um aperto de mãos? – perguntou o Cormac, distraíndo-me da minha missão de levar o meu rabo para casa enquanto me estendia a sua mão.

– Põe a porra dessa coisa longe de mim – franzi o sobrolho à sua mão enquanto levava o telefone ao ouvido. – Sei bem onde é que esteve.

A sua expressão ensombrou-se, mas teve o bom senso de não abusar da sorte para esta noite. Com um aceno rígido, o Cormac deu a volta e entrou no bar.

Quando o número do Fat Paddy desligou, tentei mais cinco vezes antes de desistir.

Nesta zona, os táxis desligavam os telefones nas noites de sábado, quando estava muito movimentado, e com a grande quantidade de pessoas que andavam pelas ruas, esta noite, soube que teria de esperar imenso tempo até conseguir chegar a casa.

Frustrado, fiz a minha atenção regressar ao telefone e percorri a minha lista de contactos, à procura do nome do Hughie.

– Aquele cabrãozinho – roguei uma praga quando percebi que o Gibsie, uma vez mais, tinha mudado os nomes de todos os contactos da minha lista.

Sugar Tits e Devil Pussy estavam uma vez mais presentes na minha lista de contactos, juntamente com alguns novos como Big Daddy G, Fanny Flaps, Call if Arrested, Do Not Call if Arrested, e o que era o meu favorito: Judas Iscari-cun.

Cliquei neste contacto em particular, e reconheci o número como sendo do Cormac.

Podia ficar assim.

Tal como a Devil Pussy.

Passei uma quantidade ridícula de tempo a tentar descobrir o número do Hughie, porque não conseguia perceber quem era a porra de quem no meu telefone.

Depois de ter acidentalmente ligado para o contacto Casual Sex e de ouvir a voz do treinador Mulcahy do outro lado, desliguei rapidamente.

Depois de cancelar outra chamada recebida do King Clit, porque ninguém no seu perfeito juízo iria atender um número assim identificado, desliguei o telefone e enfiei-o no bolso.

Mal-humorado, caminhei pela estrada até à loja de *fast food* e encomendei meia dúzia de *cheeseburgers* e dois pacotes de batatas fritas. Não precisava de vigiar a minha dieta agora. Não quando o meu corpo estava decidido a desistir de mim.

Desabei num muro do lado de fora da loja, devorei tudo e virei de uma só vez uma garrafa de água. A gordura tinha um sabor estranho para mim, e sabia que no dia seguinte ia pagar por isto, mas, por agora, não queria saber.

– Johnny Kavanagh? – Ouvi uma voz vagamente familiar a chamar-me pelo nome. – És tu?

Levantei o olhar e vi um rapaz alto mais ou menos da minha idade a olhar expetante para mim. Tinha o braço à volta dos ombros de uma loura atraente.

Fã ou amigo?

Amigo ou fã?

Tentei localizar o rosto e não consegui, por isso decidi-me por fã.

– Esta noite não há fotografias, meninos – disse eu, em voz arrastada. – O Johnny está de folga.

O tipo riu-se, mas não fez nenhum gesto para espetar uma câmara na minha cara, o que foi bastante bom, tendo em conta o estado em que eu estava.

Em vez disso, apanhou-me completamente de surpresa quando disse:

– Falei contigo ao telefone na outra semana. Conheces a minha irmã, a Shannon. Deste-lhe boleia da escola para casa.

A minha cabeça levantou-se de repente, e dei por mim a prestar

muito mais atenção ao rapaz que estava à minha frente.

– És o *hurler*... – Fiz uma pausa e vasculhei o meu cérebro à procura do seu nome. – Joey! – disse num impulso, orgulhoso de mim próprio por ter conseguido resgatar aquela peça de informação no meu estado. – Joey, o *hurler*, e Shannon *como o rio*.

– Como o rio? – a rapariga riu-se. – Deus, quanto é que tiveste de beber...?

– Um *rio* inteiro, pelos vistos – afirmou o Joey, com um sorriso irónico, olhando-me com curiosidade. – Homem, não achas que devias ir para casa? Pareces estar suficientemente bem oleado.

– Iria, se pudesse – respondi, com um resmungo. – Não há táxis.

– De certeza que podemos dar-te uma boleia, não podemos, amor? – disse a rapariga, apontando para a rua. – Só que estamos estacionados ao fundo da rua.

Abri a boca para protestar, mas...

– Seria ótimo, obrigado – foi o que saiu em vez do protesto.

– Sim, claro, sem problema – concordou o Joey, parecendo um pouco surpreendido. Mexeu-se, desconfortável, por um instante, e depois inclinou a cabeça. – Vamos embora.

Consegui levantar-me, mas dava muito trabalho ficar direito.

Batendo violentamente com o ombro no muro, consegui manter-me equilibrado enquanto os seguia.

Felizmente, a rapariga, que presumi ser a namorada do Joey, não estava a mentir quando disse que estavam estacionados ao fundo da rua.

Mais alguns passos trôpegos e chegámos ao *Opel Corsa* vermelho.

Pelo menos, foi o que pensei que era. Era difícil saber, porque a minha cabeça estava a girar e o carro era uma lata velha e ferrugenta.

Que se foda, não estava em estado de questionar as suas formas de se transportarem. Estava para além de agradecido pela boleia.

– Sou a Aoife Molloy, já agora – informou a rapariga, fazendo-me um sorriso brilhante e indo para o lado do passageiro. – A namorada do Joey, o *hurler*. – Deu uma risadinha quando disse esta última parte e entrou para o lugar da frente.

– Prazer em conhecer-te – respondi, mantendo o meu peso contra o muro enquanto o Joey abria a porta do lado do condutor, e depois

puxava o banco da frente para trás. – Carro de duas portas – disse ele, à laia de explicação. – Vais ter de trepar lá para trás.

– Está ótimo, pá – empurrei-me para longe do muro e apoiei o meu peso contra o carro, para depois me espremer para dentro do espaço minúsculo.

Os meus esforços foram tão eficazes como se estivesse a navegar num barco de papel, porque o Joey teve de me empurrar pelas costas para me pôr lá dentro.

– Cristo – murmurei, quando estava finalmente lá dentro.

Afundi-me no meio do assento, e tive de torcer o meu corpo de lado, e pôr as minhas pernas de frente para a janela lateral, para que o Joey pudesse empurrar o seu banco para trás.

– Estás bem, Kavanagh? – perguntou ele quando entrou e empurrou o seu banco para trás alguns doze centímetros.

– Tudo bem – grunhi, o corpo esmagado entre as costas do seu banco e o meu. – Mais uma vez, obrigado pela boleia.

– Sem problema – respondeu o Joey. Inclinou-se e pespegou um beijo nos lábios da namorada, e depois pôs o cinto de segurança. – Para onde é que vamos?

Diretos para tua casa porque quero foder a tua irmã, pensei para mim próprio. Sorri ironicamente com a fabulosa ideia, e depois afastei o pensamento louco com um abanar de cabeça.

Provavelmente, também a amo, meditei para comigo, *imenso*, antes de empurrar também para fora aquela loucura.

Comporta-te, idiota!

– Cerca de oito quilómetros para o outro lado do Tommen College – informei, com a voz arrastada. Tentei encontrar o cinto de segurança, mas as minhas mãos desajeitadas não queriam cooperar. – Apanha a estrada principal para a cidade. – Desisti de encontrar o meu cinto de segurança, deixei cair a cabeça no descanso, e suspirei. – Vou avisando sobre os desvios quando lá chegarmos.

– Sem problema.

Ligou o motor e tinha acabado de entrar na estrada quando senti o carro a travar bruscamente.

– Mas que porra...? – gritou o Joey, segundos antes de duas mãos martelarem no capô do seu carro. – Sai de cima do meu carro, idiota!

– Estás a roubar o meu centro – rugiu o Gibsie pela janela, inclinado sobre o capô do carro. – Devolve-mo. – Os seus olhos dardejaram do Joey para mim, num reconhecimento súbito. – Ei, Cap – sorriu, a cabeça a balançar para um lado. – Como é que isso vai? Estive à tua procura em todo o lado.

– E este palhaço é...? – perguntou o Joey, num tom de escárnio, a atenção fixa no Gibsie, que estava a ter uma conversa de uma só direção comigo através do para-brisas do carro do irmão da Shannon.

– É o meu asa – resmunguei, e dei a minha atenção ao homem-criança que se abraçava ao capô. – Gibs! Que porra é que estás a fazer, pá? – gritei-lhe, olhando através do para-brisas. – Era suposto teres ido para casa com o Hughie.

– Os Gards pararam-no por questões de impostos e de seguro – explicou através do para-brisas, como se isso respondesse à minha pergunta.

Fiquei boquiaberto.

– E então? O Hughie não tem nada a esconder.

– Ele *olhou* para mim, Johnny... apontou a porra da lanterna enorme diretamente para os meus olhos – contou ele. – Entrei em pânico e saltei do carro. – Encolheu os ombros, e continuou: – Tenho andado a correr pela cidade desde essa altura. – Semicerrou os olhos. – Tentei ligar-te, mas estavas sempre a desligar.

Olhei-o, pasmado. – Tu és o King Clit?!

– Ah, pois – o Gibsie deu uma risadinha. – Tinha-me esquecido disso.

– Como é que puseste o Hughie?

– Ginger Pubes – respondeu, como se fosse a coisa mais óbvia de sempre.

Não era.

– Ele é louro – resmunguei.

– Mas a namorada, não.

– Santo Deus – gemi, esfregando a testa.

– O que é que queres que faça com ele? – perguntou o Joey.

Encolhi os ombros, e pensei em dizer-lhe que passasse por cima do cabrão irritante, mas depois percebi que ficaria terrivelmente sozinho sem ele. E, em nome da justiça, ele tinha levado uns quantos estalos

esta noite a defender a minha honra.

– Provavelmente, devia levá-lo para minha casa – admiti, com relutância. – Ou para um hospital com segurança.

O Joey murmurou qualquer coisa incoerente quase inaudivelmente, e saiu. Pareceu-me que tinha dito qualquer coisa como «você os dois, cabrões, é melhor que não vomitem no meu carro.»

Não podia prometer nada. O meu companheiro era um projétil.

Puxando o assento, o Joey pô-lo para a frente e disse ao intoxicado Gibsie para entrar.

Ele fê-lo. Mas em vez de entrar ou gatinhar, o sacana atirou-se para o assento de trás.

– Foda-se! – rugi, dobrando-me de dor quando o seu cotovelo se enterrou na minha virilha.

Lá se vai a tua última oportunidade aqui mesmo...

– Merda, pá, atingi a tua pila? – o Gibsie falou com a voz arrastada ao tentar, sem sucesso, subir para cima de mim. – Vou arranjar gelo para os teus tomates quando chegarmos a casa.

– Sai. De. Cima. De. Mim. – disse eu, com a voz estrangulada, quase certo de que estava a tornar-me púrpura com a dor, à medida que ele trepava para o assento, esgaravando e batendo-me com os cotovelos e os joelhos.

Finalmente, consegui pôr o rabo no outro lado do assento.

– Cristo – disse ele, instalando-se ao meu lado. – É o buraco mais estreito em que entrei nos últimos meses.

O Joey entrou, ligou o motor e saiu rapidamente do fundo da rua.

– Espero que não haja mais nenhum de vocês – disse ele. – O carro já está demasiado pesado na parte de trás.

– Desculpa – comecei a dizer, mas fui interrompido pelo Gibsie.

– É culpa dele... o sacana gordo – informou. Virou a cara para mim e disse: – Ei, a tua pila está bem, pá? Lamento muito por isso. Espero não ter esmagado os teus tomates.

Semicerrei-lhe os olhos.

– Vai-te foder, *Gerard!*

– Estava a ser sincero, *Jonathan* – replicou, magoado. – Por causa disso, vais arranjar sozinho a porra do teu próprio gelo... Espera aí! –

Agarrou a parte da frente da minha camisa, puxou-me para ele e cheirou a minha boca.

– Seu traidor! – gritou, parecendo comicamente horrorizado. – Foste ao restaurante de *fast food*!

– Sim, pois fui – disse, afastando-o de mim. – E foi delicioso como tudo, e não me arrependo.

– O que é que comeste?

– Uns *cheeseburgers* e batatas fritas com *curry*.

– Souberam bem?

– Melhor do que sexo.

– É suposto estarmos em dieta! – sibilou o Gibsie num tom chocado, e depois perguntou rapidamente: – Trouxeste-me alguma coisa?

– Sim, trouxe-te um hambúrguer.

– Obrigado, Johnny.

– E depois fiquei com fome, por isso, comi-o.

– És um *monstro*.

– Vocês os dois são tão estranhos. – A Aoife deu uma gargalhada. – Não são engraçados, Joey?

– São qualquer coisa, sim – respondeu o irmão da Shannon.

– Ei! – tomando de repente consciência de que estava na companhia de estranhos, o Gibsie meteu-se pelo meio dos assentos deles e perguntou: – Quem raio são vocês, meninos?

– O Johnny é amigo da irmã do meu namorado – explicou a Aoife.

– Irmã? – A palavra pareceu confundir o Gibsie, que me encarou com um olhar vazio durante vários instantes.

Enviando uma prece aos céus para que ele se conseguisse controlar, assenti e esclareci:

– A Shannon.

O Gibsie voltou a afundar-se ao meu lado e franziu a testa.

– A Shannon...?

– Sim, a Shannon – olhei-o fixamente.

Os olhos do Gibsie arregalaram-se então, a percepção a atingi-lo subitamente.

– Oh, a Shannon! – exclamou. – Ah, pois, a pequena Shannon do nono ano. – A rir-se, deu-me uma cotovelada nas costas. – Aqui o

Johnny tem um grande carinho pela tua irmã.

– Isso é verdade? – perguntou o Joey, tenso.

Oh, foda-se.

– Sim, está sempre a zelar por ela na escola – acrescentou o Gibsie, com uma piscadela de olho. – A certificar-se de que ninguém a está a chatear.

Abafei um gemido e resisti à vontade de enrolar as minhas mãos à volta do seu pescoço e tirar-lhe a vida.

Para ser justo, podia ter sido pior. O Gibsie era capaz de dizer coisas muito piores.

– Isso é adorável – interveio a Aoife, e reparei que pôs uma mão no joelho do namorado. – Não é simpático da parte dele, Joey?

– Porquê? – perguntou o Joey, num tom duro e desconfiado. – O que é que ganhas com isso?

Suspirei pesadamente e tentei lembrar-me de alguma coisa credível.

– Porque a fodi...

– Tu o quê?! – rugiu o Joey, carregando nos travões.

O solavanco súbito do carro a parar fez com que eu e o Gibsie caíssemos para a frente.

Voltando-se para trás, o Joey fitou-me.

– É melhor que me digas que estás a brincar, Kavanagh, porque juro por Cristo que vou...

– Porque a lixei! – apressei-me a corrigir, arrastando-me para trás no assento. – Queria dizer que a lixei no seu primeiro dia. Que a envergonhei no campo de jogo quando lhe bati.

Mas quero fodê-la...

Quero tanto entrar na tua irmã que nem ias conseguir acreditar...

As coisas que me imagino a fazer-lhe iam chocar-te...

Esperei que a vontade homicida nos seus olhos se desvanecesse antes de continuar.

– Achei que devia isso à miúda, por isso mantenho um olho nas coisas. Tento certificar-me de que ela está a adaptar-se bem. Não é fácil começar numa nova escola. – Encolhi os ombros e continuei: – Não quero que passe por merdas desnecessárias.

Eu estava como uma presa à espera do caçador, aguardando que o

irmão dela fizesse a próxima jogada. Se o Joey me batesse, eu não lhe bateria de volta. Não iria retaliar.

Isto é que era a coisa assustadora nesta situação.

Sentado no seu carro, podre de bêbedo, sabendo que era mais do que capaz de lhe dar uma tarefa, mas sabendo que não o ia fazer.

Por causa *dela*. Porque ele era importante para *ela*. Porque se eu lhe batesse, iria *magoá-la*.

E magoá-la era *péssimo*. Magoá-la dava-me vontade de magoar ainda mais alguma coisa.

Esta ideia era mais confusa e complicada do que o meu couro bêbedo conseguia entender.

O Joey não respondeu, mas voltou a sua atenção para a estrada e recomeçou a guiar.

Suspirei de alívio.

Voltei-me para o Gibsie e mexi os lábios para formar as palavras «*Mantém a tua boca fechada.*»

Ele respondeu com uma imitação teatral de uma mão a fechar-lhe a boca com um fecho-éclair.

Quando chegámos ao desvio para minha casa, meia hora mais tarde, murmurei algumas indicações rápidas.

O Joey respondeu com um aceno curto e virou à direita, abandonando a estrada principal por uma estrada secundária em mau estado que levava à entrada da propriedade.

Estava a sentir a minha cabeça mais desanuviada, agora. Acho que o quase encontro com a morte às mãos do irmão da Shannon me tinha enfiado algum bom senso e tornado o meu couro mais sóbrio. Quem me dera que se pudesse dizer o mesmo do Gibsie, que se tinha passado ao meu lado, a ressonar como um urso-pardo.

Quando o Joey parou do lado de fora dos portões da propriedade, disse-lhe:

– Podemos sair aqui, pá.

– É onde tu vives? – perguntou o irmão da Shannon, falando pela primeira vez desde o quase desastre que fora o nosso mal-entendido. Parecia hipnotizado pelos enormes portões de ferro fundido com as horríveis águias em cada um dos pilares.

– Qual é a distância desde esta entrada até tua casa? – perguntou.

– Um pouco menos de quinhentos metros.

– Nunca vais conseguir que ele ande essa distância – disse ele. – Eu levo-vos até à porta.

– 310587 – desbobinei o código, que por acaso era a minha data de nascimento. – Digita a chave no painel e os portões abrem para dentro. Mais uma vez, estou super agradecido – senti necessidade de dizer. – Sei que fica fora do vosso caminho.

– Apenas a retribuir o favor – respondeu o Joey, conduzindo pelo caminho estreito que ia dar à casa.

– Este sítio é um espanto – disse a Aoife, com um suspiro sonhador. – Vejam aquelas árvores e... oh, meu Deus! Vejam o tamanho daquela casa – guinchou, quando a casa apareceu, iluminada como a porra de uma árvore de Natal.

A minha mãe era paranoica como a merda com potenciais ladrões a pensarem que a casa estava vazia, por isso, tinha sensores automáticos e luzes temporizadas instaladas por todo o lado.

No pátio. Na casa. No relvado.

Era ridículo, mas o meu eu bêbedo estava grato pela iluminação.

O Joey desligou o motor e saiu do carro, ajustando o assento para ir tão para a frente quanto possível.

Eu estava muito mais estável quando saí do carro do que quando entrei.

– Obrigado, mais uma vez – disse, tentando arrastar a própria da Bela Adormecida do carro. – Devo-te uma.

Pus um braço à volta do peito do semiadormecido Gibsie, arrastei-o até à porta da frente, e lutei para tirar as chaves. Sem conseguir tirá-las do bolso dos meus *jeans*, deixei-o cair sobre o seu rabo e batalhei com os *jeans* por um longo momento até conseguir finalmente retirar as chaves.

– Para, sim, sou sensível – gemeu o Gibsie antes de se enrolar e recomeçar a ressonar.

– Dá cá – disse o Joey, quando consegui esfaquear a estrutura de madeira com a chave, falhando o buraco da fechadura por uns bons sete centímetros. – Deixa-me ajudar-te.

Grato pela intervenção, entreguei-lhe as minhas chaves e dei atenção ao meu amigo.

– Levanta-te – rosnei-lhe, empurrando-o levemente com o pé. – Estamos em casa.

O cabrão nem se mexeu.

– Gibsie! – grunhi.

Nada a não ser roncoss. *Maldição.*

Suspirei, frustrado, envolvi-lhe os ombros e tentei içá-lo do chão.

O Joey, que tinha a porta aberta, veio e ajudou-me a levantá-lo.

Eu não estava em posição de recusar a ajuda, por isso, com cada um a agarrá-lo por um lado, içámos o peso morto do seu rabo para dentro de casa.

– Larga-o aí – disse eu, apontando para a sala de estar.

– Tens a certeza? – perguntou o Joey, ligando a luz. – O sofá é branco, pá.

– É pele – murmurei, demasiado cansado e dorido para me preocupar com o conjunto de mobílias de sala de estar da minha mãe. Arrastámos o Gibsie para o sofá, e largámo-lo lá. – Se vomitar, amanhã será ele próprio a limpar tudo.

– É justo – replicou o Joey com um encolher de ombros, voltando-se e dirigindo-se à porta.

Segui-o, sem saber bem o que dizer. Esta noite tinha ido de deprimente a irritante para absolutamente confusa numa questão de horas.

– Ouve – disse o Joey, quando saímos para a gravilha. – Sobre a Shannon.

Aqui vamos nós, pensei para mim. Estava à espera disto desde que tinha entrado no seu carro merdoso. *Comporta-te, Kav, mantém a boca fechada.*

– O que é que queres dizer sobre a Shannon? – perguntei, apoiando-me na ombreira da porta.

– Ela é frágil – ele foi direto ao assunto, e disse: – Vulnerável.

– Pois – a minha voz estava áspera, por isso aclarei a garganta e tentei outra vez. – Eu... hmm, já tinha adivinhado isso.

O Joey assentiu e enfiou as mãos nos bolsos.

Mantive a boca fechada, à espera que ele continuasse.

– O que estou a tentar dizer é que agradeço que zeles pela minha irmã – disse ele, finalmente. – Ela passou uns anos difíceis e o

Tommen parece estar a resultar para ela. Por isso, acho que espero que continues a tomar conta dela na escola... sabes, certificando-te de que ninguém a incomoda.

O meu rosto iluminou-se.

– Ah, sim, claro. Sem problema.

Ele assentiu de novo, as palavras a saírem-lhe agora mais rapidamente.

– Ela parece estar a adaptar-se ao Tommen, e está sempre a dizer-me que os miúdos são simpáticos com ela, mas eu estou na BCS, por isso não tenho qualquer forma de saber se ela está bem ou não, e ela nunca conta a ninguém o que vai naquela cabeça até ser tarde de mais.

Franzi a testa.

– Tarde de mais?

– Coisas de raparigas implicativas – explicou. – A minha irmã tem um alvo nas costas desde que andava de fraldas.

– Isso é uma grande complicação – murmurei, sabendo já disto tudo, mas tendo o bom-senso de não o contar ao irmão dela.

– As crianças são cruéis – disse ele.

– Sem dúvida que são – concordei.

Ele fitou-me durante bastante tempo, e depois disse:

– Vais contar-me o que se passou?

Oh, Jesus.

O quê?

Que merda é que ele quer que lhe conte?

Vasculhei o cérebro e não consegui encontrar nada que me parecesse apropriado, por isso, mantive a boca fechada.

– O namorado da Ciara Maloney – adiantou o Joey, lançando-me um olhar curioso. – Alguém do Tommen deu-lhe uma tarefa ontem, na cidade.

– Ah? – Arqueei o sobrolho e cruzei os braços sobre o peito. – Foi?

O Joey sorriu ironicamente.

– Sim, foi.

– Bom, espero que o tenham lixado bem – respondi, com a voz arrastada, sentindo o corpo a vibrar com a memória da porra daquelas raparigas malévolas. – Ouvi dizer que a namorada dele é uma cabra.

– Ouvi dizer que ele ficou em mau estado – replicou o Joey. – Nariz partido. Alguns pontos.

– Que horror – arrastei outra vez a fala.

O Joey fitou-me por outro longo momento e depois abanou a cabeça.

– De qualquer modo, só queria que soubesses que aprecio o facto de a minha irmã ter alguém a olhar por ela. Quando eu não posso.

Voltou-se para se ir embora, apenas para dar outra vez a volta e encarar-me.

– Amigo. – A palavra foi dita num tom áspero. – A minha irmã precisa de um *amigo*, Kavanagh – esclareceu ele. – Não precisa de depositar esperanças num tipo que se irá embora assim que o verão chegar.

Ouvi o seu aviso de forma muito clara. O meu cérebro lixado pode não ter registado o aviso, mas eu ouvi-o muito bem.

Sem dizer mais nada, o Joey virou-se e foi-se embora, deixando-me espedado na ombreira da porta, a olhar para ele com apenas duas coisas na minha cabeça.

A primeira: encontrar gelo para pôr nos meus tomates.

A segunda: fantasiar com todas as coisas terrivelmente inapropriadas que desejava fazer com a irmã dele.

Dias de folga e irmãos-demónio

SHANNON

– Acho que precisas de comprar um anel àquela rapariga, Joey – disse, ao ler e depois reler o bilhete que a Aoife tinha deixado na mesinha de cabeceira do meu irmão, no domingo de manhã. – Ela é uma cuidadora.

– Pois – murmurou o Joey, coçando o queixo. – Ela deve gostar mesmo de mim.

– Hmm, *achas?* – Revirei os olhos. – Ela adora-te.

– Mas não percebo porque é que ela faria isto por mim.

– Nem eu. – Arreliei-o. – Sobretudo quando te pareces tanto com o Shrek.

– Sacana – riu-se ele, empurrando-me na brincadeira. – Mostra-me lá esse bilhete outra vez.

Peguei nele, o mesmo bilhete que ele já tinha lido pelo menos uma dúzia de vezes, e depois levei-o para a mesa da cozinha com a minha chávena de chá. Sentei-me, e observei o meu irmão a ler o bilhete outra vez, as sobrancelhas juntas devido à confusão.

– Porque é que ela fez isto, Shan? – Abanando a cabeça, passeou de porta de armário em porta de armário, abrindo-as e fechando-as. – Ela deve ter-se levantado ao romper da madrugada para fazer isto. – Abriu o frigorífico, revelando uma grande pilha de comida enfiada lá dentro. – Deve ter-lhe custado uma fortuna.

O Joey tinha razão. A Aoife tinha de se ter levantado cedo para fazer isto, tendo em conta que eram só onze horas da manhã. E também tinha razão quanto a ter-lhe custado uma fortuna.

Eu tinha encontrado o recibo das compras no caixote do lixo e era de 143,67 euros.

– Diz aqui que vai estar cá por volta da uma, com os rapazes – acrescentou, relendo o bilhete no qual estava a cismar desde que tinha acordado. – Vão ao parque infantil, e depois ao campo para uma

futebolada.

– Viste isto? – perguntei, pegando em sete envelopes empilhados por ordem, etiquetados por dia da semana. Abanei um dos envelopes na minha mão, e sorri quando ouvi o som de moedas a tilintarem. – A tua namorada dividiu o teu dinheiro em pacotes de orçamento diário.

O Joey fitou-me, boquiaberto.

– *O quê?!*

– Sim. – Ri-me, pondo o envelope de terça-feira outra vez na pilha.

– Não fez nada disso! – exclamou, dirigindo-se para onde eu estava e agarrando uma mão-cheia dos minúsculos envelopes retangulares.

– E pôs-lhes coraçõezinhos para ti. – Disfarcei um sorriso. – É tão amoroso.

– É normal estar louco por uma pessoa só porque ela te ama? – perguntou o meu irmão, olhando confuso para os envelopes. Voltou os seus olhos verdes para mim e perguntou: – É normal?

– Porque é que estás a perguntar-me isso a mim? – Encolhi os ombros, pouco à vontade. – Não tenho experiência com este tipo de coisas.

– Oh, olha só para isto – disse ele, com um suspiro, apontando para uma nota de vinte euros entalada nas chaves do carro da Aoife com um bilhete autocolante a dizer «*Fundo de pequeno-almoço do Joey e da Shannon*». Em maiúsculas estava escrito: «Alimenta a tua irmã, querido. Está demasiado magra.»

– A minha namorada deixou-me dinheiro – a voz do meu irmão estava plena de sarcasmo. – Jesus Cristo, Shan.

– Não te chateies com ela – disse-lhe. – Está a tentar ajudar-nos.

– Bem sei. – Beliscou a ponta do nariz e suspirou pesadamente. – E não estou chateado. Só *não sei* como lidar com isto.

– Talvez dizendo apenas obrigado? – sugeri. – E amo-te, também? Ou flores? Essas também resultam.

O Joey sorriu.

– Estás cheia de ideias, não estás?

Retribui-lhe o sorriso e depois suspirei, obrigando-me a falar do elefante na sala. Ou da ausência dele.

– Achas que a mãe vai voltar em breve?

A luz nos olhos do meu irmão desvaneceu-se.

– Não quero mesmo saber o que é que ela vai fazer, Shan – respondeu, com voz tensa. – Desde que aquele cretino fique longe desta casa.

Ele vai voltar, Joey. Sabes isso. Para de te enganar a ti próprio.

– Pois. – Roí uma unha, a pensar um momento na sua resposta, e disse: – O que é que vamos fazer se a mãe não voltar, Joey?

Era aí que residiam as minhas preocupações. Com a minha mãe. Porque ela nunca nos tinha deixado assim, por mais de uma noite.

– Vamos arranjar-nos, Shan – garantiu o Joey, com a sua maçã de Adão a subir e a descer. – Como sempre fizemos.

– E a escola? – sussurrei.

– A *Nanny* volta hoje de Beara – declarou o Joey, sem rodeios. – Vai tratar dos rapazes como sempre fez, com a escola e todas essas coisas. – Esfregou uma mão na cara, e acrescentou: – Tudo o que temos de fazer é manter a casa, pagar as contas, fazer-lhes de manhã um almoço para levarem, e estar em casa à noite quando a *Nanny* os deixar cá.

– Eu devia ir numa viagem com a escola depois da Páscoa, mas se a mãe não estiver em casa vou cancelar...

– Não! – exclamou. – Não vais.

– Joey. – Suspirei. – Se a mãe ainda não tiver voltado, não consegues tomar conta dos rapazes sozinho.

– Não estarei sozinho – replicou. – Já te disse que a *Nanny* vai ajudar... e a Aoife também. Não vais faltar a essa viagem de maneira nenhuma. Precisas de sair desta merda toda, Shan. Mais do que qualquer um de nós.

– Tens a certeza? – quase guinchei.

Ele assentiu.

Inspirei profundamente e disse:

– Sei que não digo isto muitas vezes, mas quero que saibas que te adoro e que estou extremamente grata que sejas o meu irmão mais velho.

O Joey fez uma careta.

– Vais dar uma de sentimental comigo, irmãzinha?

– Não. – Corei. – Só quero que saibas que és importante para nós. E que agradecemos tudo o que fazes por nós.

Não nos deixes. Por favor, nunca me abandones.

– Bem, o mesmo para ti, miúda – replicou, parecendo um pouco desajeitado.

– Um dia, vais ser um grande pai – decidi provocá-lo e pô-lo ainda mais desconfortável.

O Joey fungou.

– Pois, isso nunca vai acontecer.

Pisquei-lhe o olho.

– Nunca digas nunca, Joey.

– Acredita-me, já tive uma dose mais do que suficiente de brincar aos pais dos filhos de outro homem. Vai dar-me para a vida inteira – retorquiu. – Agora, vai lá acima, veste alguma coisa, e vamos à mercearia *gourmet* saborear um rolinho de peito de frango.

– Temos o frigorífico cheio agora – recordei-lhe.

– Sim – riu-se. – Mas a minha namorada deu-me uma ordem direta e não sou burro para a ignorar.

Eu não comia nada desde a véspera e o meu estômago roncou de antecipação.

– *Hash browns* – quase ronronei ao imaginar o que ia comer. – E algumas gomas e uma lata de *Coca-cola*.

Saí da cadeira e corri para as escadas com a comida na cabeça.

– Espera aí, Shan. Quase me esquecia... – interrompendo-se a meio da frase, o Joey entrou na cozinha, e voltou uns instantes depois com uma coisa envolvida em papel de embrulho nas mãos.

O Joey entregou-me o presente e depois despenteou-me o cabelo.

– Felizes dezasseis anos, Shan.

– Obrigada, Joey – fiz um sorriso radioso, agarrando aquilo que já sabia ser um CD debaixo do papel de embrulho cor-de-rosa.

– Dava-te mais, se pudesse – disse ele, encolhendo os ombros, embaraçado. – E esqueci-me de comprar um cartão...

– Para! – interrompi-o, e sentei-me num dos degraus da escada, rasgando o papel e guinchando de entusiasmo. – O álbum dos McFly! – Com os olhos arregalados de entusiasmo, olhei fixamente para o CD na minha mão e sorri. – Queria mesmo isto.

– Bem sei – o Joey fungou. – És mesmo uma menininha. – Enfiou uma mão no bolso dos *jeans* e atirou outra caixa para o meu colo. –

Esta é da Aoife – informou.

Empolgada com a perspectiva de ter dois presentes, rasguei o papel de embrulho às pintinhas e ofeguei quando vi o que estava lá dentro.

– Uau! – exclamei, arquejando ao ver o frasco de perfume de marca nas minhas mãos. – Isto deve ter-lhe custado uma fortuna.

– Ela também te deve amar – provocou o Joey.

Revirei os olhos.

– Hmm, hmm.

– Despacha-te e vai mudar de roupa – ordenou ele, a andar na direção da porta da frente. – Espero no carro.

Corri para o meu quarto com os meus presentes a reboque, pu-los em cima da minha cómoda e despi o pijama. Vesti uma camisola e umas calças de fato de treino, abri a caixa que continha o meu novo frasco de perfume, borrfiei-o por mim toda, e depois corri atrás do Joey.

Enfiei os pés nos meus ténis, na entrada, apanhei o casaco no cabide e apressei-me até ao carro. No instante em que subi para o lugar do passageiro, os meus sentidos foram assaltados pelo cheiro a álcool.

– Jesus, Joey. – Tossi, enquanto abria a janela. – Cheira como uma cervejaria, aqui dentro.

– Bem sei – replicou o Joey, ligando o carro e baixando o travão de mão. – Podes culpar os teus amigos do Tommen por isso.

– Os meus amigos? – Abanei a cabeça e olhei para o seu perfil. – De que é que estás a falar?

– Do Johnny Kavanagh – declarou o Joey. – Acabámos a levá-lo a casa depois do *pub* a noite passada.

– Oh. – Esperem. *O quê?! – Levaste o Johnny a casa?! – Odiei a forma como a minha voz saiu toda esganiçada e aguda. – Quando...? Como...? Porquê?*

– A noite passada, quando fomos buscar o nosso *takeaway* – explicou o Joey, saindo do bairro e apanhando a estrada principal. – Ele estava no chão, encostado a um muro, do lado de fora da loja, na cidade. Estava em mau estado.

– Estava? – *Oh, Deus.* A preocupação invadiu-me o peito. – O que é que se passava com ele?

– Estava podre de bêbedo – resmungou o Joey. – A outra pessoa estava pior.

– A outra pessoa? – perguntei, disfarçando a emoção na minha voz.
– A sua... namorada?

– Náá... um tipo grande e louro – informou o Joey, e respirei mentalmente de alívio. – Acho que o nome dele era Gussie, ou Gullie, ou qualquer coisa assim.

– Gibsie – confirmei calmamente, pensando em como aqueles dois eram inseparáveis na escola.

– Esse mesmo – o Joey assentiu e deu uma pequena gargalhada. – O maldito *eejit* atirou-se para cima do carro, exigindo que lhe devolvesse o seu centro. – Às gargalhadas, continuou: – Estava muito sério, no entanto. Como se acreditasse mesmo que eu estava a raptar o Kavanagh.

As minhas sobrancelhas uniram-se.

– Porque é que o Gibsie disse que o Johnny era o seu centro?

– A posição do Johnny no rãguebi é centro do lado aberto – explicou. – Ele é o número treze.

Ah, sim, eu sabia isso.

Lembrava-me da sua camisola.

– Então, levaste-os aos dois a casa? – perguntei, sentindo um calorzinho de emoção. – A casa do Johnny?

– Sim – confirmou o meu irmão. – Tive de ajudar o Kavanagh a carregar esse tipo Gibsie para dentro de casa. Ele nem conseguia fazer uso das pernas, Shan. Estava uma maldita desgraça. Deixámo-lo na sala de estar.

– Estiveste dentro da *casa* do Johnny?

A minha cabeça estava a mil, a tentar processar tudo o que o meu irmão me estava a contar.

Ele tinha estado com o Johnny na noite anterior. Tinha estado na sua casa. Tinha estado *dentro* da sua casa.

Queria perguntar-lhe se ele tinha querido saber de mim, mas consegui evitar que essa pergunta saísse da minha boca.

– Sim, Shan, e Jesus, pelo ar da propriedade, a família dele deve ser cheia de massa. – O Joey suspirou. – Nunca vi nada tão elegante na minha vida...

O som de um telemóvel a tocar rasgou o ar, perturbando-nos aos dois.

Ambos apalpámos os nossos bolsos.

– Não é o meu – declarou o Joey.

– Nem o meu – disse, olhando para o tabliê do carro e depois para o chão aos meus pés.

O toque interrompeu-se e recomeçou uns segundos depois, vibrando de forma sonora.

– Verifica o banco de trás – pediu o Joey, encostando o carro na berma da estrada e ligando os quatro piscas.

Desapertei o cinto de segurança, gatinhei entre os assentos e caí no assento de trás, tentando localizar o barulho.

– Alguma coisa? – perguntou o Joey, regressando ao trânsito.

– Não.

Baixei a cabeça entre os assentos e procurei debaixo do lugar do condutor.

– Oh, espera, está aqui! – exclamei, a olhar para o telemóvel moderno e elegante que se iluminava e vibrava no chão. – Estou a vê-lo.

O toque interrompeu-se outra vez, e estendi uma mão, conseguindo retirar o aparelho. Voltei para o assento, pus rapidamente o cinto de segurança, com os olhos colados no telemóvel.

– Isto é da Aoife? – Fitei, pasmada, o aparelho de aspeto caro. – Ela teve um telefone novo pelo Natal?

– Não – respondeu o Joey. – No Natal, os pais deram-lhe placas para alisar o cabelo.

O aparelho tocou outra vez, e o ecrã iluminou-se com o nome King Clit.

– Ei, Joe – gemi. – Isto é nojento.

– O quê?

– Quem quer que esteja a ligar para este número está identificado como King Clit.

O meu irmão atirou a cabeça para trás e desatou às gargalhadas.

– Não tem graça – admoestei-o, observando o ecrã a ficar em branco outra vez quando a chamada acabou. – É bastante perturbador.

– É aquele tipo... o Gibsie. Ouvi o Johnny a reclamar com ele por

ter alterado os nomes da sua lista de contactos ontem à noite. – O Joey riu-se. – Ele é o King Clit.

O telemóvel iluminou-se outra vez, vibrando nas minhas mãos e a tocar alto.

– Bem, atende – disse o meu irmão, impaciente. – Provavelmente, anda à procura dele.

– Não quero atender – enfiei a mão entre os assentos e tentei passar o telemóvel para o meu irmão. – Atende tu.

– Como raio é suposto atender isso? – sibilou o Joey, dando uma palmada na minha mão para a afastar. – Estou a guiar, Shannon. Atende o telemóvel.

– Não – recusei, abanando a cabeça. – Vão pensar que o roubámos.

– Não, não vão pensar que o roubámos – replicou o Joey, irritado. O toque parou e o Joey grunhiu. – Quando tocar outra vez, *atende* a porra da coisa!

Como um relógio, o telemóvel tocou cinco segundos mais tarde.

A tremer, carreguei no botão «Aceitar» e levei-o ao ouvido. – Hmm, olá...?

– Bem, não estava à espera de que alguém atendesse – respondeu a voz do outro lado. – Tens o telemóvel do meu amigo.

– Sim, eu sei. – Fechei os olhos, pressionei a palma da mão na minha testa e suspirei pesadamente. – Ele deixou-o no carro do meu irmão a noite passada.

– A noite passada está um bocado enevoada – disse o Gibsie com uma voz arrastada do outro lado da linha. – Por isso, talvez pudesses refrescar-me a memória e lembrar-me quem é o teu irmão?

– Joey Lynch...? – quase guinchei, a tentar não hiperventilar em frente ao meu irmão. – Ele e a namorada, Aoife, levaram-vos da cidade para casa ontem à noite. O telemóvel estava debaixo do seu assento. – Contorci-me com o desconforto e inseri um rápido aviso: – Acabei de o encontrar há uns dois minutos.

– Nope – respondeu o Gibsie depois de uma longa pausa. – Não tenho nenhuma ideia de isso ter acontecido.

– Bem, claramente, aconteceu – repliquei, já nervosa. – Tendo em conta que o telemóvel do *teu* amigo está no carro do *meu* irmão.

– Pequena Shannon? – A voz do Gibsie soava divertida. – És tu?

– Bem, sim – corei violentamente. – Sou eu.
– O teu irmão está contigo agora? – perguntou.
– Sim, mas está a guiar, por isso, não pode atender.
– Ele lembra-se de onde é que nos deixou a noite passada?
– Espera aí, vou perguntar-lhe... – Fiz uma pausa, cobri o telefone com a mão e olhei para o Joey. – Eles querem saber se te lembras de onde é a casa?

O Joey assentiu e regressei à chamada.

– Sim, ele lembra-se.
– Podes pôr-me em alta-voz?
– Vou tentar. – Carreguei nalguns botões, e segurei o telemóvel junto ao ouvido do Joey. – OK, estás em alta voz agora.

– Ei, pá, como é que vai isso? – A voz do Gibsie saía agora muito mais alta, apesar de ele estar notoriamente rouco.

– Melhor do que contigo, pela tua voz – ironizou o meu irmão. – Do que é que precisas?

– Poderias trazer cá o telemóvel do Kav? – perguntou ele. – Desculpa estar a pedir-te isto, pá, mas o gajo está a perder a cabeça. Ele é esquisito como a merda no que se refere à sua informação privada.

– O que é que eu ganho com isso? – quis saber o Joey, sem perder tempo.

– Joey! – sussurrei.

Ele lançou-me um sorriso travesso.

– Merda, pá, não sei – resmoneou o Gibsie. – Uma sanduíche de *bacon* e um bule de chá? Não tenho muito para oferecer como moeda de troca.

Horrorizada, abanei a cabeça e desenhei um «Não!» com os lábios, mas o Joey disse:

– Sim, ótimo. Estamos aí em trinta minutos.

– Joey! – gritei.

– Milhões de agradecimentos – respondeu o Gibsie, parecendo aliviado. – És um gajo com quem se pode contar.

– Sem problema – disse o Joey, tirando-me o telefone da mão. – E gosto do meu *bacon* crocante – acrescentou, desligando depois a chamada e pondo o telemóvel no assento ao seu lado. – Desvio.

– O que é que estás a fazer?! – Quase me engasguei, com os olhos arregalados. – Nós *não* vamos lá!

– Qual é o problema? – brincou ele. – Pensava que vocês eram amigos.

– Conheço-o da escola, Joey – disse, em pânico. – Não quer dizer que seja *amiga* dele!

– Relaxa, só vamos lá entregar o telemóvel do tipo.

– E tu vais tomar o pequeno-almoço!

– Bem, não vou desviar-me tanto do meu caminho por nada. – O Joey deu uma gargalhada. – Além disso, estou com fome.

– Sim, de um rolinho de peito de frango.

– Mudei de ideias.

– E a Aoife? – quis eu saber. – E os rapazes?

– A Aoife e os miúdos não vão estar de volta antes da uma – respondeu. – Foi ela mesma que disse.

– Joey, não podemos ir lá – supliquei. – *Por favor*.

– Shannon Lynch – disse o Joey num tom provocador. – Estás a corar?

– Não – resmunguei.

– Sabes que por mim está tudo bem se gostares dele, certo? – Riu-se o Joey. – Não sou esse género de irmão. Só quero que tenhas cuidado. Já te disse o que se vai passar. Ele vai-se embora no verão, por isso é contigo, se te apetece ter alguma coisa temporariamente.

– Não me apetece – menti, mortificada. – Por isso, *esquece lá o assunto*.

– Muito bem – disse o Joey, pensativamente. – Então, não deves ter nenhum problema em passar por lá para comer alguma coisa.

– Tu podes fazer o que quiseres. – Amuada, cruzei os braços no peito e bufei – *Eu* não vou sair deste carro.

Depois de meia hora de um silêncio tenso, parámos do lado de fora de um gigantesco par de portões de ferro pintados de preto, e o Joey baixou a janela, estendeu o braço, e digitou qualquer coisa no painel.

Alguns instantes mais tarde, os portões abriram-se para dentro.

Eu estava de queixo caído.

– Tens a *password* deste portão?

O meu irmão deu uma gargalhada em resposta.

Momentos depois, passámos os grandes portões abertos e continuámos por um caminho comprido e ventoso que era bordejado dos dois lados por árvores enormes. Uns minutos mais tarde, apareceu uma casa na nossa linha de visão e respirei asperamente.

Oh, Deus. Era aqui que ele vivia?

Claro que era.

– Uau – sussurrei para mim própria, ao ver a enorme mansão de estilo vitoriano com um trilião de janelas e a maior porta de entrada que eu alguma vez vira.

– Bem sei – concordou o Joey, com um suspiro impressionado.

Encostei a minha bochecha à janela, pasmada com os relvados e jardins extensos, enquanto o som da gravilha a ser esmigalhada debaixo dos pneus enchia os meus ouvidos.

A cor da casa era a da pedra cinzenta, mas estava envolta em tanta hera que parecia quase majestosa.

– Tem o tamanho de seis casas como a nossa, lado a lado – sussurrei, observando a propriedade. – Há, tipo, doze janelas só no piso de cima.

O Joey estacionou em frente à porta da entrada e desligou o motor antes de sair.

– Devias vê-la por dentro – disse, estendendo o braço e agarrando o telemóvel. – É a porra de um sítio incrível.

Segui o Joey com o olhar enquanto ele caminhava até à porta da frente, batia uma vez, e entrava descontraidamente.

Caramba.

O meu irmão acabara *de entrar* em casa do Johnny Kavanagh.

O King Clit é um peso na minha vida

JOHNNY

Estava a virar o colchão da minha cama quando o Gibsie entrou no meu quarto, a assobiar.

– Já descobri onde está o teu telemóvel, Kav – anunciou, orgulhoso.

– Graças a Deus! – Inclinei-me para a frente, aliviado, e deixei o colchão cair outra vez no estrado da cama. – Onde estava?

– No carro do Joey.

As sobrancelhas quase me saltaram.

– Joey, o *hurler*?

O Gibsie assentiu.

– É o que parece.

– Parvo – resmunguei. – A culpa é toda tua.

– Eu sei – chilreou, feliz. – Mas ele vem cá deixá-lo.

– Vem? – Suspirei de alívio.

– É justo.

Apanhei o edredão do chão, pu-lo outra vez na cama e depois peguei cuidadosamente na *Sookie* ao colo.

– Linda menina – murmurei, sentindo-me mal por estar a perturbá-la.

– Que grande porcaria, Johnny – declarou o Gibsie, franzindo a testa. – Deixá-la dormir na tua cama, assim? – Estremeceu. – Porra, pá!

– Logo tu, a falares de porcarias – rosnei, virando-me, para olhar para ele. – É mais limpa do que tu. – Lancei-lhe um olhar irritado e acrescentei: – Ao menos, a *Sook* não se vomita toda, durante o sono, no sofá da minha mãe.

– Prometeste que não voltavas a falar disso – titubeou, magoado. – Quebraste a promessa.

– Gibs – disse eu, esforçando-me por ser paciente. – Estou cansado.

Estive toda a noite acordado a tratar da merda da tua bebedeira. Passei metade da noite a virar-te de lado para não te engasgares, e a abanar-te, como a um bebé com febre, e a outra metade a limpar o teu vómito. Deixaste a sala de estar num estado lastimável. Vomitaste a casa de banho lá de baixo toda. Por pouco não morri sufocado com o cheiro a *Guinness* dos teus peidos, quando te trouxe para aqui. Dá-me umas horas para ultrapassar isto tudo antes de me pedires para não falar mais no assunto.

– Bem, mas pelo menos limpei tudo – respondeu o Gibsie, ríspido.
– E a sala de estar, o *hall* e a casa de banho já voltaram à sua antiga glória.

– Ótimo – rosnei. – Não fizeste mais do que a tua obrigação. O vómito era teu.

– Obrigaste-me a dormir no chão, Johnny! – bufou. – Isso foi maldade.

– Porque não se pode confiar em ti com as coisas boas.

– Nem sequer uma cama?

– Sim, Gerard, nem sequer uma cama.

– Pois, pois, sou o teu melhor amigo e puseste-me no chão – retrucou, exalando. – A cadela dorme aos teus pés e eu fico com a porcaria do chão.

Levantei uma sobrancelha.

– Estás a dizer que querias dormir aos pés da minha cama?

O Gibsie olhou longamente para mim e, depois, riu-se.

– Sim, OK, nem sei onde é que esta conversa nos leva.

– Nem eu, pá – murmurei, abanando a cabeça. – Nem eu.

– Já agora – disse o Gibsie, com um sorriso endiabrado. – Eu disse ao Joey que lhe fritava qualquer coisa para ele comer, pelo incómodo.

– Tudo bem. Mas vê se não deixas nada sujo. A minha mãe volta amanhã de manhã – respondi, demasiado cansado para pensar na péssima ideia que era ter o Joey Lynch ali, em minha casa, quando ele não escondia as suas desconfianças em relação às minhas intenções para com a irmã dele.

E com razão...

O Gibsie olhou-me com expectativa.

– Não olhes para mim assim – disse-lhe. – Sabes onde é a cozinha.

Não penses que me vou pôr a cozinhar para ti.

– Não estou habituado a gás. – Encolheu os ombros, impotente. – Lá em casa é tudo elétrico.

– A tua mãe é padeira – ripostei. – Como é que não sabes mexer no raio de um fogão?

– E a tua é uma *designer* de moda famosa – atirou-me ele. – Mas tu não andas para aí de casaco de peles e carteira *Prada*.

– És um bebé, sabias? – rosnei. – És uma criança grande de quem eu tenho de tomar conta.

Passei por ele, desci as escadas e fui para a cozinha.

– Pega numa panela... e naquilo que queres cozinhar – ordenei. – Não vou fazer nada – resmunguei, enquanto acendia um bico do fogão. – És mais do que capaz de fazer tudo sozinho.

– Espero que sim – disse o Gibsie, a rir e a arrastar os pés, na minha direção, com produtos de charcutaria e uma caixa de ovos.

– Achas que te safas com isto sem incendiaries a casa? – disse eu, a brincar, quando me afastei do fogão.

– Sem problema – respondeu o Gibsie e começou a cozinhar, aproximando-se perigosamente das chamas.

Olhei-o atentamente, nada convencido.

– Não te queimes.

– OK, papá – troçou, antes de responder: – Tens *scones*? – Virou-se para olhar para mim e acrescentou: – Adorava comer um *scone* da tua mãe, com o meu chá.

Abanei a cabeça, fechei a boca e decidi não ligar.

– Deve haver aí, no frigorífico. Mas tens de os aquecer primeiro no forno.

– Eu sei – disse ele, em tom de troça.

– Sabes? – murmurei.

Ele era um peso na minha vida. Um grande parvalhão leal-que-se-tornou um peso na minha vida.

– Alguma vez te contei que a tua miúda me salvou do *Brian*? – perguntou o Gibsie enquanto partia um ovo na borda da frigideira, distraíndo-me dos meus pensamentos.

– Do *Brian*? – perguntei, pensando no diabo do gato de Mrs. Gibson. – A Shannon salvou-te do *Brian*?

– Salvou – disse ele. Tirou uma espátula do suporte e girou-a na mão, enquanto falava. – Adoro que já nem sequer negues que ela é a tua miúda, pá.

– Vai-te lixar – resmunguei. Mas a curiosidade levou a melhor e, por isso, sentei-me num dos bancos da ilha da cozinha e pus-me a olhar para ele. – Conta lá isso.

O Gibsie riu-se da minha resposta.

– Foi no dia dos meus anos, o mês passado – explicou, atirando meia dúzia de salsichas para a gordura a ferver. – Eu tinha levado o *Brian* a passear até casa do Hughie. Sabes como é que ele fica quando o deixamos sozinho durante muito tempo.

– Sei. – Assenti, sem pestanejar. Houve pelo menos nove ocasiões, nos últimos dezoito meses, em que ele chegou a minha casa com aquele gato parecido com o do Inspetor Gadget.

– Perdeu-se, pá – disse ele. – Ficou completamente doido. Partiu a trela e meteu-se na casa de banho. Cagou na banheira.

– Sai ao dono – trocei.

– A minha mãe nunca cagou na banheira de ninguém – rosnou o Gibsie.

– A tua mãe não – retruquei. – Tu!

O Gibsie franziu a testa e inclinou a cabeça para o lado, a puxar pela memória, claramente.

Decidi ajudá-lo.

– Jogo fora de casa contra aquela escola de Tipperary, no oitavo ano?

A recordação refletiu-se na cara dele.

– Ah, pois! – guinchou. – Mas aquilo não era uma banheira. Aquilo era um duche, nos balneários da escola, e aqueles sacanas mereciam. E, em minha defesa, tenho de te lembrar de que só tinha catorze anos.

– Em defesa do *Brian*, tenho de te lembrar de que ele é um gato – rebati.

– Aquele filho da mãe sabe muito bem o que faz – resmungou o Gibsie. – Bem, pôs-se a destruir tudo e atirou-se a nós quando tentámos apanhá-lo. E a Shannon limitou-se a entrar, pegou no sacana do peludo e levou-o para casa. E sabes o que é que ele lhe fez? Ronronou-lhe. Estava na boa. Encantado com a vida, todo enrolado

nela.

Sortudo do *Brian*.

– Porque é que só me contas isso agora? – perguntei, tentando manter um tom neutro.

– Desculpa – disse o Gibsie. – Não sabia que tinha de te dizer sempre que falo com ela.

– Não tens – murmurei. – Eu só...

O som de alguém a bater à porta da frente encheu-me os ouvidos e, momentos depois, uma porta a fechar-se encheu o ar.

– Kavanagh? – chamou uma voz profunda.

– Entra! – gritou o Gibsie, respondendo por mim. Virando-se para mim, piscou-me o olho e disse: – Porta-te bem, pá. Chegou o irmão mais velho.

Fantástico. Simplesmente fantástico.

– Credo! – exclamou o Joey Lynch quando entrou na cozinha, uns momentos depois, com o meu telemóvel na mão e ostentando uma bela nódoa negra por baixo do olho direito em que eu não tinha reparado, na noite anterior, por estar demasiado bêbedo.

À luz do dia, dei por mim a observá-lo atentamente. Era alto, mas eu tinha uns bons dez centímetros a mais do que ele, tal como sou mais alto do que a maioria dos rapazes da nossa idade. Obviamente, também estava em boa forma, mas era aquele físico típico de jogador de *hurling*, com músculos delgados, construídos para agilidade e velocidade, em vez de músculos volumosos.

– Devias ter um guia turístico na porta da entrada – acrescentou o Joey, olhando em volta, para a cozinha, antes de olhar para mim. – Esta casa parece um museu.

– É isso – disse o Gibsie. – É uma mansão.

Afastei o banco e aproximei-me, para o cumprimentar.

– Obrigado – peguei no telemóvel. – Obrigado por teres vindo cá trazê-lo.

– Bem, o King Clit foi muito persuasivo – respondeu, com um sorriso. Voltando o olhar para o Gibsie, ergueu o sobrolho expectante. – Como está a minha comida, *chef*?

– Mais rápido do que uma pega num bordel, sir – respondeu o Gibsie, por cima do ombro. – Ovo?

– Puto! – disse o Joey, pensativo, desviando-se para o sítio onde Gibsie tentava proteger-se dos salpicos de gordura. – Já tens idade para mexeres no fogão sem a ajuda da tua mãe?

Cristo! Este gajo entra em minha casa assim e ainda exige comida. Curiosamente, gostei. O Joey Lynch parecia um tipo às direitas. Eu respeito isso numa pessoa.

– Duvido – disse o Gibsie, com uma gargalhada. – É a primeira vez que faço isto.

O Gibsie mexeu nos botões do fogão e provocou uma enorme chama que lhe chamuscou a sobancelha.

– Ai! – rugiu o Gibsie, a dar estalos na cara. – Estou a arder.

– Dá cá isso, antes que te queimes. – Ordenou o Joey, tirando-lhe a espátula da mão e aproximando-se para virar o *bacon* e os ovos.

Baixou a chama do fogão para média, tirou o pano da loiça do ombro do meu melhor amigo e começou a limpar os salpicos de gordura.

– Diabo dos putos da escola privada – murmurou. – Habitados a que vos façam tudo.

– Merda, Kav – disse o Gibsie, afastando-se do fogão. – Enganei-me. Este gajo é que é o papá.

– Faz-me um favor, Kav – pediu o Joey, por cima do ombro. – Vai lá fora e vê como está a minha irmã, sim?

O coração saltou-me no peito.

– A Shannon?

O Joey assentiu e tirou um prato do armário. Pôs uma data de fatias de *bacon* no prato e acrescentou:

– Está lá fora, no carro.

– Porque é que a deixaste no carro? – perguntei, sério. – Está um gelo, na rua.

– Porque não quis vir comigo – disse o Joey, num tom «daaah». – Podes tentar convencê-la a entrar, se quiseres, mas duvido que ela venha.

Não precisou de me pedir duas vezes. Ou de me dar autorização. Eu já estava a caminho da porta.

Atacada por cães e sentimentos

SHANNON

Sentindo-me chocada, sentei-me no banco de trás do carro da Aoife e olhei para a casa do Kavanagh, a pensar nas minhas opções.

Devia entrar? Devia esperar aqui fora? Devia enrolar-me como uma bola e fingir que não estou aqui?

A mãe dele estaria lá dentro? E o pai?

Estava mortificada com o que tinha acontecido na sexta-feira e, embora eu me encontrasse bem quando estivemos juntos no *pub* e no cinema, passei as duas últimas noites sem dormir e afogada em humilhação por ter vomitado à frente do Johnny.

Quando ele me deixou, eu estava em péssimo estado e não sabia como havia de me portar se entrasse em casa dele.

Não tinha a certeza de conseguir lidar com os meus sentimentos por ele.

Os meus pensamentos foram interrompidos por dois pares de enormes patas amarelas a baterem contra a janela.

Assustada, baixei o olhar e dei com dois cães iguais, com coleiras cor-de-rosa brilhante, a olharem para mim, a ganirem alto, com a boca aberta e as línguas de fora. Sem pensar duas vezes, empurrei para a frente o banco do Joey e saí do carro. Quando pus os pés na gravilha, fui atacada com beijos e latidos, ao mesmo tempo que os dois cães tentavam escalar-me o corpo.

– Olá, rapazes! – disse eu, fazendo festas aos dois.

Os meus afagos pareceram excitá-los porque um dos cães saltou-me para cima, batendo com as patas, com toda a força, no meu peito.

– Ohhh. – Perdi o equilíbrio e caí de rabo no chão.

Mal cheguei ao chão, debruçaram-se os dois sobre mim, a babarem-me a cara e o pescoço. A rir, tentei esconder o rosto, mas foi inútil porque aqueles cães eram muito persistentes nas suas manifestações de amor.

O que eu não tinha percebido, quando ainda estava no carro, era que ambos os cães tinham andado a rebolar em esterco de vaca há pouco tempo porque não só o pelo estava cheio de lama, como eles cheiravam muito mal.

Depois de uma batalha infrutífera para me levantar, acabei deitada de costas, no cascalho encharcado pela chuva, enquanto eles me cheiravam e pisavam e, basicamente, me lambiam todos os centímetros de pele exposta.

– Vocês são um par muito querido – disse eu, desistindo de lhes escapar. Sentia a humidade a infiltrar-se na minha roupa, mas não fiz nada para me levantar.

Não conseguia, mesmo que quisesse.

– Olá – ri-me e, depois, sorri para aquele que tinha decidido que a minha barriga era o sítio perfeito para sentar o rabo.

Tinha as patas pousadas firmemente nos meus ombros enquanto me lambia a cara.

– És uma linda menina, não és? – Arrulhei, baixando a cabeça e escondendo a língua dentro da boca. Foi completamente inútil, porque o outro estava de pé, ao lado da minha cabeça, a tentar que eu lhe desse atenção.

– Cuidado – avisei o que estava ao pé da minha cabeça. – A minha cara é sensível.

– *Bonnie! Cupcake!* Saiam daí – ordenou uma voz familiar, ali perto, mas nenhum dos cães obedeceu. Pelo contrário, até pareceu que aumentaram os esforços para me demonstrarem o seu amor canino.

Uns instantes depois, senti um par de mãos a segurar-me pelas axilas.

Assustada com o repentino contacto, apertei muito as pernas e os braços ao ser levantada do chão.

O Johnny pôs-me de pé e empurrou-me, rapidamente, para trás dele, ao mesmo tempo que os cães continuavam aos pulos em torno de mim.

– Não! – ordenou. Com um braço à minha volta, estendeu o outro, em advertência. – *Bonnie!* – gritou. – Feia! – E, depois, voltou-se para o outro cão, que também se aproximava. – *Cupcake*, nem penses!

Meteu a mão no bolso, tirou uma bola de ténis e mostrou-a aos

cães, captando-lhes a atenção imediatamente.

– Muito bem! É a bola, não é? – disse o Johnny e, depois atirou-a para longe.

Foi parar a um sítio qualquer do jardim, fora da nossa vista, mas os dois cães foram a correr atrás dela.

Aproveitei a sua distração momentânea para tirar o gancho e pôr o cabelo por cima do ombro esquerdo, escondendo dele esse lado da minha cara.

– Desculpa – disse o Johnny, quando os cães desapareceram. Voltou-se para olhar para mim, deu uma volta rápida ao meu redor e fez uma careta. – Céus! Deram cabo de ti!

Fiquei tão atordoada ao vê-lo completamente sem saber o que fazer ou dizer, que levei uns momentos a aclarar as ideias e a perceber que ele estava a falar... comigo.

– Hã?

– A tua roupa – disse ele, fazendo um gesto com a mão, que ia do meu pescoço aos meus pés. Olhei para mim e engoli um gemido.

Sim, ele tinha razão. Eu estava um desastre, numa combinação de lama, chuva, pelos e baba de cão.

– Oh, ah, sim. – Mortificada, tentei limpar as mãos às calças do fato de treino azuis, mas a baba colou-se aos meus dedos. – Pois é – disse eu, forçando uma pequena gargalhada, mas o que queria mesmo era esconder-me na parte de trás do carro da Aoife e desaparecer.

– Desculpa – repetiu o Johnny, parecendo um bocadinho envergonhado. – Aqueles dois são umas pestes.

Abanei a cabeça, suspirei e disse:

– Está tudo bem. Não faz mal. A *Bonnie* e o *Cupcake* são uns queridos.

– A *Bonnie* e o *Cupcake* são uns mal-educados – corrigiu o Johnny, com uma careta. Enfiou as mãos nos bolsos das calças de fato de treino cinzentas e acrescentou: – São os dois da minha mãe. Trata-os como se fossem humanos e eles acham que são.

– Os teus pais estão em casa? – perguntei, sentindo-me incrivelmente nervosa com a possibilidade de o meu irmão estar nas proximidades do pai ou da mãe dele.

Com o Joey, nunca se sabe o que é que ele pode dizer ou fazer e

também nunca se sabe bem o que lhe vai na cabeça. Era bem possível que ele se pusesse a falar sobre o incidente da concussão.

– Não, estão em Dublin – disse o Johnny. – O meu pai está a trabalhar lá, neste momento.

Abri muito os olhos.

– Estás em casa sozinho?

Ele sorriu.

– Não tenho quatro anos.

– Eu sei – respondi, corando.

– Os meus pais estão sempre a viajar, por causa do trabalho – explicou ele, perante a minha surpresa. – Normalmente, estou cá sozinho.

Não sei porquê, aquelas palavras incomodaram-me.

«Normalmente, estou cá sozinho.»

Era uma coisa triste.

O Johnny franziu as sobrelanceiras e agarrou-me suavemente o queixo com a mão.

– Que raio é isso? – perguntou, em voz baixa, os olhos azuis a brilharem como fogo.

– O quê? – disse eu, em pânico.

Levantou-me o queixo, afastou-me o cabelo do ombro e fez um ruído irritado, baixinho.

– Isto – rosnou, passando o polegar por cima da minha maçã do rosto. – E isto – acrescentou, desenhando uma linha por baixo do meu olho.

O contacto foi tão suave que me fez saltar de nervos e não de dor. Afastou a mão da minha cara, mas continuou exatamente onde estava, tão perto de mim que eu conseguia ver-lhe uma veia saliente, no pescoço, enquanto ele apertava a mandíbula.

– Shannon, o que é que aconteceu à tua cara?

– Oh, isso? – Ri, nervosa, e prendi o cabelo atrás da orelha.

Mas arrependi-me imediatamente ao sentir a baba pegajosa dos cães passar dos meus dedos para o meu cabelo. Como se já não fosse suficientemente mau parecer uma sem-abrigo, ainda tive de acrescentar a isso o cabelo cheio de baba de cão.

– Sim, isso – insistiu o Johnny, sem tirar os olhos da minha cara. –

Quem é que te fez isso?

– Ninguém. Caí em cima da torre de *Lego* do meu irmão, ontem à noite, e bati contra a mesa da cozinha. – A desculpa que eu tinha ensaiado com perfeição para dizer na escola, no dia seguinte, saiu-me da boca com a precisão necessária para parecer credível.

Há tanto tempo que andava a dizer mentiras sobre a origem dos cortes e hematomas no meu corpo que já me saíam da boca sem qualquer esforço.

– E esperas que eu acredite nisso? – disse o Johnny, surpreendendo-me.

Franzi a testa.

Era uma boa desculpa. Era credível. Porque é que ele não acreditava?

– Sim – disse eu em voz estrangulada, aborrecida com a franqueza dele. – Porque foi isso que aconteceu.

Ergueu o sobrolho.

– Estás mesmo a tentar convencer-me de que foste tu, sozinha, que puseste esse olho negro?

Encolhi os ombros.

– Acontece.

– Não, não acontece – disse com veemência. – Tens de correr com uma velocidade do caraças para te magoares assim – acrescentou, sem tirar dos meus os seus olhos incrédulos. – Porque é que estavas a correr? – perguntou. – Ias a fugir de alguma coisa? – Aproximou-se mais de mim. – Ou de alguém?

Dentro de mim, o sentimento de autopreservação acordou com um rugido e as caras dos meus três irmãos mais novos foram a força motriz por trás das minhas palavras.

– O que é que estás a tentar dizer, exatamente?

– Não estou a tentar dizer nada, Shannon – rebateu, acalorado. – Estou a pedir-te que me digas a verdade.

– Estou a dizer-te a verdade – respondi, com voz quebrada. – Para de me pressionar. – As lágrimas ameaçavam cair, mas consegui evitá-las. – Céus!

Sentia-me péssima por estar a mentir-lhe, sobretudo a ele, mas a verdade é que não podia dizer-lhe: *Ah, sim, quando o meu pai está*

bêbedo, gosta de me bater e de me atirar de um lado para o outro, como se eu fosse uma boneca de trapos.

Foi nesse exato momento que os céus decidiram abrir-se, por cima de nós, em mais uma das grandes chuvadas de março, encharcandonos a ambos.

Agradecida pela chuva, voltei-me e corri para o carro.

– Não! – gritou o Johnny, atrás de mim. – Não fijas para o raio do carro.

Abanei a cabeça e abri a porta.

– Desculpa, OK? – O Johnny estendeu a mão, agarrando-me pela cintura, e voltou a fechar a porta do carro. – Não insisto mais. – Fez-me virar, para olhar para ele, e disse: – Não falo mais deste assunto. – Fez-me uma festa na cara, mas depois deslizou a mão e pousou-a na minha nuca. – OK?

Assenti e respirei fundo.

– OK.

O Johnny exalou com força, aliviado.

– E agora, vais entrar comigo?

– Acho que é melhor esperar no carro – murmurei, mal conseguindo olhá-lo nos olhos. – Não me quero estar a intrometer... ao contrário do meu irmão que parece que não tem escrúpulos em entrar na casa de estranhos e comer-lhes a comida.

– Para começar, não sou um estranho para ti, e não te estás a intrometer – corrigiu-me o Johnny, com rispidez, enquanto a chuva caía sobre nós. – E, depois, sou eu que estou a convidar-te para entrares em minha casa – acrescentou, passando a mão pelo cabelo agora todo molhado. – Estás a ficar encharcada. – O olhar dele passeou por mim, mais uma vez, e depois inclinou a cabeça em direção à casa. – Quero que entres.

– Tens a certeza? – gaguejei.

Ele assentiu, lentamente.

– Absoluta.

– Hmm, OK – sussurrei, insegura. – Se tens a certeza de que tens certeza?

– Tenho a certeza de que tenho a certeza – brincou o Johnny. – Anda!

O Johnny virou-se e correu para a porta, mas voltou para trás quando percebeu que eu continuava sem me mexer.

Pousou-me as mãos nos ombros e levou-me para dentro de casa.

– Estás a ver? – insistiu, depois de termos entrado e de ter fechado a enorme porta, atrás de nós. – Não custou nada, pois não?

Abanei a cabeça.

O Johnny sacudiu-se como um cão, fazendo com que gotas de chuva salpicassem tudo.

– Estás a rir-te de mim, Shannon *como o rio*? – troçou, ao perceber o meu sorriso.

Abanei novamente a cabeça.

Fez um dos seus grandes sorrisos, daqueles que lhe provocavam duas covinhas na cara e que me punham o coração aos pulos e, depois, fez um sinal, pedindo-me para o seguir pelo grande vestíbulo, passando para um outro que tinha um arco de cada lado, levando sabe Deus onde.

Tive cuidado para manter os lábios bem fechados – impedindo a minha boca de se abrir de espanto – e olhei para a enorme escadaria que ocupava o centro daquela sala, com os seus intrincados balaústres de madeira, com pequenas cabeças de leão esculpidas no topo.

Olhei para cima, para o topo da escadaria, onde, de ambos os lados do patamar eram visíveis os corredores que dali saíam, em direções opostas.

– É uma casa antiga – disse o Johnny, em jeito de explicação. – Tem para aí uns cento e cinquenta anos ou assim. – Parecia desconfortável, ao dizer aquilo. – A minha mãe não quis mudar muito a traça original, quando a comprámos. Renovámos a maioria dos quartos e fizemos uma cozinha nova, mas a minha mãe quis manter o mais possível do original. – Encolheu os ombros e acrescentou: – Diz que esta casa tem caráter, ou uma merda do género.

– E tem razão. – Respirei fundo e dei uma volta sobre mim própria, a olhar para cima, para poder apreciar os tetos incrivelmente altos e os lustres de cristal. – Acho que a minha casa cabe toda neste vestíbulo.

– Johnny! – trovejou a voz do Gibsie, vinda do arco da esquerda. – Tá pronto.

– Tens fome? – perguntou o Johnny, levando-me pelo longo corredor até à porta do fundo. – Se bem conheço o Gibsie, deve ter fritado tudo o que havia no frigorífico.

Abanei a cabeça, os braços a envolverem-me o corpo, como se quisesse proteger-me, enquanto caminhava atrás dele.

– Estou bem.

Quando o Johnny abriu a porta da cozinha, fomos banhados pela luz do sol e pelo delicioso aroma do *bacon* frito.

– Olha! É a pequena Shannon – disse o Gibsie, que se virou, junto a um fogão com um bom aspeto impressionante, sorrindo-me e acenando-me com uma espátula. – O Johnny conseguiu convencer-te a entrar, ou foi o cheiro da minha incrível comida que te trouxe cá?

– Está a chover – murmurei, sentindo um arrepio quando a humidade da roupa começou a infiltrar-se na minha pele.

– Fizeste um ovo, Gibs, comigo a supervisionar – disse o Joey, que estava sentado num dos bancos da ilha, no centro da cozinha. – Deves-te achar a Darina Allen.

– Porra, Lynchy, obrigadinho. – Com a frigideira na mão, o Gibsie aproximou-se do meu irmão e pôs-lhe um ovo no prato.

O Joey esticou o braço, pegou num bule todo bonito e serviu duas chávenas de chá, depois levantou o bule na nossa direção.

– Shan, Kavs, chá?

Gibs?

Lynchy?

Kavs?

Era mesmo típico do Joey, fazia amizades como quem estala os dedos.

Senti uma súbita inveja dele, a vida do meu irmão era tão fácil em comparação com a minha. Mas essa inveja foi rapidamente absorvida pelo enorme tsunami de culpa que me envolveu.

Também nada era fácil na vida do Joey. Ele é que tirava o melhor partido de cada situação. Só tentava sobreviver, como todos nós.

– Queres uma toalha, ou assim? – Ofereceu o Johnny, em voz baixa, a olhar para mim. Franziu a testa: – Estás encharcada.

– Caramba! – rosou o Joey, surpreendendo-me. – Que raio é que te aconteceu?

Pousou o bule, levantou-se e foi ter comigo. Inclinou-se para mim, cheirou-me e recuou rapidamente. – Credo, Shannon – disse ele, enjoado. – Andaste a rebolar em quê? Merda de cão?

Uau, que tato, irmão mais velho, muito obrigada...

– Não! – Recuei e, depois, tentei cheirar-me discretamente. – Não cheiro mal.

– Não cheiras mal? – rebateu o Joey, trocista. – Até parece que estás podre.

Deus do céu, Joey!

– Os meus cães sujaram-na toda – disse o Johnny, rapidamente, passando uma mão pelo cabelo. Enquanto falava, as gotículas de água continuavam a pingar-lhe dos ombros largos para os ladrilhos no chão.

– Atiraram-na ao chão e andaram a rebolar por cima dela.

– Huh – fez o meu irmão. – Engraçado, Kavanagh, sempre que a minha irmã está perto de ti, acaba a ser maltratada e alguém lhe bate.

A mandíbula do Johnny ficou tensa, mas ele não respondeu.

Voltando a atenção para mim, o Joey disse:

– Tens de tirar essa roupa, Shan, ou ainda apanhas uma pneumonia.

Abri a boca para responder, mas ele continuou a falar, sem me dar oportunidade de dizer fosse o que fosse.

– Tens alguma coisa que ela possa vestir? – perguntou o Joey, olhando para o Johnny. – Ou lixívia, para mascarar este cheiro horrível?

O Johnny assentiu lentamente.

– Arranjo qualquer coisa, sim...

– Podemos ir embora? – sugeri, olhando para o meu irmão, a rezar para que ele aceitasse a dica. – Temos de ir para casa, Joey.

– Não entras no carro da minha namorada com esse cheiro – atirou-me o Joey.

– Deixa-te de parvoíces – resmunguei. – Leva-me para casa.

– Não podem ir já. Anda não comemos, nem conversámos – protestou o Gibsie. – E tenho *scones* no forno.

– Fizeste *scones*? – perguntei, momentaneamente distraída. – Tu?

– Sim, eu – respondeu o Gibsie, com um ar ligeiramente ofendido.

– Fica sabendo que sou um ótimo cozinheiro.

– Desculpa – respondi rapidamente, sem querer ofendê-lo. – Não pareces nada.

– Calma, estou a gozar contigo – disse ele, a rir. – Não faço ideia do que estou a fazer. – Apontou para o fogão e disse: – Tanto quanto sei, estes *scones* até podem ser assassinos.

– *Scones* assassinos? – Torci o nariz àquele conceito. – Então, espero que não te importes que eu não coma.

O Gibsie riu-se.

– Gosto de ti! – Olhou por cima da minha cabeça e disse: – Gosto dela. – Depois, voltou a atenção novamente para mim. – Não gosto é do cheiro. – Apertou o nariz com os dedos e acrescentou: – O teu irmão tem razão. Tens de mudar de roupa.

– OK, vou para casa... – comecei a dizer, mas voltei a ser interrompida, desta vez, pelo Gibsie.

– Johnny, ela pode tomar um duche, não pode?

Arregalei os olhos.

– O quê?

– Hã, sim, claro – respondeu calmamente o Johnny, que continuava ao meu lado. – Se ela quiser.

O Joey, que tinha regressado ao seu poleiro, na ilha, assentiu.

– Boa ideia, Gibs – concordou, entre garfadas de ovo e salsichas. – Vai tirar esse fedor a cão antes de ires comigo para casa.

– Eu não cheiro mal – murmurei.

– Fedes! – disseram o Gibsie e o Joey em uníssono.

– Calem-se lá, os dois, e deixem-na em paz – disse o Johnny, com um ar chateado. – Ela não cheira nada mal.

– Tu não sentes porque já estás imune – respondeu o Gibsie. Voltando-se para o Joey, disse: – Ele deixa o rafeiro dormir na cama dele todas as noites.

– Volta a chamar rafeira à minha cadela e ficas com a frigideira a servir de chapéu – avisou o Johnny.

– As minhas sinceras desculpas, pá. – O Gibsie levantou as mãos, rendendo-se. – Não quis insultar o teu precioso cãozinho.

Ignorando os gracejos e as brincadeiras, voltei-me e olhei para o Johnny.

– Lamento muito isto tudo.

Ele desviou a atenção dos rapazes para mim.

– Sem problema, Shannon. – a voz dele estava impassível, mas os seus olhos ardiam com qualquer coisa que eu tinha medo de decifrar porque tinha a nítida sensação de que, naquele momento, os meus olhos espelhavam os dele. – Podes lavar-te, no meu quarto.

– Não, sinceramente, não é preciso. – Estava tão envergonhada que tinha a cara a arder. – Não preciso de tomar banho na tua casa.

– Ah, o caraças é que não precisas – disse o Joey. – Já disse e estou a falar a sério, não entras no carro da Aoife nesse estado. Tens tanta lama em cima que só à pazada.

– Por amor de Deus! – exclamou o Johnny.

Abriu a porta da cozinha, agarrou-me na mão e, praticamente, arrastou-me pelo corredor.

– Anda – ordenou. – Eu trato de ti.

– Hã, OK – disse eu, numa voz estrangulada, porque, com toda a franqueza, que hipóteses é que eu tinha de dizer não quando um gigantesco jogador de rãguebi estava a arrastar-me pela sua casa?

– Para que saibas – disse o Johnny por cima do ombro, enquanto me levava pela escada acima, virando depois à direita quando chegámos ao patamar –, não acho que cheires mal.

– Hmm, obrigada? – gaguejei, sem saber o que havia de responder a um rapaz que acabava de me dizer que não cheiro mal e muito sem ânimo para inventar qualquer coisa melhor.

Ele andava depressa, sem me largar a mão, e eu tinha de correr para conseguir acompanhar as suas longas passadas. Só parou quando chegámos ao fim do corredor, onde havia uma porta fechada.

Reparei que tínhamos passado por, pelo menos, meia dúzia de outras portas, mas estava tão preocupada em acompanhar-lhe o passo que nem vi bem o que havia à minha volta.

O Johnny largou-me a mão, abriu a porta e entrou, fazendo-me um sinal para o seguir.

Entrei e senti-me dentro de uma versão do *Hall of Fame* em forma de quarto.

Era enorme, com paredes azuis e a gigantesca cama de dossel a meio de uma das paredes. Havia uma zona de entretenimento, em frente à cama, que se assemelhava a um cinema em miniatura, mas

nenhum desses pormenores foi o que me chamou mais a atenção. As filas e mais filas de troféus e de medalhas, que adornavam as paredes, foram o que me surpreendeu mais. As paredes estavam cheias de camisolas emolduradas, juntamente com vários bonés e cartazes, de aspeto peculiar, da equipa de râguebi irlandesa.

Havia uma enorme secretária de carvalho, numa parede ao fundo, entre duas janelas. Em cima da secretária estavam um computador portátil de aspeto caro e pilhas de livros escolares e papéis. Por cima, havia um grande quadro de cortiça pendurado na parede. Presas a esse quadro, havia imensas fotografias de celebridades do mundo do desporto. E o Johnny estava ao lado de todas elas nas fotografias.

– Bom – disse o Johnny, encolhendo os ombros. – É o meu quarto.

Aproximou-se da cama e, com o pé, atirou para debaixo dela várias peças de roupa que estavam espalhadas pelo chão.

– Muito bonito, o teu quarto – respondi, a morder o lábio, enquanto olhava em volta.

Tal como qualquer quarto de adolescente, era uma completa desordem e nem sequer faltavam os típicos pósteres de raparigas seminuas, com seios gigantescos, colados nas paredes. Havia roupa espalhada por todo o lado e comandos e jogos da PlayStation atirados, de qualquer maneira, para o chão, ao lado de uns pufes de couro.

– Podes tomar duche aqui – disse o Johnny. E, entrando em ação, dirigiu-se a uma porta, no canto esquerdo do quarto, perto da cama.

– Tens a certeza? – disse eu, a sentir-me incrivelmente intimidada por estar ali, de pé, no seu espaço pessoal e prestes a despir-me completamente.

Éramos virtualmente estranhos. Não me parecia nada bem estar no espaço dele.

Parecia-me mal, mas sabia-me tão bem...

– Sim, sem problema – respondeu rapidamente, abrindo a porta. Espreitou lá para dentro, um momento. – Há toalhas lavadas nas prateleiras. Usa o que quiseres.

Valha-me Deus! Aquilo era uma loucura. Demasiado surreal.

Saí de casa esta manhã para comprar uns *hash browns* e uma lata de *Coca-Cola* e, agora, estava no quarto do Johnny Kavanagh, prestes a tomar um duche na sua casa de banho privada.

Como é que isto foi acontecer?

– Queres que ponha a tua roupa na máquina de secar enquanto tomas banho? – perguntou ele, trazendo-me novamente ao presente.

– A minha roupa? – Cruzei os braços e abanei a cabeça. – Hmm, não, não é preciso.

Ele assentiu e vi-o dar um pontapé em mais umas peças de roupa, atirando-as para debaixo da cama.

– Dava-te qualquer coisa da minha mãe, mas ela fecha o *closet* à chave, quando viaja.

– O *closet*?

– Sim, ela, hã, a minha mãe trabalha com roupa. – disse o Johnny, parecendo desconfortável. – Se queres saber, é assim uma espécie de um raio de um roupeiro gigante, dentro de um quarto, mas a minha mãe diz que é o escritório dela. – De repente, sorriu, a pensar, obviamente, em qualquer coisa engraçada. – O Gibs entrou lá, uma vez, e estragou uma peça qualquer de uma nova linha de roupa em que ela estava a trabalhar, por isso, agora, sempre que viaja, deixa-o fechado à chave.

– A tua mãe desenha roupa?

– Desenha.

Arregalei os olhos.

– Tipo *designer* de moda?

O Johnny assentiu.

– Em Londres?

Assentiu novamente.

– A sério?

– Sim.

Uau...

– E o teu pai? – murmurei. – É médico?

– Não, é advogado – respondeu, sem pestanejar.

Jesus! A mãe era *designer* de moda e o pai um advogado da classe alta.

Bem, pelo menos isso explicava esta mansão.

O olhar do Johnny desviou-se para a mesa de cabeceira e ele apressou-se a abrir uma das gavetas e a empurrar lá para dentro tudo o que estava em cima do tampo.

– Vou procurar qualquer coisa minha que possas vestir – murmurou ele, ligeiramente corado, enquanto fechava a gaveta e, com o pé, escondia debaixo da cama uma data de papéis que tinham caído ao chão. – Deixo-te a roupa em cima da cama, caso queiras... Bom, usa o que quiseres.

Hesitei, dando um passo para a frente e três para trás, antes de respirar fundo e de me dirigir à porta da casa de banho. O Johnny desviou-se, para eu passar, mas era tão grande que não consegui evitar roçar nele.

– Obrigada, Johnny – sussurrei antes de entrar na casa de banho, com as hormonas aos saltos e o coração aos pulos.

– De nada, Shannon – ouvi-o dizer, pouco antes de fechar a porta.

Oh, Céus! Que diabo está a acontecer?

Respostas

JOHNNY

– Tenho uma pergunta, Joey, *o hurler* – anunciei ao voltar para a cozinha, depois de deixar a irmã dele, nua, no meu chuveiro.

– Força, *Mr. Râguebi* – respondeu o Joey, sem se incomodar.

Olhei para o Gibsie e fiz um gesto para a porta.

– Dá-me um minuto, Gibs.

O meu melhor amigo deve ter visto a fúria nos meus olhos porque, pela primeira vez na vida, não fez um comentário ou disse uma piada. Levantou-se, simplesmente, e saiu da cozinha, fechando a porta atrás dele.

– Bom – disse eu, quando ficámos sozinhos, os olhos postos no Joey. – Quem é que anda a bater na tua irmã?

O Joey levantou as sobrancelhas.

– Sim, ouviste bem – rosnei. – Na sexta-feira, encontrei-a de gatas, na escola, a vomitar as tripas. – Passei a mão pelo cabelo, furioso. – Está a acontecer-lhe qualquer coisa e eu quero saber o que é.

– Porquê?

– Porque quero resolver isso.

– Porquê?

– Porque ninguém devia andar a pôr-lhe as malditas mãos em cima – disse, numa fúria.

– O que é que ela te disse? – perguntou-me, calmo.

– Que caiu em cima dos *Legos* – quase que cuspi as palavras.

Caiu em cima dos Legos, o caraças! Caiu foi em cima de um muro.

O Joey estudou-me atentamente, com os seus vivos olhos verdes e, depois, assentiu.

– Se a Shannon te disse que foi isso que aconteceu, então, foi isso que aconteceu.

– Não... não! Não me venhas com essa merda – disse eu, frustrado.

– Não é a primeira vez que a vejo com marcas. – Lembrava-me

perfeitamente de uma marca vermelha, na cara, há umas semanas, e daquela marca, na parte de trás do pescoço, na sexta-feira. – O que é que se passa com ela?

O Joey endireitou-se no banco, a olhar para mim com uma expressão de superioridade que eu odiava.

Ele sabia qualquer coisa que eu não sabia e isso estava a deixar-me louco.

Sim, eu não tinha a certeza se gostava assim tanto do Joey, o *hurler*.

– Quem é que anda a bater na tua irmã? – repeti. Ele tinha de me dizer qualquer coisa, antes de eu tirar conclusões precipitadas e lhe dar um pontapé no cu. – São aquelas *bullies* da tua escola?

Será que lhe bateram por causa do que eu fiz no bar, na sexta-feira?

– Foram elas? – perguntei. – Foram aquelas raparigas?

O Joey continuou em silêncio.

– Ela magoa-se a si própria? – perguntei.

Ele continuou a olhar para mim.

– És tu que lhe bates?

Levantou uma sobrancelha.

– Pá, é melhor começares a falar porque, irmão ou não irmão, encho-te de porrada.

– Tens de falar com a Shannon – disse ele, finalmente. – Não te posso dar as respostas que queres.

– Podes, sim – disse eu. – É só abrires a boca e falares.

– Não. – Abanou a cabeça. – Não posso e não vou dizer. Se ela confiar em ti o suficiente, ela própria te diz. Se não confiar, não te diz. Seja qual for o caso, não sou eu que decido.

– Que raio quer isso dizer? – perguntei, furioso. – «Não sou eu que decido»?

– Exatamente o que parece – retorquiu o Joey. – Quer dizer que não sou eu que decido. Mas posso garantir-te que nunca pus as mãos na minha irmã – acrescentou, lançando-me um olhar duro. – Ou em qualquer outra mulher, para que conste.

– Eu quero saber o que se passa, Lynch – disse eu, esforçando-me por reunir todo o controlo possível. – Se ela é vítima de *bullying* ou de uma merda do género, eu ajudo-a. Resolvo isso, se me disseres o que

é.

Levantou uma sobrancelha.

– Resolves isso?

– Por ela? – Assenti, determinado. – Sem dúvida.

– Tu gostas dela. – Ele arqueou a outra sobrancelha e inclinou a cabeça para o lado. – Se calhar, até é mais do que gostar.

Nem me dei ao trabalho de negar. A ele, não. Não era o Gibsie, ou um dos rapazes na escola a tentarem irritar-me. Era o irmão dela.

O melhor era ter juízo e não dizer disparates, naquele momento.

– Quero saber o que se passa – limitei-me a responder. – Preciso de saber.

– Ouve, gostava de te contar – disse o Joey, finalmente, com um profundo suspiro. – Não teria nenhum problema em dizer-te. Não tenho nada a esconder. Mas ela... – apontou para a porta, atrás de mim. – Ela não quer que eu conte. Morria se soubesse que eu tinha contado a alguém. Depois da merda toda por que passou, na BCS, quer fazer tábuas rasas no Tommen. E eu também quero isso para ela.

– Ou seja, estão a fazer-lhe *bullying*? – Senti um baque no coração. – É alguém do Tommen? – Se alguém da minha escola lhe havia feito aquilo à cara, eu sentia-me capaz de pôr a porcaria da escola a ferro e fogo. – Ou é da escola antiga?

Custava-me a acreditar que aquelas cabras do bar fossem suficientemente estúpidas para voltarem a chateá-la. Podem chamar-me convencido, mas tenho a certeza de que, na sexta-feira, as pus na ordem.

O Joey olhou fixamente para mim durante um bom bocado e depois abanou a cabeça.

– Ouve, Kavanagh – disse, finalmente. – Se queres saber o que vai naquela cabeça, vais ter de fazer por merecer.

– Fazer por merecer? – Franzi a testa. – Merecer o quê?

– És um gajo inteligente – respondeu ele. – Vais descobrir.

Abanei a cabeça.

– Eu não...

As minhas palavras foram interrompidas pelo som do telemóvel do Joey. Calmo como uma brisa, ergueu um dedo e tirou-o do bolso, olhou para o ecrã e, a seguir, murmurou uma data de insultos, antes

de o encostar ao ouvido.

– Que merda queres tu? – perguntou.

Saltou do banco, foi até ao fogão e virou-me as costas, enquanto falava, num tom abafado.

– Não, já te disse... Não há volta atrás... Estou-me a cagar se estás arrependido... Não... Ela está onde?

Reparei que o Joey ficou completamente rígido. Esforcei-me por ouvir a pessoa que estava do outro lado do telefone, mas foi impossível.

– Quando é que isso aconteceu...? E o bebé...? OK... Não... Que porra é que queres que eu diga...? Porque é que haveria de estar triste...? É o raio de um alívio, é isso que é... Boa... Sim, vou já para lá... Acabei de dizer que vou já para lá, não acabei?

O Joey olhou para trás e apanhou-me a olhar.

Arqueei uma sobrancelha, estava-me nas tintas se ele percebesse que eu estava a ouvir.

Era isso mesmo que tinha estado a fazer. Não ia negar.

– Vou lá ter – disse o Joey, em voz muito baixa. – Já estou a caminho.

E, com aquilo, pôs fim à chamada e guardou o telemóvel no bolso.

– Tenho de me ir embora – disse, naquele tom calmo, frio e recolhido dele.

– Vais-te embora? – perguntei, surpreendido. – Para onde?

– Tenho de ir a um sítio – foi tudo o que ele disse, dirigindo-se à porta.

– Espera aí – ordenei, travando-lhe o passo. – A tua irmã está a tomar banho.

– Pois. – Esfregou a cara e disse: – Preciso que me tomes conta dela.

– Que tome conta dela? – Abanei a cabeça, esforçando-me por entender o que raio estava a acontecer. – Queres que tome conta da tua irmã?

– Foi isso que eu disse, não foi? – replicou o Joey, veemente.

– Não me estás a dizer nada – rosnei. – O problema é esse. Não me dizes merda nenhuma.

– Disse, sim – insistiu. – Disse-te para perguntares à Shannon.

– E, então, agora vais deixá-la cá? – perguntei. – Até quando?

– Não sei – respondeu.

– Não sabes?

– Sim, não sei, porra – disse, a cuspir as palavras. – Há problema?

– Não há problema nenhum em ela ficar cá – afirmei, furioso. – O problema é estares a deixá-la aqui e eu não saber como lhe explicar isso.

– Tudo bem – disse ele, olhando para mim com uns ardentes olhos verdes. – Diz à minha irmã que o nosso pai me ligou. A nossa mãe sofreu um aborto espontâneo, na sexta-feira à noite, esteve no hospital até hoje e ele está a levá-la para casa agora.

– Merda – murmurei.

– Nem fazes ideia – disse o Joey, passando por mim e entrando no corredor.

– Queres que a leve a casa? – perguntei, sem fazer a mínima ideia de como lidar com aquilo. Fui atrás dele, sentindo-me completamente perdido. – Ou que a leve ao hospital...

– Quero que tomes conta dela aqui, porra! – rugiu o Joey. Parou à frente da porta da rua, voltou-se e olhou para mim. – Consegues fazer isso, Johnny Kavanagh? Consegues tomar conta da minha irmã, por mim?

– Claro! – disse eu, não gostando do seu tom, mas sabia que ele devia estar a sofrer. – Eu tomo conta dela.

– Ótimo – disse. – Eu ligo-te, quando puder passar por cá para a apanhar. Fica cá com ela até eu telefonar, OK?

Puder passar por cá para a apanhar?

Que raio é que ele pensa que a irmã é? Uma porcaria de um pacote?

Mas como ele devia estar a passar um mau bocado, limitei-me a assentir e introduzi o meu número no telemóvel que ele me passou e, depois, devolvi-lho.

– Gussie! – disse o Joey, guardando o telemóvel no bolso de trás das calças. – Vou-me embora. Se quiseres boleia até ao teu carro, na cidade...

A cabeça do Gibsie apareceu a espreitar, à porta da sala.

– Está tudo bem? – perguntou ele, olhando para nós, confuso.

– Vai – disse-lhe eu, fazendo um gesto para que fosse com o Joey, que já estava quase a chegar ao carro.

– Tens a certeza?

Assenti com firmeza.

Felizmente, o Gibsie teve o bom senso de não fazer perguntas. Despediu-se de mim rapidamente e foi atrás do irmão da Shannon.

Respirei fundo, fui até à porta da rua e fechei-a silenciosamente. Que raio ia eu fazer?

Más notícias

SHANNON

Demorei imenso tempo a acertar a temperatura no chuveiro do Johnny porque, ao que parecia, ele gostava de incinerar a pele, ao tomar banho. Quando, finalmente, consegui baixar a temperatura para um calor suportável e senti a força dos jatos a lavarem-me o corpo, tive dificuldade em sair.

A sério, o chuveiro dele é incrível.

Era banheira e chuveiro e eu fiquei ali, de pé, naquela grande banheira oval, com a cortina fechada, mas juro que isso só aumentou o prazer de tomar o banho mais luxuriante da minha vida. Usar o champô e o sabonete dele pareceu-me estranhamente impróprio, como se fosse uma coisa que eu não devia estar a fazer, mas estava suja e fedorenta, sem dúvida, por isso ensaboei o corpo com bocadinhos de todos os frascos chiques que havia na prateleira.

Quando, finalmente, fiquei limpa e a cheirar a gel de banho de rapaz, em vez de cheirar a cão molhado, saí da banheira, enrolei-me numa toalha lavada e juntei a minha roupa suja numa bola. O cheiro da minha roupa era tão nojento que a deixei cair imediatamente e tive de respirar pela boca, várias vezes.

O Joey e o Gibsie tinham razão. Eu cheirava mesmo muito mal. Não conseguia voltar a vestir aquela roupa, no estado em que estava, sem vomitar.

Antes de abrir a porta da casa de banho e sair, encostei-lhe o ouvido e pus-me à escuta, atentamente, para ter a certeza de que não estava ninguém no quarto.

Vendo que estava vazio, soltei um suspiro de alívio e fui até à cama do Johnny onde havia uma enorme pilha de roupa.

Puxei o cabelo húmido por cima de um ombro e comecei a mexer nas várias peças de roupa que ele ali tinha deixado para mim.

Depois de ter visto várias *T-shirts*, decidi-me pela mais pequena de

todas que, por acaso, era tamanho XL. Era azul, suave ao toque e cheirava ao Johnny. Vesti-a rapidamente. A *T-shirt* chegava-me a meio da coxa, as mangas curtas iam até aos cotovelos, o que me lembrava que, em comparação com ele, eu era praticamente um *hobbit*.

A tremer de frio, pus-me a vasculhar a roupa para a parte de baixo, porém as calças de fato de treino que ele ali tinha deixado eram todas gigantescas. Peguei numas e pu-las à minha frente, mas acabei a suspirar, frustrada, quando constatei que me chegavam ao peito.

Respirei fundo quando, no meio daquela roupa toda, descobri uns boxers brancos.

Será que ele os tinha posto ali ou foi sem querer? Eram mesmo para mim? Era estranho? Santo Deus, eram *Calvin Klein*?

Depois de os investigar com mais atenção, confirmei que eram, de facto, uns boxers de marca.

As minhas cuecas vinham em pacotes de sete e custavam cinco euros.

Naquele momento, tive a profunda consciência das nossas diferenças sociais.

A mãe dele era *designer* de moda, por amor de Deus.

A minha era empregada de limpeza.

O pai dele era advogado.

O meu também passava muito tempo em tribunal, mas do outro lado da lei. A casa dele cheirava a dinheiro e a luxo.

A minha cheirava a *whisky* e a dor.

Olhei para as calças de fato de treino que ainda tinha nas mãos e depois para os boxers de cintura elástica, em cima da cama. Eram a única peça de roupa do Johnny que podia servir-me mais ou menos.

Tentei não pensar muito no assunto, peguei nos boxers e vesti-os rapidamente. Presumi que nele ficavam justos, colados à pele, mas em mim eram uns calções bastante largos. No entanto, serviam-me perfeitamente na anca.

O que é que estás a fazer? Que raio é que estás a fazer?

O pénis do Johnny tocou nisso. E, agora, é a tua vagina que está a tocar.

Estás, praticamente, a fazer sexo com ele!

Senti-me tão cheia de dúvidas que tirei os boxers rapidamente e

decidi vestir as calças de fato de treino. Tal como tinha previsto, ficavam-me enormes, davam-me pelo peito e, quando larguei o cós, caíram-me aos pés.

Voltei a puxá-las para cima, segurei o cós e, aos tropeções, fui à casa de banho, tentando não cair pelo caminho. Peguei no gancho do cabelo que tinha deixado na prateleira da banheira, fiz um nó, de lado, nas calças, e prendi-as. Durante dois segundos, até voltarem a cair-me pelas pernas abaixo.

Aborrecida, voltei a pegar nos boxers, ignorei a voz dentro da minha cabeça que continuava a dizer-me que não devia vesti-los, peguei outra vez no gancho do cabelo e fiz um nó apertado nas cuecas do Johnny.

Sem saber o que fazer a seguir, voltei para o quarto dele e comecei a dobrar a roupa descartada que não tinha usado. Não sabia porque é que estava a fazer aquilo, mas tinha a sensação de que, se não o fizesse, ele também não o faria e ia ficar com a roupa toda amarrotada, quando as tinha tirado do armário por minha causa.

Estava a dobrar a última *T-shirt* quando reparei em qualquer coisa a sair de baixo da cama dele.

Qualquer coisa que se parecia comigo.

Baixei-me, apanhei o jornal do chão e fiquei a olhar para a nossa fotografia.

Ele tinha guardado aquilo. No quarto dele. Debaixo da cama. O meu coração começou a bater muito depressa.

Não significa nada. É uma boa fotografia. Só isso.

Não faças outras leituras.

Estava completamente absorvida nos meus pensamentos quando ouvi gemer baixinho, perto de mim. Deixei cair o jornal no chão, fiquei completamente quieta e de ouvido à escuta.

Uns segundos depois, ouvi novamente os gemidos. Vindos da cama!

Assustada, peguei numa *T-shirt* qualquer e agarrei-a com toda a força com as duas mãos, depois baixei a cara até ao sítio, aos pés da cama, onde o edredão dele fazia um alto.

Tinha a certeza que era dali que vinham os gemidos.

– Olá? – sussurrei, de olhos postos no edredão.

A coisa mexeu-se, o edredão também, rapidamente, para a frente e para trás.

– Ai, meu Deus! – gritei, cambaleando para trás.

Deixei cair no chão a *T-shirt* do Johnny, levei a mão ao peito e fiquei a olhar para a cama como se fosse uma cena saída diretamente do *Poltergeist*.

– Está aí alguém? – perguntei, quando consegui recuperar a voz.

Eu só podia estar a imaginar aquilo. Não, não era nada. Tinha sido um engano.

Perdi a cabeça, foi isso.

– Olá!

O edredão voltou a mexer-se.

– Oh, meu Deus!

O edredão começou a levantar-se. Oh, que se lixe!

Dessa vez, quando gritei, foi a plenos pulmões, ao mesmo tempo que me afastava da cama. Esbarrei contra a cómoda que estava atrás de mim, perdi o equilíbrio e fui de cara ao chão, batendo com o queixo no soalho de madeira. Sem me preocupar com a cara, pus-me de pé, mas voltei a cair porque os meus pés se enredaram nas gigantescas calças de fato de treino que eu tinha deixado esquecidas no chão. Consegui libertar os pés e, sem parar de gritar, levantei-me do chão e corri para a porta do quarto.

Mal toquei no puxador, a porta abriu-se e dei de caras com o olhar desorientado do Johnny.

– O que é que aconteceu? – perguntou, preocupado. – Shannon, que raio é que aconteceu?

– Está qualquer coisa aqui, no teu quarto! – gritei, agarrando-me a ele. – Oh, meu Deus – disse eu, num misto de soluço e grito, agarrando-me mais ao seu peito e envolvendo-o com os braços e as pernas. – Tens de me salvar!

– O que é que queres dizer com isso de «há qualquer coisa no meu quarto»? – perguntou o Johnny, pondo os braços em volta da minha cintura. – Shannon?

Tentou pôr-me no chão, mas eu agarrei-me ainda com mais força, apertando os braços e as pernas o mais que podia.

Ele respirou profundamente, afagou-me as costas e, num tom muito

mais suave, perguntou:

– O que é que aconteceu?

– Há qualquer coisa na tua cama. – Fechei os olhos e agarrei-me ao corpo dele como a uma boia de salvação. – Debaixo do edredão – consegui dizer, enquanto um grande arrepio me percorria o corpo todo. – Não estou a brincar. Vi aquilo mexer-se... duas vezes! – enterrei a cara no pescoço dele e continuei: – Acho que tens um fantasma dentro da cama.

– Shannon, não há fantasma nenhum na minha cama – disse o Johnny, num tom divertido.

– Ai, isso é que há – insisti, voltando a sentir um arrepio. – Eu vi... e não te rias de mim.

– Não me estou a rir de ti – garantiu, enquanto se ria. – Anda, vou mostrar-te que não há fantasma nenhum.

Ele deu um passo, para entrar no quarto, e eu agarrei-me à ombreira da porta para o impedir de se mexer.

– Leva-me a casa – implorei, de olhos arregalados, horrorizada. – Por favor. Não me faças entrar nesse quarto. Estou a morrer de medo, Johnny!

Mas ele entrou e levou-me com ele, ao colo, agarrada ao seu corpo, como um macaco bebé.

– Olha para o teu fantasma, Shannon – disse ele, a rir, quando chegámos ao pé da cama.

– Não consigo. – Fechei os olhos e abanei a cabeça, voltado a enterrar a cara no pescoço dele. – Não quero ver.

Cheirava tão bem. O aroma da sua colónia subia-me pelo nariz, por isso, ao menos, eu ia morrer a sentir um cheiro maravilhoso.

Ouvi um latido e isso fez com que eu não desmaiasse.

– Então, bebé? – arrulhou o Johnny. – Assustaste a minha amiga.

Bebé?

Lentamente, levantei a cabeça e virei-me para a cama. Um labrador preto saiu de baixo do edredão do Johnny.

Senti um tsunami de alívio atravessar-me rapidamente.

O cão abanava o rabo com tanta força que batia no colchão.

– Shannon, apresento-te a *Sookie* – disse o Johnny. – O teu fantasma.

– Oh. – Larguei o Johnny e saltei para o chão, com a pele a arder de vergonha. – Oh, isso faz mais sentido.

Sentindo-me tonta, sentei-me na beira da cama, pus a mão no peito e respirei profundamente, trémula.

– A tua cadela – disse, ofegante, a respirar com força. – Dorme na tua cama.

Não era uma pergunta. Estava a tentar perceber o que tinha acontecido. – Eu disse olá e ela abanou a cauda. Pensei que fosse...

– Um fantasma? – sugeriu o Johnny, sorrindo.

Assenti.

– Não gozes – sussurrei, ainda a tremer, enquanto a adrenalina se dissipava lentamente. – Por enquanto. – A *Sookie* tocou com o seu nariz molhado na minha coxa nua e aconchegou-se suavemente, distraíndo-me. – Olá para ti... – murmurei, dando-lhe atenção. Os pelos brancos, no focinho revelavam que já era um animal velhinho. – És tão querida. – Pousei-lhe a mão na cabeça e acariciei-a suavemente.

– Essa é muito querida – disse o Johnny. – É minha e é muito mais bem-educada do que os outros dois.

– Bem, *Sookie*, quase me fizeste ter um ataque cardíaco com essa tua mania de te esconderes – disse eu, sentindo o coração voltar lentamente ao seu ritmo natural. – Mas, mesmo assim, és muito querida.

– Estás bem? – perguntou o Johnny, agora num tom sério.

Senti o colchão mexer-se, ao meu lado, mas não desviei os olhos da cadela.

– Devia ter-te avisado de que ela estava aqui – acrescentou. – Mas estou tão habituado a tê-la aí que me esqueci completamente. Ela passa horas aqui, na minha cama.

– Está tudo bem – sussurrei, mantendo a atenção concentrada na *Sookie*.

– Está tudo bem ou estás bem?

Mordi o lábio e pensei naquilo, durante um momento, antes de dizer:

– Está tudo bem e eu vou ficar bem. – Deixei cair a cabeça nas mãos e gemi baixinho. – Meu Deus! Estou tão envergonhada. Vocês ouviram os meus gritos, na cozinha?

– Na verdade, só eu é que ouvi – respondeu ele. – Estava a subir a escada, para vir falar contigo, quando te ouvi gritar.

O meu coração disparou.

– Falar comigo?

– Sim, o teu irmão teve de se ir embora enquanto estavas a tomar banho.

– O Joey foi-se embora? – perguntei, sentindo uma súbita onda de pânico percorrer-me o corpo. – Aconteceu alguma coisa?

O Johnny assentiu e juntou as mãos, os cotovelos apoiados nas suas enormes coxas.

– O que foi? – quase gritei. – Diz-me, por favor, Johnny!

– É, ah, é a tua mãe, Shannon – disse ele, finalmente, abrupto.

– O que é que se passa com a minha mãe? – sussurrei. – Oh, meu Deus! Morreu?

– Não, não, porra! Não! – apressou-se o Johnny a dizer. Virando-se de frente para mim, soltou um suspiro preocupado, pegou na minha mão trémula com a sua mão grande e quente, e disse: – Sofreu um aborto espontâneo.

Sofreu um aborto espontâneo.

A tua mãe perdeu o bebé, Shannon.

Sente qualquer coisa! Sente qualquer coisa, caramba!

Eu estava morta por dentro. Tinha de estar. Ou era isso, ou eu era uma pessoa péssima. Não havia outra explicação para aquilo.

Sentir alívio com um aborto espontâneo era o crime mais nojento, horrível e imperdoável à face da Terra. E foi essa a primeira coisa que senti quando aquelas palavras saíram da boca do Johnny.

Uma onda avassaladora de puro alívio tomou conta do meu corpo, por breves momentos, enquanto o meu cérebro registava a gratidão que envolvia o meu coração ao saber que não ia nascer outra criança neste inferno.

Já era suficientemente mau termos nascido nós para esta vida.

– Lamento muito, muito, Shannon – disse o Johnny, apertando-me a mão. – Desculpa por ter tido de te contar isto.

– A minha mãe está bem? – perguntei, quando consegui encontrar palavras.

O Johnny assentiu.

– O teu irmão disse que ela está bem e que sofreu o aborto espontâneo na sexta-feira... mas suponho que já sabias que ela estava no...

– Sim – menti rapidamente, sentindo as lágrimas a picarem-me os olhos, enquanto o nojo e o ódio tomavam conta de mim. – Sabíamos que havia um problema.

Foi isso que aconteceu? Foi para lá que ela foi? Esteve sozinha, no hospital, durante todo o fim de semana e nenhum de nós sabia?

Estávamos lixados com ela, a achá-la má mãe, e ela deitada numa cama de hospital, a perder o seu bebé.

Oh, meu Deus.

– Claro. – O Johnny assentiu e voltou a suspirar profundamente. – O Joey pediu-me para te dizer que o teu pai foi buscá-la ao hospital e, em breve, estarão os dois em casa.

Fiquei petrificada. A dor e a antecipação do medo instalaram-se nos meus ombros como a mão de um velho amigo. Eu estava sempre com medo.

Sentia-me tão triste, tão triste.

Ele tinha voltado.

Porque é que ele tinha voltado? Porque é que não se ia embora para sempre?

– O teu irmão quer que fiques aqui mais um bocado. Disse que ligava quando pudesse vir buscar-te... – o Johnny fez uma pausa, antes de acrescentar: – mas eu posso levar-te a casa quando quiseres, OK?

– O Joey não te devia ter posto nesta situação – disse eu, esforçando-me por conter as emoções. – Desculpa o incómodo. – Levantei-me, para sair. – Vou-me embora.

– Shannon. – O Johnny agarrou-me suavemente o pulso. – Não quero que vás – disse, sorridente, fazendo-me sentar novamente ao seu lado. – Quero-te aqui. – Pousou a mão na cama, mesmo atrás das minhas costas, e inclinou-se, para ficar mais perto de mim. – Quero que fiques aqui, comigo.

Abanei a cabeça, incapaz de dizer uma única palavra.

Sentia um gosto horrível na boca. Combinava com o vazio que sentia no estômago.

Desgraça iminente, reconheci.

Era isso o que estava a sentir, na boca e no estômago, naquele momento. O meu pai tinha voltado.

Quando eu saísse daquela casa e voltasse para a minha, o interminável círculo vicioso ia continuar.

De repente, tive vontade de nunca mais sair daquele quarto.

Não chores, Shannon Lynch, avisei-me a mim própria. Não deites nem mais uma lágrima!

Baixei a cabeça e pestanejei como uma louca, tentando desesperadamente conter as lágrimas que ameaçavam escorrer pela cara, como grandes gotas de gordura.

Não resultou.

Uma lágrima deslizou-me pelo rosto, seguida, numa rápida sucessão, de outra e outra e outra.

– Vou abraçar-te – sussurrou-me o Johnny, ao ouvido. – Se não quiseses, diz-me.

Fungando, virei-me e encostei a cara ao peito dele, respondendo-lhe à pergunta com ações.

O Johnny envolveu-me nos seus braços, puxando-me mais para ele, e eu agarrei-lhe a camisola com toda a força, enquanto os soluços me faziam tremer o corpo todo.

– Estou aqui contigo – disse-me, com voz rouca, fazendo-me festas nas costas. – Se precisares de falar sobre... – puxou-me mais para ele. – Eu estou aqui.

Não conseguia parar de chorar e não tinha a certeza se era por causa do medo de enfrentar o meu pai, ou do aborto espontâneo da minha mãe, ou das emoções que se acumulavam dentro de mim por causa daquele rapaz em cujos braços eu estava, naquele momento. Incapaz de me controlar e procurando desesperadamente o conforto e a segurança que emanavam dele, em ondas, fiz uma coisa completamente imprudente.

Subi para o colo dele. O Johnny ficou tenso e as suas mãos afastaram-se do meu corpo, mas eu não parei. Não podia. Com as coxas dele entre as minhas pernas, abracei-o e enterrei a cara no seu pescoço.

– O que é que queres que eu faça, Shannon? – perguntou o Johnny.

– Diz-me o que tenho de fazer.

– Abraça-me – soluzei, com a cabeça enterrada no pescoço dele. – Não me largues.

– OK. – Pousou uma das suas grandes mãos na minha nuca e, com a outra, fez-me festas nas costas, enquanto me embalava contra o seu peito. – Não te largo – sussurrou, apertando-me nos seus braços.

A tremer, agarrei-me ao seu corpo e rezei para que ele fosse a minha força, naquele momento, porque eu não aguentava mais.

Não conseguia viver assim.

Sentia-me tão sozinha.

Toda a minha vida.

Estava tão assustada.

É o teu aniversário

SHANNON

Passei uns bons vinte minutos nos braços do Johnny enquanto tentava desesperadamente controlar as minhas emoções. Finalmente, quando senti que já não tinha uma única lágrima dentro de mim, afastei-me um pouco para olhar para ele.

Os seus olhos azuis ardiam de compreensão enquanto me observava atentamente.

– Olá – disse eu, sentindo-me envergonhada.

– Olá – disse o Johnny, sorridente, compondo-me o cabelo húmido em volta da cara e por cima do ombro.

– Obrigada – gaguejei, resistindo à tentação de encostar a cara à mão dele.

– Porquê? – perguntou, rouco, pondo-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– Por tomares conta de mim – disse eu, com voz fraca.

Ele sorriu, triste.

– Sempre que quiseses.

– Queres que me vá embora agora? – perguntei, sentindo-me insegura. – Agora que te encharquei a camisola e o pescoço?

O Johnny abanou a cabeça e repetiu as mesmas palavras que já tinha dito antes.

– Quero que fiques aqui comigo.

– Queres? – disse eu, agarrando-me mais ao pescoço dele.

Assentiu, devagar.

– Quero.

– OK – sussurrei, com o coração a bater violentamente.

– Queres falar sobre isso? – perguntou ele, os olhos azuis a queimarem os meus.

Abanei rapidamente a cabeça porque queria bloquear tudo e concentrar-me na única coisa boa da minha vida.

Ele.

O Johnny olhou para mim, cuidadoso.

– Tens a certeza?

– Quero esquecer – confessei. – Nem sequer quero pensar no assunto. Não... pelo menos, enquanto não for para casa e tiver mesmo de o enfrentar.

– Se é isso que queres, é isso que vamos fazer – respondeu o Johnny, num tom de voz profundo.

Senti-me aliviada.

Aquele rapaz.

Meu Deus.

– Tens fome? – perguntou, largando-me e fazendo desaparecer a reconfortante sensação das suas mãos na minha pele.

O meu estômago roncou perante a sua oferta e, a muito custo, saí do colo dele.

– Acho que isso é um sim – disse ele, sorrindo.

Abanando a cabeça, levantou-se e ajudou a *Sookie* a descer da cama. Depois, virou-se e sorriu-me.

– Anda, Shannon *como o rio*. – Indicou a porta, com a cabeça. – Vou alimentar-te.

Com as pernas a tremer, fui atrás do Johnny e da *Sookie*, percorrendo o longo corredor, até à gigantesca escadaria.

Tive de me esforçar para não me rir quando, no topo das escadas, o Johnny parou para pegar na *Sookie* ao colo e, a seguir, começou a descer as escadas com a enorme labrador de quarenta quilos nos braços, como se ela fosse um bebé. A sorrir, fui atrás deles.

– Artrite – explicou-me, num tom um bocadinho embaraçado, quando me apanhou a olhar. – É por ser velhinha. – Quando chegámos ao andar de baixo, pousou-a no chão, com todo o cuidado, e ficou a vê-la a andar, muito devagarinho pelo corredor antes de acrescentar: – Mas tem um coração jovem.

No momento em que os meus pés descalços tocaram os ladrilhos frios, dei um grito e saltei para o último degrau da escada.

– Céus! – Guinchei, a tremer. – O chão está gelado.

– Espera – disse ele, voltando a subir a escada e regressando quase logo a seguir com um par de meias.

Entregou-me as meias e eu sentei-me no degrau da escadaria, para as calçar.

– Obrigada – sussurrei, enfiando os pés naquelas enormes meias pretas.

E eis que eram *Nike*. E das verdadeiras.

– Sem problema – respondeu a olhar para mim. Esfregou a cara e acrescentou: – Não sei porque é que me esqueci de te dar umas meias.

– Não faz mal – garanti-lhe, puxando-as até aos joelhos, antes de me levantar. – Eu, hmm... – Encolhi os ombros, conformada, e fiz um gesto para as minhas pernas nuas, cobertas apenas pelos boxers dele. – Não consegui segurar as tuas calças na cintura.

Ele sorriu, divertido.

– Não?

Abanei a cabeça, a cara a arder.

– Sou muito pequena.

– Não faz mal – respondeu. – Eu gosto assim.

– Gostas?

– Quer dizer... – Abanou a cabeça e suspirou. – Quer dizer, não me importo.

– E os teus pais? – Nervosa, pus o cabelo atrás da orelha. – Quer dizer, eles não vão pensar...

– Não – respondeu o Johnny, mas parecia distraído.

– Tens a certeza?

Passeou o olhar por mim, fazendo-me arder a pele.

– Não, é... hã... bom.

Levantei as sobrancelhas.

– Bom?

Ele corou e fez-me corar ainda mais.

Oh, meu Deus...

– Só cá estamos nós os dois – acrescentou, tossindo. – A minha mãe só chega amanhã de manhã.

– Ah, OK.

– Então, o que é que te apetece? – perguntou o Johnny, voltando, felizmente, ao assunto da comida.

– Não sou exigente – disse eu, seguindo-o pelo corredor até à porta do fundo.

Parei à entrada, a admirar a bela cozinha de *design* moderno, à minha frente. Não tinha nada que ver com o resto da casa, que era tradicional e majestoso.

– Graças a Deus – disse o Johnny, atraindo a minha atenção para onde ele estava, junto a uma enorme ilha de mármore preto, olhando para o seu telemóvel. – Porque os meus dotes culinários são muito básicos e o Gibsie limpou o que havia no frigorífico.

– Queres que eu cozinhe? – ofereci-me, timidamente.

– O quê? Não! – Rejeitou de imediato a minha oferta, sorrindo-me.

– És minha convidada. Não vais cozinhar para mim.

– Eu não me importo – respondi.

– Bem, mas eu importo-me – disse ele, pousando o telemóvel na bancada e voltando toda a sua atenção para mim. – Uma tosta mista, serve?

Sorri, encantada.

– Lindamente.

– Excelente escolha – disse ele, com uma gargalhada. – Porque ou era isso, ou cereais.

– Podemos comer só cereais – sugeri. – Não me importo.

O Johnny piscou-me o olho e disse:

– Ou podemos fazer melhor e comer as duas coisas.

Não protestei. Ia sentir-me muito feliz por poder comer tudo o que me pusessem à frente.

– Bebes chá?

– Só pelo balde – respondi, a sorrir. – *Barry's* com duas colheres de açúcar e uma gota de leite.

Ele riu-se.

– Ou seja, és uma rapariga de chá, não de café.

Fiz uma careta.

– Ugh. Detesto café.

O Johnny sorriu e apontou para a grande ilha de mármore, no meio da cozinha.

– Senta-te – disse-me, dirigindo-se aos armários e começando a preparar a comida. – Vou pôr o pão na tostadeira e podemos comer os cereais enquanto esperamos.

– Obrigada – disse eu, muito calma.

– Porquê? – perguntou ele, enquanto preparava as tostas mistas em tempo recorde.

– Por estares a cozinhar para mim – respondi, olhando-lhe para as costas, enquanto tratava das tostas.

Ele estava com uma *T-shirt* cinzenta e o tecido estendia-se gloriosamente sobre as suas costas largas.

– Dificilmente se pode chamar cozinhar para ti a uma tosta de queijo e fiambre – respondeu-me, com um grande sorriso.

– Bom, mas nunca ninguém cozinhou para mim, por isso, agradeço-te – disse-lhe, ainda parada à porta da cozinha. – Lá em casa, sou eu que cozinho.

– Ah, sim? – disse, surpreendido. – Porquê?

– Porque sou a única rapariga – sussurrei. – E a maior parte da lida da casa caiu sobre os meus ombros.

– E? – replicou o Johnny, continuando de costas para mim. – Ter uma vagina não te ata automaticamente a um fogão... ou a um aspirador. – Abanou a cabeça. – Céus! Se eu tivesse esse discurso sexista com a minha mãe, acho que ela me cortava os tomates.

– Isso é uma maneira saudável de encarar a vida – disse-lhe, emocionada com as suas palavras.

– É a única maneira de encarar a vida – corrigiu-me ele. – Estamos no século XXI – acrescentou. – Não estamos nos anos de 1800.

Pôs as sanduíches na tostadeira e voltou-se para mim.

– Podes sentar-te, Shannon – disse ele, suavemente. – Está tudo bem.

– Hmm, OK? – Aproximei-me da ilha, mas fiquei a morrer de vergonha quando percebi que não conseguia subir para um daqueles bancos altos.

Tentei outra vez e falhei miseravelmente.

– Isto não tem uma coisa qualquer para baixar?

Eu sabia que era baixinha, mas isto era simplesmente ridículo. O assento de couro do banco dava-me pelo peito.

– Hã? – disse o Johnny, por cima do ombro, enquanto explorava o frigorífico, com uma caixa de cereais debaixo do braço.

– O banco – declarei eu, muito vermelha. – Não consigo subir.

Lançou-me um rápido olhar e sorriu ao perceber a minha situação.

– Havia – explicou, caminhando na minha direção. Pousou a caixa de *Cheerios* e um litro de leite em cima da ilha. – Mas o Gibsie tem o hábito de estragar tudo aquilo em que toca.

Sem aviso, o Johnny pegou-me pela cintura e sentou-me no banco.

– Ele gosta de fingir que é um foguetão a descolar – acrescentou, sem reparar no quanto o seu toque me tinha afetado.

Dirigiu-se a outro armário e tirou duas tigelas, depois abriu uma gaveta e tirou duas colheres.

– Aquele sacana estragou os seis bancos durante a semana a seguir à minha mãe os ter comprado. – Pousou as colheres e tigelas na ilha e sorriu-me. – Ficaram todos encalhados na altura máxima.

Arqueei uma sobranceira.

– Estás a gozar comigo?

O Johnny sorriu.

– Nunca gozaria contigo. – Empurrando uma tigela e uma colher na minha direção, acrescentou: – *Cheerios* para começar? Tenho *Rice Krispies*, se preferires.

– *Cheerios* está ótimo.

O Johnny sentou-se no banco ao lado do meu e pegou na caixa de cereais. O braço dele roçou no meu, enquanto punha cereais nas nossas duas tigelas, e voltei a arrepiar-me.

– Tens frio? – perguntou, voltando-se para mim.

Abanei a cabeça.

– Estou bem.

– De certeza? – perguntou, deitando leite em ambas as tigelas.

Assenti.

– Tens a certeza de que os teus pais não se importam com que eu esteja cá?

Franziu a testa.

– Porque é que haveriam de se importar?

– Não sei – apressei-me a dizer.

– Não há problema nenhum – garantiu ele. – Eles não se importam.

– OK. – Incapaz de aguentar o calor do olhar dele, baixei os olhos para a minha tigela. – Suponho que estão habituados a que tragas raparigas cá a casa.

– O que é que isso quer dizer, exatamente? – perguntou ele, num

tom um bocadinho incisivo.

– Nada. – Ruborizada, peguei na minha colher e enfiei uns quantos *Cheerios* na boca.

– Shannon? – perguntou o Johnny, sem tirar os olhos da minha cara.

Encolhi os ombros, atrapalhada.

– Não trago raparigas cá a casa.

– Não?

– Não – confirmou. – Não trago.

– E a Bella? – As palavras saíram-me da boca antes de eu ter tempo de as impedir.

– O que é que tem a Bella? – perguntou ele, franzindo a testa.

– Não tens, tipo, uma coisa com ela?

O Johnny franziu ainda mais a testa.

– Isso é passado.

– Desculpa. – Meti uma colherada de cereais na boca, mastiguei, engoli e, depois, acrescentei: – Vocês andaram durante tanto tempo, pensei que a tinhas trazido cá a casa.

O Johnny voltou-se e olhou para mim.

– Andámos?

– Não andaram?

Encolheu os ombros e olhou para a tigela.

– Não.

– Ah, OK – murmurei, confusa.

– Não andámos, propriamente, Shannon – explicou o Johnny e, depois, enfiou uma grande colherada de cereais na boca.

– Então, foi como? – perguntei. – Tu e ela?

Sabia que devia parar de fazer perguntas sobre aquele assunto, mas não conseguia evitar. Precisava de saber.

O Johnny pôs mais uma colher de cereais na boca, mastigou durante algum tempo, engoliu e só depois é que se voltou para olhar para mim.

– Honestamente?

Assenti.

– Era físico – admitiu, parecendo desconfortável. – Era só sexo, Shannon.

– Só sexo – repeti, as minhas palavras pouco mais eram do que um sussurro.

– Sim – respondeu. – E antes que digas alguma coisa, sim, eu sei que soa mal. Mas é a verdade e, para ela, também era só isso. Por isso, não fiques a pensar que sou o mau da fita e que ela queria mais qualquer coisa de mim, porque não era assim, ela também não queria absolutamente mais nada.

– Tens mesmo a certeza?

– Tenho – respondeu-me, um bocadinho na defensiva. – Ela não estava interessada em mim como pessoa. Só lhe interessava o que eu podia fazer em campo e debaixo da saia dela. Era puramente físico. E quando não pude dar-lhe o que ela queria, passou para o meu companheiro de equipa.

– Isso é terrível – murmurei, com a cara a arder.

– Sim, bem, as coisas nem sempre são cor-de-rosa – resmungou. – Às vezes, foder é só foder.

– Acho que já chega de falares sobre isso – disse eu, afastando a tigela.

– Tens razão – concordou, pondo a colher dentro da tigela. – Não precisas de ouvir estas coisas. Por amor de Deus, só tens quinze anos! – Abanou a cabeça. – Onde raio é que eu estou com a cabeça para me pôr a falar destas merdas contigo?

– Tenho dezasseis – informei-o. – Não sou uma criança.

O Johnny voltou-se para mim, cauteloso.

– Tens quinze.

– Não, não tenho – corrigi-o. – Tenho dezasseis.

Franziu a testa.

– Desde quando?

– Desde hoje – respondi.

Ficou com um ar surpreendido.

– Fazes anos *hoje*?

Encolhi os ombros.

– Porque é que não disseste nada?

– Não sei. – Voltei a encolher os ombros. – Porque me esqueci?

– Shannon, por amor de Deus!

– É que... não tem importância nenhuma – apressei-me a

desculpar-me. – É só mais um dia.

Um dia mau. Um dia terrível.

Que só melhorou porque estou contigo...

– Não, Shannon – argumentou o Johnny, parecendo completamente perdido. – É uma coisa importante.

– Johnny, faço anos hoje – disse eu, envergonhada. – Aí tens.

– Gostava de ter sabido mais cedo – resmungou. – Tinha-te comprado um presente.

– Não é preciso presente – disse eu, com o coração aos pulos. – Não sejas tonto.

Johnny abanou a cabeça e murmurou:

– Bem, mas se me tivesses dito, podia ter-te oferecido qualquer coisa melhor do que uma tigela de *Cheerios*.

– E uma tosta mista – disse eu, em voz baixa.

O Johnny suspirou profundamente.

– E uma tosta mista.

– Não achas que já devem estar prontas? – perguntei.

– Merda! – Saltou do banco, correu para a tostadeira e tirou as tostas. – Não ficaram esturricadas – anunciou, franzindo a testa. – Mas para lá caminham.

– Não faz mal – garanti-lhe, saltando do banco. – Gosto delas estaladiças. – Peguei nas nossas duas tigelas e fui pô-las no lava-loiça para as lavar.

– Nem penses! – avisou-me o Johnny, ao mesmo tempo que punha as tostas nos pratos.

– Não penso em quê? – perguntei, confusa.

– Não te vais pôr a lavar loiça no dia dos teus anos – disse, com um prato em cada mão.

– Não me importo...

– E a tua cara. – Abanou a cabeça. – E a tua mãe. Céus, é o teu dia de anos...

– Disseste que podíamos não falar mais sobre esse assunto – declarei, sentindo a voz a tremer e o pânico a instalar-se.

Eu não queria pensar naquilo. Sabia o que me esperava quando saísse daquela casa.

E queria esquecer.

Durante mais umas horas, eu queria fingir que o inferno não estava à minha espera, do outro lado da porta.

O Johnny estava com cara de quem queria contrapor, mas acabou por abanar a cabeça e suspirar.

– Tens razão. Desculpa – disse, por fim. – Deixa as tigelas no lava-loiça e vem comigo. Eu trato disso mais tarde.

Detestava deixar coisas sujas ou desarrumadas, mas, ainda assim, decidi obedecer-lhe e segui-o pelo longo corredor, até uma sala enorme onde a lareira já estava acesa. Sem sequer pensar, aproximei-me das chamas e gemi de alívio ao sentir o calor nas pernas e nas mãos nuas.

O Johnny pousou os pratos na mesa de vidro, em frente à lareira, e depois arrastou o sofá, que estava encostado à parede, e pô-lo mesmo de frente para o lume.

– Não era preciso fazeres isso por minha causa – apressei-me a dizer.

– Está um gelo, lá fora – justificou-se. – E esta casa é tão grande que leva séculos a aquecer. – Fez um gesto na direção do sofá e disse: – Faz de conta que estás em casa. Eu volto já.

Sem dizer mais nada, saiu e deixou-me sozinha na enorme sala de estar. Estava tão atordoada que não consegui fazer mais nada senão olhar e continuei de pé, junto à lareira, a aquecer as costas e a tentar pôr ordem nas emoções.

Uns minutos depois, quando o Johnny voltou, trazia duas canecas de chá.

– Duas colheres de açúcar e uma gota de leite – anunciou, piscando-me o olho, enquanto pousava as canecas ao lado dos nossos pratos.

– Obrigada – murmurei, sentindo-me esmagada com a bondade dele.

O Johnny sentou-se numa das extremidades do sofá e arqueou-me uma sobrancelha. Depois de uns momentos de dúvida, segui-lhe o exemplo e sentei-me na outra ponta, deixando espaço entre nós. Ele pegou no comando e ligou a televisão que estava por cima da lareira.

Era enorme. Umas oitenta polegadas, pelo menos.

– Tens preferência? – perguntou-me, percorrendo o guia de canais.

Abanei a cabeça.

– O que quiseses.

– A menina dos anos é que escolhe.

Corei.

– Surpreende-me.

O Johnny olhou para a televisão e, depois, sorriu.

– A Irlanda vai jogar no Seis Nações, daqui a pouco. – Encolheu os ombros e acrescentou: – Tinha planeado ver.

– Então, vemos – encorajei-o.

Levantou as sobrancelhas.

– Não te importas?

– A televisão é tua – respondi. – Porque é que havia de me importar?

– Se ficares farta, diz e mudamos de canal – disse ele, ao mesmo tempo que selecionava o canal e colava os olhos ao ecrã.

Quando a equipa irlandesa entrou em campo para cantar o hino nacional, o rosto do Johnny iluminou-se. Os seus olhos dançavam de excitação, enquanto batia com a mão no sofá. Parecia muito jovem. E adorável.

Esperei que o Johnny pegasse na tosta dele antes de pegar na minha e lhe dar uma pequena dentada. O sabor do fiambre e do queijo derretido espalhou-se na minha língua e gemi de prazer antes de me apressar para devorar o resto.

– Um dia, vou estar ali – garantiu o Johnny, indicando o ecrã da televisão com um gesto da cabeça. – Um dias destes, vou ser eu ali, Shannon.

– Eu sei – respondi, acreditando em cada uma das suas palavras. Mordi o lábio e voltei-me para ele e disse: – Não te esqueças de mim quando fores um jogador de rãguebi rico e famoso.

– Quem sabe? – disse ele, a sorrir. – Posso sempre levar-te comigo para ficares a torcer por mim, nas bancadas.

Por favor. Por favor, leva-me contigo.

Mas, no entanto, respondi-lhe:

– És muito convencido.

– Vestes uma camisola com o meu número e ficas nas bancadas a gritar: «Johnny, Johnny». – Riu-se e voltou novamente a atenção para

o jogo.

Não me tentes...

Ali sentada, no sofá, na sala de estar dos pais dele, com as chamas a crepitarem na lareira e a chuva a cair lá fora, do outro lado da enorme janela de sacada curva, senti o meu corpo relaxar enquanto tentava acompanhar o jogo. Não era preciso forçar a conversa para quebrar os silêncios desconfortáveis, porque não os havia.

Naquele momento, estar ali, com ele, era tão fácil como respirar. Era uma reação estranha, estando tão perto do Johnny, mas era o que sentia. Estava a gostar muito de estar com ele. Não me obrigava a falar, nem nada disso. Estava ali sentado, ao meu lado, com uma grande almofada entre nós e a *Sookie* aos nossos pés, enquanto gritava ordens ao ecrã da televisão.

Às tantas, o Johnny esticou as pernas e pousou os pés na mesa de apoio, e eu esperei uns bons dez minutos até ter coragem para fazer a mesma coisa, mas falhei redondamente, porque os meus dedos mal chegavam à bordinha e os pés caíram-me no chão. Abafando o riso, ele estendeu o braço e puxou a mesa para mais perto do sofá. Envergonhada, continuei com os pés no chão.

Menos de um minuto depois, o Johnny estendeu a mão, levantou-me as pernas e pousou-as em cima da mesa. Virei-me para olhar para ele, mas a sua atenção estava novamente no ecrã. De vez em quando, o Johnny punha o jogo em pausa e ia deitar mais carvão ou lenha na lareira, depois voltava a acomodar-se no sofá. À terceira vez em que ele fez isso, quando se sentou, puxei a almofada que nos separava e agarrei-a contra o meu peito. No fim do jogo, estávamos encostados um ao outro, ombro com ombro.

Não me afastei.

Ele era grande, sólido e quente e eu gostava da sensação de o ter ao meu lado.

Pouco depois, quando os meus olhos começaram a pesar-me, nem pestanejei quando ele levantou o braço e o pôs à volta dos meus ombros. Aninhei a cara no peito dele e fechei os olhos, deixando-me adormecer sem sentir um pinga de medo, porque não havia nenhuma razão para eu ter medo quando aquele rapaz tinha o braço à minha volta.

Ela é tão querida

JOHNNY

Eram os anos dela.

A Shannon fez anos hoje. E passou o dia comigo. Fiquei contente. Que loucura foi aquela?

Antes do Natal, esta miúda era uma completa desconhecida e, depois do Natal, não consigo passar um dia sem pensar nela.

Não queria que se fosse embora. Qualquer coisa me dizia que, se a deixasse ir, ela voltaria com outra nódoa negra. Ao menos, se estivesse comigo, estaria a salvo.

Havia qualquer coisa muito lixada na vida dela. Qualquer coisa que me fazia querer pegar nela e tê-la sempre comigo, onde quer que eu estivesse.

Eu não sou estúpido. Alguém lhe tinha feito aquelas marcas na cara. E nas pernas. E nos braços. E tinha a certeza absoluta de que, se a despisse, ainda encontraria muitas mais.

Não sabia o que é que estava a acontecer, ou quem é que andava a fazer-lhe *bullying*, mas ia descobrir. No entanto, perguntar-lhe diretamente estava fora de questão. Era tão reservada que era quase impossível transpor os muros que tinha levantado à sua volta. Pensei que estava a ir bem, mas depois percebi que, se insistisse muito, ela voltava a fechar-se na sua concha. Queria esmagar aquela concha e os sacanas que a faziam esconder-se lá dentro.

Ela era tão querida. Tão querida! Não devia ter de se esconder atrás de porra nenhuma.

A Shannon tremeu e isso distraiu-me. Já passava das dez da noite e ela não tinha aberto os olhos, uma única vez, desde que adormecera ao início da tarde.

– Shh – sussurrei, quando ela gemeu durante o sono.

Nem sequer tentei parar de lhe fazer festas no cabelo. Não conseguia evitar quando se tratava dela. Não conseguia parar. Tudo

em mim mudava, aprimorava-se, por causa daquela miúda tão pequenina.

Com a cara pousada nas minhas pernas, a Shannon aninhou-se mais e enrolou o corpo na bola mais pequenina que eu alguma vez tinha visto numa pessoa da idade dela.

Obsessivo como sou, pousei os olhos, pela enésima vez, naquela noite, na sua maçã do rosto. Sabia que não devia olhar. Aquela fazia-me o corpo vibrar de raiva. E, ainda assim, não conseguia deixar de o fazer. Olhei-lhe para a cara até ter acumulado raiva suficiente para destruir uma aldeia inteira e, depois, voltei a atenção para as nódoas negras nas pernas dela.

O telemóvel vibrou-me, no bolso, e isso distraiu-me dos meus pensamentos assassinos. Olhei para o ecrã, sem reconhecer o número de quem estava a ligar-me.

Com cuidado para não acordar a Shannon, deslizei por baixo dela e esperei até que ficasse novamente instalada no sofá. Despi a *sweater* e pu-la por cima das suas pernas, depois saí da sala para atender a chamada.

– Estou? – disse eu, de pé, no vestíbulo.

– Como é que ela está? – perguntou o Joey Lynch do outro lado.

– Está a dormir – respondi, continuando a falar baixo porque, se ela acordasse e me pedisse para ir para casa, sinceramente, eu não saberia o que fazer. Não podia recusar, mas também não queria que ela se fosse embora. – Tem estado a dormir o dia inteiro.

– Ótimo – respondeu, com um suspiro. – Ela precisa de dormir.

– O que é que está a acontecer, Lynch? – Aproximei-me da porta da rua, abri-a e saí para o frio da noite. – Que porra é que está a acontecer à tua irmã?

– Já te disse – respondeu. – Pergunta-lhe.

– Estou a perguntar-te a ti – insisti.

– Estou aí dentro de cinco minutos – foi a resposta do Joey e, sem dizer mais nada, desligou e continuou a deixar-me sem perceber nada.

Furioso e completamente perdido, percorri o corredor, sabendo que precisava de me controlar, mas sem encontrar a contenção necessária para o fazer.

Exatamente cinco minutos depois, ouvi alguém bater à porta.

Como bom lunático furioso que sou, eu estava ali, à espera dele. Abri a porta e abri a boca, pronto para perder a cabeça com o Joey Lynch, mas ouvi a voz da Shannon atrás de mim.

– Joe? – disse ela, com uma voz sonolenta, parada à porta da sala de estar.

Aproximei-me dela, queria dizer-lhe que fosse para o meu quarto e que esperasse lá, mas o irmão foi mais rápido.

– Está na hora de ires para casa, Shan – anunciou o Joey.

– Está? – Por um breve momento, arregalou os olhos, em pânico e, depois, disse, resignada: – OK.

– Sim. – Suspirou profundamente. – A mãe precisa de ajuda com os miúdos.

– Ela pode ficar – apressei-me a dizer. Olhei para a Shannon e acrescentei: – Podes ficar.

– Não, temos de ir – disse o Joey, pondo um braço protetor por cima da Shannon e encaminhando-a para fora da minha casa. – Obrigado pela ajuda, Kavanagh.

Aagitado, fui atrás dos dois.

– Obrigada, Johnny – sussurrou a Shannon, olhando para trás, para mim, com olhos tristes, enquanto o irmão a levava lá para fora. – Por tudo.

– Shannon, não tens de...

– Vamos, Shan – disse o Joey, interrompendo-me. – Temos de ir para casa.

– A mãe está bem? – perguntou a Shannon quando chegaram ao pé do carro e o irmão lhe abriu a porta do lugar do pendura.

– Vai ficar – disse-lhe o Joey. – Mas temos de ir para casa.

Não sei por que raio é que as minhas pernas me levaram em direção ao banco do pendura, mas foi isso que aconteceu. Impotente, vi o irmão ajudá-la a sentar-se e a dar a volta ao carro para ir ocupar o lugar do condutor.

– Adeus, Johnny – disse ela quando o Joey pôs o carro a trabalhar.

Ela esticou-se, para fechar a porta do carro, mas estendi a mão e impedi-a. Ela olhou para mim com aqueles seus grandes olhos azuis.

Fica. Fica comigo, Shannon. Eu mantenho-te em segurança...

– Adeus, Shannon – disse-lhe, no entanto. E, com uma relutância

que roçava o arrependimento, fechei-lhe a porta.

Os pneus do carro do Joey derraparam na gravilha do meu jardim, quando ele arrancou. De pé, debaixo de uma chuva torrencial, vi-o levá-la para longe de mim.

Más Notícias e Notícias Ainda Piores

SHANNON

– Também estás a sentir isto? – perguntou o Joey, a agarrar o volante com tanta força que ficou com os nós dos dedos brancos, assim que nos afastámos da casa do Johnny Kavanagh.

– A sentir o quê? – perguntei.

O Joey olhou para mim, com uns olhos tristes, fazendo-me sentir menos sozinha na minha infelicidade, quando disse:

– Alívio?

Assenti, odiando-me, mas a verdade é que era isso mesmo que eu sentia. E ele também.

– A mãe está bem? – perguntei quando consegui voltar a falar.

O Joey assentiu com firmeza.

– Acho que sim.

– Foi isso que aconteceu? – sussurrei, sentindo as lágrimas a picarem-me nos olhos, ao mesmo tempo que tinha nojo de mim e me odiava. – Esteve no hospital, durante todo o fim de semana, sem nós sequer sabermos?

Mais uma vez, o meu irmão assentiu com firmeza.

– Oh, Joey – soluzei. – Esteve sozinha.

– Tinha-o a ele – disse o Joey, a mandíbula tensa. – Ele esteve lá com ela e, agora, está em casa.

– O que é que vamos fazer? – perguntei, precisando que ele me desse as respostas que eu não tinha. – Joe?

– Não sei – disse ele, finalmente, em voz quebrada. – Já não sei que mais fazer, Shannon.

– Tudo bem – obriguei-me a dizer. – Não tens de saber. Só tens dezoito anos.

– Não consigo continuar ali, Shan – disse ele, por fim, com o rosto inundado de culpa. – Não consigo continuar a viver assim.

– Eu sei – disse eu, com um suspiro, sentindo-me desfalecer ao

ouvir aquelas palavras saírem-lhe da boca. Já tinha ouvido aquilo antes. Ao Darren.

– Acho que devíamos pensar naquilo que a Aoife disse – continuou o Joey, a voz carregada de emoção.

– O que é que a Aoife disse? – perguntei, horrorizada.

– Devíamos pedir ajuda.

– Só podes estar a brincar – ripostei.

O Joey olhou para mim com cara de culpa, mas não respondeu.

– Não quero que me levem – disse, sentindo-me traída. – Tu estás na boa. Segues com a tua vida e pronto. A mim, mandam-me para uma instituição!

– Shannon, ontem à noite, ela esteve a falar comigo, sobre o meu futuro, e faz todo o sentido...

– O teu futuro! – interrompi-o.

O Joey suspirou.

– Não só o meu, Shannon. O de todos...

– Não acredito que tenhas sequer pensado nisso, depois do que aconteceu ao Darren! – gritei, perdendo completamente o controlo das minhas emoções. – Como é que podes pensar em fazer-nos uma coisa dessas, Joey?

O meu pai aterrorizava-me. Agredia-me. Eu vivia num terror constante. Mas nunca me tinha tocado daquela outra maneira.

Nunca me violou.

E tinha sido exatamente isso que tinha acontecido ao Darren, repetidamente, durante meses, até quase o terem matado.

Li os relatórios, anos depois de aquilo ter acontecido. Sei tudo sobre as cirurgias que ele teve de fazer para reparar os danos que aqueles sacanas lhe causaram.

E, agora, o Joey estava a pensar fazer-nos correr esses mesmos riscos?

Volta para trás. Diz ao Joey que dê a volta e volta para ele. Volta para o Johnny. Conta-lhe. Conta-lhe e deixa-o ajudar-te. Ele disse que te ajudava.

Não, estúpida, ele não te pode ajudar. Ninguém pode. O teu próprio irmão desistiu de ti!

– Se te queres ir embora, vai! – gritei, com as lágrimas a caírem

pela cara abaixo. – Vai-te embora e deixa-nos. Vai viver com a Aoife e tenham uma linda vida juntos. Eu protejo os miúdos.

– Nem sequer consegues proteger-te a ti própria! – rugiu o Joey. – Sou eu que te protejo, Shannon. Eu. Sou sempre eu que tento apaziguar a porra das coisas, mas isto não para.

– Pode ser que tu e o pai tenham sorte e ele acabe comigo da próxima vez – disse eu, no meio de um grande soluço. – Tu deixas de te preocupar e ele poupa energia.

– Não voltes a dizer essa porcaria, Shannon! – gritou o Joey, batendo com a mão no volante.

– Porquê? – perguntei, quase a sufocar. – É verdade!

– Shannon, respira – ordenou o Joey, num tom mais suave, estendendo a mão e afagando-me as costas. – Respira fundo.

Não conseguia. Não conseguia respirar. Inclinei-me para a frente e, desesperada, tentei fazer o ar entrar-me nos pulmões.

– Linda menina – disse o Joey, a agarrar o volante com uma mão e a acariciar-me as costas com a outra. – Isso, devagar.

Quando chegámos a casa, eu já me tinha conseguido acalmar e respirava normalmente. Durante uns minutos, ficámos sentados dentro do carro, à porta de casa, a olhar para o carro do nosso pai estacionado na garagem.

Eu não queria entrar naquela casa. E o Joey também não. Estávamos ambos completamente lixados.

Não, tu estás lixada. Ele vai ficar bem...

– Shannon?

A voz do Joey interrompeu-me os pensamentos. Não olhei para ele. E também não lhe respondi.

– Estás a ouvir? – perguntou.

Assenti levemente, mantendo os olhos no carro.

– Da próxima vez que ele te puser as mãos em cima, quero que te defendas.

Fiquei petrificada.

– Estás a ouvir?

Assenti.

– Se ele te tocar outra vez, Shannon, quero que pegues na faca mais afiada que puderes e que lha espetes no coração.

Horrorizada, voltei-me para ele.

– Não vais voltar, pois não?

O Joey limitou-se a olhar para mim, os olhos cheios de lágrimas.

– Não posso – sussurrou, com as lágrimas a caírem-lhe pela cara abaixo. – Se entrar naquela casa, vou matar os dois.

Olhei para a cara dele e percebi que estava a dizer a verdade, então, tirei o cinto de segurança e abri a porta.

– Adeus, Joey – disse, entorpecida. Depois saí do carro e entrei em casa.

Linhas e bulldozers

JOHNNY

Na manhã de segunda-feira, estava de péssimo humor, em parte por causa das dores e, em parte, por não ter pregado olho durante toda a noite.

Toda a noite às voltas e reviravoltas na cama por causa da Shannon. Toda a noite acordado, só com o arrependimento por companhia e aquela maldita fotografia no jornal.

Devia tê-la impedido de se ir embora. Não devia tê-lo deixado levá-la.

Não fazia ideia do porquê, mas, dentro da minha cabeça, havia uma voz que me gritava que tinha de a proteger. E eu queria protegê-la. Só não sabia de quê.

Ou de quem.

Estava completamente às escuras, mas armado e pronto para ir à guerra por uma miúda que não conhecia, contra um inimigo que ninguém me queria dizer quem era. Jesus, estava tão de cabeça perdida por ela. A coisa estava a ficar descontrolada.

Ela estava a atrapalhar a minha vida perfeita e feliz, e eu não sabia como lidar com aquilo. Aquela miúda estava a lixar-me a cabeça e a deixar-me frágil e hesitante. Não podia ser e ela também não devia ter entrado na minha vida num momento tão crucial.

Ela era como um tornado que eu não tinha visto chegar. O único problema que não antecipei, ao traçar os meus planos. A única pessoa que podia fraturar todo o meu árduo trabalho.

E o mais grave disto tudo é que eu estava a gostar. Gostava do facto de ela estar a tirar-me a vida dos eixos e a provocar-me pensamentos e sentimentos que nunca tinha tido, mas também estava a detestar o facto de estar a gostar de tudo isto. Estava completamente viciado em tudo o que lhe dizia respeito e não tinha nada que ver com o físico, embora o corpo dela fosse perfeito.

Além do mais, ela não olhava para mim como seu eu fosse um petisco que queria devorar. Olhava para mim como um todo. Ela via-me. Via-me a mim.

E isso fazia-me querer mudar umas coisas e pô-la a ela, rapidamente, no centro do meu mundo.

Sabia que tinha de atinar. Mas não conseguia. Porque ela era viciante. E eu era obsessivo.

Perdi a conta ao número de gajos com quem joguei rãguebi, ao longo das épocas, que abandonaram a competição ou deitaram a perder uma carreira no desporto por causa de uma rapariga. Não podia dar-me ao luxo de deixar que isso me acontecesse. Havia demasiada coisa em jogo.

Estava tudo em jogo.

Antes da Shannon, nunca tinha tido problemas de concentração. Antes dela, nunca tinha tido dúvidas sobre nada. Sabia exatamente quem era, de onde vinha e para onde ia.

E agora?

Agora era tudo uma grande confusão.

Não precisava disso. Não precisava daquele stresse.

Tinha exames de aptidão física dentro de três semanas e era nisso que tinha de me concentrar. Se não passasse nesses exames, o meu futuro estava em sério risco. Era nisso que tinha de me concentrar.

Na minha carreira.

Não numa miúda.

Quando cheguei à escola, estava distraído, desestabilizado e inquieto. Havia algo muito errado comigo e tinha de fazer qualquer coisa imediatamente.

– Preciso de um favor – foram as primeiras palavras que me saíram da boca quando encontrei o Gibsie à porta da sala de marcenaria antes da primeira aula. – A sério! – Respirei fundo e empurrei-o pelo corredor, em direção ao patamar do décimo primeiro ano. – Tens de me ajudar.

– OK, mas tenho aula agora – queixou-se o Gibsie, todo atrapalhado.

– Também eu, Gibs – respondi-lhe, fazendo-o entrar na sala de convívio que, felizmente, estava vazia. – Dois tempos de contabilidade

com o chato do Dan. Mas isto é muito mais importante do que aprender a equilibrar folhas de cálculo ou tu fazeres uma mesa de apoio para a tua mãe.

– OK, meu, tem calma – disse ele. Afastou-se de mim e foi buscar uma cadeira. Atirou a mochila para o chão e sentou-se a olhar para mim. – Sou todo ouvidos.

Fechei a porta, encostei-lhe um dos cadeirões de couro e sentei-me numa cadeira.

– Tinhas razão, Gibs – reconheci. – Estou lixado.

– Tinha? – Levantou as sobrancelhas, surpreso. – Sobre quê? – Antes de eu ter tempo de responder, ele arregalou os olhos numa expressão cómica. – Sobre estares a lixar tudo? – Ou, pelo menos, seria cómico, se não fosse tão deprimente. – Caraças, Johnny. Não tentaste ou não conseguiste?

– Tentei, falhei e não voltei a tentar, por isso, tenho a certeza de que não consigo – disse-lhe de supetão.

Não valia a pena tentar fugir à pergunta. Ele não ia desistir e, naquele momento, eu tinha problemas maiores do que a minha testosterona temperamental.

– Desde quando?

– Antes do Natal – respondi, apressado, antes de acrescentar: – Mas o problema não é esse.

– Porra, Kav, cá para mim isso é um problema e grande, meu. – O Gibsie assobiou baixinho. – Tentaste com lubrificante?

– O quê? Não! Para de falar da minha pila! – refilei, passando uma mão pelo cabelo, frustrado. – É ela, meu. Tinhas razão. Estou com a cabeça lixada e tu tens de me impedir de fazer uma asneira com aquela miúda.

– Qual miúda?

– Que miúda é que achas, parvo? – resmunguei. – A Shannon.

– Oh, essa miúda! – exclamou o Gibsie, com uma gargalhada. – A ressuscitadeira.

– Para de rir. Não tem graça nenhuma. Preciso que me ajudes – disse eu, aborrecido. – E «ressuscitadeira» não existe.

– Isso é que existe! – insistiu o Gibsie. – Jesus ressuscitou. Foi uma ressurreição realizada por Deus, o «ressuscitadeiro». Como a Shannon,

a «ressuscitadeira» dos teus tomates, naquele dia, à porta do pavilhão de Educação Física. – Sorridente, acrescentou, com uma voz profunda: – Ela aparecerá e eles levantar-se-ão.

– O que fez de Deus um ressuscitador – resmunguei. – A palavra «ressuscitadeiro» não existe em lado nenhum.

– Estou a falar da Bíblia, não do dicionário.

– Estás a dizer porcaria, é o que é – contrapus.

– Um arruaceiro é um arruaceiro, ó parvo – respondeu o Gibsie. – Não é um arruaçor.

– Arruaçor – murmurei. – Outra palavra que não existe.

– Bem, «ressuscitadeiro» existe.

– Não, não existe. – Abanei a cabeça, zangado. – Não é gramaticalmente correto.

– Gramaticalmente correto? – ironizou o Gibsie. – Olha bem para ti, Mr. Muito Bom a Inglês, a achares que sabes tudo com o teu *Grande Gatsby* e o teu Shakespeare. Só que, desta vez, não tens razão. – Deu umas palmadinhas na testa. – Desta vez, o inteligente sou eu.

– É gramática básica, Mr. Professor Doutor em Inglês e estou a dizer-te que está errado.

Coçou a cabeça.

– Concentra-te, Gibs – pedi-lhe. – Preciso que me ajudes, meu.

– Não consigo – resmungou ele, as sobrancelhas franzidas numa profunda carranca. – Sei que tenho razão. Vou à missa todos os domingos, sabias?

– Ainda bem para ti – trocei. – Aproveita e pede a Deus que te dê bom senso... – Nem me deixou acabar, foi direito a mim e afastou a minha cadeira com toda a força. – Porra, Gibs! – protestei. – Onde raio é que vais?

– À biblioteca – gritou, abrindo a porta. – Não tens razão. Vou ver ao Google. Vou imprimir e colar essa merda pela escola toda – acrescentou, saindo da sala. – Vais ver como ressuscito a verdade.

– Boa – murmurei cansado. – Faz isso.

Nem dez minutos depois, o Gibsie voltou com uma expressão cabisbaixa.

– A palavra não existe – anunciou, ainda à porta.

– Eu sei – respondi-lhe. – Agora que tiraste isso a limpo, achas que

já me podes ajudar?

– Não consigo perceber – gemeu o Gibsie, atirando-se para a cadeira em frente à minha. – Como é que a palavra não existe?

– Gibsie, por amor de Deus!

– Eu só queria aquela palavra.

– OK, a palavra é tua – concordei, exasperado. – Fica com ela. Liga para a porcaria do Dicionário Oxford e regista a marca da palavra, a ver se eu me ralo. Mas ajuda-me!

– Ah, OK, vamos lá, então – bufou o Gibsie, passando a mão pelo cabelo loiro. – Conta-me lá o teu problema.

Suspirei profundamente.

– Gosto dela.

– OK – disse num tom arrastado. – Diz-me qual é o teu problema.

– O meu problema é esse – declarei. – Gosto dela, Gibs. Acho que gosto mesmo dela, meu. Tipo... imenso. Muito mais do que queria, porra!

Ele encolheu os ombros.

– Continuo a não ver onde está o problema, meu.

– Não. Quero. Gostar. Dela – afirmei pausadamente, já sem paciência.

– Porque ela tem quinze anos e tu dezassete?

– Ela tem dezasseis – admiti, com um gemido. – Fez anos ontem.

– Sabes que essa coisa da idade é uma chatice, não sabes? – disse o Gibsie. – Isto é uma conversa de surdos, pá. Isso da idade é uma grande desculpa porque a Shannon deixa-te à toa e, pela primeira vez na vida, estás em pânico, todo baralhado.

– Estou à toa – admiti, sem hesitar. – Completamente à toa.

– É lindo! – O Gibsie desatou a rir-se à gargalhada, deliciado com o meu desconcerto.

– Isto não é para rir – resmunguei.

– Estás a gozar? – disse ele. – É a coisa mais divertida do mundo.

Percebendo a minha expressão assassina, parou de rir e fez um gesto, pedindo-me que continuasse.

Inclinando-me para a frente, ignorei a dor na virilha e apoiei os cotovelos nas coxas.

– Fui levá-la a casa, a semana passada, meu. Ela perdeu o

autocarro, por causa das merdas do McGarry, à porta da casa de banho, e eu não podia deixá-la ali...

– E só me estás a contar isso agora? – disse ele, um pouco ofendido.

Encolhi os ombros.

– Devia ter-me afastado, eu sei. Meti-a no meu carro e conversámos... horas. E não foi só sobre rãguebi, Gibs. Falámos sobre tudo e mais alguma coisa e eu devia ter achado aquilo uma grande seca. Mas não achei. Foi exatamente como naquele dia em que lhe dei com a bola e passei uma hora à porta do gabinete do Twomey a conversar com ela, só que melhor, porque, desta vez, ela não estava meio zonha. É tão bom conversar com ela, Gibs. Não ias acreditar. – Suspirei profundamente e acrescentei: – Não queria que ela se fosse embora, meu.

O Gibsie esfregou o queixo.

– Merda.

– Exatamente. – Inclinando-me para a frente, apertei vagamente as mãos e olhei para o meu melhor amigo. – Nestes anos todos em que me conheces, Gibs, quando é que isto me aconteceu?

– É a primeira vez, sem dúvida – reconheceu ele, pensativo.

– E há ainda pior – murmurei.

– Pior? – Franziu a testa. – O quê?

– Conte-lhe da operação.

As sobrelanceiras do Gibsie quase saltaram.

– Estás a falar a sério?

– Estou! – Suspirei, frustrado. – Conte-lhe tudo e depois fiquei furioso com ela.

– Porquê?

– Entrei em pânico, Gibs – disse, na defensiva. – Aquilo saiu-me da boca e depois fiquei completamente em pânico. Sabes muito bem o que é que acontece se chega aos ouvidos dos treinadores dos Sub-20 que eu não estou totalmente em forma.

Não é que isso interesse muito agora, pensei amargamente. Se não resolver as minhas coisas, os meus sonhos vão todos por água abaixo.

– E achas que ela vai contar a alguém? – perguntou ele.

– Honestamente? Não, meu. Acho que ela não é o género de miúda

que vá contar uma coisa dessas – disse eu. – Mas sou sempre tão cuidadoso e ali perdi a cabeça e isso assustou-me. Fiquei irritado comigo e reagi de uma forma estúpida. – Baixei a cabeça e acrescentei: – Tenho a certeza de que a fiz chorar.

– Ou seja, lixaste-te?

– É o que tu achas – murmurei. – Na manhã seguinte, ela veio ter comigo, aqui na escola, e pediu-me desculpa.

– Porquê?

– Eu sei lá, pá!

– Não lhe disseste nada?

– Não consegui. Virou costas e foi-se embora antes de eu conseguir dizer alguma coisa – expliquei. – E, depois, voltei a fazer a mesma coisa, na sexta-feira.

– O quê?

– Voltei a metê-la no meu carro – admiti.

– Bela asneira.

– E, nessa altura, fui ainda mais longe.

– Como? – O Gibsie abriu muito os olhos. – O que é que tu fizeste, Johnny?

– Levei-a a casa. – Respirei fundo, frustrado, encostei-me mais à cadeira e gemi. – Mas, depois, não a deixei lá e trouxe-a de volta.

– Mas que raio...?

– Eu sei – reconheci. – Eu sei.

– Raptaste a miúda, Johnny?

Encolhi os ombros.

– Sei lá, quase.

– Porquê?

– Porque não conseguia deixá-la ir-se embora – admiti, com toda a sinceridade, embora sem lhe dizer que a Shannon tinha vomitado. – Não a queria longe de mim, meu.

– Comeste-a?

– O que é que eu te disse da minha pila?

– OK, tentaste comê-la?

– O quê? Não! – protestei. – Levei-a ao Biddies, estúpido.

– É suposto estares a querer dizer-me alguma coisa? – perguntou o Gibsie. – Estás a falar comigo, pá.. Sei muito bem o que é que se passa

lá. – Deu um risinho e acrescentou: – Costumo estar metido naquilo.

– Não, não a comi. E não digas «comer».

– Porquê?

– Em relação a ela, não. – Inclinando-me para trás, apertei a ponte do nariz e suspirei. – É que... em relação a ela, não, OK?

– OK, fizeste docemente amor com ela? – provocou-me. – No carro? Ou na casa de banho? Ou foi naquele doce sítio, lá nas traseiras?

– És um parvalhão – disse, furioso. – Um completo parvalhão, é o que tu és.

– Oh, meu Deus! – O Gibsie encolheu-se e deu uma palmada na boca. – Oh, não. – Gemeu. – Não levantou, foi isso?

– A minha pila funciona, Gibs! – contestei, fulo. – Tenho tesão, estúpido. Só que me dói quando...

– Quando o quê? – perguntou, de olhos arregalados.

– Não consigo acabar – murmurei.

– Não te consegues vir? – gaguejou. – Tipo, nunca?

– Quer dizer, acho que consigo, se tentar. – Suspirei, desanimado. – Mas da última vez que tentei doeu-me tanto que quase desmaiei.

– Jesus! E quando foi a última vez que tentaste?

– Na noite de Santo Estêvão.

– Porra! – exclamou o Gibsie. – Johnny, isso foi há meses. Tens de te vir, meu.

– E achas que eu não sei? – indignei-me. – Deves achar que gosto de estar assim, não, Gibs?

– Isso não é natural.

– Pois, Gibs, é a minha pila. Eu sei que isto é anormal.

– Qualquer dia até coxeias – murmurou. – Tens os tomates tão cheios que te pesam.

– Porra, Gibs, não tem graça!

– Ah, meu Deus! E se te coseram isso tudo mal? – Assobiou, os olhos esbugalhados. – Foda-se, pá, e se te cortaram um cordão espermático quando andaram aí a mexer?

– Cordão espermático? – Abri a boca, surpreendido. – Que raio de drogas é que andas a meter?

– Li uma data de coisas sobre a operação que tu fizeste, sabes? –

disse ele, com um ar horrorizado. – Tanta coisa que pode correr mal...

– Não! – Abanei a cabeça, escondendo o terror. – Não há.

– Há, pá – insistiu ele. – É que há mesmo! Cortam-te tão perto do teu...

– Podes parar! – disse eu, estremecendo. – Credo, não quero ouvir mais nada.

– Desculpa. – Disfarçando uma careta, fez um gesto com a mão e disse: – Acaba lá de me contar o que mais aconteceu com a Shannon.

– Não lhe toquei. – Desconfortável, murmurei: – Mas queria. – Deixei cair a cabeça nas mãos e gemi. – Depois do Biddies, sabia que tinha de a deixar em casa, mas não consegui, Gibs. Não consegui. Por isso, levei-a ao cinema. Eu só... só precisava de estar mais tempo com ela, sabes? Tipo, não tinha sido ainda suficiente. Queria mais...

– Mais? – Franziu as sobancelhas. – Mais o quê, Johnny?

– Queria-a mais – Respondi com cara de pau. – É tudo mais quando se trata dela. – Abanei a cabeça e respirei profundamente. – Quero tanto tê-la comigo que perco a cabeça, Gibs.

– Porra – murmurou o Gibsie.

– E também pus na ordem uns gajos da antiga escola dela quando estávamos no bar – admiti.

– Que estupidez, pá! – exclamou o Gibsie. – Alguém viu?

– O Liam – murmurei, puxando o cabelo. – Perdi a cabeça, meu.. Disseram qualquer coisa sobre ela, e perdi completamente o controlo.

– Tiveste sorte de o Dennehy não saber – disse ele.

– Pois – reconheci. – Estive mesmo à beira de me lixar.

Não preciso que ninguém mo diga...

– E ontem? – perguntou. – Na tua casa? O que foi aquilo?

Abanei a cabeça e afundei-me mais na cadeira.

– A mãe dela perdeu um bebé.

– Merda.

– Pois é.

– E ela está bem?

– Não sei. – Encolhi os ombros. – Ele levou-a.

– Quem?

– Joey, o *hurler*.

– Bem, é irmão dela, pá – disse o Gibsie. – Era óbvio que a iria

buscar.

– Quero lá saber – disse eu, pensando nas nódoas negras que ela tinha na cara. – Não queria que se fosse embora, Gibs, e ele tirou-ma. E eu deixei!

– Sabes que não podes ficar com uma pessoa como ficas com um animal, não sabes? – perguntou, em tom irónico. – Sabes que só podes fazer isso com os cães e os gatos, não é?

– Foda-se. Sei – resmunguei.

– Relaxa – disse ele. – Estava a gozar, pá.

– Bem, mas não teve piada nenhuma, Gibs – respondi. – Nada disto tem graça. Tive de fazer um grande esforço para a deixar ir com o irmão ontem. Um grande esforço, caramba.

– Bem, pá – disse finalmente o Gibsie, respirando fundo. – Vê a coisa pelo lado positivo, pelo menos agora, já admites que gostas dela.

– Mas não quero gostar dela – queixei-me. – O problema é esse. Não tenho tempo para gostar dela. Não posso deixar que me ocupe a cabeça, Gibs. Sabes muito bem o que está em jogo. Tenho de me manter nos eixos e esta miúda põe-me a cabeça noutro sítio.

Já estou metido em sarilhos.

– Bom, a verdade é que não podes controlar isso – respondeu o Gibsie, num tom estranhamente sério. – Não podes controlar de quem é que gostas, Johnny. É a vida!

– Mas não a minha vida – argumentei. – Não é assim que funciona.

– É assim que funciona para toda a gente – corrigiu-me.

– O problema é que a Shannon não é uma miúda qualquer, Gibs – disse eu. – Ela é diferente. Ela não é tipo comer e andar, não anda a dar em cima de mim, estás a ver? Não a consigo tirar da cabeça. Ela nem sequer sabe quem eu sou, meu.. Não faz a mínima ideia. E foi genuína. Ela não se atirou a mim. Eu conheço esse género de miúdas que não nos largam e ela não é nada assim. Nada a ver. – Abanei a cabeça. – E, além disso, ela é frágil.

– Frágil?

– Frágil – confirmei, sem lhe dar mais informação.

– Dizes isso por causa do que leste naquele ficheiro?

Olhei para ele, tenso.

– Calma – disse ele, levantando as mãos. – Eu nunca o li. Só o

devolvi à secretaria.

Respirei fundo e assenti.

– Acredita quando te digo que aquela miúda é uma linha que não posso cruzar.

– Então, não cruzes – respondeu o Gibsie, depois de uma longa pausa. – Se ela já te está a lixar a cabeça assim, quando mal a conheces, o melhor é afastares-te já, pá.

– O problema, meu... é que não sei se consigo – admiti. – Sabes o que é que acontece quando meto uma coisa na cabeça. Vou em frente e nem penso duas vezes.

– Então não sei? – riu-se o Gibsie. – És um *bulldozer*. Levas tudo à frente.

– Para-me, por favor!

– Para-te tu! – protestou o Gibsie. – Usa o teu famoso autocontrolo.

– Riu-se e acrescentou: – Tens tido muito ultimamente.

– Não consigo, Gibs. Ontem à noite foi de mais. Juro-te, passei a noite acordado, a olhar para as chaves do carro e a obrigar-me a ficar na cama porque a minha vontade era ir a casa dela e trazê-la comigo – contei-lhe. – Não tenho um pinga de contenção quando se trata dela e é por isso que preciso da tua ajuda.

– Bom, o que é que queres que eu faça, Johnny? – perguntou, sorrindo. – Queres que eu te prenda com uma trela?

– Estou-te a pedir que, se me vires passar por cima de alguma linha, como um *bulldozer*, me puxes para trás – disse-lhe. – Não confio em mim, quando estou perto dela.

– Tens consciência de que essas linhas que existem entre vocês os dois foste tu que as traçaste na tua cabeça?

– Não posso ir por aí com ela, Gibs, e não vou.

– Estás a falar a sério?

Assenti.

– Ela é demasiado perigosa para mim.

– Porquê?

– Já te disse! – respondi.

– Não. – Abanou a cabeça, devagar. – Basicamente, tens andado para aí em círculos, meu.. – Encolheu os ombros e acrescentou: – Ainda não me deste um único argumento decente contra ela.

Não lhe respondi por três razões. Primeira, porque ele não ia perceber. Segunda, não acreditaria em mim. Terceira, eu também não estava certo de acreditar em mim próprio.

– Ou seja, contentas-te em dar um passo atrás e a ficares a ver o McGarry ou outro palhaço qualquer cá da escola a dar os passos em frente? – perguntou o Gibsie. – Estás na boa com isso?

A maneira como o meu corpo ficou tenso era a mais clara das respostas.

– Ela é uma miúda linda, Johnny, não vai faltar quem esteja interessado nela – disse o Gibsie, num tom calmo. – Não podes querer tudo, puto. – Encolheu os ombros. – Ou a queres, ou largas. Ou vais em frente, ou te afastas.

– Não – protestei, tenso. Foi tudo o que consegui dizer. Um não rotundo.

– E tens a certeza de que não queres experimentar serem mesmo namorados? – perguntou-me.

– Não vai resultar – respondi-lhe. – Além do facto de ser muito mais velho do que ela e de a Shannon talvez nem sentir o mesmo por mim, estou demasiado ocupado e indisponível para me comprometer num relacionamento com alguém.

– Quem diz?

– Tu sabes como é a minha vida, Gibs. – Voltei a suspirar profundamente. – Sabes porque é que não posso ter ninguém na minha vida. É demasiada pressão e não posso desconcentrar-me. Não há uma única hora livre no meu dia e, quando chegar o verão, vou-me embora daqui. – Encolhi os ombros. – Achas isso justo para uma miúda, seja ela quem for?

– É verdade – concordou o Gibsie. – Mas ela não é uma miúda qualquer.

– Exatamente – gritei. – Ela é muito... melhor... muito... mais... importante... – Gaguejei, esfregando a mão na cara. – Nunca ia resultar – disse eu, finalmente. – Vou acabar por me ir embora, vão aparecer uma data de merdas nos jornais e na internet, como aparecem sempre que não estou cá, ela vai ficar paranoica, eu vou ficar chateado, ela vai acabar por se magoar e vamos acabar os dois por ficar super infelizes.

– Uau – exclamou o Gibsie. – Andaste a pensar nisso tudo, não andaste?

Todos os minutos do dia, desde que pus os olhos nela, pela primeira vez.

Assenti.

– Então, fica só amigo dela – sugeriu.

Levantei a cabeça.

– Amigo dela?

– Sim, parvo, amigo dela – disse o Gibsie, sarcástico. – Conheces o conceito de amizade, não conheces? Acredites ou não, és muito bom nisso. Se não consegues ficar longe dela, a amizade é a melhor aposta.

– Mas é uma rapariga, Gibs.

Revirou os olhos.

– Sim, eu sei, Johnny.

– Eu não sou amigo de nenhuma rapariga.

– Bem, então, ela pode ser a primeira.

Fiquei uns momentos a pensar naquilo.

Conseguia ser amigo da Shannon? Conseguia ser só amigo dela?

– Amigos – repeti, levantando o olhar. – Acho que posso tentar.

– Assim é que se fala – encorajou-me o Gibsie, com um sorriso simpático.

Posso ser amigo dela. Posso ser um bom amigo dela. Posso tornar-lhe a vida mais fácil. Quero fazer isso por ela.

– E se ela não quiser ser minha amiga? – perguntei, e senti aquela onda de incerteza que parecia acompanhar todos os meus pensamentos sobre aquela miúda.

– Continua com essa conversa de merda e deixo de ser teu amigo, ó palhaço – bufou o Gibsie. – «E se ela não quiser ser minha amiga?» – troçou e, depois, voltou a bufar. – Vai mas é para casa procurar os tomates, lembra-te de quem és, meu, e enquanto fazes isso, aproveita e bate uma. Mesmo que te doa, ter um orgasmo vale sempre a pena.

– Bom, ajudas-me? – perguntei, ignorando a última piada.

– A ter um orgasmo? – respondeu o Gibsie, a abanar a cabeça. – Adoro-te, meu. Mas não ao ponto de te fazer vir.

– Vai-te lixar! – disse eu, furioso.

– Calma – disse ele, a rir. – Estou a brincar, meu.

– Pois, para ti, a minha vida é uma grande anedota, não é? – respondi.

– Não sejas tão sensível – sugeri.

– Gibbs – avisei-o. – Não estou a brincar. Preciso que me ajudes com isto.

Ele suspirou profundamente.

– Se é mesmo isso que queres...

Não.

– Tem de ser – disse eu, resignado.

– Tudo bem, pá, eu ajudo-te – respondeu o Gibbsie, com um suspiro.
– Mesmo que isso não resulte e que já estejas condenado ao fracasso, porque, cá para mim, vais é casar super novo e eu, como teu padrinho, vou lá estar para fazer um discurso, porque hás de acabar por reconhecer que mais vale passares por cima desses teus medinhos. Mas pronto, por agora, vou ajudar-te a meteres a cabeça na areia.

– Não tem graça – disse-lhe, irritado.

– Eu sei – respondeu, a rir à gargalhada. – Isto é hilariante.

– Não, não é – quase gritei, zangado.

Bloqueia isso

SHANNON

Passei a semana seguinte em casa, sem ir à escola, a tomar conta dos meus irmãos e da minha mãe que, tal como eu previra, não falava comigo. Não falava com nenhum de nós.

Só com ele.

Ele tinha voltado.

Eu sabia que ele ia voltar.

O aborto espontâneo tinha sido a oportunidade perfeita para o meu pai voltar a manipular as frágeis emoções da minha mãe.

Quando ele voltou, naquela noite, o Joey saiu. Foi-se embora e não voltou para casa durante três dias.

Vivi esses três dias aterrorizada, com medo de que ele nunca mais voltasse para casa. Finalmente, regressou. Mas eu sabia que não ia ser para sempre. Um dia destes, o Joey ia sair pela porta da rua, tal como o Darren tinha feito e nunca mais regressaria.

A minha mãe voltou ao trabalho no sábado seguinte. Como um robô, vestiu a bata das limpezas, desceu as escadas, fez uma chávena de café, fumou sete cigarros e, depois, foi para o trabalho. Eu sabia que ela não devia ir trabalhar naquele estado, era evidente que ainda não estava bem, mas quando lho tentei dizer, limitou-se a sorrir-me, deu-me um beijo na cara e saiu porta fora.

Passei o dia inteiro preocupada com a minha mãe e a ouvir o meu pai dizer-me que tinha sido eu a culpada por ela ter perdido o bebé.

Eu era uma prostituta. Fazia-o perder a cabeça. Era eu a culpada por ele me bater. E era a culpada por ele ter empurrado a minha mãe quando o tentou afastar de mim, naquela noite.

Tinha sido por minha causa que ele lhe tinha dado um estalo. Era tudo culpa minha. Porque eu era uma grande puta.

Isso mesmo: eu era uma miúda de dezasseis anos que nunca tinha beijado um rapaz, mas, para o meu pai, era uma puta.

Não fiquei surpreendida quando, ontem à noite, ele quebrou a promessa que tinha feito à minha mãe e voltou a beber. Nem titubeei quando me apertou o pescoço, como se eu fosse um brinquedo.

Estava tão cansada. Uma parte de mim rezou para que ele acabasse comigo de vez.

Apesar de o Joey ter descido a escada a correr e ter afastado para longe o meu pai, o estrago estava feito.

Ele tinha acrescentado novas nódoas negras às nódoas negras antigas e passei boa parte da noite com pensamentos terríveis às voltas na minha cabeça.

Não havia maneira de acabar com aquele suplício. Eu não tinha saída. Nem naquela casa. Nem numa instituição.

Estava presa.

Quando saí do autocarro e entrei o pelos portões do Tommen, naquela manhã, senti um alívio tão grande inundar-me o corpo que quase conseguia saboreá-lo. Voltar ali, depois de uma semana no inferno, era a maior recompensa por ter sobrevivido.

Ver outra vez a Claire e a Lizzie e saber que elas gostavam de mim, ouvi-las dizerem-me que gostavam de mim, ajudou a recompor-me. E, à hora do almoço, quando me deram presentes de anos atrasados e um *cupcake* a fazer de bolo, quase chorei. Conheciam-me suficientemente bem e, por isso, ouviram o que lhes contei sobre o que tinha acontecido à minha mãe e não voltaram a falar-me do assunto.

Eu não queria falar naquilo, pensar naquilo ou que me lembrassem aquilo. Outra vez. A Claire e a Lizzie sabiam e respeitaram a minha vontade.

Fui a todas as aulas e, durante sete horas, apaguei completamente da cabeça a minha família.

Foi maravilhoso.

Apanhar sapatos e sentimentos

SHANNON

Na segunda-feira, a minha última aula foi um tempo duplo de educação física e, como estava a chover torrencialmente, o Mr. Mulcahy teve pena de nós e organizou um jogo de futebol no campo coberto de basquetebol. O Mr. Mulcahy era o treinador de rãguebi da escola e, pela maneira como se sentava na sua cadeira desdobrável, junto à linha lateral, de olhos na prancheta que tinha nas mãos, era por de mais evidente que não estava nada preocupado com a nossa educação física. Além disso, quando me aproximei dele para tentar, sem sucesso, que me dispensasse do jogo, consegui espreitar para a prancheta e vi que aquilo estava cheio de notas e rabiscos relacionados com jogadas de rãguebi.

Graças a Deus, fiquei na mesma equipa da Claire e de outras raparigas, mas a Lizzie teve mais sorte do que eu: conseguiu convencê-lo a dispensá-la de jogar e foi para a biblioteca. Quem me dera ser tão persuasiva como ela. Mas como não sou, tive de pôr o colete amarelo e correr o mais que podia para não ser esmagada pelos rapazes. Com a Lizzie na biblioteca, éramos só quatro raparigas em campo, mais os dezoito rapazes do 9.º A. E eu era, de longe, a pior de todas. A Shelly e a Helen, as outras duas raparigas da minha turma, não eram muito melhores, mas eu tinha a sensação de que isso tinha mais que ver com o desinteresse delas pelo jogo do que com a sua falta de habilidade. A Claire era fantástica em desporto, a melhor das raparigas em campo, e os rapazes tratavam-na com o respeito que ela merecia e estavam sempre a passar-lhe a bola. Até àquele momento, já tinha metido dois golos.

Para ser justa, devo dizer que os meus colegas tinham também tentado tratar-me da mesma maneira, no início do jogo, mas depois de eu tropeçar e custar um golo à nossa equipa, passaram a evitar-me. Melhor assim.

– Estás a divertir-te? – perguntou-me a Claire quando um dos rapazes da nossa equipa marcou mais um golo.

Tal como eu, estava de camisola preta, calções brancos e colete amarelo, mas, ao contrário do meu, o equipamento dela assentava-lhe perfeitamente no corpo. O seu longo rabo de cavalo loiro e encaracolado balançava, de um lado para o outro, quando ela corria. Tinha as bochechas vermelhas e os olhos muito brilhantes. Estava deslumbrante.

– É a melhor maneira de acabar o dia, não achas?

– Hmm, sim, sim, sem dúvida! – Forcei um sorriso e levantei os dois polegares.

– Odeias isto, não odeias? – Deu uma gargalhada e pousou o cotovelo no meu ombro. Eu era tão baixinha que ela conseguia apoiar-se em mim sem o mínimo esforço. – Não te preocupes. Já só faltam dez minutos.

– O futebol não é mesmo a minha... – interrompi-me para me baixar e evitar levar com a bola na cara. – Não é a minha cena... – comecei a dizer, mas a Claire já ia atrás da bola, a gritar para os nossos colegas de equipa, para que lha passassem.

Momentos depois, uma data de adolescentes estava a atravessar o campo, na minha direção, todos a quererem apanhar o raio da bola. Por isso, fiz o que qualquer pessoa com juízo faria, no meu lugar, corri para a parede e encostei-me. Evitando novamente ser esmagada pelos outros, decidi que já chegava de educação física por aquele dia. Tinha passado o dia inteiro com uma horrível dor de barriga e andar para ali a correr não ajudava nada.

Tinha o corpo em fânicos.

Tinha tantas dores que mal conseguia aguentar-me em pé.

Para dizer a verdade, tinha a sensação de que aquela dor de barriga era por causa da ansiedade e tinha tudo que ver com o meu pai.

Na sexta-feira íamos entrar de férias, durante duas semanas, e sempre que pensava nesses dias em que ia estar presa em casa, com o meu pai, a dor piorava. A maior parte dos meus colegas estava ansiosa para ir de férias. Mas eu tremia só de pensar nisso.

Exausta, tirei o colete e, com os olhos, procurei o Mr. Mulcahy

para lhe perguntar se me dispensava mais cedo e me deixava ir sentar no balneário. E o meu coração deu um salto quando o vi à entrada do pavilhão a conversar nada menos do que com o Johnny Kavanagh.

Oh, meu Deus! Há quanto tempo é que ele estava ali?

Certamente, há tempo suficiente para ter visto a minha figura patética a tentar escapar da morte.

Durante todo o dia, senti-o a observar-me. Para onde quer que fosse, juro que sentia os olhos dele postos em mim. Percebi que queria falar comigo e, por isso, passei o dia a esquivar-me.

Devia querer fazer-me perguntas sobre a semana passada. Ele ia querer saber. E não ia acreditar nas minhas mentiras.

E isso era aterrador.

Ele era demasiado inteligente para que eu pudesse andar para aí a falar com ele.

Quando estava com ele, esquecia-me de mentir e de me esconder. Esquecia-me de tudo. O Mr. Mulcahy estava a dar umas pancadinhas na prancheta que tinha na mão, muito embrenhado na conversa com o Johnny, cuja atenção se dividia entre o que estava naquela prancheta e... eu.

Estava exatamente em frente a ele, com o campo entre nós, mas juro que conseguia sentir o calor do seu olhar sobre mim. Sempre que ele desviava o olhar da prancheta para olhar para mim, era atingida por uma onda de calor tão quente e tão intensa que nem conseguia perceber o que estava a ver.

Ele estava zangado? Frustrado? Era outra coisa? Não sei dizer.

Mas não tive de pensar nisso durante muito tempo porque, uns segundos depois, o Mr. Mulcahy apitou, mandou-nos sair do campo e deu a aula por terminada. O treinador e o Johnny continuaram à entrada do pavilhão, muito concentrados na conversa, enquanto a minha turma passava por eles, a caminho dos balneários.

Senti que o melhor a fazer era ir ter com a Claire, dar-lhe o braço e desatar a fazer-lhe perguntas sobre o jogo que tínhamos acabado de jogar, isto é, que ela tinha acabado de jogar. E, quando passámos perto deles, mantive os olhos na Claire e ouvi atentamente a resposta que estava a dar-me. Só respirei fundo quando chegámos ao balneário das raparigas.

– Bem... Shannon, o que é que se passa contigo? – perguntou a Claire, mal a porta do balneário se fechou atrás de nós.

– Hã?

– O meu braço – disse a Claire. – Por pouco não me cortaste a circulação.

Olhei para o braço dela, para o sítio exato onde os meus dedos continuavam cravados.

– Ai, meu Deus! – Larguei-lhe o braço e tapei a boca com a mão. – Desculpa.

– O que é que aconteceu? – Aproximou-se mais de mim, com um ar preocupado. – Pareces assustada.

– Não se passa nada – respondi, muito depressa. – Estou bem. Só que... – Abanei a cabeça e respirei fundo. – Não estava à espera de o ver ali.

– O Johnny?

Assenti devagar.

Ela abriu muito os olhos.

– Oh, meu Deus! – Apontou-me um dedo e murmurou: – Mentiste-me! Aconteceu qualquer coisa na semana passada, não aconteceu?

– Não! – Abanei a cabeça, com a cara a arder. – Não aconteceu nada.

– Ele estava a olhar para ti... tipo, a olhar fixamente para ti! – disse, parecendo um pouco zozna. – Aconteceu alguma coisa. Por favor, conta-me...

– Garanto-te que não aconteceu nada entre nós – disse eu, lamentando ter falado no assunto. – E não é verdade que ele estivesse a olhar fixamente para mim.

– Mas querias que estivesse?

Abri a boca para negar, mas a Claire interrompeu-me.

– Ah! Não mintas! Eu conheço-te – disse ela. – Estás corada até às orelhas.

– Claire, por favor, não contes a ninguém! – disse eu, mortificada.

– Já te prometi!

Suspirei de alívio.

– Obrigada.

– Mas a verdade é que ele estava a olhar só para ti, Shan. Esteve

sempre a olhar para ti. – A Claire desatou a bater palmas e aos gritinhos. – Ai, meu Deus! Estou tão feliz!

– Não, não estava... Eu não... Eu só... – Engasguei-me com as palavras, mas respirei calmamente e tentei outra vez: – Tivemos uma discussão, naquela noite, no carro dele.

– Uma discussão? – A Claire levantou as sobrancelhas. – Porquê?

– Não interessa – disse eu, corando. – E eu...

– Tu o quê?

– Ele voltou a levar-me a casa na sexta-feira antes dos meus anos.

A cara dela iluminou-se.

– Oh, meu Deus!

– E vomitei à frente dele – admiti, triste. – Se calhar, até vomitei para cima dele.

Ele estava muito perto da zona de perigo.

Enquanto me segurava o cabelo.

A Claire encolheu-se, empática.

– No carro dele?

– Não – respondi, com voz fraca. – Na escola. Ao pé do meu cacifo.

Ela sorriu tristemente.

– E depois ele levou-te a casa?

– E depois eu...

– Tu o quê, Shan?

– Fui com ele a um bar.

– A um bar? – gritou. – Que bar?

Tive de pensar um momento, para me lembrar do nome.

– Ao Biddies, acho eu?

– Oh, meu Deus – disse, ofegante. – Isso é o bar dele.

– O quê? – Abri muito os olhos. – O bar é da família dele?

Não me admirava nada.

– Não, não – apressou-se a Claire a dizer. – Não é da família dele, mas é como se fosse dele. É o sítio dele. É o... o... quartel-general dele.

– O que é que isso quer dizer?

– É o bar onde eles vão todos – disse a Claire. – Os rapazes da equipa. O Biddies é o ponto de encontro deles.

– Oh – inspirei, aborrecida. – OK.

– E então? – insisti. – O que é que fizeram no bar?
– Ele convidou-me para jantar – confessei.
– Espera! Porque é que ele te levou ao Biddies se estavas maldispоста?

Encolhi os ombros.

– Ele levou-me a casa, mas, quando lá chegámos, pediu-me para ir dar uma volta com ele. – Franzi a testa e acrescentei: – E, depois do Biddies, fomos ao cinema.

– Para tudo! – guinchou ela.

– E, no dia dos meus anos, acabei por ir a casa dele.

– O quê? – gritou a Claire. – A casa dele?

– A culpa foi do Joey. Mas fui lá... e tomei um duche... e ele fez comida para mim... e adormeci no... – calei-me imediatamente porque a porta se abriu e a Shelly e a Helen entraram, a tagarelar.

A Claire levantou as sobrancelhas, mas não disse mais nada. Bastou-me olhá-la para perceber que aquela nossa conversa, para ela, estava longe de ter acabado.

Aproveitei a oportunidade para pegar no uniforme e entrar numa das cabinas de duche para mudar de roupa. Não é que fosse pudica, mas, comparada com aquelas miúdas, faltavam-me muitas curvas. Para me poupar a humilhações, trocava sempre de roupa numa das cabinas, com o cortinado fechado, a esconder as minhas copas A.

Depois de vestir o uniforme e de ter controlado os nervos, voltei para ao pé das minhas colegas a tempo de ouvir o último drama da Shelly e da Helen.

A Shelly era morena e alta, com umas curvas como eu esperava vir a ter um dia. A Helen era ruiva e uma versão mais baixa e menos curvilínea do que a Shelly. Eram umas grandes bisbilhoteiras e andavam sempre juntas, em segredinhos e risinhos, mas eu já tinha conhecido gente bem pior. Na verdade, até gostava delas porque eram do género «completamente inofensivas se não lhes contares nada da tua vida».

– Meu Deus, mas é tão giro! – dizia a Shelly, aos gritinhos.

Estava só em sutiã e cuecas, completamente à vontade com o seu corpo, e a fazer gestos com as mãos, toda animada, enquanto falava com a BFF.

– Juro, Hells, dá-me cá uma vontade de trepar por ele acima. – Passou o longo rabo de cavalo por cima do ombro e fingiu desmaiar. – Ele deve ser incrível nisso.

– Não mintas, Shell – disse a Helen, com uma gargalhada. – Se ele olhasse para ti durante um bocadinho, desmaiavas era de emoção.

– Talvez – reconheceu a Shelly, a rir. – Mas, nessa altura, ele podia reanimar-me. – E mexendo as sobancelhas finas, acrescentou: – Com a língua.

– Estamos a falar de quem, meninas? – Perguntou a Claire, com um sorriso amigável. Estava sentada no banco, a abotoar a camisa do uniforme. – Alguém interessante?

– De quem é que achas? – desafiou-a a Shelly, com um enorme sorriso. – Mr. Sexo com Pernas, o próprio.

– Viste-o a olhar para nós? – disse a Helen, excitada, a fazer beicinho. – Estava a olhar, que eu bem vi. Não tirava os olhos de nós, quando estávamos em campo.

– Quem me dera! – Suspirou a Shelly. – Meu Deus, porque é que os miúdos do nosso ano não são como ele?

– Pois é! – concordou a Helen, sonhadora. – Mas ele é o rapaz mais sexy que alguma vez nasceu em Cork.

– Ele não é de cá – ouvi-me a dizer. – É de Dublin.

– Não... – disse a Helen, com um ar confuso. – Ele é de Ballylaggin.

– Se é do Johnny Kavanagh que estão a falar, a Shannon tem razão – interrompeu a Claire – A sério, meninas, se falarem com ele, percebem logo que é um Dub.

– Não é nada Dub – insistiu a Shelly, um bocadinho horrorizada. – Ele é de Cork.

– Desculpem desiludir-vos, mas o Johnny é azul e Dub – respondeu a Claire, sorrindo. – Por amor de Deus, meninas, quando ele abre a boca percebe-se logo.

– Bem, mas o pai dele é de Cork, por isso, ele é meio corkiano – protestou a Shelly. – E ele vive em Cork.

– E nasceu e cresceu em Dublin, o que faz dele um Dub – afirmou a Claire. – Perguntem-lhe que cor é que ele veste no dia da final do All-Ireland – acrescentou. – Garanto-vos que não é vermelho.

Era óbvio que a Shelly levava muito a sério a rivalidade desportiva

entre Cork e Dublin porque ficou muito perturbada com aquela informação.

– Não sabes – disse, desafiadora. – Ele veio para cá quando era pequeno. Provavelmente, agora apoia Cork e Munster.

– Por acaso, até sei – contrariou-a a Claire, a sorrir. – Em setembro passado, o Hughie convidou a equipa inteira para verem a final do All-Ireland de *hurling* lá em casa e advinha lá quem é que era o único de azul, naquele mar de camisolas vermelhas?

– Bom, não interessa. – A Helen suspirou. – O sotaque só o torna ainda mais sexy.

– Exatamente. – Fungou a Shelly. – Mesmo assim, eu saltava-lhe para cima.

– Então, é melhor apressares-te, Shell. – A Claire riu-se e continuou a deitar sal nas feridas da Shelly ao acrescentar: – Ele vai-se embora mal acabe a escola. Ouve o que te digo, quando acabar o secundário, os treinadores vão logo propor-lhe um contrato e ele não vai ficar em Cork. Vai direitinho para Dublin e vão estar à espera dele de braços abertos. Porque ele «é de lá», não é dos nossos.

– Como é que sabes isso tudo? – perguntou a Helen, a olhar para a Claire como se lhe tivessem nascido duas cabeças.

– Porque passo a vida rodeada de rapazes que jogam rãguebi com ele – respondeu a Claire. – Estou sempre a ouvir o Hughie e o Gerard a dizerem que o Johnny só vai ficar na Irlanda mais um ou dois anos. Eles dizem que ele vai jogar para o estrangeiro, durante uns anos, para ganhar experiência como sénior. O meu irmão tem quase a certeza de que ele vai para França. Os clubes de lá têm dinheiro para esbanjar. Depois, trazem-no outra vez para cá, mas já como jogador de nível mundial, com muita experiência no currículo, mas ainda jovem.

– Valha-me Deus – murmurei, um bocadinho enjoada com aquela conversa. – Falas dele como se fosse um pedaço de carne.

– Porque é mesmo isso que ele é naquele mundo deles, Shan – respondeu a Claire, voltando a atenção para mim. – Um grande bocado de bife de primeira qualidade.

– Não consigo imaginar como é estar sob tanta pressão – murmurei e, imediatamente, lembrei-me daquela noite, no carro dele. Não admirava que tivesse reagido tão mal.

Eu tinha visto a atenção que as pessoas lhe davam quando saí com ele. A vida do Johnny estava a ser jogada à frente do país inteiro. Toda a gente falava dele. A toda a hora. Acho que, se estivesse no lugar dele, rastejava para debaixo da cama e ficava lá escondida.

Senti uma enorme onda de simpatia por ele encher-me o peito.

– Coitado – disse eu, ao pensar que ele devia sentir-se desesperado por ter de esconder a lesão.

– Coitado? – Troçou a Helen e fez um gesto de desprezo. – O Johnny Kavanagh é tudo menos coitado, Shannon. Além de ser giro que até dói, vai direitinho para a equipa profissional. E os blogues e as revistas de rãguebi já estão sempre a falar dele. Achas que isto é ser coitado? Devias ver as multidões e os jornalistas atrás dele, sempre que ele joga – acrescentou a Helen com um suspiro sonhador. – É de loucos!

Eu sei. Eu vi.

Talvez ele se fosse embora para ser profissional, ou talvez não. Eu só achava que isso não era assunto nosso e que não devíamos estar a falar dele assim. Estávamos para ali a discutir a vida dele e eu não me sentia nada confortável com isso.

– Ficaste muito calada, Shannon – afirmou a Shelly, avaliando-me com grande interesse. – Não me venhas dizer que ele não é o rapaz mais bonito em que alguma vez puseste os olhos.

Era, de longe, o rapaz mais bonito que eu já tinha visto em carne e osso. No entanto, tinha a clara sensação de que, se não tivesse a fama e o dinheiro que tinha, estas miúdas não estariam tão obcecadas por ele.

Ou talvez estivessem.

Entretanto, a mim não me interessava nada a forma da bola a que ele dava pontapés. O rãguebi era um desporto. Era um jogo. Não era o Johnny no seu todo. Era só uma parte dele. A única parte dele que interessava àquelas miúdas, pelo visto. Era nojento e recusava-me a participar numa conversa que me lembrava muito as conversas que ouvia a outras raparigas sobre o Joey.

– Acho que... – Encolhi os ombros, indiferente. – Ele é muito bom jogador.

Desataram as duas a rir.

– Ficaste toda corada – troçou a Shelly. – Olha, nem te atrevas, Shan.

Franzi a testa.

– Atrever a quê?

– A gostar dele – respondeu-me. – O Johnny nem sequer olha para as raparigas do ano dele, quanto mais para as do nono!

– Por acaso, não é verdade – disse a Claire, com malícia. – Ele já lhe deu boleia para casa. – Dirigiu-me um sorriso travesso. – Duas vezes.

Corei e jurei a mim mesma que nunca mais contava nada à Claire. As outras duas olharam para mim.

– Cabra sortuda – disse a Shelly, abrindo muito os olhos.

– Estiveste no carro dele? – perguntou a Helen.

Encolhi os ombros, sentindo-me muito exposta, naquele momento, mas não respondi.

– E saiu no jornal com ele – acrescentou a Claire. – O Hughie mostrou-me. Os rapazes não se calavam com isso porque o Johnny nunca aparece nas fotografias com raparigas.

– Ele nunca apareceu nos jornais com raparigas – garantiu a Helen.

– Quando é que foi isso?

– Antes de ela ter ido jantar com ele ao Biddies – disse a Claire, com um grande sorriso. – E ao cinema. Oh, e depois ela passou o dia de anos em casa dele.

– Ai, meu Deus! – disseram as outras duas, ao mesmo tempo.

– Enrolaste-te com ele? – perguntou a Helen. Para dizer a verdade, souu mais a uma exigência. – Oh, meu Deus, comeste o Johnny?

A Claire olhou para mim, expectante.

– Não! É claro que não! – disse eu, engasgando-me com as palavras. – Como é que podes pensar uma coisa dessas?

– Ah, porque ele é o Johnny Kavanagh. – A Shelly revirou os olhos, sarcástica. – E estiveste em casa dele. E qualquer rapariga, no seu perfeito juízo, quer comê-lo.

– A Lizzie não – disse a Claire, fazendo um gesto de indiferença com a mão. – Tem desprezo por jogadores de rãguebi.

– Porque está zangada com o Pierce. Na próxima semana, quando ele fizer as pazes com ela, vai voltar a adorar – retorquiu a Shelly, mas

voltou rapidamente a atenção para mim. – Oh, meu Deus! – gritou. – Viste o quarto dele? Como é que é? Tem uma cama enorme? Aposto que tem! Ele vai levar-te a casa outra vez? Era por isso que ele estava ali? Oh, meu Deus, vocês andam?

– Ah, a Bella vai ficar danadaaa – interrompeu a Helen. – Vai trepar pelas paredes quando descobrir que andas atrás do gajo dela.

– O Johnny não é o gajo dela – disse a Claire. – Ao contrário dela, que é a gaja de todos.

– Por acaso – disse a Shelly, entrando em cena, com o dedo espetado. – Outro dia, na casa de banho, ouvi uma das miúdas do décimo segundo ano a dizer que a Bella anda com o Cormac Ryan. – Levantou uma sobrancelha e acrescentou: – Parece que já se andavam a comer há imenso tempo.

– Enquanto ela andava com o Johnny? – gaguejou a Helen.

– Hm-hmm – disse a Shelly. – Chama-lhe estúpida!

– Bem, o Cormac é giro – disse a Helen, franzindo a testa. – Mas não é o Johnny Kavanagh.

– E eu não sei? – concordou a Shelly.

A Claire fez uma meia vénia, dramática.

– E aí têm – disse. – Ela vai com todos.

– Mesmo assim – disse a Helen, a roer uma unha, sem nunca deixar de olhar para mim. – A Bella não vai ficar nada contente contigo.

– Não é dona dele! – defendeu a Claire. – Eles nem nunca foram namorados e mesmo que tivessem sido, a Bella não pode falar. Toda a gente sabe que, durante meses, ela andou a comer metade dos rapazes da escola nas costas dele.

– Pois, mas ele é o gajo dela – resumiu a Helen. – Operação *Binding* 13, lembrem-se?

– Ui, essas miúdas são parvas – resmungou a Claire. – Pensei que essa competição estúpida tinha acabado, o ano passado.

– E acabou – disse a Shelly, mal-humorada. – A Bella ganhou.

– Operação *Bind* quê? – perguntei.

– *Binding* 13 – repetiu a Helen, olhando para mim com um ar superior.

– O que é que isso quer dizer?

– O ano passado, as miúdas do décimo primeiro e do décimo

segundo organizaram uma competição estúpida para verem qual delas é que conseguia enrolar-se com o Johnny – resmungou a Claire. – Chamaram-lhe Operação *Binding* 13 porque são umas tristes e não têm originalidade. – Fez uma careta antes de acrescentar: – Parece que foi a Bella que ganhou.

– Não estou a perceber – admiti, mortificada.

– O número da camisola do Johnny é o treze – explicou-me a Claire, com um ar enjoado. – E *binding* é uma instrução do árbitro para fazerem uma formação ordenada, ou seja, para eles se juntarem todos, em roda, com os braços por cima uns dos outros, sabes? Embora aquelas miúdas estivessem a pensar agarrar-se ao Johnny numa posição completamente diferente.

– O quê? Porque é que lhe fizeram isso?

– Porque ele é difícil de contentar – disse a Shelly. – E raramente olha para as raparigas que andam à volta dele. É completamente snobe quando se trata das pessoas com quem se dá.

– Mas dá-se com o género de mulheres que andam à volta dele, durante os jogos de apresentação – interrompeu a Helen.

– Isso é verdade – disse a Shelly, carrancuda. – Viste as da última turné?

– A modelo? – perguntou a Helen assentindo, resignada. – Tinha, tipo, vinte e sete anos.

– Estão por todo o lado, na internet – suspirou a Shelly.

– A Bella não vai gostar nada de ter concorrência – disse a Helen, sorrindo. – Shan, eu, se fosse a ti, ficava longe dele porque a Bella arranha-te os olhos.

– Sim, ela é uma cabra – concordou a Shelly. – Não interessa se eles acabaram ou não. Ela dá cabo de ti.

– Eles não acabaram coisa nenhuma porque nunca andaram um com o outro – resmungou a Claire. – Só se andaram a comer à força toda, meninas. Não eram a grande história de amor do século.

– Não interessa – contestou a Helen. – Sabes muito bem como ela é, Claire. Na cabeça da Bella, ela e o Johnny deram um tempo e aquela cabra perde a cabeça se alguém mexe no que é seu.

– Eu não tive nada com ele – disse, atrapalhada e com tanto medo de que uma miúda do décimo segundo ano me arranhasse os olhos

que até fiquei com o estômago às voltas. Não seria a primeira vez, a cicatriz na minha pálpebra direita era a prova disso. – Juro!

– Shannon, calma – disse a Claire, pondo-se ao meu lado. – Ninguém te vai bater.

– Se fosse a ti, não tinha tanta certeza – comentou a Helen, com um ar preocupado. – A Bella, quando quer, é uma grandessíssima cabra.

– Ah, sim? – respondeu a Claire, pondo-me a mão no ombro. – Pois eu também!

– O... o quê? – murmurei, sentindo o estômago à beira de me saltar pela boca. – Mas eu não... eu não... fiz nada...

O som da campainha da escola encheu-me os ouvidos, interrompendo-me, e, em vez de tentar encontrar uma saída para aquela conversa confusa, peguei no meu saco de ginástica e dirigi-me à porta.

– Shannon... espera! – gritou a Claire. – Espera por mim!

Não esperei. Em vez disso, desatei a correr para fora do ginásio, passei pelos rapazes, que estavam a sair do balneário deles, e tropecei nos degraus ao tentar ficar o mais longe possível de qualquer confronto.

Não aguentava mais. Hoje, não. Não aguentava mais uma discussão. Nem com os meus pais, nem com a Bella Wilkinson, nem com ninguém. Já não aguentava mais.

Era demasiado.

Cheguei ao caminho que levava à saída da escola, os pés a baterem contra o cimento, mas o calcanhar do meu sapato ficou preso num buraco do pavimento e quase caí de cabeça no asfalto molhado. Felizmente, consegui equilibrar-me a tempo de não fazer mais umas quantas nódoas negras.

Como uma data de gente assistiu ao meu percalço, decidi andar mais depressa. A coxear, desviei-me para um carreiro e esperei que um grande grupo de rapazes passasse e só recomecei a andar quando eles já iam longe.

Jesus.

A Helen e a Shelly teriam razão? A Bella ia chatear-me? Só porque o Johnny me tinha dado boleia para casa?

Oh, meu Deus, o meu coração, o meu pobre coração começou a bater muito depressa. Tinha o estômago às voltas. Sentia-me quase à beira de vomitar.

Não, não, ia mesmo vomitar.

Passei por cima de uma cerca baixa que separava o caminho e uma zona arborizada, corri em direção a uns arbustos, atirei o saco de ginástica para cima da erva molhada, baixei-me atrás da árvore mais próxima e vomitei violentamente. Tinha muito pouca coisa no estômago, mas a maçã que tinha comido voltou a sair-me pela boca. Estremecendo de repulsa, fiquei agachada durante algum tempo, respirando profundamente até me acalmar. O meu corpo tremia violentamente e não percebia se era da chuva que estava a cair-me em cima, com toda a força, ou de puro terror.

Suspeito que era por causa de ambas as coisas.

Uns minutos depois, quando tive a certeza de que conseguia andar novamente, levantei-me e limpei a boca com as costas da mão. Pousei uma mão sobre o estômago, respirei fundo e olhei em volta. Felizmente, tinha conseguido vomitar num sítio onde ninguém me conseguia ver.

Desta vez.

Fui procurar a mochila, para tirar a garrafa da água, mas percebi que, na pressa com que saí, só tinha trazido o saco de ginástica. A minha mochila tinha ficado no ginásio.

– Que chatice! – exclamei.

De ombros caídos, peguei no saco de ginástica e voltei ao caminho. Estava completamente sem energia.

Estava completamente de rastos.

Se a Bella me quisesse bater, não era por eu fugir que ela iria mudar de ideias. Ela havia de arranjar maneira de me encontrar. Gente como ela arranja sempre.

O que me preocupava era não saber quem ela era. Por isso, não sabia como evitar cruzar-me com ela.

Com todos, insistia o meu cérebro. Não confies em ninguém.

Com a chuva a cair em cima de mim, a infiltrar-se na minha roupa, caminhei lentamente em direção ao ginásio, de cabeça baixa. A água corria rapidamente pelo carreiro e, à esquerda, o dique de drenagem

já estava submerso, por isso, decidi evitá-lo e não passei por cima dele, para chegar ao edifício do ginásio.

Ao contrário do que tinha acontecido antes, quando desatei a correr, naquela altura reparei no que me rodeava e naquela porcaria de tempo irlandês.

Meu Deus, se não parasse de chover depressa, iria haver mais um alerta de inundação na cidade.

Em Cork, isso não era nada raro no inverno e, por vezes, no início da primavera.

Que inferno! Em Cork até no verão pode haver inundações.

Sem a proteção de um casaco, que tinha deixado no cacifo, a minha roupa estava encharcada. Tinha os pés e as meias molhados por ter corrido à procura de um sítio para vomitar na floresta. A sensação do uniforme molhado, agarrado à minha pele também molhada, fazia-me tremer de frio. Estava gelada.

Quando cheguei ao ginásio já toda a gente tinha saído e não havia barulho nenhum.

Dei graças por, pelo menos durante algum tempo, poder abrigar-me do dilúvio lá de fora. Fui direita ao balneário das raparigas e respirei de alívio quando vi a minha mochila no banco onde a tinha deixado. Ainda estava a habituar-me ao facto de, naquela escola, ninguém mexer nas minhas coisas.

Quando peguei na mochila, percebi que uma folha, rasgada de um caderno, caiu ao chão.

Mas ignorei-a.

Encharcada até aos olhos, abri a mochila, peguei na minha bolsinha de *toilette* e fui à casa de banho lavar os dentes. Quase me engasguei quando a escova me tocou na parte de trás da garganta. Quando acabei, passei a escova de dentes por água e voltei a guardá-la na bolsinha.

Olhei para o relógio, eram quatro e vinte e cinco da tarde.

Além do equipamento de ginástica e de umas cuecas limpas, coisa que trago sempre comigo, não tinha mais nada e assim, sem poder mudar de roupa, tinha de continuar encharcada até chegar a casa.

Só tinha autocarro daí a uma horas, mas achei que era melhor esperar na paragem, mesmo estando toda molhada, do que correr o

risco de me cruzar com a Bella, dentro da escola. Apesar de não fazer ideia de como era a Bella, não estava em condições de me pôr naquele nível de stresse. Nem sequer me arrisquei a ir ao cacifo buscar o meu casaco.

Não me importava de apanhar chuva, se isso significava paz de espírito.

Meti a bolsinha no compartimento da frente e pus a mochila às costas, depois, baixei-me para apanhar o papel que tinha caído ao chão.

Shan,

Eu devia ter ficado de boca fechada. Não queria chatear-te. Achei que estávamos todas a brincar e decidi entrar na brincadeira. Às vezes, esqueço-me das coisas horríveis que aquelas miúdas te fizeram. É difícil porque aqui pareces tão feliz e... diferente? Diferente no bom sentido.

E não liguês à Shelly e à Helen. São umas cabras dramáticas. A Bella não te vai tocar nem com um dedo. Prometo.

Mesmo assim, peço desculpa e, por favor, manda mensagem quando chegares a casa.

Beijinhos, Claire.

Li o bilhete mais três vezes antes de o guardar no bolso da saia. Depois, arrumei o saco de ginástica debaixo do banco, ao lado do da Claire, e saí do balneário.

Não estava zangada com a Claire. A brincadeira delas era perfeitamente normal. Estava zangada comigo própria por causa da maneira como tinha reagido à brincadeira. Estava zangada por reagir sempre a tudo com exagero.

Tinha de resolver isso. Tinha de deixar de estar constantemente com medo.

No entanto, era difícil, porque passava a maior parte das minhas horas de vigília num constante estado de paranoia e ansiedade.

O Joey dizia-me que eu tinha de dar o troco. Tinha-me dito isso novamente, na véspera, enquanto me acariciava as costas, quando

estava a tentar respirar, no meio de um ataque de pânico. Tinha-me dito que, se o pai voltasse a bater-me, eu devia pegar numa arma.

Mas eu tinha tanto medo. Tinha medo de desencadear qualquer coisa que, depois, fosse incapaz de controlar.

Foi por causa dessa minha falta de ação que, na véspera, o meu irmão também tinha acabado por apanhar. Eu sabia que o Joey não me culpava por ter ficado com o nariz partido, mas tinha-me mandado uma mensagem a dizer que ia ficar em casa da Aoife e a perspectiva de ir para casa e de ele não estar lá aterrorizava-me. Ele estava a proteger-se e não o culpava por isso.

Se eu tivesse um sítio seguro para onde ir, também iria, sem olhar para trás.

Era isso que a Aoife era para o meu irmão. O Joey tinha a Aoife e eu não tinha ninguém.

Estava embrenhada nestes pensamentos, no último degrau do edifício do ginásio, quando ouvi alguém chamar o meu nome.

– Shannon.

Voltei-me e vi o Johnny a descer os degraus, ao mesmo tempo que puxava para a cabeça o capuz da *sweater* azul-escura.

Não tenhas uma reação exagerada e não saias a correr, ordenei a mim própria, em silêncio, enquanto contorcia os pés.

Diz-lhe só olá.

Percebi que estava a assentir, enquanto tinha aqueles pensamentos, por isso, aclarei a garganta e disse numa voz fraca:

– Olá, Johnny.

– Olá, Shannon – disse ele, parando à minha frente. – Como estás?

– Bem – respondi, tentando manter uma expressão impertubável. Era uma proeza impossível quando cada gota de sangue me corria para a cara, fazendo o meu coração bater com muita força. – Estavas, hmm, no ginásio?

– Estava. – Assentiu. – Tinha umas coisas que precisava de resolver com o treinador. – Sorriu. – Não estavas a brincar quando disseste que não fazias desporto nenhum.

Corei de vergonha.

– Ah, pois não, não estava.

– Como está a tua mãe? – perguntou, os olhos azuis muito atentos.

– Oh, está, hmm... – Interrompi-me e pus uma madeixa de cabelo encharcada atrás da orelha. – Está muito melhor, obrigada.

– Ainda bem – disse ele, num tom genuinamente interessado. – Ficaste em casa a ajudá-la na semana passada? Foi por isso que não vieste à escola?

– Hmm, sim, precisou de ajuda depois do... do... – Abanei a cabeça e acrescentei: – A minha mãe está bem. Já voltou ao trabalho e tudo.

O Johnny franziu o sobrolho.

– Já? Não é cedo?

Bem podes dizê-lo, Mr. Adutor...

Encolhi os ombros.

– Ela é que quis.

– E tu? – perguntou o Johnny.

Franzi a testa.

– Eu o quê?

Os seus olhos azuis incendiaram os meus quando me perguntou:

– Como estás?

– Estou bem – respondi-lhe, sentindo-me incrivelmente nervosa por estar, outra vez, tão perto dele.

– Sabes – disse ele, pensativo. – Começo a detestar essa frase.

– Bom, mas é como estou – insisti. – Estou bem, é isso.

– Ainda bem – disse ele. – E a tua família...

– Não quero falar sobre isso – disse eu em voz baixa. *Nunca mais.* – Estamos a ultrapassar isto, por isso preferia não me lembrar – acrescentei. – Pode ser?

– Claro que sim! – sussurrou. – Não digo nem mais uma palavra sobre o assunto.

Suspirei de alívio.

– Peço muita desculpa – gaguejei. – Pela maneira como abusámos em tua casa, naquele dia.

– O quê? – O Johnny franziu a testa. – Não abusaste.

– Abusei, sim – admiti, envergonhada. – E o Joey também.

– Shannon, não acho nada disso – disse ele, impaciente. – Eu... não penses mais nisso, OK?

– OK. – Assenti. – Bom, tenho de ir andando. – Sorri-lhe e acenei-lhe com a mão. – Adeus, Johnny – disse-lhe, depois, voltei costas e

comecei a afastar-me.

Vês, estás a fazer progressos!

Não desatei a correr.

– Espera! – gritou o Johnny, a voz dele muito perto de mim. – Vais a pé para casa?

Irrracionalmente afetada pela proximidade dele, agarrei as alças da mochila e assenti, mas não parei de andar.

– Com este tempo? – disse ele, já a andar ao meu lado.

– Não, só tenho de andar até à paragem do autocarro – Expliquei, baixinho, mantendo os olhos no chão para evitar o transbordamento da água da chuva que parecia borbulhar de cada ralo.

Com o coração a tentar saltar-me do peito, não era tarefa fácil. Isso era outra coisa que precisava de trabalhar: controlar a reação do meu corpo quando estava perto daquele rapaz. Ele ia mesmo ao meu lado e sempre que dava um passo, o braço dele roçava no meu. Era sem querer, evidentemente, e duvido que ele percebesse o que estava a fazer, era tão grande que seria difícil não me tocar, mas isso não significava que o meu corpo não reagisse ao contacto com o dele.

Pelo menos, sentia-me a arder. O que ajudava, já que estava encharcada.

– A que horas tens autocarro? – perguntou o Johnny, em voz profunda e grave.

A tremer, lambi uma gota de chuva que tinha ficado presa no meu lábio e respondi:

– Apanho todos os dias o autocarro das cinco e meia.

– Falta quase uma hora.

Não respondi. Continuei a andar.

– Estás a pensar ficar por aí, à chuva, durante uma hora? – perguntou-me, pondo-se à minha frente e obrigando-me a parar.

Estávamos ambos encharcados e tive de desviar os olhos para me impedir de admirar a maneira como o cabelo molhado se lhe agarrava à testa.

Tinha um cabelo lindo. E também cheirava lindamente. Um aroma que não conseguia ignorar porque ele estava mesmo muito perto de mim. Desodorizante *Lynx*, relva acabada de cortar e ele todo envolvido naquilo.

Eu estava a brincar com quem, ele era lindo em tudo.

Consegui que a minha cabeça voltasse ao presente e encolhi os ombros, o Johnny soltou um resmungo impaciente e continuou a fitar-me.

– Anda – disse ele. – Levo-te a casa.

Oh, não. Santo nome de Jesus, não.

– Não. – Abanei a cabeça com força. – És muito generoso.

Levantou uma sobancelha e invadiu todo o meu espaço pessoal com a sua figura enorme.

– Porque não?

– Porque já me levaste a casa – respondi-lhe, dando um passo atrás.

– E então? – contrapôs, dando mais um passo na minha direção.

– Então, já chega – Baixei a cabeça e tentei contorná-lo – Obrigada, de qualquer maneira.

Mais uma vez, o Johnny bloqueou-me o caminho, travando-me. E, tal como antes, tive de esticar o pescoço para olhar para ele.

– Preferes ficar à chuva, durante uma hora, em vez de aceitares a minha boleia? – perguntou-me, com olhos selvagens e doces. – Porquê?

Porque a tua namorada, ou lá o que é, talvez me possa causar danos corporais graves. Porque, da primeira vez que entrei num carro contigo, acabou mal. Porque, da segunda vez que entrei num carro contigo, quase te contei os meus segredos.

E, sobretudo, porque a maneira como me fazes sentir me assusta.

Quando não respondi, porque honestamente não podia, o Johnny voltou a resmungar qualquer coisa e, dessa vez, pareceu-me frustrado.

– Estás chateada comigo?

– Chateada contigo? – Abanei a cabeça, de olhos muito abertos. – Não! Não! Claro que não.

– Então, porque é que estás assim?

– Assim como?

– Andas a evitar-me – disse ele, muito calmo.

– Não, não ando – menti-lhe. – Eu só... eu só...

– Tu só o quê, Shannon?

Encolhi os ombros, sem saber o que dizer.

Ele abanou a cabeça, deixou cair a mochila no chão e, estendendo

os braços, tirou-me a mochila dos ombros, de ambos os ombros, com toda a facilidade.

Surpreendida, vi-o atirar a minha mochila para o chão, ao lado dele, começar a desaperçar o fecho do casaco de marca e encolher os ombros.

– O qu... o que é que estás a fazer? – perguntei, a bater os dentes por causa do frio.

– O que é que achas? – disse ele, pondo-me o capuz na cabeça e envolvendo-me os ombros com o casaco. – Estás encharcada.

– Mas, assim, ficas sem casaco – disse eu.

– Mas ficas tu com um – insistiu ele. – E agora, vais enfiar os braços nas mangas ou vou ter de ser eu a fazer isso por ti?

Como não me mexi – para dizer a verdade, estava tão atordoada que não conseguia fazer nada senão olhar para ele –, o Johnny pegou nas duas pontas do casaco e apertou o fecho até ao meu queixo, deixando-me com as mãos presas, caídas ao longo do corpo, e as mangas vazias, a balançarem.

Puxou o capuz mais para a frente, para me tapar completamente o cabelo, e depois apanhou as nossas duas mochilas.

– Muito bem – disse ele, assentindo, aprovador, enquanto punha uma mochila em cada ombro. – Vamos! Vou levar-te a casa. A minha mãe já deve estar à espera, no portão.

– A tua mãe? – surpreendi-me.

– Sim – disse ele. – O meu carro está na revisão.

– Mas eu não conheço a tua mãe – protestei. Tentei abrir os braços, para dar ênfase ao que estava a dizer, mas o casaco fechado travou-me os movimentos.

– Conheces-me a mim – respondeu-me.

Abri a boca para dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas o Johnny começou a andar à minha frente, com a minha mochila ao ombro.

– Mexe as pernas, Shannon – disse ele, por cima do ombro, sem olhar para mim. – Antes de apanharmos os dois uma pneumonia.

Estava tão perturbada com o que o Johnny tinha acabado de fazer por mim que lhe obedeci. Mexi as pernas.

A andar muito depressa atrás dele para não meter os pés nas poças de água e nos buracos do pavimento. Já era difícil acompanhar-lhe o

passo com uns saltos de cinco centímetros, mas tornava-se ainda pior ao não conseguir manter o equilíbrio por ter os braços presos dentro do casaco.

– Que treta! – gritei, quando calculei mal um salto e meti o pé numa poça de água gelada.

E nem sequer era uma poça normal. Não, era uma poça irlandesa, constituída por uns bons dez centímetros de água da chuva lamacenta e gelada. Os meus sapatos ficaram imediatamente cheios de água, dificultando-me o andar.

Ao pé-coxinho, libertei um dos braços, pela parte de baixo do casaco, e tirei um sapato. Virei-o para baixo e vi, consternada, a quantidade de água que saiu lá de dentro. A meia também estava encharcada. Tinha as pernas salpicadas de folhas e lama.

Gemi, desesperada, enquanto calçava o sapato e, depois, tirei o outro.

– O que é que estás a fazer? – gritou o Johnny, que já ia muito mais à frente.

– Tenho os sapatos cheios de água – respondi-lhe, também aos gritos e, depois, em voz baixa, não poupei insultos ao clima irlandês. – Não consigo andar com eles assim. Dá-me só um segun... oh!

O sapato escorregou-me das mãos e eu baixei-me para o apanhar. Má ideia, já que estava a equilibrar-me num único pé e tinha os braços presos no casaco.

Mas ainda consegui apanhar o sapato no ar, para voltar a deixá-lo cair quando me desequilibrei. O sapato voou-me da mão e eu voei para trás, tentando, mas não conseguindo, manter-me de pé.

Percebi que era uma causa perdida, por isso, desisti da batalha e preparei o corpo para o impacto que tinha a certeza que iria sentir. Caí para trás, o meu rabo roçou o cimento, antes de se levantar outra vez.

Com uma única mão, o Johnny agarrou a parte da frente do casaco que eu tinha vestido e levantou-me do chão, como se o meu corpo fosse qualquer coisa ridículamente minúscula e leve. Não era. Eu pesava quarenta quilos, mas ninguém diria, olhando para a maneira como ele me pegou, só com um braço.

– Bem apanhada – consegui dizer, finalmente, olhando para cima,

para a cara dele, com um misto de choque e admiração enquanto ele me segurava todo o corpo só com uma mão.

Ele contraiu os lábios.

– Obrigado.

– Bem, definitivamente, és muito melhor a apanhar do que a atirar.

A sorrir, o Johnny pôs-me de pé e, depois, abriu o fecho do casaco e libertou-me as mãos.

– Melhor? – perguntou ele, com as mãos pousadas nas ligeiras curvas da minha cintura.

Não é que eu conseguisse sentir mesmo o calor das mãos dele no meu corpo, até porque havia a roupa a separá-lo da minha pele, mas a verdade é fiquei quente da cabeça aos pés.

Aquilo não era nada bom.

De cara muito vermelha, agarrei-me aos braços dele, equilibrando-me no meu pé calçado, e disse a única coisa em que conseguia pensar naquele momento:

– Não quero que me batam.

As mãos dele apertaram-me mais a cintura e ele olhou-me olhos nos olhos.

– E quem é que te vai bater?

– A tua namorada.

– Não tenho namorada – disse ele, lentamente, com um ar preocupado e confuso. – Sabes que não tenho.

– A Bella.

– Ela disse-te alguma coisa? – perguntou o Johnny, sério, com uma expressão zangada.

Neguei com a cabeça.

Ele levantou uma sobrancelha.

– Não?

– Não – confirmei rapidamente.

– Tens a certeza? – insistiu.

– Absoluta – respondi. – Mas não lhe quero dar razões para isso.

O Johnny olhou fixamente para mim e repetiu o que já tinha dito, com alguns ajustes.

– Ela nunca foi minha namorada, Shannon.

– Sim, bem, mas umas miúdas da minha turma disseram que tu

tinhas...

– Estiveste a falar de mim? – interrompeu-me ele, num tom duro. – Com elas?

– Não! – Abanei a cabeça. – Elas é que estiveram a falar de ti. Comigo.

O Johnny arqueou uma sobancelha, indignado.

– Há alguma diferença?

– Há! – Assenti. – E grande. – Engoli em seco e abanei a cabeça. – Ouve, Johnny, eu não preciso... eu não aguento mais... – Respirei fundo e obriguei-me a olhar para ele. – Não quero que me batam porque tu falas comigo. – As palavras saíram-me rápidas e ofegantes. – Não preciso desse género de problemas na minha vida. Eu não sou de brigas. Tenho de manter a cabeça baixa e passar pela escola sem mais dramas.

Houve uma longa pausa em que nenhum de nós falou.

– Achas que deixo que alguém te bata? – perguntou o Johnny, finalmente, os seus olhos escuros e intensos focados apenas no meu rosto. – Achas que vou deixar que algum mal te aconteça, Shannon *como o rio*?

Olhei para ele, sem saber o que dizer e insegura sobre o que sentia.

Quando não respondi, o Johnny resmungou baixinho e abanou a cabeça, fazendo com que umas gotículas de chuva me caíssem na cara.

– Não vou! – disse ele, respondendo à sua própria pergunta. – Não te vai acontecer nada de mal – acrescentou, os grandes olhos azuis presos nos meus. – Porque não deixo que ninguém te faça mal, OK?

Assenti, insegura.

– OK? – Não parou de olhar para mim, os seus olhos meigos fixos nos meus. – Acreditas em mim?

– Quero acreditar – disse eu, cravando-lhe os dedos nos ombros largos e duros, a reação impotente do meu corpo às palavras dele.

Meu Deus, como eu queria acreditar...

– Boa! – respondeu, aproximando-se, com as mãos a apertarem-me a cintura. – Eu também quero.

Instalou-se entre nós um estranho silêncio, à medida que o ciclo interminável da chuva continuava a cair. Como uma sensação de pressão. Como se o ar tivesse ficado mais fino, à nossa volta.

Ele estava a olhar para mim e parecia irritado e excitado. Era confuso. Fiquei sem saber o que pensar.

Nessa altura, parou ao nosso lado um enorme *Range Rover SUV*, preto, quebrando a estranha tensão e salvando-me de dizer qualquer coisa perigosa. O vidro fumado de uma das janelas desceu e apareceu a cabeça de uma mulher.

– Johnny? – gritou a mulher que estava dentro do *Range Rover*. Era loira e bonita e parecia um pouco horrorizada a olhar para nós. – O que estás a fazer a essa pobre rapariga?

– É a minha mãe – murmurou o Johnny, olhando rapidamente para a mãe e voltando depois a atenção para mim. – Anda!

– Espera! – disse eu, continuando a agarrar-me aos braços dele, com medo que me deixasse cair porque eu continuava equilibrada só num pé. – E o meu sapato?

O Johnny olhou para os meus pés e, depois, para trás de mim. Respirou fundo, pôs-me um braço em volta da cintura, levantando-me do chão, e levou-me até ao SUV. Com uma mão, abriu a porta de trás, com a outra, depositou-me no banco e, depois, voltou a correr ao sítio onde estávamos para ir buscar as nossas mochilas.

– Estou completamente encharcada – disse eu, sentindo-me envergonhada por poder estragar os estofos caros do carro. – A sério, Johnny – acrescentei, quando ele chegou com as mochilas. – Tenho a roupa toda molhada.

Contraí os lábios e depois abanou a cabeça, como se tivesse acabado de ter um pensamento indesejado.

– Mãe, é a, ah... É a Shannon – apresentou-me, parecendo pouco à vontade. Lançou-me um olhar nervoso e, depois, voltou-se para a mãe e, aclarando duas vezes a garganta, acrescentou: – É a minha, hmm... É nova na escola. – Empurrou-me ainda mais para o banco de trás do carro da mãe e atirou as duas mochilas para o meu lado. – Disse-lhe que lhe dávamos boleia para casa.

– Olá, Shannon – disse a mãe dele, voltando-se no banco para me dirigir um sorriso ultraluminoso.

– Shannon, é a minha mãe – anunciou, brusco. – Eu, hmm, vou procurar o teu sapato. – Fechou a porta do carro, deixando-me lá dentro, sozinha com a mãe dele, e afastou-se a correr.

Mortificada, encolhi-me toda, no banco de trás do *Range Rover* da mãe dele.

Bem, aquilo não era estranho. Não era mesmo nada estranho.

Ali estava eu, a tentar não hiperventilar por causa do calor desconfortável que sentia, apesar de ter a certeza de que estava a entrar em hipotermia.

– P-prazer em co-conhecê-la, Mrs. Kavanagh – gaguejei, com os joelhos a tremerem e a esfregar os braços com as mãos. Estava tão incrivelmente fora da minha zona de conforto que não tinha ideia do que fazer. E saber que estava a molhar o interior de couro do carro daquela senhora tão simpática também não estava a ajudar nada. – Obrigada p-ela bolei-boleia.

– Trata-me por Edel, querida – respondeu, a olhar pela janela, distraída. – Mas que raio é que aquele rapaz está a fazer agora?

Murmurando uns resmungos, a Mrs. Kavanagh carregou num dos botões da porta e abriu o vidro da sua janela.

– Johnny! – gritou. – O que é que estás a fazer aí à chuva, tonto? Entra!

– Está à procura de um sapato – disse eu, com a cara a arder – O meu sapato... deixei-o cair. – *Arremessei-o, na verdade.* – Está a tentar encontrá-lo.

A Mrs. Kavanagh voltou-se para me sorrir, mas o sorriso desapareceu e ficou com uma cara preocupada.

– Oh, meu Deus! – exclamou – Estás toda a tremer. Deves estar morta de frio.

Eu estava morta de frio. Estava para lá de morta de frio. O meu corpo tremia violentamente e a roupa encharcada continuava a arrefecer-me a pele.

A mãe do Johnny ligou o aquecimento no máximo e eu gemi de alívio quando uma onda de calor me atingiu a cara. Ela tirou o casaco de malha grossa que tinha vestido e tapou-me as pernas com ele.

– Espera, querida – disse ela, num tom muito suave. – Vais ficar quentinha num instante.

– Mui-muito o-obrigada – respondi, enquanto me sentia morrer um bocadinho, por dentro. Aquele pequeno gesto de bondade tinha sido tão avassalador. – Não quero su-sujar o seu ca-casaco.

– É para isso que as máquinas de lavar roupa existem – respondeu ela, a sorrir.

Uau, a mãe do Johnny era linda. E vestia-se super bem. A sério, a roupa dela era tipo uau. Dos brincos ao cinto, tudo combinava.

Designer de moda, lembra-te, sussurrou-me o meu cérebro. É claro que tem de ter esta aparência fantástica.

De cabelo loiro e olhos castanhos, a Mrs. Kavanagh não era muito parecida com o filho, mas ele tinha herdado dela a estrutura óssea e os lábios cheios. O Johnny tinha razão quanto ao sotaque de Dublin da mãe, era muito acentuado e bastante mais evidente do que o dele.

– Acho que tens um fã – disse a Mrs. Kavanagh, apontando para o Johnny, que andava para cima e para baixo, no alcatrão e nas poças de água, à procura do meu sapato.

Que chatice! Só esperava que não tivesse sido levado pela água. O meu pai ia trepar pelas paredes se eu chegasse a casa com mais uma despesa.

– É uma parvoíce ele andar a esconder-te – continuou a Mrs. Kavanagh, com um sorriso. – Vi-vos no jornal. Bela fotografia, querida. Vocês ficam absolutamente deslumbrantes juntos.

Ela pensava...?

– O quê? Oh, não... Não! – Senti que fiquei completamente encarnada. – Não é nada disso.

– Ah, não? – Sorriu. – Pensei que o Johnny tinha arranjado uma namorada enquanto estive fora.

– Hmm, não. – Contorci-me, desconfortável. – Somos só...

– Amigos? – disse a Mrs. Kavanagh, num tom divertido, sempre com um sorriso nos lábios. – Foi o que ouvi dizer.

Éramos amigos? Não tinha a certeza.

Talvez ele estivesse a tentar desculpar-se.

Assenti e disse:

– Sim, somos só amigos.

– Ah, que pena – respondeu ela, depois de uma longa pausa. – Por um momento pensei que tinhas conseguido o impossível.

– O impossível?

– Distraí-lo do rãguebi.

– Oh. – Juntei as mãos, sem saber o que responder. – Bem, não

consegui – foi tudo o que me ocorreu e repeti: – Somos só amigos.

Quando a Mrs. Kavanagh voltou a falar, estava de sobrelhas franzidas, preocupada:

– Amo o meu filho, de todo o coração, mas, às vezes, gostava que ele se lembrasse de que tem dezassete anos e que devia descontrair-se mais. Devia divertir-se. Apaixonar-se. Quebrar as regras. Ser um adolescente em vez de...

– Uma máquina? – sugeri, em voz baixa.

– Sim – concordou a mãe do Johnny, assentindo. – O que come, os treinos, as viagens, os patrocinadores, tudo isso é... assustador. – Suspirou, sempre de sobrelhas franzidas. – Só queria que ele se soltasse de vez em quando. Eu sei como isto soa, vindo de uma mãe, mas ele é tão controlado. Tudo na vida dele é completamente estruturado e planeado. Para mim, como mãe, é avassalador assistir a isso. Não consigo imaginar o que é ter dezassete anos e viver assim todos os dias. Mas, com o Johnny, tudo é rãguebi, rãguebi e mais rãguebi. Ele come, dorme e respira a pensar no maldito rãguebi.

Abri a boca para dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas a Mrs. Kavanagh continuou:

– Acorda e treina. Vai para a escola e treina. Volta para casa e treina. Vai para a cama e, no dia seguinte, repete a mesma coisa. Sempre igual.

– É muito cansativo – concordei, sentindo-me um bocadinho desconfortável com a visão repentina e profunda que estava a ter da vida dele.

– E é muito cansativo assistir a isso. – Com um pequeno suspiro, tocou na testa e disse: – Só queria que ele encontrasse uma saída para a frustração ou a raiva ou o que quer que seja que tem dentro dele. Tenho medo de que, um dia destes, expluda.

Não sabia o que responder. O meu cérebro estava a esforçar-se para registar todas as novas informações sobre o Johnny.

– Bom, tenho estado a divagar – disse a Mrs. Kavanagh, rindo suavemente. – Desculpa. O meu marido está sempre a chamar-me a atenção para isso.

– Sem problema – respondi, sentindo um arrepio percorrer-me o corpo. – Eu não me importo. – E não me importava mesmo. Sentia-me

estranhamente à vontade a ouvi-la falar.

A mãe do Johnny era querida e simpática, uma pessoa completamente diferente daquilo que eu tinha em casa.

– Conta-me, como é que tu e o Johnny se conheceram? – perguntou-me. – Estão na mesma turma? Como é que ficaram amigos?

– Hmm, não, eu estou no nono ano – respondi, mexendo-me no banco.

– A sério? – Mrs. Kavanagh abriu muito os olhos. – Pensei que eras mais velha.

Sorri ao ouvir o elogio, bem... pelo menos, interpretei aquilo como um elogio. Era raro alguém achar que eu era mais velha do que de facto era.

– Tenho dezasseis. Já devia estar no décimo – expliquei, encantada por parecer mais velha. – Chumbei um ano no ensino básico.

– O Johnny também – disse a Mrs. Kavanagh, com um sorriso afável.

– No sexto ano. – Declarei, assentindo. – Não ficou nada contente.

– Pois não. – Deu uma gargalhada. – Mesmo nada! – Sorriu e acrescentou: – Vocês devem conhecer-se mesmo bem, para ele te ter contado a história de «os meus pais arruinaram-me a vida quando me obrigaram a mudar para cá».

– Nem por isso – dei por mim a explicar. – Para dizer a verdade, acho que o Johnny se ofereceu para me levar a casa para me compensar por me ter atingido no meio do campo de rãguebi.

– O quê? – surpreendeu-se a Mrs. Kavanagh, de olhos esbugalhados.

– Foi um acidente – emendei, rapidamente. – Ele não fez de propósito. Se alguém teve culpa, fui eu. Eu é que fui a culpada. Distraí-o. Mas, depois, ele tratou de mim. – Respirei fundo e acrescentei: – Foi muito querido.

– E quando foi esse acidente?

– Ah, já foi em janeiro – expliquei e, automaticamente, levei a mão à nuca. – Os médicos, no hospital, disseram que estava tudo bem e o inchaço já desapareceu há algum tempo, mas o Johnny anda sempre a tentar compensar-me desde essa altura.

– Ah sim?

– Acho que ele ainda se sente responsável pelo que aconteceu – disse eu, encolhendo os ombros. – Mas ambos sabemos que ele não fez de propósito. Nenhum de nós fez de propósito. Foi um acidente. Mas já está tudo bem agora.

– Mas ele tem mesmo de se sentir responsável! – A cara da Mrs. Kavanagh estava lívida quando murmurou: – Vou castrar aquele irresponsável...

– Oh, meu Deus, não! – gritei.

Pensando naquilo que acabava de dizer, de repente, percebi que aquilo devia ter soado mesmo mal aos ouvidos da Mrs. Kavanagh e, para tentar acalmá-la, esclareci, rapidamente:

– O Johnny atingiu-me com uma pancada. Não me engravidou. – Oh, Deus do céu, quero morrer. – Foi uma pancada – enfatizei, mais uma vez. – Fiquei com um galo na cabeça.

– Como é que foi isso? – perguntou a mãe dele, ainda perturbada e, ao mesmo tempo, aliviada.

Respirei fundo.

– Com as bolas dele.

– Com as bolas? – repetiu, horrorizada. – O Johnny atingiu-te com as bolas?

– Com a bola – emendei, mexendo-me no banco. – Só com uma bola... – calei-me para não criar ainda mais confusão.

– Bolas? Inchaço? Gravidez? – Mrs. Kavanagh respirou profundamente. – Shannon, querida, explica-me exatamente o que aconteceu, antes que eu tenha um ataque cardíaco.

– Não estou grávida! – disse eu, sentindo a necessidade de deixar isso muito claro. – Nunca estive grávida – acrescentei, para que não houvesse dúvidas. – Nem do Johnny nem de ninguém.

– É bom saber – respondeu a mãe dele, com um tom menos sombrio. – Agora, conta-me o que aconteceu, exatamente.

– Oh, meu Deus... – Pousei as mãos na cara, que estava a ferver, e respirei fundo, antes de voltar a falar: – Mudei de escola, para o Tommen, depois das férias do Natal. Era o meu primeiro dia e estava atrasada para uma aula, por isso, atravessei o campo onde havia um treino de rãguebi. O Johnny deu um pontapé na bola e atingiu-me com ela, na parte de trás da cabeça. Caí e bati com a cabeça no chão.

Devo ter batido numa pedra ou assim porque desmaiei. Não sei bem o que aconteceu, mas o Johnny levou-me à enfermaria e ficou sempre comigo até a minha mãe chegar à escola. E depois a minha mãe levou-me ao hospital, para eu ser observada. – Respirei fundo, a tremer, e acrescentei: – Foi isso.

Mrs. Kavanagh olhou para mim durante um longo e desconfortável momento enquanto me avaliava. Imagino que, por fim, tenha percebido que eu estava a dizer a verdade porque tinha a voz embargada de emoção quando me perguntou:

– E estás mesmo bem?

– Estou! – Assenti, aliviada por ter esclarecido aquele desastroso mal-entendido que tinha provocado. – Foi só uma concussão moderada.

– Oh, meu Deus – disse ela. – Shannon, querida, lamento imenso.

Inclinando-se, pegou numa carteira de marca que estava no chão do carro e abriu-a.

– As tuas contas do hospital – começou a dizer, num tom distraído, enquanto remexia dentro da carteira. – Sabes quanto foi? Raios, deixei o porta-moedas em cima da bancada da cozinha. Dá-me o número de telefone da tua mãe. – Continuou a remexer o interior da maravilhosa carteira. – Porque é que a escola não me contactou?

– O quê? – gaguejei, abanando a cabeça. – Não, não, Mrs. Kavanagh. Está tudo bem. Não há contas. Eu fui a um hospital público.

Olhou para mim durante um longo momento e depois largou a carteira.

Ainda bem, porque eu tinha a mão no fecho da porta e estava à beira de sair daquele carro, com sapato ou sem sapato.

– Bem, lamento muito o que te aconteceu, Shannon – disse ela, finalmente, voltando a pousar a carteira no chão do carro, do lado do pendura. – Mas, ainda assim, gostava de falar com os teus pais para lhes pedir desculpa. Se calhar, posso fazer isso quando te deixar em casa...

– Não é preciso – disse eu, a sentir o peito a contrair-se de pânico e o sangue a gelar-me nas veias. – A minha mãe está a trabalhar, não vai estar em casa, e o meu pai não... não... Por favor, não é preciso... ele

não... – As palavras enrolavam-se na minha língua e tive de respirar fundo para conseguir dizer: – Não é preciso, a sério.

A Mrs. Kavanagh mordiscou o lábio inferior e olhou para mim. Estava com uma expressão muito preocupada.

– Shannon, querida, eu não...

Nesse exato momento, a porta do lado do pendura abriu-se, surpreendendo-nos a ambas e fazendo com que a Mrs. Kavanagh, felizmente, se calasse.

– Está imenso frio! – disse o Johnny, ao entrar no carro, a sacudir-se, espalhando gotas de água por todo o lado. – Acho que está na altura de fechar as escotilhas e ir buscar os botes de borracha, meninas. Está um tempo horrível.

– Diz o génio que passou meia hora a correr de um lado para o outro, debaixo desta tempestade – troçou a mãe dele. – Estamos em alerta laranja, sabias? O quarto, este mês.

– Já sabes que eu não sou de desistir, mãe – respondeu-lhe o Johnny, mostrando o meu sapato como se fosse um troféu. Voltou-se no banco, para olhar para mim e, levantando uma sobrancelha, disse: – Queres um conselho para a próxima vez que fizermos isto? – Falou num tom sério, mas os olhos riam-se, ao mesmo tempo que a água lhe escorria do cabelo colado à testa. – Não tires os sapatos dos pés.

Piscou-me o olho, pôs-me o sapato no colo e, virando-se, apertou o cinto de segurança.

– Desculpa – murmurei, muito corada.

Peguei no sapato molhado e, a custo, calcei-o, sentindo um arrepio quando me tocou no pé.

– Obrigada por teres encontrado o meu sapato.

– Bem, a melhor maneira de me agradeceres é aprenderes a não os tirares – disse ele, em tom de brincadeira.

Corei ainda mais.

– Hmm, OK.

– Porra, isto já é chuva a mais para março.

– Atenção à linguagem! – disse a Mrs. Kavanagh, pondo o carro a trabalhar e começando a andar. – E que história é essa de teres magoado a Shannon?

O Johnny voltou-se para mim com uma cara que dizia: «A sério?».

Afundei-me mais no banco de trás do carro.

– Então?

– Porra, mãe!

– O que é que eu te disse sobre a linguagem? – disse a Mrs. Kavanagh. – Vê se te controlas.

– Por amor de Deus. – O Johnny deixou-se cair contra o encosto da cabeça e gemeu. – Já levei que chegue na cabeça do Twomey, do Lane, do treinador e da mãe da Shannon. Também tu não, por favor.

– E então? – perguntou a Mrs. Kavanagh, lançando um olhar rápido ao filho e, depois, voltando a concentrar-se na estrada. – Não achas que me devias ter dito?

– Desculpa – disse eu, apertando as mãos, ansiosa. – A tua mãe pensou que eu era tua... que nós éramos... que tu... as tuas bolas grávidas... Ai! – Aclarando a garganta, murmurei: – Desculpa.

O Johnny voltou-se para mim, a sorrir.

– As minhas bolas grávidas?

– Não, a minha gravidez e as tuas bolas – disse eu e encolhi-me ao ouvir-me dizer aquilo. – Esquece.

Ignorando as minhas trapalhadas, o Johnny voltou-se para a mãe e disse:

– Foi um acidente. Ela estava no campo, durante um treino. Só a vi quando a bola lhe bateu na cabeça.

– Sim, já sei. A Shannon contou-me – respondeu a Mrs. Kavanagh.

– Espero que lhe tenhas pedido desculpa, Johnny.

– Mas é claro que pedi – protestou ele, os ombros tensos.

Do meu lugar, no banco do meio, vi-o passar a mão pela coxa, a coxa lesionada.

Abanou a cabeça e respirou profundamente, murmurando:

– Ando a pedir-lhe desculpa desde essa altura.

– Ainda assim, gostava de ter sabido.

– Bom, agora já sabes – disse ele. – Foi um acidente. Não fiz de propósito, não ando para aí a atirar bolas à cabeça das raparigas.

– Não sejas tão suscetível, Johnny – disse a mãe dele, suavizando o tom. – Ninguém te está a acusar de teres feito de propósito, querido.

– OK – murmurou. – Vamos parar com isto, mãe.

Parecia agitado. Não, era mais do que isso. Parecia estar com

dores.

E quase de certeza que estava.

De repente, na minha cabeça, surgiu a recordação da nossa conversa, no carro dele, com todos os pormenores.

Não está a curar-se suficientemente depressa.

É uma porra de uma complicação.

A minha perna não é o problema.

Esquece que te contei isto.

Fiquei preocupada com ele e perguntei-me se a mãe saberia que ele tinha aquelas dores.

Duvidava que soubesse.

Apesar de ter acabado de a conhecer e de pouco ter falado com ela, não me parecia o género de pessoa que permitisse que o filho fosse exposto a qualquer perigo.

– Não é por aqui – disse o Johnny, quando a Mrs. Kavanagh virou à esquerda, no cruzamento, em vez de ir em frente e entrar na via rápida. – A Shannon vive em Ballylaggin, na outra ponta.

– Oh, eu sei, querido – disse Mrs. Kavanagh. – Mas achei boa ideia convidarmos a Shannon para o chá.

– Chá? – repeti.

O Johnny suspirou profundamente.

– Mãe.

– Bebes chá, não bebes, Shannon? – perguntou Mrs. Kavanagh.

– Hmm... sim?

– Mãe – disse o Johnny, em voz baixa. – O que é que estás a fazer?

– As meninas foram ao veterenário e só vou buscá-las às sete – explicou a Mrs. Kavanagh. – São quase cinco horas. Não faz sentido nenhum ir agora levar a Shannon a Ballylaggin e depois ter de voltar a fazer o mesmo caminho para ir buscar as cadelas.

– Então, vai buscá-las já – sibilou ele, tenso.

– Não posso – disse a Mrs. Kavanagh, animada. – Deixei o porta-moedas em casa.

– Mãe, não – disse o Johnny, em tom de aviso, abanando a cabeça.

– Ela quer ir para casa.

– A Shannon não se importa de pararmos em casa, durante uma hora, antes de a irmos levar – respondeu a Mrs. Kavanagh.

– Nem sequer lhe perguntaste – disse o Johnny.

– Shannon? – chamou a Mrs. Kavanagh. – Importas-te, querida?

Diz que sim, Shannon.

Diz-lhe que te importas.

Se ele descobre, mata-te.

Sabes que isto não está certo.

Este rapaz não é seguro para ti...

– Não, não me importo – disse eu, dilacerada entre o medo e a curiosidade que sentia. – Por mim, não há problema.

– Estás a ver? – disse a mãe dele, a rir, fazendo-lhe uma festa na cara. – A Shannon não se importa, querido.

O Johnny voltou-se para trás e pediu-me desculpa com o olhar. Eu não sabia o que dizer ou fazer, por isso encolhi os ombros e sorri-lhe, sinceramente. Ele olhou para mim durante um longo momento, depois respirou fundo e voltou-se para a frente.

Oh, meu Deus.

Oh, meu Deus.

Oh, meu Jesus Cristo...

Respira, Shannon, respira...

Fiquei quieta e calada a ouvir o Johnny e a mãe conversarem, e só falava quando algum deles me perguntava alguma coisa. Era estranho, desconfortável e eu não conseguia abstrair-me da presença dele, o que me deixava o corpo em alerta máximo. Para quê, não sei dizer. Mas sempre que estava perto do Johnny, tinha dificuldade em respirar.

Depois de termos andado uns minutos por uma estreita estrada secundária, parámos junto aos já meus conhecidos portões de ferro preto. A Mrs. Kavanagh baixou o vidro, pôs o braço de fora e marcou o código. E tal como já tinha acontecido quando ali tinha ido com o Joey, há pouco mais de uma semana, os portões abriram para dentro.

Concentrei-me na minha respiração e tentei não pensar naquela casa tão bonita e em como me sentia inferior por estar, mais uma vez, prestes a entrar nela.

– Bem – disse a Mrs. Kavanagh, parando o carro à frente da enorme porta. – Leva a tua amiga para dentro, querido, e arranja qualquer coisa quente e seca para ela poder mudar de roupa.

Parou o carro e tirou o cinto de segurança.

– Preciso só de fazer uma chamada de trabalho rápida e, a seguir, arranjo-vos qualquer coisa para o lanche.

– Mãe – começou o Johnny a dizer, mas a Mrs. Kavanagh saiu do carro e foi a correr abrir a porta.

Atordoada, limitei-me a ficar a ver a Mrs. Kavanagh desaparecer dentro de casa, deixando-nos sozinhos no carro.

– Peço muita desculpa por isto – disse o Johnny, distraíndo-me do meu tumulto interno. Virou-se no banco, para olhar para mim. – Não fazia ideia de que a minha mãe ia fazer isto.

– Não faz mal – respondi, apertando muito as mãos uma na outra. – A tua mãe é muito simpática.

– É fantástica – murmurou o Johnny, baixinho, olhando para a casa, por cima do ombro. – E a tua mãe?

Levantei as sobrancelhas.

– O que é que tem?

– Precisas de ir para casa? – perguntou, encolhendo-se um pouco, com evidente desconforto. – Para a ajudares ou assim?

– A minha mãe está a trabalhar – declarei, calmamente.

– Claro! Já me tinhas dito – disse ele, passando a mão pelo cabelo molhado. – E tu, estás bem?

Assenti.

– E também já me tinhas dito isso – murmurou, abanando a cabeça. – Merda, pediste-me para não falar no assunto.

– Pois foi – sussurrei.

– Acabou – prometeu. – Não volto a tocar no assunto.

Sorri-lhe.

– Obrigada.

Ele olhou para mim durante um longo momento, como se estivesse a tentar lembrar-se de qualquer coisa, e depois respirou profundamente.

– OK. Agora, é melhor entrarmos.

– Eu não preciso de entrar – disse eu, sentindo-me estranha e insegura. – Posso esperar aqui se preferires.

– O quê? Não! – Saiu do carro e foi abrir a minha porta. – Não quero que esperes aqui.

– Tens a certeza? – perguntei, com o coração a bater muito

depressa.

O Johnny assentiu, mas parecia tão inseguro como eu.

– Quero que entres, Shannon.

– Queres?

– Quero.

Respirei fundo, saí do carro e olhei para cima, para a cara dele, sentindo-me muito pequena e muito perdida. Precisava que ele me guiasse. Estava em território desconhecido. Não sabia o que fazer.

– Anda – disse o Johnny, por fim, assumindo o controlo da estranha situação em que estávamos, quando me pegou no cotovelo e me tirou da chuva.

Quando entrámos em casa, o Johnny largou-me e fechou a porta atrás de nós.

Fiquei ali de pé, no enorme vestíbulo da entrada, a fazer um esforço para não olhar para a mesa antiga, encostada a uma parede, ou para o bengaleiro, com ar de ter sido caríssimo, logo ao lado da porta, e tentei com toda a força fingir que não reparava no relógio de pé, nem nos vários quadros que revestiam as paredes cor de marfim.

Quando o Johnny tirou os sapatos, imitei-o imediatamente, não querendo enlamear os mosaicos pretos e brancos, perfeitamente reluzentes.

Tinha estado naquele mesmo vestíbulo havia pouco mais de uma semana, mas estava tão nervosa que não reparara em nada. Ainda estava nervosa. Talvez até mais, desta vez.

Mas de uma maneira diferente.

Não estavam ali o Joey ou o Gibsie para me distraírem. Éramos só o Johnny e eu. E a mãe dele.

Oh, meu Deus...

Mães intrometidas

JOHNNY

Havia qualquer coisa muito errada comigo.

Andar vinte minutos a correr, debaixo de uma chuva torrencial, por causa de um sapato era um bom indício de que aquela miúda estava a fazer-me perder a cabeça.

Ver a Shannon a correr, no campo de basquete, provocou dentro de mim uma enorme necessidade de a proteger de ser pisada e percebi que o meu problema era muito maior do que pensava. Senti vontade de entrar no campo e dizer aos colegas que se afastassem dela.

Durante toda a semana passada, portei-me como um perseguidor enlouquecido, sempre à procura dela nos corredores e a ficar cada vez mais agitado porque ela não aparecia. Pedi ajuda aos meus amigos na esperança de poder acabar com qualquer porcaria que lhe estivessem a fazer sem eu saber, e deixei muito claro que quem se metia com ela metia-se comigo.

Graças a Deus, tinha voltado à escola porque eu já andava a pensar em ir a casa dela saber o que se passava. Desde que o irmão a levou, todos os minutos foram de preocupação.

Não sabia porque é que me estava a portar assim. Só sabia que, dentro de mim, havia qualquer coisa que me mandava protegê-la. Não fazia ideia do que era ou porque é que estava a sentir aquilo, mas era tão forte que quase conseguia sentir-lhe o sabor.

Não sabia como lidar com o aborto da mãe dela. Não fazia ideia de como podia confortá-la sem exagerar. Parecia que começava a ter esse hábito quando se tratava daquela miúda. Sabia que precisava de me afastar. Mas não conseguia.

A minha reação a ela ainda foi maior quando a vi à chuva, pequenina e insegura, e, sem pensar duas vezes, fui ter com ela. Era evidente que não queria que a levasse a casa, mas insisti. Fiz mais do que insistir. Peguei nela e pu-la dentro do *Range Rover* da minha mãe,

demasiado perturbado com os meus sentimentos para ser capaz de dar um passo atrás e ouvir.

Sim, foi uma atitude estúpida.

Não lhe devia ter tocado. Quer fosse para a ajudar ou não, não era a maneira certa de lidar com aquela miúda.

A pior parte foi perceber que, se minha mãe não tivesse aparecido quando apareceu, tinha havido uma grande probabilidade de eu a ter beijado.

Eu queria beijá-la.

Queria muito.

E isso era para lá de aterrador.

Pior ainda foi a intrometida da minha mãe ter lixado tudo ao resolver trazer a Shannon cá para casa. Deixou o porta-moedas em casa uma porra! Anda sempre com um dos cartões de crédito no bolso. Fez de propósito!

Eu sabia. E a minha mãe também.

A única pessoa que não sabia, graças a Deus, era a Shannon.

E, agora, ela estava ali, na minha casa, com aqueles grandes olhos solitários, à espera de que eu fizesse alguma coisa e eu estava completamente lixado.

– Queres ir para o meu quarto? – perguntei-lhe porque, muito francamente, que raio é que podia fazer senão aquilo?

Levá-la para a cozinha e deixar que a minha mãe a bombardeasse com cinquenta mil perguntas?

Não, porra!

Já que estava ali, estava ali comigo.

Era minha e não a queria partilhar com ninguém.

– Hmm, OK? – respondeu, nervosa, e pareceu mais uma pergunta do que uma afirmação. – Se é isso que queres que eu faça.

Valha-me Deus, ela tinha de parar de me perguntar o que é que eu queria que ela fizesse. Se continuasse assim, eu corria o risco de fazer uma estupidez e dizer-lhe a verdade. E, nessa altura, estávamos os dois lixados.

Decidi que era mais seguro não lhe responder, por isso fiz um gesto, indicando a escada e comecei a andar, mas quando cheguei ao terceiro degrau percebi que ela não vinha atrás de mim.

Quando me voltei, vi a Shannon exatamente no mesmo sítio onde a tinha deixado, a olhar para mim com uma expressão nervosa. Envolvia o corpo com os próprios braços, o longo cabelo castanho, encharcado pela chuva, colava-se-lhe à cara e eu, em toda a minha vida, nunca tinha visto nada tão bonito.

Maldição.

Como é que devia lidar com aquilo? Como é que devia lidar com ela?

– Johnny! – Ouvi a minha mãe chamar-me, do corredor. – Já arranjaste uma roupa para a Shannon vestir? Está encharcada, coitadinha.

– Eu estou bem, Johnny – apressou-se a Shannon a dizer-me. – A sério que estou.

Olhei para ela, pouco à vontade.

Estava toda a tremer e, no chão, a água que lhe pingava da roupa já tinha feito uma pequena poça.

Deus...

– Anda, por favor – disse eu, voltando atrás. – Vou tratar de ti.

E, então, peguei-lhe na mão e levei-a até à escada, sabendo que era uma péssima ideia, mas resignado a ir em frente, fosse como fosse.

Estava tão, mas tão lixado.

Então, isto é o meu quarto... outra vez

SHANNON

O Johnny Kavanagh deu-me a mão. Ele deu-me a mão e levou-me pela escada acima.

Outra vez.

Para o quarto dele.

Outra vez.

Onde ele dorme. Na cama dele. Se calhar, com muito pouca roupa vestida.

Oh, meu Deus...

Ao contrário da última vez em que tinha feito aquele trajeto com o Johnny, ele caminhava ao meu ritmo, dando-me a oportunidade de apreciar a maravilha absoluta que era a sua casa. A sério, é difícil descrever o impressionante que tudo aquilo era.

Ao contrário da grande cozinha moderna onde eu tinha estado, na semana anterior, esta ala da casa era tradicional e quase... régia? O patamar do andar de cima era todo de madeira e as paredes estavam forradas com um papel lindo, tão suave e brilhante que parecia seda. Tanto quanto sei sobre tecidos e padrões, até podia ser.

Toda aquela casa e o rapaz que estava a dar-me a mão cheiravam a dinheiro. A muito, muito dinheiro.

Era assustador.

O chão rangia um pouco debaixo dos nossos pés enquanto caminhávamos pela ala direita da casa, passando por nada menos do que cinco portas, até chegarmos àquela que eu sabia ser a dele. O Johnny empurrou a porta e entrámos no quarto, sempre de mão dada e o meu coração sempre aos pulos.

Infelizmente, ele largou-me a mão pouco depois e a falta desse contacto fez-me sentir estranhamente triste.

– Bom, este é o meu quarto – disse ele, com um sorriso, fazendo

um gesto que abarcava todo aquele quarto, que continuava desarrumado. – Outra vez.

– E continua a ser um quarto fantástico – disse eu, com um sorriso tímido.

Ele sorriu.

– Não sou muito bom a arrumar.

Nem era preciso dizer.

Sentindo-me muito desconfortável, ali de pé, no meio do quarto, fui até à pilha de DVDs que estava ao lado da televisão, à espera de reconhecer algum dos filmes e poder, assim, começar uma conversa, em vez de ficar ali parada como um manequim. Mas fiquei com a cara a arder quando li o título do DVD que estava no cimo da pilha: *Pussy Pleasure XXX*.

– Foda-se – murmurou o Johnny, quando percebeu para onde é que eu estava a olhar. Com uma rapidez incrível, atirou o filme pornográfico para trás da televisão. – Isto é, ah... – Interrompeu-se, suspirou profundamente e esfregou a cara com a mão. – Desculpa. Não costumo trazer raparigas ao meu quarto. – Franziu a testa, um momento, e acrescentou: – Só a ti.

Sentindo-me desconfortável, respondi:

– Não te preocupes.

– Então... – disse, pensativo.

– Então... – murmurei.

– Isto é muito estranho – murmurou o Johnny.

– Pois é – concordei, sorrindo.

O Johnny reparou no meu sorriso e também me sorriu.

– Aposto que não tinhas planeado passar a tarde aqui presa, hmm?

– Não me importo – disse-lhe e, surpreendentemente, era verdade.

Estar ali adiava a ida para casa, para mais uma noite de drama. E estar ali com o Johnny era assustador, mas no bom sentido. Eu queria estar ali com ele. Queria-o a ele, ponto.

– Então – voltou a dizer o Johnny, mexendo-se, inquieto, enquanto passava a mão pela coxa. – O que é que queres fazer?

– Tanto faz – respondi. – Faço o que tu quiseres.

– Porra. – O Johnny fechou os olhos e gemeu.

– Oh meu Deus, estás bem? – apressei-me a perguntar, percebendo

que ele estava com dores.

- Está tudo bem – garantiu-me.
- Tens a certeza? – insisti, duvidando.

Os seus olhos azuis estavam assustados e cheios de incertezas quando me disse:

- Sinto-me fora da minha zona de conforto, Shannon.
- Queres que me vá embora?

Abanou a cabeça.

- Tens a certeza?

Assentiu lentamente.

- Quero que fiques.
- OK – disse eu.

Respirando a um ritmo constante, envolvi o corpo com os braços e fui até à enorme secretária onde estava uma grande pilha de livros escolares.

- És bom aluno? – perguntei, olhando para ele por cima do ombro.
- Sou normal – respondeu o Johnny, atrás de mim.
- És dos que não entram em pânico?

O Johnny deu uma grande gargalhada.

- Não. – Aproximou-se de mim, a rir. – Definitivamente, não.

Com a cara a arder, mantive a atenção na secretária, passando o dedo pelas folhas de apontamentos e pelos livros, ao mesmo tempo que os meus olhos vagueavam pelo quadro de cortiça pendurado por cima, na parede.

– Uau! Conheces uma data de gente famosa – murmurei, o olhar a saltar de fotografia em fotografia do Johnny com uma data de celebridades e atletas. – Qual destes é o teu herói?

Presumi que um deles seria.

Ele era um rapaz adolescente. E todos os adolescentes têm um herói.

O Johnny estendeu a mão e tirou uma das fotografias do quadro. A tacha que a prendia caiu em cima da secretária.

– Estás a ver esta? – perguntou, com o braço à minha volta para eu poder ver a fotografia.

Respira, Shannon, respira...

Obriguei-me a concentrar-me na pergunta e não na maneira como

o meu corpo reagia à sua proximidade, e olhei para a fotografia.

– Estou – murmurei, olhando para a única fotografia onde não estava nenhuma celebridade.

Reconheci imediatamente a deslumbrante mulher loira deitada na manta de piquenique, estendida na relva, como a versão mais jovem de Mrs. Kavanagh. Estava com uns enormes óculos escuros que lhe escondiam os olhos e um grande chapéu branco na cabeça, a sorrir para um homem.

O homem em questão – um homem bonito que parecia uma versão mais velha do Johnny – estava de pé, ao lado dela, com um rapazinho de cinco ou seis anos às cavalitas.

O rapazinho estava vestido com uma camisola de riscas azuis e brancas e calções brancos. Tinha o cabelo completamente despenteado e segurava orgulhosamente uma bola de rãguebi, a sorrir, desdentado.

– É a minha fotografia favorita – disse o Johnny, desviando-me dos meus pensamentos. Bateu com um dedo na fotografia. – E ele é o meu herói.

– O teu pai? – murmurei, de olhos colados na fotografia. – Esse és tu com a tua mãe e o teu pai?

– Sim – respondeu o Johnny. – Os três juntos.

– E é a tua favorita porque estás com os teus pais?

O Johnny encolheu os ombros e esse movimento fez com que o peito dele roçasse nas minhas costas.

– Em parte, é por isso, sim.

Tremi involuntariamente.

– E qual é a outra parte? – perguntei.

– Porque é uma fotografia verdadeira.

– Verdadeira?

– Inocente. Boa. Pura. Antes dos holofotes – explicou. – Quando tudo o que me interessava era uma bola e os meus pais.

– Oh – exclamei, olhando para aquele rapazinho que parecia ser a criança mais feliz do mundo. – Bem, eras um miúdo lindo.

– Era? – disse o Johnny, em tom de brincadeira. – Quer dizer que já não sou?

– Hmm, não... quer dizer, sim, claro... eu não... Hmm... agora tens os dentes todos – engasguei-me, sentindo-me tonta por estar a dizer o

que pensava em voz alta.

O Johnny riu-se.

– Estava a brincar contigo, Shannon.

Envergonhada, pousei a fotografia na secretária e afastei-me, precisava de pôr um pouco de espaço entre nós. Não conseguia pensar quando estava tão perto dele.

– Jogas *GTA*? – perguntei, entusiasmada, ao ver a PlayStation no chão.

– Jogo. – Olhou para mim com curiosidade. – Tu também?

Assenti.

– Sou incrível.

Ele levantou uma sobrancelha.

– Ah, sim?

– Hmm, hmm. – Eu era péssima em quase tudo, mas era extraordinária a jogar *GTA*. – O Joey tem o *Vice City* e o *San Andreas* e eu limpei os dois.

Levantou as sobrancelhas, surpreendido.

– Numa semana.

Abriu a boca.

– Não!

– Sim! – Assenti, sorrindo, orgulhosa. – Sou a melhor.

O Johnny inclinou a cabeça para o lado e sorriu-me, curioso.

– Queres jogar?

Sorri.

– Se quiseres.

Ele sorriu.

– Achas que és assim tão boa?

– Não acho, sou! – respondi e, por uma vez na vida, tive confiança ao dizer aquilo.

Ser excelente a jogar *GTA* não dizia muito sobre mim como pessoa, mas era melhor do que não ser boa em nada.

– Bom, minha menina, é bom que te prepares para engolir o que disseste – disse o Johnny, com um sorriso. – Porque não há jogador melhor do que eu.

Ri-me.

– Vamos a isso, meu menino.

O Johnny abanou a cabeça, divertido com a minha fanfarronice, e preparou o jogo.

– Nada de cartões de memória – disse ele, por cima do ombro. – Começamos do zero e quem completar mais missões antes de morrer, ganha. E as meninas começam.

– Sou eu – respondi, aceitando o comando que ele me passava.

– Porque és menina?

– Porque sou a melhor.

– Queres, hmm... – Coçou a cabeça e apontou para a cama. – Queres jogar aqui?

– Na tua cama? – perguntei.

Encolheu os ombros, tão inseguro como eu.

– Ou nos pufes, se preferires?

– Hmm, sim, OK – respondi. Aproximei-me dos pufes de couro que estavam no chão, ao lado um do outro, mas hesitei e olhei para trás, para ele. – Se quiseres...

– Senta já esse rabo, pequena Lynch, para eu te ganhar num instante – interrompeu-me o Johnny, num tom divertido.

Afundi-me num dos pufes e lancei-lhe um olhar de vitória.

– Põe-te confortável – disse eu, quando ele se sentou no pufe ao lado do meu. – Vais ficar aí só a ver. – Cliquei no jogo, carreguei no controlo, concentrei a atenção no enorme ecrã de televisão e murmurei: – Durante muito tempo.



– Sem batota! – gritou o Johnny, uma hora depois. – Isso é fazer batota.

– Não, não é. – Ri-me, enquanto digitava outro código para trazer, outra vez, uma das minhas personagens à vida. – Não disseste nada sobre códigos.

– Isso é que disse – protestou ele, ao meu lado.

– Nada de cartões de memória. Começamos do zero e quem completar mais missões antes de morrer, ganha – disse eu, imitando a voz dele. – Não disseste nada sobre códigos.

– Tu és perigosa – resmungou o Johnny. – E matreira.

– Sou a melhor – disse eu, enquanto completava outra missão. – Tentei avisar-te.

– Bem, nunca esperei que fosses o raio do Bill Gates do *Grand Theft Auto*, não é?

Dei uma grande gargalhada, sentindo-me completamente à vontade com ele, naquele momento.

– Porque sou rapariga?

– Porque eu achava que tu eras doce – disse o Johnny e nem precisei de olhar para ele para saber que estava mal-humorado. Há quase uma hora que estava assim.

Sorri para mim própria.

– Agora, já sei – resmungou. – És um demónio.

Mordi o lábio para não me rir da birra dele e concentrei-me ainda mais no jogo para fugir aos polícias que me perseguiram.

– Como é que fazes isso? – Perguntou o Johnny, ofendido. Inclinou-se para a frente e apontou para o ecrã. – Tens cinco estrelas. Cinco. E ainda não morreste.

Pus o jogo em pausa e voltei-me para olhar para ele.

– És mau perdedor, Mr. Sou Uma Grande Estrela do Râguebi?

A cara dele ficou tão vermelha que me deu vontade de rir.

– Não gostas que uma rapariga te vença? – continuei a provocá-lo, usando as mesmas provocações que faziam o Joey perder a cabeça quando jogávamos juntos. – Não consegues aceitar a derrota como um homem?

– Dá graças a Deus por seres uma rapariga – disse o Johnny, contorcendo os lábios.

– Porquê? – ri-me. – Preferes perder com rapazes?

– Dá cá a porra do comando – resmungou ele, precipitando-se para cima de mim. – O poder está a subir-te à cabeça.

– Não! – gritei, a rir, virando-me de lado, para proteger o comando. – Ainda não acabei... Ahhhh!

– Dá cá isso – disse o Johnny, a rir, tentando passar a mão por baixo do meu braço.

– Nunca! – declarei, no meio de um ataque de riso. – É meu... Para, por favor... Ahhhh, tenho cócegas...

– Shannon, querida, desculpa. A minha chamada de trabalho

demorou mais do que esperava – anunciou a Mrs. Kavanagh entrando no quarto sem bater, fazendo com que eu saltasse do pufe e o Johnny gemesse de desespero.

– Vai à casa de banho e despe essa roupa, que está toda molhada – disse a Mrs. Kavanagh, ao mesmo tempo que punha umas toalhas aos pés da cama. – Vou pôr o teu uniforme na máquina de secar e fica pronto antes de ires para casa.

– Não, não – apressei-me a dizer, empunhando o comando da PlayStation como se isso pudesse afastar a bondade dela. – Estou bem assim... obrigada.

– Que disparate, querida – disse a Mrs. Kavanagh. – Não podes estar mais tempo com essa roupa molhada. Vais ficar doente.

– Mãe! – disse o Johnny, suspirando. Levantou-se e respirou fundo, frustrado. – Deixa-a em paz, pode ser?

– Não sejas mal-educado, Johnny – protestou a Mrs. Kavanagh. – Mostra-lhe a casa de banho e leva lá abaixo o uniforme para eu o pôr a secar.

– Eu estou bem, a sério – insisti, olhando, suplicante, para o Johnny. – Estou quase seca.

Não estava. Estava molhada e com frio, mas tinha-me divertido tanto que até me esquecera da roupa encharcada. Durante uma hora, tinha-me, literalmente, esquecido dos meus problemas, da minha roupa molhada, dos meus pais, de tudo.

No momento em que meu cérebro registou a humidade a infiltrar-se nos meus ossos, tremi por dentro.

Raios!

– A Shannon já disse que está bem, mãe – resmungou o Johnny, olhando, aterrorizado, para a mãe. – Deixa-a em paz. Por favor.

Ignorando os protestos do filho, ela virou-se para mim, a sorrir.

– Um bom duche quente vai aquecer-te, querida.

– Q... quê? – gaguejei. – Não posso tomar banho em sua casa. – *Mais uma vez. Porque é que estavam sempre a mandar-me tomar banho quando estava em casa dele? Valha-me Deus!*

– Claro que podes – respondeu ela, com o sorriso mais caloroso que já vi na vida.

– Mãe, podes sair, por favor? – disse o Johnny. – Agora? Estamos a

meio de uma coisa.

Olhou para o filho, sério.

– A meio de que coisa?

Acenei-lhe com o comando.

– Estou a derrotá-lo, na PlayStation.

– Não – corrigiu o Johnny. – Não está nada a derrotar-me... – Fez uma pausa e olhou para mim. – Ainda não ganhaste. – Voltou-se para a mãe e acrescentou: – Está só armada em boa.

– Pois, pois – murmurei baixinho.

– Eu ouvi! – disse-me ele, a sorrir.

A Mrs. Kavanagh olhou de um para o outro e, depois, sorriu.

– O Johnny é um péssimo perdedor, não é?

– Isso é que não sou!

– Se é! – Ri-me.

– O pai é igual – acrescentou Mrs. Kavanagh. – Devias vê-lo quando perde um julgamento. Não fala durante horas.

– Mãe! – interrompeu-a o Johnny. – Podes ir-te embora? Por favor?

– Já vou – respondeu ela. – Mal a Shannon vá para o banho e tenha uma roupa quente para vestir.

– Ela não quer...

– Sabes que mais, querida Shannon? – continuou ela, ignorando, mais uma vez, o filho. – Devo ter qualquer coisa que te sirva, no meu escritório. – Olhou para mim de cima a baixo e bateu no lábio, pensativa, antes de dizer: – Vestes 32, não?

Assustada, fiquei ali parada, enquanto a Mrs. Kavanagh andava à minha volta, de sobranceiras franzidas, concentrada.

– Mãe! – protestou o Johnny. – Para com isso.

– Não, não – disse a Mrs. Kavanagh, pensativa, ignorando o filho. Aproximou-se mais, pegou na borda da minha saia e franziu os lábios. – És um 32 pequenino. – Passeou os olhos por mim. – Com uma estrutura óssea fantástica. Shannon, querida, é uma pena não seres alta. Serias a mais bonita das mod...

– Por amor de Deus, mãe! – protestou o Johnny, passando a mão, desesperado, pelo cabelo. – A Shannon não é uma boneca.

Os olhos da mãe dele arregalaram-se de excitação, quando disse:

– Queres vir ver se encontramos alguma coisa para vestires, no

meu...

– Não, não quer nada – interrompeu-a o Johnny, pegando-lhe num braço e encaminhando-a para a porta. – A Shannon não é um projeto, mãe, nem o raio de um cabide para pendurar roupa.

– Está bem – suspirou a Mrs. Kavanagh.

– Obrigado – resmungou o Johnny.

Voltando-se para o filho, murmurou:

– E a porta fica aberta, Jonathan – lançando-lhe um olhar duro, antes de sair do quarto a resmungar, baixinho.

O Johnny ficou a vê-la afastar-se pelo corredor e, depois, fechou a porta e deu a volta à chave. Respirou profundamente e virou-se para olhar para mim.

– Mais uma vez, peço muita desculpa pela minha mãe – disse, encolhendo os ombros. – Não sei o que lhe deu hoje.

– Não faz mal – apressei-me a acalmá-lo. – É, hmm... muito simpática.

– Pois é – murmurou. – Mas ainda bem que consegui que não te metesse no quarto onde tem a roupa. – Encolheu os ombros e acrescentou: – Nunca mais de lá saías.

– A sério?

– Ah, sim, sim – murmurou.

– Oh.

– Desculpa aquela cena de ter ficado a olhar para ti, a ver o tamanho que vestias – disse ele, com um ar desgostoso. – A minha mãe queria ter tido uma filha. E, por acaso, até lhes disseram que era uma rapariga. – Sorrindo, acrescentou: – Mas, afinal, saí-lhes eu.

– Um filho jogador de rãguebi com um metro e noventa – disse eu, sorrindo. – Deve ter ficado desiludida.

– Sim. – Riu e depois pôs as mãos na cara, constrangido. – Os meus pais queriam ter tido uma data de filhos, mas não conseguiram. – Coçou o nariz, com cara de quem estava a pensar em qualquer coisa muito pessoal. – Fizeram uma data de fertilizações *in vitro* e coisas dessas. – Encolheu os ombros e apontou para si próprio. – Mas foi só isto que conseguiram.

– Tu – disse eu, com um sorriso.

Fez um grande sorriso.

– Sortudos, hã?

Sim. *Sortudos*.

– A minha mãe passa muito tempo fora, em trabalho – continuou ele a dizer. – Amanhã de manhã, vai outra vez para Londres durante uma data de semanas. Mas, quando está em casa, gosta de se meter na minha vida.

– Isso é bom – disse-lhe. – Tens sorte por teres uma mãe assim.

– Sim – disse, sarcástico. – Claro que tenho!

E tinha mesmo.

O Johnny não fazia ideia, mas, no espaço de uma ou duas horas, a mãe dele tinha-se interessado mais por mim do que a minha própria mãe em meses.

Ou até anos, talvez.

– Ouve, é melhor ires tomar banho e dares-me a tua roupa – disse o Johnny, suspirando. – Caso contrário, a minha mãe volta cá e ninguém a cala com as pneumonias e essa porcaria toda.

Ele estava a falar a sério?

Eu ia, outra vez, tomar banho em casa dele?

– A sério – murmurou o Johnny, como se me tivesse lido os pensamentos. – Desculpa.

– Oh. – Atordoadada, entrelacei os dedos das mãos uns nos outros e encolhi os ombros, insegura. – Hmm, OK?

Ele ficou a olhar para mim e, depois, abanou a cabeça.

– Anda cá.

– Onde?

– Aqui – respondeu-me, fazendo um gesto para que o seguisse até à casa de banho do seu quarto. Como um potro acabado de nascer, fui atrás dele, com as pernas trémulas e desajeitadas. Parei à porta da sua luxuosa casa de banho e fiquei a vê-lo aproximar-se da banheira e abrir o chuveiro.

– Da última vez, hmmm... disseste que tinhas tido um problema – disse ele.

– Disse?

– Hmm, disseste – respondeu-me, com um ar desconfortável. – Falaste, durante o sono, e disseste que o meu duche estava a esquentar.

Corei até às orelhas.

– Oh, meu Deus, desculpa – disse eu, sentindo-me outra vez nervosa.

– Para – disse ele, com um sorriso. – Foi fofo.

– Fofo? – gemi, quase a hiperventilar.

– Hmm, sim! Vou procurar uma roupa para tu vestires. – A cara do Johnny ficou um bocadinho corada quando passou por mim para voltar ao quarto. – Como da última vez.

– Onde é que ponho a minha roupa?

– Atira-ma cá para fora quando estiveres nua... ah, quando estiveres pronta – disse, atrapalhado. – Eu ponho-a na máquina de secar – acrescentou, antes de fechar a porta e de me deixar sozinha na casa de banho dele.

A tremer, sentei-me na tampa da sanita e respirei fundo.

Oh, meu Deus!

Sou virgem

JOHNNY

Estava com um problema do caraças.

Desta vez, os meus problemas não tinham nada que ver com o meu adutor e tinham tudo que ver com a miúda que estava nua na minha casa de banho.

– O que é que foi aquilo? – perguntei quando encontrei a minha mãe, na cozinha.

– Olá, querido! – respondeu-me, continuando a cortar cenouras, sem ligar nenhuma à minha indignação.

– Olá? – resmunguei. – É só isso que tens a dizer?

Pousou a faca na tábua de cozinha e voltou-se para olhar para mim.

– Aquela rapariga é frágil, Johnny. – A minha mãe mordeu o lábio, as sobrancelhas franzidas, preocupada. – Há qualquer coisa nela que me faz querer abraçá-la e acarinhá-la. Aquela tristeza nos olhos...

Sim, conhecia aquela sensação. Conhecia até muito bem a porra daquela sensação.

– E, por isso, obrigaste-a a vir cá para casa? – sibilei. – Explica lá porque é que achaste que era boa ideia?

– Oh, meu Deus – afligiu-se a minha mãe. – Ela não ficou zangada, pois não?

– Não, não, ela está bem – respondi-lhe. – Mas eu não.

Eu estava mesmo muito longe de estar bem.

– O que é que se passa, meu amor?

– O que é que se passa? – quase gritei. – Mãe, encurralaste-me, praticamente! Qual foi a ideia de a trazeres cá para casa?

– Vocês estavam a divertir-se lá em cima – disse a minha mãe, com um sorriso. – Ela estava a ganhar-te o jogo, hã?

Pois estava. A Shannon estava a dar-me uma sova no *GTA* e a arruinar várias partes da minha anatomia.

Não sei como é que acabei por ser derrotado por aquela miúda do tamanho de uma ervilha, mas foi isso que aconteceu. Era muito *sexy* vê-la a dominar completamente a PlayStation. A sério, a destreza dela com os comandos e o facto de me ter derrotado só a tornavam ainda mais *sexy*.

Ela era perfeita.

Estava tão apanhado que podia ter ficado ali toda a noite, só para estar com ela.

Mas, de repente, a minha mãe teve de dar cabo do clima e tornar tudo, outra vez, estranho e tenso.

Jesus, ela estava nua no meu quarto. Nua.

Não conseguia aguentar aquilo. Porque o que eu mais queria era estar também nu, com ela. Eu só tinha dezassete anos. Duvido que um homem com o dobro da minha idade conseguisse resistir a uma tentação daquelas. Abanei a cabeça e respirei fundo.

– Porquê, mãe...? Porque é que me fizeste isto? E isto... – Peguei na camisola dela e sacudi-a no ar. – Porque é que a fizeste tomar banho cá?

– Ela tomou banho?

– Está a tomar agora, na minha casa de banho.

– Oh, ainda bem.

Ainda bem?

– O que é que estás a tentar fazer-me, mãe? – perguntei. – Porque é que fazes isto?

– Ela estava toda molhada! – defendeu-se a minha mãe. – E tu também – acrescentou, com um olhar preocupado. – Vai mudar de roupa antes que apanhes uma pneumonia.

– Já vou – resmunguei. – Quando me disseres porque é que me lixaste.

– Mas eu não te lixei, Johnny – respondeu a minha mãe. – Não sejas tão dramático.

– Sabias que eu tinha uma sessão com o meu PT hoje à noite.

Desde que fui banido do campo, Jason, o meu *personal trainer*, queria que eu fosse à piscina todas as noites, durante o resto da semana.

E agora?

Agora estava a tentar descobrir como sair de uma situação que só tinha um resultado apelativo.

A Shannon nua na minha cama. Comigo nu, em cima dela. De preferência, dentro dela. Se a porra da minha pila levantasse.

Para, estúpido. Para de pensar nessas coisas!

– Sabias que tinhas de me ir levar porque estou sem a porcaria do meu carro – protestei, frustrado. – E agora? Agora tenho uma miúda nua, no meu quarto, mãe. O raio de uma miúda nua e aqui estou eu, com a roupa dela na mão.

Aproximei-me, atirei com o uniforme molhado da Shannon para cima da bancada e olhei para ela.

– Que género de mãe é que faz isto ao próprio filho?

– Bom, estás cá em baixo, comigo – respondeu a minha mãe, muito calma, dando-me umas palmadinhas na cara. – Por isso, eduquei-te bem.

– Mãããe – gemi.

– Achei que precisavas de descansar – suspirou. – Pareces tão cansado, meu querido.

Dai-me forças...

– E estavam a divertir-se tanto – acrescentou, com um grande sorriso. – Há anos que não te via assim tão descontraído.

Verdade. Mas a questão não era essa.

– E o meu carro? – perguntei. – O que é que faço sem o meu carro?

– O teu pai vai buscá-lo, esta noite, a caminho de casa – respondeu ela. Tinha o raio de uma resposta para tudo. – O julgamento foi interrompido, por isso ele vai cá estar esta noite e, amanhã de manhã, leva-me ao aeroporto. – Olhou para o relógio e sorriu, feliz. – Deve estar quase a chegar. Saiu de Dublin há três horas.

Normalmente, quando a minha mãe me chateava, o meu pai suavizava as coisas, mas não desta vez.

Não, porque, desta vez, por muito encantado que tivesse ficado por saber que o meu pai ia chegar a casa naquela noite, a minha mãe tinha ido longe de mais. Tinha-se intrometido num assunto em que eu não queria que ninguém se intrometesse. Tinha-se intrometido nos meus assuntos com a Shannon.

– Porque é que fizeste isto? – repeti.

– Porque acho que vocês andam a fazer coisas às escondidas – disse a minha mãe, a sorrir. – Ficam tão queridos juntos.

– Coisas às escondidas? – disse eu, irritado. – O que é que estás a insinuar? Eu não meto drogas! Estão sempre a fazer-me testes!

– Não, querido – disse a minha mãe. – Coisas às escondidas, no sentido de namorarem às escondidas. – Encolheu os ombros e acrescentou: – Queria que soubesses que acho muito bem que tenhas uma namorada e estava a tentar fazer com que a Shannon se sentisse bem recebida.

Deus do céu!

Esta mulher.

– Bem, garanto-te que não ando a fazer nada às escondidas, nem com drogas, nem com miúdas – respondi-lhe. – Somos só amigos.

– Ela é amorosa, Johnny – continuou a minha mãe. – E parece gostar muito de ti. – Depois, voltou-se para mim e disse: – É difícil arranjares alguém melhor do que ela.

– Sim, mas eu não olho para ela dessa maneira.

Mentira. Mentira.

Mentira descarada.

– É só uma amiga.

Mais mentiras.

– Só isso, mãe.

– Achas mesmo que eu caio nessa, Johnny Kavanagh? – perguntou a minha mãe, contorcendo os lábios. – Sou tua mãe. Fui eu que te trouxe a este mundo e sei sempre quando me estás a mentir.

– Eu não minto – menti.

– Estás a mentir-me neste preciso momento.

– Isso é que não estou!

– Não há problema se estiveres – disse a minha mãe, num tom tranquilizador.

– Somos amigos – disse eu. – Só isso.

– Mas gostas dela? – perguntou a minha mãe, depois de um longo silêncio.

Voltei-me para olhar para ela.

– O quê?

– A Shannon – disse a minha mãe num tom suave e persuasivo. –

Tu gostas dela.

Abanei a cabeça e respirei fundo, mas não respondi. Aquela conversa era para lá de perturbadora.

– Vai com cuidado e tem paciência. Ela é mais nova do que tu e, como acho que sabes, tens de ir ao ritmo dela.

– Mãe, por favor. – Atirei a cabeça para trás e suspirei. – Para com isso.

– A única coisa que te peço é que tenhas cuidado – respondeu a minha mãe. – Não a magoes, Johnny. – Agarrou-me o queixo com as duas mãos e sorriu, triste. – Ela já parece ter desgostos que cheguem.

– Não te preocupes – murmurei. – Não tenciono ir por aí com ela.

– Ir por aí com ela? – perguntou a minha mãe. – Onde é «aí»?

– Uma relação – disse eu. – Sentimentos e essas porcarias.

– Oh, aí. – A minha mãe ficou calada durante algum tempo e, depois, disse: – Não achas que já lá estás, querido?

Deus, esperava que não. Para bem de ambos.

– Ela tem quinze anos – decidi dizer, sem deixar de lado a irritação que sentia por a minha mãe estar a intrometer-se. – Sabes isso, não sabes?

A minha mãe abriu muito os olhos.

– Pensei que tinha dezasseis.

– Não, mãe, tem quinze – sibilei.

– Não, Johnny – respondeu-me, de sobrolho franzido. – Tenho a certeza absoluta de que tem dezasseis.

Abri a boca, espantado.

Merda! A minha mãe tinha razão.

Raios.

– Isso só piora tudo – disse eu, aborrecido. – Neste momento, há uma miúda de dezasseis anos, nua, no quarto do teu filho de dezassete e podia acrescentar: foste tu que a puseste lá!

– Johnny, querido, tens de descontrair...

– E como propões que faça isso? – perguntei. – Quando és tu que pões uma adolescente nua no meu quarto?

– Oh, meu amor – murmurou a minha mãe, preocupada. – Acho que está na altura de termos uma conversa.

– Uma conversa? – quase gaguejei. – Estamos a conversar. Estamos

a ter uma conversa importante, mãe. Sobre a ausência de limites nesta família. Sobre a necessidade de respeitares a minha privacidade!

- Sobre ti e a Shannon.
- Eu e a Shannon o quê?
- Sobre os teus sentimentos.

Fiquei de boca aberta.

- Os meus sentimentos?
- E as tuas intenções, querido – continuou a minha mãe.
- As minhas intenções?

Que porra é esta?

– Sei que estão numa fase inicial e o que te vou dizer ainda é uma coisa que vem longe, para ambos, mas é importante falarmos sobre isso.

Olhei para ela, desconfiado.

- Sobre o quê?
- Sobre sexo, querido.

Abri a boca de espanto.

– Porque é que não ouves o que eu digo? Porque é que ninguém me ouve?

– Eu sei que o pai falou contigo, há uns anos, sobre os pássaros e as abelhas. – Pousou-me uma mão no ombro e levou-me até à ilha. Obviamente, continuava a não ouvir porra nenhuma do que lhe estava a dizer. – Mas, considerando os últimos desenvolvimentos, acho que é boa ideia falarmos do assunto. Só para que fique bem claro que é muito importante levar as coisas devagar.

– Últimos desenvolvimentos? – Sentei-me num dos bancos e olhei para a minha mãe. – Não houve desenvolvimentos nenhuns. Não precisamos de falar sobre coisa nenhuma.

– Mesmo assim... – Encolhendo os ombros, a minha mãe sentou-se no banco ao lado do meu e acariciou-me a coxa. – Não faz mal nenhum refrescar-te a memória.

– Espero bem que estejas a brincar, mãe – disse eu.

– Se calhar, é melhor pedirmos à Shannon que desça, para eu poder falar com os dois sobre isto...

– Nem te atrevas! – disse eu, muito depressa. – Deixa-a em paz.

Já a traumatizaste que chegue!

– Bom, está bem – respondeu-me. – Falo só contigo.

– Não, por favor...

– O sexo é uma coisa maravilhosa, meu querido – disse a minha mãe, naquele tom maternal que me dá vontade de enfiar lápis nos ouvidos. – Quando acontece entre duas pessoas que se amam e que estão comprometidas uma com a outra.

Levantei uma mão.

– Nós somos só amigos.

– Hmm, hmm – brincou a minha mãe, com um sorriso incrédulo. – É o que todos dizem.

– É a verdade – insisti. – É só o que somos.

Deus me valha, até a tua mãe percebe o que se passa contigo...

– É completamente natural querer sentir prazer com um parceiro – continuou a dizer a minha mãe, ignorando os meus protestos. – Quando ambos tiverem idade suficiente para compreenderem completamente o ato do amor.

– Jesus Cristo – gemi. – Para, por favor.

– Mas eu sei como é que estas coisas podem acabar. Nem toda a gente espera, por mais importante que seja esperar... – Parou para olhar para mim, com um olhar cheio de significados. – Quando isso acontece, e espero que seja daqui a muito, muito tempo, é preciso usar preservativo – disse, com ênfase. – Sabes como é que pões um preservativo como deve ser, querido? O teu pai explicou-te como é? Tens de ter a certeza de que o eixo das tuas partes privadas está...

– Não consigo ouvir mais – gemi, desesperado. – A sério, mãe.

– O sexo, na vida real, não é nada como nesses filmes que o Gerard te empresta – continuou a minha mãe. – É importante que saibas que uma mulher também tem necessidades. Na vida real, as raparigas não gritam e não se portam como as estrelas dos filmes pornográficos. E tens sempre de respeitar o corpo de uma rapariga...

– Por favor. – Dei um murro nos olhos com tanta força que até vi estrelas. – Para! Para!

– Estou a tentar ajudar-te, meu amor, para que saibas o que esperar.

– Eu sei o que esperar, mãe – implorei, em desespero. – Não sou uma criança.

A minha mãe voltou-se para mim, de olhos muito abertos.

– Então, já não és...

– Não, mãe. – Deixei cair a cabeça nas mãos e esforcei-me para controlar a vontade de chorar. – Já não sou virgem.

– Oh... OK. Está tudo bem, querido. Está muito bem – disse, num tom forçado. – Presumi que, como nunca trouxeste uma rapariga cá a casa e como nunca falaste de namoradas, que não tinhas parceiras amorosas...

– Se continuas a falar, atiro-me da janela – avisei-a. – Não estou a brincar. Vou lá acima e atiro-me da porra do telhado.

– Eu sei que isto é desconfortável, mas podes falar destas coisas comigo, filho – disse a minha mãe. – Eu também já fui adolescente, sabes – e acrescentou, pousando-me a mão no ombro: – Eu entendo os impulsos do teu corpo e teres uma visão feminina pode ajudar-te.

– Como é que isto ajuda? – perguntei, horrorizado. – Pensei que me amavas. – A minha mãe riu-se, suavemente.

– Claro que te amo!

– Então, porque é que estás a fazer-me isto? – gritei. – Porque é que estás a meter-te na minha vida?

– Porque não sou cega, Jonathan – respondeu a minha mãe, tratando-me pelo meu nome próprio para sublinhar que estava a falar muito a sério. – Vejo a maneira como olhas para a Shannon e a maneira como ela olha para ti.

– Somos só amigos – repeti.

– Estão apaixonados.

Caiu-me o queixo.

– Não estamos nada!

A minha mãe lançou-me um olhar incrédulo.

– Estás a levar as coisas ao ritmo dela?

– Estou a falar a sério, mãe – insisti. – Somos só amigos. Nunca lhe toquei.

O alívio da minha mãe foi mais do que evidente.

– Então, não fizeste, hmm, vamos chamar-lhe o ato, com a Shannon...

– Jesus Cristo, não, mãe! – exclamei, interrompendo-a antes de ela poder causar algum dano permanente no meu cérebro.

– Ah, isso é bom – disse a minha mãe, suspirando de alívio. – És um bom menino.

Um bom menino? Mas eu era algum cão?

E não havia nada de bom naquilo que eu queria fazer com a Shannon Lynch.

– Obrigado por assumires automaticamente que sou um sacana, mãe – disse eu, irónico. – Gostei de saber que a minha mãe não confia minimamente nos meus princípios morais.

– Bem, dizes-me que já não és virgem no mesmo dia em que trazes a tua namorada cá a casa... – protestou a minha mãe. – A primeira rapariga que vejo contigo, aliás. O que é que queres que eu pense? Estava a tentar preparar-te para o futuro.

– Primeiro, pela última vez, mãe, a Shannon não é minha namorada – disse eu. – Segundo, não sou virgem desde o sétimo ano. E terceiro, sei pôr um preservativo, no escuro, e com uma das mãos presas atrás das costas, por isso, não preciso desta conversa sobre sexo, ou de conselhos, ou de nada dessas merdas.

A minha mãe ficou ofegante de horror e eu decidi acalmá-la, brincando.

– Mentira! – Fiz-lhe uma festa na cara. – Sou virgem.

– Sétimo ano – soluçou. – Sétimo ano!

– Não, não, não! – apressei-me a dizer. – Eu sou virgem, mãe. Sou virgem.

– Não – choramingou, abanando a cabeça. – Não és.

Mas que raio é que eu devia fazer? Onde é que estava o meu pai quando eu mais precisava dele?

– Só tinhas catorze anos no sétimo ano – continuou a choramingar.

– Treze – murmurei, enquanto a abraçava e lhe ia dando palmadinhas nas costas.

– Santa Maria, Mãe de Deus! – Começou a chorar tanto que era óbvio que tinha ouvido o que eu disse.

Merda.

Porra.

– Sou virgem – fui dizendo, várias vezes, enquanto a minha mãe chorava, encostada ao meu peito. – Estou a guardar-me para o dia do meu casamento, mãe.

– É o rãguebi – disse, entre soluços, agarrando-me a camisola. – A culpa é do rãguebi.

– Culpa de quê?

– De teres perdido a tua inocência! – disse a minha mãe. Olhou para mim e desatou outra vez a chorar. – Aqueles rapazes com quem tu jogas, são todos mais velhos que tu e é claro que te desviaram.

Não, mãe, a minha pila é que me desviou quando a puberdade apareceu...

– E ela está no teu quarto – choramingou a minha Mã, voltando a encostar a cabeça ao meu peito. – Oh, meu Deus!

– Porque a trouxeste cá para casa, mãe, foste tu, não eu – respondi-lhe, enquanto lhe fazia festas nas costas. – Digamos, por uma questão de argumentação, que eu andava com a Shannon. Coisa que não acontece – apressei-me a esclarecer. – Mas se eu andasse e tu estivesses preocupada com o caminho que a coisa pudesse estar a levar, porque raio é que havias de a trazer cá para casa?

– Porque, quando a convidei a vir cá a casa, ainda achava que tu eras virgem, não é? – protestou a minha mãe, dando-me uma palmada no peito. – Pensei que estavas a viver o teu primeiro amor. Pensei que te estava a apanhar a tempo.

Bem visto.

– Mãe, tenho quase dezoito anos – disse, tentando confortá-la. – Aos dezoito anos, tu já estavas casada com o pai.

– Isso é diferente – soluçou.

– Diferente como?

– Porque tu és o meu bebé – fungou a minha mãe. – Oh, meu Deus, o meu bebé é sexualmente ativo!

– Não, não sou – disse, abraçando-a. – Garanto-te, não ando a fazer sexo. – *Neste momento.* – Não ando, mãe.

– Ao menos, tens cuidado? – perguntou, olhando para mim com aqueles seus grandes olhos castanhos cheios de lágrimas.

– Estava a jogar PlayStation com a miúda – respondi. – Isso não te diz alguma coisa sobre o cuidado que tenho?

– É verdade – assentiu e fungou.

Suspirei.

– Obrigado.

– Então, não tenho de me preocupar, pois não? – continuou a minha mãe. – Tens cuidado? – Fungou. – Usas... oh, meu Deus, preservativo...

– Não, mãe, não tens de te preocupar porque eu não faço sexo com ninguém – disse, insistindo naquela história, e puxando-a para o meu peito. – Fica descansada.

Como raio é que me meti nesta situação? Em que é que a minha vida se ia tornar?

No espaço de um dia, tinha chateado nada menos do que três mulheres. A que me trouxe a este mundo, ao dizer-lhe que já não era inocente. Aquela que me usou, ao dizer-lhe, por mensagem, que fosse ver se chove. E aquela que me andava a fazer perder completamente a cabeça.

Jesus Cristo, a minha pila tinha muito que explicar.

Para dizer a verdade, não achava que tivesse chateado a Shannon naquele dia, mas ainda era cedo, e eu estava a ter sorte, mas a possibilidade de ainda fazer merda com ela era, de facto, grande.

– Mãe – disse eu, depois de a minha mãe estar já há quase dez minutos a fungar contra o meu peito. – Tenho de ir lá acima, ter com a Shannon.

– OK, querido – soluçou. – Não faças nada...

– Não, mãe – prometi, desfazendo o abraço e levantando-me. – Não lhe vou tocar nem com um dedo, porque somos só amigos e eu sou virgem.

– Não és não, que eu sei – respondeu-me. – Mas confio em ti e sei que vais portar-te bem.

– Podes confiar, porque não há nada entre nós – repeti, pela milionésima vez. – Mas preciso de tomar um banho, porque ainda estou molhado, por isso vou usar a tua casa de banho, OK? – Quando cheguei à porta, voltei-me e disse: – Chama-me quando estiver na hora de ir buscar as doidas das tuas cadelas.

– Ah, sobre isso... – fungou.

– Era mentira, não era? – Olhei para a minha mãe, muito sério. – Não tens de ir buscar a *Bonnie* e a *Cupcake* hoje à noite, pois não?

Claro que tinha mentido.

Bastava olhar para a cara dela para perceber que tinha mentido

– És uma intrometida! – acusei-a.

– E tu só pensas em sexo! – respondeu a minha mãe, num tom igualmente acusador.

Mas que porra! Eu ia perder aquela guerra.

Levantei as mãos, rendido, e saí da cozinha a correr, antes de a minha mãe voltar a ter outro ataque de choro.

As consequências de beijar rapazes nos quartos

SHANNON

Tal como da última vez que tomei banho na fantástica casa de banho do Johnny, demorei imenso tempo. Não consegui evitar.

A culpa foi dos jatos. E do gel de banho dele. E do cheiro a ele.

Céus, estava a perder a cabeça.

Quando, finalmente, saí da banheira, enrolei-me numa das enormes e fofas toalhas brancas e suspirei quando o tecido luxuoso me roçou a pele. O Johnny nunca entenderia a sorte que teve ao crescer numa casa como esta, com pais como os dele e toalhas tão macias.

Fiquei ali, no meio da sua casa de banho, durante muito tempo, sem ouvir absolutamente nada.

Sem vozes aos gritos. Sem pés a baterem. Sem maçanetas de portas a fazerem barulho. Sem sentimentos de desgraça iminente.

Só paz.

Quando, finalmente, o frio levou a melhor, sequei-me e voltei a vestir o sutiã. Usar sutiã era uma perda de tempo, já que tinha pouco para tapar e o que tinha era atrevido e ficava levantado por vontade própria.

Muito diferente dos seios que aquelas modelos exibiam orgulhosamente na parede do quarto dele...

No entanto, dez segundos depois de ter posto o sutiã, voltei a tirá-lo, rapidamente, com um arrepio. Estava encharcado, tal como as minhas cuecas.

Passei uma data de tempo e dobrar as cuecas na bola mais pequenina que consegui e, depois, enrolei o sutiã à volta delas. Envergonhada por não ter ali a minha mochila para guardar a roupa interior lá dentro, fiquei como uma tola, no meio da casa de banho dele, em pânico.

A lógica dizia-me que estava a ser parva, mas só a ideia de o

Johnny poder ver as minhas cuecas deixava-me à beira de desmaiar. Desisti e decidi enfiá-las nas minhas calças justas da escola, depois enrolei-me na toalha e voltei para o quarto dele.

Desta vez, quando saí da casa de banho, já estava preparada para ver a Sookie e, de facto, encontrei-a a dormir, na cama.

No entanto, não estava preparada para ver o rabo nu do Johnny.

Estava parado em frente à cómoda, de costas para mim, a toalha no chão, aos seus pés, e a puxar os boxers pelas pernas acima.

Meu Deus! Até no rabo tinha músculos. Como é que era possível?

E, de repente, o Johnny olhou por cima do ombro e apanhou-me em flagrante.

– Estás a gostar do que vês? – provocou-me, levantando uma sobrancelha.

– Oh, meu Deus – gemi, desviando o olhar do rabo musculado dele.

– Desculpa. – Voltei costas e mordi o lábio, a gemer. – Pensei que não estava aqui ninguém.

– Tudo bem, Shannon – disse ele, a rir. – Não te preocupes com isso.

Quero morrer!

Querido Deus, abre um buraco no chão e faz-me desaparecer.

– Eu, hmm... – Abanei a cabeça e apertei mais a toalha. – É...
hmm...

– Tomei banho na casa de banho dos meus pais – explicou o Johnny. – Só vim aqui buscar uma roupa.

– Oh. – Respirei ofegante e apoiei-me no outro pé. – Pois, faz sentido, OK.

– Está tudo bem, Shannon – disse o Johnny, num tom suave. – Está tudo bem.

– Eu sei – disse eu, em pânico.

Ele riu-se, baixinho.

– Então, porque é que continuas voltada para a parede?

Raios.

Respirei calmamente e voltei-me para o olhar.

Mas mal o meu olhar caiu sobre ele, o meu coração disparou. Por uma vez, a cara do Johnny não foi a razão que me fez acelerar o pulso. Não, a razão foi o resto do seu corpo. O resto quase nu dele.

Estava só de boxers brancos, justos, e mais nada. Sem camisa. Sem calças. Sem camisola. Sem meias.

Só um par de boxers Calvin Klein sobre as ancas estreitas, igual àqueles que eu tinha vestido na semana anterior. Os boxers que eu, depois, usei para dormir, uma data de noites.

Meu Deus, eu era patética.

Tudo o que eu tinha imaginado desde o momento em que lhe pus os olhos em cima estava ali, bem à minha frente. E, com essa visão desobstruída, veio a percepção de que tanto a minha imaginação como a minha memória visual estavam a ser sugadas.

Eu já sabia que ele tinha um corpo fantástico. Lembrei-me do peito dele, naquele dia. Ou, pelo menos, pensei que me lembrava.

Mas não era bem assim porque, valha-me Deus, de perto, ele era outra coisa.

O seu peito nu mostrava os peitorais tonificados, o estômago liso. Todo ele era liso. Não tinha aqueles músculos muito desenvolvidos do meu irmão ou dos outros rapazes que eu tinha visto a trocarem de camisola depois dos jogos do Joey. Todo o corpo dele era uma massa sólida de músculo duro e cinzelado.

Sustive a respiração enquanto permitia que os meus olhos vagueassem por ele, absorvendo a visão daqueles abdominais ondulados, da pele dourada beijada pelo sol, o rasto escuro de pelos, por baixo do umbigo, e aquele seu incrível cheiro. Uma mistura de sabonete e relva e Johnny.

Não era justo haver tanta beleza numa só pessoa. Podiam tê-la repartido por toda a escola e, ainda assim, ele seria perfeito.

– O que é que aconteceu aqui? – perguntou o Johnny, de repente, distraíndo-me dos meus pensamentos e aproximando-se de mim. Passou o polegar na minha bochecha.

Confusa e deslumbrada, respirei, ofegante, e olhei para ele.

– Hã?

– Tens aqui uma marca vermelha – murmurou o Johnny, franzindo a testa. – Não tinha reparado nisto.

Levantei as sobrancelhas.

– Tenho?

Assentiu, os seus olhos azuis postos nos meus.

– Sim, Shannon, tens.

Passei por ele e entrei na casa de banho, para comprovar, ao espelho. Era verdade, a minha bochecha direita estava vermelha, com uma marca, enquanto o resto da minha pele era pálida com uma garrafa de leite.

Deve ter sido quando o meu pai me bateu com as costas da mão, pensei.

– Então? – perguntou o Johnny, encostado à ombreira da porta.

Inclinei-me para a frente, esticando-me sobre o lavatório, para me ver melhor ao espelho.

O Johnny aproximou-se mais. E ficou ali, atrás de mim, o peito nu quase a roçar nas minhas costas, enquanto olhava para o meu reflexo no espelho, o rosto zangado.

Acho que nem percebeu que estava a roçar o corpo dele contra o meu.

A sua atenção desviou-se da minha cara para o meu pescoço. Estava com uma expressão muito zangada, a cara cada vez mais vermelha.

– Que porra é esta? – sibilou.

Segui o olhar até às ténues marcas de dedos arroxeadas que tinha no pescoço. De repente, tive consciência daquelas marcas.

O meu pai.

Na noite anterior.

Oh, meu Deus.

– Não sei – respondi, fingindo-me confusa, decidindo que era mais seguro manter a história original.

Se recuasse agora, o Johnny sentiria o cheiro a medo.

– Não sabes? – insistiu, rápido, os olhos fixos nos meus, no espelho.

Abanei a cabeça e deixei cair os ombros.

– Não faço ideia.

– Alguém te anda a bater, Shannon? – perguntou, numa voz ameaçadora, muito baixa.

– Não, Johnny, ninguém – murmurei, os olhos colados aos dele no espelho.

O meu coração estava tão acelerado que tive medo de que pudesse estourar. Sentia uma mistura terrível de medo, incerteza e luxúria,

tudo misturado numa complicada bola de emoções, no poço que era o meu estômago.

Estendendo uma mão, o Johnny segurou-me no queixo e, com a mão livre, afastou-me o cabelo do pescoço.

Não pediu licença para me tocar. Estava a tocar-me, simplesmente.

E, então, os seus dedos foram traçando as marcas de dedos deixadas pelo meu pai, o seu toque leve a fazer com que todo o meu corpo tremesse.

– Alguém te bateu – murmurou ele ao meu ouvido, pousando os dedos nas marcas. – Quero saber quem foi.

O ar escapou-me dos pulmões num suspiro ruidoso. Incapaz de me controlar, encostei-me ao peito dele, os olhos colados no nosso reflexo no espelho, enquanto ele olhava para mim, os olhos azuis a observarem-me até à alma, à espera de uma explicação que nunca lhe poderia dar.

– Diz-me quem é que te bateu – insisti, sempre de pé, atrás de mim, a minha cara na mão dele e os dedos dele no meu pescoço. – E eu trato do assunto.

Pensa, Shannon, pensa...

– Então?

Despacha-te, raios...

– Shannon?

– Quase fui esmagada, na aula de educação física – foi a única coisa de que me lembrei.

O Johnny não respondeu. Continuou a olhar para o meu pescoço, com uma expressão sombria.

Em pânico, apressei-me a acrescentar às minhas mentiras:

– A culpa foi minha. Pus-me à frente dos rapazes, durante o jogo de futebol, e quatro deles acabaram por cair por cima de mim.

Deslizei em volta do Johnny e voltei para o quarto, pondo algum espaço entre nós.

– Fiquei completamente por baixo deles. Foi mesmo antes de tu teres entrado. – Abanei a cabeça e forcei uma pequena gargalhada. – Foi uma carnificina total.

O Johnny estava à porta da casa de banho, de cara fechada, olhos penetrantes e inteligentes.

– Ou seja, a mão de um dos rapazes da tua turma acabou por pousar no teu pescoço? – perguntou, num tom incrédulo. – E os dedos dele, por acaso, apertaram-te a garganta?

A este ninguém engana, pensei. Mente melhor, Shannon.

– Na altura, não percebi. – Encolhi os ombros e sentei-me na beira da cama. – Mas acho que foi isso que aconteceu.

– Achas? – repetiu, cruzando os braços.

O movimento fez com que seus enormes bíceps se avolumassem. Era enorme! Aquilo era incrivelmente intimidante. Mas sabia que ele não me magoaria.

Era uma das poucas coisas na minha vida de que tinha a certeza absoluta. Aquele rapaz jamais me poria as mãos em cima com raiva.

Respirei com calma e acrescentei:

– Talvez um deles me tenha apertado ao tentar levantar-se.

– Talvez – murmurou o Johnny, assentindo em concordância.

Senti-me aliviada.

– Ou talvez tenham sido, outra vez, os *Legos*.

Senti um aperto no coração.

– Foi isso? – perguntou o Johnny. – Caíste em cima dos mesmos *Legos* que te deixaram aquelas marcas de dedos no pescoço, quando apareceste cheia de nódoas negras na cara, no dia dos teus anos?

– Johnny...

– E, antes disso, aquela nódoa negra na parte de trás do pescoço? Ou a marca vermelha na cara ainda antes? Ou as nódoas negras nas tuas pernas? E os teus braços? E o resto do teu corpo? – Olhou para mim, muto sério. – Também foram os malandros dos *Legos*?

– Achas que o meu uniforme já está seco? – perguntei, mudando de assunto. – Tenho de ir para casa.

Sim, eu tinha de sair dali.

E depressa.

– Não! Não! Não faças isso – disse o Johnny, percebendo o que eu estava a fazer. – Não tentes despachar-me – protestou. – Quero saber o que é que te aconteceu, Shannon.

– Quero ir para casa. – Fungando, limpei rapidamente a cara com as costas da mão. – Agora, por favor.

Passou a mão pelos cabelos húmidos e suspirou.

– Por favor, Shannon, não chores!

Abriu os braços e começou a aproximar-se de mim, mas eu abanei a cabeça e levantei a mão, fazendo-lhe sinal para parar. O Johnny parou e voltou a passar a mão pelo cabelo.

– Posso ajudar-te – quase implorou. – Deixa-me ajudar-te.

– Então, ajuda-me indo buscar a minha roupa – funguei. – É a única ajuda tua que quero.

O Johnny gemeu, aproximou-se de mim e agachou-se à minha frente.

– Eu quero ajudar-te. – Pousou as mãos nas minhas pernas e olhou para mim, os olhos azuis muito abertos e sinceros. Apertou-me suavemente as coxas. – Só tens de me dizer o que é que está a acontecer, OK? – Estendeu o braço e prendeu-me uma madeixa de cabelo molhado atrás da orelha. – Diz-me quem é que te anda a fazer essas marcas e eu acabo com isso.

Não me podes ajudar.

Ninguém pode.

Apanhei uma tarefa por falar contigo. Por tirar uma porcaria de uma fotografia contigo. És a última pessoa que me pode ajudar.

– Eu estou bem, Johnny – disse eu, sentindo as lágrimas a encherem-me os olhos. – Não precisas de me ajudar.

– Estás a mentir-me – declarou, e parecia estar furioso. – Estás a mentir-me e isso eu não suporto.

– Por favor, leva-me a casa – gaguejei, afastando-me dele. – Basta levara-me a casa e já não tens de me suportar.

O Johnny gemeu.

– Shannon, por favor. Não distorças o que eu disse. Sabes muito bem que eu não estava a dizer nada disso...

– Quero ir para casa, Johnny – pedi-lhe. – Se não me quiseres levar, eu ligo ao Joey e ele vem cá buscar-me.

– OK. – Suspirou, resignado. – Tudo bem. – Libertando-me, levantou-se e ergueu as mãos. – Vou buscar a tua roupa e levo-te a casa.

Exalei uma respiração entrecortada e assenti com a cabeça.

– Obrigada.

Ficou a olhar para mim, durante um longo momento, e depois

abanou a cabeça, resignado.

– Já volto, OK?

Assenti e fiquei a vê-lo sair do quarto, só depois de ele ter fechado a porta é que me deixei cair em cima da cama.

– Meu Deus – chorei, furiosa com aquelas lágrimas traidoras. – Recompõe-te, Shannon.

Nem penses contar-lhe seja o que for.

O pai dele é advogado. Sabes como são essas pessoas. Metem-se no assunto e tu e os teus irmãos são separados e postos em instituições.

Como o Darren...

A cadela do Johnny aproximou-se de mim, distraíndo-me do meu desgosto, e pousou a cabeça na minha perna.

– Olá – solucei, pondo-lhe a mão em cima da cabeça.

A Sookie acariciou-me a mão com o focinho e lambeu-me os dedos. O seu carinho só me fez sentir ainda pior.

Eu não merecia. Tinha acabado de mentir ao dono dela.

– Quem me dera ter um cão – murmurei-lhe, concentrando-me nela para tentar bloquear os meus pensamentos. – Um cão como tu – disse-lhe, enquanto puxava os pés para cima da cama e me voltava para olhar para ela. – Se um dia tiver um cão, vai ser igual a ti, porque és muito bonita. Ah, pois és.

A cadela recompensou a atenção que eu lhe estava a dar arrastando-se para o meu colo, bom... pelo menos, tentou. Era uma labrador adulta e, provavelmente, mais pesada do que eu.

– O que é que queres? – sussurrei, coçando-lhe o pescoço com as duas mãos. – Hã? – Fiz-lhe cócegas nas orelhas e dei-lhe um beijo no nariz. – Queres que te dê mimo?

O rabo dela começou a abanar muito depressa e quase me sufocou com as lambidelas que me dava na cara. Foi uma distração muito bem-vinda e o seu entusiasmo fez-me rir.

– Que linda menina – disse eu, continuando a brincar com ela. – Isso mesmo. Linda menina. És linda.

Encorajada pela minha resposta, a Sookie colou-se a mim, empurrando todo o seu peso para baixo no meu peito e fazendo-me cair nas almofadas.

– Então? – Ri-me, entre lágrimas, acariciando-lhe as orelhas. –

Estás a gostar de mim?

A cadela fez uns barulhinhos de óbvia aprovação e estendeu-se em cima de mim, acariciando-me a cara com o focinho húmido.

– Obrigada – elogiei-a, quando bateu com uma das patas no meu ombro. – És uma menina muito bem-educada, a dares-me a pata...

– O teu uniforme ainda não está bem seco, mas trouxe-o na mesma...

Surpreendida pela voz do Johnny, tentei sentar-me, mas não consegui, porque a *Sookie* continuava em cima de mim, a querer brincar.

– *Sookie*, chão! – ordenou-lhe o Johnny, num tom imperativo, com os olhos fixos nos meus.

Obediente, a *Sookie* saiu imediatamente de cima de mim e, desajeitadamente, saltou da cama, as patas a deslizarem no chão de madeira.

– Sai! – disse-lhe o Johnny, com a porta do quarto aberta e sem deixar de olhar para mim.

A *Sookie* saiu lentamente do quarto e ele fechou a porta, com uma expressão ameaçadora.

Meu Deus...

– Desculpa – disse eu, levantando-me com os cotovelos. – Estava, hmm... a brincar com a tua cadela.

– Não tens de pedir desculpa – respondeu o Johnny, com voz firme, dirigindo-se à cama, onde pousou o meu uniforme e, depois, sentou-se na borda.

De costas para mim, inclinou-se para a frente, os músculos bem visíveis sob a pele dourada, pousou os cotovelos nas coxas e respirou várias vezes, parecendo precisar de se acalmar. E, depois, fez uma coisa que me iria fazer perder noites de sono durante anos. Virou-se para mim, pegou nas duas pontas da toalha em que eu estava enrolada, e juntou-as.

Para me tapar, percebi. Porque, obviamente, eu estava a mostrar mais do que devia. Porque, convenhamos, era o género de coisa que só a mim é que me acontecia.

– Ai, desculpa – murmurei, mortificada.

– Não há problema – disse ele, numa voz grave.

– Eu... tu viste a minha... o meu...?

Assentiu.

Oh, meu Deus!

– Desculpa.

– Para de pedir desculpa – respondeu-me, numa voz tensa. – Não tens de pedir desculpa por nada.

– Desculpa teres visto... isso – gaguejei.

O Johnny abanou a cabeça e voltou a virar-me as costas.

– Não me peças desculpa por te ter visto – disse ele, deixando cair a cabeça nas mãos. – Foda-se!

Naquele momento, o meu coração estava a bater com tanta força que dei por mim a respirar muito depressa, em expirações curtas e profundas.

O que é que eu devia fazer?

Fugir? Sair dali? Esconder-me? Atirar-me para cima dele?

Não sabia. Não sabia mesmo o que fazer. Só sabia que sentia o corpo preso ao colchão dele e os olhos colados nas suas costas musculadas.

– Vou levar-te a casa – disse o Johnny, finalmente, em voz calma, sem tirar a cabeça das mãos.

– OK – murmurei, a sentir o coração a martelar-me nos ouvidos.

– É isso que vou fazer – continuou ele, embora não percebesse exatamente se estava a falar comigo ou com ele próprio. – Vou levar-te a casa – repetiu, mas continuou sem se levantar de onde estava.

Passaram vários segundos em que ele continuou ali, imóvel.

Incapaz de continuar a suportar a tensão que se acumulava dentro daquele quarto, estendi a mão e toquei-lhe no ombro.

– Johnny?

Um pequeno tremor percorreu-lhe o corpo. E, então, voltou-se para olhar para mim.

– Não posso estar sozinho contigo, assim – murmurou, os olhos fixos nos meus. – Eu... – respirou fundo. – Não aqui... quando estás assim.

Os seus olhos, ternos e cheios de dúvidas, percorriam-me o corpo. A respiração dele, tal como a minha, estava ofegante.

Olhei-o nos olhos e senti um aperto tão grande no coração que

quase não conseguia respirar. Num olhar, tive a sensação de ter chocado contra ele. Foi instantâneo e assustador.

Os sentimentos explodiram dentro de mim, absorvendo-o a ele e a tudo o que ele era, como uma esponja desesperada por água.

Eu estava desesperada por ele.

Por tudo nele. Por todas as partes.

As hormonas furiosas, encorajadas pelas minhas emoções enfraquecidas, sobrepuseram-se ao meu bom senso e levaram-me a fazer uma coisa absolutamente impensável.

Expirei profundamente, estendi o braço e agarrada ao pescoço do Johnny, obriguei-o a voltar a cara para mim.

E beijei-o.

Não soube o que fazer depois, a coragem abandonou-me no momento em que mais precisava dela, e ali estava eu, ajoelhada na cama dele, com a cara do Johnny entre as minhas mãos. Ele estava com os olhos muito abertos, fixos nos meus, obviamente atordoado, enquanto os meus lábios continuavam a pressionar os dele.

Mas não me beijou.

Na verdade, tive a certeza de que ele estava a sustentar a respiração.

Eu tinha-o transformado numa estátua de pedra.

Parei de o beijar e, de olhos arregalados, olhei para ele, horrorizada.

– Desculpa – disse eu, mortificada.

– Sem problema – respondeu-me, ofegante.

– Não. – Abanei a cabeça, furiosa. – Não, é claro que há problema.

– Shannon, está tudo bem...

– Oh, meu Deus! O que é que eu fiz?

– Shannon – disse o Johnny, num tom firme. – Para! Está tudo bem...

– Não, não está – disse eu, saí da cama e recuei, batendo contra a cómoda. – Eu só... meu Deus!

Inclinei-me para trás, abanei a cabeça e levantei uma mão, para o fazer parar, quando o vi dar um passo na minha direção.

– Peço muita desculpa.

– Shannon, não há problema nenhum – disse o Johnny, levantando as mãos. – Para de andar de um lado para o outro e fala comigo, pode

ser?

Não parei de me mexer. E não parei para falar com ele. Porque não conseguia. Estava completamente em pânico, o meu instinto de fuga tinha entrado em ação.

– Tenho de me ir embora – anunciei, mortificada.

– Não, não tens – respondeu-me, muito calmo. – Vamos falar sobre isto.

– Não! – Abanando a cabeça, passei pelo Johnny e arrebanhei a minha roupa, que estava em cima da cama. – Tenho de me ir embora – repeti, antes de fugir para a casa de banho e de me trancar lá dentro.

– Shannon! – chamou o Johnny, batendo à porta. – Abre!

Sem conseguir falar, fechei a tampa da retrete e sentei-me.

– Oh, Deus – murmurei, deixando cair a cabeça nas mãos.

Que raio é que eu tinha acabado de fazer?

Não só tinha mostrado o que não devia ao Johnny Kavanagh, como tinha ido mais longe e o beijara. O meu primeiro beijo.

A primeira vez que pus os meus lábios nos lábios de um rapaz. E ele não retribuiu.

Oh, meu Deus...

Em que raio estava eu a pensar? Porque é que sentia o coração a partir-se em mil pedaços? E, o pior de tudo, como é que eu ia conseguir sair daquela casa de banho?

Porque agora não havia maneira de conseguir olhar para a cara do Johnny. Na verdade, tinha a certeza de que nunca mais na minha vida ia conseguir olhar para ele.

Raparigas a chorar e corações ardentes

JOHNNY

Alguém lhe bateu.

Aquilo não são marcas feitas porque uma data de gente caiu em cima dela, muito menos durante um jogo de futebol na aula de educação física.

Era ridículo e ela foi ridícula a querer fazer-me acreditar naquilo. O que é que ela achava que eu era, um *eejit* chapado que não sabe distinguir entre uma contusão accidental e uma agressão feita de propósito?

Eu jogava rãguebi. Passei a vida inteira a sofrer lesões e a lesionar outros gajos. Eu sabia o raio da diferença entre danos accidentais e danos intencionais.

Alguém lhe apertou a garganta e fez-lhe aquilo com tanta força que deixou a porra da marca dos dedos no pescoço dela.

Eu ia descobrir se era no Tommen que ela estava a sofrer *bullying*. Se fosse o McGarry, eu ia acabar numa cela. Se fossem aqueles cabrões da BCS, então, bem podiam prender-me numa camisa de forças.

Estava prestes a investigar melhor a situação, mas os grandes olhos azuis dela ficaram cheios de lágrimas e desisti.

Não fazia ideia de como lidar com as lágrimas de uma rapariga. E lágrimas de rapariga, sobretudo quando vindas dela, deixavam-me muito afetado.

E foi assim que, naquele dia, fiz o *hat trick*...

Indo contra todos os meus instintos, porque tinha o discernimento embotado pelo impulso de a confortar, cedi ao seu pedido para lhe ir buscar a roupa e a levar para casa. Mas depois vi-a – vi-a toda – estendida em cima da minha cama, com a minha cadela em cima dela, a toalha aberta e o meu cérebro desligou-se e o meu corpo é que passou a dar-me ordens. E, de repente, ela destruiu o meu mundo

cuidadosamente construído ao pousar a boca na minha.

A Shannon beijou-me e eu fiquei paralisado.

Fiquei completamente atarantado, senti-me atacado por todas as emoções e sensações anormais e estranhas que existem.

Não estava à espera daquilo. Não estava à espera de que *ela* fizesse aquilo.

Naquele momento, tudo me atingiu como um choque frontal e fiquei parado, sentindo-me mais exposto e vulnerável do que nunca. Apesar de o meu corpo me garantir que era muito bom ter os lábios dela nos meus, apesar de o meu coração bater desenfreado sempre que estava perto dela, a minha cabeça dizia-me outra coisa.

Aquilo não era bom. Não era mesmo nada bom. Precisei de todo o autocontrolo que tinha dentro de mim para me segurar. Especialmente porque tudo dentro de mim exigia que fizesse o contrário.

Mas eu sabia. Sabia que, se cedesse à urgência que me queimava por dentro e também a beijasse, então não havia volta atrás.

Estaria completamente lixado. E a Shannon também.

Porque eu estar ali era temporário e aquela miúda cheirava a permanência. O melhor que lhe podia oferecer era amizade, mesmo que isso fosse a última coisa que eu queria.

– Shannon? – Apoiando a testa contra a ombreira da porta, continuei a bater. – Podes fazer o favor de sair daí? – Tinha-se trancado na minha casa de banho há meia hora e ainda não tinha saído de lá. – Por favor?

Silêncio.

Respirei fundo e voltei a bater.

– Abre a porta, por favor, vamos falar sobre isto. – Nada. – Por favor, Shannon – pedi, resistindo à tentação de bater com a cabeça contra a ombreira. – Sai, por favor. Não tens de falar comigo se não quiseres. Levo-te a casa e não digo uma única palavra se tu...

Interrompi-me ao ouvir o som da chave a rodar na fechadura.

Momentos depois, a porta da minha casa de banho abriu-se e ali estava ela, completamente vestida, com o seu uniforme húmido, os olhos inchados e as bochechas manchadas.

Foda-se! Fi-la chorar. *Outra vez.*

– Estou pronta para ir para casa – disse, num fio de voz, sem olhar

para mim. – Se puder ser.

– É, claro que é – respondi, rápido.

– Obrigada. – De cabeça baixa, passou por mim e foi direta à porta do meu quarto.

Estava tão vulnerável e insegura que só me apeteceu abraçá-la.

O meu coração estava em chamas.

Recompõe-te, Kavanagh.

Não faças nada estúpido.

Não a beijes.

Sabes muito bem que não vais conseguir parar.

Com muito esforço, consegui não me aproximar dela e, em vez disso, fui até ao meu armário.

– Dá-me só um segundo, OK? – pedi-lhe.

Assentiu e olhou para as próprias mãos.

Suspirando, abri o armário e, rapidamente, tirei uma *T-shirt*, umas calças de fato de treino e uma *sweater*.

Fui buscar umas meias a uma das gavetas da cómoda, encostei-me à beira da cama e vesti-me, depois calcei uns ténis.

Durante todo esse tempo, a Shannon esteve em silêncio, junto à porta do meu quarto, os cabelos molhados a caírem-lhe para a frente, escondendo-lhe a cara.

Parecia tão sozinha, naquele momento, que me doía fisicamente só de olhar para ela.

Porque sabia que o responsável era eu. E o meu coração exigia-me que corrigisse o que tinha feito.

E eu queria corrigir. Só não sabia como, sem nos magoarmos ambos.

– Toma – disse eu, pegando num blusão que estava aos pés da cama. – Veste isto.

Os seus olhos nervosos voltaram-se para o blusão que eu tinha nas mãos e abanou imediatamente a cabeça.

– Não, não, não – recusou. – Eu es...

– Tu estás bem. Sim, eu sei – respondi, levantando-me e cobrindo o espaço que existia entre nós. – Mas ainda está a chover imenso e não quero que fiques doente. Veste isto.

– Tens a certeza? – perguntou, estendendo a mão, hesitante.

Céus! Esta miúda mata-me...

– Tenho! – Passei-lhe o casaco e fui para a porta, tendo o cuidado de não roçar o meu corpo no dela porque a minha pobre pila não ia aguentar tanta pressão.

Esperei que ela vestisse o blusão e saí do quarto, percorri o corredor sabendo que ela ia atrás de mim.

Era uma merda tão grande! Era exatamente o oposto daquilo que eu devia fazer, o que fazia zero sentido porque estava a pensar com a cabeça e não com a pila.

– Tenho de ir buscar as chaves do carro da minha mãe – disse-lhe, quando chegámos lá abaixo, ao vestíbulo. – Dá-me um segundo, OK?

– Hmm, OK – respondeu a Shannon, deslizando as mãos pelo meu blusão, que lhe ficava enorme. – Espero aqui?

Ela estava a perguntar-me?

Era o que parecia.

Não tinha a certeza porque não olhava para mim. Não conseguia perceber como é que ela estava a sentir-se porque as janelas para as suas emoções, os seus olhos, estavam pregados no chão.

Era lixado, mas percebi que, naquele momento, tinha de lhe dar espaço.

O problema era que, quanto mais perto estávamos da porta da rua mais deprimido me sentia. A minha pila estava devastada. O meu peito a arder. O cérebro cheio de dúvidas.

Eu estava completamente lixado.

*Estás bem***SHANNON**

Não há palavras para descrever a turbulência das emoções que se espalhavam pelo meu corpo. Lutando para recuperar o controlo concentrei-me em respirar devagar e profundamente.

Não sabia o que fazer. Pedir desculpa não parecia resolver a situação. Além do mais, já tinha feito isso.

Pensei em dizer-lhe que tinha perdido o controlo do que fazia, mas achei que ele já devia saber isso.

Completamente mortificada devido ao que tinha feito, olhei para o céu escuro pelo para-brisas e ignorei o rapaz que ia sentado ao meu lado no banco do condutor.

– Vamos falar sobre o assunto? – perguntou finalmente o Johnny, depois de vários minutos de silêncio.

Abanei a cabeça, a cara flamejante de vergonha, e continuei a olhar para o nada pela janela.

– Vais falar comigo? – perguntou, então, numa voz baixa e rouca. Mais uma vez, abanei a cabeça, com vergonha de olhar para ele.

– E então? – insistiu ele. – Vais ignorar-me completamente, é isso?

Encolhi os ombros, impotente. Eu sabia o que viria dali, se falássemos. Ele ia pregar-me um sermão. E, naquele momento, com as emoções desgastadas e o estômago agitado de ansiedade, honestamente, pensei que não conseguia ouvir um sermão dele.

Não aguentava ser rejeitada por ele.

– Shannon – disse o Johnny, obviamente frustrado.

Ligou o pisca, encostou à berma da estrada e desligou o carro.

Oh não. Oh, por favor, Deus, não.

– Shannon. – Virando-se no banco, levantou o apoio de braço que nos separava e voltou o corpo para olhar para mim.

– Temos de falar sobre o que aconteceu.

– Desculpa – disse, antecipando-me. Com o coração a martelar-me

no peito, virei-me também para olhar para ele. – Peço muita desculpa.

– Não quero que peças desculpa – respondeu, com os seus olhos azuis presos nos meus. – O que é que aconteceu no meu quarto? – Abanou a cabeça e suspirou. – Não esperava... não esperava que tu... – Senti a respiração dele na minha cara, enquanto ele falava, e o meu corpo tremeu involuntariamente. – E não lamento – acrescentou. – Não lamento que tenhas feito aquilo...

– Mas? – disse eu, com os olhos fixos nas minhas mãos pousadas no colo, sabendo muito bem que havia um «mas» que estava para chegar.

– Mas vou-me embora daqui a uns meses, Shannon – disse o Johnny, finalmente. – Quando o verão chegar, vou-me embora e só volto quando a escola recomeçar.

– Eu sei – murmurei, apertando as mãos, com força. O Joey já mo tinha dito.

Ia-se embora para ser uma grande estrela.

– As coisas são assim, para mim – acrescentou o Johnny, brusco. – E, com o tempo, vão piorar... vou estar cada vez mais tempo longe. Mais viagens. Mudanças permanentes. É isso que vai ser a minha vida. E não era justo da minha parte não te dizer isso, agora. – Suspirou e passou a mão pelo cabelo desgrenhado. – Tinha de te dizer que não vou ficar cá durante muito mais tempo.

– Eu sei – murmurei, sentindo o calor queimar-me o peito. – E também sei que não te devia ter beijado – gaguejei. – OK? Eu sei isso. Foi um erro. Percebo. Eu só... eu só...

– Tu só o quê, Shannon? – perguntou, num tom que me incentivava a continuar.

– Pensei que gostavas de mim – consegui dizer.

– Jesus Cristo – gemeu o Johnny, deixando cair a cabeça nas mãos. – Claro que gosto de ti. – Puxou o cabelo e suspirou. – Acho que se percebe bem que estou doido por ti. – Voltou a gemer e acrescentou: – Mas vou fazer dezoito anos em maio, Shannon.

– Eu tenho dezasseis – murmurei.

– Eu sei, Shannon, eu sei – gemeu, a voz dilacerada. – Mas estou a tentar fazer a coisa certa.

Senti o coração a tremer, inseguro. Não sabia o que pensar ou o que sentir. Ele estava a rejeitar-me e, ao mesmo tempo, a dizer-me que

gostava de mim e aquilo era de mais para o meu coração aguentar.

– Para quem? – perguntei.

– Para nós os dois – disse o Johnny. – A minha carreira está a começar e preciso de me manter concentrado nela. E tu mereces alguém que te ponha sempre à frente de tudo. – Voltou a passar a mão pelo cabelo e parecia stressado e cansado. – E eu não posso fazer isso. – Olhou-me nos olhos e disse: – Queria... queria mesmo muito. Mas, nesta altura, não posso fazer isso por ti. – Respirou fundo e acrescentou: – Não posso oferecer-te uma relação, Shannon, e seria egoísta, da minha parte, pedir-te uma coisa que não te posso retribuir.

E ali estava. A rejeição de que eu estava à espera.

– Não te pedi para termos uma relação, Johnny – consegui dizer, apesar de humilhada. – Nunca te pedi nada. Por isso, não te preocupes com a conversa querida de dar-para-trás porque é completamente desnecessária.

O Johnny fez um som frustrado.

– Não te estou a dar para trás, Shannon, estou a tentar resolver isto contigo...

– Ouve, Johnny, estou muito cansada – murmurei, voltando-me e olhando para a janela. – Só quero ir para casa.

– Vá lá, Shannon – disse ele, parecendo agitado. – Não podes fugir, agora.

Mas era isso que tencionava fazer: evitá-lo durante o resto da minha vida. E planeava começar mal saísse daquele carro.

– Shannon, fala comigo.

Continuei em silêncio.

– Shannon, vá lá – implorou o Johnny. – Não sejas assim.

Dadas as circunstâncias, não me parecia que houvesse outra maneira de eu ser. Eu tinha-o beijado. E ele rejeitou-me.

Eu tinha-me declarado. E ele recusou-me.

A culpa era minha. Completamente. E eu assumia a responsabilidade pela minha imprudência. Mas isso não significava que conseguisse ser suficientemente forte para ouvir as dolorosas repercussões verbais daquilo que tinha feito.

– Fala comigo, porra! – disse o Johnny, decidido a não deixar as coisas ficarem por ali.

– Para dizer o quê? – perguntei, voltando-me para ele, cedendo à sua insistência. – Não me queres. Já ouvi. Mensagem recebida.

– Se foi isso que percebeste é porque, obviamente, não ouviste nada do que eu disse – respondeu, furioso. Quando não respondi, o Johnny resmungou: – Muito bem, se não queres resolver isto, não digo nem mais uma palavra – disse ele, levantando as mãos. – É isso que queres, Shannon?

– É, Johnny – murmurei.

– Tu é que sabes – afirmou, pondo novamente o carro a trabalhar. – Desisto.

Com as suas palavras de rejeição a martelarem-me os ouvidos e as emoções em tumulto, fechei os olhos e rezei para o tempo passar mais depressa. Estava com a pior dor de estômago de que me lembrava e a dor que me latejava no peito aumentava a cada quilómetro.

Quando chegámos à minha rua, menti-lhe, como tinha feito sempre que ele me levara a casa, dizendo-lhe que a minha casa era a da outra ponta do passeio porque se o meu pai me visse a sair do carro, eu sabia o que é que me ia acontecer. No entanto, não imaginei que ele ia voltar a desligar o carro, mas foi exatamente isso que ele fez.

– Estás bem? – perguntou, voltando-se para mim.

– Estou – respondi.

O Johnny assentiu, lentamente.

– Ouve, Shannon...

– Não precisas de dizer mais nada – interrompi-o imediatamente. – Não volta a acontecer.

Franziu a testa.

– Não, não era isso que eu ia...

– Desculpa – disse-lhe e, pegando no fecho da porta, abri-a. – Peça muita desculpa. – Tirei o cinto, saí do SUV e fechei a porta, antes de lhe dar tempo a dizer mais fosse o que fosse.

Não aguentava mais. Naquela noite, não.

Mortificada, cirandei pelo muro do jardim dos meus vizinhos, até que se tornou evidente que o Johnny estava à espera de que eu entrasse em casa para, só depois, se ir embora e por isso fiz a única coisa possível: baixei a cabeça e entrei em minha casa, sem me atrever a olhar para trás, para ele. Fechei a porta e respirei profundamente,

depois dei uma olhadela por todo o andar de baixo.

A casa estava vazia.

O Ollie, o Tadhg e o Sean só chegavam às oito porque ficavam com a *Nanny* Murphy durante os dias de semana, exceto às sextas-feiras, quando a *Nanny* os levava diretamente para casa, depois da escola, porque ia sempre passar os fins de semana a Beara para visitar a outra neta.

O Joey e a minha mãe trabalhavam, às segundas-feiras, e, na maior parte das tardes, o meu pai mantinha um banco quente nas casas de apostas.

Nada tinha mudado.

Com ou sem aborto, a minha família desestruturada continuava na mesma...

Agradecida por, assim, conseguir evitar mais um confronto desnecessário, descalcei os sapatos e subi as escadas a correr, para ir despir a roupa húmida.

Tínhamos uma máquina de secar, em segunda mão, na despensa, que eu não devia usar por causa da conta da eletricidade, mas, naquela tarde, ia ter mesmo de o fazer. Não tinha alternativa.

De volta à casa do sofrimento, fechei a porta do meu quarto, tirei rapidamente a roupa molhada e vesti o pijama.

Ia a meio da escada, com o uniforme da escola nas mãos quando ouvi baterem à porta. Parei a meio de um degrau e franzi os olhos, tentando perceber de quem era aquela sombra alta que via através do vidro fosco.

Voltaram a bater, desta vez, com mais força, por isso apressei-me a descer os degraus que restavam e, ao abrir a porta, dei de caras com o Johnny, à chuva, como se fosse um anjo semiafogado.

O meu coração começou a bater, instantaneamente, com tanta força que era quase doloroso.

A sério, Deus?

Porquê?

– Olá – murmurei, a agarrar a porta, com toda a força. Do chão até à porta havia um degrau, mas, mesmo assim, tinha de levantar a cabeça, para olhar para a cara dele.

– Olá – respondeu o Johnny, os seus olhos azuis fixos nos meus. –

Vives no número noventa e cinco.

Assenti, mortificada.

– Pensei que a tua casa era o número oitenta e um. – Franziu a testa. – Foi lá que te deixei sempre.

Encolhi os ombros, sentindo-me perdida.

– Bom, deixaste a mochila no carro. – Tirou a minha mochila do ombro direito e entregou-ma.

– Desculpa – sussurrei, sentindo que, mais uma vez, estava a corar. – O teu blusão está lá em cima, no meu quarto, vou buscá-lo. – Voltei-me, para subir a escada, mas ele fez-me parar, agarrando-me o pulso.

– Não te preocupes com isso – disse, tirando rapidamente a mão. – Dás-mo depois, na escola ou assim.

– OK.

O Johnny meteu as mãos nos bolsos, passou o peso de uma perna para a outra e olhou para mim, durante um momento, antes de respirar fundo.

– Estás bem?

– Estou – murmurei, embora não estivesse mesmo nada bem.

– Shannon, não quero que penses que não te quero...

– Por favor, não digas mais nada – pedi-lhe, mais do que mortificada. – Por favor.

– Neste momento, as coisas são complicadas, para mim...

– Johnny, por favor, esquece que aquilo alguma vez aconteceu.

Olhou para mim, durante um longo momento, antes de assentir, com firmeza.

– Se é isso que queres.

Baixei os ombros.

– É.

Olhou para o meu pescoço e o seu olhar escureceu imediatamente.

– Tenho de ir para dentro – disse eu, com medo de que ele recomeçasse a fazer-me perguntas.

– Claro – disse ele, abanando um pouco a cabeça. – Claro, é melhor eu ir andando.

– OK.

– Vemo-nos amanhã, espero – disse o Johnny e, depois, voltou-se e afastou-se em direção ao carro.

Sentindo-me triste, mordi o lábio, enquanto o via ir embora.

– Adeus, Johnny.

– Adeus, Shannon – disse e sorriu-me por cima do ombro.

Oh, meu Deus.

De coração inquieto, fechei a porta e voltei a subir a escada. Precisava de me deitar uns minutos e arrumar os pensamentos.

Entreí no meu minúsculo quarto, dirigi-me à minha cama, queria deitar-me, mas parei ao ver o blusão do Johnny ali em cima.

Subi para a cama e deitei-me, com o blusão agarrado contra o peito. O cheiro dele estava em todo o lado. No blusão dele. Em mim. Agarrada ao tecido encharcado, inspirei profundamente, absorvendo o familiar aroma do desodorizante dele e, depois, castiguei-me mentalmente por estar a fazer aquilo.

O que é que eu estava a fazer? Porque é que me permitia ter aquelas emoções? Aquilo era perigoso.

Tinha de parar.

Ele não te quer. Ninguém te quer.

O desgosto e a ansiedade faziam-me doer o estômago, abri a cama e enrolei-me sobre mim própria, na bola mais pequena que consegui.

Tudo me doía.

O corpo. O cérebro. O coração.

Respirando devagar, tentei libertar-me de todos os pensamentos sombrios que me atormentavam. Todas as lembranças embaraçosas e que me destruíam a alma, por causa da maneira ridiculamente estúpida como me tinha portado.

Mas não estive assim muito tempo.

Quinze minutos depois do meu luto silencioso, o som da porta da frente a bater encheu-me os ouvidos. Três minutos depois, a porta do meu quarto quase voou, ao abrir.

– Onde está o jantar?

Continuei completamente imóvel e agarrei-me ao edredão enquanto o meu corpo se enrolava, com ansiedade.

– Esqueci-me.

– Bem, sai da porra da cama e vai já lá para baixo – ralhou o meu pai, da porta do meu quarto. – Tens muito que fazer nesta casa, rapariga, e isso inclui fazeres o jantar. Vê se mereces o que comes.

– Estou maldisposta – queixei-me.

Não era mentira. Estava com dores de estômago.

– E vais ficar pior se não tirares já o cu da porra da cama – avisou o meu pai. – Doente! Cabra ingrata! Doente está a tua mãe e foi trabalhar para pagar a porra da tua escola.

Eu sabia que ele não tinha bebido, mas, mesmo sóbrio, o meu pai aterrorizava-me. – Tens cinco minutos para descer a escada, rapariga – acrescentou. – Não me faças ter de voltar a vir cá acima.

Fechou a porta do meu quarto, com estrondo, e enquanto o ouvia a descer as escadas, avaliei as minhas opções.

Ficar onde estava e levar uma tarefa, ou fazer o que ele me mandou e, mesmo assim, arriscar-me a que me batesse? Não havia escolha possível. Nunca havia.

Para mim, nunca havia escolha, fosse lá como fosse.

Afastei as cobertas, saí da cama e desci para o inferno.



– Ainda me falas? – foi a primeira coisa que a Claire me perguntou, quando lhe atendi o telefone, naquela noite.

Estava a acabar de lavar o chão da cozinha, antes de ir para a cama, depois de ter feito o jantar e de ter lavado a loiça. Equilibrando o telefone entre a orelha e o ombro, despejei a água do balde no lava-loiça e guardei rapidamente a esfregona e o balde na despensa.

– Considerando que acabei de te atender o telefone, acho que é mais do que óbvio que ainda te falo – respondi, num tom de voz abafado.

Já passava das onze da noite, mas o meu pai ainda estava na sala, a ver um jogo qualquer, na televisão, e eu sabia que o melhor era não o perturbar.

– Desculpa – disse a Claire, do outro lado da linha. – Juro que não quis embaraçar-te. Mas estava farta de ouvir aquelas duas a falarem do Johnny e quis pô-las no lugar.

– Não te preocupes com isso. – Tirei o blusão do Johnny da máquina de secar, apaguei a luz da cozinha e saí. – Não estou zangada – disse eu, numa voz que pouco mais era do que um sussurro.

– Podes falar, agora? – perguntou-me.

– Posso – murmurei, a caminho das escadas. – Dá-me só um segundo.

– OK – respondeu-me.

Com o telemóvel contra o peito, subi as escadas evitando, com perícia, todos os pontos que rangiam.

– OK, já aqui estou – disse eu, num tom de voz mais audível, assim que me vi na segurança do meu quarto, com a porta fechada.

– Tens a certeza de que não estás zangada comigo?

Abanei a cabeça e deitei-me na cama.

– Absoluta.

– Oh, graças a Deus. – E suspirou muito alto. – Estava preocupadíssima com isso. Amanhã não vou às aulas e tive medo de que não me atendesses o telefone.

O meu coração deu um salto.

– Amanhã não vais à escola?

– Tenho aquela coisa do torneio de hóquei com a escola – explicou.

– Mas a Lizzie vai lá estar.

Ao menos isso.

– Bom, não estou zangada contigo.

– Tens a certeza?

– Tenho novidades – disse eu, decidindo mudar de assunto. Caso contrário, não saíamos do mesmo, a noite toda. – Esqueci-me de te dizer, a semana passada, mas acho que vais gostar.

– Desembucha, Lynch.

– A minha mãe assinou a autorização. Já a entreguei, a semana passada. – Respirei profundamente e disse: – Posso ir a Donegal contigo, depois da Páscoa.

Tive de afastar o telemóvel do ouvido, porque a Claire desatou aos gritos, descontrolada.

– Isso é a melhor notícia do mundo – gritou. – Nem imaginas como estou feliz. Achei que ia ficar presa num condado estrangeiro, durante dois dias, com a Lizzie e o Pierce – continuou ela a dizer. – E bem sabes como a relação deles é lixada.

– Um condado estrangeiro – trocei e depois gemi, quando senti uma dor aguda.

– Estás bem?

– Estou, é só a minha barriga – respondi, passando a mão pela barriga. – Tem estado a chatear-me durante todo o dia. – Mordi o lábio e acrescentei: – Espero não ter apanhado nada.

– O melhor é tomares já um paracetamol e acabares com isso – sugeriu rapidamente a Claire. – Porque vamos a Donegal, *baby*! Uau!

– Depois da Páscoa – recordei-lhe.

– E então? – retrucou. – Continua a ser a melhor notícia do mundo.

Ri-me com o entusiasmo dela, porque, com toda a franqueza, que outra coisa podia eu fazer? Era contagioso.

– Bom, já pensaste que vais passar quarenta e oito horas perto do Gerard? – perguntei, num tom provocante, agradecida por aquela distração na minha vida.

A Claire gemeu.

– Ele deixa-me doida, Shan.

– Ele gosta de ti – disse eu. – E antes de me mandares calar e de me dizeres que ele gosta de todas, volto a lembrar-te de que ele gosta mesmo de ti, Claire. Nota-se à légua, quando vocês estão juntos.

Era completamente verdade.

Na escola, estavam constantemente a observar os movimentos um do outro. Ele estava sempre a arranjar pretextos para falar com ela, dizia piadas e fazia conversa de chacha. Quando estavam juntos, portavam-se como um casal de longa data, com brincadeiras espirituosas e respostas prontas, e eu não conseguia perceber porque é que não eram mesmo um casal.

Parecia tão inevitável.

– Tê-lo sempre atrás de mim não é um grande elogio – resmungou a Claire, quando a lembrei disso. Irritada, acrescentou: – Ele vira a cabeça a qualquer miúda que passe por ele.

– Pois, mas contigo ele não vira só a cabeça, Claire – disse eu. – Acho que também lhe fazes virar o coração.

– Não se pode virar uma coisa que não se tem, Shan – respondeu, triste.

– Isso não é verdade – contrariei-a.

– Isso é porque não o conheces tão bem como eu – respondeu ela.

– Bem, eu acho que tu e o Gibsie, juntos, fazem todo o sentido –

insisti. – Muito mais do que a Lizzie e o Pierce.

– Isso não é difícil – ironizou a Claire. – Até o Mr. Mulcahy e eu fazemos mais sentido do que aqueles dois!

– Isso é verdade – reconheci.

– Bem, vamos fazer o seguinte – propôs. – Quando estivermos em Donegal, tu manténs-me concentrada e longe do Gerard e eu faço o mesmo contigo em relação ao Johnny.

Respirei fundo.

– Sobre isso...

– Conta! – incentivou-me, entusiasmada.

Fechei os olhos e disse:

– Voltou a trazer-me a casa.

– O quê? – gritou a Claire.

Suspirei.

– Pois...

– Oh, meu Deus, Shan, o que é isso?

– Não sei mesmo. – Gemi e passei a mão pela cara. – Estou tão baralhada.

– Baralhada?

Decidida a contar-lhe tudo, murmurei:

– Não me trouxe só a casa, Claire. Também voltei a ir a casa dele.

– Agarrem-me! – disse ela, ofegante.

Assenti e contei-lhe, em voz muito baixa:

– E eu beijei-o.

– Agarrem-me! – repetiu a Claire, agora mais baixo, mas num tom de voz muito mais excitado. – Onde é que isso foi?

– No quarto dele – confessei e, depois, acrescentei, relutante: – Na cama dele.

– Oh. Meu. Deus – gritou. – Oh, meu Bom Deus Nosso Senhor, Shan!

– Mas ele não me beijou – admiti, fazendo uma careta.

– Grande estúpido! – resmungou, mudando imediatamente de tom.

– A estúpida sou eu, Claire – apressei-me a dizer, sentindo-me tão envergonhada, naquele momento, como quando estava no carro com ele, a caminho de casa. – Em que raio estava eu a pensar?

– Ele tratou-te mal? – perguntou-me. – Porque eu dou um pontapé

no cu desse menino do rãguebi, se ele te fez mal...

– Não, Claire, ele não me tratou mal – disse eu. – Foi... muito querido.

– Não, Shannon, tu é que és querida. Ele é um parvalhão – corrigiu-me a Claire, zangada. – Só um grande parvalhão é que leva a minha melhor amiga a casa dele, leva-a para o quarto e, depois, quando ela se declara, pela primeira vez na vida, ele rejeita-a!

– Eu beijei-o, Claire – murmurei. – Não foi ao contrário.

– E é evidente que ele não mereceu o teu beijo – ripostou a Claire.

– És boa de mais para esse grande *eejit*.

– Pensei que gostavas do Johnny?

– Até gostava – admitiu, zangada. – Pensava que ele era bom tipo. Até achava que ele era melhor do que a fama que tem – disse, irritada. – Mas mudei de ideias.

– A culpa foi minha, Claire.

– Não, Shan – protestou. – Ele é que te levou a fazer isso e mereces muito melhor do que um idiota que só pensa em rãguebi e que te faz uma coisa dessas.

– Ele não me levou a nada – admiti. – Fui eu.

– Não quero saber! – disse ela. – É um *eejit*.

– O que é que eu faço agora? – perguntei, insegura.

– O que é que queres dizer com isso?

– Tenho um blusão dele – confessei. – Tenho de lho devolver.

– Porque é que tens um blusão dele?

– Emprestou-mo... – fiz uma pausa e, depois, acrescentei: – Na verdade, é o segundo. Emprestou-me o casaco dele, à saída da escola, mas como esse ficou encharcado, emprestou-me outro.

– Cá está! – exclamou ela. – Ele não te larga!

– Não é nada disso – protestei, sem muita certeza. – Só foi simpático, Claire. – Respirei fundo e acrescentei: – Ele é muito boa pessoa.

– Bom – disse ela e suspirou, libertando um pouco a raiva. – Devolve-lhe o blusão amanhã, na escola, e assunto encerrado.

– OK – respondi e senti-me triste com essa perspetiva.

– Ele é um tolo, sabes? – acrescentou ela. – Tu és linda e querida e doce e um milhão de outras coisas fantásticas que ele nunca vai

encontrar em cabras como a Bella Wilkinson.

– Obrigado – respondi, agradecendo a tentativa dela de me consolar. Aquilo não era verdade, evidentemente, mas as palavras dela ajudaram-me um bocadinho. – Mas não o odeies por causa disto.

– A sério? – surpreendeu-se. – A sério?

– Ele não fez nada de mal, Claire – insisti. – A sério. Não podia ter sido mais querido comigo.

– Então, porque é que não te beijou? – perguntou ela.

– Porque não quer ter nada comigo – respondi. – É óbvio.

– Então, é doido – resmungou. – Se eu tivesse pénis ou gostasse de raparigas, era a ti que eu queria.

– Obrigada – disse eu, meio a soluçar, meio a rir. – Se eu tivesse pénis ou gostasse de raparigas, também te ia querer a ti.

– Resumindo, não vamos passar a odiá-lo?

– Não – respondi. – Não, mesmo!

– Argh! – resmungou a Claire. – Combinado.

– És uma amiga fantástica, Claire – disse-lhe. – Não sei o que faria sem ti.

– Sou uma amiga suficientemente fantástica para me contares os pormenores?

– Que género de pormenores? – perguntei, nervosa. – O que é que queres saber?

– Tudo! Os pormenores todos! – respondeu-me.

Argh.

– É tão embaraçoso – murmurei. – Humilhante, até.

– OK, desculpa – disse ela, imediatamente. – Não tens de falar disso.

– Ele é lindo – murmurei, depois de uma pausa.

– Sim, sim – resmungou ela. – Isso já toda a gente sabe.

– Não, Claire – apressei-me a dizer. – Ele é mesmo lindo! – Fechei os olhos e murmurei: – Por baixo da roupa.

– Oh, meu Deus! – gritou-me ao ouvido. – Como é que sabes que ele é lindo, por baixo da roupa?

– Porque ele tomou banho e estava meio despido quando saiu...

– Quando saiu de onde?

– Do duche.

– Espera! – gritou a Claire. – Tomaste banho com o Johnny Kavanagh?

– O quê? Não! – Abanei a cabeça. – Tomei banho na casa de banho dele.

– OK, é melhor começares do princípio porque pus-me a imaginar coisas e já estou perdida.

– Estávamos os dois encharcados, por causa da chuva – expliquei eu, suspirando. – A mãe dele pôs a minha roupa na máquina de secar. Eu tomei banho na casa de banho do quarto dele. E ele tomou banho noutra casa de banho. E, depois, acabámos por nos encontrar, no quarto dele.

– Sem roupa?

– Ele estava de boxers – respondi, resistindo à tentação de lhe contar que, antes de ele os vestir, lhe tinha visto o rabo. – Foi isso.

– E tu? – quis sela saber.

– Só uma toalha. – Mordi o lábio, sentindo a cara a arder de vergonha. – Acho que lhe mostrei a minha, hmm, sabes... e nem sei como é que aconteceu, mas acabámos os dois na cama dele – apressei-me a dizer, em voz muito baixa. – E, de repente, ele estava ali, a cara dele estava tão perto da minha... – Respirei fundo e acrescentei: – Perdi a cabeça e beijei-o.

– Céus! – exclamou a Claire. – É como ver um desastre de comboio, só que em vez de ver, estou a ouvir.

– Eu sei – gemi. – E, depois, entrei em pânico e fechei-me na casa de banho dele. – Encolhi-me, só de me lembrar. – E ele foi tão querido comigo, Claire. Ele podia-se ter passado e ter-me mandado embora, mas ficou ali, a falar comigo, através da porta fechada, a tentar fazer-me sair...

– Argh, não aguento – murmurou ela. – Isso parte-me o coração.

– Prometeu que não falávamos mais do assunto, se eu saísse – continuei a dizer, ignorando os protestos dela, porque precisava de tirar aquele peso do peito. – Claro que mentiu. Quando estávamos no carro, a caminho de minha casa tivemos...

– A *conversa*? – precipitou-se ela. – Por favor, diz-me que ele não teve a *conversa* contigo.

– Teve – disse eu. – E disse uma data de vezes que eu não tinha

nada de que me arrepender e acho que estava a ser sincero, mas sinto-me tão envergonhada com isto tudo. Juro que nunca mais na vida me vou declarar a ninguém.

– Raios! – exclamou a Claire. – Quem me dera não ter aquela treta do hóquei, amanhã. Não quero que estejas sozinha, na escola, quando te estás a sentir assim.

– Eu também não – concordei, triste. – Ao menos, a Lizzie está lá.

– Se calhar, o melhor é não contares isto à Liz – disse a Claire. – Ela corta a pila ao Johnny.

– Ninguém pode saber disto, Claire – murmurei. – Ninguém.

– Concorde.

Agarrei-me à barriga, ao sentir outra dor, fazendo-me gemer de novo.

– Olha, se calhar, o melhor é também não ires às aulas, amanhã – disse a Claire, num tom preocupado. – Não pareces lá muito bem.

– Amanhã já vou estar bem – murmurei.

E estaria.

Esperava eu.

*Fiz merda***JOHNNY**

– Bom dia – disse o Gibsie, afundando-se no banco do pendura do meu carro, na terça-feira de manhã. – Que tal o treino de ontem?

– Fiz merda – confessei.

– Fizeste merda? – O Gibsie arqueou uma sobrancelha. – No treino?

– Não. – Abanei a cabeça. – Não fui.

– Porquê?

– Porque fiz merda!

– Como?

– Foda-se! – Com um gemido, meti a mudança e afastei-me de casa dele. – Fiz merda à séria. – Agarrei o volante com toda a força e fiz uma espécie de gemido de dor. – Fiz merda da grande, Gibs.

– Tencionas dizer mais alguma coisa que não seja a palavra merda? – perguntou, ao mesmo tempo que tirava da mochila um CD e o guardava na minha caixa. – Já agora, gravei-te isto, ontem à noite – acrescentou, com um sorriso. – Acho que vais gostar.

– Obrigado – resmunguei, demasiado distraído para me concentrar em qualquer outra coisa que não fossem os meus pensamentos furiosos.

– Bem – disse o Gibsie, tirando um maço de cigarros. Pôs um na boca e acendeu-o. – Vais contar-me que merda é que fizeste ou não?

– Abre a janela – protestei. – Sabes muito bem que não aguento o cheiro dessa coisa.

– Presumo que essa tua neura tem que ver com a Shannon? – disse ele, abrindo a janela e atirando lá para fora uma nuvem de fumo.

Assenti novamente, sentindo-me em pânico.

Passei a noite a tentar tirar aquela merda de peso do peito. Mal conseguia respirar por causa da pressão que sentia no corpo e também por causa do arrependimento e do cheiro dela nos meus lençóis. Nem

sequer consegui desfrutar do jantar com o meu pai, coisa que, por causa dos nossos horários desencontrados, não fazia desde o dia de Ano Novo. Passei todo o jantar perdido dentro da minha própria cabeça.

Completamente preso a ela.

«*Pensei que gostavas de mim.*»

Bem, foda-se, fiquei de coração partido quando a ouvi dizer aquilo.

– O que é que fizeste, Johnny? – insistiu o Gibsie, tirando-me dos meus pensamentos.

– Voltei a fazer a mesma coisa – admiti.

Olhou para mim.

– Voltaste a levá-la a casa?

Assenti e não consegui reprimir um gemido.

– Só que, desta vez, fui mais longe e obriguei-a a aceitar boleia para casa, depois da escola.

– Johnny...

– Meti-a, literalmente, dentro da porra do carro, Gibs. – Respirei profundamente, frustrado, e encostei-me mais ao assento. – Com a minha mãe.

Ele deu uma gargalhada.

– Que grande idiota!

– Eu sei – gemi. – E, depois, a minha mãe fez aquilo que melhor sabe fazer.

– Intrometeu-se – acrescentou o Gibsie, sabendo bem como era.

– Levou-a para casa.

As sobancelhas do Gibsie quase saltaram.

– Para tua casa?

– Ah, pois – admiti, sentindo-me ainda pior. – E depois teve comigo *a conversa*.

O Gibsie estremeceu.

– Ai, Jesus.

– Pois é, pá. – Abanei a cabeça, obrigando-me a concentrar-me na estrada. – Foi brutal.

– E onde é que estava a Shannon enquanto decorria *a conversa*?

– Isso é o pior de tudo – respondi, fazendo uma careta e indicando a escola, já à nossa frente. – A minha mãe achou que era boa ideia

fazer a Shannon tomar a porra de um banho. – Olhei para ele, irritado.

– Outro!

– Estás a gozar? – surpreendeu-se o Gibsie.

– Não, não estou – garanti-lhe, virando para o caminho que levava à escola. – E também achou que era uma ideia fantástica pegar na roupa da Shannon e metê-la na máquina de secar.

– Para. Não aguento. Isto é de mais! – Atirou a cabeça para trás e desatou a rir à gargalhada. – A Mamã Kavanagh é uma ajudante de campo melhor do que eu!

– Foca-te, Gibs! – disse eu, irritado, a entrar com o carro no estacionamento. – Foi mau. Foi muito mau, foda-se.

– Mau como? – perguntou ele.

Estacionei no meu lugar habitual e desliguei o carro.

– Mau como, Johnny? – insistiu o Gibsie.

Respirei fundo e voltei-me no banco, para olhar para ele.

– Ela beijou-me.

Os olhos do Gibsie iluminaram-se.

– A sério?

Assenti.

– Na minha cama. Numa toalha. Como uma porra de um sonho molhado. Ela pôs a boca dela na minha, Gibs.

– Numa toalha?

– A minha mãe é que tinha a roupa dela, lembras-te? – Quase gaguejei. – Ela só estava embrulhada numa toalha, sem mais nada.

O Gibsie sorriu.

– Sem mais nada?

– Sem mais nada – repeti, marcando bem cada palavra.

– Viste...

– Vi – admiti, gemendo. – Foda-se!

– E?

– Perfeita.

– Foda-se!

– Pois.

– Merda, pá – disse o Gibsie, pensativo, a coçar o queixo. – Nunca me passou pela cabeça que fosse ela a dar o primeiro passo. – E voltando-se para mim, perguntou: – E tu, o que é que fizeste?

– Bloqueei – admiti e suspirei, triste. – Bloqueei completamente, pá. E ela entrou em pânico e fechou-se na minha casa de banho. Foi um desastre, porra! Levei uma eternidade a conseguir que ela saísse de lá e, depois, não me disse mais do que três palavras quando a fui levar a casa.

– Isso... – O Gibsie abanou a cabeça. – É um desastre.

– E dos grandes – concordei. – Tentei falar com ela, mas foi impossível, meu. Não quis ouvir uma única palavra do que tinha para lhe dizer.

– E o que é que tentaste dizer-lhe?

– A verdade! – exclamei, cansado. – Que me vou embora, daqui a uns meses, e que não posso ter um compromisso com ela.

– Tu, para génio, és um bocadinho estúpido, não? – disse o Gibsie. Voltei-me para olhar para ele.

– Desculpa?

– Levaste-a a casa uma data de vezes, levaste-a ao bar, ao cinema, levaste-a a tua casa, duas vezes! E, depois, ela beija-te e tu rejeitas a miúda – disse ele. – De que é que estavas à espera? Que ela se sentasse, muito quietinha, a ouvir-te?

– Não a rejeitei porra nenhuma! – protestei. – Nunca a rejeitaria!

– Oh, OK – ironizou o Gibsie. – É claro que rejeitaste!

– E foste tu que me aconselhaste a ser amigo dela – acusei-o.

– Bom, enganei-me – reconheceu. – Não podes fazer isso. Não vai resultar. Desiste.

– Vai resultar, sim – insisti. – Tem de resultar.

– Porque é que tem de resultar? – perguntou ele.

– Porque eu preciso dela... – Abanei a cabeça e voltei a respirar fundo, frustrado. – Porque a quero na minha vida.

– Porque a queres, ponto final – retorquiu o Gibsie. – Porque estás completamente apaixonado pela miúda.

– Cala-te! – disse, em tom de aviso.

– OK. – Levantou as mãos, em sinal de rendição. – Não digo mais nada.

Continuámos sentados, dentro do carro, em silêncio, durante um longo momento. O Gibsie fumou mais um cigarro e, por fim, fui eu o primeiro a falar:

– Sabias que ela é fantástica na PlayStation? Tipo pro, mesmo?

O Gibsie olhou para mim, surpreendido.

– Não!

Assenti.

– Deu-me uma tarefa do caraças, pá. Nunca vi ninguém a cumprir missões tão depressa como ela.

Expirou o fumo e atirou o resto do cigarro pela janela.

– Tinha uma cábula?

– Não precisa – disse eu, carregando no botão para fechar a janela.

– Tinha os códigos todos memorizados.

– Ai, meu Deus – gemeu o Gibsie. – Isso é *sexy* como o caraças.

Apontei para a porta do pendura.

– Sai do meu carro.

– Eu não penso nela dessa maneira. – Abriu a porta e saiu, a rir.

Sim, sim, uma porra é que não pensa.

Período e rapazes heroicos

SHANNON

Quando acordei, na terça-feira de manhã, demorei imenso tempo, para me arrastar para fora da cama. Tinha tantas dores que só me apetecia enfiar a cabeça debaixo do edredão e ficar ali.

No entanto, saber que não ir à escola significava ter de passar o dia todo na mesma casa que o meu pai foi incentivo suficiente para me fazer levantar. Mas a ideia de ter de enfrentar outra vez o Johnny também não me animava.

Não me sentia nada bem. Tinha a cabeça à roda e o corpo em agonia.

Quando saí do autocarro, no Tommen, sentia o corpo virado do avesso, a começar pelo estômago.

Trazia o blusão do Johnny lavado, seco e dobrado, dentro de um saco de plástico, no bolso da frente da mochila, pronto para ser devolvido, tal como a Claire e eu tínhamos decidido. Tencionava entregar-lho e encerrar o assunto. Melhor ainda, se visse o Gibsie, podia entregar-lho e pronto.

Durante toda a manhã, procurei-o nos corredores, mas nunca nos cruzámos. Isso encheu-me a cabeça de mil e um pensamentos preocupantes.

Estaria magoado?

Já sabia que sim. Mas teria piorado?

Seria o adutor? Estaria no hospital? Estaria doente? Céus! Estava a ser patética!

Se não fosse a minha terrível dor de estômago a exigir-me toda a atenção, teria continuado a fazer cenários de terror sobre a ausência dele. Estava cheia de cólicas na zona do estômago, os músculos abdominais doíam-me como se estivessem a ser atacados por lâminas que os cortavam de dentro para fora.

Aquilo não era provocado pela ansiedade. Não, aquilo tinha de ser

outra coisa.

Tinha tantas dores que nem sequer conseguia estar concentrada nas aulas e não tinha as minhas amigas para me distraírem, porque a Claire tinha o tal jogo fora, com a equipa de hóquei feminino, e a Lizzie não tinha ido à escola. A Lizzie estava doente, com uma virose que a fazia vomitar, e era muito provável que eu para lá caminhasse.

Apesar de tudo, não faltei a nenhuma aula, sentei-me sozinha, tentei misturar-me com o papel de parede e rezei para não desmaiar. Quando o intervalo grande chegou, estava completamente farta da escola e pronta para vender a alma ao Diabo em troca de um paracetamol e de um copo de água.

E, por incrível que pareça, o meu dia ainda piorou mais quando uma rapariga do décimo segundo ano me puxou para o lado, no corredor, e me disse aquilo que nenhuma adolescente do mundo quer ouvir, na escola:

– Desculpa, hmm... mas acho que estás que estás a pingar.

E porque sou assim, o meu cérebro precisou de uns segundos para perceber o que é que ela estava a dizer e mais outros tantos para entender o significado do que acabava de ouvir. E, quando percebi, desejei que o chão se abrisse sob os meus pés e me engolisse.

Esqueçam! Eu queria era explodir e desintegrar-me no ar, porque ter uma colega do décimo segundo a dizer-me que estava a «pingar», no meio do corredor da escola, deixa qualquer uma de rastos.

Devastada, corri para a casa de banho, para confirmar. Felizmente, não estava lá ninguém, quando entrei. Atirei a mochila para o chão, de costas para o espelho, e virei o pescoço.

– Oh, meu Deus, não! – Solucei, ao ver a mancha de sangue na saia cinzenta do meu uniforme da escola.

Nem sequer era uma manchinha pequena.

Claro que não!

Estamos a falar de mim, o que quer dizer que, quando se trata de embaraço e vergonha, a coisa nunca fica pela metade.

Então, era isso. Naquele dia, a Mãe Natureza tinha resolvido fazer-me uma visita. Nove dias depois de ter feito dezasseis anos.

Mais vale tarde do que nunca.

Mas no meio da escola.

Oh, valha-me Deus!

Bem, pelo menos, agora, as cólicas insuportáveis na barriga faziam sentido.

Como raio é que eu podia saber? Nunca, em toda a minha vida, tinha tido aquelas dores pélvicas tão fortes. Porque a verdade é que aquele era o meu primeiro período verdadeiro.

Peguei na mochila e numa data de toalhas de papel, entrei num dos cubículos e fechei a porta. Tirei a saia, os *collants* e as cuecas e desatei a chorar quando o sangue me lambeu as pernas.

Oh, Céus!

Não entres em pânico, Shannon. Não te assustes.

Com a respiração controlada, comecei a limpar-me, rapidamente, com um único pensamento na cabeça.

Fugir.

Mal estivesse com um aspeto minimamente respeitável, ia diretamente para casa, escondia a cabeça debaixo das cobertas e morreria de vergonha em paz.

Peguei no telefone e enviei uma mensagem ao Joey, a pedir para me ligar, porque, como era costume, eu não tinha crédito para lhe ligar e, também como era costume, precisava que ele viesse salvar-me.

Não me respondeu.

Pus-me a remexer na mochila, à procura de um tampão que já sabia que não tinha. Por que raio haveria de ter?

E a Mãe Natureza tinha decidido agradecer-me com três anos de dores menstruais e vergonha, naquele exato momento.

Céus!

Respirei profundamente, agarrei-me à barriga e fiquei muito quieta, à espera de, assim, conseguir algum alívio.

Mas não consegui.

Também procurei o dinheiro que já sabia que não tinha, para poder comprar pensos higiénicos na máquina de venda automática da casa de banho.

Dois euros.

Só precisava de uma porcaria de uma moeda de dois euros e nem sequer isso tinha.

Felizmente, tinha sempre comigo um par de cuecas extra, por isso,

fiz um penso higiénico improvisado, com as toalhas de papel das mãos, enquanto as lágrimas me caíam pela cara abaixo.

Eu sabia que não era preciso estar a chorar por causa daquilo. Era uma coisa completamente normal.

Mas estava aborrecida, envergonhada e desprevenida.

Por uma vez na vida, desejei que as coisas me pudessem correr bem. Estava tão cansada de tantos problemas. Precisava de um intervalo.

Limpei a saia o melhor que pude, antes de voltar a vesti-la. Depois, tirei a camisola e pu-la à cintura, para tapar a mancha da vergonha. Estava sem meias, de manga curta, o que era mais do que estranho, num dia de março.

A fungar, não parava de remexer na mochila, à procura de nada, os dedos a pairarem por cima do saco de plástico onde estava o blusão do Johnny. Tirei o blusão do sítio onde estava, guardei as meias e as cuecas no saco de plástico e escondi-o bem no fundo da mochila.

Saí do cubículo, fui até aos lavatórios, deixei cair no chão a mochila e o blusão e lavei as mãos com uma quantidade absolutamente exagerada de sabonete, enquanto as lágrimas me caíam pela cara abaixo.

– Estás bem? – perguntou uma voz feminina, assustando-me.

A fungar, voltei-me e vi uma rapariga a sair do cubículo mais distante, aquele que tinha um letreiro a avisar que estava fora de serviço. Em volta dela, pairava uma espessa nuvem de fumo, impossível de detetar pelo alarme de fumo, que estava desmontado, no teto. Estava tão embrenhada no meu desastre pessoal que nem tinha percebido que estava mais alguém ali.

– Desculpa – murmurei. – Não sabia que estava alguém aqui.

– Está a chover – disse ela, mostrando um maço de cigarros. – Detesto ter de apanhar chuva para fumar.

O uniforme era a única coisa que eu tinha em comum com aquela rapariga que estava ali, à minha frente.

Ela era muito mais velha do que eu e muito mais bonita. O cabelo preto tinha o corte que todas as celebridades daquela altura usavam e as feições dela eram irrepreensíveis. Era alta, com um corpo em forma de ampulheta e seios enormes e salientes, por baixo da camisola azul-

escura.

Aproximou-se de mim e encostou-se ao lavatório ao lado do meu.

– Porque é que estás a chorar?

– Oh, eu estou bem – disse eu, muito depressa. – Não foi nada.

– Não me parece que não tenha sido nada – disse ela, com os olhos azuis postos nos meus. – Estavas ali dentro a chorar como um bebé.

Encolhi os ombros, sentindo a cara a arder de vergonha.

– Um mau dia?

Era mais uma má vida...

Respirei fundo.

– Sim, é isso.

– Às vezes, também me acontece – disse ela.

Tive dúvidas. Parecia demasiado perfeita para alguma vez na vida ter tido um mau dia. Inclinou a cabeça para o lado, para me estudar o rosto.

– Tu és a miúda nova.

Assenti.

– A que veio da escola pública?

Senti um peso no coração. Arrepiei-me de medo. Mas consegui assentir e manter-me impassível.

– Como é que te chamas?

– Hmm, Shannon – respondi, em voz baixa. – Shannon Lynch.

– Shannon.

Os olhos brilharam-lhe, ao reconhecer-me, e não tive a certeza se gostava daquilo.

Senti-me desconfortável, mas passei por ela e fui secar as mãos, no secador elétrico, durante uns segundos, a seguir, apanhei do chão as minhas coisas.

– Chamo-me Bella – disse ela, desencostando-se do lavatório. – E isto... – arrancou-me o blusão das mãos. – Isto não é teu!

O coração caiu-me aos pés.

– Onde arranjaste isto? – perguntou. O tom de voz ainda era calmo, mas a expressão dela não. – Foi o Johnny que te deu?

– Oh, não, desculpa – respondi, atrapalhada, pondo a mochila às costas. – Devo tê-lo tirado do cabide por engano.

– Não mintas – avisou-me. – Onde é que arranjaste este blusão?

– Foi ele que mo deu – murmurei, sentindo o corpo todo a tremer. Ela arqueou uma sobrancelha perfeitamente arranjada.

– O Johnny deu-te o blusão dele?

Assenti e engoli em seco.

– Quando? – perguntou.

– Ontem.

Semicerrou os olhos.

– Porquê?

– Estava a chover.

– E então? Estamos na Irlanda. – Olhou para baixo, para mim. – Está sempre a chover.

Eu estava a ficar cada vez mais desconfortável.

– Ele só foi simpático.

– O Johnny não é simpático, muito menos com gente estranha – disse ela.

Encolhi os ombros e passei por ela, mas esticou a mão e impediu-me de continuar. Encolhi-me de medo.

– Espera – ordenou, os olhos a oscilarem entre o blusão e a minha cara. – Eu ainda não acabei.

Se ela te bater, bate-lhe também, Shannon, repeti mentalmente o conselho que o meu irmão me tinha dado. *Não és o saco de pancada de ninguém. Não deixes que ninguém te bata.*

– Um passarinho contou-me que andaste a dar umas voltas de carro, com ele.

Não me pareceu uma pergunta, por isso, não respondi. Já tinha tido brigas suficientes com raparigas como a Bella para saber que tudo o que eu dissesse podia e seria usado contra mim. Era mais seguro ficar calada.

– Sabes quem eu sou? – perguntou ela, finalmente.

Assenti.

– Sabes quem ele é?

Assenti.

– E sabes quem és tu?

Encolhi os ombros.

– Não és ninguém – disse a Bella, suavemente. – Não és nada, miudinha. Nem para ele. Nem para mim. – Aproximou-se mais de mim

e tive de fazer um esforço para não vacilar. – Por isso, seja lá qual for o joguinho que andas a jogar, vais parar, porque... – Fez uma pausa e tirou-me um cabelo do ombro, sorrindo-me. – O teu dramazinho, ali no cubículo, não vai ser nada comparado com o inferno em que vou tornar a tua vida se te passar pela cabeça andares atrás dele.

– Eu não quero nada dele – disse eu, sentindo-me à beira de desmaiar.

E ele não quer nada comigo.

A Bella atirou a cabeça para trás e riu-se.

– Todas o querem – disse ela, por fim, sem deixar de rir, longe de estar alegre. – E ficas a saber: não és nada de especial. O Johnny só é simpático contigo porque és uma cabra estúpida que se meteu no meio de um treino dele e lhe causaste uma data de problemas.

Senti um aperto no coração.

– Achavas que eu não sabia do espetáculo que deste no campo, naquele dia? – Arqueou uma sobrancelha. – Eu sei tudo o que se passa aqui dentro.

– Foi um acidente – murmurei, sentindo que os meus olhos se enchiam de lágrimas.

– Como se eu acreditasse! – troçou. – Quiseste foi chamar a atenção dele e conseguiste.

– Não – murmurei. – Não foi nada disso.

– Ah, por favor – sibilou. – Desde que chegaste que não fazes mais nada senão arranjar-lhe problemas. Lutar com o Ronan McGarry? – Arqueou a sobrancelha. – Aposto que adoraste, não é?

Abanei a cabeça, devastada.

– Espero que saibas que ele só está a ser simpático contigo porque não tem outra hipótese – acrescentou ela, sempre a olhar para mim. – Porque a tua *mamã* tentou que ele fosse suspenso e ele não pode ter chatices dessas, por causa da Academia.

Fiquei de boca aberta.

– Também achaste que eu não sabia disso? – Riu-se. – Sei tudo sobre ti! Os teus segredinhos todos. Os esqueletos do teu armário.

– Eu não... não tenho... Não é...

– Poupa-me – interrompeu-me a Bella. – Esse teu papel de pobre vítima não pega comigo. Ficas a saber que o que aquelas miúdas te

fizeram, naquela escola de merda de onde tu vieste, até te vai parecer bom comparado com o que eu te vou fazer se não saís de cena. – Olhou-me, dura, antes de acrescentar: – Isto é um aviso de amiga, Shannon. Não vou ser tão boazinha se tiver de falar contigo outra vez.

– Não vai ser preciso – consegui dizer.

Sem lhe dar tempo para me responder, saí da casa de banho. Precisava de sair dali, e depressa.

Como era hora do almoço e estava a chover, os corredores estavam cheios de alunos, que se abrigavam do mau tempo.

Com o coração a bater com toda a força, tentei passar por entre a multidão, de cabeça baixa e o pensamento na saída. Não tinha andado nem cinco metros quando bati contra uma parede de músculo. O impacto fez-me saltar para trás e cair no chão.

– Oh, merda – ouvi uma voz conhecida dizer. – Desculpa. – Duas grandes mãos pegaram-me nos braços e puxaram-me. – Não te vi, Shannon – disse o Gibsie, pondo-me de pé. – Estás bem?

Eu tinha-os observado o suficiente para já saber que onde quer que o Gerard Gibson estivesse, o Johnny Kavanagh não andava longe, e vice-versa. O que era mais do que preocupante, dada a guerra que acabava de me ser declarada.

Assenti, uma vez, e tentei contorná-lo. O problema é que o Gibsie me intercetou o movimento e bloqueou-me o caminho.

– Ei – disse ele, de súbito, num tom sério. – Estás bem? Magoaste-te?

– Estou be-bem – disse, tentando desesperadamente evitar os soluços.

Mas não resultou. Mal ele se baixou e me olhou nos olhos, um enorme soluço sacudiu-me o corpo.

– Merda – disse ele, nervoso, olhando em volta. – Magoei-te.

– N-não, não ma-goaste. Eu só... eu preciso de ir... de ir para ca-sa – Gaguejei, a chorar como um bebé, à frente dele. – Ago... agora.

Tudo aquilo era de mais para mim.

O período. As ameaças. O pânico.

Era de mais e eu não estava a aguentar.

– Posso dar-te um abraço?

Abanei a cabeça.

– Posso levar-te a casa?

Encolhi os ombros, desamparada.

– Agora?

Funguei, como resposta.

– Hmm, OK – disse o Gibsie, parecendo-me confuso. – Vou-te levar a casa já.

– Shannon?

Ouvir alguém chamar-me e, logo a seguir, ver o Johnny ali parado, ao lado do Gibsie, só confirmou a minha teoria de que aqueles dois andavam sempre juntos.

– O que é que aconteceu? – perguntou o Johnny, a olhar para mim, preocupado. Voltou-se para o Gibsie. – O que é que lhe fizeste?

– Nada, meu – respondeu o Gibsie, levantando as mãos. – Juro.

– Ela está a chorar, Gibs – disse o Johnny, dirigindo-se ao amigo. – É óbvio que lhe fizeste alguma coisa.

Fiquei em pânico ao ver a Bella à porta da casa de banho, a olhar para nós, com uma expressão assustadora. Eu conhecia bem de mais aquele olhar. Era uma promessa de problemas.

– Shannon – disse o Johnny, voltando o olhar para mim. – O que é que aconteceu?

– Por favor, não fales comigo – pedi-lhe, afastando-me dele.

Os reflexos do Johnny eram muito mais rápidos do que os meus porque a mão dele já estava a segurar-me o cotovelo, impedindo-me de sair dali.

– Shannon?

– Não me toques! – sibilei, em pânico, e soltei o braço.

O Johnny recuou, como se eu o tivesse atingido.

– Qual é o teu problema?

– Johnny, pá – interrompeu o Gibsie, atrás de nós. – Se calhar, devias dar-lhe ouvidos...

– Gibsie, se calhar devias pôr-te a milhas e deixar-nos sozinhos – respondeu-lhe o Johnny, acalorado. – Isto é privado.

– Faz o que quiseres, *Bulldozer* – disse o Gibsie e, depois, afastou-se.

– Shannon, o que é que aconteceu? – repetiu o Johnny, completamente concentrado na minha cara. – É por causa do que se

passou ontem? Porque não precisas de...

– Não – disse eu, pedindo a Deus que tivesse pena de mim e não deixasse o Johnny falar do que acontecera na véspera, à frente da escola toda. – Não tem nada que ver com ontem.

– Então, o que é que se passa? – perguntou. – Fala comigo!

– Só quero que me deixes em paz – disse eu, tentando, mais uma vez, afastar-me dele. – Eu...

O Johnny voltou a agarrar-me pelo braço, quando tentei passar por ele, e obrigou-me a recuar.

– Depois de me dizeres que raio está a acontecer.

Olhei para a Bella, que me fuzilou com os olhos. Comecei a tremer, ao ver a expressão dela, e o Johnny percebeu. Levantou a cabeça e o corpo dele ficou imediatamente tenso.

– Valha-me Jesus Cristo! – disse ele, passando uma mão pelo cabelo, frustrado. – O que é que ela fez?

Abanei a cabeça.

– Nada.

– Shannon, conta-me o que é que ela te disse. – Voltou o olhar para mim. – Eu sei que ela te disse qualquer coisa.

Não respondi e o Johnny abanou a cabeça.

– Muito bem – disse ele, voltando-me as costas. – Eu descubro sozinho.

– Espera... – Agarrei-o pelas costas da *sweater* azul-escura que ele trazia vestida por cima do uniforme, puxando-o para mim. – Por favor, não digas nada.

– Não digas nada? – indignou-se o Johnny. – Shannon, se ela te anda a chatear, é claro que tenho de dizer alguma coisa. – Voltou-se e olhou para a Bella. – Uma data de coisas, aliás.

– Não anda – menti, desesperada para acabar com aquela situação antes de aquilo explodir. – Juro.

– Para de me mentir – disse o Johnny, furioso. – Estás a chorar e ela, que se quer vingar de mim, está ali, a olhar para nós com um olhar assassino. – Semicerrou os olhos e acrescentou: – Estou a fazer as contas, Shannon, e dois mais dois é igual a cabra.

– Não, estás enganado, eu só... – Interrompi-me e não consegui evitar um gemido quando uma cólica me atingiu, em cheio, a barriga.

– Merda – disse ele, pegando-me num cotovelo e ajudando-me a continuar de pé. – Estás bem?

– Estou – consegui dizer, a respirar pelo nariz, enquanto me agarrava às costelas. – Estou bem.

– Meu Deus! – exclamou o Johnny, olhando para mim, horrorizado. – Ela bateu-te?

– O quê? Não! – consegui dizer, em pânico.

O olhar dele escureceu.

– Foi ela? Ela anda a fazer-te mal? – Tocou-me no pescoço. – Foi ela que fez isto?

Abanei a cabeça.

– Não me mintas, Shannon – disse, sério. – Odeio mentiras.

– Não estou a mentir!

– Então, diz-me o que é que está a acontecer – exigiu, passando a mão pelo cabelo. Respirou fundo, frustrado, e acrescentou: – Por favor, conta-me, antes que eu perca a cabeça.

Oh, meu Deus.

Desesperada, fiz-lhe sinal para se aproximar mais de mim e, quando ele se baixou, eu pus-me em bicos de pés e sussurrei-lhe, ao ouvido:

– Acabou de me aparecer o período – disse eu, de olhos fechados e obrigando-me a falar. – É a primeira vez – continuei, observando o perfil dele, enquanto lhe contava aquele meu pesadelo. – E estou cheia de dores.

Voltei a pôr os pés no chão e respirei fundo, a olhar atentamente para ele, à espera de o ver fugir a sete pés.

É verdade que estava com um ar horrorizado e que tinha ficado tenso, mas não fugiu e também não tirou a mão com que me segurava o cotovelo. Até me apertou mais.

Sem me poder mexer, olhei para ele, aterrorizada, enquanto ele também olhava para mim.

– Vens, Kav? – chamou-o um dos amigos.

O Johnny agitou uma mão, num gesto que dizia que estava ocupado.

– Johnny?

– Baza daqui, Feely – rugiu. – Estou a ter uma conversa.

– OK, pá, mas nós vamos à cidade almo...

– Eu disse que estava a ter a porra de uma conversa – trovejou o Johnny. – Desaparece!

– Se calhar, não te devia ter dito isto – disse eu, muito depressa e recuando, para pôr alguma distância entre nós, a cara a arder num tom nada lisonjeiro de vermelho. – Vai com os teus amigos. Eu estou bem.

– Foi mesmo isso que aconteceu? – perguntou-me, ignorando o que eu acabara de dizer, os seus olhos azuis à procura dos meus. – É por isso que estás a chorar?

– É – murmurei.

– Tens dores?

Mordi o lábio e obriguei-me a assentir.

Ele respirou fundo.

– Tenho ibuprofeno no meu saco de equipamento, por causa do adutor. – Olhou para mim, esperançoso. – Ajuda?

– Sim, claro! – Suspirei, sentindo-me inundada por uma onda de gratidão ao pensar no alívio da dor.

– Tenho o saco no balneário do pavilhão desportivo – disse ele, fazendo um gesto para a entrada. – Anda comigo.

Insegura, olhei para a Bella, que continuava no mesmo sítio, a observar-me, e pensei bem no meu próximo passo, antes de decidir ir com o Johnny. Eu precisava do medicamento e ele estava a atirar-me um colete salva-vidas, oferecendo-me uma fuga temporária.

Vergonha ou dor, Shannon, vergonha ou dor?

Vergonha, decidi, e aceitei ir com ele.

– Puta! – disse a Bella, num tom tão alto que toda a gente ouviu.

Gemi em silêncio.

– É isso mesmo – insistiu, quando os meus passos vacilaram. – Estou a falar de ti, puta!

– Não – implorei, ao senti-lo ficar tenso, ao meu lado. – Johnny, por favor, não faças na...

Mas o Johnny nem me deu tempo para acabar de falar, virou-se e foi ter com a Bella.

– Olha só quem fala!

Fiquei presa ao chão, a vê-los discutir acaloradamente, embora

soubesse que aquela era a oportunidade perfeita para fugir dali, mas incapaz de obrigar as minhas pernas a correrem. Estava tão exausta que não conseguia fugir e algures, dentro da minha cabeça, perguntava-me se aquele rapaz não seria a única pessoa a ancorar-me.

Era o que parecia, ao ouvi-lo a responder com insultos aos gritos da Bella.

Começou a juntar-se imensa gente à volta deles, para assistirem à discussão, mas isso não parecia incomodar minimamente o Johnny.

– Deixa-a em paz – gritava ele. – Não é um assunto teu.

– Mas tu és – respondia-lhe ela, aos gritos.

O Johnny levantou as mãos no ar.

– Estás a delirar!

– Mentiste-me quando me disseste que não se passava nada! – gritou a Bella.

– Pensa o que quiseses, Bella. Estou-me a cagar para o que tu pensas – gritou-lhe ele. – Não a metas é nos teus esquemas de merda.

Ele estava a defender-me.

Não era o meu irmão. Nem a Claire. Nem a Lizzie. Nem um professor.

Não, era aquele rapaz que fazia o meu coração bater mais depressa e me tirava o bom senso que estava ali, no meio do corredor da escola, a defender a minha honra.

Tinha-me rejeitado, na véspera, mas agora estava ali, a defender-me de uma *bully*. Tinha a cabeça às voltas, sentia-me confusa.

– Ela, Johnny? – disse a Bella, lançando-me um olhar mordaz. – A sério?

– Fica longe dela – avisou-a ele, num tom ameaçador. – Atreve-te a repetir e garanto-te que não vais gostar do resultado.

– Está a ameaçar-me? – sibilou ela. – O que é que achas que os teus treinadores da Academia vão dizer disto?

– Porque é que não lhes ligas e descobres? – respondeu ele, virando-lhe as costas e começando a andar na minha direção.

Estava com uma expressão tão furiosa que me encolhi instintivamente.

– Anda – ordenou-me o Johnny, quando chegou ao pé de mim. Pousou uma mão no fundo das minhas costas, incentivando-me a

andar. – Vamos embora.

Insegura, deixei que ele me guiasse para longe da multidão que nos observava.

– Onde vamos? – sussurrei, apressando-me para lhe acompanhar o passo.

– Para longe daqui – disse ele, tenso.

– Porquê?

– Porque, se eu ficar aqui e ela te disser alguma coisa, vou perder a cabeça. E se tu ficares aqui e ela te disser alguma coisa, também vou perder a cabeça – explicou, em tom firme. – Além disso, preciso de me ir embora – fez uma pausa para abrir a porta de vidro e fazer-me sair.

– E tu tens de vir comigo – concluiu, levando-me para a chuva.

– Eu, hmm, sim, OK – sussurrei, enquanto corria ao lado dele.

As minhas emoções estavam num turbilhão, ao atravessarmos o pátio.

– Mentiste-me, Shannon – disse o Johnny, baixinho, enquanto caminhávamos em direção ao pavilhão desportivo. – Ela disse-te qualquer coisa.

– Eu não queria arranjar confusão – admiti.

– Não tinhas nada que ver com isso – respondeu. – Também me mentiste quando te perguntei se ela te bateu? E sobre a razão para estares com dores?

– Não – consegui dizer. – Essa parte é verdade.

Lamentavelmente.

– E o teu pescoço?

– Não foi ela – respondi.

O Johnny ficou calado durante um longo momento.

– Não me voltes a mentir – disse ele, por fim, num tom muito calmo, olhando para mim. – Não suporto.

– Não, não volto – prometi, odiando a mentira, mal ela me saiu da boca.

Chegámos ao pavilhão desportivo e corremos lá para dentro, contentes por sairmos da chuva.

Fui atrás dele, aquela zona da escola era mais o forte dele do que o meu. Mantive os olhos nas costas dele, caminhando sempre atrás. Hesitei quando ele entrou no balneário dos rapazes, mas ele ficou a

segurar a porta e fez-me um sinal para entrar, com o olhar expectante.

Corri lá para dentro, como um potro desajeitado, e dei um salto, surpreendida, quando a pesada porta se fechou.

A primeira coisa que me atingiu foi o avassalador cheiro a adolescente. A mistura de suor, desodorizante e fluídos corporais era tão forte que tive de fazer um esforço para não me engasgar. Não era um cheiro completamente desconhecido, por causa do Joey, mas, ali, estava intensificado pelo facto de aquele balneário ser usado, constantemente, por quarenta e tal rapazes.

Sentindo-me completamente deslocada e com as narinas a arder, vi o Johnny dirigir-se a um banco, do lado direito da sala. Sentou-se, puxou, por entre as pernas, um saco que estava lá debaixo, e abriu-o.

– Anda cá – disse ele, remexendo no saco e tirando de lá meias, embalagens de desodorizantes e umas garrafas vazias de *Lucozade Sport*. – Anda cá, Shannon – repetiu, calmamente.

E eu fui. Caminhei até ao sítio onde ele estava.

O Johnny indicou o banco com o cotovelo.

– Senta-te.

Olhei para o banco com cautela.

Abanando a cabeça, o Johnny estendeu o braço e pegou-me na mão.

– Senta-te – repetiu, puxando-me e fazendo-me sentar ao lado dele.

Os nossos ombros tocaram-se e eu afastei-me um bocadinho de nada e, depois, pus os braços em volta da barriga.

Ele era grande, forte e intimidantemente bonito.

Perto dele, sentia-me muito pequena. Muito nova. Muito insegura.

Muito rejeitada.

Estava intimidada, mas não era por ele ser assustador. Não era ou, pelo menos, eu não o achava assustador. Tenho a certeza de que ele aterrorizava os adversários com quem jogava, mas não era o que estava a acontecer ali.

Não em relação a mim.

Não, eu estava intimidada porque ele era assim e eu era infinitamente inferior. Qualquer centelha de esperança que eu tivesse no coração, morreu naquele momento. Ele nunca olharia para mim quando podia ter ao seu dispor pessoas como a Bella.

Eles faziam sentido juntos. Ele ficava bem com ela.

Com alguém que tinha ar de modelo de revista. Alguém que merecia aparecer nos jornais.

Eu não passava de uma adolescente que o cobiçava.

– Finalmente, porra – murmurou o Johnny, tirando uma caixa retangular de ibuprofeno do bolso lateral do saco. Tirou dois comprimidos do *blister* e estendeu-mos.

Desajeitada, tentei tirar-lhe os comprimidos da mão, mas falhei. Ruborizada, tentei mais umas vezes, falhando horivelmente, até que, finalmente, consegui que os comprimidos lhe caíssem da mão.

– Calma – encorajou-me, baixando-se para os apanhar. Depois, limpou-os, esfregando-os na *sweater* e surpreendeu-me com três palavras:

– Abre a boca.

Surpreendida, respondi:

– Eu consigo fazer isso.

– Não me parece – disse ele, sorrindo. – Abre a boca.

Fiquei ali sentada, perplexa, durante um longo momento, antes de abrir a boca. Ele pôs-me os dois pequenos comprimidos na língua e piscou-me o olho.

Tirou do saco uma garrafa de água ainda por abrir e passou-ma.

– Bebe – disse.

Bebi. Como um cão bem treinado, fiz exatamente o que ele me disse.

Irritada comigo por ser tão complacente e ainda mais irritada por estar irritada com um rapaz que estava a usar o intervalo de almoço dele para me ajudar, engoli os comprimidos e suspirei.

Estava à espera de que o Johnny se levantasse e me dissesse que tinha de ir ter com os amigos, mas não foi isso que aconteceu. Ficou ali sentado, comigo, à espera de que as minhas dores diminuíssem. Não troçou de mim, nem se foi embora. Não reagiu da mesma maneira que a maioria dos rapazes reagiria. E assumiu o controlo da situação.

E, naquele momento, soube que ele era muito especial e não era só por causa das suas competências desportivas. Também era excecional por dentro.

– Não tens de ir almoçar? – perguntei. – Eu vou ficar bem, daqui a

pouco...

– Prefiro ficar aqui – interrompeu o Johnny, apressado. Esfregou o pescoço com a mão e disse: – Gosto desta paz, deste silêncio.

Por isso, ficámos ali sentados.

Sentados e em silêncio. Sem dizermos uma única palavra.

E, naquele momento, eu sentia uma data de emoções, que iam da vergonha à mortificação e ao medo, mas, a cada minuto que passava, fui-me acalmando.

Passámos muito minutos naquele silêncio tácito até que, finalmente, o Johnny aclarou a garganta e perguntou:

– Como vai isso?

– Melhor – sussurrei, aliviada com a rapidez com que o medicamento fazia efeito. – Já não me sinto a ser esfaqueada por mil facas ao mesmo tempo.

Ele franziu a testa e eu abanei a cabeça, irritada comigo por, mais uma vez, lhe revelar demasiadas coisas.

– Não faço ideia do que se passa com o teu, hmm, corpo – disse ele, corando – mas espero que desapareça rapidamente.

As palavras dele, cruas e infantis, mas sinceras e carinhosas, provocaram-me uma pequena gargalhada nervosa.

– Não é bem assim que funciona – respondi, obrigando-me a olhá-lo nos olhos. – Mas obrigada por me ajudares.

– Devo dizer que isto é completamente novo, para mim. – Franziu a testa e murmurou: – Graças a Deus.

– Oh, desculpa. – Levantei-me, de um pulo, mas ele agarrou-me a mão, fazendo-me sentar outra vez.

– Não tens de pedir desculpa – disse ele, brusco. – Não há nada de que pedires desculpa. Só quis dizer que, como não tenho irmãs, isto é um território completamente desconhecido.

– Imagino – murmurei, envergonhada.

Será que ele pensava em mim como uma irmã? Era o que parecia. A maneira como tinha reagido ao meu beijo. Tinha sido arrumada na zona-das-irmãs?

– Para de dar voltas à cabeça – disse o Johnny, num tom mandão, distraíndo-me da minha batalha interior. – Está tudo bem.

Virei-me para olhar para ele.

– O que é que te faz pensar que estou a dar voltas à cabeça?
Encolheu os ombros, sorrindo com aquele seu ar de rapazinho.

– Estou enganado?

Não. Não, claro que não estava enganado.

Dar voltas à cabeça era a minha especialidade.

Raios.

– Não consigo evitar – admiti, sentindo a cara a arder. – Faz parte de mim. Já nasci preocupada.

– Bom. – Suspirou. – Com a Bella não precisas de te preocupar.

Mal ouvi o nome dela, fiquei logo preocupada. Preocupada e a dar voltas à cabeça.

O que é que ela ia dizer a seguir? O que é que ela ia fazer? Ia ter de me esconder dela da próxima vez que a encontrasse na casa de banho? Será que devia fugir já?

– Para – ordenou o Johnny, intercetando o meu pânico. – Não precisas de te preocupar com ela. – Encostou-se à parede e juntou as mãos no colo. – Se ela te voltar a chatear, eu vou saber e resolvo logo isso.

– Ela ficou com o teu blusão – disse eu. – Lavei-o e trouxe-o para to devolver, mas, hmm, ela tirou-mo.

– Tenho uma data de blusões – respondeu ele. – Só lamento que ela te tenha chateado por minha causa. Isto nunca te devia ter acontecido. Diria que ela é psicótica, mas acho que já descobriste isso sozinha.

– Ela é louca por ti, Johnny – disse-lhe, numa voz fraca.

E eu também...

– Ela é louca pelo meu estilo de vida – corrigiu ele, suspirando profundamente. – Ela nem sequer me conhece, Shannon.

– O que é que queres dizer com isso?

– Para ela, eu sou um prémio. Um troféu brilhante – disse ele, em voz baixa. – E é isso que sou, para a maioria das pessoas.

– Para mim, não – disse-lhe eu.

O Johnny olhou para mim.

Obriguei-me a não desviar o olhar.

– Não?

Vi-lhe a frustração e a esperança a brilharem nos olhos azuis.

– Não – confirmei calmamente.

– Bem, é bom saber – respondeu ele, com os olhos azuis presos nos meus.

– Peço desculpa pelo que fiz ontem – murmurei, obrigando-me a enfrentar o elefante no meio da sala.

– Shannon. – O Johnny inclinou-se para a frente, pousou os cotovelos nas pernas e suspirou profundamente. – Não tens de pedir desculpa por nada.

– Tenho, sim – insisti. – Eu não devia ter feito aquilo. – Abanei a cabeça, resistindo à tentação de fugir e decidindo portar-me como uma pessoa adulta. O que era complicado, não só por causa da minha idade, mas também por causa das emoções desenfreadas que aquele rapaz me provocava, mas consegui. – Não volta a acontecer.

– Não quero que te arrependas, Shannon – respondeu ele.
Respirei fundo, abalada.

– Não?

Abanou a cabeça, lentamente.

– Não.

E, com isto, a atmosfera entre nós mudou.

– Acho que tenho de ir andando – disse eu, quebrando a tensão.
Levantei-me antes de fazer qualquer coisa estúpida, como beijá-lo.

Ah, espera, isso já fiz.

Argh...

– Há um autocarro, às duas.

E talvez não tenha de me cruzar com o meu pai.

O Johnny franziu a testa.

– Não vais ao resto das aulas?

Abanei a cabeça.

– Não, tenho de ir para casa e, hmm, preciso de descansar.

– Pois, hmm – murmurou. – Claro. – Olhou para o relógio e disse: – Falta um quarto para as duas. – Depois, voltou o olhar para mim. – Eu levo-te.

Abri a boca para recusar, mas o Johnny antecipou-se.

– Quero levar-te a casa – disse. – Preciso de ter a certeza de que estás bem.

– Porquê?

– Porque sim. – Levantando-se, o Johnny pegou na minha mochila

e pô-la ao ombro, depois, voltou-se e olhou para mim. – Deixa-me levar-te a casa, Shannon.

Não faças isso, Shannon. Não voltes a passar por isso.

E não te atrevas a voltar a ter mais esperança.

Respirei fundo.

– OK.

Perder a corrida contra mim próprio

JOHNNY

A Shannon estava outra vez no meu carro.

Tanto cuidado para não ser *bulldozer*. Bem podia pôr um autocolante na testa a dizer CAT e ligar umas luzes de aviso de perigo, porque era assim, como um *bulldozer*, que eu me portava quando estava perto daquela miúda.

E estava nervoso, tão nervoso que o meu estúpido coração podia ter sido um forte candidato ao ouro olímpico no boxe, de tão forte que me batia no peito.

Porra para a Bella. Ela tinha era de arranjar uma vida e deixar de interferir na minha. Ela tinha era de sair de cena e deixar os outros em paz. Não ia admitir que ela voltasse a chatear a Shannon. E esperava que, naquele dia, ela tivesse recebido a mensagem, porque eu não estava a brincar. Eu não brincava, quando se tratava da miúda que ia ali sentada, ao meu lado.

– A temperatura está bem assim? – Atirar-lhe com o ar quente para a cara talvez não tenha sido a minha ideia mais brilhante, mas não sabia o que fazer. Tinha zero experiência com a porra do funcionamento do corpo feminino. Só conhecia as partes divertidas.

Na minha patética tentativa de a ajudar, já a tinha obrigado a vestir a minha *sweater* e já lhe tinha enfiado dois comprimidos pela boca abaixo. Queria que ela ficasse bem. Queria fazer isso bem. Qualquer que fosse a forma como ela quisesse que eu a ajudasse. Eu só não sabia como.

Tudo aquilo de que ela precisasse, eu estava disposto a fazer.

E isso era uma coisa que dava que pensar.

Jesus Cristo, eu punha-me em perigo com aquela rapariga.

– Estou bem – respondeu a Shannon, acomodando-se no banco do pendura do meu carro.

Tirou o longo cabelo castanho de dentro da minha *sweater* e

enrolou-o, por cima do ombro.

– Obrigada, mais uma vez – acrescentou, tímida. – Prometo que te devolvo esta.

– Não há problema. – Cerrei os dentes e obriguei-me a manter os olhos na estrada e não na maneira como a saia dela se escondia por baixo da bainha da minha *sweater* deixando-lhe boa parte das pernas à mostra. – Fica com ela.

– Desculpa?

– A *sweater*. – Aclarando a garganta, agarrei bem as mãos ao volante, para evitar fazer qualquer coisa imprudente. – Fica com ela.

– Porquê?

Conseguia sentir os seus olhos azuis em cima de mim – sei que parece estranho, mas conseguia – e isso arrepiou-me os pelos dos braços.

Encolhi os ombros.

– Porque te fica bem.

Johnny, seu eejit de um raio!

– Sentes-te melhor? – apressei-me a perguntar, para a distrair. – O ibuprofeno ajudou?

Olhei para ela e engoli um gemido. Ela era tão bonita, com aqueles grandes olhos azuis a olharem para mim, inocentes e cheios de incerteza. Não precisava da tentação de estar tão perto dela. O problema era que, sempre que ela aparecia, dava por mim a correr atrás dela, desesperado por estar com ela.

– Estou bem, Johnny – respondeu, em voz baixa. – Ajudaste-me muito. – Sorriu timidamente. – Mais uma vez.

Voltei a olhar para a estrada e esforcei-me para controlar o corpo.

– Não há problema. – Não sabia o que é que aquela miúda estava a fazer comigo, porque era difícil controlar-me. – Sempre que precisares.

– Gosto da tua música – disse, então, a Shannon, felizmente, distraíndo-me dos meus pensamentos perturbadores. – Tens bom gosto.

– Vá – Encorajei-a, quando os seus dedos tremularam, em direção à aparelhagem de som. Estendi a mão, peguei no meu iPod, que estava ligado ao sistema de som, no painel de instrumentos, e entreguei-lho.

– Escolhe qualquer coisa de que gostes.

– Tens a certeza? – perguntou, em voz baixa, cheia de dúvidas.

Assenti e sorri-lhe, tentando tranquilizá-la.

Deve ter resultado, porque ela sussurrou:

– Adoro todas – enquanto percorria as minhas listas. – Tens um gosto fantástico.

– Obrigado. – Mudei de posição, desconfortável, sentindo uma estranha sensação de formigueiro no estômago. – Gosto de boa música.

Passar horas sem fim, sozinho, a fazer exercício físico, deu-me a oportunidade de ampliar o meu gosto.

– Eu também – concordou. – E a tua música é épica.

Não é que eu não estivesse habituado a ouvir elogios. Só que, geralmente, giravam em volta do rãguebi. Mas era evidente que isso não impressionava nem perturbava a Shannon. O que, ao mesmo tempo, era um alívio e uma preocupação.

Eu não sabia como lidar com aquilo. Ela deixava-me baralhado como o caracas.

– Não imaginava que pudesses ser fã dos Beatles – murmurou a Shannon, parando numa faixa antiga. – «Here Comes the Sun»? – perguntou, arqueando uma sobancelha. – Gostas desta?

– É a minha canção favorita dos Beatles – disse-lhe, com as palmas das mãos a suar, sob o escrutínio dela.

– Também é a minha – disse ela, suavemente. – O meu bisavô Murphy cantava-ma, quando era pequenina.

Olhei para ela.

– A sério?

A Shannon confirmou, assentindo.

– Sim, sempre que ficava assustada ou nervosa, sentava-me no colo dele e cantava-me essa música ao ouvido. – Suspirou, feliz. – E funcionava sempre.

Não sei porquê, tomei nota mental daquela informação e guardei-a, para referência futura.

A Shannon ficou em silêncio, claramente imersa na canção.

E eu agarrei-me ao volante com uma força brutal, tentando desesperadamente concentrar-me na estrada e não naquela miúda

sentada ali, ao meu lado, que dava cabo de tudo o que eu tinha planeado tão bem.

– Tens iPod? – perguntei-lhe, quando estacionei à porta de casa dela. Desta vez, mesmo à porta da casa dela.

Estava a empatar, porque não queria que ela saísse do meu carro. Ao chegar ali, senti a mesma decepção que me consumia sempre que a via afastar-se de mim e isso era incrivelmente desconcertante.

– Posso pôr-te lá algumas das minhas músicas – ofereci. – Se quiseres?

– Eu? – A Shannon corou e abanou a cabeça. – Oh, não, não tenho dinheiro para uma coisa dessas. – Tirou o cinto de segurança. – Oiço música num leitor de CDs antigo, que era do Joey.

Assenti, fingindo-me despreocupado, mas, por dentro, estava a dar pontapés em mim próprio, por ser tão estúpido.

– Gostas dos clássicos? – perguntei, sentindo-me em pânico ao vê-la pôr a mão no fecho da porta.

– Gosto – respondeu, voltando-se para olhar para mim, os olhos a brilharem de excitação. – E tu?

– Gosto de uma data de coisas – disse-lhe.

De ti, sobretudo.

– «Shake It Off, Baby»?

Franzi as sobrancelhas.

– Como?

– «Shake It Off, Baby». – A Shannon olhou para mim, toda inocência e fofura. – Gostas dessa?

Levei uns segundos a perceber que ela não estava a chamar-me «querido» e que estava a referir-se a uma música.

– Estás a falar de «Twist and Shout» – corrigi-a, desajeitado. – Gosto, é boa.

– E dos Reckless Kelly? – perguntou.

Abanei a cabeça.

– Acho que nunca ouvi nada deles.

– Têm uma canção nova chamada «Wicked Twisted Road» – explicou. – Tens a certeza de que nunca ouviste?

O meu coração parou.

Era a canção do bar. A que me lixou a cabeça.

Meu Deus...

– Devias – continuou ela a dizer. – Ouvir, quero eu dizer. – E ficou muito corada quando disse: – Faz-me lembrar de ti.

Abananado. Eu sentia-me completamente abananado com aquela miúda.

Em parte, porque tinha relacionado a letra daquela canção comigo, mas, sobretudo, porque ela tinha relacionado a letra daquela canção comigo.

Os seus lábios vermelhos e as faces rosadas eram lindos e precisei de uns momentos para conseguir formular uma frase coerente e não parecer a porra de um *eejit*.

– Vou ouvir – foi tudo o que me ocorreu dizer.

– Bem, obrigada por me salvares – sussurrou. Os olhos dela saltaram dos meus olhos para a minha boca, várias vezes, e depois inclinou-se e pousou os lábios na minha cara. – Outra vez.

Foi o beijinho mais pequeno, rápido e menos sexy que se possa imaginar, mas veio dos lábios dela e isso mudava tudo. Tal como o que aconteceu na véspera tinha mudado tudo. Aprofundou tudo o que eu vinha tentando desesperadamente negar. Os sinais de que andava a esconder-me. Piscavam como anúncios de néon nas fachadas dos prédios.

Tinha perdido completamente a porra do controlo, em relação àquela miúda.

Atordoado, não consegui fazer mais nada senão olhar para ela e murmurar:

– De nada.

Com as faces coradas, a Shannon abriu a porta do carro e preparava-se para sair.

– Espera! – disse eu, infelizmente, estendendo a mão e agarrando-lhe o pulso. A Shannon olhou-me, com os olhos arregalados.

Deixa-a ir, estúpido. Deixa a miúda ir.

Faz as coisas bem.

– Toma... – Abri o porta-luvas e tirei de lá um estojo de couro, procurei rapidamente entre os CDs que lá estavam guardados, até encontrar o que queria. – Ouve a faixa nove. – Obriguei-a, praticamente, a aceitar o CD e encolhi os ombros. – Lembra-me de ti.

– Oh, OK – respondeu, pegando no CD com cuidado. – Vou ouvir.

– Boa.

– Obrigada.

– De nada.

– Adeus, Johnny – murmurou ela e, depois, fechou a porta rapidamente e foi para casa.

– Adeus, Shannon – disse eu, olhando para ela enquanto se afastava de mim.

Problema. Eu estava com a porra de um grande problema.



Durante todo o caminho até casa, guiei em piloto automático, com a cabeça às voltas, as hormonas furiosas e a vida aos trambolhões por causa de uma miudinha de cabelo castanho que se tinha atravessado no meu caminho. Estava tão embrenhado nos meus pensamentos que só quando estacionei é que percebi que a mochila dela tinha ficado no meu carro.

A gemer, bati a cabeça no volante e pedi uma intervenção divina. Estava a precisar. Porque aquela rapariga ia arruinar-me.

Meia hora depois, estava à porta da Shannon, com as mãos a suar e o coração aos pulos.

Que diabo estava eu ali a fazer?

Aquilo era uma loucura.

Deixa a mochila no chão e vai-te embora, foda-se, dizia-me o meu lado sensato. Mas é claro que não ouvi.

Não, em vez disso, bati à porta.

Do outro lado, ouvi o som de passos, a descerem a escada, depois, uma chave a rodar na fechadura e ali estava ela, à minha frente, apagando qualquer ideia que eu pudesse ter de me afastar.

– Olá, Johnny – disse a Shannon, ofegante, olhando para mim, de olhos esbugalhados. – Voltaste.

Sim, tinha voltado. Como a porra de um mau cheiro que a seguia para todo o lado.

– Hmmm, sim, voltei. – Abanei a cabeça, tirei a mochila dela do ombro e entreguei-lha.

– Voltaste a esquecer-te disto no meu carro.

– Oh, desculpa. – Corou e a cara dela ficou de um cor-de-rosa adorável. – Estiveste a bater durante muito tempo? – Pegou na mochila e pô-la dentro de casa. – Eu estava a tomar banho.

Sim, via-se.

Tinha o longo cabelo solto, a escorrer pelo corpo, em caracóis húmidos, e vestia uma túnica branca e os calções de pijama mais pequeninos que eu já tinha visto na vida e tudo o que o meu cérebro registava era a pele dela, nua, muita pele nua.

– Não tens de pedir desculpa – disse eu, desajeitado, tentando concentrar-me nas minhas palavras e não nos meus pensamentos. – E não, acabei de chegar.

– Bem, obrigada pelo incómodo de me teres trazido a mochila – disse a Shannon, atraindo-me novamente a atenção para a cara dela. – Nem sequer tinha dado por isso. Amanhã de manhã, ia ficar em pânico.

– Bem, mais uma vez, não foi incómodo nenhum – respondi e fiquei a olhar para ela, feito parvo. O que não era nada estranho.

Vai-te embora, Johnny.

Deixa esta miúda em paz.

– Tens treino, hoje? – perguntou ela.

Sim.

– Não.

– Queres entrar? – convidou-me, nervosa.

Fiquei surpreendido.

– Entrar?

Mordeu o lábio inferior e encolheu os ombros. Parecia insegura. Como se não me devesse ter convidado a entrar.

– Queres que entre? – perguntei, franzindo a testa.

Assentiu timidamente e abriu mais a porta.

– Se quiseres?

Não faças isso, pá, avisava-me o meu cérebro. Não te ponhas outra vez a jeito de caíres em tentação.

Contrariando o bom senso, entrei.

Meti as mãos nos bolsos e vi a Shannon trancar rapidamente a porta.

Foquei a minha atenção nela e não no ambiente decrepito que nos rodeava. A casa estava arrumada, mas as paredes precisavam urgentemente de estuque novo e de serem pintadas.

– Não está cá ninguém, só chegam à noite – disse ela, levando-me pelo pequeno corredor até à cozinha.

Aquilo não era uma boa informação. Nada boa, mesmo.

– Queres *Coca-cola*? – Abriu o frigorífico, tirou duas latas e sorriu.

– O Joey é viciado e compra sempre a marca verdadeira.

Ofereceu-me uma das latas e eu abanei a cabeça.

– Não posso beber isso – recusei e o sorriso dela desapareceu.

– Oh.

– Gostava de poder – apressei-me a garantir-lhe. – Mas estou em treinos.

– Ah, claro – murmurou, voltando a guardar uma das latas no frigorífico. – Esqueci-me dessa coisa do rãguebi.

Sorri.

– Sim, essa coisa do rãguebi.

Olhou para mim, sem saber muito bem como é que me sentia.

– Queres ir para o meu quarto?

As minhas sobrancelhas quase saltaram, tal como o meu coração que, de repente, ficou muito acelerado.

– Para o teu quarto?

Ela corou, pôs uma madeixa de cabelo atrás da orelha e apressou-se a dizer:

– É que, normalmente, não estou cá em baixo... Quer dizer, estou, mas não... porque... eu... – a voz apagou-se e suspirou profundamente. – Esquece, foi uma estupidez...

– OK.

Abriu muito os olhos.

– OK?

Assenti.

– Vai à frente.

Esperei que a Shannon virasse costas e bati com a mão na testa.

Eu era tão, mas tão estúpido. Aquilo era ainda pior do que ter entrado. Era mesmo mau.

Eu sabia que era.

E, ainda assim, fui atrás dela, pela estreita escada, desviando-me das peças de *Lego* espalhadas e evitando pisar brinquedos.

A Shannon dormia no minúsculo quartinho de arrumações. Estava muito perto de mim, o que não era difícil, num quarto tão pequeno, e fechou a porta à chave, antes de dar os quatro passos necessários para chegar à cama. Entretanto, eu fiquei quieto, no meio do quartinho, sem saber o que fazer.

A cama de solteiro estava encostada a toda a largura da parede do fundo. Havia uma mesa de cabeceira ao lado da cama, uma cómoda, na parede oposta, e mais nada.

– É uma casa pequena para uma família de oito pessoas – disse a Shannon, muito calma, reparando no meu olhar. Pousou a *Coca-cola* na mesa de cabeceira e encolheu os ombros. – Como sou a única rapariga, fiquei com o quartinho de arrumações.

– É um quarto giro – disse eu, dirigindo-me à cama dela e sentando-me. Já estava na zona de perigo. O melhor era pôr-me confortável.

– Não mintas – disse ela, com um sorriso triste. – É uma porcaria.

– Não – insisti. – É muito giro.

Olhei em volta, para o minúsculo quarto de paredes roxas, à procura de uma televisão, mas não encontrei. Não havia televisão. Nem sequer uma aparelhagem de som.

Mas havia livros. Imensos.

– Não mentiste, quando disseste que gostavas de ler – disse eu, pensativo, olhando para as pilhas de livros, muito bem arrumadas, por baixo do parapeito da janela. Voltei-me para ela e sorri. – És marrona, Shannon Lynch?

– Quem me dera poder dizer que sou marrona, acredita – respondeu, com uma careta. – Adoro ler, mas não sou nada boa aluna.

Franzi a testa, com dúvidas.

– Tretas.

– É verdade, não sou boa aluna – disse ela, abanando a cabeça. – Tenho de estudar imenso para conseguir acompanhar as aulas e a maior parte são disciplinas de nível intermédio.

– Em que é que tens mais dificuldades? – perguntei, relaxando com a conversa. Com aquele assunto, eu conseguia lidar.

Saber mais sobre ela alimentava a besta e distraía a outra besta.

– Comércio – respondeu a Shannon, coçando o nariz. – E matemática... sou péssima com números.

– Isso são as disciplinas a que sou melhor – disse eu, esfregando a cara. – No próximo ano, vou querer fazer os exames finais a comércio e contabilidade.

– E que mais vais escolher? – perguntou, genuinamente interessada.

– Irlandês, inglês, matemática, contabilidade, comércio... – Antes de continuar, sentei-me mais para trás, com as costas encostadas à parede. – História e francês.

– Francês, porquê?

Porque há uma grande probabilidade de me mudar para lá, quando acabar a escola.

– Preciso de uma língua, para a universidade – disse, no entanto. – O francês é uma boa opção, para mim.

– Nível avançado? – perguntou a Shannon, impressionada.

Assenti.

– A sério? – Abriu muito os olhos. – A que disciplinas?

– A todas.

– Porque é que não estou surpreendida? – disse a Shannon, a rir, dobrando as pernas por baixo do corpo e sentando-se de frente para mim. – E achavas tu que eu sou marrona.

– A escola nunca foi um problema, para mim – admiti, franzindo a testa.

– Sorte a tua – murmurou ela. – Eu mal me safo com os pré-testes.

– Eu posso ajudar-te – ouvi-me a oferecer, sem pensar.

– O quê... tipo, agora? – perguntou, entusiasmada.

– Ou depois. – Encolhi os ombros, fingindo indiferença. – Quando quiseres.

– Costumas fazer isso? – perguntou a Shannon, olhando para mim com aqueles grandes e inseguros olhos dela. – Ajudas outros estudantes?

Ajudo-te a ti.

– Vais ter exames em junho, não vais? – perguntei-lhe, em vez de responder à pergunta que ela me tinha feito.

A Shannon assentiu.

– Já passei por isso – disse eu, tentando desesperadamente manter o meu tom impassível e leve. – Se precisares de ajuda para te preparares, podes contar comigo.

– Fazes isso por mim? – perguntou-me, numa voz suave.

Por ti, faço qualquer coisa.

– Claro! – respondi, num tom um pouco brusco. – Claro que sim!

– Mas estás sempre tão ocupado.

– Não há problema.

– Porque é que estás sempre a tentar ajudar-me, Johnny? – sussurrou ela, a olhar-me nos olhos.

Cá estava a pergunta para um milhão de dólares. E eu não fazia ideia de como responder àquilo.

– Porque quero – disse eu, por fim, decidindo dizer a verdade. – Quero ajudar-te, Shannon.

– A sério? – perguntou, surpreendida.

– A sério. – Desviei o olhar, para evitar fazer qualquer coisa estúpida, acomodei-me melhor na minúscula cama dela e disse: – Bem, pega nos livros e mostra-me onde é que tens mais dificuldades.

– Está bem – respondeu a Shannon, descendo da cama e indo para a porta. – Tens mesmo a certeza? – perguntou, parando à porta.

Não.

– Tenho sempre a certeza, Shannon.

Ela sorriu, assentiu e desceu as escadas a correr, para ir buscar a mochila.

– Foda-se. – Tirei o telemóvel do bolso, escrevi rapidamente uma mensagem de SOS para o Gibsie, mas apaguei-a antes de a enviar.

Respirei fundo, frustrado, escrevi outra mensagem, desta vez, para o Jason, para lhe dizer que não ia poder fazer a sessão de piscina dessa tarde, e, depois, desliguei o telemóvel, antes que ele me ligasse a dar um raspanete.

Eu já sabia que que estava a fazer asneira.

Também tinha faltado à sessão da véspera e a mais umas, há umas semanas.

Por causa dela. Porque, quando ela aparece, eu deixo tudo e vou atrás dela.

Não precisava que o meu treinador me dissesse uma coisa que já sabia. Dizia-me que precisava de pôr novamente a cabeça no jogo. Gritava comigo e mandava-me concentrar no meu futuro, eu precisava mais de passar no próximo teste de condição física do que de respirar.

O problema é que não conseguia concentrar-me. Porque a minha cabeça estava noutro lado. Estava nos encontros com ela. Estava nesta miúda em cujo quarto estava agora.

Estava a meter o telemóvel no bolso das calças do uniforme quando a Shannon voltou, com a mochila.

– Acho que comércio seria mais fácil, para mim, se conseguisse perceber a parte que tem que ver com matemática – disse ela, num tom um pouco ofegante.

Deixou cair a mochila no chão e voltou à porta, para a fechar à chave, depois, voltou a sentar-se em cima da cama, de pernas cruzadas, de frente para mim.

– Na escola antiga, tinha dificuldade em concentrar-me – disse ela, estendendo um braço e puxando a mochila. – Safava-me nas línguas, mas a matemática ficou para trás.

Eu já sabia. Tinha lido aquilo tudo no processo dela.

– É compreensível – disse eu, assentindo.

A Shannon olhou para mim, desconfiada.

– É compreensível porquê?

Merda.

Foda-se.

– Porque, até ao exame do nono ano, tens imensas disciplinas – disfarcei. Encolhi os ombros e acrescentei: – Não se pode ser bom em tudo.

– Aposto que tu eras – respondeu ela, voltando a atenção para a mochila, evitando o desastre. Tirou os livros e cadernos de matemática e pô-los em cima da cama, entre nós. – Deixa-me adivinhar, também tiveste cinco a tudo nos exames do nono?

– Dá cá o livro – disse eu, envergonhado.

– Cinco a tudo? – provocou-me.

– Não – respondi, passando as páginas do caderno de exercícios. – Tive três a ciências – disse-lhe e suspirei, antes de admitir: – O resto foram cinco.

– A sério?

Assenti, sentindo-me corar e desconfortável.

– És inteligente.

Limitei-me a encolher os ombros.

– Bem, o meu único cinco foi a ciências – sussurrou ela. – É a única coisa a que sou boa.

– Bem, tiro-te o chapéu – disse eu. – Porque eu detesto ciências.

– Para – protestou. – Ciências não é assim tão mau.

Levantei as sobrancelhas.

– Oh, e a matemática, é?

Ela fez uma careta.

– OK, tens razão.

– Anda – disse eu, sorrindo, concentrando a atenção no livro que tinha nas mãos. – Pega no caderno, que eu explico-te.

– Explicas? – Riu-se e, meu Deus, o som do riso dela era adorável.

A Shannon não se ria muitas vezes.

Dei voltas à cabeça, a pensar que outras coisas podia fazer para voltar a ouvir aquele som.

Tinha uma data de ideias – ideias terríveis, horríveis.

Concentra-te, Kavanagh...

E foi o que fiz.

Durante a hora seguinte, mais ou menos, fiz revisões com ela, observando-a atentamente enquanto resolvia cada problema. Não estava a brincar quando disse que achava a matemática difícil.

A Shannon tinha sérias dificuldades com aquela disciplina.

Vê-la a esforçar-se tanto dava-me vontade de a agarrar e de me deitar com ela, que era, no fundo, o que eu estava a fazer, ali deitado de lado, com as minhas longas pernas penduradas para fora da cama, ajudando-a a resolver somas, equações, frações e percentagens.

Um dos grandes problemas dela era não saber usar com eficiência a calculadora.

Percebi, rapidamente, que ela não fazia a mínima ideia do que eram senos, cossenos e tangentes. Fazia *bluff* e fingia saber o que estava a fazer quando era evidente que não sabia.

Quando, finalmente, cedeu e atirou a calculadora para o meu colo, admitindo que não sabia o que estava a fazer, acabei por passar mais

quarenta e cinco minutos a ensinar-lhe métodos básicos.

E senti-me muito orgulhoso ao vê-la começar a conseguir resolver os problemas sem estar constantemente a martirizar o caderno com a borracha.

Era ridículo, mas senti-me genuinamente feliz ao ver aqueles seus olhos azuis brilharem quando conseguia resolver sozinha um problema.

Mas, quando começava já a pensar que, afinal, o Gibsie tinha razão e eu podia ser só amigo dela, tive de resolver um problema meu.

Estupidamente, tirei os olhos do caderno onde a Shannon estava a escrever furiosamente e, nessa altura, começaram a vaguear pelo corpo dela.

Ela continuava sentada, de pernas cruzadas, de frente para mim, mas inclinada para a frente, a fazer uma soma, e essa posição fez com que uma das alças do *top* caísse e o decote baixasse, permitindo-me uma visão incrível do peito nu dela.

Valha-me Deus.

Eu adoro mamas.

E as dela eram ainda mais apelativas. Eram pequenas e espetadas, com as pontas rosadas, uns mamilos que pareciam pedrinhas.

Estava tão bonita. Fiquei logo duro.

– Estás bem? – perguntou a Shannon, pousando a sua mão pequenina na minha testa.

– Hã? – Voltei o olhar para a cara dela, completamente lixado.

– Estás bem? – repetiu ela, os olhos postos nos meus, a expressão inocente.

Eu estava o mais longe que é possível de estar bem. Mas obriguei-me a dizer que sim, com a cabeça e disse:

– Acho que estou com um bocadinho de fome.

Que porra é essa, Johnny?

– Posso ir buscar qualquer coisa – disse ela. – O que é que queres comer?

A ti.

Quero comer-te a ti, Shannon.

– Se calhar, hoje ficávamos por aqui – disse eu, desajeitado. – Está a ficar tarde.

Fiz questão de olhar para o relógio e descobri que, na verdade, estava mesmo a ficar tarde.

– Merda – disse eu. – Já são seis e meia.

Estávamos no quarto dela há quatro horas? Como raio é que o tempo passou tão depressa? Eu nunca saltava uma refeição.

Nem sequer sentia dores. Não conseguia lembrar-me da última vez em que tinha estado sentado durante quatro horas. Acho que nunca aconteceu.

Jesus Cristo, esta miúda estava a tirar-me completamente dos eixos.

– Hmm, claro... é... claro – murmurou a Shannon, a tropeçar nas palavras, como costumava acontecer quando ficava excitada.

Não te preocupes, querida, pensei. Também estou excitado.

– Obrigada por me ajudares – disse ela, fechando os livros e voltando a guardá-los na mochila. – Ajudaste-me mesmo muito. – Respirou fundo e acrescentou: – Mais uma vez.

– Podemos fazer isto mais vezes – sugeri. – Se quiseres.

O rosto dela iluminou-se e aproximou-se mais de mim.

– A sério?

Assenti lentamente e resisti à tentação de estender a mão e de lhe tocar.

– Não te importas? – perguntou a Shannon, de olhos muito abertos, aproximando-se tanto que o joelho dela ficou encostado à minha coxa esquerda.

– Não, Shannon. – Sem ouvir o bom senso, estendi a mão e prendi-lhe uma madeixa de cabelo rebelde atrás da orelha. – Não me importo.

Para com isto, Johnny. Para imediatamente!

Não parei.

Juro por Deus que tentei fazer com que o meu corpo saísse da cama dela, mas ela estava ali e não consegui encontrar, dentro de mim, um pinga de determinação para me mexer. Continuei ali sentado, sabendo o que viria a seguir, sabendo que era a pior coisa que podia acontecer e, ainda assim, querendo mais que acontecesse do que queria respirar.

– Para a próxima, podemos combinar na biblioteca – consegui

dizer, finalmente. – Ou na escola.

Ela assentiu, docemente.

– OK.

– Porque eu não devia estar aqui – E acrescentei, à pressa: – No teu quarto.

– Eu sei – respondeu ela, num fio de voz inseguro.

– É, hmm... – Engoli em seco. – Acho que tenho de ir para casa.

– Johnnny? – chamou-me, num sussurro.

– Sim?

– Olá – disse ela, aproximando-se mais.

– Olá – disse eu, agarrando o edredão dela com tanta força que pensei que ia rasgar o tecido.

– Johnnny? – murmurou outra vez a Shannon.

– Sim?

– Vou dar-te um abraço. – Encostou a perna à minha. – Pode ser?

Não faças isso. Nunca mais te livras desta miúda.

– Sim. – Respirei, ofegante, sentindo o coração a bater muito depressa, enquanto ela olhava para mim. – Pode ser.

– Obrigada por hoje – murmurou-me ao ouvido, ao abraçar-me.

– De nada – respondi, desajeitado, contendo-me o mais que podia.

Não lhe toques.

Tarde de mais.

As minhas mãos mexeram-se por vontade própria, agarrando-a pela anca. Era de mais, a sensação de a ter em cima de mim.

Era mesmo de mais, porra!

– Tenho de ir – gemi, ao mesmo tempo que a puxava para o meu colo, incapaz de me impedir.

Doíam-me as virilhas. Estava doido por aquela miúda.

A Shannon envolveu-me os ombros nos seus braços e balançou a anca em cima de mim, no melhor abraço que alguma vez alguém me deu.

– Não quero que te vás embora – gemeu. Na verdade, gemeu-me ao ouvido.

Também gemi e, inclinando-me para a frente, puxei-a para mim, abracei-a e embalei-a, de cabeça perdida por ela.

Estás a brincar com o fogo.

Esta miúda vai levar-te à ruína.

Foda-se.

– Tenho de ir – continuei a dizer, enterrando a cabeça na curva do pescoço dela e pedindo uma intervenção divina que me parasse antes de lhe tirar qualquer coisa que não lhe podia devolver.

Antes que ela me tire alguma coisa que jamais me poderá devolver.

Porque eu nunca tinha sentido aquilo por ninguém. E era por isso que sabia que não podia ser egoísta com ela.

– Shannon, tenho mesmo de ir para casa – disse-lhe, com voz rouca. – A sério.

– Oh... claro. Desculpa – murmurou, saindo do meu colo. – Se é isso que queres – acrescentou, recuando para um canto da cama.

Não.

Não, não era isso que queria. Mas era o que tinha de fazer.

Raios do inferno!

Com um autocontrolo que não sabia que tinha, saí da cama dela e pus-me de pé. De costas para a Shannon, fui até à janela e fingi olhar lá para fora enquanto, discretamente, resolvia a porra do enorme problema nas minhas calças.

O mais provável era a Shannon achar esquisito eu estar ali, assim, mas tinha de acalmar as coisas, para me poder ir embora. Estava dorido e com tesão. Era uma combinação terrível.

Respirei calmamente, várias vezes, fechei os olhos e esforcei-me por me controlar, pensei em todas as coisas não-sexy possíveis e imagináveis, desde a minha avó no caixão – paz à sua alma –, ao chato do Gibsie.

Quando a Shannon voltou a falar, eu tinha conseguido resolver a coisa.

– Johnny? – disse ela, numa voz baixinha. – Desculpa.

– Não tens de pedir desculpa – respondi, num tom seguro e rouco, e com a certeza de que não a iria traumatizar, quando me virasse. – Está tudo bem. Eu, hmm, só... Tenho de ir para casa, é isso.

– OK. – Assentiu, timidamente, e desceu da cama. – Eu levo-te à porta.

Fui sempre atrás dela, mantendo-me afastado do seu corpo, porque sabia que, se não o fizesse, havia uma grande probabilidade de voltar

a levá-la para aquele quarto e fazer uma asneira irreparável. Como sempre que me afastava daquela miúda, quanto mais perto estava da porta, mais deprimido me sentia.

– Bom, vejo-te amanhã, não é? – disse a Shannon, quando pus um pé na rua.

– Sim. – Meti a mão no bolso e tirei a chave do carro. – Sem dúvida.

– Mais uma vez, obrigada por hoje.

– Obrigado por me teres mostrado o teu quarto – respondi, encolhendo-me por dentro quando percebi a porra de comentário estúpido que acabara de fazer.

– Oh, sem problema. Podes ver o que quiseres – respondeu a Shannon, sorrindo.

Sorri por causa do que ela acabava de dizer.

– Oh, meu Deus. – Tapou a boca com a mão, de olhos esbugalhados. – Eu não...

– Calma – disse-lhe. – Eu percebi o que querias dizer.

Como sou um sacana de um masoquista, com tendência para me torturar, aproximei-me dela e dei-lhe um beijo na cara.

– Adeus, Shannon.

– Adeus, Johnny – sussurrou, da porta.

Virei-me e fui direito ao meu carro, sem ousar olhar para trás. Masoquista ou não, se me virasse para trás e olhasse, outra vez, para aqueles olhos de um azul noturno, afogava-me neles.

Duro despertar

SHANNON

– O que é que estás a fazer? – gritou o meu pai quando entrei na sala de estar, nessa noite, para ir buscar o meu telemóvel, de que estupidamente me tinha esquecido, no sofá, quando andei a limpar a casa, a toda a pressa, depois de o Johnny ter saído.

– Deixei o meu telefone aqui – justifiquei-me apressadamente.

Distraí-me de tal maneira com o Johnny que, depois, tive de fazer todas as minhas tarefas domésticas em tempo recorde.

– Então, pega nele e sai – ordenou o meu pai. – O United está a jogar.

Não costumava deixar as minhas coisas fora do sítio, mas estava com a cabeça nas nuvens.

Na nuvem Johnny, para ser mais precisa.

Nessa tarde, ao levá-lo para o meu quarto, tinha estado a jogar perigosamente à roleta russa. Se o meu pai tivesse, entretanto, entrado em casa, tinha-me matado.

O problema era que, se a oportunidade voltasse a apresentar-se, sabia que voltaria a fazer o mesmo.

Tê-lo assim, no meu espaço, mesmo que só por um tempo, foi maravilhoso. Foi pessoal. E senti-me segura. Como se nada me pudesse tocar, quando ele estava perto de mim.

De uma forma confusa, será que fiz de propósito? Como se estivesse à espera de que o meu pai chegasse a casa e visse aquele rapaz enorme, que nunca deixaria que ele me batesse.

Era um pensamento louco. Eu estava a enlouquecer.

Sentada na minha cama, pus-me a pensar no Johnny e no facto de ele se ter oferecido para me dar explicações, e o meu coração começou a bater muito depressa.

Ele era tão esperto. Na verdade, era incrivelmente inteligente e paciente e um milhão de outras coisas fantásticas.

Depois de se ter ido embora, fiquei com as emoções num turbilhão, a pensar que me tinha portado de maneira muito imprudente. Não sei onde tinha a cabeça quando subi para o colo dele, mas valeu a pena, porque o Johnny me deu um abraço.

Agarrou-me contra o corpo dele e abraçou-me com tanta força que ainda me sentia a tremer. E deu-me um beijo de despedida.

É verdade que foi na cara, mas ainda assim. Os lábios dele tocaram-me no corpo sem que ele tivesse sido obrigado.

Naquele momento, nem sequer estava preocupada com a Bella. Não naquela noite, pelo menos.

Era difícil pensar em coisas negativas quando algo de tão incrivelmente positivo tinha acabado de me acontecer.

Percebi que ele não me via da mesma maneira que eu o via a ele, percebi que nunca seríamos mais do que amigos, mas não me importava, desde que o tivesse perto de mim. E parecia determinado a ajudar-me.

Não sabia bem o que estava a acontecer, mas o que quer que fosse, não queria que acabasse. Estava feliz por ser amiga dele. Só queria tê-lo na minha vida. Fosse de que maneira fosse.

Queria que ele dissesse...

– És surda? – a voz arrastada do meu pai interrompeu-me os pensamentos, trazendo-me de volta à realidade com um estrondo deprimente.

– Hã?

– Mandei-te sair da porra da minha frente – gritou o meu pai, atirando-me com o comando da televisão. – Não consigo ver o jogo contigo aí espedada!

O comando bateu-me na anca e caiu no chão, as pilhas voaram e foram aterrar no sofá.

– Desculpa – apressei-me a sair da frente da televisão e a apanhar as pilhas e a voltar a pôr-lhas no comando.

– Porque é que estás assim? – perguntou-me o meu pai, olhando-me desconfiado.

Respirei fundo, pousei o comando em cima da mesa de café e peguei no meu telemóvel, depois virei-me para ele.

– Assim como, pai?

– Esquisita – acusou-me, olhando para mim. – A sorrir sozinha.

Encolhi os ombros, sem saber o que responder.

– O que é que se passa? – resmungou, observando-me como um falcão, os olhos castanhos duros e inflexíveis.

– Nada, não se passa nada – respondi, com calma.

Empurrou as costas da poltrona e levantou-se. Esse movimento provocou em mim um tsunami de terror e dei uns passos atrás.

– Dá cá isso – ordenou, estendendo a mão.

Fiquei surpreendida.

– O meu telefone?

– Sim, o teu telefone – disse ele. – Dá cá.

A tremer, aproximei-me dele e pus-lhe o telefone na mão.

Começou imediatamente a percorrer as mensagens e a lista de chamadas. Não percebi porquê, ele estava a cambalear tanto que tinha dúvidas que conseguisse ler alguma coisa, naquele estado. Mas não me atrevi a mexer porque, se o fizesse, sabia que podia haver grande confusão.

– Onde está o número dele? – exigiu saber, com o meu telefone na sua enorme mão.

– O número de quem, pai? – perguntei.

– Do rapaz que anda sempre a cheirar à tua volta – gritou. – O da fotografia do jornal.

O meu coração deu um pulo.

– O quê?

Desviou o olhar do telefone para mim.

– A Fran, aqui do lado, disse-me que tem visto um rapaz da tua escola por aqui – disse, numa voz arrastada. – Ela diz que ainda hoje o viu vir trazer-te a casa. – Voltou a olhar para o telemóvel. – Onde é que está o número dele? As mensagens? Com quem é que andas enrolada? É o gajo do râguebi? O parvalhão do Kavanagh?

Raios, Fran!

– Ninguém, pai – menti. – Fiquei doente na escola, e a Claire e o irmão, o Hughie, trouxeram-me a casa.

– O Hughie Biggs? – sibilou o meu pai, novamente a balançar. – Aquele merdas saltitante? É por isso que andas para aí com esse sorriso de quem comeu merda?

– O quê? Não! – Abanei a cabeça e afastei-me dele. – Não ando com o Hughie. Não ando com ninguém.

– Não acredito – rosnou.

– Eu não minto – disse eu. – Não tenho namorado.

– Não precisas de ter namorado para seres uma puta – acusou-me.

– Pergunta à tua mãe.

– Não ando com ninguém – consegui dizer, em pânico. – Juro por Deus, não ando!

Estendeu a mão e apertou-me o ombro com muita força.

– Se me estás a mentir...

– Não estou, pai – Gritei, curvando-me sob a força do seu toque. – Por favor...

Calei-me quando o punho do meu pai me atingiu a cara com toda a força, atirando-me a cabeça para trás.

Bate-lhe também, Shannon.

Pega em qualquer coisa. Qualquer coisa.

Faz qualquer coisa.

Estava cheia de dores na cara, a chorar e, ainda assim, não fiz nada. Não lhe bati. Não tentei fugir.

Fiquei ali parada.

– Anda cá – disse ele.

Sempre com a mão no meu ombro, os dedos a torturarem-me os ossos, o meu pai levou-me para a cozinha e só parou quando chegámos ao lava-loiça.

– Abre isso – mandou.

Sem hesitar, abri a torneira.

– Enche isto – ordenou-me, dando um piparote num copo de imperial que estava a escorrer, ali ao lado.

Felizmente, não se partiu e eu apressei-me a enchê-lo de água, resistindo à vontade de me voltar e me soltar da mão do meu pai.

– Estás a ver? – disse ele, mergulhando o meu telemóvel no copo cheio de água. – Estás a ver, rapariga?

Imóvel, assenti, vendo o meu telefone descer até ao fundo do copo.

– Se descobro que me andas a mentir, não é o teu telefone que eu vou afogar – rugiu o meu pai, cravando os dedos com tanta força, no meu ombro, que me dobrei para a frente, sem sequer pensar. –

Ouvistes?

– Ouvi – murmurei, a tremer da cabeça aos pés.

– E nada de ir a correr contar histórias ao teu irmão – sibilou-me, ao ouvido.

Afastou-me com brusquidão e acrescentou:

– Ou eu ponho os dois no olho da rua.

Quem me dera que pusesses, tive vontade de lhe responder.

O que é que aconteceria ao Tadhg, ao Ollie e ao Sean se nós fôssemos embora? O Tadhg era o mais velho, depois de mim, e passaria a ocupar o meu lugar como alvo da ira do meu pai.

E essa ideia era abominável para mim.

Esfreguei a cara e esforcei-me para não chorar.

Lançou-me um último olhar e abanou a cabeça.

– Vai! Sai-me da vista.

Sem dizer nada, saí da cozinha a correr, com as lágrimas a saltarem-me dos olhos.

Odeio-te! Gritei, em silêncio, a caminho do meu quarto. – *Odeio-te! Odeio-te!*

Decidi não fazer barulho, ao passar pelo quarto do Joey, e fui, em bicos de pés, trancar-me no meu quarto. Apaguei a luz, meti-me na cama, puxei o edredão por cima da cabeça e agarrei o meu Discman.

Nem dois minutos depois, ouvi bater à porta do meu quarto.

– Shan? – chamou o Joey, do outro lado da porta. – Está tudo bem?

Pensei não lhe responder, mas decidi que não era boa ideia, porque era evidente que ele ia perceber a razão e o inferno iria recomeçar. Ele tinha voltado de casa da Aoife naquela noite. Não queria que voltasse a ir-se embora.

Por isso, respondi:

– Está tudo bem, Joe. Só estou cansada.

Houve uma longa pausa até ele voltar a falar.

– Tens a certeza?

– Sim – disse eu, pressionando o dedo contra o lábio inferior, para o impedir de tremer e não se notar que a minha voz também tremia.

– Não me parece que estejas bem – insistiu o meu irmão.

Raios.

Aclarando a garganta, disse-lhe:

- Estou com coisas de mulher.
- Coisas de mulher? – repetiu ele, confuso.
- Chegou-me o período.
- Porra, Shan, não precisavas de me contar isso – protestou o Joey, e imaginei-o a estremecer, do outro lado da porta.

Instantes depois, chegou-me aos ouvidos o som da porta do quarto dele a fechar-se. Respirei fundo e limpei as lágrimas que me queimavam a cara.

Um dia destes, eu ia sair daquela casa. E, quando saísse, era para nunca mais voltar.

Foi com esse pensamento, essa pequena centelha de esperança, e a música do CD que o Johnny me deu a tocar nos meus ouvidos, que escorreguei para um sono profundo.

Presentes peganhentos

JOHNNY

Desde os seis anos, a única coisa em que estava focado era o rãguebi. Acreditava em mim e nas minhas competências. Quando tinha a bola nas mãos, havia qualquer coisa, dentro de mim, que despertava para a vida, uma espécie de excitação que me tremulava na pele. Sabia que ia chegar à Academia e, quando lá cheguei, não fiquei nada surpreso.

Tinha a certeza do meu futuro. Recusava-me a aceitar qualquer outro caminho na vida.

O meu objetivo, o meu propósito, o meu destino era uma carreira como profissional de rãguebi e estava a agarrá-la com as duas mãos.

Eu não era impulsivo. Era seguro. Tinha objetivos. Um caminho. Era determinado.

É claro que também tinha muitas coisas negativas, mas preferia concentrar-me só nos meus pontos fortes.

Os únicos pontos fracos que me interessavam eram aqueles que afetavam o meu desempenho no jogo. Uma vez descobertos, trabalhei como um doido para os corrigir.

Era uma pessoa muito decidida.

Não perdia tempo a dar voltas à cabeça e merdas do género. Tomava uma decisão e pronto, estava tomada.

Como quando tinha seis anos e decidi que faria da minha paixão a minha carreira.

Estava escolhido.

Ou quando decidi que uma licenciatura em gestão era o caminho perfeito para mim.

Simples.

Tomei a decisão e ficou tomada.

Tinha de ter muito cuidado com as minhas escolhas porque, uma vez que tomava uma decisão, uma vez que punha a cabeça em

qualquer coisa – ou pior, o coração – estava na minha natureza segui-la com uma fome obsessiva. Sem voltar atrás, sem outras hipóteses e sem mudar de ideias.

Talvez a minha personalidade tivesse muito que ver com a minha introversão.

Não me ligava a outras pessoas só porque sim, e jamais a raparigas.

Sabia perfeitamente que tinha uma personalidade obsessiva. Por isso, cheguei onde cheguei, tão novo, na minha carreira.

Saber tudo isto só tornava ainda mais deprimente a minha situação atual.

Em dois meses, perdi a cabeça por causa da porra de uma miúda. E o meu coração?

Foda-se! Afinal, o pedaço de pedra que eu tinha no peito também batia e passou-me uma rasteira das grandes ao prender-se a uma miúda do nono ano, de cabelo castanho e uns olhos azuis que me incendiavam a alma.

Tinha de ter muito cuidado com o que ia fazer a seguir porque, se decidisse que ela era para mim, então, era mesmo. Se me compromettesse, se lhe desse o meu coração, isso ia ser igual a colar um rótulo na testa, a dizer: *sou teu. Por favor, sê querida para mim porque estou aqui para ficar.*

A pior parte disto tudo é que me sentia preso a uma teia de aranha, com o salto a parecer-me cada vez mais atraente de cada vez que olhava para ela.

– O que é que estás a fazer? – perguntou o Gibsie, quando entrou, sem bater, no meu quarto, na terça-feira, ao fim da tarde, distraíndome dos meus pensamentos, felizmente.

– O que é que achas? – Pousei a caneta na secretária, virei a cadeira giratória e olhei para ele. – Trabalhos de casa.

Não era raro o Gibsie aparecer em minha casa a qualquer hora do dia ou da noite.

E fiquei contente porque, desta vez, não trouxe a porra do gato.

Trazer o gato também era uma coisa que ele costumava fazer muitas vezes.

– És cá um marrão, meu. – O Gibsie atirou a mochila para ao pé da minha secretária e deitou-se na minha cama, com os braços cruzados,

atrás da cabeça. – Recebeste uma mensagem do treinador?

– Recebi – respondi, acabando um exercício de trigonometria que estava a meio de resolver quando ele entrou. – Esperemos que ele arranje outra pessoa, sem ser a Mrs. Moore, para nos acompanhar.

O Gibsie estremeceu.

– Essa mulher é uma g'anda maluca!

– Ah, pois é! – concordei.

Cerca de uma hora antes, o treinador tinha mandado uma mensagem para o grupo a dizer que os Royce, finalmente, tinham concordado em jogar connosco.

Na próxima sexta. Em Dublin. No campo da escola deles. Com a condição de eu não jogar.

Sorri para mim próprio, feliz por ter tanto efeito naqueles treinadores.

– Sacanas de Dublin – resmungou o Gibsie. – Lixam a vida a toda a gente.

– Ó estúpido! – protestei. – Eu sou um sacana de Dublin!

– Não és tu – respondeu ele, a fazer olhos de carneiro mal morto.

– És um saloio, um campónio das montanhas – resmunguei, ao mesmo tempo que escrevia a resposta à pergunta B.

– Sabes que isso não é socialmente aceite – disse o Gibsie. – Chamares-me saloio.

– Então, chama-me *Jackeen* – respondi. – Mas todos os dias.

– És um *Jackeen* – disse ele.

Revirei os olhos.

– E tu és um saloio malcheiroso do cu de Judas.

– Vai-te foder, menino da cidade.

– Vai-te foder tu, ó campónio.

– Parvalhão da capital.

– Saloio rebelde.

O Gibsie riu-se.

– Como é que conseguimos ser amigos?

– Há anos que me pergunto o mesmo, pá – respondi-lhe, de olhos postos no trabalho de casa. – É um dos grandes mistérios da vida ainda por resolver.

– Tenho trabalhos de casa para fazer – anunciou ele.

– Eu sei – respondi, sem perder a oportunidade. – Adoro a maneira nada subtil como deixaste cair a mochila ao pé da minha secretária.

– Não consigo fazer aquilo – gemeu ele.

– Consegues – corrigi-o, calmamente. – É claro que consegues. – Peguei na minha calculadora, trabalhei na fórmula de que precisava e escrevi o resultado. – Só que és um preguiçoso.

– É difícil – queixou-se.

– A vida é difícil, Gibs – disse eu. – Pega nos livros. Eu não vou fazer os trabalhos por ti.

– Mas és muito melhor nisto do que eu – resmungou.

– Diz o gajo que nem há cinco minutos me chamou marrão – respondi.

– Isso é um elogio! – argumentou. – Vá lá, Johnny...

– OK, mas estou cansado e tenho de ir à piscina, amanhã de manhã, antes de ir para as aulas, por isso, só te ajudo com os trabalhos de uma disciplina – disse eu, acabando o que estava a fazer. – Escolhe lá.

– Inglês – disse ele. – Tenho de fazer um trabalho para entregar amanhã.

Com um suspiro profundo, abri a mochila dele e tirei os livros de inglês.

– Sabes que tens de ler os livros antes dos exames do próximo ano, não sabes? – acrescentei. – Nem todos os trabalhos de casa do mundo te salvam se fores para o exame sem teres estudado.

O Gibsie sorriu.

– Prometo que trato disso nas férias da Páscoa, papá.

– Deixa-te dessas tretas – resmunguei, enquanto me preparava para lhe fazer o trabalho. – Tens de assentar a cabeça, Gibs – acrescentei. – A pausa do meio do trimestre começa já na sexta, pá. Tens de aproveitar essas duas semanas para estudares.

– É o que vou fazer – resmungou.

– Acho bem – avisei-o.

Durante vinte minutos, o Gibsie deixou-me trabalhar em silêncio, o que, para ele, foi um verdadeiro recorde, e só então me desconcentrou, ao perguntar:

– Resolveste as coisas com a Bella depois do escândalo que ela fez

na escola?

– Resolvi, resolvi, porra! – Resmunguei, ficando imediatamente irritado ao lembrar-me do que tinha acontecido. – Mandei-lhe uma mensagem, há bocado, para deixar tudo bem claro.

– E a Shannon, como é que ela está? – perguntou. – O que é que a outra lhe disse?

– Nada de bom – murmurei, acabando de escrever um parágrafo. – Não me contou, mas tu e eu conseguimos imaginar o veneno que pode sair da boca da Bella.

– Argh – gemeu. – Nem sei como é que lhe conseguiste tocar.

– Eu também não – admiti, com um estremecimento.

– A propósito – disse o Gibsie, pensativo, voltando a distrair-me. – Voltaste a ser um *bulldozer*.

Voltei-me, para olhar para ele.

– Não voltei nada!

– Voltaste, pois, pá – insistiu ele. – Tentei impedir-te, depois daquela seca do «Salva-me, Gibsie, salva-me de mim próprio» que me deste, na semana passada, mas tu não ligaste nenhuma e foste sempre em frente, que nem um *bulldozer*.

– E que raio era suposto eu fazer? – disse eu, atirando com a caneta. – Ficar a ver e não fazer nada enquanto a Bella lhe chamava puta, à frente da escola toda, por minha causa?

– A Bella chamou puta à Shannon? – Riu-se o Gibsie, agarrado a uma almofada. – Olha quem fala!

– Pois é – resmunguei. – Foi exatamente isso que eu lhe disse.

– Mas desapareceste da escola, com a Shannon, e não voltaste às aulas depois do almoço – disse ele, de sobranceiras arqueadas. – Voltaste a metê-la no teu carro?

– Talvez – disse eu.

– Fizeste mais alguma coisa, para além de a levares a casa?

– Género quê?

– Não sei. – Encolheu os ombros. – Fazeres-te convidado para o chá ou algum outro golpe desse género, típico do Johnny?

Baixei a cabeça.

– Foste *bulldozer*. – O Gibsie riu-se.

– Cala-te – murmurei, afastando-me da secretária. Já chegava, para

um dia. A minha concentração tinha desaparecido.

– Tens aqui um 18, no mínimo – disse-lhe, apontando para as impecáveis cinco páginas do trabalho que acabava de lhe fazer. – Vê se és agradecido.

– Estou-te muito agradecido – garantiu-me, com um grande sorriso, e depois disse: – e acho que tens de rever o teu conceito de amizade. Disse-te, hoje de manhã, e volto a repetir agora que jamais irá resultar.

– Não. – Abanei a cabeça. – Estás enganado. Consigo ser só amigo.

– Claro que não consegues – insistiu o Gibsie. – Pinga-amor.

– Hoje, ajudei-a – disse eu, tenso. – É isso que os amigos fazem pelos amigos.

– A propósito, hoje ao almoço, o Robbie Mac perguntou-me se podia pedir à Claire que lhe desse o número dela – contou-me o Gibsie, num tom impassível. Apoiando-se nos cotovelos, olhou para mim e acrescentou: – Disse que queria convidar a Shannon para ir ao cinema, no próximo fim de semana.

– Espero que tenhas posto esse sacana no lugar dele! – sibilei. – Gibs, acho bem que não tenhas dado o número dela a esse *eejit*.

Deixou-se cair na cama, a rir à gargalhada.

– Estava a gozar, pá. O Robbie não é suicida. Toda a gente ouviu o que disseste, Cap.

Olhei para ele.

– Não tem graça.

– É hilariante – disse ele. – És uma causa perdida, no que diz respeito a essa miúda. – Sorrindo, acrescentou: – É melhor tratares de pôr em ordem a pila e os tomates, meu. Não há miúda nenhuma que queira uma pila frouxa.

– Eu não... – Fazendo uma pausa, belisquei a ponte do nariz e reuni toda a minha paciência para acrescentar: – Não vou por aí com ela, e a minha pila e os meus tomates são um assunto meu.

– Só estou preocupado contigo – defendeu-se o Gibsie. – Oh, já me ia esquecendo... – Meteu a mão no bolso das calças de ganga e tirou de lá um frasquinho de tamanho viagem. – Toma – disse ele, atirando-me aquilo. – Dos meus tomates para os teus.

Agarrei o frasco ainda no ar e li o rótulo.

– Lubrificante? – resmunguei. – Credo, Gibs.

– Ei! Não desdenhes enquanto não experimentares – troçou. – Deu-me uma trabalhadeira encontrar isso, fui a mais de uma dúzia de farmácias. – Mexendo as sobancelhas, acrescentou: – O farmacêutico disse-me que era «sensível ao toque».

Olhei para ele.

– Está meio vazio.

Encolheu os ombros.

– Antes de te recomendar isso, tive de experimentar eu próprio.

Deixei cair imediatamente o frasco no chão.

– Foda-se, que nojo! – gemi, limpando as mãos às calças. – Cristo!

– Não sejas púdico – disse o Gibsie, a rir. – É completamente normal.

– Lubrificante é normal – concordei. – Tu é que não és.

– Não sei qual é o problema – protestou. – Trouxe-te um presente. Não há nada de esquisito nisso. Devias estar-me agradecido por me interessar pela tua vida.

– Meu, trouxeste um presente para a minha pila – disse eu, sério. – Não há nada mais esquisito do que isso.

– Tu é que sabes, pá. – Encolheu os ombros, indiferente. – Estou-me nas tintas para o que os outros pensam.

– Sim, Gibs – respondi. – Acho que já toda a gente percebeu isso.

– Mas sabes quem é que se vai importar? – perguntou ele, a rir. – A tua Shannon.

– Ela não é a minha Shannon – resmunguei.

– Nem nunca será, se não resolveses esse teu problema! – disse ele.

Jesus Cristo...

– Não mudou nada – disse eu, no tom mais paciente que consegui.

– Não posso, não vou e nunca irei por aí.

Mentiras.

Mentiras.

Mentiras.

O meu melhor amigo olhou para mim, durante um longo momento, e depois perguntou:

– Tens a certeza, Johnny?

Não, absolutamente nenhuma.

- Absoluta!
- Tu é que sabes – rematou o Gibsie.
- Obrigado.
- Mas, só para que saibas: ela vai ser sempre a tua Shannon – acrescentou ele.

Corretivo

SHANNON

– Não pergunte – avisei, quando encontrei a Claire à porta da casa de banho das raparigas, na manhã de quarta-feira, com uma expressão horrorizada. Dei-lhe o braço e puxei-a para dentro da casa de banho. – Ajuda-me só a esconder isto.

– Shannon – A Claire abanou a cabeça e ficou a olhar para mim. – Shan... – Por favor – disse eu, deixando cair a mochila no chão da casa de banho e pegando-lhe nas mãos. – Ajuda-me.

Ficou com os olhos cheios de lágrimas.

– Não faças isso – implorei, apertando-lhe as mãos. – Ajuda apenas. Ela ficou a olhar para mim, durante muito tempo, com uma expressão quase de transe.

– OK – fungou e, depois, sorriu-me. – Eu tenho o truque certo.

Suspirei bastante aliviada.

– Obrigada.

Vinte minutos depois, olhei para o meu reflexo no espelho e quase não me reconheci.

– Tive de te esfumar e dar *glamour* aos olhos, para combinar com o tom de base que usei para cobrir o teu... – interrompeu-se e aclarou a garganta, várias vezes, antes de acrescentar: – Bem, o que é que achas?

– Uau. – Respirei fundo, tocando os meus lábios pintados de vermelho. – Os meus lábios são enormes...

– Sim, são – concordou a Claire. – As mulheres pagam milhares de euros para terem lábios como os teus e tu nem sequer os valorizas...

– E os meus olhos. – Abanei a cabeça e olhei para mim, com as pestanas a tremer de admiração. – Uau, estão...

– Deslumbrantes? – sugeriu a Claire, aproximando-se de mim. – Tu és simplesmente linda.

– É a maquilhagem – garanti-lhe, envergonhada.

– És tu – corrigiu a Claire, pondo um braço em volta dos meus ombros.

Estremeci com o contacto, ainda sensível à explosão de fúria do meu pai, e a Claire ficou triste.

– Shannon, não consigo guardar...

A porta da casa de banho abriu-se e a Lizzie entrou, fazendo com que a Claire fechasse a boca e eu ficasse aliviada.

– Vamos lá, meninas – disse a Lizzie, chamando-nos com a mão. – Estamos atrasadas para a aula.

Nunca na vida me senti tão grata por vê-la como naquele momento.



– Vou matar aquela cabra – sibilou a Lizzie, mais tarde, durante o almoço. A notícia do incidente da véspera, com a Bella, tinha-se espalhado pela escola e a minha amiga estava furiosa. – A sério? – acrescentou a Lizzie, olhando para a mesa, do lado oposto do refeitório, onde estavam sentados, pelo menos, cinquenta alunos – um dos quais era a Bella Wilkinson. – Se ela olhar para aqui, mais uma vez, vou lá e arranco-lhe as extensões novas do cabelo.

– São muito feias – concordou a Claire, com uma careta.

– Feias? – exclamou a Lizzie. – Parece que pôs algas pretas no cabelo – murmurou mais qualquer coisa e acrescentou – Ela é um *troll*.

– Ignora-a – implorei, optando por manter os olhos fixos na minha sanduíche e não na mesa de onde estava a receber olhares de morte.

Era mais seguro manter a cabeça baixa.

Durante todo o dia, para onde quer que fosse, era seguida por olhos curiosos. Não sabia como lidar com este género de atenção. Precisava de não abanar o barco. E passar tempo com o Johnny era o mesmo que virar o barco.

Tinha-me cruzado com ele, pelo menos, três vezes, entre as aulas de hoje e, de todas as vezes, ele tinha-me sorrido e perguntado como estava a correr o meu dia e depois disse-me que nos encontrávamos, mais tarde.

Agora, sentia os olhos dele em mim, do outro lado da sala. E isso

aterrorizava-me. Pela primeira vez na minha vida académica, no Tommen tinha-me sido dado um belo manto de invisibilidade. O Johnny Kavanagh ameaçava tirar-me isso e eu não tinha coragem suficiente para o impedir.

Toda a bondade da véspera tinha sido engolida pelas ameaças do meu pai e pelo meu medo da ira da Bella. Agora estava outra vez com medo.

Da Bella. Do meu pai. Das outras raparigas desta escola. Dos meus sentimentos. Do Johnny. Da minha própria sombra.

– E teve a lata de te chamar puta – continuou a Lizzie a dizer, comigo e com a Claire a olharmos para ela, impotentes. – E ela para ali a agarrar-se ao Cormac Ryan.

– Não interessa – disse-lhe rapidamente, rezando para que ela deixasse o assunto.

– Claro que interessa, Shannon – disse a Lizzie. – Ninguém te pode fazer isto. Nesta escola, não. Outra vez não!

– Liz – disse a Claire, baixo, num tom de aviso. – Cala-te com isso, OK?

– Entramos de férias na sexta-feira – sussurrei, mais para mim própria do que para as raparigas, enquanto tentava desesperadamente acalmar-me. – Duas semanas sem a Bella.

– Exatamente – disse a Claire, muito querida. – Quando voltarmos, já toda a gente se esqueceu disto.

– Não estou a acreditar nisto! – Exclamou a Lizzie, olhando para a Claire. – Como é que podes aceitar que aquela cabra diga mal da nossa melhor amiga?

– Não aceito – respondeu a Claire, com firmeza. – Mas só sei que fazer uma cena é a última coisa de que alguém precisa...

– Sabes o que é que toda a gente anda a dizer? – perguntou a Lizzie e continuou, antes de que qualquer uma de nós tivesse hipótese de responder: – Que a Shannon anda a fazer sexo com o Johnny Kavanagh.

– Ótimo. – Gemi e deixei cair a cabeça nas mãos.

A Claire pousou uma mão no meu ombro, para me tranquilizar.

– Bem, não é verdade.

– Eu sei – resmungou a Lizzie. – Mas a Bella anda para aí a dizer

que foi por causa da Shannon que ela e o Johnny acabaram – sibilou.
– Por causa daquela cabra e das mentiras dela, toda a gente na escola fala da nossa amiga e diz que ela deve ter uma vagina de ouro para dar a volta à cabeça daquele grande *eejit*...

– Cala-te! – sibilou a Claire – Não repitas isso.

– Vou para casa – disse eu, sem rodeios, empurrando a minha cadeira para trás, pronta a fugir.

– Não – disse a Claire, calmamente, empurrando-me de novo para o meu lugar. – Não vais!

– Claro que não vais! – protestou a Lizzie – Não fizeste nada de mal.

Errado ou não, eu não ia ficar ali.

Afastei a mão da Claire, empurrei a cadeira para trás e levantei-me.

– Desculpa – gaguejei, olhando para as minhas amigas. – Mas não aguento mais.

– Nós vamos contigo – disse a Claire – Shan, não vás...

– Não, está tudo bem – murmurei. – Vocês ficam. Eu só... eu vou-me embora.

Dando meia-volta, empurrei as mesas e cadeiras que me bloqueavam o caminho e corri para a saída. No entanto, não previ a mão que serpenteou, vinda da mesa do râguebi, perto da entrada, e que me agarrou o pulso, obrigando-me a parar abruptamente.

– O que é que se passa? – o Johnny estava sentado, com a mão à volta do meu pulso, a olhar para mim com uma expressão preocupada. – Shannon?

Abanei a cabeça e puxei a mão, mas o Johnny não a largou. Pelo contrário, puxou-me mais para ele, tornando tudo muito pior.

– O que é que se passa? – perguntou ele.

– Eu, hmm, preciso de ir para casa – disse eu, a olhar nervosamente em volta e encontrando vários pares de olhos postos na minha cara. Voltando-me para o Johnny, sussurrei: – Tenho de ir.

– Para casa? – O Johnny franziu a testa. – Porquê?

– Olha à tua volta, Mr. Convencidão – sibilou a Lizzie, aproximando-se de mim. – Ou, melhor ainda, abre os ouvidos.

– Estou de olhos abertos – respondeu o Johnny, largando-me a mão e voltando a atenção para a Lizzie. – E de ouvidos também.

– Lizzie – disse eu, abanando a cabeça. – Deixa isso.

– Não, se ela tem alguma coisa para me dizer, que diga – insistiu o Johnny. – Vá, diz!

– Ótimo – resmungou a Lizzie, agarrando-me na mão que o Johnny tinha largado. – A cabra da tua namorada anda a espalhar mentiras sobre a minha amiga e tu és o único responsável por não esclareceres as coisas nem a pões no lugar.

– De que é que ela está a falar? – perguntou o Gibsie, que estava sentado à frente do Johnny.

– Não faço ideia – disse o Johnny.

– Estou a falar da reputação da minha amiga, que está a ser manchada porque tu foste um grande estúpido e andaste a meter a pila dentro daquela rapariga – resmungou a Lizzie.

– Que rapariga? – perguntou o Hughie Biggs, que estava a fazer festinhas no pescoço da namorada. – Em quem é que enfiaste a pila, Cap?

– Vai-te lixar, Hughie – disse o Johnny, a olhar para mim. Corei e desviei o meu olhar do dele.

– Oh, raios – disse outro dos rapazes que estava com eles. Patrick Feely, acho que me lembro de a Claire lhe ter chamado assim, uma vez. – O que é que fizeste agora, Gibs?

– Não fui eu, Feely. – O Gibsie riu-se.

– Sim – murmurou o Patrick. – Desta vez.

– Podem parar de me distrair? – resmungou a Lizzie. – Estou a tentar resolver uma coisa.

– Bebé – disse um rapaz de cabeça rapada, uns lugares mais à frente, na enorme mesa. – O que estás a fazer?

– Mete-te na tua vida! – ripostou a Lizzie.

– Bebé...

– Estamos zangados, Pierce O'Neill, por isso, nem te atrevas a olhar para mim.

Com uma espécie de gemido de dor, o Pierce empurrou a cadeira para trás e deu a volta à mesa, vindo na nossa direção.

– Meu Deus. – O Gibsie fingiu tossir.

– Desculpa – disse o Pierce, com as mãos no ar, aproximando-se da namorada, com cautela. – A culpa é toda minha.

– Porque é que estás a pedir desculpa? – perguntou-lhe ela.

– Tudo? – respondeu o Pierce, embora tenha soado mais como uma pergunta. – Por tudo o que quiseses que eu peça desculpa?

– Estavas a querer dizer alguma coisa? – perguntou o Johnny, chamando a atenção de todos para ele.

– Sim – disse a Lizzie, olhando-o fixamente.

– Então, vamos a isso – contrapôs ele, com frieza.

– Ótimo – sibilou a Lizzie. – Eu estava a falar da Bella andar a dizer a toda a gente que acabaste com ela porque andas enrolado com a Shannon. Estava a falar de toda a gente andar a dizer que a minha amiga deve ser uma foda fantástica para ter virado essa tua estúpida cabeça de bola de rãguebi.

– A cabeça dele não tem a forma de uma bola de rãguebi – disse o Gibsie. – Também disseste isso da minha cabeça.

– Agora não, Gerard – ralhou-lhe a Claire, sentando-se na cadeira ao lado da dele.

– Ela está a mentir – disse o Johnny, tenso.

– Óbvio! – A Lizzie fez uma careta, afastando a mão do Pierce quando ele tentou pousá-la no seu ombro. – Por isso, agora, quero saber o que vais fazer para resolveres isto.

– Nada – disse eu. – Ele não vai fazer nada em relação a isto, porque não há nada a fazer!

– A culpa é tua Johnny – continuou a dizer a Lizzie, por cima de mim. – A culpa é tua. Ela é a maluca da tua ex. Por isso, resolve.

O Johnny ficou completamente imóvel, durante um momento, com os olhos fixos na Lizzie, sem dizer uma única palavra, antes de entrar em ação.

Depois, empurrou a cadeira para trás e levantou-se, com os olhos fixos em mim.

– Anda!

– O... o quê? – perguntei, olhando para ele.

– Vem comigo – ordenou ele, estendendo-me a mão. – Vamos resolver isto, agora.

Olhei para a Lizzie, que tinha as mãos cruzadas sobre o peito e uma expressão de satisfação na cara, para o Gibsie, que parecia extasiado, para a Claire, que estava a encolher-se, para os outros

rapazes, que pareciam simplesmente confusos, antes de, finalmente, me fixar no Johnny.

Ele parecia furioso. E expectante.

– Não – recusei, abanando a cabeça. – Nem pensar! Eu não vou lá.

– Ela vai pedir-te desculpa, publicamente – disse ele. – Vai fazer as coisas como deve ser, publicamente. – Olhou de relance para a sala antes de acrescentar: – E vou esclarecer, publicamente, as outras merdas das mentiras dela.

– Não! – Arregalei os olhos, horrorizada. – Não faz mal. Não quero um pedido de desculpas.

O Johnny suspirou, frustrado

– Não, não está tudo bem, Shannon.

– Eu não vou lá – repeti, tremendo perante a ideia. – Não quero.

– Ótimo – resmungou o Johnny, dando um passo à minha volta. Deu um pontapé numa cadeira, tirando-a do caminho e fazendo com que o Pierce e a Lizzie se afastassem um do outro, para ele passar. – Eu resolvo isto sozinho.

– Não – Apresssei-me a ir atrás dele, agarrei-o pela manga da camisola e meti os pés pelas mãos.

– Por favor, não.

O Johnny arrastou-me durante cerca de um metro e meio, antes de parar, finalmente.

– Então, o que é que queres que eu faça? – disse ele, virando-se para mim.

– Nada! – balbuciei, ainda agarrada à manga dele. – Absolutamente nada.

– Não posso não fazer nada. – Passou a mão pelo cabelo, visivelmente agitado. – Estão a falar de ti.

– Isso não interessa – Abanei a cabeça, ignorando os olhares que sabia estar a receber, e puxei-lhe a manga. – Não quero saber.

O Johnny olhou-me fixamente, durante um longo momento, e depois abanou a cabeça.

– Sim, mas eu importo-me – disse ele, por fim. – Eu importo-me, porra!

– Porque é que não nos pomos todos a andar daqui para fora durante o resto do dia? – sugeriu o Gibsie, caindo praticamente da

cadeira, numa tentativa de intercetar o Johnny. – Para fugirmos um pouco ao drama – acrescentou, agarrando os ombros do Johnny. – E divertirmo-nos um pouco.

O Johnny olhou para ele.

– De que é que estás a falar?

– Bom plano, pá – disse o Hughie, levantando-se da mesa e pondo-se ao lado do Gibsie.

– Alinho! – exclamou a Claire.

O Gibsie lançou-lhe um olhar agradecido.

– A tua mãe voltou para Londres, não voltou? – perguntou ele, desviando o olhar da Claire para o amigo, com as mãos ainda nos ombros do Johnny. – Não tens a casa vazia?

O Johnny assentiu lentamente, com o olhar a oscilar entre o Gibsie, o Hughie e a mesa atrás deles. – Foi-se embora ontem de manhã.

– Então, vamos para tua casa e ficamos lá um bocado – afirmou o Gibsie, calmamente, antes de voltar os seus olhos cinzentos para mim. – O que é que achas, Shannon? – Lançou-me um olhar cheio de significado. – Não achas boa ideia sairmos de aqui antes de o Kav transformar o refeitório numa cena da *Guerra dos Tronos*?

Estremeci só de pensar nisso, porque tinha lido aqueles livros todos.

– Na verdade, por uma vez na vida, o Thor tem razão – disse a Lizzie, pondo-se do meu lado. Virou-se para mim e disse: – Vamos a isso.

Vamos a isso? Com o quê?

– Hmm... OK?

– Perfeito! – O Gibsie bateu no peito do Johnny e, depois, pôs-lhe o braço por cima do ombro e encaminhou-o para a saída. – ‘Bora – disse ele, falando por cima do ombro antes de sair. – Já!

Não percebi nada do que se estava a passar, mas fui com os outros, atrás do Johnny e do Gibsie.

– Devem ir a um sítio qualquer para ela lhe chupar a pila – gritou muito alto uma voz conhecida, chamando a atenção de toda a gente. – Já se sabe como é essa gente de Elk’s Terrace. Está sempre disposta a tudo.

– Oh, foda-se! – exclamou o Johnny, libertando-se do Gibsie e

passando por todo o grupo. – Isto vai ser resolvido e é já! – disse ele, dando a volta à mesa e avançando em direção à Bella.

– Por amor de Deus – gemeu o Hughie.

– Não consegues evitar, pois não? – disse o Johnny, apontando um dedo à cara da Bella.

– Eu não fiz nada! – A Bella riu-se. – Só disse a verdade.

– A verdade? – sibilou o Johnny, lívido. – Não sabes o que é a verdade, nem quando levas com ela na cara.

Não sei de que parte do meu corpo é que me surgiu aquela súbita coragem, mas chegou depressa e com força, e impulsionou as minhas pernas em direção a ele.

– Johnny, não – pedi, ofegante, enquanto corria para ele.

Pela primeira vez na vida, fiquei contente por ser pequenina. Isso permitiu-me deslizar para o espaço minúsculo entre o Johnny e a mesa em que ele estava debruçado.

– Johnny – repeti, empurrando-lhe o peito com força. – Vamos embora.

Ele nem olhou para mim.

– Johnny – repeti, aproximando-me e tocando-lhe na cara.

Ele olhou para mim, furioso.

– Vai-te embora – Ordenei, olhando para ele com o coração na boca. – Por favor.

Enquanto o Johnny olhava para mim, mais furioso do que nunca, uma veia pulsava-lhe na têmpora. Esperei que decidisse, sem me atrever sequer a respirar.

Finalmente, soltou um som furioso e acenou com a cabeça, tenso. Respirei fundo.

Graças a Deus...

– Não te atrevas a voltar a dizer o nome dela – disse ele à Bella, com o peito a tremer, enquanto me deixava empurrá-lo para trás, afastando-o da mesa.

– É uma puta do bairro social – disse a Bella, com maldade. – Por acaso, isso é mentira?

– É melhor teres cuidado com a merda que te sai da boca – disse o Johnny, passando por mim.

Senti um grande aperto no coração.

Tentei e falhei.

– Porquê? O que vais fazer se eu não me calar, Johnny? – sibilou a Bella, saltando da cadeira e batendo no peito dele. – Bates-me?

– Não. – O Johnny fez uma pausa e, depois, puxou o Cormac Ryan levantando-o da cadeira – Bato nele. – E deu um murro na cara do Cormac Ryan.

Ao contrário da véspera, não esperei para ver o resultado. Voltei costas e saí a correr do refeitório. Porque sabia que aquilo podia correr de duas maneiras. E, fosse como fosse, quem perdia era eu. Já tinha assistido a outros incidentes como aquele, em que o Joey se metia para defender a minha honra. Não fazia diferença para raparigas como aquela.

Eu perdia sempre.

Acalma as mamas

JOHNNY

– Que merda é que estão a fazer? – protestei, quando o Gibsie e o Hughie me arrastaram para fora do refeitório, antes de eu ter sequer oportunidade de dar um segundo murro ao Cormac.

– Estamos a impedir-te de fazeres uma estupidez! – explicou o Gibsie, calmamente, levando-me para fora do edifício principal. – Outra vez, *Bulldozer!*

– Onde é que tens a cabeça? – perguntou o Hughie, quando chegámos ao pátio e ficámos fora da vista do gabinete do diretor. – Sabes os problemas que podes ter com a Academia se souberem que andaste à pancada na escola!

– Que se lixe a Academia! – disse, afastando-lhes as mãos. – Estava a tentar defendê-la.

– Bem, o que acabaste de fazer foi envergonhar a miúda – disse o Hughie. – Parabéns, Cap. Como se ela já não tivesse merda suficiente para a chatear. Acabaste de fazer dela o alvo de todas as tuas fãs.

Furioso, passei uma mão pelo cabelo, para não dar um murro a um dos meus amigos.

– Ouviste o que ela disse? – sibilei, sentindo o corpo a tremer de raiva. – O que é que querias que eu fizesse?

– Ela não queria que a defendesses, pá – acrescentou Gibsie. – Ela disse-te isso!

– Pois, mas estava enganada! – respondi.

– Pois, mas agora foi-se embora... – disse o Gibsie. – Por isso, acalma as mamas!

Ela foi-se embora?

Isso fez-me parar para pensar.

Virando-me para trás, vi a Claire, a víbora e a Katie ao nosso lado, mas não vi a Shannon.

– Sim, foi-se mesmo embora! – confirmou o Feely, que se

aproximou de nós com as mãos enfiadas nos bolsos.

– Andas com a miúda nova, Cap? – perguntou o Pierce, juntando-se ao círculo interminável de malditos incómodos. – Guardaste bem o segredo!

– O quê? Não! – murmurei e depois suspirei de cansaço, a sentir a raiva a dissipar-se do meu corpo. – Já não sei o que sou! Não sei o que é que me está a acontecer!

– Bem... – disse a Lizzie. – Acabaste de ganhar uns pontos na minha consideração! – Deu-me uma palmadinha no braço. – E acredita em mim, não os dou muitas vezes!

– Não dá, não! – confirmou o Pierce, com uma careta.

– Ainda vamos para tua casa? – perguntou o Feely. – Acho que já não vale a pena voltarmos a entrar.

Abanei a cabeça, precisava de um minuto para pensar.

Mas que raio tinha acontecido? Como é que tinha perdido o controlo daquela maneira?

E onde raio é que ela tinha ido? Estava bem?

Eu ia matar alguém! Sentia a raiva a crescer dentro de mim, só de pensar na expressão resignada da Shannon.

Sim, ela parecia *resignada* como o raio.

Devia era ter ficado furiosa. Mas limitou-se a *aceitar*.

As coisas até podiam ter sido assim para ela, na BCS, mas não era assim que iam ser no Tommen. Ela não ia servir de porra de alvo para ninguém, isso garantia eu.

– Johnny?

Ouvir o meu nome, interrompeu-me os pensamentos.

– Sim? – Ergui o olhar e olhei em redor, para os meus amigos, sentindo-me completamente perdido.

– Vamos? – perguntou o Hughie, olhando-me de uma maneira estranha.

– Vamos onde? – disse eu, irritado, não gostando nem um bocadinho daquela atenção toda.

Senti-me como se estivesse nu, com os sentimentos à mostra, dando aos sete um vislumbre de qualquer coisa que nem eu próprio compreendia.

– Tenho de ir à procura dela! – disse, falando mais para mim

próprio do que para os outros. Em pânico, dei uma volta de 360 graus.
– Devia ir ver como é que ela está!

– Não! – disse o Hughie, calmamente. – Devias ir para casa e acalmar-te! É óbvio que ela não quer vir connosco. Por isso é que se foi embora!

Olhei para ele.

– Que raio é que tu sabes sobre o que é que ela quer?

O Hughie ergueu as sobrancelhas, surpreendido.

– Dá-me as chaves de tua casa, Cap! – disse o Gibsie, pondo-se à minha frente.

Sem o questionar, tirei as chaves do bolso e entreguei-lhas.

– Já vos apanhamos! – disse o Gibsie aos outros, atirando as minhas chaves ao Hughie e passando-me um braço por cima dos ombros. Encaminhou-me para o pavilhão de educação física.

Fui com ele porque a minha mochila estava lá e eu não sabia o que fazer.

– Estás bem? – perguntou o Gibsie, quando entrámos no balneário vazio.

– Não! – disse. – Estou tão longe de estar bem que já nem sei o que é que isso quer dizer.

– Sei que não é a altura certa para dizer isto, mas vou dizê-lo na mesma! – anunciou o Gibsie. – *Eu avisei-te*. No décimo ano, quando ela começou a farejar por aí, avisei-te de que era má rês!

– Não preciso que me relembres! – disse eu, dirigindo-me para o banco e pegando nas minhas coisas. – Eu sei que fiz asneira!

– Pois fizeste! – concordou, sem se dar ao trabalho de mentir, enquanto pegava na sua mochila.

– Viste um par de mamas bonitas, uma vida fácil, e deixaste que a tua pila pensasse por ti! – disse ele, encolhendo os ombros e pôs a mochila aos ombros. – Este é o resultado. Mais uma maluca que não te larga!

– Bem, mas agora já não estou a pensar com a pila! – disse eu.

– Graças a Deus. E se vale de alguma coisa, no teu lugar, eu também teria perdido a cabeça! – disse-me ele. – Se uma cabra qualquer falasse assim da Claire, eu não sei o que é que lhe fazia!

– O que lhe aconteceu foi culpa minha! – disse-lhe eu. – A Bella

anda a chatear a Shannon por minha causa.

– Não! – corrigiu o Gibsie e abanou a cabeça. – OK, sim, ela está a ser chateada por tua causa, mas a culpa não é tua!

– Ela não me deixa em paz, Gibs! – disse eu, suspirando, e passei a mão pelo cabelo. – Ela não vai parar!

– Podias falar com o teu pai, para conseguires uma ordem de afastamento ou coisa do género?

– Para quê, Gibs? – respondi, perturbado. – Para ser chateado na escola?

– E para não te andar a seguir pelos bares? – Disse ele.

Abanei a cabeça.

– Não, a única ordem de afastamento era a que eu devia ter dado à minha pila.

O Gibsie riu-se e saímos do balneário.

– Afastamento da tua pila!

– Não tem piada! – disse eu. – Não faço sexo com ela desde o Halloween! Estamos em março, Gibs. Março, foda-se! Já me devia ter deixado em paz!

– Devias ter acabado as coisas, naquela altura! – Abriu a porta do pavilhão e saímos os dois, para o raro sol da tarde. – Deixaste passar para janeiro, Johnny!

– Sim, bem, tinha mais em que pensar – disse eu, descendo os degraus. – E ela é que acabou, por isso, não faço a mínima ideia porque é que não me larga.

– Sabes porque é que ela não te larga! – respondeu o Gibsie, tocando-me no ombro, enquanto entrávamos no parque de estacionamento.

Suspirei. Sim, eu sabia.

A porra do rãguebi.

– Prometes-me uma coisa? – disse ele, enquanto pegava nas chaves do carro e abria o seu novo e brilhante *Ford Focus*.

– Sim, pá! – Suspirei, pondo a mochila e o saco de desporto no porta-bagagens do carro.

– Promete-me que nunca mais lá voltas, por muito tentador que seja!

– Gibs, eu não voltava lá nem que ela fosse a última rapariga deste

maldito planeta! – resmunguei.

Ele riu-se da minha resposta e foi para o lugar do condutor.

– Estou a falar a sério! – disse-lhe eu, sentando-me no banco do pendura. – Não volto a tocar naquela rapariga, mesmo que ela fosse a única cura para a minha pila! – Fiz uma pausa para apertar o cinto de segurança. – Preferia andar por aí, até ao fim da minha vida, com os tomates azuis e uma pila enrugada, só para não voltar a pôr as mãos nela. É para veres o que ela me repugna.

– Ainda bem para ti! – O Gibsie pôs o motor a trabalhar. – Aquela miúda quer amarrar-te tanto que até mete medo!

– Não me vou prender a ninguém! – respondi. – E muito menos ela! Ele arqueou uma sobrancelha.

– Tens a certeza?

– Cala-te e põe o cinto de segurança! – disse-lhe, olhando em volta, à procura de alguma coisa onde pudesse bater. – Verifica os espelhos!

– Sim, pai... – disse o Gibsie, obedecendo às minhas ordens.

– OK, agora podes ir... com calma! – disse-lhe, quando tive a certeza de que ele conseguia sair do seu lugar de estacionamento sem causar danos corporais graves, coisa que ele era perfeitamente capaz de fazer. – *Devagar Gibs!*

– *Binding 13!* – O Gibsie riu-se e arrancou demasiado depressa. – A pequena Shannon deu cabo daquela merda!

– Abranda, pá! – disse eu, resistindo à vontade de agarrar no volante. – E que raio significa *binding 13*?

– Não sabes?

Abanei a cabeça.

– Óbvio que não, senão não perguntava!

– É o que dizem de ti, pá! – disse o Gibsie.

– Quem? – perguntei, enquanto me agarrava ao apoio da porta e rezava umas ave-marias ao homem lá de cima.

Não deixes que este cabrão me mate!

– As miúdas lá da escola! – disse o Gibsie, entrando na estrada principal sem olhar para os lados e quase batendo numa carrinha de leite. – É o que elas dizem!

Oh, meu Deus! Eu ia morrer naquele carro. Ele ia matar-me!

Cumprimentei timidamente o leiteiro que agitava o punho na nossa

direção e virei-me para olhar para o Gibsie.

– Chamam-me *binding* 13? – Abanei a cabeça. – Porquê? Não percebo!

– Não é o que te chamam! – corrigiu ele. – É o que elas querem fazer contigo!

– O quê?

– És o número treze! – Riu-se. – E querem agarrar-se a ti! – Ele virou-se e franziu-me o sobrolho. – Estilo formação ordenada!

– Isso é... tão assustador! – disse eu, arrepiando-me. – Olha para a estrada!

– Completamente! – O Gibsie riu-se, voltando a atenção para a estrada. – A Claire falou-me disso, o ano passado. Disse que ouviu um grupo de alunas do décimo segundo ano, na casa de banho, a falarem sobre uma coisa chamada «Operação *Binding* 13».

– Meu Deus! – disse eu.

– Mais ou menos na altura em que começaste a comer a Bella – disse ele. – Faz as contas!

Não precisei de fazer.

Eu já tinha percebido.

– Oh, por amor de Deus! – gemi.

– Sim! – o Gibsie concordou com uma careta. – Fica feliz por teres saído dessa, Johnny. Fica mesmo muito feliz, porra!

E era assim que eu me sentia, feliz.

Mais do que as palavras poderiam exprimir.

– O que é que faço, Gibs?

– Em relação à Shannon?

Assenti.

– Cede! – respondeu ele, sem hesitar.

– Não posso! – disse eu.

– Podes! – garantiu-me ele. – Estás só assustado!

Sim, estava assustado. Estava aterrorizado com os meus sentimentos por ela.

– Já nem sequer sinto que tenho escolha! – confessei. – Estou a perder a cabeça, Gibs!

– Não, a tua cabeça ainda está aí! – O Gibsie riu-se, dando-me uma palmadinha no ombro. – Estás é a perder o coração, meu!

– Merda! – disse eu, mordendo o lábio e sentindo o terror apoderar-se do meu peito.

– Sim! – disse ele. – Muito inconveniente, não é?

– Se é, porra! – murmurei.

Grandes ameaças

JOHNNY

Ela não voltou à escola na quinta-feira. Fiquei a saber porque a procurei, nos corredores, nos intervalos entre todas as aulas. Ela nunca apareceu. Fiquei preocupado, porque sabia que havia uma possibilidade muito grande de a Shannon abandonar a escola por causa do que aconteceu no refeitório.

Estava preocupado porque sabia que a culpa era minha.

Não consegui concentrar-me, durante todo o dia. As aulas, as palavras e as instruções passavam-me em branco pela cabeça, porque a minha cabeça estava nela.

Estaria bem? Estaria zangada comigo?

Devia ir lá a casa? Devia deixá-la em paz?

Não sabia. E nem sequer tinha o número de telemóvel dela, para lhe poder ligar. No dia seguinte entrávamos de férias durante duas semanas.

No dia seguinte, tinha um jogo em Dublin.

E se não a visse antes disso? E se ela não voltasse à escola? Que porra é que eu ia fazer, nesse caso?

Valha-me Deus, estava a enlouquecer.

Depois da escola, a caminho do treino, reuni todo o autocontrolo que ainda me restava e obriguei-me a afastá-la da minha cabeça. Porque eu não precisava daquilo – não precisava daqueles sentimentos – a foder-me o jogo.

– Andas com ela? – perguntou a Bella, interrompendo-me os pensamentos, quando eu ia a entrar no pavilhão desportivo.

Abanei a cabeça e continuei a andar, tencionando ignorá-la, mas ela agarrou-me pelo braço e sibilou:

– Responde-me!

– Mete-te na porra da tua vida – respondi-lhe, reprimindo a vontade de estremecer ao toque dela. – E sai da minha.

Naquele dia, precisava mesmo que ela não se aproximasse de mim. Estava furioso e sabia que não ia conseguir controlar a língua, se ela me provocasse.

– Responde-me à porcaria da pergunta que te fiz, Johnny – sibilou a Bella, num tom de aviso.

– E se não responder? – disse eu, olhando para ela. – O que é que fazes?

– Nesse caso, és um parvalhão de merda – disse ela, com os olhos a faiscarem de mágoa e raiva. – Porque aquela miúda tem virgem escrito na testa.

– Nem tudo se resume a sexo, Bella – disse-lhe, libertando o braço. – E não voltes a tocar-me – acrescentei, num tom cheio de desdém. – Não quero que me toques.

– Nem tudo se resume a sexo? – troçou ela. – Ah! Não te dou nem um mês para ficares farto da virgem e fugires dela a sete pés.

– Fartei-me de ti logo depois da primeira noite – disse eu.

– Então, porque é que continuaste a ir ter comigo? – perguntou ela.

– Porque sou preguiçoso e tu és muito fácil. – Perdi a paciência e ainda lhe disse: – Tu estavas à distância de um telefonema, Bella. Bastava uma mensagem rápida. Para mim, nunca foste mais do que isso.

Estava à espera da mão que me bateu na cara. Mereci a bofetada. Rapariga nenhuma merecia que lhe chamassem fácil, por muito verdade que isso fosse. Foi um golpe baixo e tive de pedir desculpa.

– Não quis dizer aquilo – reconheci. – Não é coisa que se diga.

– Pois não, Johnny, não é – respondeu-me, cruzando os braços.

– Eu sei – retorqui, sem um pinga de paciência para continuar a aturar aquela miúda. – Por isso é que disse que não devia ter dito.

– Porque é que estás a ser assim? – perguntou a Bella, num tom mais suave. – Porque é que estás a ser cruel comigo?

– Não estou a ser nada contigo – disse eu. – Só quero ir para o treino e estás a bloquear-me o caminho.

– Porque quero falar contigo – insistiu, veemente.

– Não temos nada a dizer um ao outro, Bella – disse-lhe, abanando a cabeça. – Acabou.

– Viste-me? – perguntou-me, nitidamente a provocar-me. – Com o

teu colega de equipa?

– Estou a cagar-me para aquilo que fazes com os meus colegas de equipa – respondi, com toda a calma.

– Não o quero.

– Isso é problema teu.

– Quero-te a ti.

– Mas não me vais ter.

– Johnny.

– Bella.

– Vá lá!

– Não, foda-se! Obrigado.

A Bella olhou para mim, durante um longo momento, e depois desatou aos gritos e a bater o pé. Não estou a mentir, ela bateu mesmo o pé.

– Porque é que estás a ser assim? – sibilou ela. – Estou arrependida por te ter traído, OK? Desculpa!

– Tudo bem, estás mais do que perdoada – respondi-lhe, passando a mão pelo cabelo, frustrado. – Agora, vai lá ter com o Cormac ou com quem quiseses. Não quero mesmo saber. Quero só que me deixes em paz!

– A sério que me estás a dizer que não te importas que eu ande com o Cormac? – perguntou-me, bloqueando a porta, quando tentei passar por ela. – Ele pediu-me namoro, sabes? Sou namorada dele, agora. Não tens ciúmes?

– Estou. Me. A. Cagar. – disse eu. – Não sei que mais hei de dizer ou fazer para te deixar isso claro.

– Achas mesmo que aquela cabra é melhor do que eu? – perguntou. – Achas, Johnny? Desceste de nível. Ela nem sequer tem mamas.

– Não fales dela – avisei-a. – Diz o que quiseses de mim, mas não toques no nome dela.

– É verdade – disse ela, cuspiendo as palavras. – É um raio de um palito. – Encolheu os ombros e acrescentou: – Parece anorética.

– E tu és uma cabra sem coração. – Fiz um esforço para não perder a cabeça ali, à porta do pavilhão desportivo, enchi-me de calma e disse-lhe: – Se voltares a chateá-la outra vez, dou cabo de ti.

Olhou para mim, sobranceira.

– Gostava de ver isso.

– Dou cabo de ti – repeti, numa voz gelada. – Da tua reputação. Do teu status. Dos teus amigos. Das tuas futuras relações. De tudo. Se voltas a meter-te com a Shannon Lynch, tiro-te tudo.

Ela arregalou os olhos.

– Johnny...

– Sabes muito bem que sou capaz – acrescentei, mantendo a voz baixa. – Ao contrário do que tu pensas, eu sou muito mais do que o camisola 13 e uma pila.

– E se eu te dissesse que estou grávida? – perguntou, desafiadora. – O que é que dizias?

Atirei a cabeça para trás e ri-me.

– És inacreditável.

– Para de rir. – Fingiu um soluço. – Não tem graça.

– Dizia-te que fosses falar com o Cormac, porque eu não te toco há quatro meses e meio. – Trocei, enojado, e acrescentei: – Além disso, se fosse verdade, já terias usado isso contra mim. E a barriga também já se notava.

– Não necessariamente – contrariou-me ela.

– Estás a dizer que te engravidei, Bella? – perguntei-lhe, a sorrir, cínico. – Tem muito cuidado com aquilo que vais responder.

Ela sabia quem era o meu pai. Ela sabia onde é que as mentiras a iam levar se me fizesse acusações falsas.

A Bella olhou para mim, durante mais um longo momento, e depois resmungou:

– Não, não estou grávida.

– Eu sei – trocei.

– Foi só uma hipótese – respondeu, na defensiva.

– Não – corrigi-a. – Foi uma manipulação falhada.

– Amo-te – soluçou ela. – Lamento querer fazer com que a nossa relação resulte.

– Bom, não me ames – disse eu, irritado. – Porque eu não te amo, nem nunca te amarei! – Passei por ela e entrei no pavilhão. – Daqui para a frente, fica longe de mim.

Saídas de campo inesperadas

SHANNON

Não fui às últimas três aulas, na quarta-feira, e fiquei em casa, na quinta-feira. Sabia que não devia faltar à escola, mas, simplesmente, não conseguia enfrentar aquilo.

Era de mais.

A Bella, o Johnny, os olhares, os murmúrios.

Era mesmo demasiado.

Sentia-me emocionalmente esgotada e fisicamente agredida, e precisei de algum tempo para pensar nas coisas e, depois, voltar.

Mas, ontem à noite, a minha tentativa de ganhar espaço foi um completo desastre porque o meu pai perdeu a cabeça comigo por eu ter deixado queimar o jantar, e deu-me um murro na cara.

Na opinião dele, eu nem um esparguete à bolonhesa sabia cozinhar. E isso foi o suficiente para ele me voltar a bater.

Hoje de manhã sentia-me um trapo, mas teria saído daquela casa de gatas, se fosse preciso. Nada do que a Bella me fez, na escola, se comparava ao que o meu pai era capaz de me fazer, em casa.

Quando, finalmente, cheguei à escola – com mais de uma hora de atraso, porque, sem o meu telemóvel, não pude contar com o alarme para me acordar – ouvi um raspanete do Mr. Mulcahy, o nosso professor de educação física, por estar a atrasar a partida.

– Qual partida? – perguntei, porque não sabia mesmo de que é que ele estava a falar.

Mas ele não se dignou a explicar-me o que estava a acontecer e fez-me entrar num autocarro escolar cheio de gente, mandando-me procurar um lugar rapidamente.

O que me deixou aterrorizada, porque estava ali, de pé, na entrada de um autocarro cheio de caras desconhecidas.

– Shan! – gritou a Claire, fazendo-me sinal.

Em pânico, os meus olhos encontraram-na na terceira fila da

frente, com a Lizzie sentada ao seu lado. Todas as raparigas daquele autocarro pareciam estar sentadas à frente, nos bancos perto do motorista. Para além de mim, só havia mais quatro raparigas na minha turma, e a Shelly e a Helen estavam sentadas no banco atrás do das minhas amigas. Perto delas, estavam sentadas várias raparigas do décimo segundo ano – incluindo uma deslumbrante Bella, com um rapaz enorme, de cabelo escuro, com o braço por cima dela e a cabeça encostada ao seu pescoço.

Obrigando-me a não olhar para a Bella, corri em direção ao banco onde estavam a Lizzie e a Claire.

– O que é que está a acontecer? – perguntei baixinho quando cheguei ao pé delas.

– É dia de jogo – disse a Claire, a sorrir. – Lembras-te?

Fiquei a olhar para ela.

– Dia de jogo de quê?

A Claire arregalou os olhos.

– Oh, meu Deus – murmurou ela. – Recebemos uma mensagem, na terça à noite, a avisar.

– Uma mensagem? – balbuciei. – Não recebi mensagem nenhuma.

– Ela é nova, se calhar ainda não está no sistema – sugeriu a Lizzie.

Não, não recebi a mensagem porque, na terça-feira à noite, o meu pai me afogou o telemóvel.

– O que é que se passa? – perguntei, já aterrorizada. Olhei em volta, nervosa.

– É hoje o *playoff* – explicou a Lizzie. – Entre o Tommen e o Royce.

Olhei para ela, sem perceber nada.

– Hã?

– Por amor de Deus, Claire – resmungou a Lizzie. – Não acredito que não lhe contaste!

– Pensei que ela sabia! – respondeu a Claire, corando. – Desculpa, Shan. Pensei que sabias que o jogo era hoje.

– Não, não, não – disse eu. – O jogo em Donegal é só depois das férias. – Que começavam naquele mesmo dia. – Lembras-te?

– O Royce College ganhou os últimos três jogos – disse-me a Lizzie, num tom querido.

Eu devia estar com um ar muito perplexo, porque a Lizzie não era

assim querida só porque sim.

– Depois de ganhar o último jogo, a equipa do Royce College ficou em segundo, empatada com o Tommen – apressou-se a explicar. – As equipas do Royce e do Tommen vão disputar o *playoff* hoje, para ver quem joga com o Levitt, na final.

Apertei o nariz, esforçando-me por perceber o que me diziam.

– Mas devíamos ir a Donegal depois da Páscoa!

– Não vai haver viagem a Donegal se os nossos rapazes não ganharem hoje – explicou-me a Claire.

– Porque é que vocês não me disseram nada?

– Porque não sabíamos quando é que ia ser o jogo.

– Porquê?

– Porque a equipa do Royce andava a fazer joguinhos – disse a Lizzie. – Estavam a dificultar a vida ao Tommen, na esperança de o Johnny não estar disponível.

– O quê?

– Ele tem um calendário – explicou a Claire. – Tudo o que ele faz, relacionado com o râguebi, tem de passar pela Academia. – Encolheu os ombros e acrescentou: – Acho que estavam à espera de apanhar a equipa do Tommen desprevenida.

– O que não aconteceu – riu-se a Lizzie. – Infelizmente, para eles.

– Oh, meu Deus – disse eu, aborrecida. – E onde é o jogo?

– Dublin – disse a Claire, com uma careta.

– Eu não tenho autorização para ir a Dublin. – Arregalei os olhos. – Se o meu pai descobre...

– É uma viagem de um só dia – interrompeu-me. – Ida e volta. Lá para as dez já estamos em casa.

– Às dez? – lamentei-me. – Da noite?

Oh, meu Deus.

Iam-me matar.

– Meninas, eu não posso ir – disse eu, em pânico só de pensar no que é que o meu pai diria se eu aparecesse em casa às dez da noite. – Não tenho dinheiro e os meus pais não sabem...

– Miss Lynch! – gritou o Mr. Mulcahy, interrompendo a Claire e chamando a atenção de toda a gente para nós. – Sente-se!

– Eu mudo de lugar – disse a Lizzie, levantando-se. – Shannon,

podes ficar aqui...

– Sente-se, Miss Young – disse Mr. Mulcahy. – Estamos atrasados porque a Miss Lynch não sabe cumprir horários. Ela é que tem de procurar um lugar livre.

– Não se preocupem – disse eu, mortificada. – Eu procuro um lugar.

– E era bom que fosse ainda hoje – resmungou ele.

De cabeça baixa e com a voz impaciente do Mr. Mulcahy nos ouvidos, tive de fazer o temido caminho da vergonha, atravessando o corredor do autocarro, com a mochila às costas, a espreitar para todos os lados, à procura de um banco livre.

Mas não havia.

Acabei por ter de ir até lá ao fundo, onde estava instalada a equipa. Quanto mais para trás ia, mais alta era a vozeria. Só queria dar meia-volta e sair dali. Queria descer daquele autocarro e ir para casa.

Não, encorajei-me, mentalmente. Não. Tu não foges mais.

Estás bem. Está tudo bem.

O que é que interessa se estão a olhar para ti?

Não te conhecem.

Respira fundo.

Finalmente, quando cheguei à parte de trás do autocarro e olhei para a última a fila, tinha a cara tão quente que tinha a certeza de estar a irradiar fogo. A sério, se me encostassem uma fatia de *bacon* à cara, derretia-se.

A última fila estava toda ocupada com membros da equipa de rãguebi.

Oh, Deus. Estava na zona perigosa.

Pelo canto do olho, vi que o lugar da janela, à minha direita, na penúltima fila, estava vago. Senti-me aliviada e tirei a mochila das costas, preparando-me para o ocupar, mas parei de repente, quando percebi quem é que estava sentado no lugar da coxia.

O meu coração disparou.

O Johnny estava de *headphones* e a música estava tão alta que consegui ouvir perfeitamente a voz de Jay-Z a cantar a canção em que diz que tem noventa e nove problemas.

Oiço-te, Jay-Z...

O Johnny não olhou para mim. Não olhava para ninguém. Estava completamente concentrado no iPod que tinha nas mãos. Em cima do banco, ao lado dele – o único lugar livre do autocarro – havia vários sacos de desporto que, obviamente pertenciam a membros da equipa.

Oh, meu Deus.

Aclarei a garganta e apontei para o banco.

Ele não olhou para cima. O cabelo dele, impecavelmente penteado, era a única coisa que eu via, enquanto ele continuava a olhar para o iPod que tinha nas mãos.

O motor do autocarro começou a trabalhar, provocando uma vibração sob os meus pés, e senti uma onda de pânico. Bati-lhe rapidamente no ombro. O Johnny levantou a cabeça e a expressão irritada transformou-se imediatamente num sorriso de surpresa ao olhar para mim.

– Shannon?

– Preciso de me sentar – consegui dizer, mortificada com os assobios e os comentários insinuantes dos outros rapazes.

Nas duas últimas noites, mal tinha dormido, afogada em pânico e dúvidas e a lutar contra os meus sentimentos sobre ele. Agora que me deparava com a perspectiva de passar uma data de horas ao lado do Johnny, sentia-me a morrer por dentro. A sério, tinha o estômago às voltas e estava certa de que iria vomitar se não me sentasse depressa.

Santo Deus...

O Johnny continuava a olhar para mim, de sobrancelhas franzidas, e eu balbuciei:

– Não há outro lugar livre, no autocarro, e estamos a arrancar, por isso, preciso que me deixes passar... – Olhei para ele, depois, para a horda de pessoas que nos observava e, a seguir, para o banco desocupado. – Podes chegar-te para trás ou mudar os sacos, para eu poder passar por favor?

– Desculpa – disse o Johnny. Levantou a mão e tirou os *headphones*.

– Não tinha percebido.

Os rapazes da última fila desataram a rir à gargalhada.

Ruborizada, apontei para os sacos, no banco ao lado do dele, e sussurrei:

– Não tenho outro sítio onde me sentar.

– Porra, claro! – respondeu o Johnny e começou a atirar os sacos para o chão, muito depressa. – Deixa-me só desocupar isto.

– Por amor de Deus, Lynch, senta-te! – gritou o Mr. Mulcahy, da frente do autocarro. – E põe o cinto!

Envergonhada, olhei na direção da Claire, para pedir ajuda, mas cruzei o olhar com uma Bella enfurecida.

Oh, foda-se.

Ela vai matar-te, Shannon. A Bella Wilkinson vai matar-te.

Se o teu pai não te matar primeiro...

Mortificada, apressei-me a chegar ao lugar livre, tentando passar pelas longas pernas do Johnny, ao mesmo tempo que ele se esticava para pôr outro saco no chão.

O resultado não foi nada bonito.

Envolveu uma data de pernas e braços emaranhados, um dos meus joelhos a bater-lhe com toda a força no nariz e um coro de «oooohs» e de «oh, merda», vindo dos rapazes à nossa volta.

– Caraças! – queixou-se o Johnny. Encostou-se completamente ao banco, levou as mãos à cara e protestou: – Raios, Shannon!

Tapei a boca com uma mão, de olhos arregalados:

– Peço muita desculpa!

– Vá lá, Johnny! – gritou um dos rapazes da última fila. – Vai-te a ela, pá!

– Vai-te lixar, Luke – disse o Johnny.

Apalpou duas vezes o nariz para ver se tinha sangue e quando ficou satisfeito, fez um som chateado, parecia estar a rosnar.

– Foi sem querer – desculpei-me, com a alma de rastos, enquanto tentava sair do meio das pernas dele.

Não era uma tarefa fácil, com a mochila às costas. Tinha os livros daquele dia todos dentro da mochila, porque nem sequer tive tempo de os ir pôr no cacifo, empurraram-me logo para o autocarro, e aquele peso, nas minhas costas, desequilibrava-me. Agarrei-me ao apoio de cabeça dele e levantei uma perna para lhe passar por cima, mas o meu pé deve ter passado perigosamente perto de um certo sítio do seu corpo, porque o Johnny agarrou-me pelo tornozelo, fazendo com que a minha saia subisse.

– Cuidado! – disse ele, com uma expressão preocupada. – Não te mexas.

Não admirava que estivesse preocupado. Eu era uma desastrada.

Abanando a cabeça, o Johnny respirou fundo, largou-me o tornozelo e levantou-se. Foi um movimento terrível, porque os nossos corpos ficaram completamente colados um ao outro.

– Eu ia mudar de lugar, sabes? – disse o Johnny, de olhos fixos em mim. Estávamos tão próximos que lhe sentia o aroma da água-de-colónia. – Se me tivesses dado hipótese.

Abri a boca para responder, mas a única coisa que saiu foi ar. Era impossível conseguir falar quando estava completamente entalada entre o peito dele e o banco da frente, com a estúpida da minha mochila a tornar qualquer movimento impossível.

– Mas eles vão dar uma queca ali ou quê? – perguntou alguém.

– É o que parece – disse outra voz.

– Que raio é que se passa aí atrás? – gritou o Mr. Mulcahy, muito alto. – Kavanagh! Lynch! Parem lá com essa marmelada e sentem-se!

O autocarro em peso desatou aos assobios e às gargalhadas. Mas eu sentia-me morta por dentro.

– É o que estamos a tentar fazer! – respondeu o Johnny. – Dê-nos só um minuto.

– É assim tão difícil sentarem-se, Kavanagh? – perguntou o professor.

– Parece que sim – murmurou o Johnny, muito baixinho, voltando depois a atenção para mim. – Quando eu disser três, vai para a esquerda – pediu. – Um, dois...

Arregalei os olhos.

– Para a minha esquerda ou para a tua?

– Jesus – resmungou o Johnny e murmurou mais uma data de impropérios. – Deixa estar, anda cá! – Agarrou-me pela cintura, puxou-me mais para ele, se é que isso era possível, e virou-nos de lado.

Largou-me a cintura e, praticamente, caí no lugar da janela, a cara a arder, o corpo a tremer. Assim que nos sentámos, o autocarro começou a andar.

– Obrigada – disse eu, acabrunhada, a apertar o cinto de

segurança.

– De nada – murmurou o Johnny, sentando-se e tocando no nariz.
– És um bocadinho desastrada, não és?

– Ah, pois sou – consegui responder, mas a voz saiu-me um bocadinho esganiçada. – Desculpa ter-te batido com o joelho no nariz.

Tirei a mochila das costas, pousei-a no chão e encostei-me.

O Johnny voltou-se para mim, a sorrir ligeiramente.

– Tens a certeza de que não estavas a querer vingar-te da bolada que te dei?

– O quê? Não! – protestei, abanando a cabeça. – Claro que não! A sério, foi sem...

– Calma, Shannon – disse ele, a rir. – Estava a meter-me contigo.

Sim, é claro que ele se estava a meter comigo.

O Johnny mexeu-se, no assento, obviamente à procura da posição confortável em que estava antes de eu o ter vindo incomodar.

– Odeio andar de autocarro – disse ele, quando finalmente encontrou a posição certa.

Esticou as pernas, inclinando a esquerda de tal maneira que a encostou ao meu joelho. Não mudou de posição, deixou a perna onde estava, e eu esforcei-me para não tremer.

Era evidente que ele não estava a fazer aquilo de propósito. Tinha mais de um metro e oitenta e era grande de mais para o espaço disponível.

Ainda assim, estava demasiado perto. Muito perto, mesmo. Havia demasiada proximidade.

– Estás a ocupar o meu lugar – murmurei, tocando-lhe na perna com o joelho, a rezar para que ele se afastasse um bocadinho.

Não afastou. Não se mexeu um milímetro.

Franziu as sobancelhas e encostou-se para trás.

– E tu estás no meu autocarro.

Corei até às orelhas. Baixei a cabeça e concentrei-me a puxar um fio invisível da camisola do uniforme, a única camisola de uniforme, naquele autocarro inteiro. Eu também não tinha recebido a mensagem a dizer que não era preciso ir de uniforme. *Meu Deus...*

– Estava a brincar – disse o Johnny, interrompendo-me os pensamentos.

– Eu sei – respondi, apesar de não saber.

Não conseguia lê-lo. Estava confusa. Estava chateada. E queria sair daquele autocarro.

– Então, a tua turma é que foi escolhida para vir ver o jogo? – disse ele, a fazer conversa.

Assenti e tentei ignorar o toque da perna dele na minha.

– É o que parece.

Franziu as sobancelhas.

– É o que parece?

Respirei fundo.

– Eu nem sequer sabia deste estúpido jogo até entrar na escola e ser metida dentro deste autocarro.

– Estúpido jogo? – troçou. – Muito obrigado.

– Desculpa.

– Não te preocupes – respondeu. – Quer dizer que não fazias ideia deste jogo?

Abanei a cabeça.

– Ideia nenhuma.

– Merda – murmurou. – Quer dizer que não trouxeste nada?

– Trouxe os livros todos de que ia precisar para as aulas de hoje – disse eu, em voz fraca, de ombros caídos.

– Se isto der para tarde, vamos ter de dormir lá – disse ele.

– O quê? – gaguejei. – Por amor de Deus, não digas isso.

O Johnny encolheu os ombros, como se pedisse desculpa.

– Acontece, às vezes.

– Valha-me Deus – suspirei.

– Queres passar por casa, para ires buscar qualquer coisa? – perguntou ele. – Posso pedir ao treinador para pararmos em tua casa...

– Não – disse eu. – Santo Deus, não, está tudo bem.

– Tens a certeza?

Assenti.

– Ouve, eu levo-te a casa, logo à noite, quando voltarmos – disse o Johnny. – Se é por isso que estás preocupada...

– Preocupada? – Abanei a cabeça. – Não estou preocupada.

– Pareces preocupada – disse, em voz baixa, de olhos postos nos

meus.

– Hmm, eu só... – Lutando contra uma onda de ansiedade, perguntei: – Emprestas-me o teu telemóvel, por favor? – Sorri, desconfortável, e expliquei: – Tenho de avisar o meu irmão de que vou chegar tarde a casa.

E tenho de lhe pedir que vá tratando do meu enterro, porque sou uma rapariga morta...

– Sim, claro! – respondeu.

Meteu a mão no bolso das calças, tirou de lá um telemóvel de aspeto moderno e entregou-mo.

– Hmm. – Olhei para o ecrã, sem saber o que fazer. – Podes desbloqueá-lo, por favor?

– Ops, desculpa – murmurou, estendendo a mão e desbloqueando o telemóvel.

Como continuei a atrapalhar-me com o telefone, ele tirou-mo da mão e ensinou-me a marcar o número.

– Obrigada – murmurei, voltando a pegar nele.

Carreguei no botão verde, dando início à chamada, e encostei o aparelho ao ouvido, a rezar para que o Joey atendesse.

Uma data de toques depois, fui parar à caixa de mensagens: «Olá, está a ligar para o Joey. Já sabe o que tem de fazer...»

– Joe – disse eu, baixando a cabeça. – Sou eu... a Shannon. Estou a caminho de Dublin, com a escola. Só volto à noite. Podes avisar a mãe? Ele tem o meu telefone, por isso não me lighes, OK? Não vais conseguir falar comigo, mas eu estou bem, Joe. Não te preocupes com...

O telefone apitou, fazendo-me saber que o tempo para deixar mensagem tinha acabado.

Desliguei a chamada, devolvi o telefone ao Johnny e respirei fundo.

– Obrigada.

– Quem é que tem o teu telefone? – perguntou o Johnny, guardando o telemóvel no bolso.

– Oh, hmm, o meu pai – murmurei.

– Porquê?

Encolhi os ombros e não respondi.

– Está diferente – disse ele.

Olhei para ele, sem perceber.

– Hã?

Estendeu a mão e tocou-me na cara.

– A maquilhagem.

– Ah. – Baixei a cabeça, sentindo-me incrivelmente agradecida por a Claire me ter dado um saquinho com maquilhagem na quarta-feira de manhã. Tinha sido mais do que útil. – Eu sei.

O Johnny voltou a mexer-se no assento, a tentar pôr-se confortável.

Baixei a cabeça e concentrei-me a puxar o mesmo fio invisível da camisola.

– Estás zangada comigo?

A pergunta dele surpreendeu-me e olhei para cima, para os seus penetrantes olhos azuis.

– Zangada contigo?

O Johnny assentiu, lentamente.

– Por aquilo que eu fiz no refeitório?

O meu coração batia violentamente, enquanto pensava na pergunta dele. Estava envergonhada. Insegura. Com medo.

Mas não estava zangada com ele.

– Não – disse eu, finalmente. – Não estou zangada contigo.

– Não vieste à escola – disse, em voz baixa.

Encolhi os ombros e baixei os olhos.

– Estive doente.

– E já estás melhor?

– Acho que sim – respondi, em voz muito baixa.

– Foi por causa do período?

Fiquei surpreendida ao ouvir o Johnny perguntar-me aquilo assim, diretamente.

Céus!

– Hmm... foi. – Corada até às orelhas, mexi-me no meu assento. – Mas já estou bem.

– Não estejas assim – disse o Johnny, franzindo a testa.

– Assim como?

– Envergonhada. – Tocou no meu ombro com o dele. – É natural, Shannon.

Oh, meu Deus. Estava para lá de envergonhada. Naquele momento, já era mais humilhação que outra coisa.

– OK – disse eu.

Ele abanou a cabeça e sorriu.

– Ouviste a faixa nove?

Voltei a ficar muito envergonhada.

– Ouvi – sussurrei.

– Gostaste?

– Hmm – Encolhi os ombros, sem saber o que responder.

– O que é que se passa?

– Não sei o que pensar daquilo, para dizer a verdade.

Ele franziu a testa e ficou à espera de que eu me explicasse. Mexi-me mais uma vez, desconfortável e disse:

– «Fuck Her Gently»?

O Johnny olhou para mim, espantado.

– O quê?

– A faixa nove do CD? – Encolhi os ombros. – Era «Fuck Her Gently», dos Tenacious D.

– Raios!

– Não, essa é dos Blink 182 e está na faixa quatro – respondi.

– Foda-se!

– Não – corriji-o. – Essa é a do Eamon, na faixa dez.

– O quê... não! – gemeu o Johnny, abanando a cabeça. – Santo Deus, que mais estava nesse CD?

Pensei um momento e, depois, disse-lhe:

– «Pretty Fly for a White Guy», «The Ballad of Chasey Lain», hmm, «Stacy's Mom», «The Bad Touch», «Pony» e mais umas de que não me lembro.

O Johnny voltou a gemer.

– Dei-te o CD errado...

– Deste?

Assentiu, lentamente.

– Esse é do Gipsie.

– Qual é que me querias dar?

O Johnny parecia envergonhado quando disse:

– Uma canção dos Maroon 5.

– Ah! – Olhei para ele. – Qual?

Ele mexeu-se, pouco à vontade.

– «She Will Be Loved».

Oh.

Oh, uau.

Como não respondi, porque, para dizer a verdade, não sabia o que dizer, o Johnny fez-me mais umas perguntas sobre coisas sem importância para fazer conversa.

Fui-lhe respondendo com monossílabos e, às tantas, ele voltou a acomodar-se melhor no banco, com o braço a roçar no meu e pegou outra vez no iPod. Mexeu nos botões, passando música atrás de música, até parar em «Daughters», do John Mayer.

– Se quiseses usar o meu telemóvel outra vez, é só dizeres, OK? – disse ele, pondo os *headphones* nos ouvidos. – Ou se precisares de qualquer outra coisa. – Pôs o volume do iPod tão alto que nem precisei de usar o meu *Discman* para ouvir música, conseguia ouvir perfeitamente o mesmo que ele.

Fiquei contente por não estar a ser alvo da sua atenção, respirei fundo e tentei acalmar os nervos.

Mas não era fácil. A causa da minha ansiedade ia ali sentada, ao meu lado. E a letra da canção atormentava-me.

Se ele soubesse como estas palavras são verdade, pensei. Se ele soubesse...

Onde é que eu tenho a cabeça

JOHNNY

Acabei de lhe perguntar pelo período.

Que raio se passava comigo? Alguma vez é suposto perguntar a uma rapariga sobre o período?

Não faço ideia.

Meu Deus, precisava que os médicos me fizessem um exame ao cérebro e aos tomates porque devia ter um problema qualquer.

A Shannon estava sentada mesmo ao meu lado, o cheiro dela no meu nariz, o braço dela a tocar no meu, e eu mal conseguia formular uma frase coerente.

A sério, isto não era normal!

Passei toda a minha vida exposto, como um pónei num espetáculo, e nunca nada me afetou.

Mas ela conseguiu! Esta miúda conseguiu!

Se calhar, passou tanto tempo que recuperei a virgindade, porque me sentia como se tivesse voltado a esse estado. Nenhum rapaz da minha idade que se preze e com o meu tipo de experiência de vida tremia perante uma rapariga.

Eu *tremia* como o caraças!

E, no entanto, ali estava eu, a tentar fazer com que o meu corpo se acalmasse para que pudesse, pelo menos, fingir que era minimamente normal e não a assustar outra vez, para ela não se enfiar no buraco onde gostava de se esconder.

As perguntas que a minha boca estava a fazer eram mais do que embaraçosas, mas não me conseguia controlar.

Ela estava maquilhada. A cara estava cheia de maquilhagem, o que me deu vontade de *chorar*.

Ela era linda sem maquilhagem, mas saber que estava a usá-la perto de todos os meus colegas de equipa deixou-me desconfortável. Eles estavam a olhar para ela. Só na última meia hora, tive de lançar

um olhar mortífero ao Luke para que parasse de olhar para ela, do seu lugar, do outro lado da fila. Era tão despropositado que dei por mim a mexer-me no banco só para lhe poder bloquear a vista a ele e a todos os outros.

Graças a Deus, a Mrs. Moore tinha sido obrigada a ajudar o treinador a acompanhar a viagem. A conselheira do Tommen era doida varrida, mas tinha trazido uma data de jogos e desafios de equipa para nos entreter durante a viagem de autocarro de três horas e meia. Até tinha um saco de ovos da Páscoa e pequenas tabelas de prémios. Fazia isto sempre que nos acompanhava num jogo fora de casa e, normalmente, eu ignorava-a até ela desistir e me deixar em paz.

Sentava-me sempre sozinho para que ela não me pudesse juntar à pessoa ao meu lado e obrigá-me a fazer aqueles exercícios sobre sentimentos – e, Deus me livre, o tempo de reflexão – de que ela tanto gostava!

Mas hoje? Hoje vi-me a participar naqueles testes chatos e nos jogos de charadas, sem falar no Eu Sou Espião.

Eu sabia que o Gibsie, o Hughie e o Feely estavam a rir-se de mim, na última fila do autocarro, eles sabiam que eu nunca participava nestes jogos, mas não me importei porque jogá-los significava que a Shannon tinha de falar comigo.

Sempre que eu ganhava, a miúda ao meu lado sorria. Sempre que eu lhe entregava mais um ovo da Páscoa ou um prémio estúpido, ela saía mais um bocadinho do buraco em que se escondia.

Isso valia bem as piadas que eu ia ouvir da minha equipa.

Ela valia tudo!

Sussurros abafados e cores verdadeiras

SHANNON

Estar sentada num autocarro, ao lado do Johnny Kavanagh, era inesperadamente fantástico.

Quando a Mrs. Moore, a maluca da nossa conselheira de orientação escolar, chamou a atenção de toda a gente e começou a distribuir-nos questionários e jogos para nos entretermos, pensei que o Johnny a fosse ignorar, porque, bem vistas as coisas, ele era uma grande estrela do rãguebi.

Mas não foi isso que aconteceu.

Não, o Johnny *alinhou* nos jogos.

Como estávamos sentados ao lado um do outro, formámos equipa e conseguimos trabalhar numa harmonia tal que fizemos os jogos e as outras tarefas com uma facilidade incrível.

Os jogos que nos deram eram tontos e infantis, mas, uma hora depois, mais ou menos, senti-me completamente à vontade com ele. E também gostei de ficar a saber que o meu parceiro de jogos era uma espécie de génio louco quando nos deram cubos Rubik para fazer e ele conseguiu completar o nosso em dez minutos. Foi verdadeiramente impressionante, até porque mais ninguém, naquele autocarro, conseguiu fazer o cubo.

Ganhámos todos os *quiz* e todas as tarefas às outras equipas.

Bem, o Johnny ganhou.

Mas ele era meu colega de equipa, por isso eu também ganhei.

Nunca ganhara tantas competições inúteis na vida – ou ovos de Páscoa. Na verdade, até àquele dia, nunca tinha ganhado nada.

Já tínhamos doze ovos de chocolate porque aquele rapaz brilhava e destacava-se em tudo o que fazia.

Doze ovos.

O Tadhg, o Ollie e o Sean iam ficar tão contentes.

Era tão divertido estar com o Johnny e estava tão entretida, a jogar com ele, que nem tive tempo para me preocupar.

Curiosa e intrigada, estudei-o durante as sessões de reflexão – que eram uma coisa de que a Mrs. Moore gostava especialmente – interiorizando todos os pormenores, reparando nas músicas que ele ouvia, na maneira como seguia um horário rígido para fazer pequenas refeições e nas vezes que batia com o dedo na coxa – o que acontecia constantemente. Parecia muito *cool*, calmo e certinho, mas se olhássemos com atenção, além da superfície, percebia-se que era como um animal enjaulado, dentro daquele autocarro.

O Johnny era demasiado grande para aquele assento, ficava atrofiado, entre as filas estreitas de bancos, era demasiado largo para poder estar confortável, e espalhava-se sempre que tinha oportunidade, quer me tocasse ou não. Tinha a certeza de que ele só fazia isso porque precisava de esticar as longas pernas.

Durante a primeira sessão de reflexão, quando íamos com cerca de quarenta minutos de viagem, o Johnny tirou do saco uma garrafa com aspeto de ter sido caríssima e bebeu o conteúdo em segundos. A meio da sessão seguinte, olhou para o relógio e comeu uma banana. E, na terceira sessão, voltou a olhar para o relógio e devorou uma barra de proteínas.

Eu estava muito atenta a tudo o que ele fazia, mas era impossível não estar.

Já estávamos a viajar há cerca de duas horas quando o motorista parou, numa estação de serviço, e quase toda a gente saiu para ir à casa de banho ou comprar qualquer coisa, mas o Johnny não saiu do autocarro.

– Queres ir à loja? – perguntou-me, levantando-se para me deixar passar.

– Não, obrigada, não tenho fome.

E não tenho dinheiro.

– De certeza? – insisti, roçando as pernas nas minhas, quando voltou a sentar-se. – Posso ir buscar-te qualquer coisa se tu...

– Não, não, não preciso de nada – apressei-me a interrompê-lo. – Obrigada.

– Tens a certeza?

– Tenho.

Então, o Johnny voltou a pegar no saco onde trazia um interminável carregamento de comida e, desta vez, tirou de lá uma caixa hermética e um garfo. Pelo canto do olho, vi-o tirar a tampa. Lá dentro, havia legumes cozidos a vapor, quatro peitos de frango cozidos, sem pele, e pimenta preta grosseiramente moída.

– Não vais aquecer isso? – ouvi-me a perguntar, sem que o meu cérebro me tivesse autorizado.

– Porquê? – Voltou-se para mim e sorriu. – Tens um micro-ondas na mochila?

– Não, mas na loja deve haver – disse eu, obrigando-me a não desviar o olhar. – Vai saber melhor, se estiver quente.

– Não, já estou habituado – respondeu e meteu uma garfada na boca. – Além disso, estou a comer isto para ter energia, não por causa do sabor.

– Isso parece-me terrível – confessei.

O Johnny sorriu, entre garfadas.

– As coisas são o que são.

– Não queres ir almoçar com os teus amigos? – Apontei lá para fora, para o sítio onde os colegas de equipa do Johnny estavam sentados, numa mesa de piquenique, na zona de descanso, a comer e a conversar. – Não me importo de ficar sozinha – acrescentei, não querendo que ele se sentisse obrigado a ficar comigo quando os amigos estavam todos juntos, lá fora.

– Estou bem aqui – disse ele, imediatamente.

– Nunca podes comer comida normal? – não consegui impedir-me de perguntar, lembrando-me do que ele me tinha dito quando fomos ao bar. – Sei que estás em treinos... – Cocei o nariz, antes de continuar: – Mas nunca tens um único dia em que possas comer tudo o que te apetecer?

O Johnny voltou-se para mim e olhou-me nos olhos.

– Achas que frango com legumes não é comida normal?

– Bom, é, claro que é – murmurei, escondendo o desconforto. – Mas os teus colegas de equipa estão a comer panados de frango e outras coisas do género que compraram ali na loja. E tu trouxeste comida de casa.

– Pois, mas eles não têm uma nutricionista sempre a chateá-los – disse ele, depois de mastigar. – Ou um batalhão de treinadores e de olheiros sempre atrás deles.

Hmm.

Fiquei a pensar naquilo, durante um momento.

– Isso chateia-te? – acabei por perguntar.

Sorriu.

– Não, querida, não chateia.

O meu coração parou de bater.

O Johnny ficou muito corado e abanou a cabeça.

– Eu... hmm...

– Está tudo bem – murmurei. – Não te preocupes.

Ele olhou para mim, atrapalhado, e respirou fundo. Abanou a cabeça, guardou a caixa do almoço no saco e esfregou a testa.

Morta por quebrar a tensão que se tinha instalado entre nós, pedi-lhe:

– Explica-me as regras do rãguebi.

O Johnny olhou para mim, surpreendido.

– Queres que eu... – Arqueou uma sobrancelha. – Porquê?

– Vou ser obrigada a ver-vos jogar, mais uma vez – respondi. – É melhor perceber aquilo que estou a ver. – Encolhi os ombros e acrescentei: – Por exemplo, em que posição jogas?

– Eu jogo a centro – explicou, continuando a olhar para mim com uma expressão confusa. – Centro do lado aberto, é onde me sinto mais confortável.

– OK. – Assenti, interiorizando a informação. – Então, vais para as formações ordenadas e tal?

O Johnny deu uma gargalhada.

– O que foi? – disse eu, na defensiva. – Só vi um dos vossos jogos e não percebo nada das regras e das posições. Já te disse que sou uma rapariga mais GAA.

– Eu sei. – Abafou o riso, levantou as mãos e disse: – Não te estou a julgar.

– Mas estás a rir-te – protestei.

Olhou para mim, durante um longo momento, e perguntou:

– Queres mesmo que te explique?

Assenti.

– Sim, quero aprender.

O Johnny respirou fundo e assentiu.

– Porque não? – disse, pensativo. – Temos tempo até a maluca chegar, outra vez, e nos pôr a fazer mais um jogo da treta.

– Acho que quando voltarmos à estrada nos vai pôr a meditar – disse eu, rindo-me.

– Para! – disse o Johnny, e estremeceu. – Tens caneta e papel?

Franzi a testa, ao ouvir aquilo, mas não fiz perguntas. Meti a mão no bolso da frente da mochila e tirei de lá um bloco e uma caneta, que lhe entreguei.

– Que raio é isto? – perguntou o Johnny, a olhar para o pompom de pelo cor-de-rosa, com brilhantes, pendurado na caneta de boas-vindas ao Tommen que a Claire me tinha dado. – Cristo! – Deu um piparote no pompom, fazendo-o brilhar, e depois olhou para mim. – És mesmo menina!

– Disseste que não ias fazer julgamentos – murmurei, corando. – E sim, sou mesmo menina!

– Pois. – Abanou a cabeça e voltou a atenção para o bloco de notas. – Vamos a isto – anunciou, aclarando a garganta. – Prepara-te para aprenderes. – Sorriu-me e acrescentou: – Mais uma vez.

Também lhe sorri.

– Sou toda ouvidos.

O Johnny abriu o bloco numa folha em branco e começou a desenhar uma grelha com quinze pequenas caixas, à medida que me ia explicando o que estava a fazer. Dentro de cada caixa, escreveu palavras como asa, talonador, ponta direito, ponta esquerdo, e explicou-me cada uma das posições. Também escreveu um número ao lado de cada uma das caixas. Ao lado da caixa em que tinha escrito centro do lado aberto, escreveu o número 13.

– Centro do lado aberto... és tu, certo? – perguntei. – És o número treze?

O Johnny assentiu.

– Há quem ache que não dá sorte – disse eu, pensativa.

– Não acho nada disso – disse ele, sorrindo.

– E lá se foi a tua oportunidade de fingires modéstia.

– Não adianta – respondeu com um encolher de ombros indiferente. – Eu sou o que sou e não tenho de pedir desculpa por isso.
– Bateu-me suavemente com a caneta no nariz. – Agora, concentra-te.

E foi o que fiz.

– Aqui, temos os avançados: do número um ao oito. Ou seja, dois pilares, dois asas, um talonador, dois segundas linhas e o número oito. Geralmente, estes tipos são os jogadores maiores e mais pesados – disse ele, escrevendo mais umas coisas.

A letra do Johnny era surpreendentemente limpa para um rapaz, era pequena, espaçada e fácil de ler.

Guardei essa informação na cabeça.

– E depois temos os três quartos – disse ele, voltando a prender-me a atenção. – Dos números nove a quinze. São o médio de formação, médio de abertura, dois centros, dois pontas e o *arrier*. São os jogadores mais pequenos, mais leves e, geralmente, mais rápidos da equipa. – Suspirou, feliz, e apontou para a folha que tinha à frente. – E aqui tens: as quinze posições de uma equipa de *râguebi*.

– Então, estes são os avançados? – perguntei, apontando para os números de um a oito.

O Johnny assentiu.

– Exatamente.

– Como no futebol?

– Não, não é como no futebol – quase se engasgou com as palavras, de tão chocado que ficou. – Não tem nada que ver com o futebol.

– O gaélico.

– Não – resmungou.

– Com o *hurling*?

– O quê? Não! Para de falar. – Frustrado, passou uma mão pelo cabelo e continuou: – Esquece os outros desportos e ouve-me.

– Não foste um professor tão mandão no outro dia – protestei.

– E tu também não foste uma aluna tão difícil – retorquiu ele, batendo com a caneta no bloco. – Vá, foca-te. – Respirou fundo e disse: – No *râguebi*, os recuados posicionam-se atrás dos avançados no início do jogo. Essa é a regra. É assim que se joga.

– Então, estes todos é que fazem a formação ordenada? – perguntei, apontando para os números de um a oito. – Os avançados?

– Franzi a testa e acrescentei: – E eles agarram-se, posicionam-se e participam, com a outra equipa quando o árbitro manda fazer uma formação ordenada?

– Sim – confirmou, assentindo, encorajador.

– O que é *bind*? – perguntei, pensando no que a Claire, a Helen e a Shelly me tinham dito sobre as raparigas do décimo segundo ano terem feito uma competição para verem quem é que ficava com ele.

– *Binding* é quando a primeira linha se liga com a primeira linha da equipa adversária – explicou o Johnny.

– Quando estão todos agarrados uns aos outros? – perguntei. – Agarram-se à força?

– É um bocadinho mais complicado e técnico do que isso, mas sim – respondeu, coçando o nariz, pensativo. – Para começar, digamos que é isso, sim.

Fiz uma careta, sem achar graça nenhuma àquilo, e perguntei:

– E o médio de formação atira a bola para dentro da formação ordenada?

– Exatamente.

– E a bola tem sempre de ser atirada para trás e para lá dos jogadores? Um passe ou lançamento para a frente é falta?

– Sim. – Os olhos dele iluminaram-se. – Muito bem, Shannon.

Corei até às orelhas ao ouvir o elogio.

Encorajada, ouvi-o atentamente.

O rãguebi era a vida do Johnny e eu queria saber tudo sobre ele. Todos os pormenores, por mais minúsculos e insignificantes que fossem. Era completamente tonto, eu sei, mas consolava-me a mim própria dizendo-me que era uma maneira inofensiva de passar o tempo.

O Johnny continuou a falar, tentando ensinar-me as regras do jogo e os papéis de cada um dos jogadores, para além das diferentes jogadas e formações. Para dizer a verdade, aquilo era demasiada informação e a maior parte passou-me ao lado, mas quando ele começou a explicar o papel do centro, ouvi tudo atentamente.

– Bom, numa equipa há dois centros, o centro do lado fechado e o centro do lado aberto. A tarefa de quem joga ao centro é quebrar a linha defensiva do adversário – explicou. – E também tem de manter a

linha defensiva da sua equipa, ler o jogo do adversário, antecipar a direção da bola e saber quando deve e quando não deve fazer um ataque defensivo.

– Isso parece mesmo muito complicado – admiti, sentindo-me um bocadinho esmagada e atónita.

– Não, de facto não é uma posição nada fácil – concordou o Johnny. – Toda a gente fala do médio de abertura, mas os dois centros são fundamentais no jogo. Acho que se pode dizer que são o meio-campo de uma equipa de rãguebi.

– Mas disseste que fazias parte dos três quartos.

– Eu sou três quartos.

– Mas acabaste de dizer que és meio-campo.

– E sou.

– Como?

– Meu Deus! Para de fazer perguntas e ouve-me. – O Johnny esfregou o nariz e disse uns quantos palavrões, muito baixinho. – Estou a explicar-te isto o melhor que posso, Shannon.

– Desculpa – murmurei. – Não te zangues comigo.

– Não estou zangado contigo. Estou a tentar... – O Johnny fez uma pausa e respirou fundo, depois, continuou: – Para além do nove e do dez, que tendem a controlar as jogadas, a velocidade e a direção do jogo, os centros são os *playmakers* – explicou-me, agora num tom mais querido. – Protegemos o médio de abertura, estamos atentos ao médio de formação, apanhamos dos avançados adversários, que são muito maiores do que nós. Somos mais pequenos, mais rápidos e mais ágeis do que os avançados. Temos de ser assim, para jogarmos mais depressa e fazermos a ligação e assistirmos os outros membros da nossa equipa.

– Mas... – Levantei a mão e fiquei à espera de que ele me desse licença para falar antes de continuar: – Já te vi jogar. És o maior da tua equipa.

O Johnny abanou a cabeça e franziu os lábios.

– Isso é no rãguebi da escola. A maior parte dos gajos que joga nas equipas escolares está lá para se divertir. No rãguebi profissional, de competição mesmo, não sou o jogador maior.

– Mas és enorme! – exclamei.

– Sou alto – corrigiu-me, antes de continuar: – Para um centro, a velocidade é fundamental. Tenho de ser ágil e de acelerar a coisa, sempre que surge a oportunidade.

Eu achava que o Johnny era enorme, mas quem era eu para insistir? Ninguém!

– Aguentar e defender... é essa a minha tarefa, como número treze – disse ele. – Aguentar a linha e defendê-la. Competir no chão ou fazer um contra *ruck*. Isso também é comigo – acrescentou. – O doze e o treze jogam perto um do outro.

– Quem é o teu doze, na equipa da escola?

O Johnny indicou um grupo de rapazes, com a cabeça.

– O Patrick Feely.

– Ah! – Assenti. – Vocês são muito amigos, não são?

Ele disse que sim com a cabeça.

– Sim, ele é um bom amigo. Estou constantemente a olhar para o Feely e vice-versa. Se é ele que tem a bola, tenho de estar ao pé dele, pronto para receber o passe e capitalizar, fazendo a ligação com um dos pontas.

– Pontas?

– O onze e o catorze – explicou ele.

Assenti.

– OK, o onze e o catorze são os pontas.

– Exatamente. Agora, é preciso grande confiança entre os dois centros... o doze e o treze – explicou-me. – Precisam de ter uma confiança cega um no outro, temos de conhecer o nosso parceiro como a palma das nossas próprias mãos, temos de lhe ler as jogadas, a linguagem corporal... Raios, às vezes até é preciso ler-lhe os pensamentos.

– Porquê?

– Porque, se eu defender a equipa do adversário no lado aberto, dependendo do doze para controlar o interior e vice-versa. Se um de nós faz asneira, os outros sofrem, a equipa inteira sofre as consequências. – Respirou fundo e disse: – É uma colaboração muito estreita que precisa de uma comunicação transparente.

– Não havia nada mais difícil para escolheres, não? – perguntei, sentindo-me intimidada. – Tiveste logo de ficar com a posição mais

desafiadora da equipa.

– Todas as posições são desafiadoras – disse ele. – Como os raios de uma roda, se alguém se vai abaixo, todos vamos.

– Chutas a bola?

O Johnny encolheu os ombros.

– Posso chutar e chuto quando preciso, como nos pontapés em jogo aberto ou o estranho *grubber*, mas não é a minha tarefa principal.

– *Grubber*?

– Um pontapé longo para disputar.

– Mas não fazes isso muitas vezes, pois não?

– Não, não muitas.

– Porquê?

– Porque, normalmente, estou ocupado a competir pela bola e a defender a linha. Preciso de ser capaz de enfrentar o adversário tanto no ataque como na defesa. O meu corpo tem de estar pronto para os embates que apanha e eu farto-me de levar pancada, Shannon.

– Porque é que fazes isso?

– O que é que queres dizer com isso?

– O rãguebi – expliquei. – Porque é que jogas?

– Porque adoro – respondeu ele. – Adoro tudo o que tem que ver com rãguebi. A forma da bola. O facto de ser um desporto tão físico. A adrenalina. A pressão. As recompensas. O puxar por mim. Amo a porra deste desporto.

Amo-te, quase que disse, mas consegui calar-me a tempo.

Oh, meu Deus! De onde veio aquilo?

Eu *não* amava o Johnny.

Nem sequer o conhecia. Ou seja, não o conhecia muito bem.

E, claro, as coisas que sabia dele eram coisas boas, decentes, bonitas, mas isso não queria dizer, de maneira nenhuma, que sentisse qualquer coisa mais profunda pelo Johnny, além da óbvia atração física e de uma paixão de adolescente.

Era ridículo.

Eu era ridícula.

Para de mentir a ti própria, segredou-me o meu cérebro. *Tu ama-lo com todo o teu coração ferido...*

Assustada e desorientada com este pensamento perturbador,

demorei ainda uns momentos até perceber que ele continuava a falar comigo.

– E há mais uma tonelada de merdas, mas não te vou dar uma seca com os pormenores – consegui ainda ouvi-lo dizer.

Estava outra vez a mudar de posição e ficou com as pernas num ângulo estranho.

– Estás bem? – perguntei-lhe.

– Estou. – Deixou cair a mão na coxa, mas tirou-a rapidamente e lançou-me um olhar cauteloso. – Odeio estas viagens enormes de autocarro – disse ele, em jeito de explicação. – Sinto-me muito apertado.

– É por isso que preferes sentar-te sozinho? – perguntei. – Para teres mais espaço para as pernas?

– É. – Assentiu, com os olhos a brilharem de alívio. – É mais fácil, para alguém do meu tamanho.

– Também te sentas sozinho nas aulas?

Assentiu.

– Sim, sento.

– Porquê?

– Porque sou grande – respondeu. – E aquelas mesas são super pequenas.

Ele era grande. Era enorme. E lindo.

O Johnny olhou para mim de soslaio, a sorrir, e disse:

– Mas contigo sentava-me.

O meu coração deu um grande salto.

– Sentavas?

Ele sorriu.

– És tão pequenina que não contas.

Abafei um suspiro.

– Claro que conto!

– Tu percebeste o que eu quis dizer. – Riu-se, calmamente. – Contigo não há guerras de espaço para as pernas. – Olhou para os meus pés, sempre a sorrir, e troçou: – Nem sequer consegues tocar com os pés no chão!

– Claro que consigo! – Protestei e, rapidamente, toquei com as pontas dos pés no chão, para ele ver que eu tinha razão. – Estás a ver?

– disse eu, toda contente por descobrir que, de facto, conseguia chegar ao chão. É verdade que os meus dedos mal tocavam no chão, mas a ponta dos meus dedos chegava. – Ah, ah, ah!

– Ah, ah, ah? – O Johnny atirou a cabeça para trás e riu-se. – Tens quatro anos, por acaso?

– Olha quem fala! Alguém que faz pouco de mim por causa da minha altura – respondi-lhe, lançando-lhe o melhor dos meus olhares indignados.

– Só estou a constatar um facto – respondeu, com um ar inocente. Sorriu e acrescentou: – Até estava à espera de que tivesses trazido uma cadeirinha de criança.

Contra a minha vontade, acabei por me rir com o comentário. Havia qualquer coisa no tom dele que me dizia que não estava a ser mau comigo. O Johnny estava só a brincar. O que era estranho, inesperado e surpreendentemente bom.

– Resolvi deixá-la em casa – retorqui e fiquei impressionada com a minha resposta. – E ainda bem porque, com o tamanho do teu ego, não há espaço para mais nada.

– A Shannon Lynch sabe gracejar! – exclamou o Johnny, mostrando-se surpreendido. – Quem diria?

– Tu não, obviamente. – Sorri-lhe docemente, ignorando as borboletas na minha barriga, ao mesmo tempo que sentia o corpo relaxar lentamente e o meu sentido de humor conseguia ultrapassar os muros que tinha construído à minha volta, graças à persuasão daquele rapaz.

– Bem... – disse o Johnny, a sorrir. – Afinal, também és sarcástica! Sentindo uma súbita explosão de brincadeira, encolhi os ombros e disse:

– Quem o diz é quem o é.

– És uma brincalhona!

– Quem o diz é quem o é? – repeti, sorrindo.

– Os paus e as pedras podem partir-me os ossos – disse ele, continuando a brincadeira. – Mas as raparigas nunca me magoarão.

– É «as palavras» nunca me magoarão – corrigi, sorrindo-lhe também. – Não é «as raparigas».

– Na minha versão, não – disse ele, com uma gargalhada.

– Mentiroso! – disse eu. – Está a crescer-te o nariz.

Ele deu uma grande gargalhada.

– Imagino que agora me vais dizer a lengalenga toda: cadela é cão, cão é natureza, natureza é beleza – troçou.

– Depende – desafiei-o, sentindo-me à vontade e, ao mesmo tempo, à beira de um precipício, ao pé dele.

Começava a perceber que, sempre que estava com ele, sentia um turbilhão de emoções. Um turbilhão de emoções que me deixava com os nervos em franja e, ao mesmo tempo, zonga de excitação.

Não fazia sentido nenhum.

Mas o sorriso dele era viciante. Quanto mais me sorria, mais eu queria aquele sorriso. O Johnny inclinou-se mais para mim, com os olhos a brilharem.

– Depende de quê?

– De me estares a chamar cadela ou não – disse eu.

– Que ideia! Nem por sombras – disse o Johnny, sarcástico. – Além disso, tenho a certeza de que ias fazer queixa de mim à minha mãe.

– Sabes muito bem que nunca faria isso – protestei. – Nunca quis arranjar-te problemas com ninguém.

– Claro que queres – disse o Johnny, piscando-me o olho, provocador. – Sempre que estás por perto, eu meto-me em problemas. – Sorriu, mostrando as duas covinhas nas bochechas. – Até já pensei se não gostas de me arranjar chatices com a autoridade.

Não sou assim tão ingénua que não percebesse que aquela conversa começava a ultrapassar a linha da brincadeira para se tornar um *flirt*. Pelo menos, foi o que me pareceu. Provavelmente, o Johnny não via as coisas da mesma maneira.

Mas nada disso interessava, porque quando ele olhava para mim assim, a sorrir e cheio de interesse, não conseguia deixar de me sentir feliz.

Esforcei-me para não corar e respondi-lhe:

– Isso não é verdade.

– Ah, não? – Voltou a piscar-me o olho, provocador. – Quem é que agora está com o nariz a crescer?

– Continuas a ser tu – respondi. – E não estou de cor-de-rosa.

Franziu a testa, confuso.

– Hã?

– Cor-de-rosa para fazer os rapazes piscarem o olho¹ – esclareci, sentindo-me tonta por fazê-lo tropeçar neste joguinho que estávamos a jogar. – Estou de azul, não de cor-de-rosa. Não precisas de me piscar o olho.

Com um sorriso diabólico, o Johnny inclinou-se ainda mais para mim e sussurrou-me, ao ouvido:

– Aposto que consigo fazer com que fiques com essa tua carinha cor-de-rosa.

Fiquei muito vermelha.

– O... o quê?

– Demasiado fácil – disse ele, com uma grande gargalhada, satisfeito consigo próprio.

Com aquela resposta, ele tinha ganhado, sem dúvida, e eu não tinha resposta à altura para lhe dar, por isso deitei-lhe a língua de fora. O Johnny olhou-me para a boca, com um olhar travesso, e disse:

– Se continuas a deitar-me a língua de fora, tiro-ta.

Meti a língua para dentro e olhei para ele.

– Pois, pois.

– Experimenta – desafiou-me, sorrindo. – Vá!

Arregalei os olhos e cheguei-me mais para trás. Ele era bem capaz de cumprir a ameaça.

Mas a minha reação fez o Johnny rir-se ainda mais.

– Para de olhar para mim assim – disse ele, pondo uma mão nas costelas, para parar de rir.

– Assim como? Não estou a fazer nada! – respondi-lhe, sem conseguir impedir-me de sorrir. – Tu é que ameaçaste tirar-me a língua.

– Com esse teu olhar arregalado e nervoso – disse o Johnny, continuando a rir. – Não te preocupes – acrescentou, sorrindo. – Não vou roubar-te a língua.

Fingi-me desconfiada.

– Não sei se acredito em ti.

– Claro que acreditas – garantiu, num tom confiante.

– Ai, sim? – Arqueei as sobrancelhas. – Como é que podes ter tanta certeza?

– Porque confias em mim – respondeu, com um grande sorriso.

– Eu não confio em ninguém – emendei-o, baixinho, sentindo a minha despreocupação evaporar-se e ser substituída pelo habitual desespero que me pairava constantemente sobre a cabeça, como um céu prestes a desfazer-se em chuva.

O Johnny ficou em silêncio, durante um longo momento, a pesar as palavras, obviamente.

– Por alguma coisa que te aconteceu? – perguntou, por fim. – No passado?

– Por causa de uma data de coisas – respondi, incapaz e sem vontade de dizer mais nada.

– Coisas más? – insistiu, numa voz baixa e penetrante.

– Coisas pessoais – disse eu, não gostando do caminho subitamente sério que a conversa estava a tomar. Aclarei a garganta e acrescentei:

– Privadas.

– Coisas que fazem com que seja difícil confiares nas pessoas – resumei o Johnny, por fim, olhando-me atentamente.

– Não! – Abanei a cabeça, apertei as mãos, com força, e respirei fundo. – Coisas que fazem com que seja impossível confiar nas pessoas.

– Queres falar sobre isso?

Disse que não com a cabeça.

– Sabes que é bom podermos partilhar os nossos problemas, não sabes? – insistiu.

– Nem sempre – murmurei.

Estudou-me durante um longo momento, a refletir naquilo que eu tinha dito, evidentemente.

– Queres saber o que acho? – perguntou, por fim.

– Diz.

– Acho que tu é que não queres confiar em ninguém – afirmou, e insistiu: – Mas confias em mim, por mais que não queiras.

Abri a boca para negar, mas parei, perplexa com o que ele dissera. Teria razão? Eu confiava nele?

Talvez sim, à minha maneira especial.

Quer dizer, tinha a certeza de que ele nunca me magoaria intencionalmente. Tinha a certeza de que ele era boa pessoa, com bom

coração e boa cabeça.

Mas, e o resto? As partes assustadoras? Os sentimentos terríveis que ele me provocava e que eu não me atrevia a ler por medo do desconhecido?

Eu não tinha tanta certeza assim.

– Porque podes, Shannon – a voz do Johnny interrompeu-me os pensamentos. – Podes confiar em mim. Os olhos dele estavam presos nos meus, aqueles olhos azuis que me incendiavam a alma. – Eu não te magoo.

– Não tenho medo de ti – disse eu, sentindo-se desanimada com aquela avaliação assustadoramente precisa.

– Ótimo – respondeu o Johnny, calmamente, sem tirar os olhos dos meus. – Não quero que tenhas.

– Não tenho.

– Ainda bem.

Ali sentada, senti-me incrivelmente exposta e vulnerável, incapaz de dizer uma frase coerente, enquanto olhava para aquele rapaz que fazia saltar o meu coração desde o primeiro dia em que o vi.

Ele vai dececionar-te, dizia-me uma parte do cérebro. Vai magoar-te mais do que todas as outras pessoas.

– Nunca te farei isso – afirmou o Johnny, como se me tivesse lido os pensamentos. – Seja o que for a que estejas habituada – continuou a dizer, os olhos postos nos meus. – Ou a quem quer que estejas habituada. Seja lá o que for ou quem for o responsável por essa tristeza nos teus olhos... – Fez uma pausa e passou um dedo pela minha cara. – Isso não sou eu, eu não sou assim e jamais te farei isso.

– Prometes? – murmurei, mas contive-me, rapidamente.

Quando estava ansiosa, pedia sempre a alguém que me fizesse uma promessa. Era um hábito horrível que ganhei por ter passado anos da minha vida num estado de constante ansiedade.

Normalmente, fazia esses pedidos de promessas ao meu irmão e o Joey prometia-me tudo e mais alguma coisa, para me acalmar um pouco o stresse. Não sei se ele tencionava cumprir essas promessas ou não, mas ouvi-lo prometer-me qualquer coisa, por mais impossível ou ridícula que fosse, deixava-me apaziguada e, durante um tempo, tornava a minha vida um bocadinho mais suportável.

– Prometo! – disse o Johnny, surpreendendo-me.

E, naquele momento, com aquela simples palavra, o Johnny Kavanagh, sem saber, abriu uma brecha no muro que eu tinha erguido em volta do coração.

– Por favor, não faça isso – pedi, num murmúrio, ao mesmo tempo que tentava freneticamente reparar a brecha que ele tinha feito pensando coisas como: não te apegues, porque ele vai-se embora em breve, e recordando coisas como o dia em que ele me magoou ou, pior ainda, aquela vez em que me rejeitou.

O Johnny franziu a testa.

– Não faço o quê?

– Não faças promessas – disse eu, com o coração a bater com muita força. – Por favor.

– Já fiz – respondeu-me, muito seguro. – Está feito e não volto atrás.

Senti o estômago às voltas. O coração apertado. O corpo inteiro a tremer.

Não é seguro, alertava-me o meu cérebro. *Bloqueia-o. Protege-te. Não o deixes aproximar-se de ti.*

– Não volto com a palavra atrás, Shannon – continuou a dizer o Johnny. – Vais ter de lidar com isso.

Depois, voltou a atenção para o bloco de notas que ainda tinha nas mãos e começou a escrever rapidamente qualquer coisa, arrancou a folha e deu-ma.

– O que dizes? – perguntou-me, com um sorriso.

Olhei para a página e sufoquei uma gargalhada.

Ele tinha escrito, em maiúsculas: SHANNON COMO O RIO. PODES SER MINHA AMIGA, POR FAVOR?

Tinha desenhado dois quadradinhos, por baixo das frases. Por cima de um deles, escreveu «sim» e, por cima do outro, «não». O quadradinho do «sim» tinha uma carinha sorridente. O do «não», uma carinha triste.

No fundo da página estavam as palavras: ASSINADO POR, ao lado de uma linha ligeiramente torta, com a assinatura dele rabiscada por cima. Por baixo da linha com o nome do Johnny havia uma linha vazia para o meu nome e ele tinha também posto a data de 10 de

janeiro de 2005, o meu primeiro dia no Tommen.

Numa nota à margem, dizia: PS: A SHANNON PROMETE NÃO PROCESSAR O JOHNNY, QUANDO ELE ASSINAR COMO PROFISSIONAL, POR QUAISQUER LESÕES QUE ELE POSSA OU NÃO TER-LHE CAUSADO NA DATA MENCIONADA ACIMA. ESTE DOCUMENTO ISENTA-O DE QUALQUER RESPONSABILIDADE, apesar de estar nas últimas linhas desta página.

Era divertido, querido e não consegui tirar o sorriso estúpido da cara.

– Para dizer a verdade, acho que já somos amigos há algum tempo – disse o Johnny, com um sorriso inocente. – Só pus isto no papel para tu deixares de andar a evitar-me, na escola.

– Eu não te ando a evitar – neguei depressa, demasiado depressa.

O Johnny arqueou uma sobrancelha e o olhar que me lançou gritava: «Tretas».

– É verdade, evito-te, na escola – admiti, desolada.

– Gosto de honestidade – disse ele, com um quê de provocação na voz. – É a base de uma amizade sólida.

Dei uma gargalhada e olhei para o papel, a sorrir.

– E queres mesmo que eu assine isto?

– Precisei de puxar pela imaginação para fazer isso – disse ele. – Vou ficar ofendido se não assinares.

Abanei a cabeça e voltei a sorrir.

– És mesmo tonto.

– Um aviso! – Riu-se. – Não tenho irmãs e nunca fui amigo de raparigas, por isso, se fizer merda ou disser o que não devo, vais ter de ter paciência comigo.

– Bom, eu tenho muitos irmãos – respondi. – Por isso, estou habituada a que os rapazes digam o que não devem.

Fiz uma cruz na caixa do «sim», assinei o meu nome e entreguei a folha ao Johnny.

E ele recompensou-me com um sorriso enorme, genuíno, de tirar o fôlego.

Meu Deus, ele parecia uma pessoa diferente, quando sorria.

A cara transformava-se. Os olhos iluminavam-se. As covinhas na cara ficavam visíveis. Era simplesmente lindo e estive à beira de lho dizer.

Felizmente, consegui parar a tempo e, em vez disso, disse:

– És fantástico.

O Johnny franziu as sobrancelhas, com uma expressão interrogativa, e eu afundei-me ainda mais no banco.

– Pareço fantástico? – perguntou, olhando-me com interesse e um sorriso provocador.

– Numa condição fantástica – corriji rapidamente e aclarei a garganta várias vezes, ganhando tempo para arranjar uma mentira e, finalmente, conseguir dizer:

– Apesar de teres uma lesão tão grave.

Por breves instantes, um lampejo de pânico iluminou-lhe os olhos e depois fechou as pálpebras. E foi assim que a versão brincalhona e terna do Johnny desapareceu.

– Não fales nisso, Shannon – avisou-me, os lábios que antes sorriam tornaram-se uma linha fina e o corpo ficou tenso. Olhou em volta, para a fila dos estudantes que, nesse momento, começavam a regressar ao autocarro e, a seguir, olhou novamente para mim. – Especialmente aqui.

A reação dele foi como um estalo na cara.

– Estás bem? – perguntei, detestando o tom inseguro da minha voz. – Sabes que eu não quis...

– Estou bem – disse ele. – E eu sei que tu não... Esquece isto, por favor.

A rejeição nunca é um sentimento agradável de suportar, mas é sempre isso que acontece comigo quando, feita tola, me abro com este rapaz. Ele tinha o dom de me entusiasmar com palavras, sorrisos e falsas esperanças, para depois me esmagar com o silêncio.

Doeu-me mais do que devia.

Esmagou-me.

Os nossos colegas continuavam a entrar no autocarro e as suas vozes, aos gritos, distraíram-nos.

– Já não era sem tempo – resmungou o Johnny, em voz baixa.

Aquela mudança de humor fez-me encolher ainda mais no meu banco, e desviei o olhar para a fila de pessoas que continuava a entrar.

Vários dos colegas de equipa do Johnny davam-lhe uma palmada no ombro ao passarem por ele. Mas ignorou-os a todos e continuou a olhar para o papel que tinha nas mãos.

– A trocar cartas de amor? – disse o Gibsie, em tom de brincadeira, ao passar para o lugar dele, na última fila. – Que romântico!

– Vai-te foder, Gibs – respondeu o Johnny, irritado, dobrando o papel e guardando-o no bolso. – Não estou com pachorra para te aturar.

– Sim, pois, também te podia mandar foder, mas acho que já vou tarde – disse o Gibsie, com uma gargalhada.

Os comentários dele foram ouvidos pelos outros, que resolveram entrar na brincadeira e fazer comentários sugestivos.

– Estão a ver? Ficaram os dois aqui, no autocarro.

– Ele não queria comer nada do que havia ali na loja.

– Eh, lá!

– Força aí, Johnny!

– Vai-te a ela, puto!

Ansiosa, estiquei-me para fazer sinal à Claire e à Lizzie, a rezar para que uma delas quisesse trocar de lugar comigo, mas voltei a afundar-me rapidamente no meu lugar, ao ver o Ronan McGarry, duas filas à frente, do outro lado da coxia. E mais umas quantas filas à frente estava a Bella.

Senti-me encurralada e olhei para o Johnny, mas ele tinha-se virado, de costas para mim, e estava a trocar insultos com os rapazes da última fila do autocarro.

– Marca em campo, marca no autocarro. Quantos ensaios é que fizeste na baliza dela, Johnny?

Fiquei muito envergonhada e baixei a cabeça, percebendo que estar com o Johnny significava ter a atenção de toda a gente em cima de mim.

Uma atenção que eu não queria.

Não percebi o que é que foi dito a seguir, mas presumi que devia ter sido qualquer coisa muito explícita, porque o Johnny saltou do banco e foi à fila atrás de nós.

Não me atrevi a olhar. Mantive a cabeça baixa e os olhos postos nas mãos.

– Que porra é que disseste dela?

– Estava a brincar... Ah, foda-se, para! Calma, pá. Foi uma piada.

– Estou a rir-me, Robbie?

- Calma, Cap..
- Estou a rir-me, ó parvo?
- Não. Credo... ai! Para!
- Achas que ela se está a rir?
- Não.
- Não – insistiu o Johnny. – Não me provoques, parvalhão.
- Desculpa.
- Repete!
- Desculpa, Johnny...
- A ela! – rugiu o Johnny, tão alto que o autocarro inteiro ouviu. –

Pede-lhe desculpa a ela. Agora!

- Desculpa, Shannon – disseram, em coro, uma data de rapazes.
- Hmm, OK – respondi, porque não sabia que outra coisa havia de dizer.

– Porra de *eejits* – resmungou o Johnny ao voltar ao seu lugar, ao meu lado. Tocou com a perna na minha, chamando-me a atenção para ele.

– Não te chateies com isto – disse ele, em voz baixa. – Aquilo era comigo, não contigo, OK?

Assenti, e pus-me a olhar para a janela.

Ele tinha-me magoado. Tinha-me rejeitado. E também se tinha levantado para me defender. E agora?

Agora, sentia-me tão confusa que até me doía a cabeça.

Pouco depois, o motorista pôs o autocarro a trabalhar e voltámos à estrada. Mrs. Moore pediu a atenção de todos e anunciou que íamos fazer um tempo de reflexão.

Nunca me senti tão aliviada como quando a ouvi dizer aquilo. Sentada, em silêncio, tentei lidar com as minhas desenfreadas emoções.

– Shannon, desculpa.

Assustada, voltei-me para o Johnny, a achar que estava a ouvir coisas, mas dei por ele a olhar para mim, expectante.

– O quê?

– Sou um cretino. – O Johnny abanou a cabeça e suspirou, frustrado. – Disse-te que podias confiar em mim e, logo a seguir, porto-me assim? – apressou-se a explicar, mas acabou por tropeçar nas

palavras. – Eu não devia... É que... Normalmente, eu não... eu não... É a única rapariga que eu... – Respirou fundo, fez um gesto que nos indicava, aos dois, e disse, por fim: – Não sou nada bom nisto, Shannon.

– Não és bom em quê? – Agora, foi a minha vez de ficar confusa. – A falar? Não tens de falar disto. Não te pedi.

– Não me estás a ouvir – disse ele e, depois, abanou a cabeça e pareceu irritado com ele próprio. – Não. Não estou a dizer isto bem.

– O que é que não estás a dizer bem?

Frustrado, passou uma mão pelo cabelo e respirou fundo.

– Passei-me – disse ele, finalmente.

– Pois – respondi, categórica. – E de que maneira.

Desapontada, cruzei os braços e voltei a cara para a janela, mas o Johnny agarrou-me o braço e obrigou-me a olhar para ele.

– Não faças isso – disse ele, numa voz baixa e rouca, sem tirar a mão do meu braço.

Respirei levemente e, obrigando o meu corpo a não reagir ao seu toque, perguntei:

– Não faço o quê?

– Não me ignores.

– Olha quem fala – respondi, virando a cara.

– Não me podes ignorar – insistiu o Johnny e depois tentou ser engraçado: – Temos um contrato de amizade.

Mas eu não estava com vontade de rir.

– Rasga-o – disse-lhe e libertei o braço.

– Shannon, deixa-me explicar.

– Deixa-me em paz.

– Shannon, vá lá...

– Não.

– Olha para mim.

Cruzei os braços.

– Não!

O Johnny suspirou.

– Shannon, por favor.

– Já disse que não! – disse eu. – Fizeste-me isto no teu carro e voltaste a repetir, agora. É um padrão. E eu não gosto desse género de

padrões. Por isso, não!

O Johnny gemeu, frustrado. Segundos depois, senti a mão dele no meu pescoço e vi-o inclinar-se sobre mim, puxando-me para me obrigar a olhar para ele.

Atordoada, não tinha outro remédio senão olhar para ele.

– O qu... o que é que estás a fazer?

O olhar dele era selvagem e terno, assustado e interessado, à medida que ele o desviava dos meus olhos para a minha boca.

Por breves momentos, pensei que estava prestes a beijar-me. Mas não beijou.

Claro que não beijou.

Com a respiração irregular, pousou as mãos no meu pescoço, puxou-me mais para ele e encostou a cara à minha. Com os lábios colados ao meu ouvido, sussurrou, numa voz muito baixa:

– Tenho medo, Shannon.

– Medo?

Percebi que assentiu, o rosto dele a acariciar o meu.

– De quê?

– De ti.

– De mim? – O coração saltou-me no peito. – Porquê?

– O que é que eu te disse, naquela noite? – murmurou, continuando com a sua grande mão suavemente pousada no meu pescoço. – Aquela merda toda sobre a minha cirurgia e as dores que tenho? Estou furioso comigo por ter perdido a cabeça e ter dito coisas que podem ser usadas contra mim. Dei-te poder sobre mim e agora estou em pânico, sabes? Perdi a paciência contigo, no carro, porque me tocaste num ponto sensível. Porque me fizeste ver as minhas merdas. Porque tinhas razão.

– Tinha?

Assentiu e isso voltou a fazer com que o seu rosto acariciasse o meu.

– Não sou estúpido – continuou a sussurrar. – Sei que estou a arriscar sempre que jogo, mas tenho tudo planeado para os próximos quinze meses... e o meu corpo tem de aguentar. É a minha carreira – disse ele, numa voz que mal se ouvia. Falava tão baixo e tão depressa, com o sotaque de Dublin a acentuar-se cada vez mais, que eu tinha de

fazer um esforço para o perceber. – É o meu futuro e não aguento vê-lo a escapar-se-me por entre os dedos. Trabalhei muito para chegar até aqui e não posso abrir mão do que consegui. Vão fazer-me testes, Shannon. Não contei isso a ninguém. E se eu não passar nos testes, se acharem que não estou a cem por cento, afastam-me e fico fora de competição durante meses, Shannon. Meses. Pode não te parecer grande coisa, mas, para mim, é a minha vida. Perco a oportunidade de jogar na equipa de sub-20, em junho. Perco tudo. E isso não pode acontecer.

Enquanto falava, os lábios dele roçavam-me a orelha.

Não era intencional, não tinha nada a ver com *flirt*, o Johnny estava claramente agitado, mas não consegui deixar de me arrepiar com aquele contacto.

– E tu saberes isto tudo? Eu contar-te isto tudo? Sabendo que podes usar estas coisas contra mim? – O Johnny suspirou profundamente e o calor da sua respiração acariciou-me a curva do pescoço. – Eu não faço isto, Shannon. Não me torno vulnerável perante ninguém. Nunca! – Senti os dedos dele a tremerem no meu pescoço. – E assusta-me muito ter-te entregado esse poder.

– Então, porque é que o fizeste? – perguntei, sentindo um arrepio na espinha. Inclinei-me para trás, para poder olhar-lhe para a cara, e insisti: – Porque é que me contaste?

Ele encolheu os ombros, parecendo desamparado.

– Tenho-me perguntado isso vezes sem conta, Shannon, e ainda não encontrei a resposta – confessou ele, os seus olhos azuis, atormentados, fixos nos meus. – Não percebo o que está a acontecer entre nós.

Percebi que estava a assistir a um raríssimo momento de vulnerabilidade do Johnny e o meu coração mal aguentava tamanha pressão.

Vê-lo assim... tão exposto e desprotegido? Provocou qualquer coisa em mim. Fez-me sentir protetora. Como se tivesse de cuidar dele ou coisa do género, o que era de loucos, porque bastava olhar para ele para se perceber que o Johnny não precisava da proteção de ninguém.

Mas, ainda assim, foi isso que senti.

Fiquei a vê-lo olhar para mim durante um longo, longo momento,

mergulhado na sua expressão de derrota e na maneira como me olhava, quase com esperança, como se esperasse que tivesse as respostas para as suas perguntas.

Não tinha.

A coisa certa a fazer era confortá-lo com palavras que lhe dessem segurança.

Mas não foi isso que fiz.

Pelo contrário, murmurei-lhe a minha verdade:

– Não quero que jogues. – Atirando a prudência às urtigas, sentei-me em cima das pernas dobradas, aproximei-me dele e coleí-lhe os lábios à orelha. – Nem hoje, nem amanhã. Não quero que entres em campo e que corras riscos, Johnny. Não quero que te magoes. Quero que pares. Quero que deixes o teu corpo descansar. Quero que trates de ti.

– Shannon...

– Deixa-me acabar – murmurei.

Assentiu.

A tremer, prendi-lhe a cara entre as minhas mãos.

– E falo a sério quando te digo que nunca contarei isto a ninguém. – Senti o corpo dele ficar tenso, mas não me afastei, a necessidade de o confortar fez-me continuar. – Não concordo com as tuas decisões – acrescentei. – Mas respeito-as e sei que só tu é que as podes tomar. – Qualquer coisa, dentro daquele rapaz, me chamava. Não sabia o que era, mas, o que quer que fosse, tornava-me corajosa. Isso fazia-me querer sair da minha zona de conforto e ajudá-lo, mesmo que ajudá-lo significasse fazer a coisa errada.

– Eu sei guardar um segredo, Johnny Kavanagh – murmurei, acariciando-lhe a cara com os dedos. – E prometo guardar o teu.

Com a mão ainda no meu pescoço, o Johnny suspirou profundamente e deixou cair a cabeça, roçando-me a pele.

– Tenho tantas dores, Shannon – confessou, com voz rouca. – Sempre – acrescentou, cobrindo a minha mão com a dele. – Dói-me tanto que, à noite, mal consigo dormir. Não me consigo concentrar na merda da escola. Estou lixado, em campo. Nos treinos. Está tudo uma merda e a única pessoa com quem posso falar sobre isto é uma miúda que mal conheço. – Respirou fundo e puxou-me mais para ele. – És a

única coisa que me distrai, a única coisa em que me consigo concentrar e nem sequer te conheço. Sinto-me mais perto de ti do que dos meus colegas de equipa. Estou a contar coisas que não conto sequer ao meu melhor amigo. Que merda é esta?

– Não é merda nenhuma. – O meu coração estava a bater com tanta força que até me custava respirar. – Está tudo bem.

– Não, não está – contestou o Johnny, enterrando a cabeça no meu pescoço. – Neste momento, não há absolutamente nada na minha vida que esteja a correr bem.

Num momento, tinha a cabeça enterrada no meu pescoço e, no momento seguinte, já não tinha.

– Foda-se – disse o Johnny, como se eu o tivesse queimado. – Foda-se! – repetiu, passando a mão pelo cabelo. – Voltei a fazer a mesma coisa. Voltei a fazer a mesma porra.

Espantada, continuei sentada sobre os joelhos, a olhar para tudo o que ele fazia.

– Há alguma possibilidade de esqueceres tudo o que acabei de te dizer? – perguntou-me, timidamente, olhando para mim, desesperado.

Incapaz de falar, limitei-me a olhar para ele e a abanar a cabeça. Não lhe podia mentir. Não lhe podia mentir, mais uma vez.

– Não – disse ele e esfregou a mão na cara. – Também me parece.

O que lhe disse a seguir foi fruto do instinto e não da razão, encorajada por uma necessidade desesperada de impedir que aquele rapaz sofresse.

– Fui vítima de *bullying* – confessei, surpreendendo-nos a ambos.

Queria pô-lo à vontade e a única maneira que encontrei foi fazer-lhe uma confissão profundamente privada.

– Foi muito violento – esclareci, numa voz que pouco mais era do que um sussurro.

O Johnny olhou-me nos olhos.

– Na tua antiga escola?

– Sim. – Assenti e, depois, abanei a cabeça. – Não só na BCS. Acontecia em todo o lado.

– Em todo o lado? – repetiu o Johnny, lentamente, franzindo as sobrancelhas.

– Em todo o lado – confirmei, mordendo o lábio, para o impedir de

tremar.

– Durante quanto tempo? – perguntou-me, finalmente, mudando de posição para olhar para mim.

– A minha vida inteira – disse eu, num tom cansado, esforçando-me por manter os olhos nos dele. – Não me lembro de nenhuma altura em que não tenha sido odiada por alguém.

– O quê? – protestou, indignado. – Não! Shannon, não podes pensar assim...

– Mas é verdade, Johnny – insisti. – Não gostam de mim. É um facto, pronto!

– Isso é treta – resmungou ele. – Não és uma pessoa de quem não se goste.

– Não é treta – contrariei-o. – Eu sou assim.

– Eu gosto de ti – afirmou o Johnny, sem hesitar.

Bem, eu amo-te, Johnny Kavanagh!

Apesar de te ires embora. Apesar de não sentires o mesmo por mim. Apesar de o amor que sinto por ti me ir partir o coração.

Amo-te com toda a minha alma. E acho que te vou amar sempre.

– Bem, és uma das poucas pessoas. – Respirei, a tremer. – Eu era cada vez mais odiada, Johnny! Seriamente odiada. Ninguém queria brincar comigo. Na aula de educação física, ninguém me queria na equipa. Ninguém se queria sentar ao meu lado nas aulas, e nunca era convidada para as festas de anos dos outros miúdos. Era constantemente posta de lado. Por causa do meu cabelo. Por causa do meu tamanho. Por causa da minha roupa. Por causa dos meus livros em segunda mão. Do carro da minha família. Do bairro de onde venho. Por respirar! Não interessava o que eu fazia ou que me esforçasse imenso para me dar com os outros miúdos, encontravam sempre qualquer coisa em mim para me odiarem. – Abanei a cabeça e suspirei. – Tive duas amigas, em toda a minha vida. E é isto.

– A Claire Biggs e a namorada do Pierce O'Neill? – perguntou o Johnny, com uma voz grave.

– A Lizzie Young – confirmei. – Andaram comigo na escola primária e, para dizer a verdade, se não fossem elas, eu estaria completamente sozinha.

– Mas elas vieram para o Tommen, depois da primária...

– Pois foi.

– E tu foste para a BCS?

– Sim – confirmei.

O Johnny estava completamente perplexo, como se lhe fosse impossível perceber o que eu dizia. E, para alguém como ele, provavelmente, era mesmo.

Ele não tinha falta de amigos nem de raparigas que o adoravam. Era popular, uma grande estrela. Não fazia a mínima ideia do que era estar do outro lado do espectro da popularidade.

Onde eu estava.

O Johnny perguntou-me, num tom cuidadoso:

– E foi a mesma coisa na BCS?

– Não – Respirei fundo e continuei a expor-me ao perigo: – Foi pior!

O Johnny ficou em silêncio durante um longo momento e depois perguntou:

– Batiam-te?

Reprimi um estremecimento e assenti levemente.

– Shannon?

– Todos os dias – confessei.

– Valha-me Deus... – disse, zangado, passando a mão pelo cabelo. – Não admira que a tua mãe tenha perdido a cabeça comigo.

Suspirei.

– Não era a primeira vez que me levava da escola para o hospital.

– Céus! – Respirou fundo e puxou-me para mais perto dele. – Foi mau, como?

Encolhi os ombros, incapaz de falar e sem conseguir verbalizar o trauma.

Queria apagar aquelas memórias. Queria apagar para sempre aquela parte da minha vida.

– Shannon? – insistiu o Johnny, num tom de voz suave, puxando-me para tão perto dele que os meus joelhos ficaram encostados à sua perna. Com o braço nas minhas costas, aproximou-se e repetiu a pergunta: – Foi mau, como?

Ao ponto de eu querer morrer.

– Mau o suficiente para a minha mãe se endividar até aos cabelos

para eu poder mudar para o Tommen – admiti, num fio de voz. – E mau o suficiente para eu a deixar endividar-se por minha causa – acrescentei, obrigando-me a olhar para ele e detestando a expressão de compaixão que lhe vi na cara.

– Aquelas raparigas? – perguntou ele, então. – As que estavam no *pub*?

Assenti.

– A Ciara era a pior de todas.

Os olhos dele escureceram.

– A loira?

Voltei a assentir levemente.

– Não podia voltar à BCS depois das férias do Natal. – Tinha acontecido muita coisa, a situação estava completamente descontrolada.

– Descontrolada? – O Johnny olhou para mim, surpreendido. – Há anos que já estava «descontrolada», acho eu.

– Pois – concordei. – Mas o problema é que começou a afetar também o meu irmão e os meus pais ficaram preocupados.

– O teu irmão – disse o Johnny, pensativo.

– Sim. – Assenti. – O Joey estava sempre a ser suspenso por andar à pancada para me defender. Antes do Natal, já tinha sido suspenso quatro vezes, por minha causa, e a minha mãe ficou aflitíssima, porque ele corria o risco de ser expulso da escola, e só lhe faltava este ano para acabar o secundário. E o meu pai estava furioso porque achava que o comportamento do Joey lhe ia custar o lugar na equipa. Foi um completo pesadelo. – Encolhi os ombros, suspirei e disse: – Por fim, a minha mãe convenceu o meu pai que era melhor para o Joey se eu saísse da BCS.

– E para ti? – perguntou o Johnny, os olhos azuis colados aos meus. – Foi melhor para ti?

– Foi a melhor coisa que alguma vez fizeram por mim – respondi, sem hesitar.

– E o Tommen? – insistiu o Johnny, sem tirar os olhos dos meus. – Como está a ser para ti?

– Além do incidente com o Ronan, não tive mais problema nenhum – respondi, sinceramente, sentindo-me corar com a atenção dele. – Ah,

e a ameaça de guerra da Bella por falar contigo.

– E isto? – Passou-me os dedos pelo pescoço, continuando a olhar-me fixamente. – Quero saber o que é isto.

Tremi quando ele me tocou.

– Já te disse.

– Não me mintas – disse ele.

– Então, não me faças mentir – implorei, sabendo que lhe estava a dar tudo, o meu coração, os meus segredos, a minha confiança, e que era incapaz de não o fazer. – Não me pressiones, por favor.

– Shannon... – começou a dizer, mas interrompeu-se. Ficou a olhar para mim, durante um longo momento e, depois, assenti. – OK, por agora.

Suspirei, aliviada.

– Obrigada.

– Mas vou descobrir – murmurou. – Quer tu me contes ou não. – Fez-me uma festa na cara, com o polegar. – Vou descobrir e vou fazê-los sofrer.

Senti um aperto no coração. Sabia que ele estava a falar a sério.

Ele não ia desistir. Eu tinha visto isso nos olhos dele no dia em que falámos do assunto, no seu quarto.

O Johnny Kavanagh estava decidido a descobrir os meus segredos.

– E a Bella não vai fazer merda – continuou a dizer o Johnny, com voz rouca e um olhar intenso. – Se ela se mete numa guerra contigo, mete-se numa guerra comigo.

– Não gosto de guerras nem de confrontações – disse eu, nervosa, em pânico só de pensar na ex dele e naquilo que ela era capaz de me fazer. – Não quero que ela me odeie, Johnny. Não lhe fiz mal nenhum.

– Ela sente-se ameaçada por ti – disse ele, categórico. – Reagiu assim por ciúmes.

– Ameaçada por mim? – Abanei a cabeça. – Porquê?

– Porque és linda – afirmou ele, fazendo-me corar até à raiz dos cabelos.

Nunca nenhum rapaz me tinha dito que sou linda. Não assim. Não com esta frontalidade. Com esta sinceridade.

Quando ouvi o Johnny dizer aquilo, o meu coração começou a bater como um pássaro enlouquecido a lutar para sair da gaiola.

Ele aclarou a garganta e pareceu um pouco desconfortável, até cheguei a pensar que ia retirar o elogio que acabava de me fazer, mas, de repente, ficou muito sério, prendeu-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha e sussurrou-me:

– Por dentro e por fora.

Estas últimas palavras fizeram toda a diferença. Arruinaram-me.

Estava toda a tremer ao olhá-lo nos olhos.

– Sou?

Assentiu, lentamente.

– Em tudo.

Oh, meu Deus. O meu coração.

Não aguentava aquilo.

Não conseguia lidar com aquilo...

Em pânico e sentindo-me insegura, apressei-me a dizer:

– Agora, estamos empatados. Eu sei os teus segredos e tu sabes os meus, por isso podes ficar descansado porque não vou falar da tua lesão a ninguém – disse-lhe, sentindo-me vulnerável e exposta. – Agora, também podes contar coisas más sobre mim.

– Sim, é verdade – respondeu o Johnny, num tom pensativo, mas recuou rapidamente. – Espera... Contaste-me isso para me dares poder sobre ti?

Encolhi os ombros.

O Johnny franziu as sobrancelhas.

– Porquê? – perguntou.

– Queria que te sentisses seguro – disse eu.

– Queres fazer com que me sinta seguro? – Não conseguia decifrar a expressão no rosto dele quando voltou para mim os seus tempestuosos olhos azuis. – Porquê?

– Porque te passaste por eu saber da tua, hmm, da tua... – Apontei-lhe para a virilha, com a cara a arder, e respirei fundo. – Estavas aborrecido com isso e quis que te sentisses melhor. Conte-te coisas minhas para não te sentires encurralado.

– Não percebo. – O Johnny abanou a cabeça, obviamente confuso. – Quer dizer, gostei que me tivesses contado coisas tuas, tão pessoais, sinto-me honrado até, mas achares que eu posso usar isso contra ti e sentir-me bem? O facto de achares isso bem... de achares que eu me ia

sentir bem com isso? – Respirou fundo. – Isso é a parte que eu não percebo.

– Talvez tenhas razão quando dizes que, embora não queira, confio em ti – murmurei, sentindo colidirem, dentro do peito, uma corrente de calor e de frio.

Ele levantou as sobrancelhas.

– Então, confias em mim.

Encolhi os ombros. Naquele momento, sentia-me completamente desarmada, desamparada.

– Diz, Shannon – pressionou-me. – Quero que digas.

– Queres que diga o quê?

– Quero que digas que confias em mim.

– Porque quando estou contigo, sinto-me...

– Sentes-te?

– Segura, OK? – consegui dizer. – Quando estás por perto, sinto-me em segurança.

– E estás – confirmou o Johnny, muito sério. – Já te disse que nunca te magoarei e acho que também já te demonstrei isso.

Respirei com dificuldade e baixei a cara, morta por lhe esconder o quanto aquelas suas palavras me tinham afetado.

– Shannon, olha para mim.

Abanei a cabeça, recusando o pedido. Não conseguia. Era demasiado.

Ele era demasiado.

– Olha para mim – repetiu, num tom mais suave.

Como não me mexi, o Johnny pegou-me no queixo e levantou-me a cabeça, obrigando-me a olhar para ele, olhos nos olhos.

– Estás. Em. Segurança – afirmou, pronunciando cada uma das palavras lentamente, muito sério, ao mesmo tempo que me acariciava o queixo com o polegar. – O que quer que te tenha acontecido na tua escola antiga, não vai repetir-se no Tommen – disse ele, ultrapassando a barreira, mais uma vez. E, com os seus olhos azuis cheios de sinceridade e determinação, acrescentou: – Não deixo que nada de mal te aconteça aqui. – Encostou a testa à minha e suspirou. – E se me disseres onde mais precisas de te sentir em segurança, eu também trato disso.

– Porquê? – Uma só palavra, carregada de tantos pensamentos e coisas não ditas, mas foi tudo o que consegui dizer.

O Johnny hesitou, um momento, e disse:

– Porque me importo.

– Porquê?

– Porque sim. – Encolheu os ombros. – Não consigo evitar.

– Foste tu, não foste? – murmurei. – Foi por tua causa que ninguém mais me causou problemas por causa do incidente no campo? Porque tu me protegeste?

Ele olhou para mim, mas não respondeu.

– Vá lá, Johnny – suspirei. – Não sou tonta. Eu sei que tens qualquer coisa que ver com isso. Fiquei meio nua, no meio de um campo de rãguebi, cheio de rapazes. Por amor de Deus, vomitei ao pé do meu cacifo. Bisbilhotices dessas não se evaporam no ar.

– Naquele dia, à porta do gabinete da direção, eu disse-te que não ia deixar que ninguém te magoasse – admitiu, finalmente.

Sim, tinha dito. Tinha prometido.

E tinha cumprido...

– Obrigada – disse, num murmúrio.

– Obrigado por mereceres – respondeu o Johnny, ainda com a mão pousada na minha cara.

A tremer, por causa do contacto, inclinei-me, à procura de mais. Estava a esforçar-me ao máximo para me controlar, mas isso era completamente impossível, quando aquele rapaz me tocava.

Queria estar ao colo dele e, ao mesmo tempo, afastar-me.

Nada daquilo fazia sentido para mim. Era tudo muito confuso.

Os meus sentimentos assustavam-me.

As palavras dele. Os seus olhos. As suas ações.

Ele deixava-me sem chão.

Sentia-me perdida.

– Como estão os pombinhos? – disse uma voz conhecida, perto do meu ouvido. Surpreendida, olhei para cima do ombro do Johnny e vi o Gibsie a sorrir.

– Shannon – O Gibsie sorriu-me e piscou-me o olho, travesso. – Peço desculpa. Vou ter de te tirar o meu amigo, mas é só um minuto.

Oh, meu Deus.

Aflitíssima, cheguei-me rapidamente para trás, quebrando o contacto.

Antes de se virar, o Johnny murmurou uma data de insultos, numa voz tão baixa que mal percebi.

– É bom que seja mesmo muito importante – disse ele, os ombros tensos.

– Depende – respondeu o Gibsie, despreocupado.

– De quê? – resmungou o Johnny.

– De ainda queres ou não que te lembre daquela coisa que me pediste para te lembrar.

– Coisa? – O Johnny abanou a cabeça. – Que coisa? Que porra estás para aí a dizer?

– Linhas e *bulldozers*, meu amigo – respondeu o Gibsie, com um olhar cheio de significado.

Não fazia ideia de que é que o Gibsie estava a falar; mas era óbvio que o Johnny sabia, porque respirou fundo e disse:

– Merda.

– De nada – respondeu o Gibsie, deu umas palmadinhas no ombro do Johnny e voltou ao lugar dele.

– O que foi aquilo? – perguntei, quando voltámos a ficar sozinhos.

– Hmm? – respondeu o Johnny, distraído. E voltou-se, para olhar para o amigo.

– Estás bem? – murmurei.

– O quê? Sim, sim, estou ótimo. – Lançou-me um rápido olhar e, depois, virou-se para falar com o Gibsie.

Não conseguia perceber o que estavam a dizer um ao outro. Pareciam estar a comunicar por linguagem corporal, embora fosse muito fácil entender o que o Johnny quis dizer quando mostrou o dedo do meio ao Gibsie.

Abanei a cabeça e desisti de tentar perceber a conversa, em código que estavam a ter. Resolvi voltar a minha atenção para o iPod do Johnny, que ainda tinha nas mãos, depois de ele mo emprestar, durante o último período de reflexão, para eu ouvir umas músicas. Pus os *headphones* nos ouvidos e comecei a percorrer as *playlists* dele, mas ia tendo um ataque cardíaco quando me deparei com uma que se chamava *Canções para a Shannon*.

Com o coração aos pulos, olhei rapidamente para o Johnny, mas ele continuava embrenhado na conversa por código com o Gibsie. Respirei fundo, abri a *playlist* e percorri a lista de canções.

Coldplay – «Yellow»

Guns N' Roses – «Sweet Child O' Mine»

Goo Goo Dolls – «Iris»

The Fureys – «When You Were Sweet Sixteen»

Howie Day – «Collide»

The Offspring – «Want You Bad»

Busted – «Fall at Your Feet»

Aerosmith – «Crazy»

Counting Crows – «Colorblind»

David Gray – «This Year's Love»

Bon Jovi – «In These Arms»

Westlife – «World of Our Own»

Eagle-Eye Cherry – «Save Tonight»

Metallica – «Tuesday's Gone»

Snow Patrol – «Run»

The Verve – «Lucky Man»

HIM – «Wicked Game»

The La's – «There She Goes»

Eram canções de amor. Eram *todas* canções de amor.

Guardadas numa *playlist* com o *meu* nome.

Porquê? Porque é que ele tinha feito aquilo?

Será que ele...? Não. Não.

É claro que não.

Então, porque é que...?

– Shannon, podemos falar? – A voz do Johnny interrompeu-me os pensamentos, surpreendendo-me e fazendo com que deixasse cair o iPod. Felizmente, aterrou-me no colo e não no chão do autocarro.

Voltei-me para olhar para ele, com o coração aos saltos.

– Falar?

– Sim. – Assentiu lentamente, os olhos azuis muito escuros e ternos. – Preciso de falar contigo sobre uma coisa.

– Hmm, sim, claro... – Limpei as palmas das mãos à saia, respirei fundo e acrescentei: – De que é que queres falar?

– Aqui não – disse o Johnny, olhando em volta. – Hoje à noite – acrescentou, outra vez com os olhos pregados nos meus. – Depois do jogo. Levo-te a casa e falamos no meu carro?

– Hmm... – Mordi o lábio, sentindo-me em pânico por ter de esperar tanto tempo. – Se é isso que queres.

– É o melhor – respondeu ele.

Oh, meu Deus. Era mau? Ia dizer-me qualquer coisa horrível?

– Não estejas assustada – disse o Johnny, voltando a distrair-me dos meus pensamentos. – Não te vou magoar. – Estendeu a mão, levantou-me o queixo e sorriu-me. – Prometo.

Sentia-me tão perdida, com aquele rapaz, que mal conseguia respirar.

– Muito bem, meninos, o tempo de reflexão acabou – gritou a Mrs. Moore, batendo as palmas, para chamar a atenção de toda a gente. – Já só faltam quarenta minutos para chegarmos a Dublin, por isso, proponho mais um jogo.

– Porra – resmungou o Johnny, tirando a mão da minha cara. – Mais uma porcaria de um jogo.

Desatei a rir com a reação dele.

– Qual é a graça? – perguntou, sorrindo-me. – Não me digas que gostas destas coisas.

Gosto de estar contigo.

– Estou na equipa vencedora – disse eu, tocando-lhe no ombro com o meu. – Por isso, claro que gosto.

– É verdade – concordou o Johnny, sorrindo. Tirou do saco a pilha de certificados que tínhamos ganho, ao longo do dia, pô-los no meu colo e disse: – Fazemos uma boa equipa, Shannon *como o rio*.

Sim, sim, fazíamos.



Esperei que todos os outros saíssem do autocarro para me levantar do meu banco.

– Boa sorte para hoje – disse eu ao Johnny, já na coxia, enquanto

ele procurava as suas coisas, entre os sacos que estavam na parte de trás do autocarro.

– Hã? – respondeu ele, distraído, ao mesmo tempo que murmurava qualquer coisa sobre «esta porra de desarrumação».

Parecia stressado. Quando mais nos aproximávamos do Royce College, mais agitado ficava.

Agora que já ali estávamos, a tensão do Johnny era quase palpável. Eu percebia-o.

Ele tinha andado naquela escola, o que queria dizer que, muito provavelmente, hoje iria jogar contra velhos amigos e ex-colegas de equipa.

Era uma grande pressão.

E ele está a esconder uma lesão.

– O jogo – disse eu. – Espero que ganhes.

Disse-lhe adeus com a mão e apressei-me a ir para a porta do autocarro, desejosa de pôr o espaço de que tanto precisava entre o Johnny Kavanagh e o meu coração.

– Shannon? – chamou-me.

Parei, já à porta, e voltei-me para olhar para ele.

– Sim?

Os seus olhos azuis incendiaram-me a alma quando me disse:

– Obrigado.

– Porquê? – murmurei.

O Johnny sorriu.

– Por seres completamente diferente de todas as outras.

– Hmm, OK?

– Vemo-nos daqui a pouco, OK?

Assenti.

– Adeus, Johnny.

Sentindo-me fora de perigo, saí do autocarro a correr, mas fui imediatamente intercetada pela Shelly e pela Helen.

Deram-me o braço, uma de cada lado, e levaram-me para longe do autocarro.

– Menina, tens uma data de coisas para nos contar – disse a Shelly, excitada.

– Queremos os pormenores todos – acrescentou a Helen.

– Pormenores? – perguntei, sentindo-me corar. – Sobre o quê?
– Não disfarces – avidou a Helen. – Acabaste de passar três horas com o Johnny!

– Não havia alternativa – respondi. – O banco ao lado do dele era o único que estava livre.

– De que é que falaram? – perguntou a Shelly, os olhos a bailarem de excitação. – O que é que ele te disse?

– Não sei. – Encolhi os ombros, sentindo-me estranha. – Coisas.

– Coisas? – repetiu a Helen.

– Shannon, quero tentar imaginar como foi. Não nos podes dizer que falaram de «coisas» – protestou a Shelly.

– Para trás, seus abutres – resmungou a Lizzie. – Vão procurar outra carcaça para disputar.

Estava encostada à parte de trás do autocarro, com um rapaz enorme ao lado.

Reconheci imediatamente o Pierce.

Percebi que tinham feito as pazes, porque ela estava a agarrá-lo pela cintura e ele acariciava-lhe o pescoço.

A Claire, o Gibsie, o Hughie, o treinador Mulcahy, e o Patrick Feely estavam ali perto, embora não nos estivessem a prestar atenção. Na verdade, pareciam estar a discutir qualquer coisa com o Mr. Mulcahy.

– Lizzie! – guinchou a Shelly. – Eu só estava a perguntar.

– Se queres saber o que é que o Johnny Kavanagh disse, vai perguntar-lhe a ele – respondeu a Lizzie. – Não perguntes à Shannon.
– Depois, olhou para mim e disse: – Anda, Shan. Estamos ali.

Aliviada com aquela interrupção, passei pelas duas bisbilhoteiras, disse-lhes adeus com a mão, ignorando-lhes as caras dececionadas, e fui juntar-me aos meus amigos.

À medida que me aproximava, a conversa entre eles subiu de tom.

– Ele joga, Mr. – protestava o Hughie. – Eles não podem fazer isto.

– Concordo, Biggs – disse o treinador, com o telefone encostado ao ouvido. – Esta porcaria não se admite... Estou, sim? Passe-me ao diretor, por favor. – Com o telemóvel encostado ao ouvido, o treinador afastou-se, a dar ordens.

– Cambada de cretinos – disse o Gibsie, zangado.

– Maricas – acrescentou o Hughie.

– Para dizer a verdade – disse o Patrick Feely – a equipa está disposta a jogar. O problema é o treinador deles.

– Problema? – perguntei à Claire porque, naquele momento, a boca da Lizzie estava ocupada com a língua do Pierce. – O que é que se passa? O jogo vai ser cancelado?

– O treinador do Royce recusa deixar a equipa deles entrar em campo se o Johnny jogar – explicou-me a Claire, que parecia tão zangada como todos os outros.

– O quê? – perguntei, surpreendida. – Porquê?

– Porque são uma cambada de cobardes e têm medo de jogar contra ele – disse o Gibsie, sarcástico. – *Eejits*.

– E então... estão a tentar castigá-lo por ser bom jogador? – perguntei, sinceramente chocada.

– Acho que é mais por ele ser um jogador com quinze convocatórias pela Irlanda, Shan – respondeu o Hughie.

– Convocatórias pela Irlanda?

– O número de vezes que ele jogou pela equipa do país – explicou-me, rapidamente.

– E então? – indignei-me. – Ele mereceu. Esses jogos não lhe caíram do céu.

– Isso nem se discute – respondeu o Hughie, a rir. – Mas há treinadores a quem isso intimida.

– O que é que se passa? – ouvi a voz do Johnny a perguntar e, logo a seguir, ele estava ali, ao meu lado.

O braço dele roçou no meu e, apesar das camadas de roupa, senti um arrepio na pele.

– A merda do costume – disse-lhe o Gibsie. – Se tu jogares, eles não jogam.

O Johnny encolheu os ombros, despreocupado.

– Ah, bom.

Voltei-me para olhar para ele, espantada com a sua reação.

– Acontece muitas vezes – disse o Johnny, ao reparar na minha surpresa. – O treinador resolve isso – acrescentou e, depois, voltou-se para os colegas de equipa e disse: – Digam ao resto da malta que vamos já para o balneário. Equipamo-nos e começamos os aquecimentos.

Assentindo, o Hughie e outro rapaz dirigiram-se aos balneários e, pelo caminho, foram chamando os colegas de equipa.

– Johnny, isto pode levar horas, pá – disse o Gibsie.

Sem o mínimo vestígio da vulnerabilidade que ainda umas horas antes tinha mostrado, o Johnny respondeu:

– Nesse caso, temos horas para ir treinando. Vá, mexe esse cu.

– Reza por mim – pediu o Gibsie à Claire. Depois, inclinou-se, deu-lhe um grande beijo na cara e foi-se embora a correr.

– Gerard! – protestou a Claire, limpando a cara com a manga da camisola.

– Pierce! – chamou o Johnny, voltando-se para o rapaz de cabeça rapada que tinha a língua enfiada na garganta da minha amiga. – Larga a miúda e põe-te em campo.

O Pierce resmungou qualquer coisa em voz muito baixa, deu mais um beijo na boca da Lizzie e foi juntar-se à equipa.

O Johnny inclinou a cabeça na minha direção.

– Estás bem?

Assenti.

Estendeu a mão, prendeu-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha e murmurou:

– Vemo-nos depois.

Voltou-se e foi ter com o resto dos colegas de equipa.

Uau, pensei eu, a determinação flui-lhe com a mesma força nas veias com que o medo flui nas minhas.

– Johnny? – chamei-o, incapaz de me impedir.

Quando ele parou de correr e se voltou para mim, fui eu que corri, em direção a ele, e só parei quando ficámos frente a frente.

– O que foi? – perguntou ele, franzindo a testa.

– Nada, eu só... – Abanei a cabeça, aproximei-me mais dele e puxei-lhe a cara mais para mim, com as duas mãos. Em bicos dos pés, murmurei-lhe, ao ouvido: – Preciso de ti são e salvo, OK? – Resistindo ao impulso de o abraçar, larguei-lhe a cara e afastei-me. – Tem cuidado. – Dei mais um passo atrás, sem tirar os olhos dele. – OK?

O Johnny assentiu, lentamente, os olhos ternos.

– OK.

– Adeus, Johnny – murmurei e virei-lhe as costas.

O Johnny agarrou-me a mão e puxou-me, obrigando-me a olhar para ele.

– Levo-te a casa, logo à noite? – perguntou, a sorrir, de olhos ardentes e a brincar com aquela minha madeixa de cabelo rebelde. – Ainda queres?

– Sim – murmurei, aproximando-me, incapaz de resistir à tentação de lhe agarrar a camisola. – Quero.

– Shannon, eu... – Respirou fundo e abanou a cabeça. – Logo à noite. – largou-me o cabelo e agarrou-me o queixo. – Falamos logo à noite.

– OK, Johnny – respondi, encostando a cara à palma da mão dele.

Sem dizer mais nada, ele inclinou-se e depositou-me um longo beijo na testa. Depois, voltou-se e foi-se embora.

Com a cabeça à roda, fiquei a vê-lo desaparecer pela porta que dava acesso aos balneários e só depois é que fui juntar-me às minhas amigas.

Confusão era um eufemismo para aquilo que estava a sentir.

A profundidade dos meus sentimentos por ele não era saudável. A adoração, o desejo, a enorme paixão que tinha por ele... era uma loucura.

Nunca me tinha sentido assim. Nunca me tinha sentido tão devastada.

¹*Pink to make the boys wink*, no original. (N. do T.)

Apanhado pelo Cupido

JOHNNY

Se os sentimentos fossem coisas, eu estaria a cambalear, à beira de um grande precipício e se as raparigas fossem armas, a Shannon Lynch era a maior arma de destruição maciça a que o meu coração já tinha sido exposto.

Porque eu estava fodido.

Já nem me dava ao trabalho de negar. Não valia a pena. Nunca tinha sentido nada daquilo por alguém em toda a minha vida.

Precisei de todo o autocontrolo que tinha dentro de mim para conseguir afastar-me dela ali atrás. Especialmente quando tudo dentro de mim exigia que eu a arrancasse do mundo e a guardasse só para mim.

Preciso de ti são e salvo, OK?

Sim, nesta altura, bem podia dizer que estava completamente tramado no que dizia respeito àquela rapariga. Não aguentava mais. Não conseguia continuar a lutar contra os meus sentimentos.

Tal como com o jogo da PlayStation, ela estava a dar-me uma tarefa. Quando me contou que tinha sido vítima de *bullying*, coisa que eu, infelizmente, já sabia, senti um estalo dentro de mim. Senti o último pedaço da minha determinação a evaporar-se.

A vulnerabilidade que vi nos seus olhos quando ela me contou os seus segredos para que eu os pudesse usar como quisesse, foi o meu ponto de rutura.

As raparigas que conhecia não faziam aquilo. Não se portavam como a Shannon.

Se o Gibsie não tivesse aparecido, eu tê-la-ia beijado. Eu sabia que a teria beijado. Já sabia como eram aqueles lábios. Queria tanto saboreá-los de novo. E ia saboreá-los novamente.

Estava com fome dela e de tudo o que ela era. De cada pedacinho dela. Por dentro e por fora.

Queria travar todas as suas batalhas. Queria dar-lhe todos os seus sorrisos e fazê-la rir e arrancá-la do resto do mundo e guardá-la só para mim.

Queria-a. Para sempre.

Sabia que era incrivelmente egoísta da minha parte e sabia que, provavelmente, ia acabar por estragar tudo e partir-lhe o coração, mas o problema era que o meu coração também estava envolvido.

Ia falar com ela, naquela mesma noite, porque precisava de desabafar. Não podia passar mais um dia sem tirar isto do peito. Meses a desejar, a cobiçar e a ansiar por ela tinham-me deixado num estado em que já nem conseguia ver bem. Porque eu tinha criado sentimentos pela Shannon.

Sentimentos enormes, porra.

Permanentes.

Sabia que era demasiado velho para ela. Sabia que ela era demasiado doce e pura para ser arrastada para a ribalta que era a minha vida. E sabia que ela era demasiado frágil para que um tipo como eu se envolvesse com ela.

Mas já me sentia como se me estivesse a afogar com ela.

Era assim que estava a ser consumido por aquela rapariga. Era assim o quanto eu a *amava*.

Foda-se.

Respira, Shannon, respira

SHANNON

Esta gente do Royce College é insuportável. A sério, foram patéticos. O jogo esteve adiado durante mais de duas horas porque os treinadores do Royce fizeram uma birra por não quererem que o Johnny jogasse.

Foi vergonhoso.

Duas horas à chuva, enquanto os treinadores do Royce tentavam de tudo para afastarem o Johnny. Fartaram-se de dizer que era completamente injusto ter um internacional irlandês a jogar naquela liga.

Era um jogo de rãguebi escolar. O Johnny era *aluno* de uma das escolas. Era menor de idade. Tinha o direito de jogar se quisesse. O Tommen não estava a quebrar as regras.

Finalmente, depois de vários telefonemas para a direção, de um vergonhoso e muito público esclarecimento das regras e de inúmeras discussões, aos gritos, entre o treinador Mulcahy e o treinador principal do Royce, as equipas entraram em campo às seis e meia, com o Johnny na equipa, com a sua camisola número 13 e um sorriso de fanfarrão na cara.

No início do jogo, ficou logo claro porque é que o treinador do Royce não queria deixar o Johnny jogar. A equipa deles era péssima.

Bem, talvez não fosse péssima, mas não chegava aos calcanhares da equipa do Tommen. Como é que conseguiam estar em segundo lugar, *ex aequo*, com o Tommen, não sei, porque, de facto, não havia comparação.

Senti um orgulho enorme ao vê-lo ali, a jogar contra os antigos colegas e a dar-lhes uma tarefa assustadora.

Estava estupidamente apaixonada por aquele rapaz e dei por mim a gritar e a torcer por ele, nas bancadas, ignorando os olhares mortíferos que a Bella e as amigas me lançavam. Não me importei

nada com isso. Estava tão orgulhosa.

Ao intervalo, a equipa do Tommen estava a ganhar por 48-3.

A cinco minutos do fim do jogo, a situação estava ainda pior para o Royce, com o Tommen a fazer mais três ensaios na segunda parte. Estava tudo a correr a favor do Tommen, até à última jogada da partida.

A menos de um minuto do fim do jogo, o Johnny tirou a bola a um dos avançados do Royce. Parecia ser a sua especialidade: dar o golpe final, no último minuto do jogo. Com uma velocidade que não se comparava à de nenhum outro jogador em campo, o Johnny correu, disparado, em busca do último ensaio do jogo.

Foi uma confusão de movimentos que resultou nele a atirar a bola segundos antes de um grupo de jogadores adversários cair em cima dele.

Ele tinha feito o ensaio. A equipa começou a festejar.

Mas ele não se levantou do chão.

O irmão da Claire, o Hughie, pôs-se em posição à frente dos postes, e rematou rapidamente, garantindo a vitória. Depois correu para o Johnny que ainda continuava por terra.

– Claire! – disse eu, agarrando-me ao braço da minha amiga, enquanto via, horrorizada, os nossos colegas a festejarem à nossa volta. – Ele está a mexer-se?

Toda a gente da nossa escola estava a festejar e a bater palmas, os rapazes da equipa estavam a abraçar-se para celebrar, mas o Johnny continuava caído, atrás da linha de ensaio.

O Hughie e vários jogadores do Royce College ajoelharam-se ao seu lado. Um deles começou a fazer gestos para os treinadores, que estavam na linha lateral. Outro começou a chamar o árbitro aos gritos. O Hughie estava a chamar o treinador Mulcahy.

– Claire! – repeti, em pânico. – O que é que está a acontecer?

– Não sei! – disse ela, agora também em pânico.

Um enxame de camisolas pretas e brancas desatou a correr na direção deles, rodeando o capitão.

Levantei-me e, como se os meus pés tivessem vontade própria, avancei por entre a assistência.

– Está morto? – gritei, de mão dada com a Claire, que ia logo atrás

de mim. – Oh, meu Deus, Claire, ele está morto?

– Não, não, não – repetia ela, mas não parecia ter a certeza.

– Claire!

– Não sei, Shannon! – gritou.

Não fomos longe, só conseguimos chegar à beira do campo, porque fomos logo engolidas por uma multidão de outros alunos. Aos saltos, tentei ver por cima da cabeça deles, mas era demasiado baixa. Pensando depressa, ajoelhei-me e espreitei por entre as pernas de quem estava à minha volta.

O Johnny ainda estava no chão.

De barriga para baixo. Imóvel.

Pelo canto do olho, vi dois homens, de coletes amarelos, entrarem no relvado com uma maca.

O tempo pareceu ter parado enquanto os via a ajoelharem-se ao lado do Johnny e começarem a preparar as coisas para o porer na maca.

Os gritos e os aplausos tinham-se transformado em sussurros abafados enquanto toda a gente assistia.

O meu coração, que parecia ter estado em pausa durante os últimos minutos, bateu-me violentamente no peito ao ver o Johnny sentar-se, lentamente.

Estava de olhos abertos, respirava e, embora parecesse estar a sofrer muito, estava vivo. Abanava a cabeça e recusou ser transportado de maca.

Não conseguia ouvir o que estava a ser dito, mas os lábios dele mexiam-se rapidamente, ao mesmo tempo que continuava a abanar a cabeça e a dizer qualquer coisa aos paramédicos. Por fim, os homens desistiram de o tentar ajudar e afastaram-se.

A multidão, tanto os apoiantes do Tommen como os do Royce, começou a bater palmas quando o Johnny se levantou. Saiu do campo amparado pelo Hughie e pelo Gabsie, de cabeça baixa, a coxear.

Arrastaram-no, praticamente, para fora do relvado.

Por um momento, ajoelhei-me na relva lamacenta e respirei fundo, deixando que um tsunami de alívio me invadissem enquanto o via sair.

Não compreendia a minha reação e não me importava.

Ele estava bem. Ele estava bem.

E eu podia, finalmente, *respirar* outra vez.

O tempo acabou, pá

JOHNNY

– Isto para aqui, Johnny! – disse-me o Gibsie, ao ouvido, quando me ajudou a sair do duche para a marquesa onde eu tinha passado a última hora a ser apalpado, picado e cosido pelo médico que me assistiu.

– Podes falar mais baixo? – disse-lhe, olhando para a porta que nos separava do resto da equipa. – Não quero que ninguém saiba!

– É demasiado tarde para isso! – disse o Gibsie. – Deixaste um rasto de sangue desde o campo até à enfermaria!

– Meu Deus! – consegui dizer, a tremer.

– Isto acaba agora mesmo, Johnny! – disse ele de novo, enquanto me puxava os calções para cima, com todo o cuidado, para não me incomodar na virilha. – Acabaram-se os treinos! – continuou, ajustando a cintura às minhas ancas. – Chega de esconderes a dor! – Dirigiu-se ao banco e pegou numa toalha. – Acabaram-se as mentiras! – Limpou uma mancha de sangue da minha coxa. – Para sempre!

– Vou ficar bem! – disse eu, a tremer da cabeça aos pés.

– Bem? – disse o Gibsie, fazendo uma pausa para olhar para mim. – Oh, sim, porque tu estás muito bem, neste momento, não há dúvida, é só olhares para o teu sangue espalhado por todo o lado!

– Para...

– Andas a matar-te. Tens noção disso, não tens? Percebes que estás a pôr a tua vida em risco por causa de uma merda de uma camisola verde que, a longo prazo, não interessa nada.

– Gibs, para, meu! – pedi. – Não consigo ouvir isso agora!

– Ah, mas vais ouvir, vais!

– Não consigo, porra! – disse eu, com a voz a ceder. – Está bem? Não consigo...

– Olha para ti! – disse o Gibsie, apontando para a minha virilha. – Olha para o estado em que estás!

O sangue escorria do corte na minha perna, no sítio onde tinha levado os pontos.

– Isto já devia ter sarado há uma data de semanas! – disse ele. – Estamos em março, Johnny. Março, foda-se! E tu ainda andas para aí com a ferida aberta!

– Acertou-me com os *pitons* das botas! – disse eu. – Podia ter acontecido a qualquer um!

– Sim, bem, mas não te teria deixado nesse estado se tivesses deixado o teu corpo curar-se como deve ser! – respondeu o Gibsie, furioso. – Estás fraco. O teu corpo não está a sarar. E quase te mataste!

A gemer, deixei cair a cabeça na maca e soltei um suspiro de dor.

– Não estou assim tão mal!

– Não estás assim tão mal? – quase gritou, com uma expressão furiosa na cara. – Ó pá, a tua perna parece à beira de uma septicemia!

– Gibs...

– Não, Johnny! – disse ele, abanando a cabeça. – Tu ouviste o que o médico disse. Ouviste-o a dizer que isto podia ter sido muito grave!

– Ouvi, Gibs! – disse eu, tapando a cara com o braço. – Claro que ouvi o que ele disse. Como é que não ouvi, quando ele desfez o meu mundo em pedaços?

Cirurgia.

Mais cirurgia, porra.

Imediatamente.

O que significava mais tempo. Tempo que eu não tinha.

Acabou-se.

A época de verão. Os sub-20. Sentia-os a escaparem-se-me por entre os dedos.

Estava tudo a ser-me tirado.

E eu não conseguia lidar com isso.

– O treinador ligou para o Dennehy, da Academia! – Com a respiração irregular, ele deu um passo atrás e ergueu as mãos. – E já telefonei à tua mãe!

– Meu Deus! – consegui dizer, sentindo as lágrimas a encherem-me os olhos.

– Vai apanhar o próximo voo para Dublin! – acrescentou. – Também liguei ao teu pai. Vai ter connosco ao hospital!

Abanei a cabeça, incapaz de lidar com o que estava a ouvir.

Incapaz de respirar, devido à devastação absoluta que me invadia.

– Vais voltar a jogar, Johnny! – disse o Gibsie, num tom mais calmo. – Só que não vai ser agora.

– Agora é que é importante – disse eu. – Agora é que é *realmente* importante!

– Não, meu! – disse ele. – O que é realmente importante é ficares bem!

– O que é que eu vou fazer, Gibs? – disse eu, escondendo a cara nas mãos. – É a minha vida toda que está em jogo!

Ouvi-o expirar profundamente e, depois, senti a mão dele no meu ombro.

– Havemos de arranjar uma solução, Johnny! – apertou-me o braço. – Agora, descansa um bocado e deixa os medicamentos fazerem efeito. A ambulância já não deve demorar muito, pá.

– Não quero sair daqui! – Abanei a cabeça. – Não quero que ninguém veja...

– Ninguém sabe pormenores – garantiu-me ele. – Só sabem que te magoaste e ficaste inconsciente.

– Não contes! – pedi-lhe. – Por favor... não posso...

– Não conto! – prometeu-me.

Ups, voltei a fazer a mesma coisa

SHANNON

Não havia nenhuma explicação racional para eu ter passado a última hora e meia à porta dos balneários, debaixo de uma chuva torrencial.

Não queria pensar muito nisso. Os meus sentimentos estavam a preocupar-me, mas não tanto como o que se estava a passar dentro daquele balneário.

Devia ter voltado para o autocarro com a Claire, a Lizzie e todos os outros da nossa escola, mas *não* consegui. Não conseguia fazer com que os meus pés se movessem na direção do bom senso.

Em vez disso, fiquei à espera. Preocupada. E lutei desesperadamente contra a vontade de entrar no balneário.

Escondida, ali fora, na escuridão, vi os jogadores do Royce e do Tommen saírem das instalações do clube, seguidos pelos treinadores, pelo Mr. Mulcahy e pelo médico do jogo.

Ninguém pareceu reparar em mim e não fiquei surpreendida. Todos aqueles rapazes deviam ser, pelo menos, meio metro mais altos do que eu.

Isto é, até o Gibsie aparecer.

– Olá, Shannon! – disse ele, reparando imediatamente em mim. – O que é que estás a fazer aqui fora, à chuva?

– Oh, eu só estava... Eu queria... Ele estava... E eu... – Agitando as mãos, desisti e encolhi os ombros. – Estava preocupada.

– Com o Johnny?

Deixei cair os ombros e assenti, derrotada.

– É grave?

O Gibsie franziu o sobrolho, parecia não ter a certeza.

– Vá lá, Gibsie – pedi. – Diz-me!

– Ele está bem, Shannon!

– Não me mintas! – disse eu. – Por favor! – recuperando o fôlego,

continuei: – Preciso de saber!

– Está mal – admitiu, calmamente. – Pode ter de ficar muito tempo sem jogar, tudo depende daquilo que os médicos disserem quando ele chegar ao hospital. – Respirou fundo e passou a mão pelo cabelo. – Não vai jogar a final, de certeza.

– Não quero saber se ele pode jogar rãguebi ou não – disse eu, sentindo que era engolida por uma onda de culpa. – Quero saber se ele está bem! Ele. O Johnny! A pessoa. Não a porra do jogador de rãguebi!

O Gibsie inclinou a cabeça, estudando-me com um olhar curioso.

– E não é que és uma guardiã? – disse ele, finalmente, pensativo.

– O quê?

– Não interessa. – O Gibsie abanou a cabeça e respirou fundo. – Ouvi o treinador a telefonar para vários hotéis, à procura de um sítio onde possamos ficar esta noite. – Fez uma careta e acrescentou: – O Johnny vai ser operado logo à noite!

Oh, meu Deus.

O meu coração parou.

Eu *sabia* que ele não devia jogar. Eu *sabia* que ele estava lesionado. Eu *sabia* e *não* fiz nada.

Devia ter dito qualquer coisa à mãe dele. Devia ter dito qualquer coisa ao treinador. Eu *sabia* que ele estava a jogar lesionado.

Como sempre, não fiz porra *nenhuma*.

– A culpa é minha – disse eu.

– Porque sabias? – murmurou o Gibsie.

Baixei a cabeça, envergonhada.

– Então, a culpa também é minha – disse-me ele. – Entra Shannon! – acrescentou, lançando-me um pequeno sorriso. – Ele está ali, sozinho, à espera de que o venham buscar.

– Uf, se calhar, é melhor não...

– Devias! – interrompeu-me.

– Devia? – perguntei, insegura.

O Gibsie acenou com a cabeça.

– Devias!

E, sem dizer mais nada, afastou-se, em direção ao parque de estacionamento, onde estava o autocarro da escola.

Fiquei ali, durante mais cinco minutos, a tentar convencer-me a descer do precipício de onde estava a tentar saltar.

Não resultou.

Nada parecia fazer sentido. Nada, exceto vê-lo.

A tremer da cabeça aos pés, arrisquei e entrei no edifício, percorri o corredor com chão de cimento e não parei até chegar a uma porta branca onde estava escrito: VISITANTES.

Respirei fundo, empurrei a porta e entrei no balneário, onde fui imediatamente assaltada pelo intenso cheiro a relaxante muscular. Era tão potente que me pôs os olhos a lacrimejar.

O vapor saía de um arco que levava à zona do duche. A maioria dos balneários tinha a mesma configuração: uma sala grande, com paredes de azulejos brancos, bancos de madeira e os chuveiros ao fundo.

Ele está no duche, sua idiota. O que é que estás a fazer?

Sai daqui. Já!

Envergonhada, dei meia-volta e corri para a porta, mas parei quando ouvi o Johnny a dizer o meu nome.

– Shannon?

Morta de vergonha, virei-me para olhar para ele.

– Olá! – Esfocei-me por dizer, obrigando-me a respirar, apesar de sentir o meu coração a acelerar, só de estar a vê-lo.

O Johnny tinha uma toalha pendurada ao ombro, agarrava-se a uma muleta de metal e tinha uma expressão de dor no rosto. Mais uma vez, tinha vestidos uns boxers *Calvin Klein*. Os desta noite eram pretos.

– Olá! – Respondeu o Johnny, distraíndo-me dos meus perigosos pensamentos. – O que estás aqui a fazer?

– Queria ver como estavas! – Disse eu, tentando desesperadamente não olhar para a forma como os seus abdominais se contraíam quando ele se aproximou do banco, pondo todo o seu peso na muleta. – Estava preocupada!

Estava outra vez a coxear, como era óbvio, e eu fiquei imediatamente alerta. Alerta e preocupada.

– Estou preocupada! – Murmurei.

– Um daqueles idiotas do Royce fez-me um rasgão na perna, com a

bota. – Resmungou o Johnny.

Sentou-se com cuidado, pousou a muleta ao lado dele e pôs a toalha em cima da coxa direita.

– Um rasgão? – disse eu, horrorizada.

Oh, meu Deus.

Respirando fundo, o Johnny inclinou-se para trás e encostou a cabeça à parede de azulejos, atrás dele.

– Idiotas!

– Ficaste caído no chão, Johnny! – Sussurrei, mordendo o lábio. O meu olhar preso na coxa dele. – Durante bastante tempo.

– Desmaiei, por causa da dor – admitiu, com alguma hesitação.

– Vão levar-te para o hospital? – disse, forçando-me a ficar onde estava e a não correr para ele, como queria desesperadamente. – Para fazer exames?

– É o protocolo, dadas as circunstâncias. – Respirou fundo, inclinou-se para trás e encostou a cabeça à parede. – É uma treta.

Mentiroso. Eu sei que vais ser operado.

– É muito grave, Johnny? – obriguei-me a perguntar.

Ele olhou-me fixamente, com os seus olhos azuis.

– Eu estou *bem*, Shannon.

Mais mentiras.

Conseguia ouvir a dor que ele estava a sentir, pela forma como cerrava as palavras quando falava.

Estava a sofrer. E estava assustado.

– Tens a certeza? – insisti.

Olhou para mim.

– Tu *tens*?

– Não sei! – Encolhi os ombros. – Tenho tanto medo por ti.

Ao ouvir a minha resposta, o Johnny franziu o sobrolho e eu corei.

– Acho que é melhor deixar-te em paz. – Juntei as minhas mãos e engoli em seco. – Vou, hmm... esperar no autocarro!

Virei-me e comecei a dirigir-me à porta.

– Podes ficar comigo?

Os meus pés pararam e o meu coração acelerou. Virei-me para trás, para olhar para ele.

– Hã?

– Por favor! – disse o Johnny. – Não quero ficar sozinho.

Dentro do peito, o meu coração ficou apertadinho e tive dificuldade em respirar.

– Queres que vá chamar o Gibsie? – perguntei.

O Johnny abanou a cabeça.

– Só te quero a ti!

Eu sabia que me devia ir embora. Devia sair daquele balneário e ir para o meu lugar no autocarro. Seria a coisa acertada a fazer. A coisa mais sensata.

Mas não foi isso que fiz.

Porque *não* o podia deixar sozinho.

Aproximei-me dele, desajeitadamente, e sentei-me ao seu lado. O meu cérebro estava desconfiado e cauteloso, mas o meu coração não, e o meu corpo estava mais do que feliz, a equilibrar ambos. Sentia-me fisicamente atraída por ele, emocionalmente ligada e mentalmente aterrorizada. Isso criava um terrível campo de batalha de angústia dentro de mim. Preocupava-me cada vez mais com aquele rapaz.

Não o compreendia, mas, naquele momento, isso não importava.

O alívio que senti quando entrei por aquela porta e o vi, vivo e a respirar, ainda me dominava. Eu sabia que ele estava aterrorizado com a perspetiva de não poder jogar rãguebi, mas só conseguia pensar no facto de ele estar inteiro. Eram esse alívio e essa preocupação avassaladores que me corriam nas veias e que provocaram o meu próximo passo.

– Está tudo bem! – disse eu, pegando na sua mão gigante. – Vais ficar bem!

O Johnny estremeceu, mas não tirou a mão da minha.

Também não o larguei. Puxei a sua mão para o meu colo e agarrei-a com força.

– Tenho tantas dores, Shannon! – confessou, baixando a cabeça. – Estou com tanto medo!

– Eu sei! – sussurrei, aproximando-me mais, cheia de vontade de ver o ferimento que ele tinha escondido com a toalha. – Deram-te alguma coisa para as dores?

O Johnny respirou fundo.

– Sim, o médico deu-me uma injeção de qualquer coisa, um

relaxante muscular, acho eu.

– Está a ajudar?

Ele abanou a cabeça.

– Aposto que estás arrependido por teres desperdiçado aquele ibuprofeno comigo, não é? – brinquei, tentando distraí-lo do desconforto óbvio em que se encontrava. – Dava mesmo jeito, agora!

– Um tranquilizante é que era! – respondeu ele, com os seus grandes ombros descaídos.

– Deixa-me ver-te! – disse eu.

Mantendo a minha mão direita na dele, usei a esquerda para lhe virar o queixo.

– Grandes cabrões! – resmunguei, olhando para as nódoas negras na cara dele e para o corte, por cima da sobrancelha, que estava novamente a sangrar. – A tua cara, meu Deus!

O Johnny riu-se

– Qual é a piada? – perguntei, feliz ao ouvi-lo rir.

– É estranho ouvir-te dizer «cabrão»! – respondeu, de um sorriso cansado.

– Eu gosto muito de praguejar, já sabes! – disse-lhe, tentando desesperadamente distraí-lo da sua dor.

– Não, não gostas! – respondeu ele. – Só estás a dizer isso para me distrair!

– Está a funcionar?

Ele disse que sim, com a cabeça.

– Não pares!

Enquanto tentava lembrar-me de qualquer coisa para dizer, deixei o meu olhar vaguear por ele, absorvendo cada sulco e cada aresta, até me fixar na sua mão, entrelaçada na minha.

A mão dele era grande e masculina, com os nós dos dedos de uma forma estranha por causa das pancadas violentas ao longo de anos e anos, presumi. Os dedos eram compridos, as unhas estavam cortadas curtas e tinha uma cicatriz comprida a atravessar as costas da mão esquerda.

Levantei uma sobrancelha ao ver aquilo.

Passando a ponta dos meus dedos sobre a linha recortada nas costas da sua mão, perguntei:

– O que é que aconteceu aqui?

– *Pitons* – explicou ele, olhando para as nossas mãos, juntas. – Pisadela ilegal da mão num *ruck* durante uma semifinal de clubes, há dois anos. Resultado: sete pontos e tétano.

Estremeci

– Ui!

Ele suspirou.

– Pois.

– Tens mais?

– Algumas – respondeu, olhando-me com curiosidade.

– Posso ver?

O Johnny observou-me durante algum tempo e, depois, disse que sim, lentamente, com a cabeça.

– Se quiseres...

– Quero! – respondi, porque queria manter-lhe a cabeça ocupada enquanto esperava que a ambulância chegasse.

– Já o parti tantas vezes que nem me lembro quantas foram – disse o Johnny, apontando para o nariz. – A pior de todas foi no verão passado. – Fez uma careta e acrescentou: – Tiveram de me limar o osso e voltar a parti-lo para o porem outra vez no sítio.

Arregalei os olhos.

– Outra vez no sítio?

– Sim! – Sorriu. – Fiquei com o nariz pendurado, literalmente.

– Meu Deus. – Gemi, com o estômago às voltas. – Isso é bárbaro.

– É rãguebi! – Riu-se, mas, logo a seguir, gemeu profundamente, cheio de dores.

– O que foi? – apressei-me a perguntar.

Gemeu, uma vez mais e, antes de me mostrar a cicatriz na barriga, contou-me que, aos treze anos, o apêndice lhe tinha rebentado e que, depois, quando estava a recuperar, o estômago virou-se do avesso, o que obrigou a mais uma cirurgia. Tudo isto antes de me presentear com uma interação próxima e pessoal com a cicatriz na sua barriga.

Barriga era uma palavra estúpida quando se tratava do Johnny. Era um termo demasiado suave, demasiado inocente para descrever o que ele tinha.

Os rapazes tinham barriga. Era evidente que o Johnny já não era

um rapaz. Aqueles abdominais e aquele rasto de pelos escuros, por baixo do umbigo, eram prova disso.

O Johnny inclinou-se para a frente e apontou para um pedaço de pele mais fina, de aspeto nojento, por cima do joelho direito.

– Esta deixou-me de rastos durante um verão inteiro!

– O que é que aconteceu? – perguntei. – Râguebi?

– Esta não. Esta aconteceu fora do campo, quando eu tinha dez anos! – respondeu ele. – Uns rapazes mais velhos, da minha escola, desafiaram-me a saltar de um penhasco, em Sander's Point...

– Sander's Point?

– É um sítio muito usado para mergulho, aí com uns cinco metros de altura, onde costumávamos ir depois das aulas – explicou Johnny. – Eu era um sacana de um maluco, nessa altura, tinha a mania de imitar tudo o que faziam os rapazes mais velhos, armado em Incrível Hulk. – Abanou a cabeça e sorriu, carinhosamente. – Acontece que não era e tenho as radiografias e uma semana no hospital para o provarem.

– Meu Deus! – disse – Só tinhas dez anos! Podias ter morrido.

– Agora sou mais velho! – Riu-se. – Mais difícil de quebrar!

– Sim! – Apertei-lhe a mão com força. – Pois és!

O Johnny mostrou-me mais algumas das suas feridas de combate, rindo-se sempre que eu gemia ou me engasgava.

A conversa parecia estar a distraí-lo das dores e fiquei contente. Os seus ombros já não estavam tão tensos e, quanto mais falávamos, mais a tensão dele se evaporava.

– Ah! E fracturei o malar, quando tinha catorze anos. – Aproximou a cara da minha. – Estás a ver, aqui? – Apontou para uma frágil linha que lhe atravessava o ponto mais alto da face. – Agora, já quase não se vê, mas isto doeu-me como o caraças!

– Ah, sim! – disse eu, pensativa, a olhar para a cicatriz. – Nunca tinha reparado nela! – Olhei para a testa dele. Incapaz de me conter, levantei a mão e passei o polegar pela sua sobrancelha. – Porque é que isto está sempre a sangrar?

– Não teve hipótese de se curar! – explicou ele, mantendo-se completamente imóvel enquanto eu lhe tocava de uma forma inadequada. – Vai fechar, quando a época acabar.

– Ah! – sussurrei, procurando-lhe mais vestígios de feridas no

rosto.

Quando os meus olhos voltaram a encontrar os dele, percebi que estava a observar-me, com os seus olhos azuis-escuros fixos nos meus.

– O jogador do Royce magoou-te? – Inclinei a cabeça para o sítio onde a toalha estava enrolada na coxa dele. – Foi por isso que desmaiaste?

O Johnny disse que sim, com a cabeça.

– Posso ver? – perguntei-lhe, numa voz tão baixa que era pouco mais do que um sussurro.

Ele ficou tenso.

– Por favor?

Abanou a cabeça, lentamente.

– Shannon, não acho que seja boa ideia!

– Por favor! – repeti, olhando-o com nervosismo. – Sei que tens aí uma ferida e já me mostraste as outras!

– É horrível, Shannon! – respondeu ele, tenso. – Acredita, não vais querer ver!

– Confia em mim – sussurrei. – Eu não vou contar a ninguém!

Olhou-me durante um longo momento, com os olhos fixos nos meus, e depois respirou fundo. Deixou cair as mãos ao lado do corpo, mas não fez qualquer movimento para me mostrar.

– Posso? – perguntei.

Ele fechou os olhos e concordou com a cabeça, tenso.

Percebi que ele estava a dar-me licença para fazer o que quisesse.

A tremer, levantei a toalha e olhei para o que parecia ser uma cicatriz recentemente cosida, na parte interna da coxa direita. A coxa estava inchada, roxa e a cicatriz tinha um aspeto irritado e estava parcialmente escondida pelo tecido dos boxers.

– Oh, meu Deus, Johnny! – exclamei, deslizando do banco para o chão, para ver melhor.

– Não me magoes! – pediu ele, num tom dolorosamente vulnerável.

– Não, não – prometi.

Ajoelhei-me entre as suas pernas e esperei que ele me desse luz verde.

Assentindo, o Johnny inclinou-se para trás e fechou os olhos, com a mandíbula bem cerrada.

Suavemente, levantei o tecido, para poder ver o ferimento. A coxa dele era peluda, com exceção de uma mancha de pele de cerca de quinze centímetros. E esse pedaço de pele de quinze centímetros, em particular, estava inchado, com um aspeto irritado e uma horrível cor amarelo-acastanhada.

– Está a deitar um líquido – sussurrei, passando os dedos sobre o rasto irregular e acidentado onde o tinham cosido. Os pontos frágeis, mal cicatrizados, tinham sido claramente rasgados pela bota do jogador do Royce que lhe tinha acertado na virilha. O pus que escorria da ferida tinha uma cor amarelo-avermelhada. – Johnny, isto está mau!

– Eu sei – disse, com os olhos ainda fechados. – O médico disse-me! Delicadamente, percorri a cicatriz e as nódoas negras circundantes com os dedos.

– Dói, quando te toco assim?

– Dói – respondeu ele, com um tom rouco.

Respirando fundo, acariciei-lhe a coxa e lutei contra a vontade de lhe dar um beijo na ferida.

– Por uma razão completamente diferente – disse ele.

E foi então que reparei no que estava a fazer, no que tinha estado a fazer durante o último minuto. Estava sentada, de joelhos, entre as pernas dele, acariciando-lhe a parte interna da coxa, tentando aliviar-lhe a dor. Os meus olhos foram para a zona de perigo e fiquei com a boca seca.

Por isso é que as pessoas se referiam àquilo como «montar a tenda». Eu não tinha a certeza de que essa afirmação se aplicasse a este género de adolescente em particular, porque o Johnny não estava apenas a montar uma tenda com aqueles calções, estava a montar uma marquise.

Gemendo baixo, ele afastou a minha mão e tentou fechar as coxas, mas eu impedi-o.

Eu *impedi-o*.

– Não! – murmurei, com uma voz ofegante e suave.

Sentia o calor do seu olhar na minha cara.

Ele tentou fechar as pernas, novamente, e eu abanei a cabeça.

Agora, estava de olhos abertos, as pupilas escuras e dilatadas.

– O que é que estás a fazer? – sussurrou ele, mordendo o inchado lábio inferior.

Eu não sabia o que estava a fazer. Não sabia em que estava a pensar.

Não conseguia falar. Mal conseguia respirar.

Estava a perder a cabeça, ali, de joelhos, no meio de um balneário, em Dublin. E a culpa era toda dele.

Um lapso temporário de sanidade fez-me inclinar para a frente e beijar-lhe a coxa. O Johnny gemeu.

– Shannon, por favor!

Beijei-o de novo.

– Foda-se! – disse ele, com as pernas a tremer. – Não posso...

Quando o beijei, pela terceira vez, ele agarrou-me no cabelo e puxou-me para perto da cara dele.

– Shannon! – gemeu, soando ao mesmo tempo doloroso e sem fôlego, enquanto encostava suavemente a sua testa à minha. – Não podemos.

Silenciei o que quer que ele estivesse prestes a dizer, pousando os meus lábios nos dele. E, tal como já tinha acontecido antes, ele transformou-se em pedra.

– Desculpa! – exclamei, recuando. – Voltei a fazer a mesma coisa.

– Está tudo bem – disse-me ele, respirando com dificuldade, tal como antes.

– Não, não, não – disse eu, levantando-me e correndo para a porta. – Estás ferido! Estás à espera de ir para o hospital, por amor de Deus, e eu só... Oh, meu Deus! Peço imensa desculpa!

– Shannon, espera! – gritou o Johnny ao mesmo tempo que procurava a sua muleta. – Espera!

Não fiquei à espera. Desta vez, fiz o que devia ter feito antes. Afastei-me do Johnny Kavanagh.

Apressei-me a chegar à porta e puxei-a, para a abrir. Abriu-se uns quatro centímetros e voltou a fechar-se, sem dúvida, por causa da enorme mão que a pressionava.

– Espera! – ordenou ele, ficando tão perto de mim que conseguia sentir o seu peito a subir e a descer contra o meu pescoço.

Com o coração a martelar-me no peito, virei-me e olhei para o

Johnny, enquanto ele me prendia com o seu grande corpo.

– Peço imensa desculpa – sussurrei, incapaz de tirar os meus olhos dos seus. – Eu só... – Abanando a cabeça, respirei atabalhoadamente e sussurrei: – Não devia ter feito aquilo!

Ele abanou a cabeça e usou a muleta para se aproximar, encostando o seu corpo contra o meu.

– Eu também – respondeu ele, com o olhar a passar dos meus olhos para a minha boca.

– Porque é que estás a pedir desculpa? – perguntei, a tremer da cabeça aos pés.

Com a mão livre, agarrou-me na cara e puxou-me o queixo para cima.

– Porque eu não devia fazer isto – sussurrou.

E, então, beijou-me.

Quando os seus lábios se encostaram aos meus, senti uma explosão de calor percorrer-me o corpo, acendendo-me uma deliciosa dor ardente na barriga. Incapaz de pensar, quanto mais de respirar, fiz a única coisa que podia fazer, dadas as circunstâncias: estiquei-me, agarrei-lhe os braços e também o beijei.

Era o meu primeiro beijo a sério, sem contar com o desastre no quarto dele, e eu não fazia ideia do que estava a fazer.

Só sabia que não queria que ele parasse.

Quando senti uma das suas mãos descer-me pelo braço e pousar na minha anca, perdi a cabeça. Perdi completamente a noção de tudo.

A tremer, incontrolavelmente, encostei as costas à ombreira da porta e deixei que as minhas ancas se aproximassem dele.

Sentia-me a afogar nos meus sentimentos, que me trespassavam como uma bola de demolição.

Quanto mais ele me beijava, mais o meu corpo tremia incontrolavelmente.

Mais eu queria.

Gemi na boca dele quando senti a ponta da sua língua a tocar-me no lábio inferior. Percebendo que ele estava à espera de que eu abrisse a boca, entreabri os lábios e sustive a respiração, quando senti a sua língua entrar na minha boca. Gentilmente, ele tocou com a sua língua contra a minha, em movimentos lentos e pacientes.

Oh, meu Deus. Oh, meu Deus.

Eu estava a beijar o Johnny Kavanagh.

O Johnny Kavanagh estava a beijar-me. Ele tinha a língua na minha boca, a mão no meu cabelo e o meu coração no seu bolso.

Aquilo era...

Aquilo era...

Tudo o que eu nunca tinha esperado e mais ainda.

Insegura, tentei esticar a língua e acariciei a dele.

O Johnny retribuiu-me com um murmúrio baixo, de aprovação, que veio de algures, do fundo do seu peito.

A tremer, envolvi-lhe a cintura com os braços e puxei-o para mais perto de mim, sem ter a certeza do que estava a fazer, mas sabendo que o meu corpo precisava de *mais*.

A minha confiança crescia a cada roçar dos nossos lábios, a cada duelo de carícias das nossas línguas, até eu estar a gemer, nos seus braços, balançando o meu corpo contra o dele, com impaciência, enquanto procurávamos, desajeitadamente, o banco mais próximo.

Como é que aquilo estava a acontecer? Porque é que aquilo estava a acontecer?

Eu não sabia. Não sabia e não queria saber.

O Johnny cambaleou e deixou-se cair, com força, no banco de madeira. O impacto provocou-lhe um gemido de dor, mas nunca tirou os lábios dos meus, enquanto atirava a muleta para longe e me puxava para o meio das suas pernas. As suas mãos passaram do meu rosto para a minha cintura, agarrando-me com força, e o movimento fez com que um gemido me saísse da garganta. Respondeu ao meu gemido de prazer surpreendido com um murmúrio de aprovação.

– Estás bem? – perguntei, contra os seus lábios, enquanto me agarrava aos seus ombros.

– Continua a beijar-me – pediu. – Quero-te tanto!

Tremi violentamente.

– Queres?

– Muito mesmo! – gemeu, contra os meus lábios, e, de repente, as mãos dele estavam nas minhas coxas, os seus dedos a subirem-me pela saia, até às ancas, a puxar-me para o seu colo, encorajando-me a sentar-me sobre ele.

Por causa do ferimento, pus uma perna de cada lado das pernas dele, sentando-me ao seu colo, mantendo o meu peso sobre ele, e agarrei-lhe o belo rosto entre as minhas pequenas mãos e beijei-o com toda a minha alma.

O Johnny estremeceu com o meu toque, mas não parei.

Não conseguia parar.

Queria tocar-lhe na cara. Queria tocar-lhe em todo o lado.

– Estou a fazer isto bem? – perguntei, contra os seus lábios, sentindo-me completamente inexperiente.

– Mais do que bem – garantiu-me ele, reclamando a minha boca, mais uma vez.

– Este foi o meu primeiro beijo – gemi contra os seus lábios.

– És perfeita – disse ele, enchendo-me a boca com a sua língua quente.

Voltámos a mergulhar num beijo profundo e viciante e deixei-me relaxar e absorver as sensações que me percorriam.

Ele sabia tão bem.

Os seus lábios eram tão macios. O seu corpo tão duro. O seu cheiro tão bom. O seu sabor tão doce.

Estava a *afogar-me* em sentimentos.

Incapaz de me conter, passei uma mão pelo seu cabelo molhado e agarrei-o.

Ele recompensou a minha coragem com um gemido, enquanto me agarrava nas ancas e me encaixava no seu colo, empurrando as suas ancas para cima. Ofegando contra a boca dele, deixei-me levar, demasiado consumida pela sensação inebriante e deliciosa do seu corpo pressionado contra o meu para pensar que aquilo podia estar a magoá-lo.

Era evidente que ele estava a gostar.

Conseguia sentir o prazer dele ao roçar-se contra mim.

Aninhado entre as minhas pernas, o Johnny não insistiu mais. Só continuou a beijar-me, com movimentos quentes e rápidos da sua língua, consumindo-me apenas com a sua boca. Estava a deixar-me o corpo completamente quente e dorido.

Perdi totalmente o controlo, em busca de mais contacto, continuei a beijar-lhe boca e afundei-me mais no seu colo.

O Johnny gemeu, entre os meus lábios, e fiquei em pânico, lembrando-me subitamente do seu ferimento.

– Estou a magoar-te? – perguntei-lhe, contra os seus lábios.

– Só se parares! – Pôs a mão na minha nuca e aprofundou o beijo.

Acho que estou apaixonada por ti.

Acho que estou completamente apaixonada.

Por favor, não me magoes. Por favor, nunca me magoes.

A minha cabeça estava cheia de pensamentos loucos, induzidos pelo desejo, todos dirigidos ao Johnny. Não conseguia impedir-me de cair no precipício do suicídio emocional.

Estava a morrer de desejo por ele. Eu precisava daquele rapaz.

Estava desesperada por ele. Tinha dores e anseios e admitia-o agora, com a mente aberta e o coração vulnerável.

Quanto mais eu me movia contra ele, mais ele me encorajava a mover-me, puxando-me as ancas, fazendo com que os nossos corpos se juntassem.

Estava tão envolvida no nosso beijo que não ouvi a porta do balneário a abrir e fechar e só vagamente me apercebi de alguém a aclarar a garganta.

De repente, ouvi a voz do treinador Mulcahy a dizer:

– Vejo que estás a sentir-te melhor!

Só nesse momento é que a realidade se abateu sobre mim, com um tremendo choque.

– Foda-se! – murmurou o Johnny, na minha boca.

Assustada, interrompi o beijo e tentei sair do colo dele.

Tentar é a palavra certa, porque o Johnny agarrou-me na mão e puxou-me para ele. Quando ele baixou a mão e me compôs a saia, puxando-a para baixo, quase morri de vergonha.

– Comportamento inapropriado no recinto escolar, Kavanagh! – sentenciou o treinador Mulcahy, lançando-nos olhares de reprovação.
– Que raio se passa contigo?

O meu olhar pousou em dois paramédicos, que estavam atrás do treinador, com um ar muito divertido, e não consegui evitar um soluço.

– Não estamos no recinto da escola, sir! – respondeu o Johnny, calmamente, enquanto me fazia sentar ao seu lado.

– Estão em horário escolar – disse o treinador.

– De facto, não estamos! – contra-atacou o Johnny, pegando-me na mão.

Fiquei incrivelmente agradecida pelo seu toque, naquele momento. Foi estabilizador e reconfortante e impediu-me de vomitar de ansiedade. Coisa que era muito habitual em mim.

– São nove e meia da noite... – acrescentou o Johnny, com um encolher de ombros. – Muito depois do horário escolar.

– É um comportamento inadequado! – insistiu o treinador, lançando-nos um olhar furioso. – Não me venhas com tecnicismos. Têm ambos menos de dezoito anos. – Visivelmente furioso, acrescentou: – Vou ter de comunicar isto ao Mr. Twomey e aos vossos pais!

– Oh, meu Deus! – gemi, em pânico. – Por favor, não conte!

– Um beijo? – O Johnny riu-se, apertando-me a mão, que estava a tremer. – Vai denunciar a merda de um beijo? – Forçou o riso. – Dê uma volta pelo corredor do autocarro, treinador. De certeza que vai encontrar coisas bem piores do que beijos.

– É uma aluna menor que estava sozinha com um colega menor, num balneário! – respondeu o professor, com firmeza. – Numa posição extremamente comprometedora. – O treinador virou-se, então, para mim. – É esse o tipo de reputação que quer começar a ter em Tommen, Miss Lynch? – perguntou. – Quer ser uma dessas raparigas?

As lágrimas vieram-me aos olhos e abanei rapidamente a cabeça.

– Ei, não fale com ela assim! – protestou o Johnny, inclinando-se para a frente, protegendo-me da vista do Mr. Mulcahy.

– Vá lá, Johnny! – resmungou o treinador, impaciente. – Pensa no que é que isto parece!

– Estou-me a cagar para o que parece! – disse o Johnny. Pôs-se de pé, mas cambaleou e desequilibrou-se, caindo no banco, a gemer com dores. – Não fale assim dela! – disse, com as narinas a dilatarem-se. – Ninguém fala assim dela!

– Olha para ti! – disse o treinador, apontando para a parte inferior do Johnny. – Olha para o estado em que estás!

O Johnny não olhou, mas eu olhei.

Olhei e não consegui evitar um gritinho esganiçado, ao ver aquilo.

O sangue escorria do sítio onde o jogador do Royce lhe tinha acertado, com os *pitons* da bota.

– Johnny! – gritei, pegando-lhe novamente na mão.

Oh, meu Deus, ele estava com a mão a tremer.

Virei-me para olhar para ele.

O Johnny estava todo a tremer. O rosto contorcido de dor.

Estava a tremer da cabeça aos pés.

– Estás ferido, miúdo! – disse o treinador. – Estás a ouvir-me? O teu corpo está a cair aos bocados e tu estás aqui, armado na porra de um *eejit*, com uma rapariga!

– Vamos lá, acalmem-se todos! – ordenou um dos paramédicos, dirigindo-se ao Johnny e ajoelhando-se à sua frente. – O que é que temos aqui, rapaz?

– Já disse ao médico! – disse o Johnny, tremendo violentamente.

– Faz-me a vontade! – pediu o paramédico.

– Rutura do adutor. – Respirando fundo, o Johnny recostou-se e fechou os olhos. – Fui operado no dia 20 de dezembro – explicou, parecendo completamente derrotado. – Ainda não sarou.

– Porque não deu ao corpo a hipótese de se curar – disse o treinador. – Um colega de equipa e amigo dele disse-me que nos tem andado a esconder esse assunto.

– Como se se importasse! – ripostou o Johnny, com os olhos a brilhar de fúria. – Tem os seus troféus e a sua final assegurada, não tem?

– Claro que me importo, idiota! – gritou o treinador. – Importo-me contigo e muito, embora não saiba porquê.

– Temos a informação de que ficou inconsciente, durante vários minutos, durante um jogo de rãguebi? – perguntou a paramédica, tomando notas.

– Por causa da dor – admitiu o Johnny, com rispidez. – Não houve qualquer pancada na cabeça.

– Por agora... – disse o treinador. – Mas ainda vais a tempo!

– Tente, porra! – respondeu o Johnny, desanimado. Inclinou ligeiramente a cabeça, ao levantá-la, ainda a tremer.

– Ei, ei, está tudo bem! – sussurrei, segurando-lhe no rosto, para o acalmar. – Tu estás bem!

Ele abanou a cabeça, outra vez, os olhos pareciam ligeiramente vidrados antes de se concentrarem em mim.

– Desculpa – disse ele, com a voz um pouco arrastada.

– Porquê?

– Por não... – fechou os olhos e gemeu de dor – te ter beijado naquele dia.

– Não te preocupes com isso – sussurrei, agarrando-lhe a cara entre as minhas mãos. – Não penses nisso agora, está bem?

– Eu queria – gemeu ele, fechando os olhos, enquanto um enorme arrepio lhe percorria o corpo. – Juro!

– Johnny, está tudo bem – disse eu, pestanejando, para suster as lágrimas.

Ele parecia estar a sofrer tanto que eu mal conseguia aguentar.

– Ele precisa de ir para o hospital – disse o treinador, num tom preocupado. – Análises ao sangue. Radiografias. Exames. Não liguem ao que ele vos disser. Este sacana nunca diz nada, quando tem um problema.

– Compreendido! – disse a paramédica que tinha a prancheta.

– Ele tem contrato com a Academia Irlandesa de Râguebi – acrescentou o treinador, esfregando a mão na cara. – A ficha clínica dele está em Cork, mas ele tem de ser muito, muito bem tratado.

– Entendido! – respondeu o paramédico. Virando-se para o Johnny, piscou o olho. – Não és o primeiro jogador da Academia que eu trato.

– Acho que é melhor a tua namorada ir lá para fora, Johnny! – sugeriu a paramédica.

Em resposta a esse pedido, o Johnny apertou-me a mão ainda com mais força.

Meu Deus, ele estava a tremer tanto que o meu corpo todo vibrou, com aquele contacto.

– Sim – concordou o treinador, assentindo e voltando a atenção para mim. – Miss Lynch, sugiro que vá ocupar o seu lugar no autocarro – disse ele, mandando-me embora.

– Estás bem? – perguntei, virando-me para olhar para o Johnny.

Não me parecia bem. Parecia um animal encurralado. Ferido e desesperado.

Ficou a olhar para mim, durante um longo momento, com os olhos

azuis agitados pela ansiedade, depois disse que sim com a cabeça, resignado, e largou-me a mão.

– Fico? – sussurrei, sem saber se devia deixá-lo ou não. – Ou espero lá fora?

Não me parecia bem deixá-lo. Na verdade, parecia-me tudo errado.

– Eu fico bem! – disse o Johnny, piscando-me o olho antes de gemer de dor quando o paramédico lhe tocou na coxa. – Foda-se!

– Rua, Miss Lynch – disse o treinador, empurrando-me para a porta.

– Posso ir com ele? – ouvi-me perguntar. – Por favor?

– Podes voltar para o autocarro, como já te disse! – ordenou. – Agora, sai!

Caminhei em direção à porta a sentir vergonha, culpa e responsabilidade.

– Adeus, Johnny – sussurrei, do vão da porta, contrariando a vontade de voltar a correr para ele.

Os seus olhos cheios de dor pousaram nos meus.

– Adeus, Shannon!

Eu amo-te.

Estou tão apaixonada por ti.

Por favor, fica bem.

À espera

SHANNON

– Shan? – sussurrou a Claire ao meu ouvido. – Ainda estás acordada?

– Estou – disse eu, deitada de lado, completamente imóvel, a olhar para as luzes da capital, para lá da janela.

Não me tinha mexido daquela posição desde que, juntamente com a Claire, a Lizzie, a Shelly e a Helen, tinha sido empurrada para dentro daquele quarto de hotel por uma Mrs. Moore com os nervos em franja.

As minhas colegas já tinham adormecido há muito tempo, com a Lizzie na cama de solteiro, ao lado da nossa, e a Shelly e a Helen numa cama de casal, do outro lado do quarto. Mas eu não. Não tinha pregado olho. Estava preocupadíssima.

De vez em quando, olhava para o relógio analógico que estava em cima da mesa de cabeceira. Eram cinco horas e trinta e oito minutos na última vez que tinha espreitado.

O Johnny estava algures, naquela cidade, num daqueles hospitais grandes e muito iluminados, o seu corpo a ser submetido sabe Deus a quê.

Não sabia o que estava a acontecer. Ninguém me dizia *nada*.

Não tinha o número de telefone dele e, mesmo que tivesse, não tinha telefone para lhe poder ligar.

Sentia o coração gelado dentro do peito. Sentia um medo completamente diferente de algum outro que já tivesse sentido. Estava aterrorizada por causa dele.

– Achas que a cirurgia já acabou? – perguntou a Claire.

Encolhi o ombro, sentindo-me completamente tola.

Virando-se de lado, na pequena cama de solteiro que partilhávamos, a Claire envolveu-me com um braço.

– Começaram a operá-lo por volta da meia-noite. Não foi isso que o Gerard disse?

Voltei a encolher os ombros. Não fazia ideia.

– Ele vai ficar bem, Shan – murmurou ela, apertando-me mais. – Tenho a certeza.

– Custa-me a respirar – confessei, à medida que as lágrimas começavam a cair-me pela cara abaixo. – Tenho tanto medo por ele, Claire, e sinto o corpo completamente paralisado.

– É normal – respondeu-me, esfregando-me o braço suavemente.

– É? – disse eu, combatendo a vontade de gritar. – Não sei porque é que me sinto como se estivesse a morrer. – Funguei e tentei estabilizar a respiração, desesperada por controlar as minhas emoções. – Nunca estive tão assustada, em toda a minha vida.

– Shan – disse a Claire, suavemente. – Estás assim porque te preocupas com o Johnny.

Assentindo, fechei os olhos e obriguei os músculos a ficarem tensos, para evitar que os tremores me dominassem.

– E também porque o amas.

Respirei fundo e virei-me de barriga para cima, para poder olhar para a minha melhor amiga.

– Estou tão apaixonada, Claire – confessei e desatei a chorar. – Amo-o tanto que, só de pensar que ele não está bem, sinto-me a morrer.

– O Johnny sabe o que sentes por ele?

Abanei a cabeça e chorei ainda mais.

– Não o devia ter deixado sozinho – soluzei. – Devia ter ficado com ele.

– Não podias – disse ela, num tom muito querido. – O Mr. Mulcahy nunca permitiria.

– Ele estava tão assustado, Claire – disse eu, entre soluços. – Não o viste, mas estava tão assustado. E, depois, levaram-no naquela ambulância. Eu vi-o ir. Vi-os levá-lo. E agora? Agora, não sei onde é que ele está ou se está sozinho...

– Está tudo bem – disse ela, abraçando-me com força. – Está tudo bem. Vai ficar tudo bem.

– E se lhe acontece alguma coisa? – soluzei, agarrada a ela como se me agarrasse à vida. – E se corre alguma coisa mal na sala de operações...

– Não – interrompeu-me num sussurro. Ele vai ficar bem...

Alguém bateu suavemente à porta, o que me assustou e fez com que ambas nos sentássemos na cama, de um pulo. Olhei para as minhas outras três colegas, que continuavam a dormir, e depois para a Claire.

E ela devolveu-me o olhar, de olhos arregalados.

– Meninas – chamou uma voz abafada, mas conhecida, do outro lado da porta. – Deixem-me entrar.

A Claire levantou uma mão, pedindo-me para ficar quieta e, depois, sem fazer barulho, saiu da cama e foi até à porta, em bicos dos pés.

– Gerard? – murmurou, com o ouvido encostado à porta.

– Sim, bebé, sou eu – disse a voz do Gibsie, do outro lado da porta.

Graças a Deus.

Quando a Claire abriu a porta, saí da cama, a correr, e fui ter com ela. Ficámos ambas a pestanejar porque as luzes do corredor nos cegavam.

– Olá – disse o Gibsie, de pé, à porta, embrulhado num casaco e com um boné na cabeça. – Pensei que podiam estar acordadas.

– O que é que aconteceu? – perguntou-lhe a Claire. – Sabes alguma coisa?

– O Johnny está bem? – perguntei. – A cirurgia já acabou?

– Falaste com os pais dele? – perguntou a Claire. – A mãe está com ele?

– Ele está bem? – repeti, em voz um bocadinho mais alta.

– Credo! Uma de cada vez, meninas – murmurou o Gibsie, dando uns passos no corredor e fazendo-nos sinal para o seguirmos.

Fomos atrás dele, sem hesitar.

– Acabei de falar ao telefone com o pai dele – disse o Gibsie, encostando-se à parede, pálido e exausto. – Isto não sai daqui – acrescentou, lançando-nos um olhar de aviso. – Combinado?

Ambas dissemos que sim, com a cabeça.

O Gibsie, por seu lado, abanou a cabeça, cansado.

– A cirurgia já acabou. Correu tudo bem – acrescentou, rapidamente, olhando para mim. – O teu rapaz está bem, Shannon. Respira.

– Graças a Deus – disse eu, levando a mão ao peito.

Senti-me invadida por um alívio tão grande que tive de dar uns passos atrás e encostar-me à parede oposta.

– Quando o abriram, descobriram uma enorme aderência no sítio onde o operaram ao adutor, no Natal – explicou. – Parece que a coisa era bastante má.

– Má, como? – murmurei, novamente em pânico.

O Gibsie fez uma careta.

– O pai disse-me que estava a bloquear-lhe o cordão espermático ou outra coisa qualquer, igualmente horrível e catastrófica. – Encolheu os ombros e acrescentou: – Podia ter-lhe prejudicado seriamente a possibilidade de, no futuro, vir a ter filhos.

– Era por causa disso que tinha tantas dores? – perguntei, devastada por saber que o caso era tão grave. – Ah, meu Deus...

– Não só – disse o Gibsie, com um suspiro. – Também tem uma infeção grave na perna e o John, pai, disse que tiveram de lhe fazer uma coisa que se chama cirurgia concomitante, porque o Johnny tinha uma coisa que é pubalgia atlética, que não apareceu nos últimos exames médicos que ele fez.

– Que raio é isso? – perguntou a Claire.

– Eu sei lá, fofinha – respondeu-lhe o Gibsie. – Não sou médico, não faço ideia de que porra é aquela, só sei que o estava a deixar incapacitado.

– É uma hérnia desportiva – murmurei, lembrando-me de ter lido aquilo num livro escolar.

– Isso é grave, não é? – perguntou a Claire.

– Dá umas dores excruciantes – disse eu, empalidecendo ao pensar nas dores que o Johnny deve ter tido nos últimos meses. – Ele deve ter tido tantas dores a jogar.

O Gibsie assentiu, com uma careta.

– Os médicos disseram ao pai que nem sabem como é que ele conseguia andar, quanto mais jogar rãguebi.

– Ele está acordado? – perguntou a Claire, esperançosa.

O Gibsie abanou a cabeça.

– Não, ainda está no recobro. Está muito sedado, não vai dizer coisa com coisa tão cedo.

– Vais lá vê-lo? – perguntei.

– Claro, porra! Claro que vou vê-lo – resmungou o Gibsie. – E tu vens comigo.

– Eu?

– Sim, tu, Shannon – respondeu o Gibsie. – Ele quer ver-te.

– Quer?

Ele disse que sim com a cabeça.

– Vai-te vestir. Vou chamar um táxi.

– E o Mr. Mulcahy? – perguntou a Claire, preocupada. – Ele e a Mrs. Moore disseram que não tínhamos autorização para sair dos quartos.

– O treinador que se foda – respondeu o Gibsie, sem hesitar. – O meu melhor amigo está numa cama de hospital, bebé.

– Gerard, só são seis da manhã – insistiu a Claire, preocupada. – Não quero que te metas em sarilhos... – Fez uma pausa e olhou para mim. – Nenhum de vocês.

– Usando as palavras do eternamente grande Freddie Mercury: *Don't stop me now* – respondeu-lhe ele. – Volta para a cama e eu mando-te uma mensagem, daqui a pouco.

– Shannon, não vás – pediu a Claire, voltando-se para mim, preocupada. – Se fores apanhada e disserem ao teu pai...

– Vou! – disse eu, interrompendo-a antes de ela ter tempo de acabar a frase.

Eu sabia o que aconteceria. Mas também sabia que era inevitável e que aconteceria de qualquer maneira. Eu estava ali, em Dublin, quando devia estar em casa. O meu pai ia matar-me, fosse como fosse.

Eu *tinha* de ir.

Apressei-me a voltar ao quarto, vesti rapidamente o uniforme, o que não foi nada fácil, no escuro e com as minhas colegas a dormirem, e voltei, o mais depressa que pude, ao corredor onde a Claire e o Gibsie ainda estavam a discutir.

– Tens de tomar conta dela, Gerard Gibson, ouviste? – sibilava-lhe ela. – Não a deixes sozinha, nunca. E, se forem apanhados, assumes a responsabilidade toda, OK? Não sei como vais fazer, mas hás de inventar qualquer coisa, ela é que não pode ter culpa nenhuma nisto...

– A Shannon – disse o Gibsie, batendo no ombro da Claire para a

avisar de que eu tinha voltado e podia ouvir o que eles estavam a dizer.

– Então? – disse eu, alisando o casaco.

– Pronta para fugires da prisão? – perguntou ele, sorrindo.

Olhei para a Claire, que estava a morder o lábio e a abanar a cabeça, preocupada, e depois voltei-me para o Gibsie.

Obriguei-me a afastar da cabeça a imagem do meu pai, respirei fundo e assenti.

– Pronta!

Procura a miúda

JOHNNY

Quando abri os olhos, estava num quarto escuro e havia apitos de monitores. Sem saber onde raio estava, entrei em pânico e comecei a arrancar os fios que tinha presos ao peito e aos braços. Também tinha uns metidos no nariz e comecei a puxá-los para os tirar.

Sentia as mãos estranhas... como se não me pertencessem. E com a cabeça era igual.

Os meus olhos moviam-se com vontade própria. A sério, não os conseguia controlar.

Tentei focar-me, esforcei-me por perceber o que havia à minha volta, mas os meus olhos continuavam a imparáveis e o quarto andava às voltas.

Estava pedrado? O Gibsie tinha-me dado alguma coisa?

Aquele sacana...

– Johnny... está tudo bem, filho – a voz do meu pai vinha de ali perto. – Não puxes os fios. Vais magoar-te.

– Pai?

– Estou aqui, filho.

Chegou-me aos ouvidos o som de uma cadeira a arrastar nos ladrilhos.

– Pai – disse eu, acalmando-me ao sentir o calor da mão dele sobre a minha. – Onde é que estou?

Não o conseguia ver, mas sabia que estava ali perto. A voz dele estava ao pé do meu ouvido e isso fazia-me sentir seguro. Tocou-me com a mão na testa e puxou-me o cabelo para trás, como costumava fazer quando eu era pequeno.

– Estás no recobro, filho.

Estava? Valha-me Deus!

Lembrei-me vagamente de estar numa ambulância, a caminho do hospital.

Estava tudo desfocado. E sem dores. Eu não tinha dores.

Nada.

– Foste operado, filho – explicou o meu pai.

– Porra! – exclamei. – Ainda tenho a pila no sítio?

– Tens. – O meu pai riu-se, baixinho.

– E os meus tomates?

– Também estão no sítio – respondeu-me. – Tudo em ordem e a funcionar.

Respirei fundo.

– Graças a Deus.

– Lembras-te do jogo de ontem? – perguntou-me. – Ficaste mal, filho.

– Lembro-me da miúda – disse eu. – Porque é que está tudo escuro?

– Porque devias estar a dormir – disse o meu pai. – São seis da manhã. Ainda está escuro, lá fora.

– Então, não há luzes em lado nenhum? – perguntei, confuso. – Desapareceram todas?

Ouvi-o rir-se baixinho.

– Não vai haver luzes durante mais umas horas, Johnny.

– Tens a certeza de que a minha pila ainda está cá? – Mexi os pés, que não cooperaram. – Gosto muito da minha pila, pai. Vou chorar se ficar sem ela.

– A maior parte dos rapazes gosta muito dessa parte da sua anatomia, Johnny. – O meu pai deu uma gargalhada. – Garanto-te que tens a tua aí.

– Vê por mim – murmurei, a sentir-me muito zozinho. – Só para ter a certeza.

Ouvi o meu pai suspirar e depois senti os lençóis a serem levantados.

– Está tudo aí, rapaz – garantiu e voltou a tapar-me.

– Mas já não funcionam, pai – lamentei-me, sentindo-me completamente devastado. – Dei cabo disso.

– Os médicos já arranjam isso tudo – disse o meu pai. – Já está tudo a funcionar, outra vez.

– Já consigo levantar a pila?

– Já, Johnny. – Riu-se. – Daqui a umas semanas, já a podes levantar à vontade.

– Sinto um nevoeiro na cabeça, pai – murmurei. – Estou cheio de calor e de formigueiros... e sinto-me zozinho.

– É da medicação, Johnny. Deixa-te sonolento – disse-me. – Volta a dormir, daqui a pouco já te sentes melhor.

– Como é que ele está? – perguntou uma voz que me era familiar, ao mesmo tempo que vi um rapidíssimo clarão de luz e ouvi uma porta a fechar-se.

– A falar pelos cotovelos – respondeu o meu pai à voz.

– Ah, deve ser da morfina – disse a voz, cada vez mais próxima. – Tente que ele durma. Volto daqui a uma hora, para o observar.

– Pai, há uma miúda – disse eu, quando ouvi a porta voltar a fechar-se.

– Sim, Johnny – disse o meu pai. – Era a enfermeira.

– Não, não, não – disse eu, abanando a cabeça. – Há uma rapariga, pai.

– Onde, filho?

– Está no autocarro – consegui dizer. – Tens de a encontrar.

– Não há rapariga nenhuma, filhote – disse o meu pai. – Nem autocarro. Isso é da morfina.

– Oh, porra – disse eu. – Estou a morrer?

– Não, Johnny, não estás a morrer.

– Graças a Deus – resmunguei. – Quero voltar a ver aquela miúda.

– OK, Johnny. Agora, acalma-te.

– Não, não, não, pai, a sério – insisti. – Acho que a amo.

– Bom, quem é ela?

– É um rio – suspirei e fechei os olhos. – Estou com ela, pai.

– OK, filho – disse o meu pai. – Estás com ela.

– Ela faz o meu coração, tipo, uau.

– A sério? – perguntou-me, pensativo.

– Muito, pai. – Suspirei. – Bum, bum, bum. – Abanei a cabeça. – Sempre.

– Está acordado? – ouvi a voz da minha mãe a dizer, seguida de outro clarão de luz e do som de uma porta a fechar-se.

– É o que parece. – O meu pai riu-se.

– Johnny, querido, é a mãe.

– Mãe – disse eu, sentindo a mão da minha mãe na minha cara. – Não estejas chateada.

– Não estou nada chateada – soluçou. – Podias ter morrido.

– Está a chorar, pai? – perguntei eu e enxotei qualquer coisa que me tocou no nariz. – É porque eu fiz sexo. – Sorri e acrescentei: – Muito sexo. – Ri-me e o som do meu próprio riso pareceu-me muito divertido. – Estou a brincar, mãe... nada de passarinhas.

– Edel, querida, ele está a delirar – ouvi o meu pai dizer. – Daqui a umas horas, não se vai lembrar de nada disto. É melhor guardares o sermão para quando ele estiver mesmo bem.

– O sermão – disse eu, muito alto. – A porcaria dos sermões.

– Johnny, querido...

– O sexo é uma coisa linda – disse eu. – Quando é entre duas blá-blá-blá.

A minha mãe riu-se.

– Afinal, ouves o que eu te digo.

– Mãe! – exclamei. – Tu conheces a miúda!

– Qual miúda, querido?

– A minha miúda. – Bati com a mão no nariz e cocei, cocei, cocei.

Não queria saber de mais nada, só sabia que estava a sentir-me mesmo muito bem.

– Vês, pai? – Bati no peito. – Bum, bum, bum.

– De que é que ele está a falar, John?

– Só Deus sabe – respondeu o meu pai, muito divertido. – Mas há anos que não me divertia tanto.

– A minha pila já funciona, mãe – disse eu, a rir. – O pai viu. E os meus tomates estão cá.

– Ai, Jesus – murmurou a minha mãe.

– Tudo OK – disse eu e apertei os lábios. – Ela tem dezasseis e eu... – bati com a mão na testa. – Dezassete.

– O que é que estás para aí a dizer, Johnny?

– Do bocadinho, mãe – respondi. – Falta pouco.

– O bocadinho de quê, querido?

– Não vai ser preciso esperar muito. – Suspirei. – Ainda bem, porque estou apaixonado.

– Estás apaixonado.

Assenti, muito feliz.

– E ela é um rio.

– Bem, isso é... lindo, filhote – disse a minha mãe, parecendo-me confusa. – Muito bem.

– O meu barco vai navegar no rio dela – disse eu, a sorrir. – O barco da minha pila.

– Não podem pô-lo a dormir outra vez? – murmurou a minha mãe.

– Vou ter um ataque cardíaco, com esta conversa.

– Está tudo bem, mãe – disse eu. – Eu vou ficar com ela. Vou fazer os meus bebés todos com ela porque os meus tomates já funcionam... e o pai disse que agora já consigo levantar a pila. Uau!

– John! – disse a minha mãe, ofegante. – O que é que estiveste a dizer ao teu filho?

O meu pai deu uma gargalhada.

– Ele tem dezassete anos, Edel. É claro que era a primeira coisa que ia perguntar depois de uma cirurgia destas.

– Meu adorado Jesus! – lamentou-se a minha mãe.

– E vou comprar-lhe um anel... e um cão... e um barco à vela... e vou olhar para as mamas dela, porque posso. – Suspirei, feliz. – Ela tem umas mamas fantásticas, pai.

– Truz-truz – disse uma voz conhecida, seguida de mais luz e de mais portas a fecharem-se. – Como está o doente?

– Gerard – disse a minha mãe, alegremente.

– Gibbs! – chamei, passeando os olhos pelo quarto à procura do meu melhor amigo, mas sem conseguir ver nada. – Gibbs, meu. Que porra de droga é que me deste, pá?

– Ele está... muito sedado, Gibbs – explicou o meu pai. – Não lighes a nada do que ele diz.

– A sério? – O Gibbsie riu-se. – Então, meu, que tal vai isso?

– Consertaram-me a pila, Gibbs. – Com muito esforço, consegui levantar o polegar. – Dias felizes.

– Uh-uh! – Aplaudiu o Gibbsie, pegando-me na mão. – Isso é a melhor notícia do ano. – Apertou-me a mão. – E sabes o que isso significa, não sabes?

– Engatar miúdas – disse eu.

– Exatamente – O Gibsie riu-se. – Assim que estiveres bom, vamos a isso.

– Meninos – protestou a minha mãe. – Gerard, não o encorajes.

– Tu percebes-me, Gibs – disse eu, feliz. – Tu é que me percebes.

– Pois percebo, meu – declarou ele, apertando-me a mão. – Ele não devia estar ainda a dormir?

– Devia – disse o meu pai, divertido. – Mas este miúdo é forte como um touro.

– Sou um touro – disse eu.

O Gibsie riu-se.

– És um touro?

Assenti.

– Com uns grandes tomates.

O Gibsie riu-se.

– Uns grandes tomates que funcionam.

– Vou usar aquele lubrificante, Gibs – afirmei eu, virando a cabeça, à procura dele. – Ei, onde é que estás?

– Estou aqui – disse ele, tocando-me na cabeça. – E vou comprar-te uma caixa daquilo quando voltares para casa.

– És o meu melhor amigo – disse-lhe, embora ele me parecesse uma almofada. – Adoro essa tua cabeçorra de bola de rãguebi.

A minha mãe gemeu.

– Oh, Johnny.

– Bom – disse o Gibsie, num tom sério. – Eu trouxe uma amiga para o ver.

– Tu és meu amigo – respondi-lhe, com um suspiro. – És o sacana do meu amigo preferido.

– Eu sei, pá – disse o Gibsie, apertando-me mais a mão. – E tu és o meu.

– Uma amiga? – perguntou a minha mãe.

– Sim, hmm, ela está ali fora.

– Encontraste-a, Gibs! – exclamei. – Obrigado, porra. Pensei que a tinha perdido.

– Encontrei, meu – disse o Gibsie, com um risinho. – Trouxe-te a Shannon.

– Shannon *como o rio* – suspirei, feliz.

– A Shannon Lynch? – perguntou a minha mãe. – É sobre ela que ele tem estado a divagar?

– É – disse o Gibsie.

– O que é que aconteceu àquilo de serem só amigos, Johnny? – perguntou a minha mãe.

– Menti – respondi-lhe. – Andei uma data de tempo a mentir.

– Oh, Johnny – disse a minha mãe, com um suspiro. – Nunca me enganaste, querido. Gosto dessa miúda.

– É minha – resmunguei. – Não podes ficar com ela.

O Gibsie deu uma grande gargalhada.

– Toda a gente sabe disso, Cap.

Voltei a cabeça, à procura do meu pai.

– Pai?

– Estou aqui – garantiu-me o meu pai, apertando-me a mão direita.

– É ela – sussurrei, tentando vê-lo, na escuridão. – A das mamas perfeitas.

– Viste-lhe as mamas? – perguntou o Gibsie.

Assenti, feliz.

– Vi.

– Quando?

– Quando ela estava a usar a minha calculadora – disse eu. – Amo-a, Gibs. Tanto. Tanto.

– Eu sei – disse o Gibsie, dando-me uma pancadinha no ombro. – *Bulldozer*.

Encolhi os ombros.

– Não me arrependo.

– Gerard, se calhar é melhor a Shannon não entrar – disse a minha mãe, num tom preocupado. – Ele está a dizer tudo o que lhe passa pela cabeça.

– Não, não, não – protestei, zangado. – Quero vê-la.

– Johnny, querido, ela pode vir ver-te quando estiveres mais...

– Shannon? – gritei, com toda a força de que fui capaz. – Shannon?

– Edel, deixa a miúda entrar – disse o meu pai, muito calmo. – Vai ficar aos berros, como um bebé, ainda deita isto abaixo.

– Shannon!

– Oh, meu Jesus, está bem! – concordou a minha mãe. – É bom que

te saibas comportar decentemente, Jonathan.

Ouvi o som de uns saltos altos a afastarem-se e depois a luz cegou-me. Durante um momento, houve apenas sussurros. E, de repente, ouvi aquelas duas palavras:

– Olá, Johnny.

– Bum, bum, bum, pai – gemi, batendo com a mão no peito. – Já está.

Não te deixo

SHANNON

– Shannon, querida – disse a Mrs. Kavanagh, ao sair do quarto do Johnny, no hospital, e ao ver-me ali, no corredor. – Que bom voltar a ver-te.

– Olá, Mrs. Kavanagh – disse eu, sentindo-me muito insegura.

Há mais de dez minutos que estava ali, no corredor, a esforçar-me para não entrar por aquela porta. Sabia que os pais dele estavam lá dentro e isso devia ter-me aterrorizado, mas não aterrorizou. Porque queria tanto ver o Johnny que me sentia com coragem para ultrapassar os meus medos.

Encostada à parede, apertei as mãos e perguntei:

– O Johnny está bem?

– Bom – disse ela, mordendo o lábio. – Neste momento, não está em muito bom estado, querida.

Oh, meu Deus.

Fiquei muito preocupada.

– Posso vê-lo? – obriguei-me a ter coragem para perguntar.

A Mrs. Kavanagh franziu a testa.

– Por favor? Não demoro nada – pedi, na esperança de que a mãe dele tivesse misericórdia do meu pobre coração. – Só preciso de o ver... hmm, quer dizer, só quero ver se ele está... bem.

Mrs. Kavanagh suspirou, depois assentiu e fez um gesto em direção à porta, convidando-me a entrar.

Com passos inseguros, entrei naquele quarto escuro, iluminado apenas pelas luzes da cidade, do outro lado da janela.

Vi logo a cama, no meio do quarto. À direita do Johnny, estava um homem sentado numa cadeira, e, à esquerda, o Gibsie, em pé. Reconheci logo o homem: era o mesmo da fotografia que o Johnny me tinha mostrado no quarto dele.

O herói.

O pai estava a agarrar a mão do Johnny, sentado mesmo à cabeceira da cama, e parecia o filho, dali a trinta anos.

Entretanto, eu estava ali, no meio do quarto, com o coração aos pulos e os olhos colados no Johnny, deitado naquela cama.

– Olá, Johnny – disse eu, numa voz que pouco mais era do que um murmúrio.

– Bum, bum, bum, pai – disse o Johnny, batendo no peito. – Já está.

As palavras dele fizeram o Gibsie rir à gargalhada, mas a Mrs. Kavanagh, que acabava de se juntar a nós, gemeu, em desespero.

– Traz as luzes, pai – disse o Johnny, arrastando as palavras. – Ilumina o mundo. Tens de ver esta rapariga.

– Johnny – disse a mãe dele, em tom de aviso. – Comporta-te.

– Quero vê-la, mãe – disse ele. – Não a consigo ver.

O meu coração deu um salto.

– Eu? – perguntei.

– Tu, sempre – disse o Johnny.

– Está muito sedado, Shannon – apressou-se a dizer Mrs. Kavanagh.

– Não lighes a nada do que ele diz.

– Hmm... – Olhei para ela e assenti, insegura. – OK.

O pai dele acendeu uma pequena luz de cabeceira, banhando o quarto num brilho suave.

Com o coração a bater muito depressa, vi o Johnny ligado a uma máquina que não parava de apitar ao lado da cama. Tinha fios ligados ao peito nu e um outro que lhe saía do braço e ia dar a um saco de soro.

Por uma vez, consegui não perder o meu olhar no peito dela e concentrei-me na sua cara, bela, magoada e cansada.

– Estás a vê-la, pai? Vês? É tão bonita! – disse o Johnny. – Eu disse.

Oh, meu Deus...

– Oh, Johnny – suspirou a mãe dele.

– Deixa-o, Edel. – O pai dele riu-se. – Neste momento, ele não se consegue controlar.

– Shannon – disse o Johnny, numa voz arrastada, parecendo muito grogue. – Ela está muito longe.

– Estou aqui, Johnny – disse eu.

– Estás aqui? – Assentiu, mais para ele próprio do que para nós. – Não me voltes a deixar.

Senti um aperto no peito e a palavra saiu-me como um pequeno sopro.

– Prometo.

Sentia-me muito desconfortável, com os pais dele ali no quarto, mas ignorei o que sentia e obriguei as minhas pernas a andarem até à cama.

– Como estás? – perguntei, encurtando o espaço entre nós e decidindo-me pelo lado da cama onde estava o Gibsie. – Estás bem?

– Aproxima-te mais – disse o Johnny, os olhos postos em mim. – Quero mostrar-te uma coisa.

– Hmm, OK.

Passei pelo Gibsie e fiquei mesmo à cabeceira da cama dele.

– Não te atrevas! – ralhou a Mrs. Kavanagh, fazendo com que eu desse um passo atrás e que o Johnny gemesse.

– Desmancha-prazeres – protestou o Johnny.

– John, entala-lhe os cobertores no colchão – pediu a mãe dele e, depois, olhou para o filho. – Não quero saber se estás muito sedado ou não, Jonathan Robert Kavanagh Jr., corto-te isso se te passar pela cabeça mostrar-lhe.

– Mostrar-me o quê? – perguntei, nervosa.

– A minha pila – anunciou o Johnny, voltando-se para olhar para mim. – Queres ver? – Sorriu-me, sedutor. – Já está completamente boa.

O Gibsie atirou a cabeça para trás e desatou às gargalhadas. O Mr. Kavanagh juntou-se a ele.

– Valham-me as lágrimas de Cristo – soluçou a Mrs. Kavanagh.

– Está completamente pedrado, Shannon – disse o Gibsie, ainda a rir. – Não diz coisa com coisa.

– Oh, não faz mal – murmurei, sentindo-me corar até às orelhas.

– Dá-me a mão – pediu o Johnny, estendendo a mão para mim.

Olhei para a mãe dele, sem saber se ela se importava que eu tocasse no filho, estando ele naquele estado.

A Mrs. Kavanagh suspirou e disse que sim, com a cabeça.

– Estava preocupada contigo – disse eu ao Johnny, pegando-lhe na

grande mão. – Pregaste-me um grande susto.

– E eu estava preocupado contigo – respondeu o Johnny, de olhos muito abertos e sinceros. – Estou sempre preocupado contigo.

Deu-me um puxão, com força, arrastando-me para a cama.

– Johnny! – disse o pai dele.

– Não faz mal – garanti a Mr. Kavanagh e, depois, tentei equilibrar-me na beirinha da cama.

Não tinha outra alternativa. Ou me sentava na beira da cama do Johnny ou deixava que ele me puxasse para cima dele, porque não me largava.

– Não sabia onde estavas – continuou a dizer o Johnny, abanando a cabeça, preocupado e confuso. – Pensei que te tinha perdido... e a minha cabeça? A minha cabeça está confusa como o caraças, querida.

Ele chamou-te querida.

Ele chamou-te querida, outra vez.

– Já estou aqui – murmurei, sem conseguir impedir um sorriso, porque ele estava tão bonito, naquele momento. – E tu vais ficar bem.

– Amo-te, Shannon *como o rio* – disse ele.

O meu coração parou de bater.

Ele disse...?

Não! Claro que não disse.

– Amo-te como o caraças – voltou a dizer o Johnny.

Oh, meu Deus.

Disse. Disse mesmo. Duas vezes.

Está pedrado, Shannon.

Não sabe o que diz.

Não leves isto a sério.

– Gibbs?

– Diz, meu.

– O meu cordão de esperma já está bom. – O Johnny suspirou, feliz. – Os meus tomates não vão explodir.

O Gibbsie riu-se.

– Ainda bem, Cap.

– Olha, mãe – disse o Johnny, grogue. – Ela vai ter os meus bebés... – Voltou a cabeça para olhar para mim e sorriu. – Vais ter os meus bebés, não vais?

– Eu... – Aclarei a garganta e respirei fundo. – Eu...
– Shannon, desculpa – gaguejou a Mrs. Kavanagh.
– Diz – gemeu o Johnny, agarrando-me a mão. – Diz que vais ter os meus bebés.

– Johnny...
– Diz-me que vais – pediu-me, em voz alta. – Diz, Shannon! Por favor! Não aguento mais.

– Claro – disse, sentindo-me a desmaiar. – O que quiseses, Johnny.
– Gibbs – disse o Johnny, muito contente. – Ouviste isto, puto?
– Ouvi, ouvi, *Bulldozer*.
– Estive bem, pai? – continuou a delirar. – Vês? Encontrei-a!
– Estiveste muito bem – concordou o Mr. Kavanagh.
– Desculpem, mas fora das horas de visita, só pode estar uma pessoa da família com o Mr. Kavanagh – disse uma enfermeira, da porta, assustando-me, mas também salvando-me de ter de responder à declaração do Johnny. – Se são todos da família, podem ir-se revezando – acrescentou – Há uma sala para a família, no terceiro andar. Tenho de pedir a três de vocês que saiam, por favor.

– Fico eu – declarou a Mrs. Kavanagh. – John, leva a Shannon e o Gerard a tomarem o pequeno-almoço. Eu ligo-vos, daqui a umas horas.

– Ouve, tenho de me ir embora – murmurei, voltando a minha atenção para o Johnny, com o coração ainda a bater com força, dentro do peito. – Vou tentar voltar cá antes de o autocarro partir, OK?

– Não, não, não – gemeu o Johnny, segurando a minha mão entre as suas. – Disseste que nunca mais me deixavas.

Oh, meu Deus.

– Eu sei, Johnny, mas tenho de ir – murmurei, aflita. – Agora é só para a família.

– Ela é a minha mulher – anunciou ele, deixando-me envergonhadíssima.

– Jonathan Kavanagh – ralhou a mãe. – Para já com isso! Estás a assustar a Shannon.

– O que é que estás para aí a dizer? – perguntou ele. – Não estou nada a assustá-la. Eu amo-a.

– Johnny, eu volto – disse eu, ofegante. – Prometo que volto, OK?

Tentei libertar a mão, mas ele não me largou. Começou a abanar a cabeça e olhava para mim com uns olhos enormes.

– Tenho de ir – repeti, triste. – Desculpa.

– Vou contigo – disse ele e, com a mão, preparava-se para começar a arrancar os tubos.

– Para com isso! – ordenei, agarrando-lhe a mão com a minha mão livre. – Vais magoar-te.

– Quero-te – gemeu, agarrando-se aos meus braços. – Só te quero a ti.

Perdida, olhei para os pais dele, que assistiam àquele nosso pequeno combate de luta livre.

O Mr. Kavanagh limitou-se a abanar a cabeça e a sair do quarto com o Gibsie.

– Eu saio – prometi a Mrs. Kavanagh. – Só preciso de... – Interrompi-me quando o Johnny me envolveu a cintura com os braços e se agarrou a mim. – És matreiro – murmurei, aflita, sentindo os olhos da mãe dele postos em mim.

– Apaga a luz e fica comigo, Shannon *como o rio*.

– Peço imensa desculpa – disse eu, tentando e não conseguindo libertar-me dos braços do Johnny. – É só um instante...

– Fica com ele.

Levantei o olhar.

– Hã?

– Não vale a pena estarmos a agitá-lo – disse a Mrs. Kavanagh, calmamente, a olhar para o filho, que estava a acariciar-me a barriga. – Se não é desconfortável para ti ficares sozinha com ele, então, fica, Shannon.

Eu não o queria deixar. Nem no balneário do Royce. Nem agora. Nem nunca.

Assenti, devagar, e murmurei:

– Eu tomo conta dele.

– Muito bem, então – a Mrs. Kavanagh suspirou. – Volto daqui a pouco.

Voltou-se e saiu do quarto.

– Estás metido em trabalhos comigo – disse eu ao Johnny, mal ouvi a porta a fechar-se, deixando-nos sozinhos. – Quando voltares a ter

bom senso, vamos falar daquilo que acabaste de fazer.

– Não quero saber – disse ele. – Consegui o que queria.

– O quê? – perguntei. – Embaraçares a tua mãe?

– A ti – disse ele. – Consegui-te a ti.

Oh, Meu Deus. O meu coração.

– Johnny, estás a dizer coisas estranhas – murmurei.

E tens de parar.

Porque isso magoa.

– Olha para a tua cara – disse ele, a olhar para mim com uma expressão peculiar. – Vou ficar contigo.

– OK. – Cedendo à loucura dele, convenci-o a deitar-se no travesseiro. – Podes ficar comigo.

Sentada ao seu lado, debrucei-me para a frente, apoiei o braço ao lado da cabeça dele e acariciei-lhe a cara com a mão livre.

Ele continuava com as mãos à volta da minha cintura, mas já não me estava a apertar tanto.

– Fecha os olhos – disse eu, suavemente. – Vou estar aqui, quando acordares.

– Diz que me amas – pediu ele.

– Johnny...

– Diz-me.

Respirei fundo e murmurei:

– Amo-te, Johnny.

– Porra! Obrigado – disse ele, respirando fundo.

– Não te vais lembrar disto – acrescentei, a tremer. – Mas eu vou.

E essa era a única razão por que te estou a dizer a verdade.

– Adoro as tuas mamas – disse ele.

– Nunca as viste.

Ele disse que sim, com a cabeça, muito devagar.

– Vi, vi.

Abanei a cabeça.

– Não, debes estar a pensar noutra pessoa.

– Eu só penso em ti – respondeu-me. – Só em ti.

O meu coração. O meu pobre, pobre coração.

Eu não tinha hipóteses, com aquele rapaz.

– E a tua passarinha. – Fechou os olhos e gemeu. – Também vi.

Sim. Sim, viu.

Oh, graças a Deus que não disse isto à frente dos pais...

– É minha.

– O quê? – perguntei.

– Tu. – Suspirou e abraçou-me com mais força. – E a tua passarinha perfeita.

– Johnny! – Suspirei. – Não podes dizer essas coisas.

– Toca-me na pila.

– Não, Johnny, não te toco na pila.

– Tens a certeza?

Ri-me.

– Absoluta.

– Mas vais, não vais? – perguntou, meio perdido. – Um dia?

– Um dia – sussurrei-lhe ao ouvido. – Prometo.

Sorriu-me, com uma adorável expressão de bêbedo.

– Dá-me um beijo – pediu.

Abanando a cabeça, inclinei-me para a frente e pousei os meus lábios nos dele.

– Não me deixes – gemeu, o rosto a contorcer-se de dor. – Ainda não estou bom... mas não vás.

– O quê?

– Estou... lixado.

Abanei a cabeça.

– Não estás nada lixado.

O Johnny gemeu, como se estivesse com dores.

– Nada de... rãguebi – disse ele e abanou a cabeça.

– Isso não interessa.

Assentiu, solene.

– Claro que interessa.

– Olha para mim... – Virei-lhe a cara para mim. – Johnny Kavanagh, abre os olhos e olha para mim.

Com grande esforço, olhou.

Esperei um pouco, até ele se concentrar na minha cara, e continuei:

– Tu vales muito mais do que o rãguebi. – Beije-lhe os lábios porque, para dizer a verdade, eu tinha um problema com beijos

despropositados, quando se tratava daquele rapaz. – Se nunca mais voltares a pegar numa bola de rãguebi, para mim, isso não têm importância nenhuma.

– Acho que preciso de ti para sempre – disse ele.

– Acho que também preciso de ti para sempre – confessei.

– És tão bonita – disse ele. – Naquele primeiro dia. Bum.

– Bum? – Dei uma gargalhada.

Assentiu, solenemente.

– Bum.

– Olha, vou sentar-me ali na cadeira, ao lado da tua cama – disse eu, tentando libertar-me dos tubos e das mãos deslizantes dele. – Para tu poderes dormir.

O Johnny abanou a cabeça e puxou-me para mais perto dele.

– Dorme comigo.

– Johnny, acabaste de fazer uma cirurgia. – Suspirei. – Tens de descansar.

– Se isto é amor, então és tu – disse ele, puxando-me para baixo e deitando-me ao lado dele.

– Hã? – perguntei, pondo-me de lado e fazendo os possíveis para não lhe tocar nas pernas.

– Tu – murmurou ele, sonolento, pondo um braço em volta dos meus ombros.

– Eu o quê? – murmurei, pousando a mão em cima da barriga dele e aninhando-me ao seu lado.

– Tu és o amor. – Suspirou, feliz. – Fica comigo.

Sempre.

– Eu fico contigo – murmurei, sentindo mais, naquele momento, do que conseguia suportar.

– Quem é que te faz andar triste? – perguntou, então, numa voz arrastada e sonolenta. – Conta-me, querida.

– Ninguém, Johnny.

– Estás a mentir e magoa-me o coração – disse ele, abraçando-me com mais força. – Essas marcas todas. Magoa-me saber que há alguém que anda a magoar a minha Shannon.

– Johnny...

– Quem é que te magoa, querida? – disse ele, quase a dormir.

Bocejou intensamente e, depois, suspirou. – Eu resolvo disso.

– É segredo – disse eu, sentindo o meu corpo todo a tremer.

– Não conto a ninguém – sussurrou ele.

Inspirando de modo vacilante, fechei os olhos e encostei os lábios à orelha dele.

– O meu pai.

Durante uns segundos, fiquei à espera de o ouvir dizer qualquer coisa. Não disse. Quando abri os olhos e olhei para ele, percebi porquê.

O Johnny estava a dormir.

*Plano B***JOHNNY**

Doía-me tudo.

Os tomates. As pernas. A pila. A cabeça.

Sentia-me como se tivesse sido atropelado por um comboio.

Tinha um peso no peito. Havia qualquer coisa que não estava bem. E cheirava-me a coco? De repente, lembrei-me.

Acabou. O meu trabalho todo. Aqueles anos todos de treinos incansáveis e extenuantes não tinham servido para nada. Porque o meu corpo tinha desistido. E agora estava todo lixado.

Acordei de repente, abri os olhos e senti-me em pânico, à beira de um colapso nervoso. Durante uns momentos, fiquei a olhar para o teto, a absorver a devastação que me invadia o coração como um terramoto. Respirei fundo várias vezes, e tentei sentar-me, mas não consegui e reparei num pequeno vulto, enrolado na cama, ao meu lado.

Merda.

– Shannon?

– Hmm?

– Shannon – repeti, abanando-a com a mão. – Acorda.

Bocejando levemente, afastou-se da curva do meu braço, onde estava aninhada.

– Acordaste – disse ela, sorrindo-me.

Fiz que sim com a cabeça, cauteloso.

– Lembras-te de onde estás?

Voltei a assentir.

– Lembras-te do jogo?

– Lembro-me de porque é que *estou* aqui – disse eu, sentindo-me com a boca seca e rouco. – Não me lembro de porque é que *estás* aqui.

A Shannon olhou para mim durante um longo momento, depois arregalou os olhos e saiu, a correr, da cama.

– Quiseste que eu ficasse aqui, contigo – disse ela, num tom calmo, juntando as mãos.

Franzi a testa.

– Quis? – Não conseguia lembrar-me. Era como uma névoa.

A Shannon assentiu.

– Vim visitar-te com o Gibbsie hoje de manhã... Bom, eram seis da manhã, por isso, se calhar devia dizer madrugada. Não sei...

– Quanto tempo? – interrompi-a, para perguntar.

Estava demasiado desesperado para estar a ouvir divagações.

A Shannon olhou-me fixamente.

– Hã?

– Há quando tempo estou assim? – perguntei.

Olhou para o relógio.

– São onze e quarenta e cinco, por isso, cerca de seis horas.

– Não. – Abanei a cabeça e respirei fundo, frustrado. – Há quanto tempo estou assim?

Ela abanou a cabeça.

– Não percebo.

– Há quanto tempo estou aqui por causa da lesão! – sibilei, agarrando-me com força aos lençóis, enquanto a devastação continuava a penetrar-me o coração.

– Johnny, isso não interessa...

– Interessa, Shannon – disse eu, com a voz a quebrar-se. – A mim, interessa-me.

Ela limitou-se a olhar para mim, com aqueles grandes olhos cheios de medo, preocupação e simpatia. Eu não conseguia lidar com aquilo. Naquele momento, não. Não queria que ela me visse ter um colapso.

Não conseguia aguentar aquilo.

– Passas-me aquilo, por favor? – Apontei para a prancheta pendurada aos pés da cama. – Quero ver.

Mordeu o lábio, olhando para a prancheta, nervosa.

– Johnny, acho que devias esperar pelo médico...

– Preciso de ver aquela porra – disse eu. – Preciso de ver com os meus próprios olhos.

A Shannon encolheu-se e eu senti-me pior do que nunca.

– Por favor. – Suspirei profundamente. – Dá-me a prancheta.

Sem dizer uma palavra, entregou-ma.

– Obrigado.

A Shannon baixou a cabeça e fungou.

Foda-se.

Foda-se!

– Podes ir procurar o meu pai? – perguntei, a tentar, desesperadamente, combater as minhas emoções.

Olhou para mim, toda ela solidão e mágoa.

– Se é isso que queres.

Engoli um gemido e assenti.

– É, é isso que quero.

– E... e a tua mãe?

– Não, o meu pai – avisei-a. – Só o meu pai.

– Hmm, OK – murmurou a Shannon, a olhar, insegura, para a porta.

Sustive a respiração, desesperado para não me ir abaixo à frente dela.

– Vou – disse ela, mas era mais uma pergunta do que uma afirmação.

Assenti, com firmeza, resistindo ao impulso de lhe implorar que ficasse e me abraçasse e me fizesse promessas que nenhum de nós poderia cumprir.

Ela não podia resolver isto por mim e eu tinha medo de perder ainda mais do que já tinha perdido. Ela era frágil e eu não a queria afugentar. Se ela ficasse naquele quarto, era exatamente isso que eu ia acabar por fazer. E se fizesse isso – se ela visse o meu lado mais feio, a minha fraqueza – eu também a perderia.

E eu não a podia perder.

Com o coração a bater com toda a força, vi-a chegar à porta e parar.

– Adeus, Johnny – murmurou, olhando para trás, para mim, uma última vez.

Engoli em seco, antes de conseguir dizer:

– Adeus, Shannon.

Esperei que ela saísse e fechasse a porta para levantar as cobertas e olhar para os danos.

Jesus Cristo.

Deixei cair a cabeça na almofada e mordi o punho para abafar o choro. Meia hora depois, o meu pai entrou no quarto, sozinho.

– Bom dia, meu Don Juan – disse ele, a sorrir.

– Pai – disse eu, com as lágrimas a caírem-me pela cara abaixo.

Mal o meu pai me viu assim, o seu sorriso desapareceu.

Pousou o copo de plástico na mesa de cabeceira, inclinou-se para mim e abraçou-me.

– Johnny – suspirou. – Deita isso tudo cá para fora, filho.

E ali, naquele momento, naquele quarto de hospital, desatei a chorar, como uma criança, abraçado ao meu pai.

– Como é que vai ser? – perguntei, quando consegui falar.

– Seis semanas parado, no mínimo – disse ele, com aquela honestidade que me fazia ter imenso respeito por ele.

– Pai, foi-se tudo. – Abanei a cabeça e resisti à vontade de rugir. – A época de verão... os Sub-20... acabou-se para mim!

– Não, não acabou – garantiu-me. – É curto, mas não é impossível.

– Curto – gaguejei, a sentir o coração bater com tanta força que pensei que ia parar completamente, a qualquer momento. – Porra.

– Não te esqueças de quem és. – Levantou-se e ajudou-me a sentar na beira da cama. – És meu filho – acrescentou, pondo-me os pés no chão. – E és um lutador.

Baixei a cabeça.

– Não me sinto nada a porcaria de um lutador.

– Tens sido um lutador desde o dia em que nasceste – corrigiu-me, puxando-me o queixo para cima para me obrigar a olhar para os seus olhos muito azuis. – Nunca deixaste que nada te atrapalhasse os objetivos e, que raio, não é agora que vais deixar que seis semanas de recuperação te parem.

– E se eu não conseguir? – perguntei, manifestando o meu maior medo. – E se não ficar bem, até lá?

– Então, não consegues – respondeu, simplesmente.

Abanei a cabeça e não consegui evitar um soluço de dor.

– Pai, não aguento...

– Se não conseguires fazer isso tudo este verão, não consegues – repetiu ele. – Continuas a ser o Johnny Kavanagh. Continuas a ser um

bom aluno. Continuas a ser um homem bom. E continuas a ser a minha melhor decisão.

Pela milionésima vez, na minha vida, dei por mim a olhar para o homem que me criou e a pensar: *Alguma vez serei tão forte como tu?*

O meu pai puxou uma cadeira e sentou-se à minha frente.

– Agora – disse ele, sentando-se e afrouxando o nó da gravata. – Vamos ser realistas, filho.

Oh, merda.

– Realistas? – repeti.

O meu pai assentiu.

– Imaginemos que não consegues ir aos Sub-20 em junho...

– Pai, não posso...

– Ouve-me – disse ele, muito calmo.

Assenti, sorumbático.

– Imaginemos que não consegues ir, em junho – continuou a dizer o meu pai, vocalizando o pior dos meus pesadelos. – É devastador. A tua mãe e eu percebemos. Podes pensar que não, mas nós trouxemos-te a este mundo e estamos e vamos estar sempre contigo, em todos os momentos difíceis por que passares e em todos os obstáculos que tiveres de ultrapassar, Johnny. Estamos ao teu lado e sentimos o mesmo que tu. A tua dor, a tua frustração, os teus medos. Tudo isso se espelha em nós. As tuas conquistas são nossas e as tuas mágoas também são nossas. Porque tu és tudo o que temos, Johnny. Só tu. E é isto.

Naquele momento, senti-me pior do que quando tinha acordado.

– Pai...

– Quando fores mais velho e tiveres os teus próprios filhos, um filho teu, vais perceber o que quero dizer – acrescentou, calmo, como sempre. – Mas, por agora, vais ter de acreditar no que te digo.

Assenti, sentindo-me uma merda e já a saber o que viria a seguir.

– O que tu fizeste, Johnny? – disse o meu pai. – O perigo em que te puseste? – Abanou a cabeça e respirou fundo. – Não há palavras para descrever o estado em que ficámos, quando recebemos aquele telefonema, ontem à noite. – Inclinou-se para a frente na cadeira e juntou as mãos. – Saber que o nosso filho andava, há meses, a arriscar a saúde e o futuro daquela maneira.

Deixei cair os ombros, envergonhado.

– Desculpa, pai.

– Não preciso que me peças desculpa – respondeu o meu pai, sem um pingo de irritação. – Preciso que entendas. Para dares um passo atrás nesse sonho que andas a perseguir há tanto tempo e perceberes que a tua vida já está a acontecer.

– Mas eu queria tanto, pai – confessei, mordendo o lábio. – Tanto!

– E eu queria isso para ti – disse o meu pai. – Queria que conquistasses os teus sonhos, Johnny. Queria ver-te a torná-los realidade. Quero tudo o que tu queres que a vida te dê. Mas também quero que faças isso tudo com a cabeça no sítio. – Recostou-se na cadeira e olhou para mim, durante um longo momento, antes de continuar a falar: – Até os melhores tropeçam, filho. O que nos define como pessoas é o que fazemos a seguir, com pensamento claro, calculado e lógico.

Sim. Percebi. Ouvi o que ele disse.

Respirei fundo, passei a mão na cara e perguntei:

– Bom qual é o plano?

O meu pai sorriu.

Franzi a testa.

– Porque é que estás a olhar para mim assim?

Inclinou a cabeça para o lado e sorriu.

– Estou só a olhar para o meu filho e a sentir-me feliz porque voltei a ver-lhe os olhos a brilhar.

Encolhi os ombros.

– Tinha desaparecido?

– Durante um bocadinho – disse ele. – E o plano é recuperação e descanso na cama. Entre sete a dez dias.

Senti-me ficar sem ar.

– Meu Deus, pai...

– O plano é este, filho – disse o meu pai, com firmeza. – E, depois, avançamos para a reabilitação.

– E a Academia? – Engoli em seco. – O treinador Dennehy contactou-te?

– Estão furiosos contigo – respondeu-me, sem rodeios. – O que era de esperar quando o melhor centro do lado aberto do país quase pôs

fim à carreira antes de fazer dezoito anos.

Gemi.

– Por favor, não digas isso assim.

– A verdade é sempre melhor do que uma mentira – disse ele, com um sorriso conhededor. – Mais dolorosa, mas também mais benéfica, a longo prazo.

– És advogado – disse eu, irónico. – Cobras uma fortuna para mentires.

– Mas a ti, não – respondeu o meu pai, com um sorriso. – Para ti, os meus serviços são completamente grátis e cem por cento verdadeiros. – E acrescentou, sem deixar de sorrir: – Se querias alguém que te dissesse as coisas com paninhos quentes, então devias ter tido esta conversa com a tua mãe.

– Pois – murmurei. – Mas podias ter limado um bocadinho as arestas, pai. Isso é uma ferroadada.

– As ferroadas tornam-te mais forte – disse ele. – Há um mundo enorme e terrível que temos de enfrentar, filho. Cheio de arestas pontiagudas.

– E o meu contrato com a Academia? – atrevi-me a perguntar.

– Continua em vigor.

Suspirei, profundamente aliviado.

– Não é de admirar – disse o meu pai, pensativo. – És extraordinário. Um descuidado, teimoso e suicida com uma cabeça brilhante para o rãguebi e o talento necessário para chegares onde quiseses. Eles sabem isso, Johnny. E não iam desistir de ti.

Quando ouvi o meu pai dizer aquilo, soube que não era mentira. O meu pai não me mentia.

– Achas que vou conseguir, pai? – perguntei, olhando-o nos olhos.

– Achas que vou ser capaz?

– Tenho a certeza – respondeu, sem hesitar.

O meu coração deu um salto.

– A sério?

Assentiu.

– A sério, Johnny.

E aquelas palavras plantaram uma pequena semente de esperança dentro de mim.

Vou conseguir. Eu sou capaz. O meu pai acha que eu sou capaz.

– Mas estás suspenso – acrescentou o meu pai.

Suspirei.

– Era de esperar.

– E o treinador Dennehy vai ter uma conversa muito séria contigo.

Fiz uma careta.

– Também era de esperar.

– E vais ter de passar em três avaliações independentes para poderes voltar a pôr os pés num campo de rãguebi, seja pela Academia, por um clube ou pela escola. – avisou-me. – E esses teus pés ficam fora do relvado até maio.

– Fantástico... – Passei a mão pelo cabelo e suspirei. – Valha-me Deus.

– Não entres em pânico – disse o meu pai, muito calmo. – Conheces o plano. Está aqui. Mesmo à tua frente. Para voltares a jogar, tens de te curar. Neste momento, deixares o teu corpo descansar é tão essencial como os treinos e os outros compromissos do rãguebi.

Entendido.

– Que chatice – murmurei.

– Vê a coisa assim – sugeriu o meu pai, sorrindo –, ficas com muito mais tempo para passares com o Gibsie.

– Oh, Jesus.

O meu pai deu uma gargalhada.

– Presumo que ele nunca te vai falar do que aconteceu ontem à noite.

– Pois não. – Fiz uma careta. – Não vai. – Olhei para o meu pai e perguntei: – Quanto tempo vou ficar no hospital?

– Mais uns dias – respondeu-me. – Depois, vais para casa e comesas a reabilitação.

– Achas mesmo que vou conseguir ultrapassar isto, Pa?

O meu pai assentiu.

– Se começares a seguir as regras, ultrapassas, de certeza absoluta.

Voltei a abanar a cabeça.

– Porque raio é que não falei contigo há uns meses?

– Porque sou um pai *workaholic* que devia ter gastado mais tempo concentrado em manter o meu filho fora de perigo, em vez de passar o

tempo a tirar da prisão os filhos dos outros – respondeu-me.

– Para, pai! – pedi-lhe. – Não é culpa tua. Nem da mãe.

– Pois não. É tua – concordou, voltando a dar-me uma ferroadinha com a verdade. – Mas tu és jovem, inexperiente e teimoso e eu devia ter estado mais contigo para te orientar. Mas vou passar a estar, Johnny – acrescentou. – Vou estar mais presente.

– Não te culpo por adorares o teu trabalho – respondi-lhe. – Eu sou igual.

Sorriu.

– Eu sei. Já desmarquei tudo o que tinha marcado até ao fim das férias da Páscoa.

Fiquei admirado.

– Vais ficar em casa?

– Vou!

– E a mãe?

O meu pai deu uma gargalhada.

– Oh, Johnny, se a tua mãe pudesse, voltava a pôr-te num carrinho de bebé e levava-te com ela para todo o lado. Não te vai perder de vista.

– Porra.

– Precisas de voltar a merecer, filho.

– Confiança?

O meu pai disse que sim, com a cabeça.

– Exatamente.

– Onde é que a mãe está? – perguntei, a pensar na choradeira da minha mãe que ia ter de enfrentar.

– Volta daqui a pouco – disse o meu pai. – Foi buscar-te roupa.

– E o Gibsie?

– Está no bar – respondeu-me, com um sorriso. – Muito entusiasmado com a rapariga que está ao balcão.

– Aposto que sim – murmurei.

Só pensa em foder.

– O Gibsie fica connosco aqui até voltares para Cork – disse o meu pai. – E, muito provavelmente, quando as férias da Páscoa acabarem, vai ter de enfrentar uma suspensão. O meu pai sorriu e acrescentou: – Devias ter ouvido o que ele chamou ao treinador, esta manhã, quando

o homem veio aqui, ao hospital. Foi por isso que demorei tanto tempo a vir ter contigo. O Gerard recusou, categoricamente, voltar ao autocarro. Saiu do hotel sem dizer nada, ainda de madrugada, para te vir ver. Agora, está metido num grande sarilho com o vosso diretor. Tive de ligar para a escola e para os pais dele, para o treinador Mulcahy o poder deixar connosco.

– Oh, por amor de Deus – resmunguei. – Não o posso levar a lado nenhum.

– Ele é um amigo muito leal, Johnny – respondeu o meu pai. – Tens muita sorte em tê-lo como amigo.

Eu sei.

– E a Shannon? – perguntei, inquieto por me lembrar da maneira horrível como tinha agido com ela quando acordei. – Ela está bem? – Está no bar, com o Gibbs? – Engoli em seco, sentindo-me incrivelmente exposto naquele momento. – Podes chamá-la, pai? Preciso de falar com ela.

O meu pai respirou fundo.

– A Shannon foi para casa, Johnny.

Senti o coração parar.

– Deixou-me – consegui dizer, a custo.

É isso. É o começo.

Sem o râguebi, nada valho.

– Não. Ela ficou contigo – disse o meu pai. – Quando estavas sedado, e qualquer outra pessoa teria fugido a sete pés, ela ficou aqui, à tua cabeceira, a ouvir-te dizer disparates.

– Sim, mas depois foi-se embora, não foi? – murmurei, cheio de pena de mim próprio.

– Ontem, quando estavas mal, quem é que ficou contigo?

Olhei para o meu pai.

– Quem é que te pegou na mão?

– Pai...

– Quem é que estive ao teu lado até a ambulância chegar?

– Para...

– Quem é que te veio visitar quando ainda estavas mal?

Olhei para o meu pai.

Será que ele...?

– Sim, eu sei o que é que aconteceu entre vocês no balneário. – O meu pai sorriu. – O teu treinador contou-me que te encontrou, a ti e à Shannon numa *posição comprometedora*.

– Filho da mãe traidor – protestei.

– Ele é teu professor, Johnny. Tem de comunicar incidentes dessa natureza. Não tem outra hipótese. É obrigatório.

– Os pais dela?

– Presumo que também já foram informados.

Abanei a cabeça.

– Por amor de Deus.

O meu pai respirou fundo e acrescentou:

– E suspeito que ela também deve ter problemas por ter escapado do hotel para vir cá.

– Porra! – Deixei tombar a cabeça nas mãos e ignorei a dor lancinante que começava a sentir nas pernas. – Porra, pai, fui um estúpido de merda para ela quando acordei.

– Então, resolve isso – disse o meu pai, calmamente.

– Não estás a perceber – consegui dizer, sentindo-me o maior monte de merda deste planeta. – Entrei em pânico e agi como um estúpido, mas ela é tão frágil, pai. Ela é tão... E eu estou tão...

– Apaixonado por ela? – O meu pai sorriu. – Sim, Johnny, toda a gente já sabe. Ontem à noite, fartaste-te de gritar isso aos quatro ventos.

– Merda – gemi. – Ela ficou assustada?

– A tua mãe ficou. – O meu pai riu-se. – Quando tu lhe disseste que a Shannon ia ser a mãe dos teus filhos.

– Jesus Cristo – lamentei-me. – Porque é que não me fizeste calar?

– Impossível – respondeu-me. – Só querias a Shannon. Adormeceste nos braços dela.

Ai.

Deus.

– Vou beber um café e ver o que anda a fazer o teu melhor amigo – disse o meu pai, levantando-se da cadeira. – Fazes-me um favor? Quando a tua mãe voltar, podes acalmá-la? – Sorriu e acrescentou. – Ficou muito chocada com algumas das coisas que disseste esta madrugada.

– Não me lembro de porra nenhuma – reconheci. – Está tudo enevoado.

– Podes não te lembrar – disse o meu pai dando uma gargalhada enquanto se encaminhava para a porta do quarto. – Mas a tua mãe nunca mais se vai esquecer, por mais anos que viva.

Esprei que o meu pai saísse e peguei no meu telemóvel.

O meu pai.

O meu pai.

Porque raio estava a ouvir a voz da Shannon a dizer aquelas palavras? E porque é que o meu coração me dizia que aquilo era essencial?

Meu Deus, os médicos deviam ter-me dado umas drogas mesmo boas.

Concentra-te, Johnny. Lembra-te.

Abri os contactos do telemóvel com a intenção de lhe ligar para pedir desculpa, mas, de repente, fiquei consternado ao lembrar-me de que nem sequer tinha o número dela. E, mesmo que tivesse, não lhe podia ligar. Porque o pai lhe tinha tirado o telemóvel.

O meu pai.

O meu pai.

O que é que me estava a falhar ali?

Medos frustrados

SHANNON

Eu não queria ir para casa. Mas sabia que tinha de ir. Não queria apanhar. Mas sabia que apanharia.

De uma forma confusa, aceitei o meu destino. Sabia que não tinha outra saída.

Por isso, não fiquei surpreendida por, no sábado à noite, ao entrar em casa, ter logo sido logo cumprimentada com um murro do meu pai.

Bateu-me com tal força que fiquei sem ar e caí de gatas, no chão.

– Eu já sabia! – gritou o meu pai, por cima de mim, com os olhos injetados e a cheirar a *whisky*. – Já sabia que andavas para aí na má vida – rugiu. – Disse à tua mãe e ela não acreditou.

Não tive tempo para responder ou para me poder defender, porque ele agarrou-me pelo cabelo e arrastou-me mais para o interior da casa.

– Larga-me – gritei, agarrando-lhe a mão com que continuava a puxar-me os cabelos. – Para!

É agora. É hoje que morres.

– Vadia – rosnava o meu pai, e só parou quando chegámos à cozinha.

Arrastou-me pelos pés e, depois, atirou-me para longe, como se eu fosse uma boneca de trapos. Bati com a cara na esquina da mesa da cozinha e caí no chão, aterrando com toda a força nos ladrilhos frios da cozinha.

– És a galdéria da escola! – continuou a insultar-me, as palavras dele a arrastarem-se pelo espaço entre nós. – O teu professor contou aquilo que foste apanhada a fazer, puta!

– Não fiz nada! – gritei, lavada em lágrimas. – Estou a sangrar – soluzei, com a mão na cara, a sentir o sangue escorrer-me pelos dedos.

– E vais sangrar muito mais, quando acabar o que te vou fazer! – gritou, na minha cara.

Agarrou-me por um braço e sacudiu-me com tanta força que a minha cabeça andou para a frente e para trás, violentamente.

– Vadia, a foder num balneário.

– Não foi nada disso! – gritei, tentando libertar-me das suas mãos.
– Larga-me!

– Queres acabar como a tua mãe? – troçou. – É isso? – Abanou-me com toda a força. – Queres ficar prenha aos dezasseis?

– Larga-a! – gritou uma voz.

Quando olhei para a porta e vi o meu irmão, de onze anos, o meu coração deu um salto.

– Não, Tadhg – consegui dizer. – Vai lá para cima.

– Sai já daqui, rapaz – rosnou o meu pai, largando-me. – É melhor para ti.

– Deixa a minha irmã em paz – disse o Tadhg, entrando na cozinha.

– A tua irmã é uma galdéria – disse o meu pai, dirigindo-se ao meu irmão mais novo. – Estás a defender uma galdéria, rapaz?

– Ollie! – chamou o Tadhg, cheio de coragem. – Vai buscar ajuda!

Pelo canto do olho, vi o meu irmão, de nove anos, encolhido, no corredor, com o Sean, o nosso irmão mais novinho, de três anos, pela mão. Os meus três irmãos eram iguaizinhos ao meu pai, com o cabelo loiro, cor de areia, e grandes olhos castanhos, e, naquele momento, estavam os três a olhar, horrorizados, para o nosso pai.

– Já lá para cima se não querem apanhar – ameaçou-os o meu pai.

O Sean foi, a correr, para as escadas, e o Ollie para a porta da rua. Mas o Tadhg ficou onde estava.

– Não lhe podes fazer isto – disse ele, desafiador, a olhar para o meu pai, de queixo espetado. – O Joey diz que não se bate nas raparigas.

A tremer, pus-me de pé e corri para o Tadhg, antes de o meu pai conseguir lá chegar.

– Vai a casa da Fran e liga para o Joey – supliquei-lhe, ao mesmo tempo que o empurrava para longe da cozinha e do perigo. Apesar de só ter onze anos, já era mais alto e mais forte do que eu. Mas era o meu irmão mais novo e eu iria protegê-lo sempre, com a minha vida se fosse preciso. – Por favor, Tadhg – pedi. – Vai!

O Tadhg não se mexeu.

– Eu defendo-te – disse ele, e voltou-se para enfrentar o nosso pai.

Oh, meu Deus, não...

– Não tenho medo de ti! – sibilou, tomando uma posição protetora, à minha frente. – Achas-te um durão, mas não passas de um patife e de um bêbedo que ainda para aí a bater em raparigas!

O meu pai deu uns passos em direção a ele, ameaçador, e senti-me dominada por um grande pavor.

Completamente em pânico, envolvi o meu irmão mais novo com os dois braços e preparei-me para o impacto. A pancada foi entre as minhas omoplatas, tirando-me o ar dos pulmões e as pernas da parte inferior do meu corpo. No chão, enrolei-me sobre mim própria o mais que pude, com o meu pai a dar-me pontapés nas costas.

– Para! – gritava o Tadhg, a dar murros nas costas do meu pai. – Vais matá-la!

– Tadhg, corre... – Ofegante, tentei pôr-me de pé, mas o meu pai agarrou-me pelo rabo de cavalo e arrastou-me pelo chão.

– Mentirosa de merda – disse ele, dando-me um murro na cara. – Puta!

– Shannon! – gritou o meu irmãozinho, cambaleando, impotente. – Shannon!

– Desculpa – consegui dizer, no meio da tosse provocada pelo sangue que me escorria pela garganta. Para, por favor...

Mais um murro na cara. Desta vez, os meus dentes tremeram tanto que as minhas pernas cederam e voltei a cair no chão, sentindo o meu pai arrancar-me um bocado de cabelo.

– Deixa-a em paz – disse o Tadhg, a chorar, agarrando-se a mim. – Não a magoes mais.

Ouvi o meu irmão gritar, ao ser arrastado para longe de mim.

– Pai – disse eu, ofegante, tentando fazer o ar entrar-me nos pulmões. – Pai, por favor...

A bota dele bateu-me na cara e vi tudo desfocado. Deixei cair a cabeça para trás. Revirei os olhos.

Ele vai dar cabo de ti. É o teu fim.

A tremer, enrolei-me o mais que pude e fechei os olhos.

Estás naquele quarto de hospital com o Johnny. Ele está a dizer que te

ama.

Está tudo bem.

Pontapés, mais pontapés, mais pontapés.

A gemer, ofegante, tentei desesperadamente agarrar-me à imagem dele. Mas estava a desvanecer-se.

Já não me doía tanto o corpo. Já não sentia nem os pontapés, nem os murros. Já não ouvia os gritos dos meus irmãos.

Estava tudo quente. Quente e luminoso.

Estás a morrer.

Fecha os olhos e deixa-te ir. Fecha os olhos, Shannon, e tudo vai estar acabado, em breve...

– Ele vem aí! – ouvi o meu irmão Ollie gritar e, depois, o barulho da porta da rua a bater. – Larga a minha irmã!

Reunindo toda a energia que ainda me restava, obriguei-me a tapar a cabeça com as mãos, para a proteger dos golpes do meu pai.

Mantém-te acordada.

Isto ainda não acabou.

Não vais morrer nesta casa.

Ainda não é hoje.

De repente, ouvi vozes: a da minha mãe e a do Joey.

Joey. Consegui ouvir o *Joey*. Ele estava *ali*.

E, de repente, a dor desapareceu. Os pontapés pararam.

Senti dois pares de mãos a envolverem-me o corpo, abri os olhos e vi os dois meus irmãos mais novos a tentarem proteger o meu corpo com os corpos deles.

O Tadhg estava a sangrar. Pelo menos, foi o que me pareceu. Tinha a bochecha manchada de sangue vermelho-vivo. Talvez o sangue fosse meu. Não sei dizer.

Ofegante, tentei levar o ar até aos pulmões, ao mesmo tempo que a minha vista se turvava voltando a ficar focada ao fim de uns momentos.

A minha mãe estava de pé no meio da cozinha.

O meu pai tinha recuado para longe de mim e estava a olhar, temeroso, para a porta.

A minha mãe olhou para o Ollie, para o Tadhg e para mim, abraçados uns aos outros, no chão, e desatou a chorar.

O Joey, que estava estático, à porta, teve uma reação diferente. Largou a caixa de ferramentas, foi direito ao meu pai e atirou-o ao chão.

– Filho da mãe – rosnou, aos murros à cara do meu pai. – Animal! És um animal!

Tomou balanço, deu mais um murro ao meu pai e, depois, pôs-se de pé.

– Bate-me – ordenou, puxando o meu pai do chão. – Vamos, estúpido! – Mostrou o peito e gesticulou para o meu pai lhe dar um soco. – Bate em alguém com a porra do teu tamanho.

– Joey! – gritou a minha mãe. – Não, por favor...

– Cala-te, porra! – rugiu-lhe o Joey. – És a mãe mais patética do mundo.

– Seu merdas! – O meu pai levantou o punho e deu um murro na cara do meu irmão. – Vou ensinar-te a ter maneiras, rapaz!

– Viste isto? – perguntou o Joey, dirigindo-se à nossa mãe. – Viste-o a bater-me? – Esquivou-se a mais um murro, levantou a mão e deu o troco ao nosso pai, acertando-lhe com um murro na cara. – Não vês o que ele faz aos teus filhos?

Havia sangue por todo o lado.

O meu pai cambaleou e caiu para trás, no chão, e o Joey atirou-se para cima dele.

– Joey – esforcei-me por dizer, agarrada ao peito, a sentir que o meu esterno estava prestes a estilhaçar-se dentro do meu corpo. – Para! Ele não merece que tu sejas preso por causa dele.

O Joey não parou. Continuou a bater.

– Larga-o – gritou a minha mãe. – Joey, para... vais matá-lo!

– Ainda bem! – rugiu o Joey, escarranchado em cima do meu pai e continuando a bater-lhe.

Os punhos dele mexiam-se tão depressa que eu mal conseguia vê-los focados.

– Joey... – A cuspir sangue, consegui mexer os braços e as pernas e arrastei o meu corpo todo partido até ao meu irmão, desesperada para o salvar de fazer qualquer coisa que não tivesse volta atrás. – Prometeste – disse-lhe, sem força, tentando puxá-lo pelo braço. Senti uma tontura, abanei a cabeça e tentei, mais uma vez, obrigar as

minhas mãos a agarrarem-lhe o braço. – Prometeste que não me abandonavas.

As minhas palavras tiveram algum efeito no meu irmão porque ele suspirou e endireitou as costas.

Assentiu com firmeza, deixou cair os braços e saiu de cima do meu pai.

– Teddy – soluçou a minha mãe, abanando a cabeça. Agarrada à barriga, ajoelhou-se ao lado do meu pai. – Oh, meu Deus, Teddy, o que é que tu fizeste?

Atordoadas, voltei para ao pé do Ollie, que estava sentado no chão, com as costas contra o frigorífico, a chorar incontrolavelmente. O Tadhg, por seu lado, estava a olhar para o nosso pai com um olhar aterrador.

Eu conhecia aquele olhar. Era o mesmo olhar que o Joey costumava ter.

– Está tudo bem – murmurei-lhe, tentando confortar o Ollie, sem sucesso. – Calma, está tudo bem.

– Pensei que ias morrer – soluçou ele, abraçando-me e fazendo-me tremer com dores.

– Ollie – disse o Joey, autoritário, voltando-se para nós. – Vai lá para cima e leva o Sean.

– Porquê? – fungou o meu irmão mais novo.

– Porque nos vamos embora! – declarou o Joey, definitivo. – Não vamos ficar nem mais um dia na mesma casa que aquele monte de merda.

Sem dizer mais nada, o Ollie saiu dos meus braços e foi para as escadas.

– Tadhg – disse o Joey, fazendo uma careta ao reparar no olhar de ódio na cara de bebé do nosso irmão. – Vai com o Ollie.

– Mas eu...

– Por favor – disse o Joey, passando uma mão pelo seu cabelo loiro arruivado. – Vai lá para cima e arruma as vossas coisas para levarem, miúdo.

O Tadhg lançou um olhar duro ao Joey. Depois disse que sim com a cabeça e saiu da cozinha.

A seguir, o meu irmão mais velho voltou a atenção para mim,

caminhou até onde eu estava caída no chão e ajoelhou-se ao meu lado.

– Está tudo bem – murmurou-me ao ouvido, e pegou-me ao colo. – Eu estou aqui... Eu estou aqui, Shan.

Entorpecida até aos ossos, deixei-me ficar ali, encostada ao grande corpo dele, os braços caídos, sem força, enquanto o Joey me confortava.

A minha atenção estava completamente virada para os meus pais.

– Estás a sangrar – disse a minha mãe, a olhar para a cara do meu pai. Depois, limpou-a com a manga da camisola. – Oh, meu Deus, Teddy.

Ao ouvir aquilo, o Joey ficou muito tenso.

– Mas tu és cega, ou quê? – perguntou ele, numa fúria. Virou-se, para ficar de frente para eles, afastou-me o cabelo da cara, com todo o cuidado, e apontou para mim. – Ela está a sangrar – acusou o Joey, a apontar para a minha cara. – A Shannon. A tua filha!

– Shannon – lamuriou-se a minha mãe, encolhendo-se de horror. – Oh, minha querida, a tua cara...

Eu queria lá saber do aspeto da minha cara. Isso não interessava nada. Porque a minha mãe tinha acabado com o meu mundo.

Tinha corrido para ele.

Ele batia-nos. Aterrorizava-nos. Torturava-nos.

E ela tinha corrido para *ele*. Tinha-o escolhido a *ele*.

A nossa própria mãe.

– «Minha querida» uma ova, como é que te atreves? – disse o Joey, levantando-se e ajudando-me a levantar. Amparando-me, fez-me andar até à mesa e sentou-me numa cadeira. – Está tudo bem – continuava ele a dizer e eu não tinha a certeza se era a mim que estava a dizer aquilo ou se era a ele próprio. – Está tudo bem. Eu estou aqui. Eu estou aqui, Shan.

O Joey pegou num pano da loiça, foi humedecê-lo um pouco, voltou para ao pé de mim e encostou-me o pano à cara. Eu estava ali sentada, sem reação, a olhar para o outro lado da cozinha, para aquelas duas pessoas que nos tinham trazido a este mundo.

– Shannon – disse o meu pai, abanando a cabeça como se tivesse acabado de acordar de um sono profundo. – Eu não queria...

– Não fales com ela, pulha! – disse o Joey, zangado, dando uns passos ameaçadores na direção do meu pai. – Eu mato-te! – disse, num tom mortalmente frio e terrivelmente sincero. – Ouviste? Corto-te a porra da garganta se voltas a olhar para a minha irmã.

O Ollie, o Tadhg e o Sean apareceram à porta da cozinha, já de mochilas às costas. Foram os três direitos ao Joey. Porque ele era o nosso protetor. Era por causa dele que ainda estávamos todos inteiros. Era o nosso herói.

– A partir de agora, as coisas vão ser assim – disse o Joey, de pé, à frente de nós os quatro, protegendo-nos dos nossos pais. – Tu! – Apontou para a nossa mãe. – Ou descobres um bocado de instinto maternal na porra desse teu coração de pedra e pões esse filho da mãe na rua para sempre, ou eu levo estes miúdos desta casa e nunca mais nenhum de nós volta.

– Joey – soluçou a minha mãe. – Desculpa...

– Não peças desculpa – respondeu-lhe o meu irmão, duro. – Protege os teus filhos e põe esse homem na rua.

– Joey, eu...

– Escolhe, mãe – disse o Joey, a olhar fixamente para a minha mãe.
– Ele ou nós?

Momentos com música

Shannon à medida que os seus sentimentos por Johnny se aprofundam:

The Chainsmokers – «Don't Let Me Down»

Johnny à medida que seus sentimentos por Shannon se aprofundam:

Dean Lewis – «Lose My Mind»

Shannon e Johnny, no balneário, em Dublin:

James Last – «Here Comes the Sun»w

No quarto do Johnny, quando a Shannon está a chorar:

Imaginary Future – «Here Comes the Sun»

Os sentimentos de Joey por Aoife:

Walking on Cars – «Flying High Falling Low»

Gibbie e Johnny, na maior parte das suas cenas:

Chester See and Ryan Higa – «Bromance»

A briga de Joey com o pai:

The Red Jumpsuit Apparatus – «Face Down»

Johnny a não resistir a estar com a Shannon:

Jamie Lawson – «Ahead of Myself»

Johnny quando percebe que está apaixonado pela Shannon:

The Killers – «Mr. Brightside»

Quando a Shannon vai ao quarto dele, pela primeira vez:

The Fray – «Look after You»

Johnny, após a cirurgia, com o pai:

X Ambassadors – «Unsteady»

Shannon na cena final:

Raïm – «Knocking on Heaven's Door»

Playlist para a Shannon

Adele – «River Lea»
Boy & Bear – «Fall at Your Feet»
Joshua Radin – «Here Comes the Sun»
Astroline – «Close My Eyes»
Adele – «One and Only»
Sia – «Breathe Me»
Raign – «Knocking on Heaven's Door»
Natalie Merchant – «My Skin»
Carly Rae Jepsen – «I Really Like You»
Nora Jones – «Come Away with Me»
The Fray – «You Found Me»
Imelda May – «Johnny Got a Boom Boom»
Jessica Simpson – «With You»
Robyn – «Dancing on My Own»
Natasha Bedingfield – «Wild Horses»
B.o.B. com Hayley Williams – «Airplanes»
Paramore – «The Only Exception»
Lady Gaga – «Paparazzi»
Pink – «Family Portrait»
Madonna – «Crazy for You»
The Corrs – «Runaway»
Miley Cyrus – «Malibu»
Hunter Hayes – «Invisible»
Camilla Cabello – «Consequences»
Taylor Swift – «Love Story»
Anne-Marie – «2002»
Celine Dion – «A New Day Has Come»
The Chainsmokers – «Don't Let Me Down»
Kate Nash – «Nicest Thing»

Haley Reinhart – «Can't Help Falling in Love»

Rachel Platten – «Stand by You»

Anne-Marie – «Alarm»

Paramore – «Still into You»

Katrina and the Waves – «Walking on Sunshine»

Anna Nalick – «Breathe (2 AM)»

Playlist para o Johnny

The Coronas – «Give Me a Minute»
Picture This – «95»
Lewis Capaldi – «Bruises»
Kid Rock – «First Kiss»
Picture This – «Jane»
Troye Sivan – «YOUTH (Acústico) »
John Mayer – «Daughters»
Eminem – «Superman (Remix) »
Gym Class Heroes – «Cupid's Chokehold»
Eagle-Eye Cherry – «Save Tonight»
Bend Sinister – «Shannon»
Gym Class Heroes – «Stereo Hearts»
MAX – «I'll Come Back for You»
Ed Sheeran – «Give Me Love»
You Me at Six – «Take on the World»
Chuck Berry – «Johnny B. Goode»
Ritchie Valens – «We Belong Together»
Reckless Kelly – «Wicked Twisted Road»
Nelly and Tim McGraw – «Over and Over Again»
Jamie Lawson – «Ahead of Myself»
Jason Derulo – «Trumpets»
Jamie Lawson – «A Little Mercy»
A1 – «Same Old Brand-New You»
Jamie Lawson – «Can't See Straight»
Making April – «Paparazzi»
Jamie Lawson – «Don't Let Me Let You Go»
Jamie Lawson – «In Our Own Worlds»
Jamie Lawson – «I'm Gonna Love You»
Westlife – «Bop Bop Baby»

David Gray – «This Year's Love»

New Hollow – «She Ain't You»

Nelly Furtado – «Try (cover de Douglas George) »

Imagine Dragons – «Thunder»

Scouting for Girls – «Heartbeat»

Picture This – «You & I»

Scouting for Girls – «Marry Me»

Placebo – «Every You Every Me»

Boyzone – «Love Me for a Reason»

The Script – «Nothing»

Every Avenue – «Only Place I Call Home»

Justin Timberlake – «Mirrors»

Blake Shelton – «Sangria»